Universidade de São Paulo

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

“A prática da mediação em processos
educacionais:
O caso do Projeto Educom.rádio”

- Claudia Vicenza Funari -

Dissertação apresentada junto à Escola de Comunicações e
Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial
para obtenção do título de mestre em Ciência da Comunicação,
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação, área
de concentração Comunicação e Educação.

Orientador Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares

São Paulo – fevereiro de 2007

Volume I

Banca Examinadora

Membros

Dedicatória

Aos meus queridos e amados filhos Daniel e Guilherme pela imensa alegria de viver e por toda inspiração.

Agradecimentos

Ao finalizar esta pesquisa acredito que o trabalho tenha sido construído de maneira compartilhada, com a colaboração de muitos, cada um ao seu jeito, ao seu modo.

Então, gostaria de agradecer algumas pessoas que foram, extremamente importantes, para a nossa pesquisa, como os profissionais que trabalharam ou trabalham no NCE por sua generosidade em compartilhar informações sobre o projeto, entre eles, Patrícia Horta, Isabel Leão, Eliany Salvatierra, Claudemir Viana, Renato Tavares, este último também colega de mestrado. Gostaria também de salientar a importância dos mediadores que atuaram no Educom.rádio, especialmente nas 6ª e 7ª fases. Seus relatórios puderam deixar suas impressões e marcar de maneira decisiva o projeto.

Um agradecimento aos mediadores que se dispuseram a dar as entrevistas: Mário Ramon Villalva Filho, Pedro Gardine Ferrarini, José Manoel Rodrigues, Juari Aparecido Soares de Carvalho, Maria Célia Rehder, Márcia Gomes da Silva, Micheli Damasco Silva, Sérgio José da Silva, Vanessa Calipo Leandro, Vanessa Teixeira Pipinnis, Elvis Vanderlei dos Santos, Cynthia Alário Rodrigues dos Santos, Marcelo Vicentin, Luciana Sampaio Ferreira, Fernanda Rienzi Nunes, Sylvia Sanchez, Edvan Pereira de Brito, Rafael Alário Rodrigues dos Santos, Silvania Maria Marcondes e Daniel Rossin Navio. E aos mediadores que prontamente responderam por e-mail nosso questionário Keila Kenya Pacheco Prado, Michel Stinik, Rose Mara Pinheiro, Renata Karpow, Carolina Maria Cotrim, Maria Fernanda de Arruda Araújo Gonçalves. Todos deram contribuições importantes, sendo que suas observações foram essenciais para o desenvolvimento e conclusão da pesquisa.

Ao meu irmão Pascoal Funari Júnior, também um pesquisador, e ao meu marido Daniel Chaves Sá Borges pelas críticas e pelo acompanhamento dedicado, meu muito obrigada.

Um agradecimento mais do que especial ao meu orientador, o professor Ismar de Oliveira Soares, pela confiança e pela condução suave e precisa. Foi um grande privilégio poder tê-lo como orientador.

Sumário

Dedicatória	3
Agradecimentos	3
Resumo	9
Abstract	10

Capítulo I

Introdução Metodológica	11
1. Introdução	12
1.1 - Sobre o espaço cultural onde os mediadores atuaram	12
1.2 - Sobre os mediadores e sua formação	14
1.3 - Objetivos da pesquisa	15
1.4 - Estruturação da Pesquisa	20
1.5 – Amostragem	22
1.6 - Descrição e Interpretação dos dados	27
1.7 - Justificativa da Pesquisa	27
1.8 Embasamento teórico	31

Capítulo II

O tempo em que vivemos	33
1. A educomunicação em sintonia com o mundo globalizado	34
2 - Um mundo – múltiplos descentramentos	35
3 - O fortalecimento das mídias	35
4 - A quebra de fronteiras entre o universo infantil e adulto	38
5 - A formalidade da escola e a informalidade dos meios	40
6 - Para falar da realidade	44

Capítulo III

Comunicação, Cultura e Mídia: A linguagem no processo de aprendizagem	45
1. Alterações em curso	46
2 - Aprendizagem em processo	46
3 - A linguagem como instrumento de aprendizagem	48

4 - A alfabetização pós-moderna.....	50
5 - A resignificação como causa e efeito da cultura midiática	51
6 - Esforços para a concretização de alterações nos processos educacionais	55
7 - Pensamentos consonantes	56
8 - Deixar Comunicar.....	58
9 - A Educomunicação abrindo caminhos e possibilidades	59

Capítulo IV

Educomunicação e a relação dos campos da educação e da comunicação	61
1. O campo da Educomunicação	62
2 - Aproximações dos campos	63
3 - Como capitalizar o conhecimento.....	64
4 - A vertente funcional-culturalista	66
5 - A vertente dialético-indutivo-popular de educação para a comunicação.....	66
6 - A Educomunicação como campo de intervenção	68
7 - A Educomunicação e sua aplicação	70
8 - Definição	72
9. A Educomunicação e a teoria das mediações	74

Capítulo V

O complexo mundo das mediações.....	76
1. Introdução	77
2. Evolução conceitual	77
3. A mediação cultural de Gramsci	79
4. Teoria das mediações por Barbero.....	80
5. Mediações de múltiplas origens	83
6. A mediação pedagógica	86
7. A mediação – entre a indústria cultural e a sociedade civil.....	89
8. O receptor ativo e o mediador influente.....	90
9. As interpretações dos processos comunicacionais.....	92
10. A legitimação do mediador.....	94

11. Um novo profissional	95
12. A influência da teoria das mediações para o Projeto Educom.rádio	96
13. O mediador ou educador	98

Capítulo VI

O perfil do mediador no Educom.rádio	99
1. O perfil do mediador ou educador	100
2. O “mediador” no Projeto Educom.rádio.....	102
3. O cotidiano dos mediadores.....	104
4. Formação dos mediadores	105
5. Autores mais citados.....	106
6. Fundamentos teóricos do Educom.rádio na perspectiva dos mediadores	107
7. O perfil do mediador do Educom.rádio	109
8. Grupos de mediadores.....	112
9. Uma proposta inovadora.....	113

Capítulo VII

A Educomunicação no imaginário dos mediadores do Educom.rádio	115
Os referenciais dos mediadores expressos nos relatórios	116
1 - A produção dos relatórios.....	116
2 - A busca de conceitos.....	117
3 - Resultados quantitativos.....	123
4 - A mediação.....	125
5 - Conceito de mediação sob o olhar dos mediadores	127
6 - Planejamento	129
7 - Participação, Diálogo e Produção – a prática do Educom.rádio.....	132
8 - Educomunicação	132
9 - O conceito de educação sob o olhar dos mediadores.....	134
10 - Protagonismo Juvenil.....	136
11 - Ecossistema comunicativo.....	137
12 - Dispersão, desinteresse e apatia	140

13 - Dos conceitos à prática cotidiana.....	140
---	-----

Capítulo VIII

A mediação no Educom.rádio – entraves e conquistas na gestão do conhecimento.....	142
1. Introdução	143
2. Identificando os grupos temáticos nos relatórios	145
2.1 Infra-estrutura operacional	146
2.2 A Recepção	151
2.3 - Dialogo	155
2.4 - Produção	160
2.5 - Temas emergentes	166
2.6 - Autocrítica.....	170
2.7 - Conclusões	175

Capítulo IX

Livre Pensar – a vida do Educom.rádio nas palavras dos mediadores.....	176
1. Gestão Participativa	177
2. Relacionamentos entre os mediadores.....	179
3. Sobre as palestras e os palestrantes	182
4. Dificuldades a serem vencidas	184
5. Resultados do Projeto pela visão dos mediadores	186
6. Conclusão	189

Capítulo X

Considerações finais	191
1. A educomunicação aplicada.....	192
2- Fundamentos educunicativos do Projeto Educom.rádio.....	197
3- A educomunicação sob o olhar do mediador	198
4. A mediação sob o olhar do mediador	200
5. A complexidade conceitual do Educom.rádio	202
5.1 - Planejamento.....	202
5.2 - Ecossistema comunicativo	204

5.3 - Protagonismo juvenil	205
6. Prática educomunicativa	206
7. Conclusões	208
Referências bibliográficas.....	213
Anexo I.....	218
1. Descrição do projeto Educom.Rádio	218
2. Estruturação do Educom.rádio	219
3. O papel dos atores no Projeto Educom.Rádio.....	220
3.1 O Articulador	220
3.2 O assistente	220
3.3 O Mediador	220
4.Trabalho desenvolvido nos Pólos.....	221
5. O Educom.rádio em fases	221
5.1 Primeira Fase.....	221
5.2 Segunda fase.....	222
5.3 Terceira fase	224
5.4 Quarta Fase	225
5.5 Quinta Fase.....	226
5.6 Sexta Fase.....	227
5.7 Sétima Fase.....	229
6. A escolha do Rádio.....	230
Anexo II	232
Relatório de mediação	232
Anexo III.....	236
Questionário I	236
Questionário II	237
Anexo IV.....	238
Questionário para entrevista presencial.....	238
Anexo V.....	240
Mediadores divididos por fases, pólos e números de relatórios produzidos.....	240
Anexo VI.....	255
Relação dos entrevistados, data de nascimento, formação e respectivas atuações.	255

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo traçar o perfil, entender a ação e os conceitos formados por agentes culturais que foram responsáveis pela relação direta entre o Projeto Educomunicação pelas Ondas do Rádio - Educom.rádio e os cursistas, representados por professores, estudantes e membros das comunidades educativas, das escolas de Ensino Fundamental da Prefeitura do município de São Paulo. A atuação desses agentes, denominados “mediadores”, ocorreu no período compreendido entre o início do segundo semestre de 2001 e o final do segundo semestre de 2004, totalizando três anos e meio. O objetivo da atuação dos “mediadores” era o de criar, em cada um dos Pólos, onde a proposta foi desenvolvida, as condições indispensáveis para o entendimento do conceito de educomunicação e para a sua aplicação no planejamento de ações educacionais, mediante o uso da linguagem radiofônica, entre outras mídias.

Palavras Chaves: mediador, educomunicação, mediação, planejamento e comunicação.

Abstract

This research aims to establish the profile, understand the action and the concepts formed by cultural agents that were responsible for the direct relationship between the Educommunication Project by Radio Waves - Educom.rádio and the course attendants, represented by teachers, students and members of the educational societies of the Elementary Schools of the City of São Paulo. The action of those agents, named “mediators”, occurred in the period between the second semester of 2001 and the end of the second semester of 2004, totalizing three and a half year-period. The purpose of the “mediators” actions was to create, in each of the poles where the proposal was developed, the necessary conditions for the understanding of the concept of educommunication and its impact at the planning of educommunicational actions, with the utilization of radiophonic language, among other medias.

Key words: mediator, educommunication, mediation, planning and communication.

Capítulo I

Introdução Metodológica

“Não há conhecimento ‘espelho’ do mundo objectivo. O conhecimento é sempre tradução e construção. Resulta daí que todas as observações e todas as concepções devem incluir o conhecimento do observador-conceitualizador.”¹

¹ MORIN, Edgard. *Dos Demônios, Atelier ao vivo do pensamento de Edgard Morin*. São Paulo, editora ISBN, 2002.

1. Introdução

O objeto da pesquisa se configura no trabalho desenvolvido por um grupo de agentes culturais, responsáveis pela relação direta entre o Projeto Educomunicação pelas Ondas do Rádio - Educom.Rádio e os cursistas, representados por professores, estudantes e membros das comunidades educativas, das escolas de Ensino Fundamental da Prefeitura do município de São Paulo. A atuação desses agentes, denominados “mediadores”, ocorreu no período compreendido entre o início do segundo semestre de 2001 e o final do segundo semestre de 2004, totalizando três anos e meio.

Segundo as diretrizes do Projeto Educom.Rádio, o objetivo da atuação dos “mediadores” era o de criar, em cada um dos Pólos, onde a proposta foi desenvolvida, as condições indispensáveis para o entendimento do conceito de educomunicação e para a sua aplicação no planejamento de ações educacionais, mediante o uso da linguagem radiofônica, entre outras mídias.

1.1 - Sobre o espaço cultural onde os mediadores atuaram

O projeto onde os mediadores atuaram² foi implantado pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo, com o concurso do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo³, atendendo a 455 escolas do Ensino

2 - Ver no Anexo I a descrição da estrutura do Projeto Educom.rádio.

3 - O Núcleo de Comunicação e Educação nasceu em 1996, na Universidade de São Paulo, reunindo professores de várias universidades brasileiras interessados na inter-relação entre os campos da Comunicação e Educação. A primeira grande pesquisa do Núcleo, coordenada pelo pesquisador Ismar de Oliveira Soares, abarcou 12 países da América Latina, Portugal e Espanha, com o objetivo de saber o que pensavam coordenadores de projetos na área e qual o perfil dos profissionais que trabalhavam nesta inter-relação. Em 2001, em decorrência dos resultados desta pesquisa, foi firmado um contrato entre a Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo e a FUSP – Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo para que o NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo oferecesse uma contribuição específica no sentido de que os objetivos do Projeto Vida, pertencente à mesma Secretaria, fossem alcançados, isto é, fosse desenvolvido, nas escolas públicas, de um ambiente favorável às manifestações da cultura de paz mediante o uso dos recursos da comunicação.

Fundamental, com o objetivo de capacitar professores, alunos e membros da comunidade, para a prática educ comunicativa em seus espaços.

Para tanto, foi formalizado um contrato entre a Prefeitura e a USP, de forma a possibilitar um diálogo permanente e operacional do NCE com a coordenação do Projeto Vida, organismo que tinha como responsabilidade implantar políticas públicas de combate à violência. Na ocasião da celebração do contrato, era Secretário de Educação do Município de São Paulo, o professor Fernando de Almeida, enquanto a professora Dirce Gomes coordenava o Projeto Vida. Do lado da USP, o Projeto permaneceu sob a responsabilidade do professor Dr. Ismar de Oliveira Soares. Respondia pela FUSP, organismo responsável pela administração da verba do projeto, o professor Dr. Antonio Marcos de Aguirra Massola.

O Projeto foi desenvolvido em sete fases⁴, de um semestre letivo cada. As escolas foram distribuídas pelas fases, sendo atendidas em Pólos⁵. Entendia-se por Pólo o espaço físico (geralmente uma das escolas inscritas na fase em curso) onde os cursistas, provenientes de determinado número de escolas de uma região, se reuniam⁶. De cada escola, poderiam participar 25 pessoas, sendo 12 professores, 10 alunos e 3 membros da comunidade escolar⁷.

Para arcar com o gigantismo do Projeto, cerca de 1.000 profissionais colaboraram com o Núcleo de Comunicação e Educação da USP, entre palestrantes, especialistas, articuladores, assistentes, equipe técnica e pedagógica, sendo que destes, como já informamos, 457 exerceram o papel de mediadores.

4 - Cada fase era dividida em três módulos de quatro encontros de oito horas cada, somando-se 12 encontros presenciais, num total de 96 horas de atendimento aos cursistas.

5 - A primeira fase contou com a participação de 26 escolas, distribuídas em cinco pólos.

6 - Na primeira fase (2o. semestre de 2001), foram criados, como foi informado na nota 4, um total de cinco pólos; entre a segunda e a quarta fases, funcionaram 13 pólos; Na quinta e na sexta fases, 17 e, finalmente, na sétima fase (2o. semestre de 2004), as escolas participantes do projeto reuniram-se em 10 pólos. A partir de 2003, os CEUs – Centros Educacionais Unificados passaram a ser usados, em boa parte dos casos, para abrigar as escolas de determinadas regiões, funcionando como Pólos.

7 - O número de participantes por escola variou muito no decorrer do projeto. Em média, de cada escola foram inscritos 18 pessoas.

1.2 - Sobre os mediadores e sua formação

A equipe do Projeto Educom, nos Pólos, era formada por um articulador, um assistente de articulação e uma equipe de mediadores cujo número de integrantes era proporcional ao número de escolas inscritas no Pólo. Além de serem atendidos por uma equipe fixa, os Pólos eram visitados pelo Supervisor Geral do Projeto, pela equipe de gestores, pelos formadores, bem como pelos palestrantes encarregados de ministrar os conteúdos previstos no organograma do projeto.

A figura dos mediadores, neste contexto, foi paradigmática para a prática de intervenção social implementada pelo Núcleo de Comunicação e Educação, através do Projeto Educom.Rádio. Em sua maioria, os mediadores eram estudantes universitários das áreas de comunicação, educação, psicologia, ciências sociais, bem como, de jovens profissionais dessas mesmas áreas, e de outras afins ou, ainda, agentes culturais vinculados às práticas educativas em rádios comunitárias, que passavam por um período de seleção e formação, para cumprirem as atividades de auto-aperfeiçoamento que os deveria habilitar para a assistência aos cursistas, ao longo de 12 encontros semestrais. Os mediadores contavam com a orientação direta de um “articulador”, este, por sua vez, um profissional com formação mais sólida e experiência comprovada na condução de processos educacionais.

É importante ressaltar que cada um dos mediadores recebeu uma formação teórico-prática de 60 horas, na USP, ministrada pelo Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares e equipe de gestores, coordenadores e formadores, sendo, em média, 24 horas aos sábados e outras 36 horas distribuídas em 12 encontros semanais de três horas direcionadas à avaliação e ao planejamento. As 96 horas de atendimento aos cursistas constituíam-se na parte prática da formação recebida na USP. Neste sentido, cada um dos mediadores teve condição de receber uma preparação que lhe permitiu um mergulho em profundidade nas teorias e práticas educacionais idealizadas pelo NCE/USP.

O objetivo da presente dissertação é justamente saber como os mediadores conseguiram vivenciar esta prática de intervenção e como

eles próprios avaliaram sua participação no programa. Em outras palavras, esta pesquisa tem por finalidade mostrar mais claramente os aspectos constituintes do fenômeno da mediação educacional, analisando como ela se deu, como as dificuldades foram enfrentadas e quais os resultados alcançados.

É importante lembrar que, ao final de cada um dos 1008 encontros desenvolvidos ao longo do projeto, os mediadores produziam um relatório com as suas impressões sobre o andamento das atividades, tendo como objetivo descrever e avaliar os procedimentos desenvolvidos. Tais relatórios – especificamente os das fases seis e sete do projeto – se constituíram em nosso principal instrumento de pesquisa para traçar o perfil deste agente cultural e descrever a rotina de sua atuação.

1.3 - Objetivos da pesquisa

Nossa pesquisa tem como objetivo estudar as relações e os processos comunicacionais desenvolvidos com a participação dos mediadores do projeto Educom.Rádio, nos espaços de capacitação do Projeto. Para tanto, traçaremos o perfil deste profissional, bem como, identificaremos os conceitos que o mediador do Educom construiu sobre a educação, colhendo e analisando sua opinião sobre o desenvolvimento do próprio Projeto.

Antes de iniciar o roteiro metodológico do plano de pesquisa, acreditamos que seja relevante enfatizar – como afirma Maria Immacolata Vassallo Lopes – que o campo da comunicação sofre com a crise de paradigmas e de teorias e enfrenta limitações na produção científica de sua disciplina. Para o enfrentamento desses problemas é imperioso, para o pesquisador da comunicação, o estudo crítico e apurado da metodologia usada na produção de conhecimento nesse campo, assim como o rigor metodológico que deve ser perseguido em todas as fases da pesquisa.

As questões de natureza metodológica são indispensáveis para a consolidação do campo científico (seja do campo da educação, da comunicação ou, mesmo, da educação), pois traduzem a reflexão da ciência sobre si mesma, facilitando seus procedimentos e dando legitimidade a seus resultados. Nas palavras de Lopes:

Entendida amplamente como teorização de produção de conhecimento e como “investigação da investigação”, a Metodologia, em uma ciência, constitui o espaço por excelência da reflexão de um campo de conhecimento sobre si mesmo, enquanto prática teórica.⁸

Ao iniciar uma pesquisa de comunicação, é preciso ter claro quais métodos serão usados, por onde o pesquisador pretende começar, desenvolver e concluir o seu trabalho e fundamentar o porque desta ou daquela opção. Mesmo que todo esse conteúdo não esteja explícito em sua pesquisa final, ele deverá estar implícito em todo o caminho percorrido pelo pesquisador, ou seja, é preciso ter certo domínio do estudo dos métodos no campo da comunicação para saber quais métodos aplicar em determinadas pesquisas.

Dessa maneira, o pesquisador deve cultivar um sentido crítico e de vigilância sobre as questões metodológicas, o que não significa barrar sua criatividade ou sua possibilidade de invenção ou mesmo de ruptura metódica.

Pierre Bourdieu faz uma crítica aos especialistas em metodologia que tentam reduzir a reflexão sobre o método a uma lógica formal das ciências.

...Inteiramente empenhados na busca de uma lógica ideal da pesquisa, os metodólogos só podem, com efeito, dirigir-se a um pesquisador definido abstratamente pela aptidão em realizar essas normas da perfeição, em suma, a um pesquisador impecável, isto é, impossível ou infecundo. A obediência incondicional a um organon de regras lógicas tende a produzir um efeito de ‘fechamento prematuro’ fazendo desaparecer, para falar como Freud, ‘a elasticidade nas definições’ ou, como diz Carl Hempel, ‘a disponibilidade semântica dos conceitos’ que, pelo menos em certas fases da história de uma ciência ou do desenrolar de uma pesquisa, constituem uma das condições da invenção.

Não se trata de negar que a formalização lógica considerada como um meio de colocar à prova a lógica em ato da pesquisa e a coerência de seus resultados constitui um dos instrumentos mais eficazes do controle epistemológico; no entanto, essa utilização legítima dos instrumentos lógicos serve, freqüentemente, de caução à paixão perversa por exercícios

8 LOPES, Maria Immacolata V. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo, Loyola, 2ª ed, 2001, p.89.

metodológicos que têm como única finalidade discernível permitir a exibição do arsenal dos meios disponíveis. Diante de certas pesquisas concebidas como prova lógica e metodológica, não é possível deixar de pensar, com Abraham Kaplan, na conduta do ébrio que, tendo perdido a chave de casa, procura-a obstinadamente ao pé de um lampião, sob o pretexto que aí está mais claro.⁹

A vigilância epistemológica deve estar presente em todos os níveis e fases da pesquisa, mas não como uma camisa de força, e sim como uma ação crítica que deve embasar as escolhas feitas pelo pesquisador no decorrer de sua investigação em todos os níveis da pesquisa. Além dos aspectos metodológicos, a vigilância epistemológica abrange os aspectos teóricos, metódicos e técnicos, como a conceituação, teorização, técnicas de amostragem, análises estatísticas e outros. Nesse contexto, em que o pesquisador deverá ter um posicionamento crítico, espera-se uma vigilância epistemológica estimulante, que, como afirma Bourdieu, favoreceria a ruptura com todas as tradições e, por consequência, a própria ruptura epistemológica.

O primeiro passo para a construção da pesquisa dentro do campo das ciências sociais e humanas, do qual o campo da comunicação ajuda a formar, é “a ruptura epistemológica entre o objeto científico e o objeto real ou concreto”¹⁰, isto é, a ruptura com o senso comum, com o que se diz sobre o que se toma como objeto.

Esta ruptura, que tem lugar privilegiado na fase de definição do objeto de estudo, deve ser realimentada em momentos decisivos do trabalho. Na presente pesquisa, a escolha dos procedimentos metodológicos procurou orientar-se por essa necessidade de vigilância, principalmente, para a não condução a resultados que se supunham existentes. Considerando que uma série de fatores poderiam contribuir para dificultar ou facilitar a tarefa, como minha condição de jornalista e minha não participação direta no Projeto Educom.rádio. Escolhemos um conjunto de operações metodológicas que apontassem para a identificação do perfil ou de perfis dos mediadores ou

9 BOURDIEU, Pierre et. al. *A profissão de sociólogo*, Petrópolis, Vozes, 1999, p.21.

10 LOPES, Maria Immacolata V. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo, Loyola, 2ª ed, 2001, p.105.

educadores, assim como, suas visões referentes aos conceitos educativos, entre eles, especialmente, a mediação e a educação.

Neste ponto recorremos a Weber, defensor da premissa que uma ciência social não poderia explicar a realidade a partir de regularidades empíricas, como nas ciências naturais, mas sim, compreender o significado das ações dos seres humanos, quando referidas a outros seres humanos, portanto, uma ciência compreensiva, relacionada à tentativa de interpretar o simbólico, contido na ação humana. Weber elabora um esquema conceitual, os tipos ideais, para dar conta da necessidade de ligar a realidade concreta dos fenômenos às abstrações teóricas pelas quais são apreendidos.¹¹

O tipo ideal deriva de um processo de conceituação abstrata. É a construção de um modelo que, pelo confronto, permite pensar a realidade. A partir desse processo é que o pesquisador pode adquirir o conhecimento científico sobre o objeto. Subjacente à noção de tipo ideal estão as percepções weberianas de que não é possível resumir o estudo da realidade a leis causais, de que a possibilidade de investigação social é limitada, pois “nem sequer se pode pensar a mera descrição exaustiva do mais ínfimo fragmento da realidade”¹² e de que “unicamente um segmento da realidade individual possui interesse e significado para nós, posto que só ele se encontra em relação com as idéias de valor culturais com que abordamos a realidade”.¹³ Para Weber:

...mediante a **acentuação** unilateral de **um ou vários** pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos **isoladamente** dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltando por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar com quadro homogêneo **de pensamento**.¹⁴

11 LAGO, Claudia. Tese de doutorado - O Romantismo Morreu? Viva o romantismo! Ethos romântico no jornalismo. São Paulo, ECA/USP, 2003.

12 WEBER, A “*objetividade*” do conhecimento nas ciências sociais, In: COHN, Gabriel (org.) Max Weber, São Paulo, Ática, 1979 p.94.

13 Id., Ibid. p.84.

14 Id., Ibid. p. 106.

Assim, ao referir-se ao termo capitalismo, Estado ou burocracia o autor tem em mente uma construção tipológica dos fenômenos – que acentua aspectos particulares, utópicos no sentido de ideais, mas não moralmente superiores, que ele considera adequados. É também uma construção do pesquisador que orienta a formulação de hipóteses. Enquanto tal, não pode ser falso ou verdadeiro, mas adequado ou não para a pesquisa. E pode ser reformulado, ampliado, abandonado, durante o decorrer do trabalho. Diz Weber:

...nunca se poderá decidir a priori se se trata de mero jogo mental, ou de uma construção conceitual fecunda para a ciência. Também aqui apenas existe um critério, o da eficácia, para o conhecimento de fenômenos culturais concretos, tanto nas suas conexões como no seu condicionamento causal e na sua **significação**. Portanto, a construção de tipos ideais abstratos não interessa como fim, mas única e exclusivamente como **meio** do conhecimento.¹⁵

Como conceito abstrato, o tipo ideal permite comparar a realidade, por meio de contraste conceitual, comparando os fatos por aproximação ao tipo ideal construído, ou permitindo a formulação de hipóteses explicativas. Assim:

Trata-se de um quadro de pensamento, e **não** da realidade histórica, e muito menos da realidade ‘autêntica’ (...) Tem antes o significado de um conceito limite puramente ideal, em relação ao qual se **mede** a realidade a fim de esclarecer o conteúdo empírico de alguns de seus elementos importantes, e com o qual esta é **comparada**. Tais conceitos são configurações nas quais construímos relações, pela utilização da categoria de possibilidade objetiva, que a nossa **imaginação**, formada e orientada segundo a realidade, **julga** adequadas.¹⁶

O recurso ao tipo ideal origina-se na necessidade de utilizar conceitos claros em ciências sociais, por sua vez, uma regra imposta pela própria natureza dos objetos sociais, ou nas palavras de Weber “Ora, é apenas mediante uma construção rigorosa dos conceitos, ou seja, graças ao tipo ideal,

15 Id., Ibid. p.197.

16 Id., Ibid. p.109.

que se torna possível expor de forma unívoca o que se entende e pode entender pelo conceito teórico ...”¹⁷

Um exemplo ímpar de sua forma de construção dos conceitos e apreensão do objeto é o trabalho mais conhecido de Max Weber “A ética protestante e o espírito do capitalismo”¹⁸, ensaio em que procura entender o que faz com que a Europa seja a matriz de um novo sistema civilizatório, o capitalismo¹⁹. No texto, após colocar o problema da pesquisa, definindo sua noção ideal de capitalismo, Weber passa a comentar o que entende por “espírito do capitalismo”, avaliando que a tentativa de definição deva ser uma descrição provisória. A partir daí, busca em textos, que também são tomados como exemplares típico-ideais, isolar os elementos que acredita identifiquem esse espírito. Os elementos dessa identificação são constantemente referidos às condições históricas de sua produção.

Durante as leituras dos relatórios, as entrevistas com os mediadores e as análises dos resultados, procuro identificar os conceitos de mediação e de educomunicação concebidos pelos mediadores, depois de descrever estes mesmos conceitos, segundo a concepção do Projeto e de seu Supervisor Geral, o professor Ismar de Oliveira Soares, assim como, relacionar afirmações e elencar características, que nos possibilitem delinear o perfil do mediador ou educador que participou do projeto Educom.rádio, no sentido de identificar pontos comuns na visão de mundo deste profissional.

1.4 - Estruturação da Pesquisa

A pesquisa está compreendida em duas partes.

17 WEBER, Max. *Sobre a teoria das ciências sociais*, Lisboa, Presença, 1974, p.111.

18 Id., *Ibid.* p.111.

19 Apesar de fugir do tema do nosso trabalho, não posso deixar de apontar para algumas incorreções básicas que tendem a analisar o ensaio de Weber como uma antítese sumária à tese marxista da supremacia da infra-estrutura sobre a superestrutura. Nem Marx propunha uma relação tão primária, nem Weber propôs-se afirmar que o capitalismo surgiu em função da ética protestante. Sobre este assunto, além dos prefácios de Maurício Tragtenberg (Tragtemberg, 1980) e Gabriel Cohn (Cohn, 1974), recomendo a leitura de Giddens (1998:73-101) in LAGO, Claudia. Tese de doutorado - O Romantismo Morreu? Viva o romantismo! Ethos romântico no jornalismo. São Paulo, ECA/USP, 2003.

a) A primeira parte busca identificar a natureza do trabalho do mediador, termo que designava o profissional que atendia diretamente os grupos de estudantes (crianças e adolescentes) nos Pólos, onde o Projeto Educom.Rádio era administrado. O termo “mediador” foi auto-atribuído pelos anteriormente denominados de “monitores”, revelando a compreensão que tinham de seu próprio trabalho na construção de ecossistemas comunicativos em espaços educativos.

b) A segunda parte busca compreender a representação do conceito de mediação e de educomunicação no imaginário dos mediadores.

Na verdade, o Projeto Educom.Rádio tinha no conceito em estudo um de seus pilares, levando em conta que a “mediação” era função atribuída não apenas aos “capacitadores” que atuavam na ponta do Projeto, mas, também, aos demais membros das equipes (supervisor, gestores, articuladores e seus assistentes, ou mesmo, palestrantes que circulavam nos Pólos, nos dias de formação), ainda que em graus diferentes. No caso de nossa pesquisa, contudo, sempre que falarmos em “mediadores”, estaremos nos referindo à figura do último elo da cadeia que unia o Projeto a seu destinatário.

Em resumo, na primeira parte, buscaremos identificar a natureza do trabalho do mediador, perseguindo as seguintes metas:

- * Identificar e analisar o referencial teórico que dá suporte ao conceito de mediação e de sua prática pelos mediadores no projeto Educom.Rádio.
- * Identificar o perfil dos mediadores, sua proveniência e formação, no sentido de termos um painel geral sobre quem é essa pessoa.
- * Descrever o trabalho dos mediadores no projeto Educom.rádio, assim como, seu papel na aplicação do projeto.

* Levantar os obstáculos enfrentados e as vitórias conquistadas na prática cotidiana das capacitações

A segunda parte busca – como afirmamos no início deste sub-tema - compreender a representação do conceito de mediação e de educomunicação no imaginário dos mediadores. Para tanto, pretendemos fazer um diagnóstico traçando as linhas gerais do Projeto, apreendidas pelas entrevistas e pela análise dos relatórios. Seguindo as palavras de Thiollent, é indispensável a identificação dos atores dentro da organização para conhecer suas capacidades de ação no decorrer do processo de pesquisa. Para o autor, “os atores não são pessoas consideradas de modo individual. São grupos relativamente homogêneos que dispõem de uma capacidade de expressão e de ação no seio da organização”.²⁰

1.5 – Amostragem

Nosso universo de investigação é formado pela observação e coleta direta e indireta de informações sobre o trabalho e os referenciais teórico-metodológicos seguidos pelos mediadores.

Para aferir os dados, lançamos mão de uma pesquisa não probabilística e de outra probabilística.

a) Amostragem não probabilística

A coleta não probabilística direta tem como objeto fornecer o contexto político e acadêmico do projeto, sendo constituída por entrevistas com pessoas que desempenharam papéis importantes no Projeto associadas às entrevistas com uma amostragem representada por 20 mediadores. Outra fonte direta de informações é representada pelos questionários enviados por e-mail à totalidade de mediadores. São usadas as respostas devolvidas, independentemente do número de respostas alcançadas.

Já a coleta não probabilística indireta, com o objetivo de lançar na dissertação os fundamentos teórico-metodológicos do projeto, é feita

20 THIOLENT, Michel. *Pesquisa-ação nas organizações*. São Paulo, Atlas, 1997, p.99.

pela análise de materiais que fizeram parte do Projeto Educom. Rádio, como os Boletins Informativos, as notícias publicadas no site do projeto, as Agendas que serviam de orientação para os mediadores, o Caderno de Educomunicação, composto por textos sobre educomunicação, cultura, mídia, comunicação e educação, produzidos pelo Núcleo de Comunicação e Educação.

b) Amostragem probabilística

A investigação engloba a totalidade de relatórios²¹ produzidos durante as 6ª e 7ª fases do projeto, tanto pelos mediadores quanto pelos articuladores e assistentes de articulação, somando um total de 2.608 documentos, sendo 1.683 relatórios correspondentes à 6ª fase e 925 relatórios relacionadas à 7ª fase. Tais relatórios fazem parte do acervo de documentação do Núcleo de Comunicação e Educação da USP²².

A 6ª e a 7ª fases foram escolhidas por três razões básicas:

1ª. Estas duas fases, implementadas ao longo de 2004, reuniram 200 escolas, representando o período de maior amadurecimento do projeto, levando em conta a experiência acumulada não somente no tratamento com os professores/alunos/comunidade, mas com o próprio poder público, que, no período, caminhava para o final do mandato. Foram os períodos em que o NCE obrigou-se a desdobrar a abrangência de seu trabalho para atender, simultaneamente, no primeiro semestre, a 17 Pólos e, no segundo, a 10 pólos, com todas as implicações que as circunstâncias impunham.

2ª. A 6ª. e a 7ª fases contaram com mediadores mais experientes, levando em conta que muitos deles haviam trabalhando nas fases anteriores, acumulando experiência.

21 - O relatório foi uma peça fundamental na construção teórico-administrativa do projeto. Sua elaboração e entrega em datas rigorosamente observadas era requerida tanto pelos responsáveis pela orientação pedagógica, quanto pelos administradores do processo. No caso destes últimos, o pagamento do pró-labore dos membros das equipes permanecia vinculado à entrega deste instrumento.

22 A pesquisa foi autorizada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP, sendo que os relatórios foram disponibilizados em arquivo digital, organizados por Fases e Pólos.

3^a. Os relatórios produzidos nestas duas fases foram entregues em arquivos digitalizados, fato que inegavelmente facilita seu tratamento pela pesquisadora.

Para efeito de organização do trabalho de pesquisa, dividimos a tarefa em duas etapas.

Etapas I: Análise de materiais e busca de informações

1) Análise da totalidade dos relatórios produzidos pelos mediadores, articuladores e assistentes de articulação, após as capacitações dadas para os professores, alunos e membros da comunidade, referentes às fases 6^a e 7^a, no sentido de identificarmos o aparecimento de conceitos chaves, numa abordagem quantitativa. Identificamos na totalidade dos relatórios entregues conceitos que deveriam ser trabalhados durante a capacitação – como – participação, protagonismo, diálogo, comunicação e o aparecimento de conceitos antagônicos como – apatia, desinteresse e dispersão.

Como os relatórios das fases 6^a e 7^a estão digitalizados em sua totalidade, o procedimento será facilitado para um trabalho de efeito quantitativo. Os conceitos serão previamente eleitos – para que o próximo passo seja a identificação do aparecimento destes conceitos nos relatórios.

2) Análise qualitativa de 10% dos relatórios²³ produzidos exclusivamente pelos mediadores nas 6^a e 7^a fases, com o objetivo de apontarmos uma tendência na percepção do que o mediador julgava importante. A amostra será, na medida do possível, dividida entre o número de relatórios produzidos pela totalidade dos mediadores, nos Pólos e nas Fases.

3) Análise dos materiais produzidos para a capacitação e apoio dos mediadores, durante a implantação do Projeto Educom.Rádio, como

23 Anexo II – Relatório produzido por um dos mediadores do Educom.rádio na 6^a Fase.

os manuais de orientação, Boletim Informativo do NCE²⁴, Agendas²⁵ e o site do Educom.Rádio²⁶.

4) Levantamento do número de mediadores que participaram das 6^a e 7^a fases e sua constância durante as fases.

5) Trabalho dos dados quantitativos com base na idade e formação do mediador.

Etapa II: Entrevistas divididas em três grupos

1) Entrevistas com profissionais que participaram da implantação do Projeto em diferentes instâncias, para podermos descrevê-lo, principalmente, no tocante ao papel do mediador, suas atribuições, responsabilidades e desafios. Para estas entrevistas não usamos questionário fechado, fizemos perguntas abertas, de acordo com a função exercida pelo entrevistado. Estas entrevistas nos são válidas para compormos o diagnóstico do Projeto. A contar:

- O professor Dr. Ismar de Oliveira Soares, supervisor geral do Educom.rádio.

-A socióloga Patrícia Horta, coordenadora geral, tendo acompanhado detalhadamente o gerenciamento do Projeto no decorrer das Fases.

- O professor Claudemir Viana, que compunha o conselho gestor e mais especificamente um dos responsáveis pela elaboração dos materiais de apoio, como a Agenda do Educomunicador, material que propunha uma orientação detalhada para cada encontro nos Pólos, e elaborado Fase a Fase.

24 Boletim Informativo do NCE – Núcleo de Comunicação e Educação que tinha como título O Educomunicador. O boletim acompanhou o desenvolvimento do Educom.rádio, trazendo as principais acontecimentos durante as fases.

25 Agenda do Educom.Rádio, este material era entregue para os integrantes do projeto, e continham o calendário da fase, com os encontros agendados, além de atividades apontadas e textos de apoio ou informativos.

26 www.usp.br/educomradio

- O profissional de Rádio TV, Renato Tavares, mediador e responsável pela parte técnica, e formatação dos programas de rádio, feitos durante o Educom.rádio.
- A jornalista Isabel Leão, participou do Educom.rádio desde a 2ª Fase, como assistente de coordenação, sendo na 3ª Fase articuladora. A partir da 4ª Fase foi a responsável pela coordenação da comunicação do Projeto, elaborou o site com conteúdos, parte gráfica, inserção de fotos, imagens, além de dar a manutenção em todos os sentidos, inclusive técnicos. Também fez o boletim impresso o Educomunicador, sendo que até a presente data coordena o boletim on-line O Educomunicador.
- A arte-educadora Eliany Salvatierra, responsável pela capacitação dos mediadores durante as primeiras fases, participou do Projeto Educom também como articuladora, tendo saído do Projeto, para coordenar o Educom.TV, desenvolvido pelo Núcleo de Comunicação e Educação, junto a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.

2) Entrevista individual e presencialmente com os mediadores do Educom.Rádio. Fizemos 20 entrevistas presenciais com os mediadores das fases 6ª e 7ª. Estas entrevistas seguiram um questionário, que contou com 5 perguntas fechadas e 19 abertas, com algumas variações no decorrer das entrevistas.²⁷

3) Enviamos um questionário²⁸, mais reduzido, para a totalidade dos mediadores que participaram do Projeto, via correio eletrônico. Prevíamos que este instrumento nos trouxesse dados que poderiam apoiar nossa pesquisa quantitativamente, dependendo do número de questionários respondidos. Para incentivarmos o mediador a responder o questionário, sem perder muito seu tempo, fizemos apenas 5 perguntas fechadas que poderiam ser

27 Anexo IV – Questionário para entrevista presencial.

28 Anexo III – Questionários para entrevista via e-mail.

rapidamente respondidas e duas abertas. Enviamos também um questionário maior com 5 perguntas fechadas e 10 abertas.

1.6 - Descrição e Interpretação dos dados

A descrição é desenvolvida pela operação de análise descritiva e em dois passos, como orienta Lopes²⁹, o primeiro constituído por procedimentos técnicos de organização, crítica e classificação dos dados coletados e o segundo abrangendo procedimentos propriamente analíticos que visam à construção dos “objetos empíricos” e a reprodução do fenômeno nas condições de sua produção.

Os dados são interpretados de acordo com nosso Quadro Teórico de Referência. Paralelo a este processo, perseguimos as regras de objetividade, sistematização, eliminação de preconceitos e quantificação expostas por Kientz.³⁰

1.7 - Justificativa da Pesquisa

Minha aproximação ao campo da comunicação/educação aconteceu primeiro na prática, para que depois pudesse fazer um aprofundamento teórico. Sou jornalista, professora de Educação Física, e durante 8 anos, trabalhei como Assessora de Comunicação na Prefeitura de Taboão da Serra, desenvolvendo um trabalho específico na Secretaria de Educação e Cultura desta Prefeitura, onde pude assessorar uma equipe técnica e o grupo decisório da Secretaria, sobre os processos comunicacionais em pauta nas escolas, entre escolas e comunidades, entre escolas e Secretaria. Tive a oportunidade de poder acompanhar de perto os processos de municipalização e conseqüentemente expansão da rede municipal e todas as alterações decorrentes destes fatos. Durante este trabalho, encontrei uma série de problemas de origem comunicacional, o que me levou a um questionamento sobre a nossa prática diária relacionada à comunicação e à educação.

29 LOPES, Maria Immacolata V. *Pesquisa em Comunicação*, São Paulo, Loyola, 2001. p.149

30 KIENTZ, Albert. *Comunicação de Massa, Rio de Janeiro*, Eldorado, 1973. p. 155 a 160.

O curso oferecido pela Escola de Comunicação e Artes-USP de especialização em Gestão de Processos Comunicacionais, iniciado por mim, em 2003, abriu novas perspectivas teóricas, que acabaram apontando alguns caminhos para o meu trabalho. Durante o curso, levando em conta a minha experiência e a questionamentos de ordem pessoal para a área em questão, optei por fazer um trabalho de intervenção voltado para a Secretaria de Educação e Cultura, baseados em conceitos educomunicativos, o que acabou me aproximando decididamente ao campo da educomunicação.

Meu projeto de intervenção, sob o título “Um olhar educomunicativo sobre a comunicação interna da Secretaria de Educação e Cultura – Prefeitura de Taboão da Serra” foi aprovado com distinção e louvor, o que me incentivou a continuar meus estudos na área.

Ainda durante o curso de Gestão pude desenvolver um jornal, o Educataboão, sob bases educomunicativas. O projeto foi criado com o propósito de integrar as pessoas que compunham a rede municipal de educação e circulou em todas as escolas para todos os alunos da rede, durante um ano e meio, com a participação efetiva de professores e alunos.

Iniciei, também, um trabalho para a implantação de um projeto Educomunicativo na Secretaria de Educação e Cultura de Taboão da Serra, o que infelizmente não se concretizou, devido às alterações políticas e a proximidade das eleições, no ano de 2004.

Até o curso de Gestão o conceito de educomunicação era desconhecido para mim. Como quem se depara com uma boa novidade, fiquei persuadida a trabalhar com o tema. Outro ponto que preciso destacar, e que mudou decididamente minha aproximação com o campo da educação e da comunicação, foi o nascimento do meu filho Daniel, hoje com 6 anos, e do Guilherme, que completou 3 anos. Acredito que os conceitos educomunicativos podem ser implantados com muito resultado na educação, não só nos espaços formais, mas também nos espaços informais e nos lares. Espero poder trabalhar, ainda, detidamente com este tema em um próximo trabalho.

Meu interesse pela educomunicação e, conseqüentemente, pela mediação me levou a integrar o grupo de pesquisa do Núcleo de

Comunicação e Educação da USP, onde há um grande trabalho em andamento: A pesquisa sobre o Projeto Educom.Rádio – projeto implantado pelo Núcleo de Comunicação e Educação junto à rede de educação pública da Prefeitura de São Paulo, no período de 2001 a 2004, que questiona antigas posturas pedagógicas e propõe uma abordagem diferenciada.

O mundo se alterou profundamente nas últimas décadas e os sistemas educacionais continuam bem próximo às realidades do início do século passado. Se os sistemas educacionais inovaram com a introdução das tecnologias da comunicação e da informação nas unidades escolares, as abordagens para o uso e manuseio das tecnologias continuam as mesmas. Enquanto o sistema didático-pedagógico brasileiro prima pela formalidade, individualidade, subserviência à hierarquia dos conteúdos e obediência a estrutura de poder, o mercado de trabalho solicita invariavelmente para o preenchimento de suas vagas, capacidades como criatividade, inovação, competência para trabalhar em grupo e liderança.

O sistema de ensino vem de uma forte herança funcionalista, com uma bagagem de conteúdos rígidos e uma formação específica para a sua aplicação. Os professores têm uma formação voltada para os conteúdos e não para a sua aplicação.

A Educomunicação questiona a separação da comunicação e da educação, tão bem definida pelo paradigma moderno, porém, nos estudos interdisciplinares que envolvem as teorias de comunicação e as filosofias de educação encontramos suporte teórico para pensar além das divisões conceituais, o que vem ocorrendo na prática.

A educação e a comunicação formam um todo homogêneo na prática de projetos culturais que não seguem a educação tradicional, preocupada apenas em transmitir conhecimentos ou informações, nem a comunicação pensada pelos funcionalistas, que tem como objetivo transmitir informações e persuadir.

Neste tipo de projeto, emissores e receptores não seriam apenas produtores de conteúdo para as suas audiências e sim pólos do processo

comunicacional. Os receptores não seriam apenas receptores ativos, mas também produtores de conteúdos.

Está aberto o campo propício para a prática da mediação, exercida por mediadores ou educadores, atores que fazem parte dos processos comunicativos e educativos e que têm por objetivo desenvolver um papel ativo, incentivador, que valorize o diálogo, as práticas solidárias e democráticas, a produção de conteúdos e a expressão representada pela pluralidade de linguagens.

Este profissional rompe com as barreiras de formação clássica, exigidas pela formalidade educacional e com chavões que delineiam o trabalho de um comunicador, nos moldes propostos pela indústria cultural. Sem barreiras disciplinares, ao contrário, contando com a interdisciplinaridade como garantia para o exercício de práticas democráticas, desenha-se a possibilidade da intervenção de um novo tipo de profissional, que no caso do Projeto Educom.Rádio, esteve reunido com os grupos de cursistas envolvidos numa experiência efetivamente inovadora.

A introdução deste novo profissional e a prática desenvolvida por ele no Educom, não aconteceram de maneira tranqüila, sem questionamentos tanto por parte dos cursistas quanto por parte dos próprios educadores, cuja prática era permanentemente avaliada à luz dos fundamentos do Projeto, exigindo dele uma ação sintonizada com a do articulador de seu respectivo Pólo bem como com a da coordenação pedagógica do projeto, seguindo um roteiro previamente definido, ainda que passível de adaptações, dependendo de condições circunstanciais.

O trabalho destes mediadores ou educadores é composto por uma riqueza teórica e uma grande novidade prática, trazida do bojo do Projeto Educom.rádio, que foi implantado na maior cidade da América Latina. Os registros diários desta prática estão nos relatórios feitos pelos mediadores, que se tornaram o principal instrumento da nossa pesquisa.

Acredito que esta dissertação sobre Projeto Educom.Rádio possa colaborar com uma grande pesquisa em andamento, que está sendo feita por outros pesquisadores do Núcleo de Comunicação e Educação. Com um olhar

privilegiado de expectadora de certa forma isenta, uma vez que não participei do Projeto e, principalmente, com a curiosidade própria de quem se debruça sobre uma riqueza fértil de dados e documentos totalmente inéditos, coloco-me a missão de entender a prática e os conceitos do Educom pelos olhos, mente e coração dos mediadores, buscando delinear perfis e mapear a formação dos conceitos que os motivaram e motivam. Tenho a certeza de estar diante de uma visão particular de mundo, elaborada por quem acredita na possibilidade de mudanças, construídas pela participação individual em um grande projeto coletivo, viável pela educomunicação.

1.8 Embasamento teórico

Nos capítulos que se seguem, nossa sustentação teórica estará amparada por autores que desenvolveram suas teorias na intersecção de dois campos: o da educação e o da comunicação.

A educomunicação se consolida e se destaca como um conceito do mundo atual, portanto, é essencial tatearmos este vasto universo em questões que nos aparentam de fundamental importância, principalmente, no que tange a influência das tecnologias e do mundo mediado e influenciado pela mídia. Para isto recorreremos a autores como Martin-Barbero, Adilson Citelli, Guillermo Orozco, Javier Madrid, que desenvolvem suas teorias com o enfoque latinoamericano. Passamos também pelo inglês David Buckingham, que pesquisa à respeito do impacto das mídias no desenvolvimento infantil e na sociedade.

No Capítulo III, falaremos sobre a comunicação, cultura e mídia e sobre a importância da linguagem no processo de aprendizagem. Para tanto, abordaremos as teorias de Vygotsky, nos remeteremos a Kellner que aborda questões da cultura midiática, para passarmos por Rodriguez Illera, Jorge Huergo, José Gimeno Sacristan que discorrem sobre aspectos do aprendizado na educação formal e as possibilidades de alteração.

No capítulo IV discorreremos mais especificamente sobre a educomunicação, como conceito teórico, que se configurou na prática vivenciada durante a aplicação do projeto Educom.rádio. O conceito, criado pelo

professor Ismar de Oliveira Soares, é essencial para precisarmos sobre quais bases o Educom.rádio foi idealizado, assim como o papel dos mediadores.

No Capítulo V, a mediação como conceito fundante da educomunicação ganhará nossa especial atenção. Trabalharemos os diversos conceitos de mediação, inclusive a vista por Barbero e por Orozco, que discorre sobre a mediação televisiva. Interessa-nos os tipos de mediação, macros e micros, para chegarmos ao conceito de mediação praticada pelo mediador em processos educacionais, uma vez que temos como objetivo caracterizar a mediação e o papel dos mediadores em processos educacionais, desenvolvidos em espaços de educação formal, onde a questão do ensino-aprendizagem é um dos principais objetivos.

Finalmente, discorreremos sobre o papel do mediador ou educador, seu perfil, descritos por Ismar de Oliveira Soares e Cristina Costa para fundamentarmos as necessidades da existência deste novo profissional.

Capítulo II

O tempo em que vivemos

O mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido! Paulo Freire.³¹

31 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido. Saberes necessários à prática educativa*, São Paulo, Ed. Paz e Terra, ed.36ª, 1996. p.139

1. A educomunicação em sintonia com o mundo globalizado

Neste capítulo, abordaremos aspectos da atualidade que alteraram e alteram os processos educacionais e comunicacionais, transformando as relações de ensino-aprendizagem e de formação. Vivemos em um mundo globalizado e midiático, que exerce forte influência sobre as pessoas, sobre o seu universo simbólico e sobre os processos de educação formal e não formal.

As possibilidades de acesso às tecnologias, a velocidade da informação e dos transportes, as possibilidades de comunicação em tempo real, o poder da mídia relativizam os fatores: tempo e espaço e alteram a linguagem e suas formas de representação.

Nos comunicamos e aprendemos sob influências distintas as do passado, porém a educação formal ainda não conseguiu produzir respostas para a maioria dos desafios que se colocam nos dias atuais.

O papel hegemônico da escola como espaço de saber está em cheque, assim como o das instituições, como a família, a igreja, as agremiações, os sindicatos, que até a década de 80 exerciam um papel influente, como instâncias de triagem, na vida das pessoas e das comunidades.

A quebra de fronteiras entre o mundo infantil e o adulto, provocada pela grande acessibilidade às mídias, principalmente a TV, assim como a facilidade de acesso aos tipos diversos de informação, alteram os relacionamentos familiares, assim como o comportamento dos estudantes e de seus círculos de relacionamento. A educação convive, hoje, com duas culturas, a cultura escolar e a cultura das mídias. A educomunicação trabalha em sua essência com estas alterações e com a gama de situações produzidas por este novo cenário, portanto é um conceito teórico de aplicação prática e sintonizada ao mundo em que vivemos.

2 - Um mundo – múltiplos descentramentos

O campo da comunicação/educação deve ser analisado dentro das perspectivas de alterações culturais por que passa o mundo, a sociedade latino-americana e a sociedade brasileira. As alterações culturais, geradas pela globalização de maneira macro e tudo que ela carrega em si, como alteração do modelo produtivo, fluxo de capitais, escassez do emprego, influência dos meios de comunicação, proliferação das tecnologias de informação e comunicação, são apontadas por Barbero, Orozco e Huergo como causas geradoras de “processos de desordem e descentramentos culturais” que contribuem em sentido micro para a produção de determinadas representações sobre a relação comunicação/educação.

Diferentes abordagens e trajetórias têm acompanhado o processo de desordem e descentramentos culturais dentro da escola, entre professores, alunos e estrutura escolar. Segundo Huergo, o que amedronta os professores não é a incorporação das tecnologias nem dos meios em si, e sim a cultura dos meios, o que os meios mostram, produzem, desorganizam e organizam; porque vêem neste aspecto um desafio ao seu caráter de formadores de consciência, não de consciência crítica. A figura da escola como espaço do saber não parece assim tão nítida para os alunos, que possuem outras fontes, por vezes mais interessantes, complexas e composta por multi-meios.

Os alunos têm acessos às informações que não estão hierarquizadas, ou coladas em ordem cronológica. Elas simplesmente aparecem, nos telejornais, em programas de rádio, nas telenovelas, filmes, programas na internet, entre outros meios. As famílias estão também despreparadas para o educar, pais são pegos muitas vezes de surpresa, por perguntas que estão na pauta do dia dada pela mídia, mas que não fazem parte de seu repertório. Neste campo de complexas transições o pensar educação e o pensar comunicação no sentido amplo dos seus significados, coloca-se como um grande desafio.

3 - O fortalecimento das mídias

Até o início da década de 80, a família, a igreja, os clubes, associações e partidos políticos constituíam as instâncias de triagem,

hierarquização, transmissão e avaliação dos conteúdos culturais veiculados pela mídia. O enfraquecimento destas instituições cria um vazio, uma lacuna, cada vez mais evidente.

Em contra-partida, aumentam imensamente os canais, as informações disponibilizadas pelas novas tecnologias, principalmente para os setores mais abastados da sociedade. Os mais pobres estão em permanente e intenso contato com o rádio e a TV aberta.

Como afirma Barbero³², a dissolução do tecido social e o enfraquecimento das instituições resultado da política neoliberal, apontam para uma sociedade individualista, que não se identifica por classe, mas por grupos de consumo. Os indivíduos estariam sozinhos frente ao bombardeio de informações e suas mais variadas significações.

Pesquisas apontam que crianças mexicanas assistem em média 4h de TV por dia durante a semana, e nos finais de semana chegam a assistir 7h por dia³³. No Brasil, uma pesquisa coordenada pelo professor Adilson Citelli³⁴ mostra que os estudantes, do ensino fundamental, passam em média 3h30 diárias assistindo televisão, enquanto os professores assistem em média 1h40 por dia. Isto para citar somente a programação das televisões³⁵.

Estas constatações comprovam que as mídias, principalmente a TV, faz parte do cotidiano de crianças e adolescentes. Saber precisar até que ponto esta realidade é benéfica ou maléfica para o processo de formação de crianças e adolescentes nos levaria a uma discussão praticamente inesgotável, porém pais, educadores e sociedade não podem ficar alheios a esta realidade.

32 BARBERO, Jesús Martín. "Ensanchando territorios em comunicación/educación"

33 OROZCO, Guillermo Gómez. "La influencia de la TV em la educación de niños y jóvenes: opiniones, mitos, hechos". in *Reporter Ocasional*. PROICOM n3. México: Universidad Iberoamericana, 1993.

34 CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação – A linguagem em movimento*, São Paulo: ed. Senac, 2000.

35 O Instituto da Cidadania revela que 91% dos jovens de 15 a 24 anos vêem TV. Em contrapartida, o IBGE revela que um milhão e 400 mil crianças de 7 a 14 anos não estudam, e que 14 milhões de brasileiros nunca foram à escola. As estatísticas mostram que cerca de 35 a 40 milhões de lares brasileiros têm pelo menos um aparelho de televisão. Se multiplicarmos o número de televisores por uma média de quatro pessoas, teremos quase toda a população do Brasil com acesso à televisão.

O pesquisador Guillermo Orozco³⁶ frisa que as crianças passam mais horas em frente à televisão do que em frente à lousa na sala de aula e que ao terminarem a educação média básica terão assistido a mais horas de TV do que estiveram na escola. Orozco coloca como um dos desafios gerados pelos meios de comunicação de massa a divulgação dos conteúdos informáticos, seus significados e ideologias.

A “guerra” do significado e do sentido que atualmente todas as culturas experimentam não pode ser entendida desvinculada da circulação informativa e dos significados e sentidos gerados e divulgados pelos MCM e propostos a nós todos enquanto membros de uma ampla e crescente audiência.³⁷

Além do significado e do conteúdo temos a forma. Som, imagem, cores, efeitos especiais, a visualização do que seria impossível. Tudo acontecendo num mesmo tempo, sob um determinado ritmo. O conjunto destes elementos apresenta infinitas possibilidades, em muitos momentos, mais atraentes do que as existentes no mundo real e no mundo da escola. Este novo sensorium é facilmente identificável nos mais jovens, que vêem, sentem e compartilham de uma maneira distinta de outras gerações as produções midiáticas. A mídia, incluindo, o rádio, a TV, os jogos eletrônicos, os programas disponibilizados pela Internet, a tecnologia disponibilizadas pelos aparelhos celulares, as técnicas de mixagem de som e imagem irão estimular o aparecimento de uma nova forma de ver e sentir o mundo e conseqüentemente de expressar este mundo através da linguagem.

Muitas vezes, alienados e afastados destes processos, pais, educadores e sociedade permanecem impassíveis sem interferir, ou mediar de forma mais efetiva no sentido de proporcionar efeitos positivos do ponto de vista do processo educacional e comunicacional. O que não quer dizer absolutamente, que na ponta deste processo, ou seja, que os receptores, neste caso crianças e adolescentes estariam indefesos frente aos meios.

36 OROZCO, Guillermo Gomez. “Professores e meios de comunicação: Desafios e Estereótipos”. In. *Revista Comunicação & Educação*. N.10 São Paulo: CCA/ECA/USP/Moderna, p.57

37 Id.,Ibidem. p. 58

4 - A quebra de fronteiras entre o universo infantil e adulto

Os meios de comunicação não fazem distinção entre adultos e crianças que, muitas vezes, assistem a mesma programação, ouvem as mesmas músicas, assistem ao mesmo filme. Os assuntos não são mais exclusivos para os adultos, eles aparecem no meio da sala de estar, sem pedir licença. E não são poucos os pais pegos de surpresa com uma cena julgada imprópria para menores, compartilhada entre pais e filhos. Esse acesso irrestrito aos assuntos que não seriam propriamente infantil colabora com a formação de valores, de crianças e adolescentes que freqüentam as escolas. A programação midiática, na maioria das vezes, não divide conteúdos por faixa etária, nem tão pouco hierarquiza suas informações. Diferentemente do que ocorre na escola, onde invariavelmente, os conteúdos e suas abordagens são divididas e hierarquizadas, seguindo uma grade curricular rígida.

O pesquisador inglês David Buckingham³⁸ cita os meios de comunicação como um dos motivadores pelo amadurecimento prematuro de crianças expostas a uma programação feita para adultos. O autor aponta também a infantilização dos personagens adultos difundidos pela mídia, em filmes e novelas.

Os segredos da vida adulta, como afirma Buckingham, ficam a cada dia mais acessível ao mundo das crianças – sexo, drogas, violência – temas que ficavam escondidos do universo infantil estão cada vez mais expostos pelos meios de comunicação de massa e entram com maior naturalidade na pauta de discussão familiar. Como resultado destes fatores, o autor argumenta que a criança a cada dia se comporta mais como adulto e tem demandas e acessos aos privilégios do mundo adulto.

De maneira quase contraditória, pesquisas realizadas na Inglaterra³⁹ sugerem que as crianças estão mais confinadas em suas casas e muito menos independentes, principalmente no quesito mobilidade, do que há vinte anos atrás, e enquanto os pais passam muito menos tempo com seus

38 BUCKINGHAM, David. *Media Educacition*. Cambridge, Polity Press, 2003.

39 BUCKINGHAM, David. *Media Educacition*. Cambridge, Polity Press, 2003. p.21

filhos, eles tentam compensar a ausência aumentando os recursos econômicos para os mesmos.

Está claro que as relações de autoridade e poder entre adultos e crianças estão mudando, conforme afirma Buckingham:

Enquanto, existem os que desejam resgatar relações tradicionais, e voltar à era em que as crianças eram vistas, mas não ouvidas, existem outros que dão boas vindas às mudanças como uma extensão da democracia e dos direitos de cidadãos da criança. Ao mesmo tempo, nós temos que concordar que a criança ganhou o poder, não meramente de cidadão, mas também de consumidor; de fato são duas coisas que tem ficado impossível separar.⁴⁰

A constituição do mercado infantil coloca uma parte considerável da indústria cultural direcionada para a produção infantil, numa gama diversificada de conteúdos que se apresentam em programações televisivas, material gráfico, jogos eletrônicos, musicais, publicidade entre, outras formas.

Constatamos que o aprendizado, hoje, acontece mais fora das fronteiras escolares do que no passado e que no futuro esta é uma tendência a se confirmar com maior impacto nas sociedades, devido à influência das mídias e das tecnologias de informação. Como afirma Javier Esteinou Madrid⁴¹, os meios de comunicação são os novos propulsores das diretrizes culturais e responsáveis pelas novas funções ideológicas. A presença das tecnologias de informação redefine as leis e os fundamentos do sistema de ensino e de outros aparatos de hegemonia tradicionais, como a igreja, família, escola, substituindo-os, complementando-os, mais ou menos, dependendo da crise institucional ou social que cada uma destas instituições se encontram num dado momento. Neste ponto, Madrid e Barbero se aproximam, porém, Barbero é mais enfático em falar da quebra do tecido social, provocada pelo modelo neoliberal, onde os espaços públicos estariam sendo substituídos pelo discurso midiático.

40Id.,Ibidem. 2003. p. 22.

41 MADRID, Javier Esteinou. "Modernidade, medios de comunicación y mutación educativa", in paper del Departamento de Educación y Comunicación de la Universidad Metropolitana, Unidad Xochimilco, México.

A partir das tecnologias de informação emerge uma nova escola eletrônica que educa cotidianamente os indivíduos de forma: repetitiva, cumulativa, sistemática e informalmente. Madrid afirma:

Este novo processo pedagógico converte a informação em sedimentos culturais, em valores históricos – que se cristalizam em visões de mundo – que expressam sentidos comuns, que resultam em atitudes e condutas e, em longo prazo, em posicionamentos, com o poder de transformar a sociedade e a natureza.⁴²

A mídia e as tecnologias da informação, que hoje fazem parte do nosso cotidiano, concorrem com a escola, a família, a igreja para o processo educativo e de formação, talvez não exercendo o papel principal como afirma Madrid, mas sem sombra de dúvidas, constituindo uma influência abrangente e significativa.

Barbero irá apontar os descentramentos com o aparecimento dos meios audiovisuais e as tecnologias digitais que tirariam da escola a exclusividade do espaço hegemônico de transmissão de saberes.

5 - A formalidade da escola e a informalidade dos meios

A cultura escolar compreende um conjunto de práticas, saberes e representações produzidas e reproduzidas a partir da instituição escolar, que também recorre às modalidades de comunicação e transmissão de saberes segundo a lógica escolar. Como afirma Huergo: “A cultura escolar é uma forma de produção, transmissão e reprodução que tende a organização racional da vida social cotidiana”⁴³, é como se a escola organizasse a todo tempo, o que a mídia parece desorganizar. Dentro da ordem disciplinar e da hierarquia de conteúdos, regras de comportamento, controle de práticas, de saberes e representações se seguem, em estruturas rígidas, marcadas pelas divisões do tempo e do espaço. Neste processo, até as dúvidas tem hora e local para

⁴² Id.,Ibidem. p.4

⁴³HUERGO, Jorge. Cultura Escolar, Cultura Mediática/Intersecciones. Bogotá, Universidad Pedagógica Nacional, 2000. p.47

aparecerem, assim como as informações que solucionariam determinados questionamentos.

A cultura midiática se reproduz às avessas desta estrutura modular que organiza os processos de educação. Os conteúdos veiculados não seguem uma hierarquia de dificuldade e estão abertos a qualquer idade, que se apropriam das mais variadas formas, gerando uma produção de sentidos diferenciada e desordenada, digamos assim, para a lógica da educação formal. E é exatamente com este tipo de situação, não controlada, que a estrutura escolar terá que lidar.

O conceito de cultura midiática apresentada por Huergo faz referência à capacidade modeladora dos meios massivos e das novas tecnologias sobre o conjunto de práticas, saberes e representações sociais, influenciando o processo de transformação da produção de significados. A transformação destas práticas, saberes e representações não ocorrem apenas no momento da recepção, ou no momento do consumo dos meios, mas estende-se por todas as formas da vida social, construindo o cotidiano, tanto quanto, ou mais, do que a cultura escolar. Vamos discorrer sobre o tema mais à frente, desenvolvendo o conceito de mediação e suas derivações na visão de autores que tratam sobre o assunto.

A cultura da mídia, potencializada pelo aumento da produção de conteúdos e pelo aumento da acessibilidade aos meios, ou a globalização da cultura⁴⁴ como preferem alguns autores, apresentam especificidades além das econômicas quando comparadas a outros ramos da indústria. São produtos culturais que carregam em si formas e significados distintos para cada mídia. Filmes, programas para TV, o jornal, a revista, a página na internet, o jogo eletrônico, o cd a propaganda trazem consigo especificidades para a sua produção.

44 Para Warnier o termo globalização da cultura seria impróprio se considerarmos que ele designa uma distribuição, dos bens culturais industrializados e mercantilizados por todo o planeta. Sabe-se que um bilhão de seres humanos vivem abaixo do nível de pobreza, o que significa que um bilhão sofre de desnutrição e de fome crônica, e que a pobreza o exclui da comunicação e das redes sociais.

Muitas vezes, é preciso ser inteligível, de fácil apreensão e compreensão. A visão estereotipada e até preconceituosa tem lugar assegurado na indústria cultural. Como afirma Renato Ortiz⁴⁵ as culturas singulares são apresentadas pelos seus aspectos mais exóticos e espetaculares. O índio indolente brasileiro, o mexicano de sombreiro dormindo, ou os dançarinos de Bali, são mostrados como se ali estivesse representada toda a nação. O conteúdo será sempre ditado pelo tempo ou espaço disponível.

Seguindo este mesmo raciocínio parece muito simplista a tendência em afirmar que haveria um nivelamento cultural entre os grupos sociais sob o efeito da uniformização cultural, que seria ela própria, consequência da generalização provocada pelas mídias.

Denys Cuche⁴⁶ diferencia a “cultura para as massas”, da “cultura das massas”. A massa de indivíduos que recebe uma mesma mensagem, não significa necessariamente um grupo de pessoas homogêneo. A uniformização existente na emissão da mensagem midiática, não significa uniformização na recepção da mensagem. O autor afirma que é um erro pensar que os meios populares seriam mais vulneráveis à mensagem da mídia. Estudos sociológicos demonstram que a penetração da comunicação midiática tem maior impacto nas classes médias do que nas classes populares.

“É essencial que se considerem as condições de recepção. Richard Hoggart mostrou que a receptividade das classes populares à mensagem midiática é muito seletiva. Ela depende do que chamamos de “atenção oblíqua”, que vem de uma atitude geral de prudência e até de ceticismo em relação a tudo o que não emana do meio popular ao qual se pertence.”⁴⁷

Haveria então dois campos distintos, com lógicas de funcionamento, em muitos momentos contrários, influenciando a educação e a formação de crianças, jovens e adultos que freqüentam as unidades escolares. Para lidarmos com esta realidade precisamos desvendar uma trama de relações complexas que influenciam uma as outras, não temos de um lado a cultura

⁴⁵ ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1998.

⁴⁶ CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo, Edusc, 2002.

⁴⁷ CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo, Edusc, 2002. p.159

escolar e do outro a cultura midiática, temos as duas culturas juntas ao mesmo tempo, operando e resignificando as relações. Em muitos casos andando paralelamente, em outros para lados contrários, tensionando as relações, se cruzando e se entrelaçando, portanto, não é mais possível pensar a educação sem comunicação, e comunicação sem a educação.

Para tentarmos compreender os efeitos da cultura da mídia e das tecnologias nos indivíduos, e no mundo da escola devemos levar em consideração como os receptores processam os conteúdos por eles recebidos. Os programas não são assimilados passivamente, os receptores se apropriam de seus conteúdos, reinterpretem segundo suas próprias lógicas culturais e visão de mundo. O caminho da recepção irá depender das particularidades de cada grupo e do momento vivenciado durante a recepção, entre outros fatores de interferência.

As teorias das mediações de Barbero⁴⁸, que propõe um deslocamento do eixo do debate nos estudos da comunicação, dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre as práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matizes culturais podem nos auxiliar neste caminho.

Precisamos levar em consideração as diferentes formas de ver do receptor, como o indivíduo se comporta frente às mensagens, quais são os filtros interpretativos usados no processo de recepção, o que ele é capaz de produzir a partir desses pontos, e como a indústria cultural incorpora o que os mais diferentes grupos produzem, num constante fluxo e contrafluxo de manifestações artísticas e culturais, uma vez que o mercado se encarrega de se apropriar da produção popular, para transformá-la em produto cultural.

Nesta complexa realidade não há pausa para se falar, planejar e isolar os processos de comunicação e educação, eles simplesmente acontecem dentre este emaranhado de múltiplos fatores que compõem o mundo globalizado.

48 BARBERO, Jesus Martin. *Dos meios às mediações*. Rio, Ed. URFJ, 1997.

A educação formal e não formal convive com esta realidade mediada por múltiplos fatores, e diretamente influenciada pela mídia e pelas novas tecnologias de comunicação e informação.

6 - Para falar da realidade

Os processos de comunicação e educação estão a cada dia mais imbricados, difíceis de serem separados, de acordo com o que foi exposto neste Capítulo. Abordaremos no Capítulo III, a visão de autores que pensaram a inter-relação comunicação/educação, como é o caso de Lénin Vygotsky, mesmo anteriormente às alterações ocorridas no final do século XX e início do século XXI, com autores que, mediante a influência das mídias, identificaram o surgimento da alfabetização pós-moderna, apontando para a necessidade da estruturação de políticas nacionais, tanto para a formação de novos profissionais, como para a estruturação de alterações nos processos de educação, como é o caso de Mario Kaplún, no Uruguai, e de Ismar de Oliveira Soares, no Brasil.

Capítulo III

Comunicação, Cultura e Mídia:

A linguagem no processo de aprendizagem

*Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção. Paulo
Freire.⁴⁹*

49 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido. Saberes necessários à prática educativa*, São Paulo, Ed. Paz e Terra, ed.36ª, 1996. p.47.

1. Alterações em curso

Se o panorama comunicacional e educacional está sofrendo forte alteração, é necessário pensarmos à respeito das necessidades de adaptações ou mesmo de mudanças, entre os profissionais e mais globalmente nas políticas educacionais e comunicacionais que ditarão os posicionamentos futuros.

Neste Capítulo, evidenciaremos as alterações nos processos educacionais no decorrer dos tempos, o surgimento do que alguns autores denominam de alfabetização pós-moderna, a decisiva influência da cultura midiática no cenário que constitui a educação formal e não formal, e a necessidade da introdução de um novo profissional, que esteja capacitado para lidar com as questões das mídias e das novas tecnologias da informação.

2 - Aprendizagem em processo

Para os filósofos gregos a aprendizagem estava vinculada à associação de idéias. Platão e Aristóteles distinguem os vários tipos de associações como por similaridades, contigüidade e contraste. Entre os romanos, Cícero ressalta a importância das aptidões naturais e crítica, um sistema de educação especializada, que promove a retórica como fim e não como um meio. Quintiliano, primeiro catedrático de retórica grega latina em Roma, destaca a disposição natural do aluno, o ensino e o exercício. Na idade média, Santo Agostinho irá conceber a aprendizagem através da iluminação anterior do cristão. Santo Tomás de Aquino progride neste sentido e desenvolve sua teoria em que a aprendizagem viria do conhecimento interior, na relação mestre-aluno. Os humanistas pretendiam o desenvolvimento integral da personalidade, a formação do corpo e da alma mediante a educação intelectual.

No séc. XVII, surge a didática, fundada por Comênio, que mistura os meios realistas com os fins espirituais na educação. Comênio concebe um sistema educacional para crianças de 06 a 12 anos, para o desenvolvimento da inteligência, da imaginação e da memória em conjunto com

os órgãos sensoriais e a fala. Uma escola secundária, dos 12 aos 18 anos, e a academia, dos 18 aos 25 anos.

A partir da segunda metade do século XVIII, a ciência começa a separar-se da religião. Franz Joseph Gall, médico e cientista criador da disciplina chamada frenologia, acreditava que mediante a observação de diferentes formatos de crânios poderiam ser determinadas as capacidades e deficiências humanas. O crânio seria “empurrado” pelo cérebro para fora nos locais onde se desenvolvia mais acentuadamente. No século XIX, fica em voga entre os pensadores e cientistas a dissociação entre objetivo e subjetivo, nesta divisão nascem a psicologia, voltada para o indivíduo, e a sociologia voltada para o social⁵⁰.

Os esforços para considerar a psicologia como ciência começaram na segunda metade do século XIX, com pesquisadores como Wilhelm Wundt na Alemanha e Willian James nos Estados Unidos. Duas correntes aglutinaram os cientistas da psicologia. Uma buscava as leis gerais do conhecimento humano, o que pode ser considerado atualmente como os princípios de processamento humano de informações. Outra corrente buscava por diferenças individuais, os perfis distintivos de habilidades. Neste campo o britânico Francis Galton desenvolveu métodos estatísticos para caracterizar seres humanos através de seus poderes físicos e intelectuais e correlacioná-los entre si. Galton acreditava que os indivíduos mais refinados e cultos eram caracterizados por capacidades sensoriais especiais. Mas, gradualmente, a comunidade científica concluiu que se deveria procurar principalmente nas capacidades mais complexas, como as que envolvem a linguagem e a abstração, para avaliar dos poderes intelectuais.

No começo do século XX, o francês Alfred Binet e seu parceiro Théodore Simon desenvolveram o primeiro teste de inteligência para diferenciar crianças com baixa capacidade de aprendizado de crianças normais em seus variados graus. Dentre a comunidade científica e na sociedade como

50 PASSARELLI, Brásilina. Tese de doutorado - Hipermídia na aprendizagem – construção de um protótipo interativo: A escravidão no Brasil. São Paulo, ECA/USP, 1993. p.19

um todo, os testes de inteligência repercutiram fortemente e geraram um entusiasmo duradouro.

O psicometricista americano Thurstone acreditava na existência de um pequeno conjunto de faculdades mentais primárias, que seriam relativamente independentes umas das outras e que são medidas por rotinas diferenciadas nos testes. Thurstone discriminou sete destas capacidades: compreensão verbal, fluência de palavras, fluência numérica, visualização espacial, memória associativa, velocidade de percepção e raciocínio.

O naturalista e psicólogo suíço Jean Piaget iniciou sua carreira por volta de 1920, como pesquisador no laboratório Simon e se interessou pelos erros que as crianças cometiam quando submetidas aos testes de Q.I. Piaget postulava que o importante não é a perfeição das respostas, mas as linhas de raciocínio que as crianças desenvolviam durante os testes.

Para Piaget, todo estudo do pensamento humano deveria começar posicionando o indivíduo como um ser que está tentando entender o mundo. O indivíduo estaria a todo momento construindo hipóteses e dessa forma gerando conhecimento. Para Piaget, o indivíduo tenta entender a natureza dos objetos materiais do mundo, como eles interagem com os outros, assim como a natureza das pessoas no mundo, suas motivações, seus comportamentos.⁵¹

3 - A linguagem como instrumento de aprendizagem

Lênin Vygotsky estruturou sua teoria no poder da linguagem em desenvolver as faculdades cognitivas, para o autor o desenvolvimento do pensamento estaria determinado pela linguagem e o pensamento da lógica seria uma função direta da linguagem socializada. Dentro deste pensamento, o desenvolvimento intelectual dependeria do domínio dos mediadores sociais do pensamento, isto é, do domínio das palavras.

⁵¹ KAPLUN, Mario. "Processos educativos e canais de comunicação". In *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, USP, jan/abril., 1990. p.72 e 73.

Segundo Vygotsky, as categorias de estruturação do pensamento procedem do discurso e do intercâmbio, mediante os quais o ser humano se apropria dos símbolos culturalmente elaborados – as palavras – que lhes possibilitam comunicar, representar e pensar. A comunicação seria o processo para o ensino-aprendizagem, porque provoca o intercâmbio entre as pessoas, o diálogo, em que torna possível exercitar o pensamento, e apropriar-se dele.

“A relação entre pensamento e palavra é um processo vivente: o pensamento vive através das palavras. Uma palavra sem pensamento é uma coisa morta e um pensamento desprovido de palavras permanece na sombra”⁵², é preciso falar para ser ouvido, escrever para ser lido. Não bastaria ler ou ouvir um discurso, uma palavra, uma explicação para poder incorporá-la ao seu repertório de vivência. Para Mario Kaplún:

...para que ocorra sua efetiva apropriação é preciso que o sujeito a use e a exercite, que a pronuncie, escreva, aplique. Esse exercício só pode dar-se na comunicação com outros sujeitos, escutando e lendo outros, falando e escrevendo para outros. Pensamos com palavras; mas a aquisição das palavras é um fato cultural, isto é um produto do diálogo no espaço social. Esse instrumento imprescindível, que é o acervo lingüístico, só se internaliza e se amplia na constante prática da interlocução.⁵³

Segundo Kaplun, a comunicação do que foi aprendido por parte do educando, apresenta-se como um componente básico do processo de cognição, e não apenas como produto subsidiário deste processo. Ao contrário seria a parte mais importante, onde deveria ser dada a maior ênfase.

...A construção do conhecimento e sua comunicação não são, como costumamos imaginar, duas etapas sucessivas através das quais primeiro o sujeito se apropria dele e depois o enuncia. São, isso sim, o resultado de uma interação: alcança-se a

52 Id., Ibid. 1999. p.72

53 Id., Ibid. 1999 p. 73

organização e a clareza desse conhecimento ao convertê-lo em um produto comunicável e efetivamente comunicado⁵⁴

Se Vygotsky deixa claro em sua abordagem a importância do desenvolvimento lingüístico para o desenvolvimento da cognição e da inteligência, Kaplun sublinha a importância da comunicação deste conhecimento como parte efetiva para sua incorporação, não se limitando apenas a palavra, mas a linguagem em suas mais diversas expressões.

A aprendizagem e o ensino são dois processos concomitantes na comunicação. Se compreendermos que o ensinar significa comunicar-se, mediante um processo de comunicação, a aprendizagem sempre será resultado do acesso e da interação neste processo comunicacional. Mesmo, no ensino formal, a aprendizagem não ocorre quando não se consegue estabelecer o intercâmbio. As mediações que nos rodeiam podem ou não possibilitar a aprendizagem plural e mutisignificativa.

4 - A alfabetização pós-moderna

As mídias e as tecnologias inauguram novas formas de conhecer, modificam a percepção e provocam novos fenômenos culturais e sociais. A alfabetização pós-moderna cria um novo sensorium, formado não só pela linguagem falada, mas por símbolos, movimentos, cores, fotos, ritmos. Quando chega à escola a maioria dos alunos já iniciou sua alfabetização em casa, em contato com a televisão, com os jogos eletrônicos ou pelo computador. Como explica J.B. Thompson, “os personagens que se apresentam nos filmes e nos programas de televisão se tornam pontos de referência comuns para milhões de indivíduos (...) que partilham, em virtude de sua participação numa cultura mediada de uma experiência comum e de uma memória coletiva”⁵⁵

Os meios estariam produzindo alfabetizações múltiplas, chamadas por alguns autores como Jorge Huergo, de alfabetizações pós-modernas. Esta alfabetização geraria a absoluta incapacidade de se produzir um

54 Id., Ibid.1999 p. 74

55 LEVY, Pierry. *Cibercultura*. São Paulo, Editora 34, 1999. p.105.

mesmo ponto de vista sobre a realidade, devido à multiplicidade de formas e conteúdos.

A concepção de Peter Mc Laren⁵⁶ sobre a alfabetização pós-moderna coloca-se de maneira mais política e sociológica, ao afirmar que na cultura pós-moderna aparecem modos de subjetividade que indicam uma penetração do capitalismo pós-moderno que propicia certos modos e desejos de privatização do público, o que acabaria por destruir o comunitário. Mc Laren propõe uma alfabetização crítica, cuja finalidade seria criar comunidades de resistência, para enfrentar o poder hegemônico; uma pedagogia capaz de desmascarar o laço político existente entre os modos de comunicação e as práticas sociais que estes modos legitimam. Mc Laren propõe criar espaços pedagógicos híbridos que alfabetizem para negar os mandatos de uma nova empresa civilizadora de bárbaros. Espaços onde a luta ao invés de ser material, seja discursiva.

Com esta proposta Mc Laren aproxima-se, de certa forma, dos posicionamentos de Freire em relação à educação para a recepção que postula comunidades de apropriação e interpretação.

Outra perspectiva neste sentido, apontada pelo argentino Aníbal Ford⁵⁷, seria que nas sociedades urbanas, influenciadas pelos meios de comunicação, predomine as estruturas orais, emotivas e intuitivas, que operam do lado direito do cérebro, diferente de sociedades mais vinculadas à linguagem escrita e ao raciocínio lógico, que operariam do lado esquerdo.

5 - A resignificação como causa e efeito da cultura midiática

É inegável que vivenciamos a transformação do mundo da comunicação e da educação, sob a influência da cultura da mídia. Geram dessas transformações mudanças importantes para o sentido e a orientação da política

⁵⁶ PETER, Mac Laren. *Pedagogia Crítica e Cultura Depredadora – Políticas em la era pos-moderna*. 1997. p. 98.

⁵⁷ HUERGO, Jorge. *Cultura Escolar, Cultura Mediática/Intersecciones*. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2000. p. 53

em geral, bem como para a educação em particular. Os processos comunicacionais, os processos de ensino-aprendizagem não se dão de forma isolada, eles acontecem de maneira conjunta. A tentativa de compartimentalizar, de dividir, de organizar os processos é que nos afastam de uma visão global.

Para compreendermos as influências no terreno da cultura da mídia precisamos levar em consideração a gama de representações de identidade, dominação e resistência que a estruturam num jogo de intensidades diversas. Como afirma Kellner:

.... Isso significa não só ler essa cultura no seu contexto sociopolítico e econômico, mas também ver de que modo os componentes internos de seus textos codificam relações de poder e dominação servindo para promover os interesses dos grupos dominantes à custa de outros, para opor-se às ideologias, instituições e práticas hegemônicas, ou para conter uma mistura contraditória de forma que promovem dominação e resistência. Portanto, ler politicamente a cultura da mídia significa situá-la em sua conjuntura histórica e analisar o modo como seus códigos genéricos, a posição dos observadores, suas imagens dominantes, seus discursos e seus elementos estético-formais incorporam certas políticas ideológicas e produzem efeitos políticos.⁵⁸

A cultura da mídia ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos. Produz representações que tentam induzir anuência a certas posições políticas, levando as pessoas que fazem parte da comunidade a ver sob o prisma de certas ideologias, o mundo representando de determinada maneira. Os textos culturais populares naturalizam essas posições, e ajudam a mobilizar o consentimento às posições hegemônicas. No mundo globalizado, existem várias posições hegemônicas, e grupos dominantes que disputam o poder, e de grupos menores que tentam a acessão. Este movimento, não se dá de maneira unilateral, mas num campo de tensões e resistências.⁵⁹

⁵⁸ KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru, EDUSC, 2001. p.76

⁵⁹ Marx e Engels caracterizaram ideologia como as idéias que a classe dominante obtém predominância em determinada era histórica. O conceito de ideologia em Ideologia Alemã (Marx e

Para Kellner em uma cultura da imagem são as representações que ajudam a constituir a visão de mundo individual, o senso de identidade, consumando estilos e modos de vida, bem como pensamentos e ações sociopolíticas.

A ideologia é definida pelo autor, tanto como um processo de representação, figuração, imagem e retórica, quanto um processo de discursos e idéias.

Além disso, é por meio do estabelecimento de um conjunto de representações que se fixa uma ideologia política hegemônica, como a do conservadorismo da Nova Direita. As representações, portanto, transcodificam os discursos políticos e, por sua vez, mobilizam sentimentos, afeições, percepções e o assentimento a determinadas posições políticas...⁶⁰

Portanto, a cultura midiática impregna nossos sentidos, nossa visão de mundo. Não de maneira totalizadora, mas formando múltiplas influências, principalmente no que diz respeito a nossa visão política e social.

A concepção da democracia e de suas implicações na educação, a organização do sistema educacional, e a concepção e valoração do sujeito e a concepção da aprendizagem irão influenciar sobre maneira em todo o processo. A educação no mundo globalizado, como afirma Edgard Morin⁶¹, precisa superar as obviedades e a clareza aparente dos fenômenos, abordar os temas e problemas de uma forma interdisciplinar e abandonar a tendência à especialização que os faz em pedaços.

Morin afirma que é preciso cultivar uma “inteligência geral” que aborde de maneira multidimensional os temas que são complexos. Temas muitas vezes, trazidos do mundo político, econômico, biológico, ou seja,

Engels, 19975:59) teve intuito denunciativo e foi usado para atacar idéias que legitimavam a hegemonia da classe dominante, que conferiam a interesses particulares o disfarce de interesses gerais, que mistificavam ou encobriam o domínio de classe, servindo assim aos interesses de dominação. O marxismo clássico de Marx e Engels tendiam a dar ênfase ao aspecto econômico da política e não dar atenção à cultura e à ideologia. Durante os anos de 1920, Lukás, Korsch, Bloch e Gramsci ressaltaram a importância da cultura e da ideologia, e a Escola de Frankfurt e outras versões do marxismo ocidental também viram a crítica da dominação. (Kellner.2002:78)

⁶⁰KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001. p. 83.

⁶¹MORIN, Edgard. *Introdução ao Pensamento Complexo*. São Paulo, Instituto Piaget, 2003.

temas sociais, que fazem parte do mundo em que vivemos de maneira a influenciar diretamente as nossas vidas. Muitos deles, abordados exaustivamente pelas mídias e outros ocultados.

José Gimeno Sacristán⁶² questiona, que tipo humano estamos formando quando um estudante sabe as regras de combinação dos elementos químicos, se , ao mesmo tempo, não consegue explicar as causas e conseqüências da poluição no mundo ou o terror à guerra biológica. Segundo o autor, para entender o mundo interconectado é preciso proporcionar conhecimentos vertebrados entre si. Existe a necessidade de ver o mundo em rede de maneira global, e desta necessidade surgem às exigências importantes para a formação e o modo de trabalhar dos professores, bem como para o planejamento do texto, a partir do qual se desenvolve o currículo. Essa seria a nova forma de educar para a vida.

A educação segundo Sacristán continua a constituir um capital humano para a nova sociedade, mas é um capital que não se apóia em uma moeda forte;

“... porque o capital útil muda de valor com rapidez: a educação tem de dotar alguns sujeitos de capital para reforçar e reconstruir neles uma capacitação que se desvaloriza... Apresenta-se à educação o desafio de preparar para não se sabe muito bem o quê, uma vez que se ignoram quais saberes e competências serão rentáveis no futuro dos sujeitos”⁶³

Todas estas exigências e transformações que seriam necessárias à educação esbarram na formação dos professores, que deveria ser crítica, profunda e ampla. A escola e o professor como promotores do processo educacional podem ficar deslegitimados, neste novo panorama. Na sociedade da informação, da comunicação influenciada pelas mídias os professores e educadores precisariam se informar mais e melhor “porque precisam se

⁶² SACRISTAN, José Gimeno. “O significado e a função da educação na sociedade e na cultura globalizadas”. In Org. GARCIA, Regina Leite e MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. *Curriculo na contemporaneidade – incertezas e desafios*. São Paulo, Ed. Cortez, 2003. p.57

⁶³ Id., ibid. 65.

converter em mediadores que orientem, estabeleçam critérios, surgiram, saibam integrar a informação dispersa, para os outros”.⁶⁴

6 - Esforços para a concretização de alterações nos processos educacionais

Segundo Orozco,⁶⁵ mesmo com todos os avanços e esforços, em países da América Latina e fora deles, permanece existindo um problema congênito nas abordagens contemporâneas das políticas nacionais. Um problema que tem a ver justamente com os fins de uma educação midiática e que se manifesta de maneira predominantemente modernizante e reducionista em que se conceitua o esforço educativo tendente a incorporar os meios e tecnologias de informação na educação.

Tradicionalmente o enfoque dos processos educativos está no ensino e não no ensino-aprendizagem, existindo nestes diferentes tipos de abordagem, caminhos opostos a serem seguidos por uma educação midiática.

O aprendizado esperado não se daria, então, a partir de uma exposição e mera assimilação do conteúdo recebido por parte de seus usuários, e sim a partir de uma interação múltipla com esse conteúdo, e com outros elementos do contexto e da própria experiência e habilidades dos educandos, manifestando-se em uma nova produção. Uma produção que pode ser uma reprodução do conteúdo transmitido, mas também uma produção que pode diferir substancialmente desse conteúdo.⁶⁶

Nesta concepção, não só a compreensão da aprendizagem, mas também a função e os objetivos do ensino se transformariam. Para Barbero:

Participação significa compartilhar a ação com os outros, o que convida a escola a converter-se em lugar de re-imaginação e recriação do espaço público: lugar de conversação entre gerações, entre jovens que se atrevem a levar a escola suas

⁶⁴ Id., ibid. p.66

⁶⁵ OROZCO, Guillermo Gómez “Elementos para una política de “Educación Mediática” p.116

⁶⁶ Id., ibid. p.118.

verdadeiras perguntas e professores que querem escutar, convertendo a escola em um espaço público de memória e de invenção do futuro.⁶⁷

É preciso deixar olhos, ouvidos e espírito atentos para que aflorem as práticas comunicativas. O comunicar-se que pressupõe ouvir, falar, entender, elaborar, ter dúvidas, fazer perguntas, dar respostas, elaborar comparações, conexões, disparidades, arquitetar discursos, ou seja, o verdadeiro movimento dialógico, a verdadeira comunicação, que está longe do esquema emissor, mensagem e receptor.

7 - Pensamentos consonantes

Para Jorge Huergo⁶⁸, as instituições escolares e midiáticas desempenham um papel paralelo na percepção do mundo, na distribuição dos saberes, na aquisição de valores e nos processos de socialização. A instituição escolar, aliada histórica do livro e de uma organização linear dos conteúdos tem retrocedido e se desordenado frente aos meios. Por outro lado, os meios estabelecem uma distribuição de conhecimentos mais vertical e massificada que a escola, contribuindo para reforçar o consumismo social e a dominação. São como aparatos ideológicos e como agências formadoras de consciência. Huergo aponta para a existência de um campo transdisciplinar na relação comunicação e educação que não se configuraria em uma disciplina. Para ele nem toda comunicação é educação, e nem toda educação é comunicação, por isto não se poderia reduzir às práticas sociais e profissionais de nenhuma delas. Ele ressalta a importância de resgatar as matrizes tradicionais para que se possa rastrear a vinculação entre teoria e prática para se fazer um planejamento epistemológico antes de se propor qualquer inovação metodológica. Seria necessário compreender os sentidos da cultura midiática e dos processos de comunicação na cultura.

67 BARBERO, Jesús Martín "Ensanchando Territórios em comunicación/educación" p.111.

68 HUERGO, Jorge A. "Comunicación/Educación: Itinerarios transversales". In *Comunicación – Educación coordinadas, abordajes y travessía*. La Plata: Universidad Central – Diuc. p.5

Huergo argumenta sobre a necessidade de um novo regime educacional que crie um ecossistema comunicativo articulado com os meios de comunicação e tecnologias de comunicação e informação como dimensão estratégica da cultura, onde se modificam os campos de experiência e o ritmo da configuração das novas sensibilidades, dos modos diferentes de perceber e de sentir, de relacionar-se com o tempo e com o espaço e de reconhecer e produzir os laços sociais.

Nesta perspectiva, Francisco Gutiérrez⁶⁹ sugere a pedagogia da linguagem total. Para Gutiérrez se os meios massificam, os educadores devem fazer o possível para transformar os meios de informação em meios de comunicação. Os professores teriam que estimular e promover a perceptividade crítica e criativa mediante o uso dos próprios meios. Para Gutierrez o desafio da mídia se resolveria incorporando as novas formas simbólicas às diferentes etapas do processo educativo.

Gutierrez percebe a grave contradição entre a cultura escolar e a cultura midiática, e propõem resolvê-la incorporando a segunda na primeira.

Como diz Rodriguez Illera, “comunicação e educação são partes de uma mesma realidade. Uma realidade que supera a inclusão do conceito de educação e é mais amplo que o conceito de comunicação”.⁷⁰ Em outras palavras, educar sempre é comunicar. Mas nem sempre comunicar é educar. A educação verdadeira é troca, é a transformação pessoal pelo que se dá e pelo que se recebe, por isso, se quisermos provocar uma transformação, uma mudança de fato, nada melhor do que usarmos a comunicação como ferramenta eficaz para uma educação emancipadora, participativa, crítica e ativa.

Nesse mesmo sentido, Paulo Freire afirma que a comunicação não é apenas fundamental nas relações humanas, mas a inter-relação de seus elementos básicos permite certa autonomia ao processo educativo. Para Freire:

⁶⁹ GUTIERREZ, F, PRIETO CASTILHO, D. *A mediação pedagógica*. Campinas, Papirus, 1994.

⁷⁰ ILLERA, J. L. Rodríguez. *Educación y Comunicación*. Barcelona, Ed. Paidós, 1988, p.105.

Comunicação é a co-participação dos sujeitos no ato de pensar...implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. A educação é comunicação, e diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.⁷¹

Freire mostra ser indispensável reconhecer que existe uma sociedade marcada pelo mercado que influencia na formação de palavras, a ponto de ser imprescindível o uso de certos conhecimentos e competências específicas para se estar a par de, pelo menos, alguns dos novos e emergentes meios comunicacionais, permitindo que os professores retomem seu saber.

8 - Deixar Comunicar

Para Kaplun os processos de ensino/aprendizagem devem favorecer a manifestação pessoal dos educandos que são vistos como sujeitos e não como receptores passivos que estariam apenas recebendo conteúdos.

Para cumprir seus objetivos, todo processo de ensino/aprendizagem deve, então, dar lugar à manifestação pessoal dos sujeitos educandos, desenvolver sua competência lingüística, propiciar o exercício social através do qual se apropriarão dessa ferramenta indispensável para sua elaboração conceitual. Em lugar de confiná-los a um mero papel de receptores, é preciso criar as condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias pertinentes ao tema que estão aprendendo.⁷²

O sujeito educando conseguiria expressar uma idéia de modo que os outros possam compreendê-la, somente quando ele mesmo a compreende e apreende verdadeiramente. “Comunicar é conhecer. O sentido não é um problema de compreensão e sim, sobretudo, um problema de expressão”⁷³. Caberia ao professor/mediador facilitar a expressão individual por meio não apenas da competência lingüística, assinalada por Kaplun, mas

71 LIMA, Venício Artur de. *Comunicação e cultura: As idéias de Paulo Freire*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2ª ed, 1981.

72 KAPLUN, Mario. *Comunicação & Educação*, São Paulo, 1999 p.73

73 GUTIERREZ, F, PRIETO CASTILHO, D. *A mediação pedagógica*. Campinas, Papirus, 1994.

também de outras competências como artística, corporal, musical, espacial, inter e intrapessoal. Competências contempladas nas possibilidades de intervenção do campo da educomunicação.

Nas modernas teorias da aprendizagem, a linguagem desempenha uma função imprescindível. Segundo estas teorias, uma aprendizagem que leve à compreensão culmina com a aquisição e incorporação, por parte do educando, dos símbolos lingüísticos representativos dos conceitos adquiridos. A linguagem pode ser expressa sob várias formas e sentidos.

Por outro lado, a deficiência comunicativa pode causar uma série de problemas que resulta no sub aproveitamento das possibilidades de ensino/aprendizado. Portanto, um planejamento de ações baseado na gestão comunicativa teria como objetivo, além de aumentar o coeficiente comunicativo dentro da escola, levar para a sala de aula os resultados positivos dessa prática.

Segundo Hegel quando faltam as palavras falta o pensamento. Se não se conhece o significado elementar das palavras, não se pode ampliar a definição dos termos, levando em consideração o contexto. Quem define mal, significa mal. Quando falham as definições elementares é porque se produziu uma má apropriação da linguagem.

Para Gutierrez, a capacidade expressiva é um conquista que, nem a sociedade, nem a escola oferecem gratuitamente. Quando faltam as palavras, falta também a liberdade. A capacidade expressiva significa um domínio do tema (significado) e da matéria discursiva (significante), e manifesta-se por meio de clareza, coerência, segurança, riqueza, beleza, no manejo das formas das diferentes linguagens.

9 - A Educomunicação abrindo caminhos e possibilidades

Nossa abordagem aponta para pontos comuns, e para um consenso na produção de conhecimento de autores, que frisam a necessidade de uma alteração nos processos formais de educação, levando-se em consideração as alterações das condições de ensino/aprendizagem. Temos, certo, que a cultura midiática, formada pelos meios de comunicação, jogos eletrônicos e inúmeras possibilidades de acesso às informações e às formas de comunicação

influenciam sobre maneira na construção do pensamento, e na alteração dos sentidos.

Neste contexto, surge o conceito de Educomunicação, solidificado pelo professor Ismar de Oliveira Soares, que se configura como uma possibilidade de alteração das práticas educacionais e comunicacionais. A Educomunicação é um conceito teórico, que possui uma metodologia para a sua prática, tanto que foi aplicada em grandes projetos nas redes públicas do município de São Paulo, com o Educom.rádio, do estado de São Paulo, com o Educom.TV, e junto ao governo federal, com o Educom Centro Oeste.

A Educomunicação tem como um de seus fundamentos a teoria das mediações, que estabelece como um de seus princípios a existência do receptor ativo, apto a pensar, dialogar, interpretar e produzir.

A Educomunicação, conceito que abordaremos mais detidamente no Capítulo IV, valoriza os princípios da democracia, da liberdade e da formação de indivíduos críticos, produtivos e criativos, aos quais não deve ser negado o direito de falar e de agir.

Capítulo IV

Educomunicação e a relação dos campos da educação e da comunicação

...Si en los inicios de la modernidad la cultura “racional” y letrada tuvo que enfrentar el poder territorial de las brujas, podría decirse que hoy la “brujería” se ve encarnada en los medios, que representan a un poder fascinante y misterioso que pone en tela de juicio el poder de la escuela y los docentes. Jorge Huergo⁷⁴

74HUERGO, Jorge. *Cultura Escolar, cultura Mediática/Intersecciones*. Bogotá, Universidad Pedagógica Nacional, 2000. p. 46.

1. O campo da Educomunicação

A aproximação dos campos da educação e da comunicação foi constatada com a contribuição teórica de educadores como Célestin Freinet e Paulo Freire, além de filósofos da comunicação como Jesús Martín-Barbero e Mário Kaplún. O Núcleo de Comunicação e Educação – NCE - da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob a coordenação do professor Ismar de Oliveira Soares, trabalha com a hipótese central de que um novo campo de intervenção já se formou, conquistou autonomia e encontra-se em franco processo de consolidação, o campo da Educomunicação, denominação já dada por Káplun, que o professor Ismar irá ressemantizar mediante a sua longa trajetória no estudo das áreas epistemológicas e de aplicação em projetos práticos.

As possibilidades abertas pela democratização progressiva da América Latina, a acessibilidade às novas tecnologias, o aumento progressivo das mídias, gerado pelo desenvolvimento industrial, assim como as transformações no campo da educação, favoreceram a inter-relação dos campos da educação e da comunicação. O trabalho feito por centenas de educadores e comunicadores, que nas suas práticas cotidianas, motivaram novos estudos na área, que pudessem entender as novas relações que passaram a ser desenhadas. O pesquisador brasileiro Ismar de Oliveira Soares vivenciou esta trajetória, e ao longo de 35 anos dedicados aos campos da comunicação e educação, construiu sua teoria sob os pressupostos metodológicos dialéticos desse processo de inter-relação, tendo estudado profundamente o pensamento americano sobre o tema, através de um levantamento bibliográfico, além, sobretudo, de participar ativamente da construção do campo, produzindo e organizando eventos científicos relacionados ao tema. Cabe ressaltar, também, a participação do pesquisador em programas de formação que envolveram professores, alunos, comunicadores, assim como profissionais das mais variadas áreas, que se envolveram em atividades que relacionavam os campos da comunicação e educação. Dos anos 70 aos anos 90, Ismar esteve envolvido com projetos na área da “educação para a comunicação”, nos anos 90, na área das “mediações tecnológicas em espaços educativos” e dos anos 80 aos anos 2.000, na “gestão

da comunicação na educação”, justamente as áreas em que subdividem o campo da educomunicação descrito pelo próprio Soares.

Em termos de pesquisa, o professor Ismar buscou compreender a natureza das relações entre a Comunicação e a Educação, no Brasil, América Latina e Estados Unidos, descobrindo que estamos diante de uma nova perspectiva de ver emergir, pelo esforço de grupos organizados da sociedade civil, entre os quais se destacam as Organizações Não Governamentais, os centros culturais e parte do chamado “terceiro setor”, uma forma diferenciada e epistemologicamente autônoma de ações humanas, alicerçada na prática do uso cidadão das tecnologias da informação, voltada para a garantia do direito universal à expressão por parte de cada membro da sociedade, em condições de revolucionar a educação em suas bases, quaisquer que sejam os relacionamentos entre os pólos dos processos pedagógicos, professores, alunos e membros da comunidade escolar.⁷⁵

2 - Aproximações dos campos

A formulação de políticas latino-americanas sobre o uso da mídia e das tecnologias da informação, com finalidade educativa, tem sido sistematizada durante as três últimas décadas, com abordagens distintas.

As aproximações do campo da educação e da comunicação foram feitas por Mário Kaplún, quando distinguiu o que ele chamou de tipos de Comunicação Educativa, sistematizando os paradigmas pelo tipo de concepção pedagógica, forma de relação comunicativa, grau de participação e ênfase no modelo de educomunicação e dos elementos do sistema de educação e comunicação. Kaplún estabelecerá três modelos, que abrangem tanto a educação formal, como não formal: o modelo bancário, o modelo dos efeitos e o modelo transformador.

A educação bancária pode ser qualificada como um tipo de educação informacionista, onde o receptor é imaginado como um sujeito vazio, como depósito da informação e do saber. No modelo dos efeitos, a

75 SOARES, Ismar de Oliveira. Texto introdutório de projeto de pesquisa. Arquivos do NCE/USP.

implementação de métodos ativos se justificariam pela eficácia. Este modelo se inspira na cibernética de primeira geração, integrando as ciências da informação e as disciplinas de aprendizagem ao processo de modernização do sistema de ensino⁷⁶.

O terceiro modelo, o dialógico e transformador, defende a organização do ensino aprendizagem em torno dos meios, de modo que a educação possa favorecer o trabalho metódico com os canais de acesso ao saber e ao conhecimento, articulando uma apreensão significativa da realidade em processo e em constituição. Identificado por Kaplún, a partir de Paulo Freire, este terceiro modelo está centrado no processo, e não no resultado, concebe a educação como processo gerador de sentido, favorece uma apreensão da realidade antecipadora, participativa e contextualizada.

Pelos paradigmas propostos por Sierra e Kaplún é possível traçar algumas aproximações conceituais no que diz respeito à forma como a educação e a comunicação são vistas ou pensadas. O modelo dialógico de Kaplún valoriza conceitos existentes na perspectiva cultural de Sierra. A educação bancária está próxima do modelo informacionista de Sierra, que chega a usar em alguns momentos em seu texto a palavra educomunicação.

Os modelos de educação e comunicação bancária e dos efeitos seguem um método unidirecional e primam por uma concepção instrumental do conhecimento. Na perspectiva dialética, ao contrário, domina uma visão dialógica, que produza um sistema participativo, autônomo, capaz de incluir todas as modalidades possíveis de comunicação – a individual, grupal, horizontal, vertical, oral, escrita e transversal.

3 - Como capitalizar o conhecimento

Apoiado em Kaplún, Francisco Sierra chama de “Comunicação Educativa” a inter-relação Comunicação/Educação. Para o autor, o estudo da comunicação e da educação coloca em jogo uma diversidade de conceitos, modelos e estratégias de integração, dificilmente sistematizáveis para

76 Modelo condutivista baseado na teoria de Skinner.

a ordenação do campo da Comunicação Educativa. A mesma distinção teórica dos paradigmas apontados para Comunicação Educativa aparecem na teoria da comunicação e estariam divididos em duas linhas principais: a informacionista de orientação instrumental e a cultural, de base interpretativa.

A linha informacionista de orientação instrumental é dominada por uma perspectiva logocêntrica da educação e da comunicação e uma racionalidade instrumental, do culto do saber fragmentado e utilitarista e da cultura em mosaico difundida pelo sistema massivo de informação. A cultural de base interpretativa propõe uma integração contextualizada e local dos meios, sistemas e recursos de informação e aprendizagem, a partir das necessidades, características e hábitos culturais dos grupos destinatários da nova educação tecnológica.

Jorge Huergo⁷⁷ aponta duas vertentes em que estaria dividido o modo de agir de professores nas escolas, a vertente moralista e a vertente progressista.

A vertente moralista, identificada, inicialmente, por Ismar de Oliveira Soares⁷⁸, seria uma visão embasada na moral e nos bons costumes, defendida por setores mais tradicionais, que defendem a hegemonia de determinados comportamentos. Os meios e a indústria cultural são apontados como deformadores. São sistemas educativos que denunciam a confusão e a degradação cultural provocada pelos meios, dentro de princípios morais, incluindo temas como sexo, drogas, violência.

A vertente progressista caminhará para uma resignificação da vertente moralista, não estagnando em concepções morais, mas, ampliando a leitura para questões como a invasão cultural, a dependência, o imperialismo, a sociedade de consumo, estando de certa forma baseada na concepção frankfurtiana da manipulação exercida pelos meios. Esta concepção está fortemente arraigada na formação, na consciência e na prática de muitos educadores populares, influenciados também pelo pensamento de Paulo Freire.

77 HUERGO, Jorge A. *Cultura Escolar, Cultura Mediática/ Intersecciones*. Santa Fé de Bogotá, Universidad Pedagógica Nacional, 2000. p.45 e 46.

78 SOARES, Ismar de Oliveira. A contribuição das ciências sociais para a avaliação dos projetos de educação para a comunicação. Tese de Livre docência, São Paulo, ECA/USP, 1990.

Em sua tese de livre docência, na ECA/USP, Ismar de Oliveira Soares divide em três vertentes o pensamento e a prática da leitura da mídia ou da educação para a comunicação. Além da ênfase na recepção crítica dos meios, denominada de “vertente funcional-moralista”, onde os receptores devem estar preparados para combater as mensagens contrárias aos códigos morais vigentes, Soares lembra a existência, ainda, da vertente funcional-culturalista e da vertente dialético-indutivo-popular.

4 - A vertente funcional-culturalista

Segundo o professor Ismar, nesta vertente, se trabalha com os meios, com a comunicação midiática, mas se ignora a relação entre os meios, a sociedade e o poder. A comunicação seria mais uma disciplina na educação escolar. Exemplos desta prática podem ser observados na prática da Association for Media Literacy, em Toronto, Canadá. Huergo adverte que nesta linha desenvolvem-se trabalhos supostamente críticos, porque os alunos seriam incentivados a interpretar as mensagens dos meios.

A vertente funcional-culturalista defende que é necessário transmitir conteúdos sobre a forma de funcionamento dos meios, sua influência na sociedade moderna para que o aprendiz se transforme em sujeito crítico e ativo frente aos meios. Esta vertente defende o princípio de que o receptor estaria vacinado da massificação comunicacional, caso soubesse como a mídia funciona e como é produzido o conteúdo veiculado.

5 - A vertente dialético-indutivo-popular de educação para a comunicação

O modelo se define como “dialético” porque os processos de comunicação se reelaboram continuamente, invertendo, na prática, o papel de emissores e receptores; “popular”, porque produzida pelos próprios leitores e usuários da comunicação, a partir de seu lugar social e político (a leitura crítica, no caso, não é feita por parâmetros oferecidos pela própria mídia ou pela

educação tradicional de cunho moralista, mas pela perspectiva dos grupos populares, em suas relações com o poder) estabelecido na sociedade através da mídia. É o “aprender, fazendo”, mesmo que o conteúdo da aprendizagem seja a elaboração de critérios para a leitura. Nesta vertente, as crianças ou alunos não seriam apenas receptores críticos, mas, poderiam se converter em produtores. É uma proposta mais abrangente, que evidencia a importância dos receptores tornarem-se produtores de conteúdos nas salas de aula, em casa ou em suas comunidades.

Com os avanços tecnológicos e o barateamento dos equipamentos que possibilitam a expressão pessoal, esta prática estaria ao alcance das escolas públicas com poucos investimentos.

Segundo esta vertente, a prática da produção de conteúdos, de elaboração de imagens, de tratamento de sons e de elaboração de textos ou mesmo toda a prática da expressão comunicativa através das artes, como ocorre no teatro, abre caminhos para a construção de autênticos ecossistemas comunicativos, caso haja a intencionalidade de convergir os esforços em torno de uma gestão democrática dos processos. Porém, para que esta prática avance é essencial que pais, professores, membros da comunidade, ou seja, os mediadores estejam dispostos a fazer florescer as iniciativas, para tanto, é preciso formar estes mediadores para que eles possam acompanhar como facilitadores desta nova prática comunicativa.

O professor Ismar de Oliveira Soares entende que a criação e o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos mediados pelos processos de comunicação e suas tecnologias representa um avanço nas teorias e práticas da educação para a comunicação. Trata-se da construção do campo da Educomunicação, assim definido por Soares:

Definimos, assim, Educomunicação como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais (tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativos, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação à distância “e-learning”, e outros...)

assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem.⁷⁹

Segundo Soares, é preciso haver uma prática educomunicativa no sistema escolar, para que os professores estejam preparados para mediar os conteúdos dos meios de comunicação, visando uma efetiva participação do aluno – participação crítica, cidadã e produtiva – que leve não só ao processo de aprendizado mais efetivo, mas a uma prática solidária. Muito longe, pois, da tendência simplesmente tecnicista de uso dos meios que ganhou largo espaço no sistema educacional em todo o mundo.

6 - A Educomunicação como campo de intervenção

A hipótese central das pesquisas de Ismar de Oliveira Soares, desde a década de 90, aponta para a constituição, autonomia e para o processo de consolidação de um novo campo epistemológico e de intervenção social, formado pela inter-relação Comunicação e Educação, identifica pelo autor como Educomunicação.

Os novos protagonistas deste campo inter-relacional são denominados educomunicadores. O pesquisador passa a organizar, então, através de sua ação junto ao NCE/USP, uma nova forma de referenciar o fenômeno estudado e seus atores, com o objetivo de redimensionar as identidades e o reconhecimento social e profissional.

Assim a Educomunicação não será vista apenas como uma nova disciplina a ser acrescentada nos currículos escolares; ao contrário, ela está inaugurando um novo paradigma discursivo transversal, constituído por conceitos transdisciplinares.⁸⁰

79 SOARES, Ismar de Oliveira. "Educomunicação: As perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social.", in *Revista ECCOS*. São Paulo, Centro Universitário Uninove. V.2, n2, dez.2000. p.63-64.

80 SOARES, Ismar de Oliveira. "Educomunicação: Um Campo de Mediações". In *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, USP, n.19, jan./mar.2000. p.21

A disciplina como conceito que nos interessa aqui, diz respeito ao conjunto das prescrições ou regras destinadas a manter a ordem e regularidade no processo de abordagem do conhecimento⁸¹, metodologia contrária ao que contempla a Educomunicação, que se utilizará de métodos pelos quais as informações e os resultados das combinações destas informações e abordagens ultrapassam o campo de várias disciplinas, excedendo o quadro das abordagens metodológicas de cada uma. A transdisciplinaridade sugere um excedente em tudo o que as demais metodologias podem aportar para o conhecimento humano. Como afirma Ismar:

...a Educomunicação utiliza-se da inter, da multi e da pluridisciplinaridade, tendo as disciplinas da Comunicação, da Educação, da Biologia, da Lingüística e Filologia, da Psicologia, da Economia, da Política e outras como suas tributárias.⁸²

A segunda hipótese, levantada por Ismar, aborda o modo processual pelo qual se estrutura a Educomunicação, por sua natureza relacional de mediações, transdisciplinar e interdiscursiva, que vem sendo vivenciada por atores sociais - os educadores - através de áreas concretas de intervenção social. A estruturação em modo processual remete à sua própria concepção epistemológica, que recorre ao materialismo dialético, em que se estabelece que o conhecimento não seja um reflexo simples, passivo e inerte da realidade, mas um processo complexo e regido por leis. Assim, o conhecimento só pode ser verdadeiramente pesquisado e referenciado através das práticas sociais onde se concretiza, utilizando os sentidos, extraindo as informações e qualidades dos processos e objetos através da razão e da intuição, pelo entendimento ativo e intelectual.⁸³

A interdiscursividade, vale dizer, o diálogo com outros discursos, é a garantia da sobrevivência do novo campo e de cada uma das áreas de intervenção, ao mesmo tempo que vai

81 KORTE, Gustavo. *Introdução à metodologia transdisciplinar*. São Paulo, NEST, 2000. p. 26.

82 SOARES, Ismar de Oliveira. "Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais". In *Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação*. Brasília, UNB, jan/mar. 1999. p.68.

83 Id., Ibid. 1999. p.69.

permitindo a construção de sua especificidade. Este interdiscurso é multivocal e o seu elemento estruturante é a polifonia. A alteridade é a dimensão constitutiva deste palco de vozes que polemizam entre si, dialogam ou se complementam.⁸⁴

Como terceira hipótese, Soares reconhece que o campo da Educomunicação se materializa em algumas áreas de intervenção, das quais trataremos à frente, onde intervêm educadores, em papéis distintos pela formação acadêmica e pelos procedimentos, ou seja, pela forma de agir e de pensar.

7 - A Educomunicação e sua aplicação

As possibilidades de intervenção do campo da Educomunicação formam a terceira hipótese, e foram divididas por Soares em cinco áreas que podem se sobrepor ou se complementar.

1ª) Área da educação para a comunicação. Prepara alunos e profissionais da educação para que tenham uma visão crítica dos meios de comunicação, tornando-os capazes de uma recepção ativa e contestadora. Neste caso, intensifica-se o estudo dos componentes do processo comunicativo, como as funções do emissor e do receptor, estudo sobre as mensagens e sobre a produção de conteúdos. Os programas e vertentes ideológicas que geram ações voltadas para a promoção de ações educativas e para o entendimento das mídias e suas linguagens, descortinando as estruturas políticas hegemônicas e seus discursos.

2ª) Área da mediação tecnológica. Compreende o uso das tecnologias da informação nos processos educativos. O desenvolvimento e os baixos custos das novas tecnologias permitem aos alunos transformarem-se em produtores de conteúdos, durante práticas de ação comunicativa, que seriam um conjunto de procedimentos voltados para criar o que Martín-Barbero define como “ecossistemas comunicativos”. Barbero afirma que para enfrentarmos o desafio tecnológico devemos estar conscientes de dois tipos de dinâmicas que

84SOARES, Ismar de Oliveira. “Educomunicação: Um Campo de Mediações”. In *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, USP, n.19, jan./mar.2000. p.22.

movem as mudanças na sociedade: a incidência das tecnologias tradicionais e o impacto das novas tecnologias na vida em sociedade _ "desde o cartão magnético que substituiu ou dá acesso ao dinheiro até as grandes rodovias da Internet - gerando sensibilidades novas, muito mais claramente entre os jovens".⁸⁵

Quando o aluno passa de um simples receptor a um produtor midiático, e como tal torna-se um emissor de conteúdos, essa mudança provocará um grande deslocamento de significados. Essa alternância de papéis só é possível graças ao desenvolvimento tecnológico que disponibiliza os meios técnicos para a produção. O computador, diferentemente da televisão e do rádio, "possui em si mesmo os meios de produção de que o pequeno produtor cultural – o professor e o aluno – necessitam para seu trabalho diário".⁸⁶

3ª) Área da gestão da comunicação no espaço educativo. Essa área está voltada para o gerenciamento dos recursos envolvidos em processos comunicacionais. É a área do planejamento, aplicação e avaliação de políticas de comunicação/cultura e educação, tendo como objetivo a criação de ecossistemas comunicativos que funcionem com a mediação das novas tecnologias e de processos comunicacionais.

A gestão comunicativa busca ampliar o coeficiente comunicativo das ações humanas, o que significaria uma maior interação entre indivíduos e uma maior possibilidade de criação. Ela enfatiza, entre outras coisas, a comunicação dialógica, que escuta a voz do outro, lhe garantindo espaço, hora e vez, os conceitos éticos de cidadania e responsabilidade social, e a formação de receptores e de produtores ativos, criativos e críticos.

A gestão da comunicação pode ser desenvolvida nos espaços formais e não formais ligados à educação, em rádios e televisões educativas, em editoras, centros culturais, secretarias de educação, secretarias de cultura, organizações não governamentais, sites, entre outros locais. A

85 Id., Ibid. 2002. p.19.

86 SOARES, Ismar de Oliveira. "Gestão comunicativa e educação: Caminhos da educomunicação". In *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, Editora Salesiana, nº. 23, 2002, p.22.

emergência do Terceiro Setor na economia mundial, como articulador das responsabilidades sociais engajadas nos processos produtivos influenciou, diretamente, a área da gestão comunicativa nos processos educativos.

4^a) **Área da expressão comunicativa.** Tem como objetivo promover a inclusão comunicativa por meio das tecnologias e das artes e dar poder de voz aos agentes envolvidos nos processos comunicacionais. Na verdade, a mídia tem sabido usar a arte como forma de expressão comunicativa para garantir e disputar audiência. No caso da educação, para os estudantes do nível fundamental e médio, a apropriação dos recursos da comunicação como a produção de um jornal mural e a elaboração de um programa de rádio garantem motivação suficiente para que ocorra uma expressão artística em profundidade.

5^a) **Área da reflexão epistemológica.** Reúne as pesquisas e os pesquisadores que sistematizam as experiências na área, construindo referenciais teórico-metodológicos que permitem o diálogo entre os construtores do novo campo. Somente no programa de pós-graduação da ECA/USP são mais de 55 os trabalhos produzidos dentro desta linha de pesquisa desde a difusão dos resultados da pesquisa do NCE sobre o campo da educomunicação, em 1999.

As pesquisas apontam que a Educomunicação influencia-se dos fundamentos dos campos da educação, da comunicação, das ciências sociais e de muitos outros campo das ciências humanas, uma vez que a interdisciplinaridade é um dos seus suportes acadêmicos.

8 - Definição

Para Ismar de Oliveira Soares, a Educomunicação é definida:

... como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das

ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem.⁸⁷

A definição de Educomunicação frisa o objetivo de sua aplicação prática, que é criar ecossistemas comunicativos e ampliar a ação comunicativa entre os indivíduos. O autor evidencia, desta maneira, a valorização do diálogo, da troca, do poder falar e se fazer ouvir, respeitando as diferentes visões de mundo e contemplando o universo interdiscursivo. As mediações articulam o cenário e as ações onde as práticas acontecem.

Para o autor, a necessidade da criação de verdadeiros ecossistemas comunicativos nos espaços educativos, é essencial para que se cuide da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como, do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação⁸⁸.

O conceito de ecossistema foi delineado pela Biologia, nos meados do século XX, para designar o conjunto constituído por um grupo de seres vivos de diversas espécies e por seu meio ambiente natural. É estruturado por interações entre seres vivos que exercem uma troca de energia uns sobre os outros e que interagem com seu meio⁸⁹. Do conceito de ecossistema desenvolvido pelos biólogos, é importante ressaltar a relação de trocas e a interdependência entre seres diferentes, que acontece em variados níveis; ressalte-se, ainda, que ecossistemas maiores podem conter ecossistemas menores.

Jesús Martín-Barbero irá servir-se do conceito criado pela biologia e articulá-lo à idéia de ecossistema comunicativo, não apenas conformado pelas tecnologias e meios de comunicação, mas também pela trama

87 SOARES, Ismar de Oliveira. "Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação". In *Revista Comunicação e Educação*. São Paulo, Salesiana, nº. 23, 2002, p.24.

88 Id., Ibid.2002. p.25.

89 Tricart, J. Ecodinâmica. Rio de Janeiro. IBGE, 1977. (2) Soares, Ismar de Oliveira.

Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social, o caso dos Estados Unidos. Revista

de configurações constituída pelo conjunto de linguagens, representações e narrativas que penetra nossa vida cotidiana de modo transversal.⁹⁰

A preocupação de Barbero é com o desafio de “como inserir na escola um ecossistema comunicativo, que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto”⁹¹. É justamente nesta direção que trabalham o prof. Ismar de seu grupo de pesquisadores do NCE/USP.

9. A Educomunicação e a teoria das mediações

A Educomunicação é um conceito teórico que surgiu da prática de educadores, comunicadores e de pessoas relacionadas, de alguma forma, aos mundos da educação e da comunicação, que perceberam as potencialidades que os meios de comunicação e as novas tecnologias de informação e de comunicação poderiam trazer para o mundo escolar.

Os processos de ensino-aprendizagem tanto dentro quanto fora da escola precisam propiciar formas e maneiras de expressão, que serão tão mais eficientes, quanto o ecossistema comunicativo permitir. Trata-se de buscar formas de expressão mediante as diferentes linguagens, o que nos parece bem fácil de entender, compreender e justificar, mas muito difícil de implantar, tanto na escola, devido a sua estrutura tradicional já pontuada, quanto fora delas, seja nos lares, ou nos espaços de educação não formal, levando em conta o modelo iluminista que gerencia o imaginário dos responsáveis pelas práticas educativas.

A prática tem demonstrado que os espaços não formais são, geralmente, os primeiros a ousar novas experimentações e, invariavelmente, saem na frente da escola. Entretanto, nem sempre possuem sustentação teórica para orientar os processos práticos, ficando, na maioria das

90 BARBERO, Jesus-Martin “Comunicação e Mediações culturais”, in Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo, vl.XXIII, n. 1, jan/jun. 2000.

91 BARBERO, Jesus-Martin 1996 – SITE EDUCOM.RÁDIO SOBRE ECOSSISTEMA COMUNICATIVO, <http://www.usp.br/educomradio/>

vezes, à mercê da boa vontade e da iniciativa de diretores e agentes culturais contratados, muitas vezes impregnados da cultura do oficinismo, de cunho funcionalista, quanto o tema em questão é uso dos recursos tecnológicos, na educação, fato que, em último caso, apenas reforça práticas antigas com alguma nova roupagem que lhe garante brilho fugaz.

Segundo o professor Ismar de Oliveira Soares, a teoria que sustenta a educomunicação se opõe diametralmente ao funcionalismo, optando pela contribuição teórica que nos chega com as reflexões sobre as práticas das mediações culturais.⁹² No caso, a teoria das mediações é que traz o embasamento teórico e metodológico indispensável para o desenvolvimento do campo educ comunicativo. No próximo Capítulo, trataremos as diferentes abordagens do conceito mediação, para chegarmos ao conceito apropriado pela educomunicação, o qual nos servirá de referencial para a nossa pesquisa.

92 - Entrevista com o Professor Ismar de Oliveira Soares em 12/09/06.

Capítulo V

O complexo mundo das mediações

“O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”, Paulo Freire.⁹³

⁹³FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, ed.36ª, 1996. p. 136

1. Introdução

A educomunicação toma como base a teoria das mediações e a existência do receptor ativo, que trabalha as informações que recebe, a elabora e reelabora, produzindo sua própria visão de mundo. Neste cenário, onde o receptor é ativo, está aberto o espaço para o mediador e as múltiplas mediações, que influenciam o campo dos sentidos. Como nossa pesquisa centrará especial atenção sobre a mediação, o papel e a influência do mediador, no caso em questão no Projeto Educom.rádio, desenvolvido e implantado pelo Núcleo de Comunicação e Educação, ECA/USP, optamos por destacar como as teorias das mediações e os conceitos do receptor ativo e das múltiplas mediações vem sendo trabalhado por diferentes autores e incorporados para a prática educacional.

Incluiremos também nesta abordagem uma análise macro das mediações, onde trabalharemos os conceitos de hegemonia e dialética, e uma abordagem interpessoal e intrapessoal, na tentativa de elucidarmos como estes processos de mediação se dão entre o receptor, seu grupo e na relação entre eles, cotidianamente.

2. Evolução conceitual

O lingüista russo Vygotsky chegou a uma definição de mediação quando fez uma aproximação entre o problema evolutivo da mente humana através da metodologia do materialismo histórico-dialético. Vygotsky afirma que a relação do ser humano com o meio ambiente é mediada, sendo que o próprio não tem acesso direto aos objetos, mas aos sistemas simbólicos que representam a realidade⁹⁴. Por esta razão, seria grande a valorização da linguagem, como sistema simbólico hegemônico da sociedade. Os estudos de Vygotsky representaram uma mudança paradigmática aos estudos psíquicos. O ser humano foi contextualizado histórica e socialmente, estudado

94 REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Rio de Janeiro, Vozes, 1995, p.102.

dialeticamente com relação às leis de sua evolução biológica associadas às normas e vivências de seu desenvolvimento sócio histórico. Para gerar a designação da mediação, como termo definidor da negociação do capital simbólico da humanidade, Vygotsky trabalhou o conceito que atribuiu a Engels, sobre o trabalho humano e o uso de instrumentos, estendendo a concepção de mediação a interação homem-ambiente, pelo uso de instrumentos simbólicos.⁹⁵ Além de negociar os conhecimentos acumulados e organizados pela sociedade, a mediação ainda é responsável pela regulação da transmissão destes conhecimentos, que estarão vinculados culturalmente a diversos fatores sociais presentes nas relações humanas e nas instituições sociais.

A capacidade única do ser humano em processar diferentes sistemas de signos, assim como, de acumulá-los, memorizá-los e mediá-los entre a sua coletividade, constituiria a herança cognitiva que forma o patrimônio da cultura, transformador do ambiente humano.

Seguindo o grupo social para o conhecimento individual através da mediação, a cultura de uma criança irá evoluindo em um processo de simulação e internalização, no qual a criança irá explorando o universo simbólico, assistida por outros seres humanos mais velhos, por seus iguais, por crianças mais jovens, pelas linguagens das mídias em seus diferentes suportes.⁹⁶

Vygotsky descreve a aprendizagem infantil, quando ocorrem as mediações da infância como “zona de desenvolvimento proximal”, que se constitui na:

...distância entre seu desenvolvimento real, determinado com a ajuda de tarefas solucionadas de forma independente, e o nível de seu desenvolvimento potencial, determinado com a ajuda de tarefas solucionadas pela criança, com a orientação de alunos e em cooperação com seus colegas mais capazes.⁹⁷

95 SOUZA, Solange Jobim. *Infância e Linguagem: Baktin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, Papirus, 1994, p.125.

96 BARI, Valéria Aparecida. Dissertação de mestrado “Por uma epistemologia do campo da Educomunicação: A inter-relação Comunicação e Educação pesquisada nos textos geradores do “I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação”, ECA, USP, 2002.

97 VEER, René Van Der. *Vygotsky: uma síntese*. São Paulo, Unimarco/Loyola, 1998.

Vygotsky desenvolveu dois conceitos de mediação, a mediação simbólica e a mediação semiótica. A mediação simbólica prega que, ao mesmo tempo em que o texto representa um enunciado, representa também uma construção individual, onde estão implicados as intenções e a identidade de quem o produz, assim como, um suposto lugar social identificado na produção e na recepção. A mediação semiótica se constituiria em um aprofundamento conceitual da mediação simbólica, está vinculada às situações concretas em que este texto será recebido, ressignificado e apropriado em seus conceitos e significados, sob uma determinada modalidade de comunicação, uma mídia e sua linguagem, numa dada esfera pública ou privada, em uma situação concreta, sob determinada intenção de mediadores e mediados, incluída de gestos e elementos reiterativos da linguagem utilizada e não reiterativos. Destas duas aproximações, vinculadas à inter-relação educação comunicação, irão derivar estudos nos dois campos.

3. A mediação cultural de Gramsci

Gramsci, nascido na Itália no ano de 1884, irá trabalhar o conceito de mediação relacionado à cultura. Para Gramsci, a definição de escola deveria abranger as estruturas materiais como o prédio, as instalações e os objetos, onde se desenvolviam as práticas da educação formal e também toda a organização onde era desenvolvida a cultura⁹⁸.

Para ele, a escola se identificava como um ambiente onde se desenvolvia uma prática educativa, com a intenção de determinado indivíduo ou grupo de mediar organizadamente sua cultura. A principal motivação de Gramsci era que todos os indivíduos e grupos sociais deveriam participar da produção e fruição de bens culturais⁹⁹, na formação do processo econômico, o que caracterizou como a revolução cultural pregada pelo materialismo dialético.

Gramsci tinha uma visão crítica sobre as limitações da sala de aula, como um ambiente para as vivências educativas e comunicativas, de

98 JESUS, Antônio Tavares de. *O pensamento e a prática escolar de Gramsci*. Campinas, Editores Associados, 1998. p.117.

99 Id., Ibid.1998. p.117.

mediações culturais. Exemplificando seus pressupostos através da concepção escolar humanista, Gramsci aponta que a sala de aula exclui e antagoniza o mundo exterior, assim como, discrimina socialmente os educandos que trazem características socialmente notáveis para o seu interior.

Gramsci irá utilizar as mídias como o jornal impresso, a correspondência e programas de rádio, para organizar estudos para agremiações de jovens, sindicatos ou mesmo a organização de estudos de suplência para a comunidade carcerária, promovendo desta forma a educação presencial e também à distância. A noção de sala de aula excludente e antagonista na Itália é justificada principalmente por dois motivos: pela dificuldade do ensino da língua Italiana, gerada pelos dialetos típicos e pela absoluta falta de uma política pedagógica, que tratasse do problema do analfabeto adulto com a devida seriedade. Jesus Martin-Barbero irá ampliar o conceito de mediação cultural de Gramsci para modificar os pressupostos teóricos das investigações no campo da teoria da Comunicação. A investigação da comunicação deve transferir-se de uma observação de tecnologias das mídias e seus suportes, para a questão das mediações, ou seja, das mídias sob o ponto de vista de suas linguagens, das articulações entre as práticas de Comunicação e suas articulações sociais, envolvendo a situação, o processo e o debate¹⁰⁰.

4. Teoria das mediações por Barbero

As teorias das mediações, que têm em Martín-Barbero um de seus precursores, provocaram uma revisão conceitual e programática, uma vez que apontam não apenas para os efeitos dos meios de comunicação sobre as massas, mas também para os resultados de uma mediação provocada por receptores individuais e coletivos, organizados em escolas, igrejas, sociedades amigos de bairro, entre outros, que transformaria o potencial da comunicação, pensada por Barbero não como algo estático, mas em processo.

Segundo Barbero, Walter Benjamin foi o primeiro a vislumbrar a mediação fundamental que permite pensar historicamente a

100 BARBERO, Jesus-Martin. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro, Editora URFJ, 2ª ed. 2001, p.17

relação da transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura, ou seja, as transformações do sensorium e dos modos de percepção e da experiência social.¹⁰¹

Para Barbero a comunicação tornou-se uma questão de mediações, mais do que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimento, mas também de reconhecimento. A cultura passa a pertencer ao espaço estratégico de hegemonia, e como tal, media as relações entre as sociedades e os sujeitos. Media, também, o cotidiano, a vida na escola, nas instituições, nos bairros, nos locais de trabalho. Barbero afirma:

Os dispositivos da mediação de massa acham-se assim ligados estruturalmente aos movimentos no âmbito da legitimidade que articula a cultura: uma sociabilidade que realiza a abstração da forma mercantil na materialidade tecnológica da fábrica e do jornal, e uma mediação que encobre o conflito entre as classes produzindo sua resolução no imaginário, assegurando assim o consentimento ativo dos dominados. Essa mediação e esse consentimento, no entanto, só foram historicamente possíveis na medida em que a cultura de massa foi constituída acionando e deformando ao mesmo tempo sinais de identidade da antiga cultura popular e integrando ao mercado as novas demandas das massas.¹⁰²

É como se os sentidos fossem sendo misturados e reconfigurados, dando voz e promovendo, de certa forma, a expressão de setores que constituem o que usamos chamar de massas. Existe uma apropriação e uma releitura sobre o cotidiano. Isto só é possível devido à existência dos meios do ponto de vista tecnológico e graças à existência das mediações do ponto de vista dos conteúdos produzidos e divulgados.

Barbero define que, “o campo daquilo que denominamos mediações é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade.”¹⁰³

101 BARBERO, Jesus-Martin. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro, Editora URFJ, 2ª ed. 2001, p.84

102 Id., Ibid.2001, p.28

103 BARBERO, Jesus-Martin. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro, Editora URFJ, 2ª ed. 2001, p. 274.

A análise de Barbero não se reduz ao esquema emissor, mensagem e receptor, até porque este esquema muito funcional e auto-explicativo ignora o campo onde as relações acontecem e ignora também a análise da comunicação como processo onde o receptor tem um papel ativo e difícil de mapear, pois, é composto por uma série de influências que dizem respeito sobre o seu lugar no mundo em aspectos macro e micro.

A primeira abordagem de Barbero sobre o conceito de mediação foi feita sob uma perspectiva cultural. Em seus textos mais recentes apresenta as mediações como processos estruturantes marcados pela sociabilidade, tecnicidade e ritualidade.

Para Barbero, o desenvolvimento tecnológico e a conseqüente proliferação dos meios de comunicação de massa impuseram a transformação da materialidade técnica em potencialidade socialmente comunicativa. O crescente aumento da acessibilidade aos meios, desde o barateamento dos televisores e rádios, meios que chegaram à maioria das casas na América Latina, até a possibilidade da TV a cabo, acessível apenas para as classes mais abastadas, assim como, os computadores domésticos impõem, no campo social, grandes alterações, uma vez que estes meios veiculam informação, entretenimento, mas principalmente visões de mundo, que se misturam a capilaridade de cada usuário.

As modalidades de comunicação que os meios inauguram só foram possíveis graças à tecnologia que também neste sentido possibilitou mudanças na vida social, proporcionando novos sentidos e novas relações de uso. Englobando nesta direção, a dependência, a necessidade, o prazer, o desejo de relacionar-se com os meios e seus conteúdos.

A acessibilidade à tecnologia através de equipamentos como computadores, impressoras, máquinas fotográficas, filmadoras, aparelhos de som, a menores custos para a classe média, permite ao receptor poder exercer o papel de produtor de conteúdos, como uma extra possibilidade comunicacional.

5. Mediações de múltiplas origens

O estudioso Guillermo Orozco Gómez desenvolveu uma teoria sobre as “múltiplas mediações” e constituiu uma tipologia mediativa baseada em quatro grupos fundamentais: a mediação individual, situacional, institucional e tecnológica, que estariam inseridas em dois grandes grupos: mediações macro e mediações micro.

Para Orozco não existe processo de recepção puro, todo processo é multimediado, repleto das mais diferentes mediações. Orozco mapeia as mediações de diversas índoles, que interagem num jogo de múltiplas influências, categorizando-as em macro-mediações e micro-mediações de primeira e segunda ordem. Apesar de o autor ter feito este estudo voltado principalmente para a recepção televisiva, é possível ampliarmos suas análises para outros tipos de recepções, como por exemplo, a que ocorre nos espaços formais de educação, entre professor e aluno.

As micro-mediações de primeira ordem seriam aquelas originárias do momento em que o receptor entra em contato com a mensagem, ou seja, no exato momento em que se assiste à televisão, em que se ouve o rádio, no momento em que a mensagem é apreendida pelo receptor. Interferem neste processo as mediações situacionais, como local onde a ação acontece, se a televisão é assistida no quarto, solitariamente, se é assistida na sala de estar entre a família, ou como se sucederam os acontecimentos naquele período.

Seria um momento de múltiplos cruzamentos, podendo ser comprovado na medida em que se investiga e que se faz pesquisa com pessoas distintas em locais, países, ou mesmo bairros diferentes que assistem ao mesmo conteúdo, porém, o apropriam de maneira diversa. Poderíamos traçar um paralelo com as micro-mediações de primeira ordem descritas por Orozco e o momento em que os receptores ou alunos entram em contato com as informações vivenciadas em sala de aula.

As micro-mediações de segunda ordem se dariam longe do televisor, depois do processo de recepção. Seriam as sensações, lembranças que acompanham o receptor. Quando uma pessoa pergunta a outra, como terminou o último capítulo da novela, como foi o depoimento de determinada pessoa, ou o

que o professor disse na última aula? Existe neste processo de mediação um jogo composto por uma gama de ramificações de percepção e de mediações combinadas.

Como descreve Orozco, quando o menino que chega à escola e comenta com outro colega o que viu na TV. São processos importantes que deveriam chamar mais a atenção de pais e professores nos espaços de educação formal. Não apenas o momento em si do processo de recepção, mas o antes e o depois. Neste ponto, acrescentaria, também, o durante. A intervenção que pais e professores ou mediadores podem fazer durante o processo, não do ponto de vista da censura dos conteúdos ou ações, mas no sentido de colocar alguns posicionamentos, fazer comparações, interjeições e algumas interferências que seriam interessantes para que o processo do durante fosse vivenciado de forma mais abrangente e questionadora.

As macro-mediações se manifestariam de forma indireta, de acordo com os cenários existentes, dentre as quais as identidades nacionais, transnacionais e identidades momentâneas que na verdade são identificações com temas, notícias, assuntos e realidades que são formadas e influenciadas pelos impactos das mídias, das modas, e adquirem sentidos próprios. A identidade latino-americana, a identidade brasileira, se constitui em um tipo de mediação em determinados assuntos – as influências das identidades na audiência constituem-se como um desafio tanto para a pesquisa como para a educação, porque envolveriam na análise de Orozco aspectos provenientes de diferentes áreas, conjunturas bem mais complexas.

Orozco pontua as instituições de trabalho, o bairro, a escola, as instituições políticas, religiosas, como instituições mediadoras que se configuram no entorno imediato e mediato do receptor, de forma simultânea. O importante para o pesquisador seria calibrar em cada mediação sua incidência, sua relevância, e transcendência.

a) Mediações perceptivas

As cores, o impacto das imagens, do som, dos ritmos desencadeiam um processo cognitivo, sensitivo e significativo nas audiências – que desencadeiam manifestações de uma mediação perceptiva. Mães latino-

americanas apontam em pesquisas o caráter educativo das telenovelas, demonstrando esta mediação perceptiva difere, por exemplo, da maioria dos professores. “Todo referencial televisivo é polissêmico, suscetível de variadas percepções e interpretações” (Fiske, 1993).

“A televisão não ensina, mas as crianças aprendem com ela”, é uma frase que sintetiza um tipo dominante de percepção da programação televisiva entre professores em toda América Latina, apesar de não lhe outorgarem legitimidade para ensinar.

As mediações perceptivas impedem que as intenções e ênfases dadas pelos produtores de conteúdos em seus programas sejam captadas com as mesmas tessituras por suas audiências. O afã controlador da televisão e de seus produtores sobre suas audiências encontra nas percepções seus maiores limites e desafios. Fenômenos semelhantes ocorrem nos processos de recepção em sala de aula.

b) A mediação pessoal

Outro tipo de mediação apontada por Orozco¹⁰⁴ dependerá particularmente do sujeito, das características que definem cada um de nós, e nos diferencia dos demais. O autor aponta como elementos de diferenciação a índole, a herança genética, o desenvolvimento, a trajetória pessoal, o aprendizado anterior, as peculiares apropriações que cada um de nós fazemos da nossa experiência de vida, a criatividade, arrojo e ambição.

Em nível educativo, o amadurecimento emocional e o desenvolvimento cognitivo, o posicionamento no mercado de trabalho, a falta do trabalho, o subemprego, também influenciam como componentes deste tipo de mediação.

Aspectos emotivos, como a sensibilidade, caprichos, cumplicidades com determinados temas e assuntos dotariam cada indivíduo de uma determinada especificidade.

104 OROZCO, Gomes. *Televisión, audiências e educación*. Argentina, Editorial Norma, 2001.p.40 e 41

Para Orozco, os sujeitos desenvolvem maneiras individuais de assistir televisão, inspirados em primeiro lugar pelo que os caracteriza como indivíduos, e em segundo lugar desenvolvem experiências de vivência das conexões com o outro e com o mundo, formando comunidades de apropriação e de interpretação.

O autor conclui que por mais individual que o processo de assistir TV pareça ser, é uma atividade altamente cultural¹⁰⁵, e para sua sobrevivência e propagação seria necessário a existência de grupos de interlocução que produzam o apoio, a referência para a identificação, cuja consonância se experimenta e se qualifica no vivido.

Segundo Orozco, é como se o indivíduo precisasse de outros para assistir, comentar e interpretar o que é visto. Sem a existência do qual, o significado de assistir TV tivesse outro sentido. Poderíamos transferir a ação de assistir TV, para outros modos de recepção que se enquadrariam neste mesmo contexto. O que acontece em sala de aula, se mediado de alguma maneira pela existência de grupos que se interessem pelos mesmos assuntos e temas, teria uma maior capacidade de abrangência, desenvolvimento e fixação, a partir do momento que o assunto se faz presente no cotidiano das relações.

Salvando o espontâneo e o atípico, de cada caso, o processo de recepção não se dá no vazio sócio cultural; pelo contrário estão mediadas pelas diversas negociações e capacidades de resposta, na resolução de conflitos.

6. A mediação pedagógica

Francisco Gutierrez e Daniel Pietro aproximaram o conceito de mediação para as práticas educativas, enfatizando o planejamento, a implantação de políticas escolares e a capacitação de professores. Eles conceituam a mediação pedagógica como “o tratamento de conteúdos e das formas de expressão dos diferentes temas, a fim de tornar possível o ato

105 Estudos em diferentes disciplinas têm mostrado que o que parecia ser de caráter individual tem se apresentado em muitos estudos como cultural. É o que apontou o estudo feito por Gardner de 1993 – em Inteligências Múltiplas.

educativo, dentro do horizonte de uma educação concebida como participação, expressividade e relacionalidade”¹⁰⁶. A mediação pedagógica organizaria-se em três fases progressivas e essenciais aos processos de interação educativa alternativo: (1) Tratamento com base no tema: iniciar a relação de aprendizagem através da clarificação dos conteúdos, utilizando o texto-base e todos os recursos pedagógicos instrumentais e lingüísticos.(2) Tratamento com base na aprendizagem: desenvolver os procedimentos mais adequados para que a aprendizagem converta-se em um ato educativo, na educação presencial ou à distância. (3) Tratamento com base na forma: Utilizar da melhor maneira possível os recursos expressivos disponibilizáveis na linguagem das mídias utilizadas no processo educativo. Pietro e Gutierrez fazem esta aproximação prevendo inclusivamente a educação à distancia.

O pesquisador Marcos Masseto¹⁰⁷ irá descrever as buscas da mediação pedagógica, com o objetivo de abrir caminhos de aprendizagem e de consciências para o estudante, utilizando recursos materiais e pedagógicos disponíveis, além da intencionalidade de atitudes dos professores e de uma relação educativa de companheirismo. O autor irá elencar como características da mediação pedagógica:

“...dialogar permanentemente de acordo com o que acontece no momento; trocar experiências; debater dúvidas, questões ou problemas; apresentar perguntas orientadoras; orientar nas carências e dificuldades técnicas ou de conhecimento, quando o aprendiz não consegue encaminhá-las sozinho; garantir a dinâmica do processo de aprendizagem; propor situações problemas e desafios; desencadear e incentivar reflexões; criar intercâmbio entre a aprendizagem e a sociedade ..., colaborar para o estabelecimento de conexões entre o conhecimento adquirido e novos conceitos; fazer a ponte com situações análogas; colocar o aprendiz frente a frente com questões éticas, sociais, profissionais, por vezes conflitivas; colaborar para desenvolver crítica com relação à quantidade e à validade das informações obtidas; cooperar para que o aluno use e comande as novas tecnologias para suas aprendizagens e não seja

106 GUTIERREZ, Francisco; PIETRO, Daniel. *A mediação pedagógica: educação à distância alternativa*. São Paulo, Papirus, 1994. p.62

107 MORAN, José Manuel et all. *Novas tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas, Papirus. 2000. p.144.

comandado por elas ou por quem as tenha programado; colaborar para que se aprenda a comunicar conhecimentos”¹⁰⁸

A abordagem de Masseto contempla o comportamento do professor que se coloca como facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, o mestre se apresenta com a disposição de colaborar ativamente com o aprendiz, além de evidenciar a importância das apropriações das novas tecnologias e suas linguagens, enquanto forma de aprendizagem e expressão dos atores envolvidos no processo educativo. Se o aprendiz deve ter mediado pedagogicamente os instrumentos simbólicos, seus professores devem estar preparados para o mesmo. A integração de conteúdos e valores proposta leva, ainda, a uma visão holística da Educação, sob a perspectiva das mediações pedagógicas, baseando-se em uma perspectiva interdisciplinar, superando a fragmentação e compartimentalização do conhecimento, tanto em seus processos de apropriação e resignificação, como em seus processos de produção¹⁰⁹. A mediação pedagógica pode ser também entendida como uma conexão entre o universo de conhecimentos oferecido pelos sistemas formais de educação e as práticas sociais externas aos ambientes educativos.

Mediando pedagogicamente¹¹⁰, o educador colabora para que o educando torne-se ator do processo educativo, escolhendo o seu caminho individual, construindo a sua identidade, seu projeto de vida, valorizando seu gosto e vontade como elementos essenciais da vida escolar.

Para Manuel Moran, a mediação pedagógica pode se dar sob um novo conceito ampliado de aula, no qual a colaboração, a participação, a personificação e a identidade dos atores e o essencial contato humano podem dar-se no momento de “estar juntos” em sala de aula, mas também nos momentos de “estarmos conectados à distância”.

Segundo Moran, a mediação pedagógica está progressivamente ligando-se às relações estabelecidas entre a sociedade e suas novas tecnologias, para compartilhar conhecimento e manter vivo o processo

108 Id., Ibid. 2000. p.145-146

109 Id., Ibid.,. 2000 p.92

110 Id., Ibid.,. 2000 p.92

educativo, mesmo sob o estranhamento dos ambientes midiáticos. A aprendizagem estaria mediada pedagogicamente através das mídias eletrônicas, exigiria muito mais esforço dos professores e alunos, pois articula diferentes formas de processamento e organização da informação, sob diferentes universos simbólicos. Existe o claro desafio da avaliação da aprendizagem individual e de grupo sob este novo paradigma, em que os resultados das práticas educativas tomam o caráter mutante e veloz.

7. A mediação – entre a indústria cultural e a sociedade civil

Além de teorizar sobre a mediação pedagógica, Moran irá se deter sobre as mediações sob o ponto de vista social. Para o autor as mediações se estabelecem entre a indústria cultural e a sociedade civil. É um espaço intermediário entre tudo o que é produzido pelos meios de comunicação de massa, pelas tecnologias de comunicação e informação e seus receptores ou consumidores, em sentido amplo. Como afirma José Manuel Moran¹¹¹ os avanços da sociedade civil acompanhando o modo de produção capitalista provêm, em parte, do seu maior acesso à educação e às diversas manifestações culturais.

...A sociedade civil vai incorporando e desenvolvendo instrumentos de compreensão da realidade, que não são absolutamente controlados pelos meios, o que permite leituras diferenciadas dos mesmos produtos culturais. Leituras, nem sempre coerentes, abrangentes e totalizadoras, mas que neutralizam parte do impacto ideológico predominante dos meios.¹¹²

Para Moran, os trabalhos dos diversos projetos de educação para os meios, com todas as suas insuficiências, têm o mérito de mostrar claramente que há reelaborações geradas a partir das mesmas mensagens. As diferentes formas de recepção estariam em parte ligadas à

111 MORAN, José Manuel. *Leituras dos meios de comunicação*. São Paulo, Pancast, 1993.

112 Id., *ibid.* 1993, p.65

complexa rede de mediações que cada pessoa está exposta, de maneira singular. Como receptor ativo, dono de uma história única, ele possui diversas possibilidades de interpretação e de reelaboração.

A pesquisa feita por Moran¹¹³ com grupos de diversas classes sociais, na leitura crítica dos meios, confirmou a diversidade de percepções, de projeções e de interpretações, o que permitiu ao autor concluir pela não dominação da indústria cultural quanto ao sentido unívoco da recepção.

Em outras palavras Schmucler fala sobre as diferentes experiências e contradições ideológicas que influenciam cada receptor no momento em que a mensagem chega, o que o levaria a produzir uma resignificação. Para o autor:

No momento da decodificação, quando a significação surge, pode haver contradição entre o sistema de codificação do emissor e as condições de decodificação do receptor. O “poder” dos meios pode ser nulo e, inclusive, reverter-se na medida em que a mensagem é “recodificada” e serve de confirmação do próprio código de leitura.¹¹⁴

O campo das mediações necessitaria de experiências e pesquisas significativas para explicitar melhor este funcionamento de alta complexidade, devido ao número de fatores que influenciam o processo comunicacional composto por uma gama de linguagens que desenvolvem ou retraem os sentidos.

8. O receptor ativo e o mediador influente

A educação para a recepção tem várias vertentes em que a ênfase está nos processos subjetivos, equiparando o aluno ao receptor, tanto no desenvolvimento de investigação como nas práticas educativas.

113 MORAN, José Manuel. Tese de doutorado “Educar para comunicação: Análise das Experiências Latino-Americanas de Leitura Crítica da Comunicação”. São Paulo, ECA –1987.

114 MORAN, José Manuel. *Leituras dos meios de comunicação*. São Paulo, Pancast, 1993.

A educação para a recepção pode conceber o receptor, aluno, estudante como um receptor passivo, como uma esponja apta a absorver os conteúdos, exposto as influências midiáticas, como aposta a teoria dos efeitos e os frankfurtianos, ou um receptor ativo que tenha em si a possibilidade de interpretar o que assiste, ouve ou sente, e reelaborar segundo a sua visão. A perspectiva de quem é o nosso receptor, de quem é o nosso aluno, é essencial para sabermos como iremos lidar com ele e essencial para a estruturação de todo o pensamento subsequente. A teoria das mediações centrará atenção especial no sujeito receptor e na sua interação com o mundo, se contrapondo a teoria dos efeitos que coloca o emissor no centro de sua atenção.

O ato de assistir televisão, operar jogos eletrônicos, ouvir músicas sugestionaria uma múltipla mediação, que seriam concretizadas ou não em suas comunidades de legitimação, no caso a família, a escola, a igreja entre outras instituições sociais que fazem parte do cotidiano do receptor em questão.

As comunidades de legitimação se transformariam em comunidades de interpretação e de apropriação. Uma vez, que irão elaborar e reelaborar o conteúdo transmitido pelos meios, de acordo com a sua visão de mundo.

Quando Orozco fala em múltiplas mediações na recepção que funcionam em âmbitos de negociação para a produção de sentidos, algumas vezes, se contrapondo, outras se complementando, trabalha a noção de múltiplas mediações como objeto central do que está entre o emissor e o receptor, além de colocar o sujeito na trama social e cultural a qual ele faz parte, apresenta o problema da articulação entre a produção de significados dominantes e subalternos.

Para Orozco, a escola teria que desempenhar o papel de comunidade de interpretação, desta maneira a escola atuaria com a racionalidade dos consumidores, alunos, contribuindo para a sistematização de um processo comunicacional.

9. As interpretações dos processos comunicacionais

Entre emissor e receptor temos um longo caminho a percorrer com idas e vindas, e influências por todos os lados. Afastaremos-nos dos esquemas binários de que ora o emissor /enunciador, ora o receptor/enunciatário elaboram as significações a ponto de terem sobre elas domínio quase completo e nos aproximaremos da questão da circulação discursiva e da formação de sentido. Como afirma o professor Citelli:

Vale dizer, a questão propriamente da produção do sentido passa a ser localizada na metáfora da travessia: nessa perspectiva não há atracadouros seguros, mas instâncias de passagem, do “entre”- aquele espaço intervalar que permite aprender a natureza dos procedimentos, dialógicos e interativos.¹¹⁵

Citelli emprega a categoria dialogal não como sinônimo de ajuste ou acerto harmônico. Neste caso, diálogo tem a ver com a instância que marca a composição dos sentidos e a representação da linguagem. “Afirmar a natureza dialógica da linguagem implica em reconhecer que com ela não combina o conceito matemático de cota zero”. Os signos e seus arranjos e combinações vivem em permanentes deslocamentos (retro) alimentado-se nas seqüências intertextuais/interdiscursivas que acontecem em seus nexos históricos e sociais como fontes dialogicamente¹¹⁶ produtoras de sentido.

O movimento dialógico, no deslocamento entre emissor e receptor, entre o “aqui” e o “lá” apontado por Wittgenstein, a interação entre signo, sujeito e mundo, reconhecem na linguagem as marcas da vida social, hoje impregnada pela produção dos meios de comunicação de massa que também são influenciados pelos mesmos. Uma vez que os conteúdos dos meios são produzidos por pessoas que compõem a vida social.

115CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação – A linguagem em movimento*. São Paulo, ed. Senac, 2000. p.53

116 “O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas, pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo”. BAKHTIN, Mikhail, *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1979. p.109.

Nesta perspectiva, a mídia não está separada do universo social, como muitas vezes, se faz parecer. Seus conteúdos e formas, ou seja, suas linguagens e significações são produzidas por atores sociais que também se retro (alimentam) do universo social. A mídia de certa forma somos todos nós.

A produção de sentidos se faz com a troca e a múltipla interferência da mídia na sociedade e vice-versa. Um dos pressupostos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin¹¹⁷, para tentar elucidar a questão da formação dos sentidos, afirma que o signo tem natureza material e social. E são os signos que constituem a consciência humana, que se expressa mediante as palavras, frases e discursos – em sua forma verbal - que estão impregnadas de conceitos, ideologias e visão de mundo, ou seja, todo conteúdo midiático, assim como, o cotidiano vivenciado pelas pessoas estão repletos de significações.

Porém, essa influência numa sociedade complexa e globalizada como a nossa, não se dá em mão única, de determinada maneira, mas sob um grande prisma de interferências.

Neste sentido, abordamos outro pressuposto de Bakhtin que afirma que a linguagem é dialógica e polifônica. São conceitos, idéias que se expressam em discursos incorporados em deslocamento e são permanentemente reelaborados para o campo da paródia, paráfrase, da estilização ou até da contraposição. Este conceito nos aproxima do receptor ativo, que elabora e reelabora o que recebe, porque o recebe sob outras influências.

Bakhtin afirma que a linguagem é matéria social e ideológica, sendo assim “a expressão simbólica ou representativa dos conceitos, preconceitos e valores resulta da convivência dos sujeitos com elementos materiais que ganharam e ganham sentido, exatamente, nos embates coletivos”.¹¹⁸ Neste ponto evidencia-se entre o emissor e o receptor o poder das mediações que produzem as interferências sobre as formações discursivas da mídia e conseqüentemente, sob seus juízos de valores, estereótipos e

117 CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação – A linguagem em movimento*. São Paulo, ed. Senac, 2000. p.58

118 Id., *ibid.* 2000. p.59

preconceitos. Para Bakhtin a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constituiria assim a realidade fundamental da língua. Bakhtin irá abranger em sua análise o diálogo entre os signos de sistemas codificadores diferentes e também o cruzamento de vários tipos de linguagens, não apenas a verbal, que geralmente está associada a outras linguagens como a gestual, pictórica, que acontecem sob determinado ritmo.

A conflagração destas linguagens em suas múltiplas formas, possibilitadas pelos meios de comunicação, mediada pelas tecnologias, abre novas perspectivas do tempo e do espaço para na constituição de um novo sensorium.

10. A legitimação do mediador

A teoria das mediações legitima o papel do mediador e sua importância durante a leitura no sentido amplo e a atribuição de valores e significados a tudo que é recepcionado. Como os mediadores podem interferir e como interferem nesse processo é uma grande questão a ser respondida.

A produção de sentidos pode alterar decisivamente não só a relação de aprendizado, mas a relação de cidadania. Os mediadores têm o poder de incentivar alunos, comunidade, pais e profissionais da educação e da cultura a terem um posicionamento crítico e cidadão, por se importarem com sua escola, com seu bairro, com sua cidade e sentirem-se também responsáveis pelos mesmos. Fazer com que a comunidade, os alunos, professores possam ser parceiros da escola, é uma possibilidade concreta de aumentar o número de mediadores para um objetivo comum.

Como afirma Citelli¹¹⁹, a idéia do “sujeito mediador”, alguém que serve como facilitador da aprendizagem na escola deve estar consciente que o espaço educacional sofre com as disputas do amplo sistema comunicacional que o cerca e ficar fora desse sistema apenas contribui para

119 CITELLI, Adilson. “Educação e mudanças: novos modos de conhecer”. In CITELLI, Adilson (Org.). *Outras Linguagens na escola*. São Paulo, Editora Cortez, 2000, p.32.

aumentar as distâncias entre os discursos da educação formal e não formal.
Para Guillermo Orozco:

É necessário exercer explicitamente uma mediação que oriente a aprendizagem dos estudantes fora da aula, que permita recontextualizá-la, sancioná-la sob diversos critérios éticos e sociais, permitindo aproveitar o que de positivo oferecem os Meios de Comunicação de Massa, capitalizando para a escola a informação e as demais possibilidades que esses meios nos trazem.¹²⁰

O mediador deve compreender o processo comunicacional e que seu papel é fundamental para orientar, reorientar e sugerir novas posturas e novas formas de interpretação e incentivar um posicionamento ativo dos alunos, receptores.

11. Um novo profissional

Nas unidades escolares o educador ou mediador atuaria como facilitador para diminuir as distâncias entre a cultura da mídia e a cultura escolar. Para José Manuel Moran,¹²¹ diante a urgência de solucionar este distanciamento existente entre a escola e os meios, impõem-se a tarefa imediata a preparação de um novo profissional: o educador que ajude a desenvolver na escola a preocupação com a comunicação em geral, no sentido amplo - incluindo aqui, a interpretação, a visão crítica e a produção - e com os meios e tecnologias de comunicação em particular.

Se o mediador será o professor que está em sala de aula, ele precisará ser capacitado e orientado para que possa desenvolver novas habilidades e competências no sentido de poder implementar sua prática diária. Caso o papel seja delegado a um outro profissional que desenvolva este tipo de atividades em horários complementares, ele teria como perfil desejável ser um conhecedor da comunicação e dos meios de comunicação, ter experiência pedagógica, ser um educador com formação na área da comunicação ou um

120 Id., Ibid. 2000, p.33.

121 MORAN, José Manuel. *Leituras dos Meios de Comunicação*. São Paulo, Pancast Editora, 1993.

comunicador com experiência em educação ou um profissional de outra área qualquer, que se interesse pelos assuntos da comunicação e da educação.

Moran,¹²² denomina este mediador como um educador para a comunicação, para ele a principal atividade desenvolvida por este educador seria assessorar as escolas para a utilização dos meios de comunicação como apoio didático, como produção de novas linguagens junto as convencionais e como objeto de análise, devendo favorecer nas escolas os processos de comunicação democráticos. O educador para a Comunicação deve ser um assessor dos professores, com o objetivo de enriquecer didaticamente o relacionamento e as conexões entre os conteúdos. Como transmiti-los da melhor maneira possível. O educador para a comunicação pode orientar os professores por área e por série, apontando os recursos disponíveis, tanto tecnológicos, informacionais e midiáticos para o enriquecimento dos conteúdos e das pesquisas a serem feitas. É importante que ele esteja atento às novidades, na área cultural, cinema, teatro, jogos eletrônicos, rádio, jornais, revistas e incorpore estes assuntos para a prática no cotidiano escolar.

Este profissional tem o papel de planejar as ações – depois de definir junto à direção da escola quais os melhores espaços para colocar a questão da comunicação e dos meios de comunicação como objeto de análise e matéria prima para produção.

Para desenvolver tais práticas são necessários conhecimentos específicos, conhecimentos transdisciplinares e uma postura mais aberta e democrática.

12. A influência da teoria das mediações para o Projeto Educom.rádio

Segundo o coordenador geral do projeto Educom.Rádio, Ismar de Oliveira Soares, a hipótese central do trabalho do NCE tem sido a de que já não é mais o caso de apenas entender a cultura da mídia, em si mesma,

122 MORAN, José Manuel. *Leituras dos Meios de Comunicação*. São Paulo: Pancast Editora, 1993. p.189

ou de compreender a reação da educação frente às mensagens massivas (saber, por exemplo, se os educadores são contra ou a favor às tecnologias), mas, sim, de buscar a possibilidade de uma ação positiva de intervenção social, a partir do cotidiano dos que já estão envolvidos no processo de produção/consumo da cultura. Para tanto, a equipe recorreu a Martín Barbero que, em entrevista para a *Revista Brasileira de Comunicação*, apontava para a suposição de que a partir da teoria das mediações seria possível encontrar um caminho de aproximação entre os campos da comunicação e da educação.

O que eu comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio. Não havia exclusivamente um indivíduo ilhado sobre o qual se incidia o impacto do meio, que era a visão norte-americana. (...) Mediação significa que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana. (...) Então, tentar medir a importância dos meios em si mesmos, sem levar em conta toda essa bagagem de mundo, da vida da gente é estar falsificando a vida para que caiba no modelo dos estudos dos meios.¹²³

Para Barbero, as mediações são esses lugares de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não corresponde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver¹²⁴.

Para o professor Ismar de Oliveira Soares¹²⁵, os estudos de recepção representam um gigantesco subsídio para entender o cotidiano dos sujeitos sociais, mas não são suficientes. Na verdade, a educomunicação está não apenas frente a receptores “mediados” pelos recursos da informação, mas especialmente frente a cidadãos que podem se converter, eles próprios, em

123 BARBERO, Jesús-Martín.. "Comunicação e Mediações Culturais", in *Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, vol. XXIII, n. 1, jan/jun. 2000, p. 151-163.

124 BARBERO, Jesús-Martín, apud LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. "Metodologia para o estudo de recepção de telenovelas no Brasil". in *Comunicação e Sociedade*, SBC, vol. 14, n. 1-2, 2000), p. 93-112.

125 Professor Ismar de Oliveira Soares em entrevista dia 20 de outubro de 2006.

“sujeitos mediadores” de processos culturais, através da expressão de seus medos, angústias, alegrias, representações e projetos de intervenção.

13. O mediador ou educador

No caso do projeto *Educom.rádio*, era justamente este “sujeito mediador” que se supunha encontrar ou que se procurou formar, inserido em processos que relacionam a comunicação e a educação em projetos intencionalmente educativos, voltados para a prática da cidadania mediante a gestão compartilhada das tecnologias da informação ou da comunicação, no caso a linguagem radiofônica.

No próximo Capítulo, abordaremos quais as características desejadas neste novo profissional, que Manoel Moran chamou de “educador para a comunicação” e que Ismar de Oliveira Soares e Cristina Costa, denominam de “educador”.

Iniciaremos, também, a apresentação dos resultados obtidos pela nossa pesquisa, no que diz respeito ao perfil encontrado entre os mediadores que atuaram no Projeto *Educom.rádio*, com base na idade, formação acadêmica e atividade desenvolvida atualmente.

Apresentaremos, finalmente, quais eram os fundamentos teóricos mais importantes do Projeto *Educom.rádio* e quais os autores mais lembrados, na opinião dos mediadores.

Capítulo VI

O perfil do mediador no Educom.rádio

“Assim, seria preciso ajudar as mentes adolescentes a se movimentar na noosfera (mundo vivo, virtual e imaterial, constituído de informações, representações, conceitos, idéias, mitos que gozam de uma relativa autonomia e, ao mesmo tempo, são dependentes de nossas mentes e de nossa cultura) e ajudá-las a instaurar o convívio com suas idéias, nunca esquecendo que estas devem ser mantidas em seu papel mediador, impedindo que sejam identificadas com o real.”, Edgard Morin.¹²⁶

¹²⁶ MORIN, Edgard. *Cabeça Bem-Feita*. Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 2005. p.53

1. O perfil do mediador ou educador

Ismar de Oliveira Soares¹²⁷ tem identificado os capacitadores que integram os projetos do NCE, entre os quais os “mediadores” do Educom.rádio como efetivos “educadores”. Suas atividades estavam voltadas para a introdução da mídia no cotidiano da escola, no contexto dos planos pedagógicos e no dia-a-dia da prática didática em sala de aula. Ou seja, voltadas para o desenvolvimento de estratégias que possibilitassem aos professores o uso das tecnologias como mediação cultural. Neste contexto, a mídia passava a ser também “conteúdo” a ser analisado e não apenas “recurso didático” a ser empregado.

Nessa perspectiva, o mediador era motivado a estimular os alunos para que se apropriassem das mídias e das tecnologias de comunicação disponíveis na escola para produzir seus próprios conteúdos, desenvolvendo suas formas de expressão.

Segundo outra pesquisadora vinculada ao NCE, a Prof^a. Cristina Costa, o educador objetivado nos projetos do Núcleo tem como missão tanto trabalhar a comunicação no interior do espaço educativo (na relação dos professores entre si, ou destes com os alunos, ou, ainda entre professores, alunos e a direção da escola, colaborando todos para a criação de um ecossistema comunicativo aberto), quanto implementar a comunicação externa, da escola para com a comunidade, estreitando, desta forma, os laços entre as instituições culturais da região e promovendo atividades educativas coletivas.¹²⁸

No ideário proposto pelo coordenador¹²⁹ do NCE/USP, o gerenciamento de informações, a criação de centros e laboratórios que ampliem as formas de expressão, a integração entre disciplinas através do uso dos

¹²⁷ Em entrevista feita no dia 20 de outubro de 2006.

¹²⁸ COSTA, Maria Cristina Castilho. “Educador é preciso”, in site Educom.rádio. www.usp.br/educoradio/, 10/08/2006.

¹²⁹ SOARES, Ismar de Oliveira. “Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina”, in BACCEGA, Maria Ap. org. *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo, Atlas, 2002. p.128 e 129.

recursos midiáticos, os planos de investimento em tecnologia nas escolas, incluindo a escolha dos equipamentos mais adequados ao modelo de intercâmbio que se quer implementar, a organização dos espaços para facilitar esta comunicação, bem como, o gerenciamento de programas de capacitação do corpo docente, na área da comunicação, poderiam ser considerados como possíveis tarefas para um educador.

Os educadores ideais são concebidos como agentes sociais com larga experiência e alto nível de formação, atuando em organizações da sociedade civil, ONGs, centros de cultura, secretarias ou departamentos de educação, escolas, assim como nos meios de comunicação. Nesse sentido, os educadores desempenham funções consideradas estratégicas e pró-ativas no contexto político institucional, organizacional ou empresarial.

Nas áreas de intervenção da educação, as principais funções dos educadores são:¹³⁰

- * Elaborar diagnóstico no campo da inter-relação comunicação/educação – planejar, implantar e avaliar processos comunicacionais;
- * Construir uma visão de conjunto dos processos da educação, que englobe conhecimentos técnicos específicos que se apliquem tanto a macro-sistemas, como globalização, quanto a espaços reduzidos de atividades humanas – cultural, local;
- * Refletir sobre o novo campo, sistematizando informações que permitam um maior esclarecimento sobre as demandas da sociedade/comunidade no que concerne à inter-relação comunicação/educação;
- * Coordenar ações e gestões de processos, traduzindo em políticas públicas. Implementar programas de educação para os meios, considerando os estudos de recepção e as

130 SOARES, Ismar de Oliveira. “Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina”, in BACCEGA, Maria Ap. (org). *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo, Atlas, 2002. p.128 e 129.

práticas desenvolvidas nos vários países que mantêm experiências avaliadas a respeito do tema;

* Assessorar os educadores no uso adequado dos recursos da comunicação, promovendo o emprego, cada vez mais intenso, das novas tecnologias e das diversas linguagens artísticas, como métodos e instrumentos didáticos envolvidos no processo educativo comunicacional;

* Assessorar o sistema de meios de comunicação (imprensa, emissoras de rádio e TV, produtoras de multimeios etc.) no desenvolvimento de projetos na área da comunicação educativa;

2. O “mediador” no Projeto Educom.rádio

Segundo o supervisor geral do projeto Educom.rádio,¹³¹ o mediador, na complexa estrutura do Educom.rádio, tinha um papel muito bem definido. Ele trabalhava na base da estrutura do Projeto Educom, relacionando-se diretamente com professores, alunos e membros da comunidade, implementando, na prática, o organograma do Projeto, que visava a criar, em cada um dos Pólos onde o Projeto estava sendo desenvolvido, as condições indispensáveis para o entendimento do conceito de educomunicação e para a sua aplicação no planejamento de ações educacionais, mediante o uso da linguagem radiofônica.

No cumprimento de sua tarefa, os mediadores relacionavam-se com o “Articulador”, figura responsável por coordenar as atividades no Pólo e garantir a fluência do trabalho, bem como com o “Assistente de Direção”, função exercida por quem tinha como meta facilitar as questões organizacionais dos Pólos, como a estrutura, acesso às salas de aula, a organização das listas de chamadas, a disponibilização dos equipamentos, fazendo o que se denomina, no jargão do projeto, o “meio de campo” entre o

¹³¹ Supervisor do Projeto, Ismar de Oliveira Soares em entrevista 20/10/2006.

projeto e os funcionários da rede municipal de ensino que por ventura estivessem trabalhando nos Pólos, durante os sábados.

No caso, o conceito de mediação - um dos pilares do Educom.rádio - impregnava a ação de todos quando se deslocavam aos Pólos, a cada sábado, para atender aos cursistas. Porém, no presente trabalho, interessamos centrar nossa atenção especificamente na figura deste agente formador que, em reunião de avaliação e capacitação do projeto, em sua 3ª fase, solicitou coletivamente que sua função deixasse de ser designada como a de “monitor” para ser identificada, simplesmente, como a de um “mediador”.

Desta forma, através da figura do “mediador”, um tipo distinto de profissional foi introduzido no espaço formal de educação, a escola, para desenvolver entre professores, alunos e membros da comunidade um trabalho específico. Este profissional não era necessariamente um professor, ou um comunicador, mas era portador de habilidades especiais e de um conhecimento específico sobre as áreas da comunicação e da educação, e principalmente tinha uma postura aberta ao diálogo e aos princípios democráticos. Este tipo de profissional compôs um grupo de cerca de 457 mediadores, que teve a maior capilaridade dentro do Projeto, chegando a todos os grupos de capacitação. Iniciaremos uma descrição do trabalho deste grupo.

Em sua 6ª fase, o projeto contou com 173 agentes culturais, sendo que, deste grupo, 17 eram articuladores; 17, assistentes de direção; 134, mediadores, além de 5 estagiários que assumiam a mediação assim que aparecesse uma vaga disponível. Durante a 7ª fase, o projeto contou com 96 agentes, sendo 10 articuladores; 10 assistentes; 76 mediadores. Destes 96 agentes, apenas 6 não haviam participado da fase anterior, demonstrando o alto grau permanência de pessoas no projeto. Pelo exposto, podemos afirmar que 179 agentes participaram das 6ª ou 7ª fases.¹³²

¹³² Anexo V tabela com os nomes dos mediadores participantes das fases 6ª e 7ª.

3. O cotidiano dos mediadores

Os mediadores se reuniam todos os sábados, entre seis e sete horas da manhã, na USP, para seguir em grupos para os Pólos onde as capacitações deveriam ocorrer. No primeiro semestre de 2004, eram 17 vans que partiam da Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 414, no campus da ECA/USP, enquanto, no segundo semestre, eram dez. Ao chegarem nas escolas Pólos eles se encontravam com os respectivos grupos de estudantes. Na maioria das vezes, enquanto os professores eram atendidos, pela manhã, pelo Articulador, as crianças e adolescentes entrevistavam os palestrantes que chegavam ao Pólo para discorrer sobre o tema do dia. Estas eram as primeiras atividades, geralmente entre 8 e 9 horas. Em seguida, na segunda parte da manhã, os alunos partiam para as atividades de produção radiofônica sobre o conteúdo das entrevistas, enquanto os professores assistiam às palestras e dialogavam com os especialistas visitantes. Já na parte da tarde, os dois grupos se encontravam para discutir determinados temas, planejar e produzir juntos. Em alguns sábados, os alunos também assistiam às palestras com os professores e membros da comunidade. Quanto a estes últimos, tinham opção de permanecer com os alunos ou com os professores.

O Educom.rádio inovou quando propôs atividades que uniam professores e alunos no mesmo patamar, ou seja, os estudantes, professores e membros da comunidade, participavam em ações conjuntas, quebrando a tradicional hierarquia professor/aluno. Os responsáveis por coordenar estas atividades eram os mediadores, muitas vezes, mais jovens e menos experientes que a maioria dos professores, o que exigia dos mesmos preparo psicológico, domínio do tema e competência para desenvolver os exercícios propostos. Esta inovação se deu em meio de uma série de questionamentos, tanto por parte dos professores quanto dos próprios mediadores, tema ao qual voltaremos em outro momento.

Ao final do dia, todos retornavam à USP na mesma condução que os havia trazido ao Pólo, momento de uma rica troca de experiências. Um relatório pormenorizado das atividades desenvolvidas era enviado à secretaria do NCE ao longo da semana.

4. Formação dos mediadores

Os mediadores eram escolhidos para atuar no Projeto Educom.rádio, depois de uma avaliação prévia por parte dos responsáveis pela formação e capacitação da equipe, papel que, em 2004, era coordenado por Patrícia Horta, contando com a assessoria imediata de Claudemir Viana e Ana Cristina Marotto. Uma vez incluído na equipe, o mediador passava pelos processos de formação e de atuação nos Pólos.

Como já foi assinalado, a proposta do NCE era a de formar educadores. Nesse sentido, os mediadores contavam com dois momentos de formação, um teórico, na ECA, com um total de 60 horas (uma média de quatro sábados, nos dois períodos, e um total de 12 reuniões de três horas cada, ao longo de cada semestre), ao que se somavam 96 horas de atendimento aos cursistas do Educom, nos Pólos, em uma atividade prática. Um contrato assinado com a Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo - FUSP, garantia uma bolsa para cada integrante da equipe.

Durante as capacitações os mediadores recebiam textos acadêmicos sobre comunicação, educação e cultura, que eram discutidos com o grupo. Além da leitura, eram propostas discussões sobre a educação e as práticas educacionais.

A cada semana, sob a coordenação do articulador, era desenvolvido um acompanhamento sobre o que havia acontecido na capacitação anterior no Pólo, e sobre o planejamento para o próximo encontro. Durante as capacitações eram feitas avaliações sobre o que precisaria ser melhorado e sobre o que estava transcorrendo bem.

Segundo os mediadores entrevistados, a capacitação servia como um balizamento de ações e de posturas para os mediadores e para o grupo. Alguns relatórios apontam para a importância do planejamento, feito durante a semana, para que o trabalho aos sábados fosse vitorioso.

Ao longo das sete fases do Educom, a coordenação geral implementou diferentes formas de preparar a equipe para assumir suas tarefas nos Pólos. No início, trabalhou-se mais intensamente a coesão interna dos

grupos, buscando-se garantir que todos se envolvessem no trabalho a partir de uma perspectiva participacionista, o que levava os grupos a tomar decisões de uma forma interativa. Durante a 6ª e 7ª fases, contudo, levando-se em conta especialmente o grau de maturidade alcançada pelas equipes, deu-se mais ênfase no processo didático, em si mesmo. Para tanto, a formação centrou-se mais no conceito de educomunicação e em suas práticas, oferecendo-se subsídios e guias de trabalho que chegavam aos mediadores logo no início do semestre, garantindo-se, por outro lado, maior espaço para os articuladores no processo de formação de suas próprias equipes. Os articuladores, por sua vez, mantinham estreito relacionamento funcional com a coordenação do projeto. As opiniões dos mediadores em relação à formação recebida refletiram diferentes pontos de vista. O que é preciso ressaltar, contudo, foi o fato de que as mudanças introduzidas no processo, a partir da quarta fase, garantiram maior estabilidade e permanência dos mediadores nas atividades do projeto.

5. Autores mais citados

No sentido de mapear a fundamentação teórica dos mediadores, assim como a lembrança que tinham sobre textos lidos, durante as capacitações, fizemos a seguinte pergunta: - Quais os autores que você lembra ter lido, durante as capacitações do Educom.rádio?¹³³ Alcançamos os seguintes índices, a partir de 23 respostas obtidas: Ismar de Oliveira Soares, com 65,2% de referências; Paulo Freire, com 52,2%; Adilson Citeli e Jesus Matin- Barbero, com 30,4%; Mauro Wilton de Sousa, com 26,1%; Maria Aparecida Baccega e Mario Kaplun, com 17,4%; Maria Cristina Costa, com 13%; Guillermo Orozco, Marília Franco e Nestor Garcia Cancline, com 8,7% e André Barbosa, Celestín Freinet, Howard Gardner, José Marques de Melo, Mikail Baktin, Milton Santos, Pierre Bourdieu, Roseli Fígaro e Mariazinha Fusari, com 4,3%. Como cada entrevistado poderia citar mais de um autor, calculamos a porcentagem tendo como base totalizadora os 23 mediadores que responderam a questão.

133 Esta pergunta foi feita para o grupo de mediadores entrevistados e para os mediadores que participaram do Projeto, via e-mail, sendo que destes obtivemos um total de 23 respostas. Sobre a amostragem da pesquisa ler Cap. I.

Alguns mediadores afirmaram, também, estarem lendo outros textos durante as capacitações e apesar de citarem os autores, não souberam precisar se as leituras estavam ou não relacionadas ao Educom.rádio ou aos estudos que faziam na época. Porém, os autores mais citados fazem parte do grupo que compunha o referencial teórico do Projeto Educom.rádio, demonstrando, desta forma, que a maioria se lembrava, pelo menos em parte, do que havia sido trabalhado nas capacitações.

Gráfico.01

Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação no Educom.Rádio?

6. Fundamentos teóricos do Educom.rádio na perspectiva dos mediadores

A maioria dos entrevistados¹³⁴ demonstrou ter uma abordagem muito mais prática do que teórica a respeito da educomunicação, textualmente evidenciando a riqueza das experiências realizadas, no

¹³⁴ Entrevistamos 20 mediadores presencialmente e 9 via e-mail, sendo que esta pergunta foi respondida por 23 mediadores.

Educom.rádio, aos sábados. O que não anula nem diminui o amadurecimento teórico de muitos entrevistados, que refletiam sobre a sua prática. Quando perguntamos sobre quais eram os três fundamentos teóricos mais importantes do Projeto Educom.rádio, a reação imediata era uma breve reflexão, seguida de momentos de incertezas, para que as respostas aparecessem. Ao final, os fundamentos mais citados, entre os 23 mediadores que responderam a esta questão, foram: trata-se de uma "comunicação dialógica", com 43,5% das respostas; da formação de "ecossistema comunicativo", com 39,1%; do uso das mídias e da tecnologia na educação, com 21,7%; do protagonismo de professores e alunos e da gestão participativa no emprego da comunicação na escola, com 17,4%. Outras respostas: educomunicação equivale a: "produção", "visão crítica dos meios", "mediação/negociação e construção coletiva do conhecimento", com 8,7% cada. Ou, ainda, "linguagem", "tolerância", "planejamento", "diagnóstico", "vigilância", "combate à violência", "eixos temáticos", "educação libertadora", "aprendizagem e igualdade", com 4,3%, respectivamente.

Gráfico.02

Fundamentos teóricos mais citados pelos mediadores.

Segundo as respostas dadas pelos mediadores às perguntas feitas nas entrevistas, é possível perceber que os conceitos "educomunicação" e "mediação" pareciam estar incorporados ao imaginário de cada um. Era como se estivessem implícitos no trabalho.

7. O perfil do mediador do Educom.rádio

Os mediadores do Educom.rádio eram, em sua maioria, jovens, estudantes universitários, ou recém formados. Havia também pessoas mais experientes e com uma base acadêmica considerável ou, mesmo, uma grande experiência prática com jovens. Tratava-se, contudo, de um grupo bem menor. A partir das informações obtidas da amostragem constituída¹³⁵ pelos 20 mediadores entrevistados e pelos 9 que responderam ao questionário por e-mail, obtivemos os seguinte perfil:

Gráfico.03

Idade média dos mediadores

Com o nascimento entre 1976 e 1980, tendo entre 24 e 28 anos em 2004, concentraram-se 44,8% dos mediadores que, em sua maioria,

¹³⁵ Obtivemos estas informações provenientes das 20 entrevistas feitas pessoalmente e dos 9 questionários respondidos por correio eletrônico, de acordo com nossa amostragem, prevista no Cap.I.

eram jovens universitários, ou recém formados, nas áreas de humanas com uma concentração na formação em comunicação social, ciências sociais e educação. Levando-se em conta que o Núcleo tinha como política pedagógica do Projeto agregar profissionais de outras áreas do saber, notamos a presença de uma geóloga, de uma fonoaudióloga, bióloga e veterinária, durante a análise dos relatórios. Essa variedade de formação agregava ao Projeto Educom.rádio, também, uma pluralidade de idéias e ações.

Se o Educom.rádio propunha trabalhar com a transdisciplinariedade e com o tratamento de conteúdos em eixos transversais, a diversidade da formação de seus mediadores era um ponto positivo neste sentido, e mais uma potencialidade agregada a equipe e profissionais, resultando, muitas vezes, numa prática mais aberta e arejada nos Pólos, longe das visões reducionistas que muitas vezes impregnam profissionais de uma mesma formação, área acadêmica ou experiência prática.

Do nosso quadro amostral referente aos 29 entrevistados temos:

Gráfico.04

Formação profissional dos mediadores.

Gráfico.05

Áreas da Comunicação Social que os mediadores cursaram.

Do grupo que respondeu ao questionário e que foi entrevistado, 56% dos mediadores têm formação em Comunicação Social, divididos entre os cursos de Rádio e TV, Jornalismo, Cinema e Publicidade, na ordem decrescente de ocorrência, dois dos entrevistados têm nível técnico com formação em locução e rádio, áreas também ligadas a Comunicação Social. Sendo que dois mediadores que se formaram em Comunicação Social, têm formação também em Direito e Sociologia.

Três mediadores têm formação em Ciência Social, 2 em psicologia, encontramos, também, 2 mediadores com formação na área da educação, 1 em turismo e 1 em geologia.

Pela amostra é possível detectar, apesar da diversidade de formações, uma concentração na área da comunicação. Até porque o Projeto foi desenvolvido e implantado pelo Núcleo de Comunicação e Educação, que é ligado a Escola de Comunicação e Artes, o que sob o ponto de vista dos relacionamentos, contatos, proximidade física, têm grande influência sobre a rede que se estabeleceu para o recrutamento dos mediadores.

Entre os mediadores é possível notar uma grande aproximação aos campos relacionados à comunicação/educação. Entre os profissionais da comunicação uma decisiva aproximação ao campo da educação, seja pelos depoimentos,¹³⁶ ou mesmo pela atividade desenvolvida atualmente.

Dos 29 mediadores, 21 trabalham, atualmente, com projetos que relacionam os campos da comunicação e da educação, sendo que dois são professores na rede pública de ensino e afirmaram levar para sala de aula as práticas educomunicativas, disseram, também, terem optado pelo trabalho após participarem do Educom.rádio. Dos 8 que não trabalham atualmente nesta interface, 5 trabalham na área da comunicação e afirmaram que aplicam a mediação e os princípios educomunicativos no seu dia-a-dia. Veja no Anexo VI.

8. Grupos de mediadores

Segundo o relato dos mediadores, a participação no Educom.rádio influenciou na tomada de decisões, no campo pessoal e no campo profissional. Como afirmamos, a maioria entrevistada desenvolve atividades relacionadas à interface comunicação/educação, sendo que todos entrevistados afirmaram que a participação no Projeto Educom.rádio alterou a sua visão de mundo, descortinando uma grande complexidade de relações, realidades e conceitos. Interessante notar nas entrevistas que os mediadores têm uma forma particular de ver o mundo e apesar da grande diversidade de opiniões, concordam em pontos como a importância do processo democrático, da horizontalidade das relações, da necessidade de reformulação das práticas educacionais, sobre o poder da comunicação para alterar a realidade e produzir resultados positivos, e sobre as descobertas trazidas pelo Educom, como o preconceito existente entre os próprios mediadores a respeito das mídias e das manifestações culturais pertencentes a diferentes grupos.

Mediante as respostas obtidas, dividimos os mediadores em três grandes grupos que comporiam as seguintes categorias:

¹³⁶ Depoimentos estão entre as 20 entrevistas feitas e 9 questionários respondidos via e-mail. As entrevistas estão no vol.II.

O grupo dos comunicadores – formado não apenas pela formação acadêmica, mas pela postura profissional que desempenha, este grupo tem uma visão geralmente mais crítica sobre os processos educativos e até certo ponto, preconceituosa em relação aos professores.

O grupo dos educadores – tem uma visão menos crítica em relação aos professores, argumenta sobre as contradições do processo educativo e percebe a educomunicação como uma grande possibilidade de trabalho, mas com algumas ressalvas.

O grupo de profissionais de outras áreas – este grupo tem uma visão mais arejada sobre o processo educativo, porque vê tanto a comunicação como a educação de uma maneira menos particularizada, a educomunicação seria um novo e interessante caminho a ser seguido.

9. Uma proposta inovadora

Pudemos apreender, a partir das entrevistas realizadas, dos questionários respondidos e da leitura dos relatórios, que os mediadores que atuaram no Projeto Educom.rádio, eram em sua maioria jovens, em formação acadêmica, ou recém-formados, que foram atraídos pela novidade que o Projeto trazia. Muitos, antes de iniciar sua atuação, não tinham noção precisa do que compunha a atividade que deveriam desenvolver, porém a grande maioria tinha uma grande curiosidade por aprender e dominar novas técnicas e novos conceitos, principalmente, no campo da comunicação. A possibilidade de poder atuar junto aos alunos das escolas públicas municipais na periferia de São Paulo, também se constituiu em um atrativo e um desafio em vivenciar uma realidade, de certa forma, até então distante.

Alguns afirmaram terem sido atraídos pelo nome do Projeto, que tinha o rádio em seu título. Talvez, este fato, seja uma das explicações para a concentração de estudantes e profissionais de Rádio e TV.

Alguns foram convidados por amigos que já atuavam no Projeto. Este convite ou indicação vinha, invariavelmente, acompanhado de uma observação sobre o perfil do convidado, no sentido, deste ter

posicionamentos e idéias compatíveis ao que o Projeto necessitava para o seu desenvolvimento.

No próximo Capítulo, abordaremos os conceitos formados pelos mediadores sobre educomunicação e mediação, assim como a incidência de outros conceitos que compunham o Projeto e sua significação.

Capítulo VII

A Educomunicação no imaginário dos mediadores do Educom.rádio

*“Na educação trata-se de transformar as
informações em conhecimentos e o
conhecimento em sapiência...”*, Edgard
Morin.¹³⁷

137 MORIN, Edgard. Cabeça Bem-Feita. Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 2005. p.47

Os referenciais dos mediadores expressos nos relatórios

Neste Capítulo, abordaremos o que apreendemos da leitura e análise dos relatórios dos mediadores, produzidos durante as 6^a e 7^a fases do Projeto Educom.

Para tanto, adotamos a metodologia da análise de conteúdo, trabalhando, de forma qualitativa, com os conceitos mais utilizados, obtidos mediante uma rigorosa busca de palavras feita na totalidade dos relatórios. De posse da relação dos conceitos, trabalhamos cada uma destas palavras, buscando entendê-las sob o prisma dos próprios mediadores.

1 - A produção dos relatórios

Ao final de cada uma das doze ações de capacitação que aconteciam aos sábados, os mediadores produziam um relatório onde deveriam registrar suas observações sobre a rotina vivida no Pólo, bem como suas impressões sobre o dia de trabalho. O relatório devia conter, em sua introdução, o nome do autor, a data da atividade, a equipe à qual pertencia e o número de seus integrantes. Era solicitado que cada relatório descrevesse, separadamente, os fatos ocorridos nos períodos da manhã e da tarde. Além da descrição cronológica dos fatos, sugeria-se que os mediadores introduzissem comentários tanto sobre os procedimentos, quanto sobre as facilidades ou dificuldades de comunicação com o grupo, sendo motivados a acrescentar sugestões que pudessem melhorar o trabalho da equipe ou, ainda, a relação com cursistas.

A elaboração e entrega de relatórios semanais não eram atividades de fácil execução, pois exigiam redobrada atenção dos integrantes das equipes, tomando-lhes tempo ao longo da semana. Segundo relatos da secretaria do NCE, a obtenção dos relatórios na seqüência das atividades exigia insistência e, à vezes, reiteradas cobranças por parte das coordenações, levando em conta que alguns julgavam o procedimento desnecessário.

Para os coordenadores do projeto, a importância dos relatórios esteve sempre e substancialmente vinculada à avaliação permanente

do trabalho das equipes, constituindo-se em elemento fundamental para a condução do processo formativo nos encontros semanais de três horas que antecediam as atividades nos Pólos. Serviam, por outro lado, para comprovar para as autoridades da USP, da FUSP ou mesmo da Prefeitura, a presença dos mediadores em suas funções.

Dada sua importância estratégica, os relatórios passaram a ser entregues em arquivos digitais diretamente à Secretaria do projeto, a partir da 4a fase,¹³⁸ servindo à tesouraria como requisito obrigatório à finalização do processo de repasse, pela FUSP, do pró-labore que cabia a cada um. Com esse procedimento, o Núcleo de Comunicação e Educação conseguiu, finalmente, constituir um banco de dados com um registro histórico de extrema importância para a história do cotidiano do Educom.rádio e da própria vida do Núcleo.

Como descrevemos inicialmente, um dos nossos instrumentos de pesquisa foi justamente esta rica fonte de informação e de impressões. Mediante uma leitura exaustiva, de caráter qualitativo, de um total superior a 2.500 relatórios produzidos nas duas últimas fases do projeto, pudemos detectar opiniões sobre o trabalho desenvolvido pelos mediadores, suas preocupações e seus objetivos dentro do projeto Educom.rádio.

2 - A busca de conceitos

O projeto Educom.rádio foi idealizado sob a perspectiva da Educomunicação, o que pressupunha uma ação dialógica e o reconhecimento da importância de se estabelecer processos de mediações na condução dos trabalhos. Desta forma, para a nossa análise tornou-se essencial identificar de que forma e a partir de quais conceitos o embasamento teórico do projeto (educomunicação + mediações culturais) alcançou ser inteligível para os mediadores.

138 - Nas fases anteriores os relatórios eram entregues aos formadores, nem sempre retornando à secretaria do NCE.

Nossa missão passou a ser identificar tais conceitos e examinar como apareciam na totalidade dos relatórios produzidos nas 6ª e 7ª Fases.

Registramos, inicialmente, que a primeira leitura qualitativa dos relatórios realizada na fase inicial de nossa pesquisa apontou para a flagrante preocupação dos mediadores com a "participação" dos cursistas, com a ocorrência do diálogo em todos os momentos do trabalho, e com a formação de um ambiente propício para as trocas de experiências. Por isso, evidenciamos na palavra **participação** um dos pontos importantes levantados pelos mediadores.

O conceito participação é trabalhado, na maioria das vezes, como objetivo a ser atingido. Os mediadores acreditavam ser preciso que os professores, alunos e membros da comunidade participassem das atividades propostas, através do diálogo, do ouvir e do produzir. O antagonismo à participação também aparece nos relatórios, como forma de documentar um tipo de comportamento adverso. A percepção deste comportamento reafirma a preocupação do mediador, que se ressentia quando detecta comportamentos como o desinteresse, a dispersão, e a apatia, palavras que foram encontradas com frequência na leitura qualitativa. Fizemos então, a busca das palavras: "desinteresse", "dispersão" e "apatia", com o objetivo de verificar sua ocorrência.

Outra palavra muito valorizada foi **diálogo**, evidenciando a sintonia dos mediadores com a idealização conceitual do próprio Projeto. O Educom.rádio tinha, na verdade, na ação dialógica, uma de suas bases conceituais e uma de suas preocupações de aplicação prática traduzida na meta de se criar ambientes propícios para que os cursistas pudessem se colocar, não apenas como alunos, professores ou membros das comunidades, mas como cidadãos críticos e conscientes. Os relatórios documentam a vibração dos mediadores quando detectavam que sua intenção de transformar o ambiente em um local propício para a livre expressão havia sido alcançada. No caso, o diálogo era visto e relatado como troca de opiniões, exposição de dúvidas, conflitos, certezas e incertezas. Essencialmente, o comunicar-se, o ouvir e o falar.

Além da participação e do diálogo a **produção** foi outro conceito recorrente nos relatórios.

Logo no início do processo de capacitação, os cursistas eram levados a produzir programas radiofônicos (vinhetas, documentários ou peças de ficção), ou ainda frases para cartazes ou textos para jornais mural, entre outras iniciativas. A produção tornou-se, efetivamente, um objeto constante de avaliação dos mediadores, sendo muitas vezes analisada não exatamente em seu resultado final (avaliação de produto), mas, especialmente, em seu desenvolvimento (avaliação do processo). Procedemos, então, a busca do conceito "produção".

O ambiente e as interações necessárias para as práticas educacionais, como a participação, o diálogo e a produção convertiam-se, por outro lado, em características essenciais para a construção do que o Projeto Educom.rádio identificava como **ecossistema comunicativo**.¹³⁹ Ou seja, o Projeto tinha também, como um de seus principais objetivos, formar ou facilitar a formação de ecossistemas comunicativos "abertos, participativos e democráticos", como os definia o supervisor geral, Ismar de Oliveira Soares, em artigos e em suas palestras aos membros da equipe. No cotidiano do projeto, os atores do ecossistema comunicativo no Educom.rádio seriam os educadores, os funcionários, os membros da comunidade, os estudantes, as equipes do NCE, os profissionais que atuavam nos NAEs e no Projeto Vida, os professores da USP e os profissionais que participavam como palestrantes e a própria equipe da Secretaria Municipal de Educação, o que justificava, na política do NCE, uma atenção muito especial aos processos, sempre complexos, de relacionamento entre os distintos atores envolvidos no Educom.¹⁴⁰ Portanto, buscamos a ocorrência também deste conceito nos relatórios.

139 - A expressão "ecossistema comunicativo" foi inicialmente utilizada por Jesus-Martin Barbero refletindo a relação entre as tecnologias da informação e a escola. O conceito foi ressemantizado por Ismar de Oliveira Soares para designar o conjunto das relações compreendidas no espaço educativo, mediadas pelos processos de comunicação e, especialmente, pelas novas tecnologias.

140 - Não nos cabe a análise da política do NCE na busca de um bom relacionamento entre os atores do processo estimulado pelo Educom.rádio. Pela análise dos relatórios constatamos, contudo, que tais relações nem sempre foram fáceis, levando em conta que muitos dos agentes vinculados à Prefeitura e, em especial, ao Projeto Vida, responsável direto pelo programa, não tinham noção exata dos propósitos e da filosofia do projeto protagonizado pela USP.

Decidimos, também, fazer a busca para verificar o grau de incidência e o significado do conceito **protagonismo juvenil**, que, além de detectado na primeira leitura dos relatórios, foi um dos conceitos mais trabalhados durante o Educom.rádio, que tinha entre os jovens um de seus públicos específicos.¹⁴¹ O conceito "protagonismo" foi introduzido no Educom com a intenção de evidenciar e valorizar a atuação de adolescentes e jovens, através de uma participação construtiva, envolvendo-os com as questões da própria adolescência e juventude, à luz da filosofia que propunha o "pensar global e o atuar local", em casa, na escola e na comunidade.

É interessante lembrar que a palavra em questão vem do grego *Protagonistés*. Para o dicionário Aurélio, significa aquele ou aquela que está à frente, que lidera, o principal lutador, a personagem principal de uma peça dramática, a pessoa que desempenha ou ocupa o principal lugar em determinado espaço. Este conceito, ao meu ver, foi essencial para dar valor, e estimar as ações desenvolvidas pelos jovens, atuando diretamente em sua auto-estima e na visão que eles faziam de si próprios. Os mediadores descreveram, em seus relatórios, com detalhes, a efetiva auto-valorização dos jovens e das crianças, assim como a clara da percepção que passaram a ter de que eles eram

Possivelmente, acreditavam, como ocorria em outros projetos sob seus cuidados, que ao NCE competia tão somente ministrar "oficinas" de rádio que em nada incidiriam no cotidiano das escolas. Nesse sentido, muitos destes funcionários ficavam incomodados com a intimidade com que os mediadores e demais agentes do NCE se relacionavam com os professores, estudantes e membros das comunidades educativas, e com suas propostas para se levar à comunicação democrática e criativa às escolas, finda a capacitação oferecida pelo Educom. Na opinião do Professor Ismar, em entrevista a esta pesquisadora, presumivelmente este foi o motivo pelo qual as sucessivas equipes da Secretaria de Educação que foram assumindo funções que tinham algo a ver com o Educom passaram sistematicamente a avaliar tão somente a "produção radiofônica" realizada nas escolas, e não a integralidade do projeto educocomunicativo levado à rede pela USP. A hipótese leva em conta o fato de que as escolas que não receberam os equipamentos (200 em 455) jamais estiveram no centro das preocupações da Prefeitura em suas sucessivas avaliações do projeto. Ver sobre o tema, a dissertação de Mestrado de Renato Tavares e a tese de doutorado de Patrícia Horta, igualmente defendidas, na ECA/USP, no primeiro semestre de 2007, acessíveis, para consulta, na Biblioteca da Escola.

141 - Relata Patrícia Horta, administradora do projeto junto ao NCE, em entrevista a esta pesquisadora, que a proposta inicial da Prefeitura era que o NCE trabalhasse apenas com os professores. No entanto, o Núcleo fez questão de incluir - sem qualquer ônus extra para o poder público - os alunos e representantes da comunidade escolar, justamente por entender que seria impossível falar em educomunicação sem dialogar, conjuntamente, com os protagonistas do processo educativo na escola, que incluía, necessariamente as crianças e os adolescentes. Tal preocupação foi facilmente entendida pela Administração que deu início ao Educom, levando em conta a existência, na época (2001-2004) de outros projetos na linha do protagonismo juvenil, entre os quais o "Orçamento Participativo Criança".

realmente os atores principais do processo de comunicação nas escolas, invertendo a filosofia tradicional da educação iluminista que atribuía ao professor ou às autoridades escolares a condição de principais agentes no processo de educação e de ensino.

Outro termo em evidência nos relatórios foi o do **planejamento**. Nas duas últimas fases do Projeto a discussão sobre o planejamento ganhou especial atenção da coordenação geral do Educom.rádio, levando em conta que estes seriam os últimos módulos sob a responsabilidade do NCE/USP. Considerava-se indispensável que o conceito de planejamento educ comunicativo fosse refletido e exercitado de forma adequada e, posteriormente, levado a cada unidade escolar, já sem o concurso direto do NCE. Na verdade, a educ comunicação tem uma visão específica de planejamento, entendido como um ato político. O planejamento proposto pelo Educom.rádio, segundo o seu supervisor geral, o professor Ismar de Oliveira Soares, segue a visão de Juan Diaz Bordenave, que propõe o rompimento das práticas tradicionais de planejamento, o que pressupõe um permanente cuidado epistemológico e uma busca contínua de coerência ideológica na implementação de processos de planificação:

O planejamento da comunicação não se restringe a aumentar a eficiência e eficácia das relações de produção vigentes na sociedade. Pode, o que é bem provável, ensinar que a prática da comunicação só se efetivará caso essas relações sejam alteradas. Portanto, a perspectiva da racionalidade da ação é descartada para buscar-se uma politização da ação enquanto prática libertadora do homem e base fundamental para o estabelecimento da comunicação social. O planejamento, nesse sentido, estará dependente dessa perspectiva mais abrangente.¹⁴²

No caso, a escola deveria se apropriar de práticas educ comunicativas mediante um planejamento participativo que envolvesse verdadeiramente os atores. O Educom.rádio tem como base o referencial teórico que alerta para a necessária adequação à prática social de uma comunicação que

142 - BORDENAVE, Juan Diaz; CARVALHO, Horácio Martins. *Planejamento e comunicação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p.139

se espera participativa, democrática e libertadora. Sendo assim, o uso da comunicação pode significar, do ponto de vista do planejamento, distintas situações, cada uma delas abrangendo determinada complexidade e trazendo internamente contradições distintas.¹⁴³ No caso do Educom.rádio, tais complexidades deveriam ser examinados pelos agentes do processo, essencialmente os alunos, os professores e os membros da comunidade, em diálogo permanente com o plano pedagógico da escola, tendo como pano de fundo os ideais de uma comunicação dialógica

Desse modo - como assinalado no primeiro parágrafo deste sub-item - o planejamento passa a ser elaborado reconhecendo-se a natureza mediática do fenômeno comunicacional, cabendo, no caso, à educomunicação proposta pelo Educom.rádio reafirmar o caráter democrático da comunicação e consolidar a expectativa de que a palavra pertence a todos os interessados no processo de planejamento.¹⁴⁴ Portanto, decidimos fazer a busca sobre a forma como a relação entre mediação e planejamento aparece nos relatórios, uma vez que já havíamos depreendido, através das nossas leituras, uma preocupação dos mediadores com o desenvolvimento da prática de planejar.

Buscamos, então, os conceitos **mediação** e **educomunicação** no sentido de poder quantificar a ocorrência destes conceitos nos relatórios, sob a hipótese de que, mediante as leituras qualitativas, poderíamos perceber o constante aparecimento destes conceitos que nortearam todo o projeto como seus pilares principais. Os mediadores, na verdade, demonstraram, nos relatórios, ter a noção do conceito de mediação, e do que deveriam fazer, ou não, para que ela realmente acontecesse de maneira positiva. Pela leitura dos relatórios, foi possível perceber o alto nível de criticidade dos mediadores em relação ao seu próprio comportamento e desempenho, no sentido do dever de exercer uma mediação positiva e ativa para que a prática da educomunicação se concretizasse nas capacitações.

143 - SOARES, Ismar de Oliveira, COSTA, Cristina. "Planejando os Projetos de Comunicação", in BACCEGA (org) *Gestão de Processos Comunicacionais*, São Paulo, Ed. Atlas. 2002. p. 166.

144 Id., ibid. p.166.

3 - Resultados quantitativos

Na 6ª fase, a maior das promovidas pelo Projeto Educom.rádio, abrangendo mais de 100 escolas, atendidas simultaneamente em 17 Pólos, contando, conseqüentemente, com o maior número de agentes culturais em atuação, foram produzidos e entregues, pelos mediadores e articuladores, o volume total de 1.689 relatórios.

Já na 7ª e última fase do projeto, o trabalho foi desenvolvido em dez Pólos formadores, tendo sido produzidos e entregues 924 relatórios, somando um total de 2.613 relatórios.

Procedemos ao sistema de busca nos 2.613 relatórios, divididos por fases. O sistema de busca utilizado¹⁴⁵ detectou o aparecimento dos conceitos identificados nos parágrafos precedentes, em cada documento. Porém, não detectou quando o conceito apareceu mais de uma vez, no mesmo documento. Portanto, do resultado obtido pudemos afirmar que os referidos conceitos apareceram pelo menos uma vez em cada um dos relatórios analisados.

Depois de finalizadas as buscas, por fases, somamos as referências a cada conceito para constatar a presença de cada um na somatória obtida. Fizemos, também, um gráfico comparativo das porcentagens por fases.

145 - Utilizamos o sistema de busca de palavras disponível pelo Google, e fizemos uma verificação de busca utilizando o sistema disponibilizado pelo programa Word, sendo que os resultados foram os mesmos.

Gráfico.06

Ocorrência de conceitos nos relatórios da 6ª fase.

Gráfico.07

Ocorrência de conceitos nos relatórios da 7ª fase.

Gráfico.08

Ocorrência de conceitos nos relatórios das 6ª e 7ª fases. Somatória simples.

GRÁFICO.09

Incidência percentual nos relatórios das 6ª e 7ª fases.

4 - A mediação

Pela pesquisa realizada, constatamos que o conceito **mediação** é o que alcança maior incidência, aparecendo pelos menos uma vez em mais de 70% dos relatórios ou, mais exatamente, em 71,4% dos relatórios da 6ª fase e 72,1% nos da 7ª fase. Tomando o total dos 2.613 textos, o conceito ocorre em 1.872 documentos, ou seja, em 71,6% dos relatórios.

Os mediadores, muitas vezes, davam a sua súmula de atividades semanais o título de "relatório de mediação", o que por si só, demonstra uma grande apropriação conceitual. Outros usam a palavra para designar a "ação de mediar" as intervenções e os posicionamentos do grupo.

O conceito de mediação também foi tratado como tema principal em algumas das palestras nos Pólos. Ao registrar o fato, os relatórios permitem que se conheça como o conceito estava sendo entendido pelos mediadores e pelos próprios cursistas.

“Começamos a discussão sobre mediação, perguntando o que eles achavam que o termo significava: 'mídia', 'meio', 'metade', responderam. Colocamos que ao termo 'mediações' poderia ser atribuído a vários significados, porém, enfocamos um específico, assim: costumamos saber dos fatos ocorridos em nossa comunidade de duas maneiras: a primeira é quando presenciamos o ocorrido, tendo um contato direto com o fato, sem a necessidade de um terceiro; a segunda se vincula a alguém que presenciou o fato, e que após o ocorrido, relatou aos demais suas impressões do acontecimento. Quando os fatos são transmitidos por um terceiro ou quando servimos de transmissores de alguma informação, nesse momento podemos afirmar que estamos sendo mediadores de algum tipo de informação. Por tanto, o termo mediação se liga aos diversos meios: jornal, revista, televisão, Internet, rádio dentre outros”.¹⁴⁶

Neste caso, a mediação foi tratada, pelo formador, como a possibilidade de veiculação de mensagens, talvez para iniciar um diálogo com os cursistas, de maneira que o conceito fosse entendido de forma mais simplificada.

O mediador usa, no caso, a estrutura tradicional da comunicação para explicar o termo mediação. Por outro lado, o relatório expressa o interesse do formador pelo conceito e pela sua apreensão pelo grupo.

O tema mediações também foi trabalhado enquanto relacionado diretamente aos meios de comunicação:

“O tema mediações foi muito bem desenvolvido por todos, achei muito legal o interesse dos alunos com os meios de comunicação. O momento com o palestrante foi ótimo”.¹⁴⁷

146 - Mediadora Tatiana Achcar, 6ª Fase, Pólo 13.

147 - Mediadora Karla Queiroz, 6ª Fase, Pólo 12.

Os mediadores, por sua parte, se colocam na "ação de mediar", levando o conceito à prática:

"Nós, a equipe, permanecemos nas salas mediando a produção dos professores e de algumas crianças que já tinham assistido ao filme em uma outra ocasião".¹⁴⁸

5 - Conceito de mediação sob o olhar dos mediadores

Durante as entrevistas conseguimos a resposta de 29 mediadores sobre o seu conceito sobre o termo **mediação**. As respostas foram bem diferentes, abordando aspectos complementares da palavra. Pudemos, contudo, detectar alguns pontos comuns nas respostas. Estes pontos comuns nos apontam para uma maneira particular de definição do conceito. Quando, por exemplo, se perguntava, usando o tema enquanto substantivo: - *Depois de trabalhar no Educom.rádio, qual o conceito que você faz de mediação?*, as respostas vinham a partir do uso do verbo ("mediar"), denotando que os mediadores demonstravam ter uma memória da palavra a partir da prática que lhe dava sentido; a maioria percebia o conceito como ação; o pensavam como ação, e o definiam como ação. O ato de mediar, para os educadores ou mediadores associava-se, em outros textos, intrinsecamente aos princípios da democracia, da solidariedade e do respeito ao próximo. Mediar bem, e atingir resultados positivos, associava-se também ao ato de conhecer minimamente o grupo de trabalho, fazer um bom diagnóstico, conhecer as pessoas integrantes do processo comunicativo e considerá-las enquanto grupo, de maneira coletiva. Os dados colhidos permitiram classificar em três grupos os referenciais aos conceitos de mediação:

Grupo 1 – Mediar é "facilitar". O mediador seria um facilitador de processos comunicacionais. Ele não daria as respostas, nem impor as regras, mas estimularia o processo de construção de conhecimento.

Grupo 2 – "Dialogar". A mediação estaria próxima, desta forma, do ouvir, do incentivar o outro a falar e a se expressar.

148 - Mediadora Flávia Rios, 7ª Fase, Pólo 3.

Grupo 3 – "Visão de mundo": O mediador coloca-se no lugar do outro; percebe qual é o seu universo de influências; negocia com o outro para se chegar a um lugar comum; valoriza o conhecimento do outro, no processo de construção de conhecimento.

Pelo que expusemos no Capítulo V, o conceito pode ser compreendido por diversas abordagens. Porém, segundo o coordenador geral do projeto Educom.rádio, Ismar de Oliveira Soares, o conceito de mediação apropriado pelo NCE na estruturação do projeto Educom.rádio, se aproxima da definição de Martín Barbero, para quem

...mediações são os espaços, e formas de comunicação que estão entre a pessoa que ouve o rádio, assiste a TV, e o que é dito no rádio, ou dito e mostrado na TV. Não existiria um indivíduo ilhado sobre o qual se incidia o impacto do meio, que era a visão norte-americana. Mediação significa que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana.¹⁴⁹

Para Barbero, as mediações são esse lugar de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não corresponde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver.¹⁵⁰

As respostas dadas pelos mediadores falam exatamente deste espaço, e sobre como é possível e desejável atuar entre a recepção e a emissão de conteúdos, dos meios especificamente, e mesmo entre as ações propostas pelos mediadores. Neste espaço, entre o que era proposto pelos mediadores, e o que poderia ser feito pelos professores, membros da comunidade e estudantes, existia a possibilidade da mediação.

Os mediadores, ao responderem a pergunta durante as entrevistas, acabaram não por definir o conceito da mediação, mas por definir o

149 BARBERO, Jesús-Martín. "Comunicação e Mediações Culturais", in *Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, vol. XXIII, n. 1, jan/jun. 2000, p. 151-163.

150 - BARBERO, Jesús-Martín, in LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. "Metodologia para o estudo de recepção de telenovelas no Brasil". in *Comunicação e Sociedade*, SBC, vol. 14, n. 1-2, 2000), p. 93-112.

caráter que esta mediação deveria ter. Nas respostas, fica claro como o conceito foi apropriado pela prática, tanto que passou de um substantivo, usado para se fazer a pergunta, para um verbo, usado para a resposta.

6 - Planejamento

A palavra **planejamento** aparece em 68% dos relatórios da 6ª fase, onde foi enfatizado como um dos temas principais. Na 7ª fase, a palavra planejamento aparece, pelo menos uma vez, em 64% dos relatórios. No conjunto das duas fases, aparece em 66% do total de relatórios, evidenciando de forma quantitativa a importância dada ao tema pelos mediadores.

O planejamento trabalhado pelo Educom contempla a gestão participativa, além de outros conceitos como a horizontalidade do processo, espírito democrático e dialógico, ou seja, o planejador deve ouvir e dar voz a todos, incentivando a ação comunicativa e participativa dos envolvidos.

Os relatos dos mediadores apontam para a apropriação destes conceitos, e para sua valorização ao colocá-los em prática.

No Educom.rádio, o planejamento deixa de ser uma ferramenta unicamente dos professores para ser compartilhado entre os alunos, membros da comunidade e professores, em um exercício inovador. Segundo o que registra um dos relatórios,

“Os professores gostaram dos argumentos dos alunos e ficaram, também, de pensar nos problemas da escola para juntos fazerem um planejamento participativo”.¹⁵¹

“Após o almoço eu discuti o planejamento com a EMEF Clóvis Graciano. Nós fomos tópico a tópico. Primeiramente, os alunos se colocavam, depois os educadores complementaram e, assim, eu creio que este grupo realizou um planejamento justo e bem coerente. O grupo evolui muito desde do princípio do trabalho com o planejamento, os professores reconheceram isto e os alunos só reforçaram as colocações”.¹⁵²

151 - Mediadora Ana Carolina Pinto, 7ª Fase, Pólo 1.7

152 - Mediadora Maria Rehder, 6ª Fase, Pólo 3.

O planejamento participativo foi trabalhado pelo Projeto Educom.rádio como estratégia fundamental para que a educomunicação pudesse se estabelecer nas escolas, mesmo com o final das capacitações oferecidos pelo NCE. Um dos objetivos do Projeto era, na verdade, que apropriação do conceito e da prática do planejamento participativo ocorresse por parte dos estudantes e professores.

Outro ponto importante a salientar é o tratamento que o Projeto Educom.Rádio deu ao planejamento como ação política na unidade escolar, tratamento este reproduzido pelos mediadores.

“Começamos (...) a leitura e discussão do doc 01, enfatizando a importância do planejamento, enquanto documento fortalecedor e fundamentador da ação política, que irá se transformar no projeto da rádio, a partir do momento, em que se tornar parte do Plano Político Pedagógico da escola”.¹⁵³

O mediador enfatiza em sua afirmação a relação entre planejamento e ação política, ponte constantemente estabelecida por outros mediadores.

O planejamento foi, também, trabalhado somente com os alunos. Uma das atividades propunha que os alunos planejassem uma oficina para ser dada para os professores. Para isto, o planejamento foi colocado como um importante processo, onde as metas e as estratégias seriam estabelecidas, em meio às discussões com o grupo:

“O trabalho de planejamento das oficinas é sempre um ótimo e importante exercício. No geral, os estudantes sentem-se bastante instigados em dar uma oficina para seus professores e se empenham em planejá-la. É também gostosa a idéia de dar oficinas na escola, como forma de multiplicar o projeto. Passar uma sugestão de planejamento tem sido bem interessante, como força política para eles”.¹⁵⁴

“Acredito que nossa proposta de desafiar os estudantes a planejar e ministrar uma oficina foi muito boa, pois eles puderam sentir, na prática, o que é a responsabilidade de desenvolver e executar uma proposta, e mesmo os grupos

153 - Mediadora Juliana Guimarães, 6ª Fase, Pólo 16.

154 - Mediadora Mariana de Moura Abrahão, 6ª Fase, Pólo 17.

que não aproveitaram bem o processo de planejar puderam perceber em nossa avaliação o quanto esta etapa faz falta”.¹⁵⁵

O planejamento foi também discutido e praticado para a organização do Simpósio Educom.rádio, realizado com a participação dos Pólos, na 7ª Fase, e os resultados deste trabalho foram apontados pelos mediadores em seus relatórios:

“Considero que o planejamento em conjunto das atividades do Simpósio foi a melhor atividade do curso até agora. O discurso se tornou prática..”¹⁵⁶

“Percebe-se nas entrelinhas das conversas que o planejamento não foi elaborado pelo grupo e, sim, por um e outro membro; que ele não é fruto de uma discussão coletiva. Isto também foi constatado no planejamento dos alunos...”¹⁵⁷

Importante enfatizar, que o planejamento foi tratado no dia-a-dia das atividades com ênfase da gestão participativa. Os mediadores estabelecem constantemente relações com nexos causais entre as reuniões de formação, que são feitas entre articuladores e mediadores, nos dias anteriores aos encontros, nos Pólos, e o desempenho da capacitação com o grupo de cursistas.

“Começar o dia assim e com a certeza de um planejamento bem pensado, feito na reunião de formação, me deu maior segurança para conduzir as atividades. Eu e Vanessa optamos por trabalhar as duas escolas de suplência juntas, pois teríamos maior segurança para discutir as questões propostas na folha de planejamento”.¹⁵⁸

Além da auto-avaliação positiva, a mediadora evidencia a importância do planejamento durante as capacitações para a melhoria do trabalho desenvolvido.

As falhas ocorridas muitas vezes são remetidas às possíveis falhas nas reuniões de capacitação ou ao planejamento equivocado:

155 - Mediadora Tatiana Rodrigues, 7ª Fase, Pólo 5.

156 - Mediador, Diogo Noventa, 7ª Fase, Pólo 2.

157 - Mediador, Antonio Antunes, 6ª Fase, Pólo 6.

158 - Mediadora Juliana Guimarães, 6ª Fase, Pólo 16.

“O início desta manhã foi um pouco confuso (...) Pode ser reflexo de alguma falha na reunião de planejamento, o que às vezes se torna uma metáfora de nós mesmos, ao estarmos implementando 'ecossistemas comunicativos' nas escolas. Enquanto isso, nossa equipe sofre com a falta de comunicação e de entrosamento e acaba não passando segurança para os alunos.”¹⁵⁹

A crítica do mediador ressalta a sua concepção de valorizar a formação de ecossistemas comunicativos entre os mediadores e a importância do planejamento para que os objetivos sejam atingidos.

7 - Participação, Diálogo e Produção – a prática do Educom.rádio

Os conceitos **produção**, **participação** e **diálogo** aparecem respectivamente pelo menos uma vez em 63,9%, 38,3% e 12% dos relatórios, apontando para o direcionamento ideológico dos mediadores. Falaremos sobre cada um destes conceitos no próximo capítulo, dentro do que classificamos como conceitos que fizeram parte integrante da **gestão do conhecimento** no Projeto Educom.rádio. Na ocasião, analisaremos estes conceitos de maneira mais abrangente. Adiantamos, apenas, que o mediador muitas vezes não usa a palavra "diálogo", mas, sim, sinônimos que conotam o mesmo sentido, o mesmo acontecendo com o termo "participação". O que pudemos observar é que esta tríade compõe percepções contempladas na maioria dos relatórios analisados.

8 - Educomunicação

A palavra **educomunicação** aparece expressamente em 23,7% dos relatórios analisados, sendo que, na 6ª fase, sua ocorrência é de 22,9% e na 7ª fase, de 25%. No total de 2.613 relatórios, 618 apresentaram a ocorrência do termo educomunicação.

Nas palavras dos mediadores:

159 - Mediador Pedro Ferrarini, 7ª Fase, Pólo 5.

“Alguns professores falaram sobre suas expectativas quanto à inserção da rádio em suas escolas e a Cláudia aproveitou estas falas para aprofundar um pouco mais sobre os objetivos do projeto e sobre o conceito de educomunicação”.¹⁶⁰

O conceito da educomunicação era levado regularmente aos Pólos, fazendo parte das explicações e das avaliações dos mediadores, no sentido de balizar a futura ação das comunidades educativas no pós-educom.

Em 23,7% dos relatórios, o conceito educomunicação aparece textualmente, mas poderíamos afirmar que na totalidade dos relatórios o conceito está presente, principalmente, na preocupação dos mediadores com as ações, seja em suas avaliações sobre o que havia ocorrido, ou sobre o que deveria ocorrer. Nesta constante reflexão, eles se remetem aos conceitos educamunicativos.

“Eu naturalmente escolhi acompanhar alguns cursistas na visita, orientando-os sobre ciência e educomunicação, com seus possíveis caminhos. Ao final da tarde, demos como encerrado as atividades e avaliamos o dia como muito prazeroso e positivo para nosso trabalho, refletindo na maturidade processual de nossos cursistas em relação à vida e conseqüentemente à educomunicação”.¹⁶¹

“Percebemos o empenho de todos em participar, assim como a criatividade dos grupos, o desejo de aprender e se comunicar à sua maneira. Os conceitos, mesmo que alguns ainda não percebiam, já estão acontecendo. Esse encontro geral de produções no pátio foi uma verdadeira prática educamunicativa. Fiquei contente com o desempenho da escola que coordenei, a Ary Gomes”.¹⁶²

“Posso dizer que foi um dos sábados em que percebi a educomunicação mais presente, desde que entrei no projeto, especialmente pela tarde em que conseguimos motivar os cursistas a se organizarem por si próprios, sendo que eu, enquanto mediador, só intervi em momentos muito pontuais, que ainda foram necessários”.¹⁶³

A educomunicação se configura na reflexão estabelecida pelos mediadores, mediante a ação dos cursistas, e principalmente na avaliação dos objetivos alcançados.

160 - Mediadora Andréa Straccia, 7ª Fase, Pólo 8.

161 - Mediador Murilo Rossi, 7ª Fase, Pólo 6.

162 - Mediador Francisco José da Silva, 6ª Fase, Pólo 17.

163 - Mediador Raphael Feliz, 7ª Fase, Pólo 1.

9 - O conceito de educomunicação sob o olhar dos mediadores

Durante as entrevistas conseguimos a resposta de 29 mediadores¹⁶⁴ sobre como definiam o conceito da educomunicação. As respostas foram bem diferentes, abordando, contudo, aspectos complementares do conceito elaborado pelo professor Ismar de Oliveria Soares,¹⁶⁵ e apropriado pelo NCE – Núcleo de Comunicação e Educação, sendo assumido como referência para o Projeto Educom.Rádio.

Para os mediadores existe a clara percepção de que a comunicação permeia todas as relações, estando em todos os lugares. Identificam a importância da mídia na formação e na visão de mundo das pessoas, e principalmente dos alunos. Reconhecem a possibilidade de que a educomunicação possa interferir neste mundo midiático, que ocorre na relação ensino/ aprendizagem. Na percepção dos mediadores estão intrínsecos valores como “democracia”, “horizontalidade das relações”, “valorização da comunicação dialógica”, “valorização do saber do outro”, entre outros.

Reconhecemos, praticamente três tipos recorrentes de conceitos formados pelos mediadores:

- A Educomunicação como "aliança entre a comunicação e a educação", sendo que as mídias e as tecnologias não seriam apenas usadas como apoios, mas como novas possibilidades para o pensar, o dialogar e o produzir.

164 As respostas foram obtidas através das 20 entrevistas e dos 9 questionários respondidos por e-mail, ver Cap.I, sobre a amostragem.

165 - Ismar Soares entende a Educomunicação como "o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem". A definição de Educomunicação dada por Ismar frisa o objetivo de sua aplicação prática, que é criar ecossistemas comunicativos e ampliar a ação comunicativa entre os indivíduos. O autor evidencia, desta maneira, a valorização do diálogo, da troca, do poder falar e se fazer ouvir, respeitando as diferentes visões de mundo e contemplando o universo interdiscursivo. As mediações articulam o cenário e as ações onde as práticas acontecem. Para Ismar, a necessidade da criação de verdadeiros "ecossistemas comunicativos" nos espaços educativos é essencial para que se cuide da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação. (ver SOARES, Ismar de Oliveira. "Educomunicação: As perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social"., in Revista ECCOS. São Paulo, Centro Universitário Uninove. V.2, n2, dez.2000)

- A Educomunicação como "processo de construção do conhecimento", possibilitando um trabalho educativo diferente, que se daria de forma coletiva, com a participação de todos os atores envolvidos. Essa construção seria possível em qualquer ambiente e não apenas nas escolas.

- A Educomunicação como "campo emergente de intervenção social", em permanente diálogo, ou em permanente relação com diferentes fatores sociais. Para a livre expressão dos atores envolvidos nos processos, este campo de intervenção precisa ser democrático e ter como princípio o diálogo social.

Durante as entrevistas, foi possível perceber que o mediador fala constantemente sobre as práticas educacionais aplicadas junto aos alunos no Projeto Educom e relata sobre o prazer e até mesmo a felicidade que estas práticas proporcionavam, como se fosse o desvendar de um “mundo novo”, um mundo ainda não observado em suas práticas profissionais anteriores.

É curioso observar, contudo, que quando os entrevistados se deparavam com a pergunta sobre Educomunicação, demonstravam, em geral, uma certa dificuldade em expressar seus pensamentos e formular uma síntese, especialmente, depois que haviam respondido a uma série de perguntas sobre suas práticas no Educom.

Na verdade, o Educom.rádio trouxe para os mediadores uma experiência e uma possibilidade de experimentação muito complexa. Esta complexidade de certa forma interfere no conceito de Educomunicação por eles formulado. Mas, absolutamente todos têm idéias claras, sobre o trabalho do NCE, e do Projeto, mesmo que tais idéias não estejam representadas especificamente nas respostas dadas à questão.

Para os mediadores, a Educomunicação tornou-se uma filosofia de vida, uma maneira diferenciada de ver o mundo e, mais, de agir e interagir com a realidade. Valores como a democracia, o incentivo às relações horizontalizadas, a comunicação dialógica, a gestão participativa, o respeito ao outro e a solidariedade acabaram por ser incorporados ao cotidiano deste agente, não se limitando à ação desenvolvida no Educom.

Como mostramos acima, muitos trabalham, atualmente, nas áreas de interface da comunicação/educação e continuam, de certa forma, levando para estes locais, os princípios aprendidos no Educom.Rádio.

10 - Protagonismo Juvenil

O tema **protagonismo** foi particularmente tratado pelos mediadores do Projeto Educom.rádio. Na 6ª fase, a palavra aparece, pelo menos uma vez, em 10,8% dos relatórios e, na 7ª fase, em 11,6% dos documentos. Fizemos também a busca complementar do conceito **protagonismo juvenil**, com o objetivo de verificar em que medida a palavra protagonismo viria adjetivada. O resultado foi considerável, 8,1%, na 6ª fase, e 7,9%, na 7ª fase, ou seja, na maioria das vezes que a palavra protagonismo é usada pelos mediadores ela vem acompanhada do adjetivo juvenil.

Nos relatórios, os mediadores apontam a importância de aplicar o protagonismo na prática, cumprindo um dos objetivos do Educom.rádio. Os mediadores cercam as atividades de uma a série de cuidados e demonstram ter uma visão detalhada dos relacionamentos que se estabelecem durante as atividades.

Nas palavras dos mediadores,

“As oficinas são também uma atividade prática bastante significativa de protagonismo juvenil. Eles se sentem bem coordenando os trabalhos. Deve-se tomar cuidado para a oficina não ser um espaço para que eles sejam melhores que os outros ou para que se exibam uns aos outros”.¹⁶⁶

Os mediadores tinham claro que deveriam facilitar a apreensão dos conceitos, principalmente por parte dos estudantes.

“Para as crianças que estavam comigo, da Emef. José Amadei, protagonismo era uma palavra grande, feia e difícil de pronunciar, mas depois da discussão entenderam e produziram um programa de rádio com o mesmo tema”.¹⁶⁷

166 - Mediadora Mariana Abrahão, 6ª Fase, Pólo 15.

167 - Mediador Joel Gavioli, 7ª Fase, Pólo 2.

Nas palavras do mediador,

“...passamos a conversar sobre a temática Protagonismo Juvenil, aproveitando experiências dos próprios cursistas. E através das falas, fomos elencando diversas palavras que nos auxiliaram na exemplificação como: voz ativa; ação; participação; todos opinam; direito à voz”.¹⁶⁸

Neste relato o mediador demonstra de que forma foi trabalhada a apreensão do tema protagonismo juvenil, mediante a linguagem, a participação e o trabalho em grupo.

Quando o tema era compreendido, passava-se para o próximo passo, que era o de associá-lo a uma prática na escola ou na comunidade. O objetivo em discutir determinados assuntos, era facilmente justificado, pela sua aplicabilidade no dia-a-dia dos cursistas, ensejando uma prática ou mesmo uma mudança de comportamento.

“Aproveitando que o tema da palestra seria Protagonismo Juvenil, na volta do café, o mediador Breno puxou um debate de como são resolvidos os problemas dentro da escola – se é individual ou coletivamente – se os estudantes tomam parte do que acontece na escola...”.¹⁶⁹

Podemos afirmar pela leitura qualitativa dos relatórios e pela busca quantitativa de palavras que o tema protagonismo juvenil não só fazia parte do cronograma do Educom.Rádio, como também foi apropriado pelos mediadores em sua prática diária entre os cursistas.

11 - Ecossistema comunicativo

Nossa busca pelo conceito **ecossistema comunicativo** resultou em seu aparecimento em 9,3 % dos relatórios feitos durante as fases 6ª e 7ª, sendo que 10% nos relatórios da 6ª fase e 8%, nos da 7ª fase.

Nas palavras dos mediadores,

168 - Mediadora Rosana Santos, 6ª Fase, Pólo 14.

169 - Mediadora Camila Sales, 6ª Fase, Pólo 6.

“Nosso objetivo era amadurecer o conceito e a prática de ecossistema comunicativo. Para isso iniciamos uma discussão que provocasse a reflexão sobre as relações comunicativas na escola..”.¹⁷⁰

Pensar sobre o tipo de comunicação existente na escola era essencial para um diagnóstico, que deveria ser feito pelos próprios cursistas. Essa reflexão era incentivada pelas práticas sugeridas durante a capacitação nos Pólos, como se verifica no relatório do Mediador Robson Novais, da 6ª Fase, Pólo 15:

“Passamos então para a dinâmica teatral para vivenciar o conceito Ecossistema Comunicativo. Todos em círculo, iniciei jogando o rolo de barbante e contando uma história, a qual deveria ter sequência com os estudantes”.¹⁷¹

O mediador apresenta a noção de que a prática de uma dinâmica poderia ajudar os cursistas a terem uma percepção mais clara, do conceito.

O ecossistema comunicativo aberto, que pressupõe a troca dialógica, pode em determinados momentos ser conflituoso, principalmente na escola, onde as instâncias de poder estão muito bem definidas, entre professores, direção e alunos, e mesmo entre alunos, que se acomodam em grupos, onde também existem as lideranças. Nesse sentido, a idéia de respeito mútuo e de tolerância às diferenças de personalidade se refletia em muitos relatórios.

“Aproveitei o conflito entre eles para falar sobre o ecossistema comunicativo e que para haver uma comunicação eficiente é preciso ouvir o outro, respeitar idéias e opiniões alheias, mesmo quando não concordamos com elas”.¹⁷²

O conceito ecossistema comunicativo também foi trabalhado em vários encontros, acompanhado do apontamento de uma série de evidências por parte dos mediadores, como a qualidade da recepção, do diálogo e de autocrítica. Neste relato, podemos perceber a complexidade da análise.

170 - Mediador Robson Novais, 6ª Fase, Pólo 15.

171 - Mediadora Clívia Costa, 6ª Fase, Pólo 6.

172 - Mediadora Maria Fernanda Gonçalves, 6ª Fase, Pólo 5.

“Este momento foi muito importante, para eu compreender a idéia de ecossistema educ comunicativo. A mediadora Luciana (que já está há um tempo no Educom) conduziu muito bem a discussão, dando abertura para a opinião de todos, e os instigando a refletir sobre o trabalho em grupo. Inicialmente eu estava meio insegura, preocupada com a opinião dos cursistas”.¹⁷³

A mediadora admite que ela própria tinha algum grau de dificuldade em compreender a idéia de ecossistema comunicativo, e que pode apreender o conceito mediante a discussão desenvolvida por outra mediadora com o grupo.

Os mediadores buscavam apropriar para o grupo a percepção dos cursistas sobre os conceitos. Neste depoimento, a mediadora qualifica a opinião de uma professora:

“No período da tarde, conversamos sobre o conceito de ecossistema educ comunicativo. Professores, alunos e membros da comunidade escolar, agora já divididos em suas respectivas escolas, puderam refletir sobre este conceito. Iniciei este momento, perguntando aos cursistas o que entendiam sobre ecossistema comunicativo, e uma das professoras brilhantemente expôs sua opinião, dizendo que imaginava ser um sistema onde muitas informações se cruzam e estão interligadas, formando uma “malha” de comunicações entre diferentes setores”.¹⁷⁴

Inicialmente, havíamos pautado ecossistema educ comunicativo como um tema emergente, que foi trabalhado extensamente pelos mediadores em seus relatórios. Verificamos depois que este tema estava intrincado ao projeto Educom.rádio, uma vez que criar ou incentivar o surgimento de um ecossistema comunicativo aberto, dialógico e democrático era um dos objetivos do Projeto Educom.rádio. O conceito foi trabalhado durante todos os encontros, e fases, mesmo que indiretamente. Quando as relações comunicativas não aconteciam da maneira esperada, os mediadores apontavam as falhas, davam sugestões, inclusive fazendo uma auto-avaliação entre o próprio grupo de mediadores. Portanto, este conceito não foi apenas apreendido, como serviu de balizamento para as ações do Projeto.

173 - Mediadora Bianca Binazzi , 6ª Fase, Pólo 1.

174 - Mediadora Renata Marzola, 7ª Fase, Pólo 8.

12 - Dispersão, desinteresse e apatia

Como os mediadores estavam preocupados com a participação ou com uma atitude ativa dos cursistas, todo comportamento em sentido oposto era objeto de descrição e análise. Nesse sentido, atitudes de dispersão aparecem em 9,9% dos relatórios; o desinteresse, em 3,0%, enquanto a apatia, 1,0% dos documentos.

Muitas vezes, a dispersão era associada às condições físicas dos Pólos onde as capacitações ocorriam. É interessante registrar que os CÉUs recém-inaugurados foram incluídos entre os lugares inóspitos para a oferta de capacitação, devido justamente ao gigantismo de sua infra-estrutura e à ocorrência simultânea de dezenas de outras atividades alheias ao Projeto Educo.rádio, gerando uma inusitada movimentação de alunos, roubando a atenção dos alunos e dificultando sua concentração nas atividades previstas pelo programa levado ao Pólo pelo NCE. Iremos detalhar este processo, no próximo Capítulo, quando falaremos sobre a recepção, que englobaria os conceitos de participação e de não participação.

13 - Dos conceitos à prática cotidiana

A busca conceitual quantitativa nos apontou para as questões que os mediadores julgavam relevantes, quando faziam seus relatos. A mediação, o planejamento, a produção, a participação, a educomunicação se configuraram, tanto quantitativamente, como qualitativamente, como conceitos trabalhados, apreendidos e praticados.

O relatório, ainda que tomado por alguns mediadores como uma ação meramente burocrática e avaliado, por outros, como um procedimento desinteressante de ser feito, configurou-se, em contrapartida, como um precioso espaço de reflexão e autocrítica sobre o cotidiano do Educom¹⁷⁵. Por outro lado, os relatórios, além de garantir para os gestores -

175 - Tais mediadores revelaram a impressão de que os relatórios não eram lidos, configuravam-se em uma obrigação vinculada ao recebimento da bolsa. Em contrapartida, os gestores e articuladores entrevistados garantiram que eram justamente os relatórios que balizavam a conduta do programa na complexa dinâmica de reforçar ações que vinham dando certo e de atender às

especialmente para os articuladores - uma fonte de consulta sobre a evolução do projeto em cada Pólo, consubstanciaram-se em um registro histórico preciso do cotidiano do Projeto, enquanto ação de política pública, em cada canto da cidade. No próximo Capítulo, evidenciaremos pontos comuns desta ação cotidiana, pontos que se repetiam nos relatórios, de maneira a configurar uma prática propriamente educ comunicativa.

dificuldades, carências e conflitos que se manifestavam no dia-a-dia do programa. De todos os modos, um dos elementos que diferenciou as quatro primeiras fases do projeto das três últimas foi justamente a exigência estabelecida de que os relatórios tivessem periodicidade e fossem elaborados por todos os membros das equipes que trabalhavam nos Pólos, garantindo para o historiador um rico material de pesquisa e análise.

Capítulo VIII

A mediação no Educom.rádio – entraves e conquistas na gestão do conhecimento.

*“Pensa! O pensamento tem poder.
Mas não adianta só pensar.
Você também tem que dizer! Diz!
Porque as palavras têm poder.
Mas não adianta só dizer.
Você também tem que fazer! Faz!
Porque você só vai saber se o final vai ser
feliz
depois que tudo acontecer.
E depois a gente pensa.
E depois a gente diz.
E depois a gente faz... o que tiver que fazer!”*
Gabriel o Pensador¹⁷⁶

176 Música Se liga aí. Letra de Gabriel O Pensador/ Liminha / Aninha Lúcia.

1. Introdução

Depois de fazermos a busca conceitual, decidimos aplicar uma metodologia para uma análise qualitativa do conteúdo dos relatórios. Após a leitura exaustiva dos documentos pudemos perceber que os mediadores compartilhavam atenção sobre pontos comuns, fazendo com que os relatórios apresentassem invariavelmente um conjunto de análises que se repetia, independentemente da fase em que os mediadores prestavam seus serviços. Decidimos, então, categorizar e segmentar estas análises, criando quatro grandes grupos temáticos. A amostragem para a coleta dos dados representou 10% dos relatórios produzidos, divididos por fases, pólos e mediadores¹⁷⁷.

Estes foram os quatro grupos temáticos identificados:

1º Grupo temático sobre a infra-estrutura operacional;

2º. Grupo temático sobre a gestão do conhecimento;

3º. Grupo temático sobre temas emergentes;

4º. Grupo temático sobre a autocrítica.

Os conteúdos dos relatórios apresentam de maneira regular a preocupação dos mediadores com a **infra-estrutura operacional**, ou seja, com instalações, ventilação, temperatura, material, acesso à salas, transporte para a chegada até os Pólos, alimentação, entre outros. Afinal, com a parte estrutural, considerada como garantia para o bom desenvolvimento das capacitações.

O grupo temático sobre a **gestão do conhecimento** engloba três subgrupos, o da **recepção**, o do **diálogo** e o da **produção**. O título é "Gestão do Conhecimento" porque este grupo reflete, mais evidentemente, que o mediador se entende como um facilitador e mantém um gerenciamento integrado entre suas ações e de seu conhecimento, para que os objetivos desejados sejam alcançados. Em uma definição resumida, pode-se

177 Ver Anexo V o número de relatórios que fizeram parte da amostra, divididos por Fases, Pólos e mediadores.

dizer que gestão do conhecimento é a “forma de codificar o conhecimento existente e disponível na organização a fim de torná-lo acessível àqueles que precisam dele, através de um conjunto de funções e qualificações para desempenhar o trabalho de aprender, distribuir e usar o conhecimento”.¹⁷⁸

A gestão do conhecimento seria um processo sistemático, articulado e intencional, apoiado na geração, codificação, disseminação e apropriação de conhecimentos, com o propósito de atingir a excelência organizacional. Tomamos emprestado o conceito criado e direcionado para as organizações para aplicá-lo ao processo desenvolvido pelos mediadores que tinham como propósito atingir a excelência comunicacional. Durante a recepção, diálogo e produção apontados nos relatórios se dava concomitantemente a gestão do conhecimento por parte do mediador.

Os mediadores valorizam, em seus relatórios, a participação, descrita de várias formas como "prestar atenção", "participar ouvindo", "interessar-se pelo assunto, no momento em que o combinado é feito" ou em que as "instruções são negociadas", durante as palestras e as demais ações que envolvem a **recepção**.

O **diálogo**, ou troca, segue como ação e reflexão à recepção ativa. É o espaço para que os atores se coloquem, quando ocorre a conversa, quando os pontos de vistas são expostos, garantindo aos cursistas que falem e sejam ouvidos.

Na continuidade do processo de gestão do conhecimento segue-se a **produção** de mensagens e de conteúdos, mediante o uso de instrumentos como os gravadores de mão, o papel, a produção sonora. É o momento em que os cursistas tomam para si as atividades, produzindo mensagens e colocando-se - em condição de igualdade com os próprios mediadores - como emissores e produtores de conteúdos.

Outros dois grupos de interesse para esta pesquisa são o tratamento de **temas emergentes** como violência, saúde e pluralidade

178 DAVENPORT, T., PRUSAK, L. *Conhecimento empresarial*. Rio de Janeiro, Campus, 1999. 237p.

cultural entre outros, que aparecem freqüentemente nos relatórios como objeto de discussão, assim como o tema da **autocrítica**, quando os mediadores questionam o seu próprio desempenho no Projeto.

É interessante notar que os relatórios apontam para características, que conotam a própria ação educomunicativa. Na verdade, a pauta contendo os grupos temáticos, por nós evidenciado, não havia sido solicitada pela articulação ou pela coordenação do projeto, preocupadas, tão somente, em garantir um instrumento capaz de descrever e avaliar o trabalho nos Pólos¹⁷⁹. A título de exemplo, anexamos neste trabalho um exemplo de relatório típico dos mediadores.¹⁸⁰

2. Identificando os grupos temáticos nos relatórios

Em nossa pesquisa sobre o objeto em estudo, decidimos, então, evidenciar o aparecimento destes grupos temáticos analisando, como já aludimos, uma amostragem composta por 10% do total dos relatórios dos mediadores, sinalizando, nas páginas, com cores diferentes, as frases referentes a cada um dos conteúdos temáticos. Assim:

179 Na parte objetiva, o nome da equipe, a data, o nome do mediador, as escolas atendidas pelo mediador no Pólo, o número de cursistas e a divisão por sexo. Na parte que chamamos de subjetiva, marcada pelo item 4 até o item 6, o mediador deveria relatar as atividades desenvolvidas sob a sua liderança, ou sob a sua coordenação, no período da manhã e o no período da tarde. No quinto item, o título era: Facilidades e dificuldades de comunicação com o grupo; Finalizando, o item 6, pedia com considerações gerais sobre as ações.

180 Anexo II relatório feito por um mediador, dentro do modelo sugerido.

Infra-estrutura operacional:.....sublinhado preto
Gestão do Conhecimento:
Recepção: sublinhado verde
Diálogo:.....sublinhado azul
Produção:..... sublinhado vermelho
Temas emergentes: sublinhado rosa
Autocrítica:sublinhado azul-piscina

Com esta verificação não buscamos, na verdade, encontrar a palavra exata como foi feito na busca conceitual anterior mas, sim, identificar o sentido geral das frases a partir do significado dado pelos mediadores.¹⁸¹ Na maioria dos relatórios analisados foi identificado pelo menos três dos grupos ou subgrupos temáticos.

2.1 Infra-estrutura operacional

A infra-estrutura é apontada por parte dos mediadores como fator importante para o desenvolvimento das capacitações nos Pólos. Formas de transportes, pontualidade, dificuldades no acesso aos materiais, aos aparelhos e, mesmo, às salas são relatadas, como fatores que, em determinados momentos, atrapalhavam o andamento do Projeto. Quando tudo parece correr bem, neste sentido, os relatos são menores, ou simplesmente não mencionam a parte estrutural.

Os mediadores apontam atrasos freqüentes na chegada da equipe do NCE aos Pólos, principalmente quando as escolas-Pólo situavam-se em locais muito distantes do Campus da USP,¹⁸² de onde a maioria dos mediadores, assistentes e articuladores saía, em vãs alugadas pelo projeto, entre as 6h30 e 7h00 da manhã, a cada sábado de atendimento. Como em cada carro

181 Os relatórios analisados e sublinhados foram entregues ao Núcleo de Comunicação e Educação, uma vez que os relatórios foram feitos e entregues com a garantia de serem confidenciais, portanto preservamos a sua autoria, não disponibilizando como anexo da nossa pesquisa.

182 - Alguns Pólos localizavam-se de 20 a 30 quilômetros do campus da USP.

seguiram entre 8 e 12 pessoas, bastavam o atraso de uma para que o processo de retardo se efetivasse.

Alguns evidenciam, também, o atraso de palestrantes, o que acabava por atrapalhar o cumprimento do cronograma nos Pólos. O transporte dos alunos era responsabilidade da Secretaria de Educação do município de São Paulo e, algumas vezes, também apresentava problemas com o cumprimento de horários.

Tanto nos relatórios, como nas entrevistas os mediadores detectaram problemas em desenvolver as capacitações quando estas ocorriam nos CEUS, dotados, em geral, de uma grande estrutura composta por uma série de instalações, como quadras, piscinas, anfiteatros. A grandiosidade do local, com suas atividades regulares, acabava produzindo uma espécie de concorrência ao Projeto Educom. Muitos alunos que vinham de outras escolas e entravam nos CEUS pela primeira vez ficavam maravilhados com a possibilidade de poderem conhecer e aproveitar de suas instalações.

“...o que mais atrapalhou, neste sábado, foi a própria estrutura do lugar em que estávamos: o CEU Meninos. Sendo muito grande, com três andares e possuindo atividades que atraem muito a atenção, principalmente dos alunos, foi um tanto quanto difícil saber o que cada aluno estava fazendo ou em que lugar estavam em certos momentos (volta do almoço, volta do café). Isso é comprovado pelo fato de que, quando voltávamos do café da tarde, um grupo de alunos estava sumido. Passou um bom tempo para descobrirmos que eles estavam na fila para fazer exame médico para poderem utilizar a piscina do CEU e que já haviam feito até a carteirinha”.¹⁸³

Como afirma o mediador:

“Neste dia o conjunto das atividades, especialmente as realizadas à tarde, foram extremamente prejudicadas pelo alto volume do sistema de som da festa que ocorria no CEU Campo Limpo. O alto volume dificultou bastante a comunicação com o grupo de estudantes, à tarde, sendo que a atividade 'ouvindo o ambiente' foi quase que inviabilizada já que se ouvia quase que somente o som dos alto-falantes da festa”.¹⁸⁴

O desrespeito aos horários, o atraso das capacitações, o não cumprimento do programa devido aos problemas estruturais são apontados

183 Daniel Polo, 6ª Fase, Pólo 1.

184 Thiago Galletta, 7ª Fase, Pólo 1.

pelos mediadores, sendo que nos CEUS estes problemas parecem acentuar-se como já destacamos anteriormente.

“Há sempre uma expectativa de minha parte em relação ao primeiro dia, em relação ao espaço do CEU, que ao meu ver é um espaço difícil de se trabalhar dada à requisição de outros grupos para o seu uso e de seu caráter cultural, que em finais de semana proporciona atividades que poderão competir com o nosso Educom, fato este que aconteceu bastante na 6ª fase”.¹⁸⁵

“Considero que a organização do CEU Butantã nos prejudicou muito. Mudou horários das refeições, não disponibilizou os equipamentos e, quando o fez, estavam com senhas. Não disponibilizaram o equipamento para o teste da fita. Houve ainda atraso para liberarem o teatro”.¹⁸⁶

Atraso na distribuição das instruções ou da programação, por parte do NCE, também é evidenciado pelos mediadores.

“Fica difícil conseguirmos planejar as atividades se tivermos que nos adequar a um programa estabelecido pelo palestrante, que chega a nós somente no sábado. Penso que devemos ter acesso às informações e materiais que deverão ser utilizados, no sábado, pelo menos no dia de nossa reunião de formação, ou seja, na quinta-feira, antecedente ao encontro”.¹⁸⁷

Neste relato, o atraso do material teria sido sentido pela impossibilidade de fazer algum tipo de planejamento anterior à capacitação no Pólo.

Outro ponto que aparece nos relatórios é a falta ou o atraso na disponibilização de materiais. Algumas vezes, a dificuldade de acesso aos equipamentos, ou o atraso de sua chegada às escolas de forma a garantir o funcionamento da rádio na escola, são considerados fatores negativos importantes para os mediadores. Na verdade, os componentes para a montagem da rádio que, por contrato, caberia à Secretaria de Educação providenciar, acabavam chegando sistematicamente atrasados nas escolas, ou mesmo nem

185 Mediadora Claudia Straccia, 7ª Fase, Pólo 4.

186 Mediador Raphael Feliz, 6ª Fase, Pólo 12.

187 Juliana Liegel – 6ª Fase, Pólo 15.

chegando a seus destinos¹⁸⁸. Os resultados desta situação são relatados pelos mediadores nas mais diferentes formas.

O caso do atraso na entrega dos equipamentos de rádio influenciou diretamente o andamento do Projeto, tanto que o próprio NCE passou a desenvolver uma ação pedagógica alternativa visando à independência do programa em relação à chegada do equipamento.

“...Dos seis receptores presentes, dois estavam funcionando corretamente. Muitas coisas pegamos emprestado da escola e, no final, correu bem”.¹⁸⁹

Neste depoimento, o mediador ressalta a falta de materiais para que a rádio funcionasse, para logo em seguida, afirmar que encontrou um "jeito" para garantir que a atividade acontecesse mesmo assim.

“A aluna Cássia disse que o Educom ajuda para diminuir a timidez. E como lidar com a ausência do equipamento que ainda não chegou na escola? Que isso não seja um empecilho. Com um pequeno gravador de mão é possível, como fazemos no sábado. As pessoas são mais importantes que qualquer equipamento”.¹⁹⁰

A falta do equipamento é colocada como um obstáculo a ser ultrapassado, reafirmando a visão educacional, que refuta a dependência de equipamentos, em uma perspectiva funcionalista. Os equipamentos podem, sim, trazer uma possibilidade a mais para o trabalho com os alunos, não são, porém, a finalidade em si.

188 - Receberam os equipamentos, mesmo com atrasos, as escolas que se matricularam da 1a. à 5a. fases. Já as aproximadamente 200 escolas matriculadas na 6a. e 7a. fases do Educom não receberam, até a presente data (janeiro de 2007), os equipamentos de rádio que lhes eram devidos. A administração Marta Suplicy alegou problemas com as licitações (os fornecedores deixaram de participar das licitações exigindo do poder público que se elevasse de R\$ 8.000,00 para 20.000,00 o valor mínimo do contrato). Já a administração José Serra, tomou a decisão política de não adquirir os equipamentos enquanto não se fizesse uma avaliação sobre como as escolas que haviam recebido os equipamentos o estavam usando. No momento, a coordenação do projeto junto à DOT está incentivando a adoção da produção digital, integrando a linguagem radiofônica ao computador, com excelentes resultados.

189 Mediador Daniel Rossin Pólo, 7ª Fase, Pólo 2.

190 Mediador Marco Túlio Ferreira, 6ª Fase, Pólo 3.

Na verdade, se falta de determinados materiais é uma constante nos relatórios, aparecem, contudo, como obstáculos a serem ultrapassados, com criatividade, bom senso e senso prático.

“Deveríamos fazer uma produção radiofônica e de vídeo num mesmo dia. O resultado foi uma correria, que se agravou com o fato de que só tínhamos uma fita cassete com o programa e tivemos que nos revezar para ouvir o programa”.¹⁹¹

Os mediadores sugerem em seus relatórios como a gestão poderia ser encaminhada para amenizar os problemas estruturais...

"Mas eu acho que... quem está no equipamento deve ter a iniciativa de checar se o volume do áudio está bom e se a definição da imagem está boa e etc; e não colocar o vídeo, e o mediador que está no fundo do pátio ter que ir até lá na frente para avisar que não dá para ouvir”.¹⁹²

Outro tema infra-estrutural relatado dizia respeito à alimentação. Nas entrevistas, os mediadores chegaram a mencionar a importância da qualidade das refeições fornecidas pelos Pólos aos cursistas. As refeições de boa qualidade potencializavam a capacitação, porque fortaleciam a harmonia e o ecossistema comunicativo. Um caso interessante foi relatado pela mediadora Márcia Feliciano ao comentar sobre a péssima qualidade das refeições servidas em uma das escolas. Tanto que os alunos tiveram a idéia de entrevistar a merendeira em uma de suas produções, durante a semana. Chegaram a perguntar se ele gostava de cozinhar e se ela comia a comida que fazia. As perguntas foram feitas de forma respeitosa. Depois da entrevista, no decorrer das capacitações, a merendeira passou a cozinhar melhor. No caso, havia acontecido uma intervenção dos alunos para mudar uma realidade que estava prejudicando todo o contexto. Por outro lado, os alunos perceberam que foram os protagonistas de uma ação que gerou resultados positivos.

Se a alimentação escassa ou de má qualidade provocava reações negativas, a boa alimentação, ao contrário, provocava reações positivas. Detalhes simples parecem ter grandes impactos. Acreditamos, que a longa

191 Mediadora, Maia Lucia Souza, 6ª Fase, Pólo 3.

192 Mediadora Carolina Cotrim, 6ª Fase, Pólo 4.

duração das capacitações nos Pólos maximizam as questões estruturais. A própria permanência em um período de 8h, fazia com que a estrutura tivesse um grande peso sobre o processo.

2.2 A Recepção

Como afirmamos anteriormente, os mediadores valorizam em seus relatórios a participação dos cursistas, descrita de várias formas: como o prestar atenção, o ouvir, o mostrar interesse no assunto tratado, enfim, mediante uma série de comportamentos que podemos chamar de recepção, uma recepção ativa.

A ocorrência da palavra **participação**, já foi previamente mapeada, na busca conceitual, tendo aparecido, pelo menos uma vez, em 39% dos relatórios da 6ª fase, e em 36,9% dos relatórios da 7ª Fase. Voltamos ao tema com maiores detalhes.

Na palavra do mediador:

“...as duas escolas têm um ótimo relacionamento com os estudantes, que são participativos e atuantes no espaço escolar”.¹⁹³

A mediadora Vanessa Pipinnis relata, por exemplo, a maneira como a equipe recebe o Projeto, se há animação, desmotivação, numa postura que avalia a recepção:

“Sinto que a equipe que está concluindo o curso está bastante animada com o projeto, muito embora perceba que os professores estão, de certa forma, desmotivados (...) Mas esse desânimo não se deve ao curso, propriamente dito. A Emef Maria Rita Braga tem passado por momentos difíceis frente à comunidade – há constantes casos de vandalismo contra a escola. Essa situação, aliada à suspensão das licitações para compra do equipamento de rádio pesou na equipe”.¹⁹⁴

193 Mediadora Luciana Ferreira, 7ª Fase, Pólo 2.

194 Mediadora Vanessa Pipinis, 7ª Fase, Pólo 1.

Em seu comentário, a mediadora vai além da simples constatação do que motiva este tipo de comportamento, justificando-o pela ocorrência dos casos de violência ocorridos na Escola.

A recepção das mensagens emitidas pelo Projeto através do articular e dos mediadores nos Pólos acabava sendo influenciada por muitos contextos e condições, como as questões estruturais apontadas pelos mediadores em relação aos CEUs, dificultando a participação dos cursistas, especialmente das crianças e adolescentes:

“O grupo novo de estudantes estava ansioso para ser ouvido, e isso ficou claro quando pedimos para fazer a produção radiofônica. Ficaram inquietos e depois aliviados ao se ouvirem, o que os levou a mudar a própria visão. No período da tarde, tiveram dificuldade para se concentrarem no filme. Acabaram se dispersando no CEU o que gerou reclamações por parte dos seguranças”.¹⁹⁵

“No período da tarde vivemos mais um capítulo do “educam nas ondas do CEU”. É realmente muito difícil conseguir a concentração das pessoas, enquanto as atenções (olhos, ouvidos e, às vezes, até corpo) estão todas voltadas para a piscina e um milhão de coisas que acontecem no CEU”.¹⁹⁶

Os mediadores, nesse sentido, pareciam muito comprometidos com o decorrer das atividades, apresentando certo inconformismo quando as coisas não corriam como o planejado:

“Fiquei impressionado com o comportamento da turma toda, enquanto assistíamos e discutíamos o vídeo produzido no Simpósio. Era um tal de falar daqui, rir dali, que não parava, quando o mediador colocou algumas questões sobre a crítica, um ou dois se manifestaram, e isso depois de várias insistências”.¹⁹⁷

Perceber o interesse ou a falta dele pelas ações propostas, seja atividades, palestras, ou mesmo a proposta de um diálogo era um exercício constante dos mediadores, no sentido de perceber a qualidade da recepção:

195 Mediadora Clívia Costa, 7ª Fase, Pólo 2.

196 Mediador Edvan Brito, 7ª Fase, Pólo 2.

197 Mediador Joel Gavioli, 7ª Fase, Pólo 2.

“Também foi positivo o fato das discussões serem sempre levadas a sério, pois os estudantes se dispersaram pouco e demonstraram bastante interesse”.¹⁹⁸

A recepção acontecia a contento, quando os cursistas pareciam compreender e contribuir com o que havia sido trabalhado:

“Começou com a palestra-conversa com a Teresa. Papeamos sobre temas importantes e, a meu ver, os cursistas surpreenderam no quesito apreensão de conceitos”.¹⁹⁹

“Pela manhã, no início das atividades, o grupo grande se mostrou bastante interessado pelas falas, mesmo sem saberem, exatamente, do que tratava o Projeto Educom.rádio. Participaram das discussões dando opiniões, principalmente os professores e os alunos mais “velhos”, interessados em entender o Projeto de que vão estar fazendo parte (...) Os mais novos se dispersavam rapidamente e falavam muito pouco sobre o assunto em questão, por mais que os mediadores tentassem introduzi-los na conversa”.²⁰⁰

Existe uma graduação feita pelos mediadores para a recepção, quando ela acontece a contento, quando ultrapassa as expectativas e quando aparecem ruídos que dispersam o grupo.

Quando a recepção não acontecia como esperado, os mediadores buscam sempre entender o porquê de um determinado comportamento, uma postura essencial para que o Projeto fosse vitorioso em seus objetivos. Perguntar os porquês, como faziam os mediadores em seus relatórios, é, certamente, uma das garantias para a ocorrência do processo educ comunicativo. Nestas considerações, eles promoviam um processo de balizamento, ou seja, de ajustes para as próximas capacitações.

O processo comunicacional pressupõe interação, para haver a recepção ativa e criativa. É preciso que ocorra uma emissão que leve em consideração o outro lado. Muitas vezes, este processo é mediado por uma série de intercorrências que impedem que a dinâmica funcione,

198 Mediador Bruno Brigatto, 6ª Fase, Pólo 6.

199 Mediadora, Mariana Abraão, 7ª Fase, Pólo 2.

200 Mediadora, Beatriz Siqueira, 7ª Fase, Pólo 3.

“...bem, não é difícil imaginar, que os cursistas não estavam com essa boa vontade para prestar atenção no que se estava discutindo. Estava mais interessante mexer no design da camiseta do Educom, fazendo desenhos e etc. muitos conversaram o tempo todo. Tenho que admitir, que em determinado momento desisti de tentar convencê-los.”..²⁰¹

A mediadora admite, assim, que a situação havia fugido ao controle, e que a recepção não ocorria da maneira esperada, talvez pelo cansaço dos cursistas.

A análise dos processos de recepção também aparece associada ao relacionamento dos estudantes entre si, e dos estudantes com os professores. A mediadora Francine Segawa faz uma análise do relacionamento entre alunos e professores, fato que estaria facilitando o desenvolvimento do projeto:

“A EMEF João Martins tem dois alunos bons, apesar de um tanto dispersos. Dois dos alunos adolescentes da EMEF Paulo Freire juntaram-se a eles e demoram muito a voltar do intervalo. A EMEF Paulo Freire é praticamente de adultos em fase de alfabetização. Eles estão muito interessados, são muito legais e é gostoso trabalhar com eles. Tem um ótimo trabalho em grupo, alegre e com muito respeito e abertura. As duas professoras têm uma relação muito amiga com eles, sem nenhuma vontade autoritária, mas colaborativa. O grupo tem insegurança na leitura e escrita e o Educom tem muito a contribuir porque dá uma motivação e utilidade para esses recursos. Falar está sendo valorizado, e o ato de registrar passa a ter uma utilidade prática, apesar de, creio eu, adultos em alfabetização já sabem o quanto lhes faz falta não saber ler e escrever”..²⁰²

A recepção inclui a participação e o interesse pelo que se passa. A partir deste tipo de comportamento está-se a um passo mais curto para que os cursistas pudessem se colocar, fazendo parte integrante dos diálogos e das discussões:

“Os alunos são bem participativos, interessados em aprender. Estou com essa escola desde o primeiro dia de Educom, e já estou observando a evolução dos alunos. Antes eram bem quietos, envergonhados e hoje já percebo que estão mais comunicativos”..²⁰³

201 Mediadora Stella Rainer, 7ª Fase, Pólo 3.

202 Francine Segawa, 7ª Fase, Pólo 1.

203 Mediadora Karla Queiroz, 6ª Fase, Pólo 12.

Como num processo de desenvolvimento, os alunos vão ganhando, ou conquistando, a competência para falar e serem ouvidos. Muitos mediadores relatam o grande amadurecimento que os alunos que cumpriam as capacitações pareciam ter ao final das fases. O processo de recepção também progredia do ponto de vista do respeito ao próximo, e da participação individual nas atividades propostas pelo projeto.

2.3 - Dialogo

O segundo subgrupo temático da Gestão do Conhecimento é formado pelos conceitos emitidos pelos mediadores em torno do termo **diálogo**, caracterizado pelo espaço em que os atores se colocam, quando ocorre a conversa, quando os pontos de vistas são expostos, quando os cursistas podem falar e ser ouvidos. Os relatórios registram a intenção dos mediadores em proporcionar um ambiente favorável ao diálogo, à troca e à interação através das conversas.

O conceito da comunicação dialógica está presente na maioria dos relatórios, se não de forma teórica, ao menos numa abordagem prática. O mediador aponta a existência do diálogo ou sua falta. Vibra com a evidência de que o diálogo aconteceu da maneira esperada, ou seja, de forma produtiva e democrática. Para a maioria dos mediadores é importante que os cursistas se coloquem, que as pessoas sintam-se à vontade para dar suas opiniões, fazer perguntas, oferecer respostas. Para os mediadores, o diálogo franco e aberto enriquece os processos comunicativos, e é apontado como a grande chave para o sucesso do Projeto.

O mediador Marco Túlio Ferreira, por exemplo, evidencia as possibilidades para que o diálogo ocorra, fala sobre a importância da comunicação dialógica e, ao mesmo tempo, questiona porque o diálogo não ocorreu como esperado.

“Na discussão sobre a dinâmica, realçamos a questão da comunicação efetiva. Houve? Por que não há? Como fazer para melhorar nossa comunicação? A importância do outro. Comunicação não é somente falar. São pólos que se

integram. Via de mão dupla. Por isso, necessita da atenção de ambos. Necessitamos de silêncio também na comunicação”.²⁰⁴

O diálogo, também, aparece como possibilidade de esclarecimento:

“Uma professora da EMEF Novo Grajaú, quando falávamos sobre práticas educomunicativas, disse que ela tinha um jornal mural na escola. Perguntei, então, para os alunos se eles sabiam da existência desse jornal. Muitos deles nem sabiam o que era um jornal mural. Nesse sentido, acho que o Educom proporcionou um diálogo franco, em que não adianta ficar dizendo que a escola tem mil coisas, sendo que ninguém sabe da existência delas. É necessário pensar a prática, conceituando-a e comunicando-a”.²⁰⁵

Talvez a mediadora tenha formado algumas conclusões prematuras; porém é evidente que, neste caso, a melhora da comunicação entre professores e alunos no sentido de divulgar o que cada professor, aluno ou turma produz no ambiente escolar, só tende a ser benéfica para o grupo. A conversa, a troca de informações e a maneira como tudo isto é feito, é a grande arte do Projeto Educom.rádio. Os mediadores se esforçam para que o diálogo ocorra, para que as discussões sejam produtivas e tenham o poder de interferir nas produções, na maneira de pensar e de agir dos cursistas:

“...Os cursistas se dividiram em três grupos para discutirem como gostariam que fosse a rádio na escola e como gostariam que fosse a comunidade em que vivem”.²⁰⁶

Os mediadores deixam antever que entendem que o simples fato dos alunos poderem falar e serem ouvidos pelos professores ou exporem suas idéias e opiniões rompe com as convenções existentes na maioria das escolas. Reconhecem, por outro lado, que diálogo pode produzir uma relação conflituosa, inicialmente. Estas situações foram relatadas pelos mediadores, como também as estratégias para que se pudessem contornar os conflitos.

204 Mediador Marco Túlio Ferreira.

205 Mediadora Érica Teixeira, 7ª Fase, Pólo 13.

206 - Silvia Citelli, 6ª Fase, Pólo 1.

“Após um tempo de discussão, a mediadora Estela tirou da manga uma dinâmica cênica e acalmamos o ambiente. Porém, acredito que essa pequena desavença no debate possa ser interessante, se bem trabalhada, já que o grupo se mostrou apto a discutir os assuntos. Apenas precisamos mostrar a eles como debater e dialogar de forma mais tranqüila”.²⁰⁷

Quando os conflitos aparecem os mediadores têm a consciência de que precisam usar sua experiência e seus sentidos para apaziguar o grupo, para que o diálogo não se transforme em discussão, no sentido pejorativo da palavra, e as pessoas do grupo sejam desrespeitadas.

Após as palestras, que eram assistidas pelos professores e membros da comunidade, ou, por este grupo e o grupo dos alunos, logo no início da manhã, aos sábados, havia uma discussão proposta pelos mediadores, para que o assunto pudesse ser trabalhado sobre o ponto de vista dos cursistas:

“Fizemos uma discussão do que havia sido dito na palestra e o que despertou maior interesse, entre eles, foi a questão de tomar atitude e de buscar a concretização de objetivos pré-definidos”.²⁰⁸

As palestras davam subsídios para que os assuntos pudessem ser abordados de forma mais enriquecedora e, conseqüentemente, o diálogo fosse mais produtivo, facilitando, posteriormente, o processo de produção midiática, através do rádio:

“A grande discussão e polêmica do dia ocorreram diante das ações, falas e posturas do palestrante Ciro Pedroza. Muitos não gostaram de suas colocações em relação ao papel da escola e dos professores. Segundo relatos, o mesmo colocava a comunidade contra os professores (...) Alguns também não gostaram da exposição, diante a dinâmica que ele aplicou. Eu particularmente gostei da palestra. Ele provocava bastante uma reflexão em todos. Muito bom!!!”²⁰⁹

É possível perceber, pela colocação da mediadora Carla Cruz, que a palestra causou grande repercussão no grupo, incentivando a discussão de muitos temas, seja pela discordância com o palestrante, ou pelo seu tom provocador. Mais à frente falaremos especificamente sobre o relato dos

207 - Mediadora Alexandre Fernandez, 7ª Fase, Pólo 3.

208 Amadeu dos Santos, 6ª Fase, Pólo 1.

209 Mediadora, Carla Cruz Soares, 6ª Fase, Pólo 2.

mediadores referente às palestras. Porém, neste caso, fica evidente que a palestra suscitava o diálogo e a discussão de temas, mesmo que tenha sido pela discordância ou pelas provocações deixadas pelo palestrante. Neste caso, seria um conflito a mais, com que os mediadores deveriam trabalhar.

A ação dialógica permeava o processo do qual os mediadores faziam parte, durante toda a ação formativa, incluindo a distribuição de informações, sua recepção, as produções ou os planejamentos. Tudo era presidido pelo diálogo, pela troca e pela negociação:

“Durante a atividade pude perceber que esta havendo uma maior comunicação entre os alunos e professores, todos realizaram a pauta, dando idéias e sugestões”.²¹⁰

O diálogo franco, aberto e democrático, somado ao direito de expressão respeitado, independentemente do papel que o cursista viesse a ocupar, eram as estratégias usadas como instrumentos de negociação quando as coisas não corriam como o esperado:

“A comunicação percorria outros caminhos, onde a história ganhava gestos, além de vozes e olhares. Nesta nova comunicação, era permitido voltar atrás. Fiquei feliz. Ainda pudemos, nesta tarde, gravar uma produção radiofônica sem palavras. Só com outros sons. Não foi legal o fato do peso da palavra dos adultos ainda inibir alguns estudantes. Mesmo assim, houve forte presença dos estudantes com a sugestão de várias idéias para o programa”.²¹¹

O problema da violência foi objeto de uma pergunta angustiada por parte da mediadora Andrea Straccia que, em seu relatório, coloca em cheque a forma como o projeto e a rede pública enfrentavam uma situação de conflitos. Caberia à mediadora trabalhar, em seu grupo, com duas irmãs, de 10 e 11 anos, sendo que uma havia sido violentada pelo pai. As irmãs, devido ao ocorrido recentemente, apresentavam comportamentos diferentes dos demais alunos, sendo tratadas também de maneira diferente pelos mediadores e professores, fato percebido até mesmo pelos outros estudantes, que não sabiam do caso.

210 Vanessa Leandro, 6ª Fase, Pólo 16.

211 Cássio Matins, 6ª Fase, Pólo 15.

“Então, aqui, há uma incongruência, pois se o projeto se propõe a estimular a revelação de conflitos e possibilitar o diálogo para que eles se resolvam, então será que elas estão num lugar adequado? Provavelmente, na escola elas vivenciem situações semelhantes, mas lá, os conflitos não são explicitados e sim camuflados”.²¹²

A mediadora faz uma reflexão levando os fundamentos teóricos do Educom.rádio às últimas conseqüências, demonstrando, desta forma, como o conceito da comunicação dialógica estava enraizado na mente dos mediadores. O respeito à opinião do outro, o saber ouvir e o poder falar eram constantemente apontados pelos mediadores como objetivo a ser atingido:

“Feito isso trouxemos algumas sugestões que foram somadas ao detalhamento do planejamento e deixamos que eles trabalhassem argumentos para discutir com os professores, no período da tarde. Não tivemos um sucesso muito grande, como esperávamos, porém só o fato deles se ouvirem e respeitarem a opinião do outro, já foi um ganho válido”.²¹³

O planejamento das produções seria importante, à medida que proporcionasse o diálogo aberto e democrático. Por isso, a avaliação das produções entre o grupo eram momentos de discussão, conversas e diálogos, incentivados pelos mediadores. Falar sobre o que havia sido produzido, analisar e concluir, era um exercício rotineiro do Educom.rádio, que aparece evidenciado nos relatórios, como importantes espaços para o diálogo:

“Com o jornal terminado, fizemos uma breve avaliação e conversamos sobre o que acharam de fazer o jornal. Todos disseram ter gostado de ter feito e de poderem participar. Alguns alunos disseram ter gostado da experiência de ter feito o jornal junto com os professores”.²¹⁴

Nestes momentos, dava-se a sedimentação para a prática da criação do ecossistema comunicativo. As conversas realizadas nas avaliações, no final do dia, também aparecem nas entrevistas como um importante momento, onde era possível, aos mediadores, avaliar realmente as atividades.

212 Mediadora Andrea Straccia, 6ª Fase, Pólo 13.

213 Mediador Tereza Arrais, 7ª Fase, Pólo 4.

214 Mediador Gerhard Jan Lugard Cunha, 7ª Fase, Pólo 5.

2.4 - Produção

A produção se configura como o terceiro sub-grupo temático do grupo "Gestão do Conhecimento". Muitas vezes, não é possível isolar o conceito **produção** de outros conceitos nos relatórios. A produção é caracterizada pela ação do fazer, mediante o uso de gravadores, de papel, da produção oral, da escrita, de desenho, etc. Quando os cursistas tomam para si as atividades e elaboram conteúdos colocam-se, nesta tarefa, como produtores e não apenas como receptores da comunicação.

O Educom.rádio é marcado pela produção, que proporciona o caráter prático do Projeto. Por sua vez, os mediadores incentivam e avaliam o processo produtivo em seu curso e não, apenas, o resultado final deste processo. O planejamento é incentivado, assim, como um processo de produção do conhecimento. Os mediadores relatam que, muitas vezes, produções de qualidade, como programas de rádios tecnicamente bem feitos, às vezes eram resultados de um processo pouco produtivo, enquanto, por outro lado, produções mais simples, às vezes, havia demandado a participação, o diálogo e uma rica troca de experiências. Nas palavras do mediador:

“O grupo da tarde principalmente esteve muito envolvido na produção da paisagem sonora e da fotografia. Abriram mão, inclusive, de que todos estivessem na foto para passar com mais clareza a intenção que tinham de abriram mão do ego, em favor do grupo. As produções dos grupos superaram nossas expectativas em número e extensão”.²¹⁵

Desta forma, o processo de produção muitas vezes é apontado como tão ou mais importante que a própria produção:

“Depois passamos à produção do programa de rádio. Expliquei que poderiam variar e pensar em outros formatos de programa já que, até o momento, a maioria das produções ia pelo caminho do formato da entrevista. Decidiram, então, produzir uma rádio-novela intitulada “Na hora do intervalo”. Enquanto um grupo produzia o roteiro e os textos, o outro produzia a vinheta. Após alguns ensaios, partimos para a gravação”.²¹⁶

215 Mediador Erik Moraes, 6ª Fase, Pólo 5.

216 Mediador Renato Assis, 6ª Fase, Pólo 3.

Pelos relatos dos mediadores, o forte do processo de produção, no Educom, é trabalhar o planejamento participativo e o diálogo que permeia as decisões. O processo de produção era muito importante para os alunos, como o era para os professores e para os mediadores. Servia não só como explicitação do que foi apreendido, elaborado e reelaborado, mas principalmente como importante objeto de análise para os mediadores, e como fonte de incentivo para os cursistas:

“A produção radiofônica da manhã foi uma vinheta da rádio que eles concuirão na escola. O processo de criação das duas escolas foi muito tranquilo. Se houve algum problema de comunicação entre eles foi causada pelo fato de alguns cursistas serem muito tímidos e de não se sentirem capazes de fazer algo útil para o grupo. Mas acho que conseguimos trabalhar essa dificuldade pedindo para que eles fizessem alguma coisa, qualquer coisa que eles achassem fácil. Todos participaram”.²¹⁷

No relato da Mediadora Luciana Crociati, podemos observar que a produção era conduzida para que houvesse a participação de todo o grupo:

“No fim da tarde, houve uma socialização das produções, uma breve avaliação e uma conversa sobre o Simpósio. Encerramos com uma sessão de fotos, que foram tiradas durante o dia, e puderam ser mostradas na televisão, e que prenderam o olhar de quase todos”.²¹⁸

Compartilhar o que estava sendo produzido, funcionava também para trabalhar a auto-estima dos cursistas. Os mediadores usam expressões subjetivas como "felicidade" e "prazer" para relacionarem-se aos efeitos das produções, numa demonstração clara de que os mediadores se importavam com os sentimentos dos cursistas. Nas palavras do mediador:

“O grupo parece estar mais dinâmico nas produções, e o clima predominante é de bastante alegria e prazer. O processo foi bem rico, acredito que poderia ser melhorado um pouco mais (...) Me parece que eles ainda não se sentem

217 Mediadora Érica Teixeira, 6ª Fase, Pólo 13.

218 Mediadora Luciana Crociati, 6ª Fase, Pólo 1.

seguros para realizar produções mais ousadas, até mesmo porque o líder do grupo é religioso!”²¹⁹

Quando as atividades parecem estar gerando prazer, emoções positivas, são registradas pelos mediadores como parte do objetivo cumprido:

“Por outro lado, foi engraçadíssimo ver os professores, em determinado momento, grudarem suas barrigas na pia de revelação dizendo: 'os alunos é que vão ficar sem ver dessa vez! Daqui eu não saio!! Azar deles!! Deixa eles lá pra trás’.”²²⁰

No relatório, a mediadora relata com humor o comportamento dos professores num estágio de descontração, onde os professores passaram a comportar-se como alunos. É, contudo, o tom mais concentrado de quem documenta detalhes importantes de um procedimento que os relatórios foram escritos, como nesse caso, relacionado à avaliação da produção de alunos, realizada a partir da reflexão de uma das palestrantes do programa:

“Após a discussão, iniciamos então as produções radiofônicas sobre educomunicação nas escolas, em grupos por escolas. Os alunos se reuniram, realizaram o roteiro e iniciaram as gravações. Posteriormente, reunimos todos os alunos no pátio para a palestra com a professora Maria Marta para discutirmos sobre linguagens. Através da audição dos programas, a palestrante trabalhou os conceitos e fez uma análise das gravações”.²²¹

Os relatórios documentam que o processo dialógico e democrático, no planejamento e execução das tarefas, era incentivado pelos mediadores e deveria permear todo o Educom.rádio, e suas atividades:

“...os alunos propuseram uma dinâmica antes de fazermos o programa de rádio que era bastante divertida (...) a dinâmica serviu para descontrair tanto os estudantes, quanto os professores antes de fazermos o programa de rádio. O programa foi construído de maneira bastante democrática. Uma professora

219 Mediadora Renata Sanches, 6ª Fase, Pólo 17.

220 Mediadora, Sylvia Sanchez, 6ª Fase, Pólo 2.

221 Mediadora Clarice, 7ª Fase, Pólo 2.

até tentava agir de maneira autoritária, mas o resto do grupo estava bastante envolvido no processo e isso não interferiu”.²²²

As produções provocaram relatos importantes dos mediadores por serem quase sempre objeto de suas análises:

“Considerarei ótimas as produções do dia, mas por exceder a nossa expectativa, acabaram por inviabilizar o papo com o palestrante sobre linguagens da comunicação, o professor Adilson Citteli. O palestrante também se mostrou feliz com as apresentações e afirmou ser mais importante a socialização dos trabalhos por parte dos estudantes do que a explanação teórica”.²²³

Os mediadores demonstraram através de seus relatórios que tinham um forte comprometimento não só com a qualidade das produções, mas com o processo vivido até chegarem ao resultado.

“O grupo de crianças pediu novamente para trabalharem juntos, a sós. Mas pedi a eles que o fizessem com todos os grupos de sua escola. Eles acabaram encantando os adultos não só de sua escola (2 senhoras e um senhor de mais de 50 anos). (...) O programa ficou lindo! É a Rádio Criança, programa 'Criança educando criança', comandado pelo locutor Ed Fofoca, o Júnior, talentosíssimo, que deve ter cerca de 12 anos. As crianças entrevistaram todos os adultos sobre o que achavam do rádio, fizeram um game show com prêmios para quem descobrisse a idade do rádio, e no final falaram com Zeca Pagodinho que cantou Vida Leva Eu. E o melhor, tudo à base de muito papo, companheirismo e carinho, sem uma linha escrita”.²²⁴

Mediante a leitura deste relatório é possível perceber a riqueza de elementos que faziam parte do processo de produção e os grandes resultados obtidos pelas capacitações. Observa-se em muitos relatos que os alunos que não conseguiam se expressar durante as conversas, se colocavam através das produções de cartazes, jornal mural, programas de rádio entre outros. Os temas trabalhados também ganhavam maior expressão durante as produções:

“A atividade seguinte consistia em escrever mensagens nos cartões da revista Viração. Sugerimos que cada cursista escrevesse no verso do cartão aquilo que gostaria que se transformasse em política pública. O resultado foi gratificante; eles escreveram mensagens do tipo: 'Gostaria que fosse adotado como política

222 Mediadora Nalu Medeiros, 7ª Fase, Pólo 4.

223 Mediador Erik Moraes, 6ª Fase, Pólo 5.

224 Mediadora Francine Segawa, 6ª Fase, Pólo 5.

pública um horário na televisão e no rádio para toda a comunidade.'; 'Gostaria que os negros fossem respeitados e que se acabasse o racismo'; 'Gostaria que aumentasse (sic) os salários e houvesse (sic) mais empregos'; 'Gostaria que o negro fosse respeitado e compreendido pela sociedade e que houvesse, por lei, emprego para nós negro (sic) de nível e não baixo mas sim decente'... etc. Os vários cartões escritos demonstram uma compreensão clara do que são as demandas políticas socialmente importantes que o Estado deve assumir como políticas públicas".²²⁵

O mediador Robson Braga exemplifica como o tema "políticas públicas" aparece consolidado pelas abordagens dos cursistas em suas produções:

"A oficina do Hip Hop foi bem interessante. Eles prepararam cada detalhe antecipadamente; cronometraram; prepararam material. O que serviu como experiência para os estudantes de uma prática educacional na escola. Eles já cantavam Rap, escreviam as letras, falando sobre o cotidiano dos jovens da periferia. Retratabam a violência, as drogas, a discriminação, e a desigualdade social".²²⁶

A produção tem a mágica do concreto. Muitas vezes, os cursistas tinham dificuldades iniciais de apreender ou mesmo de verificar a relevância das atividades do Educom, que eram repletas de muita conversa e discussões:

"As oficinas foram fundamentais para trabalharmos as questões de como fazer rádio, e nesse momento, alguns cursistas que ficavam dizendo que o nosso trabalho era apenas enrolação – como coloquei no meu relatório do 3º encontro – se sentiram menos enganados, já que falamos o dia inteiro de rádio".²²⁷

O nível de detalhamento na observação dos mediadores é outro fator que permeia os relatórios. Essa característica nos possibilita afirmar que o acompanhamento do trabalho dos cursistas era feito passo a passo.

"Na produção da manhã com o Monte Belo, foi legal ver que eles tiveram a iniciativa de perguntar se podiam colocar música de fundo para aumentar em determinados momentos. Aproveitei e falei sobre essa questão do BG em rádio e fui atrás para ver se dava, mas o aparelho de som estava sendo usado. No momento da gravação houve um atropelo de um com o outro. Quer dizer, um deles se precipitou e falou uma partezinha do texto do outro, e o legal foi ver

225 Mediador Robson Braga, 6ª Fase, Pólo 5.

226 Mediadora Márcia Feliciano, 7ª Fase, Pólo 5.

227 Mediadora Érica Franco, 7ª Fase, Pólo 4.

que esse outro não curtiu, que ele queria ter falado e depois conversaram a respeito de seguir o roteiro”.²²⁸

Quando as produções não cumpriam os objetivos previstos pelos mediadores, os relatos eram feitos no sentido de planejar sobre as próximas atividades, e analisar porque a produção não havia chegado ao resultado almejado:

“Pensei um pouco sobre a atividade do jornal mural que não surtiu muito efeito, acho que eles não demonstraram interesse em realizar, logo a atividade não atingiu o público nas escolas. Penso até na possibilidade de refazer o jornal de outra maneira, que os envolvesse ainda mais, pois acredito que há uma grande diferença quando a pessoa participa ativamente do processo, pegando os pontos a melhorar desta primeira experiência e refazendo em um outro momento”.²²⁹

Alguns mediadores sentiam necessidade de ampliar as ações práticas do projeto e alertavam os dirigentes com anotações precisas:

“É notória a falta de mais produções de rádio no decorrer do curso. Quando elas ocorrem, a participação é maior, como também o interesse dos cursistas, principalmente dos estudantes. Está cada vez mais sendo diminuída a ênfase na prática do rádio e o curso tem se tornado cada vez mais panorâmico. O caráter teórico e a didática convencional têm se apoderado das atividades propostas por uma apostila esquemática e incompleta. A prevalência dos temas transversais e da imbricação de diversas linguagens tem tomado um espaço necessário para o alicerçamento da prática da linguagem do rádio”.²³⁰

A ausência do equipamento de rádio não inviabilizava a busca pelas atividades práticas.

“O que parecia impossível a princípio aconteceu. O jornal mural saiu e ficou muito bom. Percebi que todos ficaram orgulhosos”.²³¹

“A última atividade dos cursistas no segundo encontro foi a elaboração de um programa de rádio que, levando em conta as atuais práticas educacionais, convocasse a comunidade a novas práticas e projetos na escola. A produção

228 Mediadora Ana Karina Saito, 6ª Fase, Pólo 14.

229 Mediadora Márcia Feliciano, 6ª Fase, Pólo 15.

230 Mediador Rodrigo Campos, 6ª Fase, Pólo 5.

231 Mediadora Claudia André, 6ª Fase, Pólo 4.

deveria seria parte de uma estratégia para tornar o Educom.rádio conhecido ou de integrá-lo à realização de outros projetos”.²³²

A reflexão sobre a produção permeou a maioria dos relatórios, evidenciando, entre outros pontos, a importância do processo de produção, do planejamento, da gestão participativa, da comunicação dialógica e do uso das tecnologias.

2.5 - Temas emergentes

Os mediadores abordam em seus relatórios o que denominamos de temas emergentes, assuntos que eram trabalhados de acordo com as palestras, ou pelos próprios fundamentos do Projeto Educom.rádio. Os temas emergentes fazem parte do terceiro grupo de análise. Em nossa leitura qualitativa, pudemos perceber que alguns temas aparecem repetidas vezes.

Os temas emergentes deram uma face para o Projeto que tratou assuntos que diziam respeito a todos e à comunidade, como a violência, a saúde, a pluralidade cultural, e ao próprio projeto, com temas como "protagonismo juvenil", "ecossistemas comunicativos"²³³ e o próprio "veículo rádio", que foi um tema frequentemente trabalhado, até por ser o principal meio para a produção nos Pólos.

Muitas vezes, o assunto em pauta era trazido pelo próprio cursista e apropriado para a discussão ou para a produção de um programa de rádio ou de outro trabalho midiático. Pudemos perceber com a análise dos relatórios que alguns temas emergentes, como assuntos relacionados à violência, surgem quando as discussões tomam corpo, quando os cursistas conquistam a confiança para se exporem, contando seus relatos e dando suas opiniões. O tema violência é recorrente, até porque o Educom tinha como um de seus objetivos diminuir a violência nas escolas e em seu entorno:

232 Mediador Bruno Brigatto, 6ª Fase, Pólo 6.

233 Os temas protagonismo juvenil e ecossistema comunicativo foram abordados no Capítulo VII, por configurarem conceitos que foram trabalhados intensivamente no projeto.

“Eles falaram que o EMEF Olegário é muito assaltado, que já haviam roubado os computadores e que eles não davam, nem um mês, para o aparelho de rádio ser roubado. Comecei a entender de onde vinha o desânimo todo. Discutimos um pouco sobre como eles poderiam resolver este problema e eles disseram que com mais policiamento. Questionei a solução, argumentando que é impossível ter um policial para cada esquina da cidade, etc e tal, mas para eles só a polícia na rua resolveria estes problemas. Outro problema, que eles levantaram foi o da falta de respeito geral entre professores e alunos, alunos e professores, alunos e alunos, funcionários e alunos”.²³⁴

“Os problemas foram: falta de comunicação, depredação da escola, falta de segurança, falta de luz, de um bom ensino, violência, quadra de esportes. A partir disto, pedimos que os cursistas voltassem ao problema que achassem mais importante de ser resolvido e discutissem como a rádio poderia ajudar a resolvê-lo. A escola Irmã Dulce achou a falta de comunicação entre funcionários, professores e alunos o maior problema da escola e que a rádio poderá ajudá-los a resolver”.²³⁵

Interessante apontar que o nesta escola existe o problema da violência, ele é percebido pelos alunos como tal, mas o pior problema para o grupo seria a falta de comunicação, que é classificada como prioridade a ser resolvida:

“Quanto ao projeto orientado, alguns professores me contaram que segundo o levantamento que fizeram junto aos alunos, além de pesquisar a própria formação da região, descobriram que aquela comunidade foi formada por posseiros e pessoas que haviam sido expulsas das regiões próximas. Segundo o grupo, isso tem forte influência na forma como a própria comunidade lida com a escola – problemas de vandalismo e de roubos são frequentes. Nesse contexto, os professores viram nesse projeto uma forma de elevar a auto-estima dos moradores da região, chamando-os para participarem da vida escolar”.²³⁶

É possível perceber em todos estes relatos a forte influência dos assuntos relacionados à violência e à consciência por parte dos mediadores de que o tema deveria ter um tratamento especial, e uma condução que levasse os cursistas, principalmente os alunos, a perceberem que algo poderia ser feito. E que havia possibilidades do problema ser amenizado por uma ação coletiva.

O tema **saúde**, também foi trabalhado pelos mediadores e pelos palestrantes conforme os relatórios. O tema era trabalhado no sentido de

234 Mariana Pecoraro, 6ª Fase, Pólo 16.

235 Mediadora Ana Carolina Pinto, 7ª Fase, Pólo 1.

236 Mediadora Vanessa Pipinis, 7ª Fase, Pólo 1.

alterar a percepção do cursista sobre a importância do assunto, para a melhoria da qualidade de vida individual e coletiva, assim como, para melhorar a auto-estima dos cursistas. Muitas vezes, o assunto saúde foi usado como uma maneira de melhorar a recepção e a participação.

“Devido à dispersão, propus outro exercício: usando temas ligados à saúde, agora iriam se comunicar através da mímica; cada grupo definiu um tema e a mímica para ser apresentada. Os outros grupos tinham que adivinhar”.²³⁷

Neste caso, o tema foi trabalhado pelo grupo de maneira prática. Passaram não apenas a ouvir sobre, mas a produzir sobre, através da mímica.

O Educom.rádio tinha como objetivo relacionar temas, usar eixos transversais, e evidenciar o fato de que a realidade não é segmentada, como os conteúdos são, muitas vezes, transmitidos na escola. Os temas e assuntos se mesclam, influenciando uns aos outros. Portanto, ao se falar sobre saúde, pode-se falar sobre qualidade de vida, sobre meio ambiente e sobre ação política, como por exemplo:

“...sendo apresentado com isto uma sensibilização em relação ao meio ambiente, a saúde corporal e a valorização da cultura popular brasileira, relacionando o assunto com os eixos transversais já trabalhados, assim como com sua inter-relação com a educomunicação”.²³⁸

O **meio-ambiente** era um tema presente nos trabalhos feitos nos Pólos, e também trabalhado de maneira interdisciplinar, relacionado sempre às comunidades dos alunos:

“Após as brincadeiras fomos às salas para discutir o tema do dia que era *meio ambiente*”.²³⁹

A **pluralidade cultural** foi outro tema emergente que cativou os mediadores e os cursistas, pelas possibilidades de trabalho que

237 Mediadora Ana Carolina Rodrigues, 6ª Fase, Pólo 16.

238 Mediador Murilo Rossi, 7ª Fase, Pólo 6.

239 Mediador Breno Menizes, 6ª Fase, Pólo 6.

permitiu surgir. Muitos trabalhos foram produzidos relacionando diferentes ritmos e sons, sotaques, abordando os aspectos do preconceito e da discriminação. A "pluralidade cultural" e a "diversidade" ganharam a simpatia dos cursistas, diferentemente do tema "subjetividade" que foi apontado pelos mediadores como um tema difícil de ser trabalhado e de ser apreendido e reelaborado:

“Na dinâmica cênica fizemos uma alteração para melhor trabalharmos o tema pluralidade. Procuramos trazer o tema para a realidade dos estudantes para isso utilizamos um CD com trechos de várias músicas de diversos ritmos e na medida que íamos tocando eles tinham que identificar o ritmo e origem, assim tocamos MPB, música portuguesa, Rock, clássica, samba, pop.”²⁴⁰

O tema **protagonismo juvenil** também aparece em cerca de 10% dos relatórios²⁴¹, e foi um dos temas importantes para o trabalho com os cursistas, principalmente junto aos adolescentes, porque concomitante ao protagonismo juvenil, era trabalhado mesmo que de maneira indireta a auto-estima dos cursistas.

Os mediadores demonstraram perceber e valorizar a importância de estimular os adolescentes para que emitissem opiniões, participassem de forma direta, não só do Projeto, mas do cotidiano da escola, da família e da comunidade, evidenciando a importância da recepção ativa, da possibilidade que tinham para produzir, e principalmente da capacidade existente em todas as pessoas.

Os temas eram trazidos para a realidade do aluno, para que ele pudesse na medida do possível vivenciar sobre o conceito. Os mediadores demonstram em seus relatórios a preocupação de que os temas trabalhados fossem entendidos e apropriados.

Nas palavras dos mediadores,

“Depois iniciamos uma conversa sobre o tema 'políticas públicas'. Perguntamos aos alunos o que entendiam sobre política pública, definimos o termo, perguntamos se eles conheciam trabalhos dentro da escola que

240 Mediador Moysés Ribeiro, 6ª Fase, Pólo 14.
187 Abordamos o tema no Cap. VII.

poderiam ser considerados como políticas públicas. Lançamos uma proposta. Divididos em dois grandes grupos eles deveriam vivenciar uma situação relacionada ao tema. Dentro deste grupo eles formariam três sub-grupos que representariam a sociedade, a mídia e o governo”.²⁴²

“Consegui dar grandes saltos com meu grupo nesse sábado. Conseguimos discutir coisas superimportantes, como neoliberalismo, socialismo, comunismo e anarquismos e eles ficaram bem satisfeitos com as discussões e também ficaram bem revoltados com algumas coisas e agora acho que eles perceberam, realmente, que eles podem usar a rádio para compartilhar suas angústias. Acredito que esse grupo ainda vai dar o que falar”.²⁴³

Neste depoimento, o mediador associa novos temas à gestão futura da rádio na escola, numa tentativa de relacionar assuntos que podem parecer muito distantes aos jovens estudantes em sua prática cotidiana, alertando que o rádio pode ser um ótimo instrumento para trabalhar temas diversos.

Os temas escolhidos pelo Educom.rádio, como pluralidade cultural, diversidade, saúde, subjetividade, políticas públicas, história do rádio, ajudaram a compor o Projeto, e a demonstrar para os cursistas e também para os mediadores, que qualquer tema pode ser tratado com um enfoque educacional. Prova disto é que muitos assuntos ou temas trazidos pelos professores ou estudantes, durante as capacitações, acabavam sendo incorporados ao trabalho com o grupo de alguma forma.

2.6 - Autocrítica

Com a leitura dos relatórios, percebi que a alta criticidade dos mediadores provocou, também, em muitos casos, uma grande exigência consigo próprios. Nesse sentido, a autocrítica aparece em muitos relatórios. Os mediadores tendem a avaliar não só o outro, mas a si próprio, o que é interessante para o Projeto, porque invariavelmente leva a uma reflexão e a uma tentativa de “acertar” ou de “fazer melhor”, nas próximas vezes.

Acreditamos, também, que o fato de fazer os relatórios tenha levado a um exercício de reflexão e, conseqüentemente, de autocrítica.

242 Mediadora Claudia André, 6ª Fase, Pólo 4.

243 Mediador Raphael Alário, 6ª Fase, Pólo 9.

“Eu deveria ter falado com mais calma (leia-se devagar), e perguntado mais sobre a opinião dos alunos. Vou tomar cuidado com as palavras também, muitas vezes eu usei 'desdobramentos', 'ratificar', 'esmiuçar', nem percebi que eles não estavam entendendo nada. Mas o grupo me chamou a atenção e no próximo encontro ficarei mais atento com a linguagem. Preciso trabalhar mais como evitar confrontos. Temos, sim, que estimular a discussão, mas atentarmos ao bate-boca que não é legal”.²⁴⁴

Neste relato, o mediador faz uma avaliação sobre a sua postura e principalmente sobre a linguagem usada, ou seja, sobre o processo comunicativo (como se comunicar, se o outro não conhece o significado do que é dito) e propõe algumas mudanças, enfatizando a possibilidade de ser mais conciliador. O fato de se constatar todas estas nuances em um relatório demonstra a percepção do mediador sobre o tipo de comunicação que ele desenvolveu com o grupo, e sobre o tipo de comunicação que o mesmo quer desenvolver:

“Foi difícil a comunicação com o grupo – misto de professores e alunos. Na verdade, uns não conseguiam respeitar as ansiedades dos outros e se atropelavam mutuamente. Como havia muito “conteúdo” a discutir, pouco tempo para trabalhar, e eu estava sozinha, não consegui dar conta de facilitar que o grupo de professores respeitasse o grupo de alunos e vice-versa. Resultado: a bagunça geral que se instalou”.²⁴⁵

Mesmo que a análise por parte da mediadora tenha sido negativa, é possível perceber o seu envolvimento com a atividade, seu senso de responsabilidade. Trabalhar com pressupostos educacionais possibilita uma ação diferenciada, que empregue menos o autoritarismo. Portanto, os mediadores, muitas vezes, relatam passagens que permeiam uma linha tênue sobre como ser democrático ou autoritário, permitindo, ou não, que as ações fujam do controle com desrespeito às regras que deveriam permear a ação nos Pólos.

O mediador aponta como uma das dificuldades do trabalho lidar com faixas etárias muito diferentes. Como não havia, no Educom.rádio, uma rigidez quanto à faixa etária dos alunos, até porque o Projeto previa esta diversidade, muitas vezes, este fato se configurava em um

244 Mediador, Cleumir Gonçalves, 6ª Fase, Pólo 2.

245 Mediadora, Sylvia Sanchez, 6ª Fase, Pólo 2.

grande desafio a ser vencido. O mediador mais jovem também demonstra dificuldade em trabalhar com professores bem mais velhos e bem mais experientes.

“No nosso caso, acho que deveríamos ter feito alguma dinâmica a mais por conta das crianças, que nos pegaram de surpresa, mas é uma questão complicada. Se usarmos muitas (dinâmicas) vira trabalho ocupacional, por outro lado é justamente isso o que os ligam. Talvez, tenhamos que pensar as atividades adequadas para elas, onde possamos trabalhar os conceitos e, em alguns momentos, separá-las dos maiores”.²⁴⁶

Alguns mediadores analisam freqüentemente sua performance frente aos cursistas, no sentido de desenvolverem as atividades com melhor desenvoltura:

“Fiquei desconcertado. Na minha vez de apresentar a proposta da atividade, não consegui fazê-la de maneira satisfatória”.²⁴⁷

O tempo ou a sua escassez gera um grande dilema, entre cumprir o planejamento, contemplar o conteúdo e fazer as atividades da melhor maneira possível. O mediador demonstra sentir esta dificuldade em seus relatórios, um dilema talvez sentido pela maioria dos professores na sala de aula, para o cumprimento do conteúdo curricular.

O mediador não se vê, contudo, como um professor, até mesmo porque a grande maioria não o é. Aliás, a visão que alguns mediadores têm do professor chega a ser um tanto quanto preconceituosa, porém não queremos entrar no mérito desta discussão, porque precisaríamos de um aprofundamento maior sobre este assunto. O que é possível depreender é que o fato não parecer com o professor tem a ver com o não repetir o modelo formal educacional tradicional e tudo aquilo que ele representa.

“Estamos com um conceito na cabeça e realizando outro. Não devemos concluir discussões para os cursistas, não devemos nos portar como professores e principalmente tomar cuidado para que não nos contradizer. Estamos ali defendendo um tipo de “ensino” de uma maneira mais

246 Mediadora, Karen Hereros, 6ª Fase, Pólo 2.

247 Mediador, Luiz Pattoli, 6ª Fase, Pólo 3.

participativa, na qual a vontade do aprendizado tem que surgir deles mesmos. Concluindo e mastigando conceitos não vai adiantar nada”.²⁴⁸

Os momentos de segurança, insegurança, auto-avaliação aparecem de várias maneiras relacionadas também ao comportamento do grupo de mediadores:

“Tive muita facilidade de me comunicar sobre o planejamento com a escola José Lins do Rego, em virtude da discussão de implantação da rádio, na escola deles, já estar bem articulada. Porém, encontrei dificuldades de relacionar o tema da palestra com as outras atividades, pois, acho que não houve muita assimilação por parte dos alunos”.²⁴⁹

Observações que vão desde o simples comportamento, até a problemas mais complexos fazem também parte da autocrítica:

“Precisamos tomar cuidado, entre nós mediadores, para que nós mesmos não desviemos o foco dos cursistas, quando falamos entre nós ou quando entramos nas salas (eu inclusive)”.²⁵⁰

No caso, o mediador faz uma simples observação comportamental, mas de fundamental importância para o dia-a-dia do Projeto.

Temos observado, até aqui, que os mediadores trabalham com alta criticidade, comprometimento e senso de responsabilidade. Podem errar, mas tentam acertar. É, nesse sentido, que o mediador Edvan Pereira Brito faz um interessante depoimento sobre a função do mediador e do assistente de direção, já que havia passado pelas duas funções. Demonstrando como trabalhar como mediador no Projeto, Edvan alterou sua perspectiva no campo da educação. A opinião de Edvan é compartilhada por muitos mediadores que foram entrevistados em nossa pesquisa. Voltaremos a este assunto mais à frente.²⁵¹ Segue o texto:

248 Mediador Eduardo Garcia, 7ª Fase, Pólo 5.

249 Mediadora Érika Vieira, 6ª Fase, Pólo 13.

250 Mediador Francisco José da Silva, 6ª Fase, Pólo 17.

251 Fizemos esta pergunta para 20 mediadores sendo que todos responderam que vivenciaram uma profunda mudança após terem trabalhado como mediadores no Educom. Para muitos a educomunicação é comparada a uma maneira de ver e viver no mundo, como uma filosofia.

“Depois de um semestre e meio, este encontro teve uma motivação especial para mim, pois retomei a função de mediador. Na verdade, todo este tempo como assistente do grupo me possibilitou experimentar uma série de coisas, inclusive o meu senso de organização. Não há arrependimentos, mas, pelo menos no meu caso, eu sentia falta do contato mais direto com os cursistas. Não que eu não tivesse esse contato, mas é diferente. Cuidar da parte mais burocrática nos faz pensar no Projeto com outros olhos, às vezes, até um pouco mecânico demais. Eu me sentia como alguém que prepara o cenário, faz tudo para que a apresentação aconteça da melhor forma possível. E apesar de estar nos bastidores, eu me sentia importante, já que funcionamos como um grande corpo, no qual cada um é responsável por uma determinada função. O que eu percebo, estando no projeto desde o segundo semestre de 2002, é que houve uma mudança significativa na minha forma de encarar o processo educacional. Tenho tido outras experiências no campo da educação e este jeito de lidar com a educação se imprimiu em mim de forma que eu não consigo agir diferente”.²⁵²

A auto-avaliação em si já demonstra claramente um posicionamento crítico e engajado do mediador, no sentido de estar comprometido com o desenvolvimento das atividades e com o cumprimento de objetivos.

É interessante observar que os mediadores do Projeto Educom.rádio vinham das mais diferentes áreas, isto fez com que encontrássemos nos relatórios diferentes visões e opiniões, assim como novas descobertas por parte dos mediadores:

“Assim como alguns cursistas descobrem coisas novas em si, eu também descobri. Me surpreendi com o fato de que minha formação de fonoaudióloga me ajudou em algumas coisas durante o projeto, até oficina de saúde e expressão vocal realizei no dia do Simpósio. Talvez pareça bobagem, mas o fato de conviver com jornalista (meu marido) há tantos anos, foi algo que também me ajudou muito, quanto à familiaridade de todo o jargão da área”.²⁵³

Os processos críticos e autocríticos dos mediadores geravam uma espécie de controle de qualidade para as ações do Educom.rádio. Estas críticas chegavam ao conhecimento do supervisor geral, da coordenação e da equipe de formadores, sendo levadas para as reuniões de formação, feitas durante a semana, entre os mediadores, o articulador e o assistente de direção, com o objetivo de avaliar e planejar as ações futuras.

252 Mediador Edvan Pereira Brito, 6ª Fase, Pólo 2.

253 Mediadora Ariane Jimenz, 6ª Fase, Pólo 12.

2.7 - Conclusões

O Projeto Educom.rádio foi estruturado em bases conceituais complexas. Os relatórios espelham toda esta complexidade, mediada pela interpretação dos mediadores, que participavam diretamente das ações do Projeto. Eram os aplicadores, e como tais deveriam ter uma ação e uma reflexão crítica, sobre o que estavam fazendo.

Essa profusão de percepções sobre a recepção, o diálogo e a produção, observadas e analisadas das mais diferentes formas é recorrente, o que, ao meu ver, reproduz uma prática educ comunicativa consolidada. Mas o que é mais interessante, trata-se de uma análise cotidiana feita e relatada de maneira absolutamente natural pelos mediadores, já que a coordenação do projeto não fazia nenhuma especificação a este respeito.

Seguindo este mesmo raciocínio, partimos para a observação da ocorrência de outros assuntos, como o surgimento de temas emergentes e da autocrítica, sendo que a crítica está contida quase que na totalidade dos relatórios.

As análises por nós feitas no decorrer deste Capítulo não só decorreram da leitura dos relatórios, mas também das entrevistas feitas com os mediadores. Não deixa de ser significativo o fato de nós mesmo não havermos participado do projeto, fato que nos tornou mais livres para descrever e analisar o objeto. No próximo Capítulo, com o mesmo empenho e isenção, falaremos sobre outros conceitos que permearam os relatórios, em uma abordagem mais aberta.

Capítulo IX

Livre Pensar – a vida do Educom.rádio nas palavras dos mediadores

*“Conhecer o humano não é separá-lo do
Universo, mas situá-lo nele”, Edgard
Morin.²⁵⁴*

254 MORIN, Edgard. *Cabeça Bem-Feita*. Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 2005. p.37

1. Percepção multi-mediada

Como já mostrado anteriormente, os relatórios trazem a aplicação prática de conceitos que constituíam o Projeto Educom.rádio, mesmo quando os objetivos não eram alcançados como os mediadores esperavam. Há um sentimento latente, muito fácil de ser apreendido, nos relatórios, longe de apontamentos burocráticos. Neste Capítulo, identificaremos abordagens interessantes feitas pelos mediadores nos relatórios, no que diz respeito à gestão participativa, ao relacionamento entre os mediadores, à participação dos palestrantes, às dificuldades a serem vencidas e sobre os resultados do projeto.

1. Gestão Participativa

A gestão participativa, um dos fundamentos teóricos do projeto Educom, aparece fortemente arraigada entre os mediadores, que se preocupam com a sua aplicação.

“O rádio com certeza é um agente modificador de seu espaço. Por isso, detém poder quem o possui. Temos que agir com responsabilidade e incentivar essa atitude de responsabilidade nos cursistas. Esse veículo é transformador, se soubermos usar bem. A ética, o respeito e a gestão participativa devem ser constantes em qualquer produção. Além disso, devemos ser homens políticos. Conscientes de nossa importância na ação da cidadania e na construção de um espaço melhor para vivermos. (...) Em nosso pequeno grupo de mediadores e no grupo inteiro de alunos e professores. Trabalhemos em equipe, uns ajudando aos outros”.²⁵⁵

Neste depoimento a mediadora, além de relacionar princípios que devem nortear o Projeto, frisa a importância de conduzir adequadamente a implantação da rádio. Nas palavras de outra mediadora:

“...realizar um programa coletivo esta sendo uma oportunidade de aplicarmos os conceitos de gestão participativa e desenvolver os ecossistemas comunicativos, a prática nos serve sim, desde que os atores envolvidos neste processo estejam de comum acordo”.²⁵⁶

255 Mediador Marco Túlio Ferreira, 6ª Fase, Pólo 3.

256 Mediadora Silvana Barbosa, Vicente Leporace, 6ª Fase, Pólo 17.

Quando a gestão participativa parece não acontecer, os mediadores demonstram a sua preocupação. Nestes momentos, é possível traçar uma relação entre o tipo de recepção caracterizada pelo grupo e os objetivos finais:

“Está muito complicado promover uma conversa neste grupo, enquanto uns falam, outros falam junto, ou lêem revista, trocam bilhetes, etc. Parece-me que não estamos conseguindo promover a gestão participativa e também não sei se está claro, para a maioria, a importância de sentarmos em roda, de buscar dividir a opinião com todos e de poder escutar também”.²⁵⁷

No caso, a desatenção, ou mesmo o desinteresse, quebra a possibilidade da recepção ativa, porque, simplesmente, os cursistas passam a não participar do processo, não ocorrendo, também, a gestão participativa. Sobre o tema afirma o mediador Domenico Hur:

“'Descobrimos o CEU' foi rica no sentido de estimular o espírito investigativo do cursista. Eles realizaram entrevistas com alguns presentes, perguntaram dúvidas para diversas pessoas e transitaram no espaço, circulando nas diferentes áreas. Dessa forma, em gestão participativa, construíram uma produção coletiva acerca do que acham do CEU”.²⁵⁸

É interessante notar, na referência transcrita, que a atividade que foi proposta ao grupo acabou abarcando a gestão participativa, e propondo uma atividade que aproveitava as características do CEU, ao invés de concorrer com elas, como foi relatado por muitos mediadores.²⁵⁹ Na verdade, o planejamento e a produção são fortemente associados à gestão participativa, como se vê na transcrição de trechos de três diferentes mediadoras:

“O próximo momento foi o de explicar o planejamento que deveriam realizar durante a semana, para ser entregue no próximo encontro. Durante toda a explicação falamos sobre a importância da gestão participativa, onde todos precisam participar, para que possam exercitar o trabalho de ouvir diferentes

257 Mediadora Luciana Crociati, 6ª Fase, Pólo 1.

258 Mediador Domenico Hur, 6ª Fase, Pólo 8.

259 No capítulo XVIII, sobre a infra-estrutura, abordamos os problemas relatados pelos mediadores em relação às capacitações nos CEUs.

opiniões sobre a mesma temática e construir um planejamento único que trate do interesse de todo o grupo”.²⁶⁰

“...A seguir, fizemos a leitura do manifesto, antes explicamos o que era um manifesto e em que circunstâncias aquele havia sido feito. 'Engatamos' uma discussão sobre participação e os alunos acabaram falando de gestão participativa. Esse grupo de alunos era bem participativo e alguns fazem trabalho voluntário dentro do próprio CEU, como técnicos de som, sendo que também participam do conselho gestor daquele CEU”.²⁶¹

“Depois foi feita a proposta para que criassem a história que serviria como roteiro de sons. Este momento foi interessante, pois houve uma participação geral do grupo e de forma democrática, o que me surpreendeu. Foi possível discutirmos sobre a importância da gestão participativa”.²⁶²

Pelos relatos, foram nos momentos da produção e do planejamento, que a gestão participativa se consubstanciava em práticas efetivas.

2. Relacionamentos entre os mediadores

Quando os mediadores falam, em seus relatórios, sobre o relacionamento com outros mediadores, invariavelmente, é para apontar determinadas falhas, que precisariam ser corrigidas.

Quando o assunto relacionamento entre pares tem uma abordagem positiva, ele é relatado em outros contextos. Por exemplo, os agentes falam sobre uma produção e como aprenderam com a intervenção deste ou daquele colega. Ou de como um mediador resolveu determinado conflito, de forma eficiente.

“Muitas das atividades foram realizadas, mas eu senti que a equipe do Educom está desarmonizada. Até agora não tivemos nenhuma reunião com todos os integrantes. Não nos conhecemos direito. Não estamos lidando da mesma maneira com os cursistas e, nas reuniões, faltam momentos de discussões mais aprofundadas. Querendo ou não, isso transparece para os cursistas”.²⁶³

260 Mediadora Renata Marzola, 6ª Fase, Pólo 16.

261 Mediadora Beatriz Siqueira, 7ª Fase, Pólo 7.

262 Mediadora Claudia Straccia, 7ª Fase, Pólo 4.

263 Mediador Eduardo Zorzetto Garcia, 7ª Fase, Pólo 5.

No caso, a falta de entrosamento da equipe é apontada como um entrave a ser vencido, para que o Projeto avance. O mediador não apenas aponta o problema, como sugere como resolvê-lo, através de encontros ou reuniões mais proveitosas, e com a participação de toda a equipe.

Neste depoimento, o mediador fala, também, sobre o problema de discordâncias com os próprios companheiros durante as atividades, sugerindo que o assunto deveria ser discutido nas reuniões que antecedem as capacitações nos Pólos:

“Observei que algumas pessoas da equipe não estavam tranquilas nem aproveitando seus momentos de intervenção. Falo por mim, também. Sempre trabalhamos muito bem em duplas, cada colega respeitando a mediação do outro, mesmo quando um não concordava, não acham? Se ficarmos preocupados com os “erros” dos outros mediadores no momento da atuação, deixaremos transparecer o fato perante ao grupo. Podemos deixar isso para as reuniões de planejamento, mas lá, com os cursistas, acho que temos que manter essa cumplicidade e conseqüentemente nossa união e força”.²⁶⁴

A visão crítica dos mediadores durante as atividades apontava para a necessidade de coerência entre os propósitos do projeto e as atitudes de cada um, como se vê nos seguintes relatos:

“O último encontro me deixou preocupado nesse sentido, uma vez que novamente mediadores se destratarem na frente dos alunos e conversaram durante várias atividades enquanto pedíamos silêncio e atenção aos cursistas. Acho que ainda precisamos, sobretudo, de mais atenção de todos durante as reuniões de planejamento. A atividade que criamos para substituir a primeira dinâmica do dia, por exemplo, foi vítima de uma série de atropelos incomprensíveis, frutos claros de uma falta de comunicação entre o grupo. Ao fim desse módulo, acredito que todos já têm claros os procedimentos de trabalho junto aos cursistas e que, a partir de agora, TODOS devem trabalhar ativamente, vencendo dificuldades pessoais de comunicação ou de trabalho com crianças, se não continuaremos com uma divisão desigual de trabalho e um resultado bem aquém do que propõe este projeto”.²⁶⁵

“Não concordei com a atitude de alguns mediadores achando que foram precipitados fazendo a auto-avaliação, a qual devia ser feita pelos próprios alunos, o que deu um banho de água fria nos cursistas, sem ter a menor necessidade. De resto acho que todos estavam bem entrosados”.²⁶⁶

264 Mediador Carolina Cotrim, 6ª Fase, Pólo 4.

265 Mediadora Victor Borba, 6ª Fase, Pólo 14.

266 Mediadora, Telita Santos, 6ª Fase, Pólo 14.

A franqueza do relacionamento entre mediadores e seus chefes imediatos, os articuladores, também segue a mesma dinâmica, apesar das críticas serem menores, em ocorrência. Objetivava-se o projeto e não a pessoa do colega. Neste depoimento, o mediador relata sobre um problema causado pela não liberação de um material que serviria para o trabalho, lembrando a importância estratégica das reuniões da equipe antes do trabalho em campo:

“As revistas estavam separadas na sala onde fica a articuladora no período da tarde, porém quando Gustavo foi buscar a articuladora não permitiu que elas fossem retiradas da sala, pois segundo sua justificativa ‘...os professores deveriam ter trazido os materiais da própria escola...’. Pois bem, deveriam ter trazido da escola, porém não trouxeram e poderíamos dar subsídio para que as ações deles se iniciassem naquele espaço. A atividade com a escola se deu sem maiores prejuízos mesmo sem a revista, porém esse episódio trás uma questão de fundo que devemos estar atentos (...) Isso não tem sentido algum e temos a obrigação de resolver questões como essa na reunião de formação”.²⁶⁷

A efetiva prática da mediação superava uma certa perspectiva "oficineira" com que muitos colaboradores chegavam ao projeto, pela qual caberia executar determinada tarefa e se afastar do processo. O elevado nível de criticidade dos mediadores aponta para outro modo de ser e de compreender a função do educador. Podemos perceber que os mediadores traziam consigo, seriamente, a preocupação de cumprir os objetivos do projeto e de praticarem os conceitos, sendo que, para isto, era imprescindível o bom relacionamento entre os mediadores e uma coerência teórica entre eles. Quando isto não ocorria produzia-se um grande desconforto, que era apontado nos relatórios.

267 Mediador Felipe Andréas, 6ª Fase, Pólo 13.

3. Sobre as palestras e os palestrantes

A participação de especialistas, enquanto "palestrantes" que visitavam os Pólos, no período da manhã, durante o sábado de capacitação, para tratar com os cursistas de temas específicos suscitou profundas e diferentes análises por parte dos mediadores.

Em geral, as palestras eram tidas como uma forma eficiente de potencializar o trabalho, durante todo o dia. Porém, muitas vezes, segundo os relatórios e as próprias entrevistas, não havia sintonia entre o que os palestrantes afirmavam e os princípios do Educom, sendo que alguns apresentavam um discurso ou usavam estratégias até certo ponto incompatíveis com o projeto.

Neste relato, o mediador Marco Túlio Ferreira faz uma análise comparativa sobre o assunto que 'deveria ser tratado' e o tema efetivamente trabalhado pelo palestrante, comentando a metodologia usada e os efeitos da fala do visitante entre os alunos, cujo nome omitimos por uma questão de ética:

“Logo depois todos os alunos se dirigiram a uma sala para ouvirem o palestrante do dia, o Sr. xxxxxxx. O assunto dele é saúde, mas ele próprio já é um assunto. Ele é todo político, ou melhor, dotado de um discurso político e não hesita em falar “palavrões” para expressar melhor suas idéias. Ele deseja que os jovens ajam. Que não sejam marionetes, sejam pessoas atuantes em busca de um país melhor. Os alunos, muito adolescentes, não acostumados com esse tipo de abordagem mais direta, estranharam um pouco seu discurso e não gostaram. Reclamaram dos “palavrões” e do seu jeito meio grosseiro. Mas é o Sr. .xxxxxx. Enfim, a conversa com os estudantes era para ser sobre saúde, mas se tornou mais política. O que é ótimo. Então acho que o palestrante deveria ter sido escalado para falar sobre participação política ao invés falar sobre saúde, que não é especialidade dele. Muitas perguntas dos alunos sobre saúde ficaram com resposta deficiente. Um médico ou um profissional de saúde, imbuído dos valores do projeto Educom.rádio, estaria mais apto para falar sobre esse tema. Outra coisa, sabemos que o palestrante é responsável por um programa de rádio sobre saúde que é distribuído para o Brasil. Então por que não colocá-lo para todos ouvirem, como exemplo? Fica mais forte o argumento”.²⁶⁸

“Outro problema que deve ser repensado é da distância entre palestrante e a equipe. Apesar de achar que a atuação e propostas trazidas pelo palestrante terem sido muito boas, houve um mal estar, por termos colocado os

268 Mediador Marco Túlio Ferreira, 6ª Fase, Pólo 3.

estudantes com ele, no final da manhã e também por ter sido insuficiente o tempo (quase 1 hora e meia) que destinamos para este momento”.²⁶⁹

No próximo relato, o mediador fala sobre um possível conflito ideológico entre palestrante e o Projeto Educom, quando o assunto é consumo midiático:

“A palestrante ficou encantada e aproveitou a fala do garoto para depreciar a TV, lembrando que esse era o meio favorito da maioria significativa da sala. Depreciou, principalmente, dois gêneros: a novela e os *reality shows*. Os garotos ficaram meio intimidados com a fala da palestrante, pois em nenhum momento, no Educom, estamos priorizando algum meio, mas pensando como eles, os meios, podem trabalhar em prol da educomunicação. Após essa conversa com a palestrante, me senti na obrigação de não achincalhar a TV. Melhor, fiz questão de falar sobre alguns programas e da linguagem que eles utilizam, algo que a palestrante, ao meu ver, deveria ter feito. Aproveitando para, falar que a opção deles em assistir TV é válida, e não precisavam se sentir mal por gostarem mais desse meio”.²⁷⁰

Para os mediadores, os temas das palestras assim como os conteúdos precisariam ser, em alguns casos, mais adequados aos cursistas e ao próprio projeto, possibilitando ganchos, fomentando discussões e oferecendo subsídios para as atividades no decorrer do dia. Segundo o mediador,

“Esta dispersão também ocorreu na semana passada, foi menor, mas ocorreu. Então, acredito que o problema não é o palestrante, mas sim, devido ao fato da palestra não estar sendo bem conectada com os trabalhos do dia. Depois da palestra, quando ficamos sozinhas com o nosso grupo tentamos recuperar, exemplificar o que foi dito, mas pude perceber que pouco foi apreendido por eles no momento da palestra. Por isso, acho que também é importante o momento que antecede a apresentação, relacionar o tema com educomunicação, enfatizar que aquela informação será muito importante para eles, etc, e fazê-los se interessar pelo tema antes do início da palestra”.²⁷¹

Por outro lado, encontramos também relatos interessantes sobre uma grande sintonia entre palestrantes e o grupo:

“Como o palestrante foi muito legal, ele estava muito disposto, disponível e especialmente feliz, pois estudou no Garcia, lá, 'ele virou gente' e 'aprendeu a nadar ali no Balneário'. Ele nos contou tudo isso, com outros depoimentos emocionantes e deu uns 'toques' bem legais para a galera. Achei ótimo ele ter 'caído' para a gente na abertura, por ter tratado de temas tão básicos, alicerces.

269 Juliana Liegel, 6ª Fase, Pólo 15.

270 Mediadora Érica Teixeira, 6ª Fase, Pólo 16.

271 Mediadora Andréa Straccia, 6ª Fase, Pólo 13.

A disponibilidade em responder fez com que os estudantes se animassem como repórteres. Estes fizeram perguntas de improviso e mesmo os que estavam com medo e vergonha se superaram. Isso tudo já valeu o dia, de certo para eles também”.²⁷²

“A sensibilidade e perspicácia da palestrante para criar um ambiente, ou um ecossistema onde a comunicação fluiu bem, despertou a atenção dos estudantes e estimulou o diálogo. O palestrante mostrou tranquilidade ao ouvir e falar sobre os temas ‘hip hop, comunicação e história da África’ que fazem parte da vida dos estudantes. Ela se mostrou feliz ao ouvir a produção radiofônica dos estudantes”.²⁷³

“Na sequência, fomos para o momento com o palestrante xxxxx, que eu acho que conseguiu chegar à turma por usar uma linguagem que também é a linguagem dos adolescentes e sem fazer isso de uma maneira forçada, já que era natural do palestrante. Apesar de todo o barulho que vinha da festa do CEU, e do interesse dos cursistas em participar do que estava rolando lá fora, a palestra foi produtiva e ele conseguiu com que discutissem e olhassem para algumas questões próximas, e até comparar situações, como foi o caso da questão CPTM/ Metrô”.²⁷⁴

Os mediadores gostariam que tanto os palestrantes como suas palestras dessem subsídios para as atividades seguintes e que trouxessem uma abordagem diferenciada para os cursistas. Quando isto acontecia o palestrante era elogiado. Caso contrário, a palestra não acrescentava muito às ações do dia, provocando insatisfações também por parte dos cursistas. Os atrasos dos palestrantes, assim como, o tempo tomado pelas palestras, também, se configuram como objeto de observações.

4. Dificuldades a serem vencidas

Quando fizemos a pergunta para os 20 entrevistados presenciais, se eles achavam que havia alguma contradição entre o trabalho que ele deveria desenvolver e o trabalho que ele realmente desenvolveu, como mediador, no projeto Educom.rádio, a maioria afirmou que não enxergava contradição e, sim, dificuldades a serem superadas. Estas dificuldades vão desde a falta de organização, como atrasos no transporte, falta de salas apropriadas, problemas com a alimentação, até a não entrega, por parte da Secretaria de Educação, do equipamento de rádio nas escolas.

272 Mediadora Karen Herreros, 6ª Fase, Pólo 3.

273 Mediador Cássio Martins, 6ª Fase, Pólo 16.

274 Mediadora Ana Karina Saito, 6ª Fase, Pólo 14.

Poderíamos enumerar tais dificuldades como sendo questões de tempo, espaço, material, conteúdo e pessoas. Uma das mais sentidas, contudo, era a própria atitude dos cursistas. Nas palavras do mediador:

“A impressão que tenho é a de que aos poucos os grupos vão se dismantando, senão os grupos, os poucos laços que se construíram entre os cursistas. Dos motivos, suponho alguns: faltas, dificuldades de visualização do funcionamento do projeto dentro da escola (a presença do equipamento durante o curso amenizaria esta questão), intervalos com mais de quinze dias entre um encontro e outro que muitas vezes quebram ou interrompem, de maneira ruim, o que se está construindo em processo”.²⁷⁵

As posturas dos professores, muitas vezes, são interpretadas como uma dificuldade a ser superada. Alguns mediadores tinham a percepção de que certos professores não estavam com ânimo de participarem do projeto.

É interessante notar, contudo, que a abordagem crítica com relação aos docentes não é recorrente. Pelo contrário, poucos se referem aos professores desta maneira. Um relatório chegou a dizer que o que faltava era atenção aos mestres:

“Pensando um pouco nesse comportamento dos professores... às vezes, nos esquecemos de que eles também são pessoas – e são pessoas, em geral, que sentem falta de atenção: tudo é em função dos alunos ou da direção da escola. E em função dos professores? Esperamos (os alunos e nós, da equipe Educom) uma mudança de atitude deles em relação aos alunos – mas talvez, seja importante que, antes, eles percebam que pode e deve haver uma mudança de atitude em relação a eles mesmos”.²⁷⁶

A questão do tempo: cumprir as atividades no tempo proposto pela coordenação configurou-se em uma grande dificuldade para os mediadores:

“No sábado passado, as atividades foram muitas e lentas: discutir o planejamento e discutir o jornal-mural. Os professores saíram entediados e os alunos cansados. Já nesse sábado, mesmo não se envolvendo todo o tempo com as atividades do rádio, os exercícios foram mais ricos e estimulantes. Mesmo não percebendo, nessa prática do jornal-mural se envolveram

275 Mediador Antonio Antunes, 6ª Fase, Pólo 6.

276 Mediadora, Sylvia Sanchez, 6ª Fase, Pólo 2.

amplamente com conceitos da educomunicação, como o ecossistema comunicativo e a gestão participativa. Diferente do período da manhã, no qual os conceitos foram esfacelados. Para isso precisamos retomar algumas práticas e rever alguns conceitos para melhor unir e atender às necessidades de cada no grupo que surge”.²⁷⁷

Acreditamos que algumas das dificuldades relatadas são inerentes a qualquer projeto. O Educom.rádio era um projeto inovador e não ocorria sem questionamentos. Ao contrário, provocava reações em todos os sentidos, seja pela sua proposta conceitual, seja pela sua prática, e pela própria estrutura que demandava.

5. Resultados do Projeto pela visão dos mediadores

Os mediadores apresentaram uma percepção de que o projeto transcorria e acabou finalizando de forma vitoriosa, no sentido de ter possibilitado algum tipo de mudança, mesmo que tão somente nos pontos de vista e nas vidas das pessoas envolvidas. Ter a rádio implantada na escola, sob bases educacionais, acabou sendo um objetivo difícil de ser alcançado, principalmente, nas escolas onde ocorreu atraso na chegada do equipamento de rádio, ou naquelas que, por decisões políticas de autoridades que não haviam entendido o significado do projeto, simplesmente não o receberam, como ocorreu justamente com as escolas das fases 6ª e 7ª do Educom.

Na opinião dos mediadores, para que a gestão da rádio pudesse ser implantada, sob bases educacionais, era necessário que o projeto tivesse algum tipo de continuidade. Sendo que, do contrário, as iniciativas estariam restritas aos professores ou aos grupos de alunos que decidissem, por conta própria, dar continuidade ao processo em suas unidades.

Independentemente das dúvidas sobre o futuro do projeto e sua continuidade, os relatórios refletiam um grande ânimo dos mediadores, sobre os resultados gerados:

“Hoje o clima foi de muita alegria e de tristeza também, por ter sido o último encontro. Alegria por ver o comprometimento de grande parte dos cursistas e

277 Mediadora Telma Santos, 6ª Fase, Pólo 12.

a responsabilidade de cada um em continuar o Projeto. Tristeza pelas despedidas... Alegria por ter conhecido cada pessoa da equipe e de ter aprendido tanto com todos vocês! Tristeza por talvez não continuarmos trabalhando juntos... O Educom deixou em mim o gostinho de 'quero mais'!²⁷⁸

“Pena estarmos chegando ao fim da capacitação. Se os cursistas já estão em condições de andar com os próprios pés, só os próximos meses ou anos irão nos dizer. De qualquer forma, inegavelmente, podemos perceber uma contribuição consistente do projeto, se não para uma 'revolução' na escola, ao menos para uma mudança de olhar de muitos cursistas, no sentido de uma postura mais crítica e ativa perante os desafios que enfrentam na escola, na comunidade ou em suas vidas pessoais”.²⁷⁹

“Mais uma vez, a nossa equipe fez um grandioso trabalho. Conseguimos tirar várias discussões sobre Educomunicação nas escolas. Aos poucos eles estão percebendo que se pode, sim, fazer educomunicação na sua própria escola & comunidade”.²⁸⁰

“De maneira geral, não podemos garantir que todos os cursistas levem o projeto à diante, mas, com toda a certeza, a equipe criou uma relação tão verdadeira com os estudantes que foi possível gerar mudanças de comportamento. Os cursistas saíram da posição de meros expectadores e passaram a pensar no papel que cada um exerce diante de tal realidade. Com toda certeza, fizemos a diferença!!!”²⁸¹

Estes quatro depoimentos refletem os sentimentos positivos dos mediadores sobre o amadurecimento das relações entre o grupo, mudança de comportamento e possibilidades de continuidade do projeto na escola. Os mediadores relataram, também, experiências que já estavam acontecendo referente à criação da rádio na escola, uma vez que o projeto foi iniciado em 2001:

“...Todos da mesa fizeram colocações muito interessantes, especialmente o ex-aluno da EMEF Coelho Neto, Leandro, que falou sobre sua rica experiência no Educom. Contou como a escola se reaproximou da comunidade colocando caixas de som na calçada em dias de festa e dialogando com os pichadores para que as paredes da escola fossem poupadas. Ao contrário do que acontecia antes, hoje a escola é limpa, inclusive em relação às drogas. Contou como se uniram para buscar recursos no comércio local e negociaram espaço na programação da rádio. Disse que, na falta de uma sala exclusiva, o

278 Mediadora Annamaria Riso da Fonseca, 6ª Fase, Pólo 3.

279 Mediador Tiago Galletta, 6ª Fase, Pólo 5.

280 Mediador Cleumir da Silva, 7ª Fase, Pólo 4.

281 Mediadora Márcia Feliciano, 7ª Fase, Pólo 5.

equipamento de rádio na escola funciona no esquema móvel, com rodinhas, adaptável a qualquer ambiente da escola”.²⁸²

“Auxiliados pelos educadores, os estudantes do Vianna²⁸³ se utilizam dos recursos disponíveis na escola (gravadores e aparelho de som) e nas aulas vagas, se apresentam em outras classes para ensinar aos demais, o que aprendem no Educom, produzindo programas ao vivo com a participação dos novos 'aprendizes'. Além disso, o grupo tem preparado programas para serem transmitidos durante os intervalos. Pelo que me disseram, o momento reservado por os recadinhos tem tido bastante “audiência”.²⁸⁴

Nestes dois relatos, temos duas experiências vitoriosas do Educom, onde a rádio foi instalada sob bases educacionais e passou a alterar o cotidiano escolar, assim como, a comunidade em seu entorno.

Os mediadores destacavam a participação de outros atores, que trabalhavam na escola, além dos cursistas que, na medida do possível, deveriam participar do projeto:

“As atividades no CEU, dentro do curso do Educom, têm um desenvolvimento muito bom, as produções têm melhorado, alunos e professores têm divulgado o Educom em suas escolas, tanto um quanto outro trazem idéias para o curso. Tem havido uma integração por parte dos funcionários da limpeza, das cozinhas e da vigilância e, também, da administração”.²⁸⁵

O ponto positivo com maior destaque por parte dos mediadores dizia respeito ao momento em que o projeto conseguia gerar a mudança de comportamento dos estudantes, no sentido de favorecer a expressão e a comunicação dialógica:

“Por fim, não foi possível socializar as produções, mas a avaliação deixou claro o prazer que eles sentem em fazer um trabalho que, além de ter a cara deles, ainda dá a eles a oportunidade de se ouvirem e de perceberem a importância que cada um tem dentro do grupo, dentro da escola, dentro da sociedade e, por que não, no mundo”.²⁸⁶

“Ao pedir que eles dissessem um pouco sobre o que havia mudado em suas vidas com o Educom, fiquei extremamente contente quando uma das meninas, Maria Eduarda, a mais calada de todos da escola, levantou sua mão e

282 Mediadora Maria Baina, 6ª Fase, Pólo 13.

283 EMEF Viana Moog.

284 Mediadora Marcela Evangelista, 6ª Fase, Pólo 12.

285 Mediador Joel Gavioli, 6ª Fase, Pólo 12.

286 Mediador Laércio dos Santos, 6ª Fase, Pólo 7.

disse que para ela muita coisa tinha mudado, pois agora ela falava com as pessoas e dava suas opiniões”.²⁸⁷

Nestes depoimentos fica notório, também, o protagonismo assumido pelos cursistas, que se exemplifica através do livre expressar.

O Educom provocou a transformação não apenas nos cursistas, mas, principalmente, nos próprios mediadores, sendo que muitos estavam realizando sua primeira experiência com este tipo específico de atividade envolvendo professores e alunos. Outro ponto a destacar, é que a educomunicação e tudo o que ela trás consigo em sua aplicação também era uma novidade para os mediadores. Nas palavras da mediadora Ariane Jimenez, 6ª Fase, Pólo 12, fonoaudióloga:

“Verdadeiramente o Educom muda, ou se não muda semeia a mudança de valores e conceitos dentro da gente. Aprendi muito, foi muito legal. Adorei ter conhecido e participado deste projeto bonito e, melhor, viável”.²⁸⁸

6. Conclusão

Os mediadores aplicam o conceito da gestão participativa também em suas análises, uma vez, que têm uma visão global do projeto, não se restringindo às análises das ações pelas quais eram responsáveis. Neste sentido, eles promovem uma análise abrangente, como, por exemplo, quando falam sobre as palestras ou sobre os resultados do projeto.

A gestão participativa, então, não se configura apenas na aplicação das ações com os cursistas, mas no próprio envolvimento do mediador com o projeto.

Outros aspectos interessantes são os sentimentos despertados e evidenciados pelos mediadores no cotidiano do projeto. É possível afirmar que as atividades não eram desenvolvidas somente com conhecimento técnico, mas principalmente, com muita emoção, entusiasmo e extrema responsabilidade, como, aliás, era a expectativa do criador do

287 Mediadora Marcela Evanelista, 6ª Fase, Pólo 12.

288 Mediadora Ariane Jimenez, 6ª Fase, Pólo 12.(fonoaudióloga)

Educom.rádio, Prof. Ismar de Oliveira Soares, manifestada em distintas ocasiões, ao longo do processo de seleção e formação acadêmica das equipes de mediadores.

Capítulo X

Considerações finais

“Quando não se encontra solução em uma disciplina, a solução vem de fora da disciplina”, Edgard Morin.²⁸⁹

289 MORIN, Edgard. *Cabeça Bem-Feita*. Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 2005. p.107

1. A educomunicação aplicada

Neste Capítulo, traçaremos as considerações finais sobre a pesquisa, demonstrando como nossos objetivos iniciais foram contemplados no decorrer da pesquisa.

O projeto Educom.rádio tinha como objetivo criar, em cada um dos Pólos, onde a proposta foi desenvolvida, as condições indispensáveis para a apresentação e o entendimento do conceito de educomunicação e para a sua aplicação no planejamento de ações educacionais a serem implementados por professores, alunos e membros das comunidades, em seus respectivos espaços educativos, na rede municipal de educação da cidade de São Paulo, mediante o uso da linguagem radiofônica, entre outras mídias.

Pela presente pesquisa, pudemos comprovar que os princípios educacionais foram aplicados na prática e antes mesmo de chegar às escolas públicas, no desenvolvimento do próprio processo de capacitação dos cursistas, matriculados no projeto Educom.Rádio.

A busca conceitual, através de uma pesquisa quantitativa, feita na amostragem representada pelos 2.608 relatórios produzidos pelos mediadores, articuladores e assistentes de articulação, durante as 6ª e 7ª fases do projeto, aponta claramente para este fato. A mesma conclusão acabou sendo confirmada na análise das entrevistas com os 20 mediadores, no questionário respondido por mais 9 mediadores, assim como nas entrevistas feitas junto a pessoas²⁹⁰ que desenvolveram diferentes papéis na aplicação e coordenação do Educom.rádio.

O projeto inovou na medida em que trouxe para o mundo da escola conhecimentos sobre a viabilidade de levar à prática conceitos educacionais que, se eram, de alguma forma, conhecidos pelos

290 Relação dos entrevistados Cap. I.

professores²⁹¹, permaneciam, de todo modo, no campo teórico, por razões que envolvem a trajetória típica da capacitação e formação de docentes no Brasil.

Quando professores, estudantes e membros da comunidade se dispuseram, por motivos variados, a participar do projeto, que tinha suas capacitações aos sábados, eles aderiram, mesmo que sem o saberem plenamente, a possibilidade de experimentarem, na prática, uma nova proposta de educação. Aqui, evidenciamos a prática, ainda, que as capacitações do NCE/USP, no Educom, tivessem na reflexão e na elaboração conceitual o seu ponto forte.

Neste sentido, sob a visão educ comunicativa foi desenvolvido um projeto de capacitação, que colocava em conjunto, nas mesmas atividades, três categorias de pessoas de idade, gênero e interesses diferentes, a saber: professores, estudantes e membros da comunidade, garantindo a todos uma participação igualitária, fato que produzia um cenário diverso do existente na escola, alterando, desta forma, as relações comunicacionais e, conseqüentemente, de poder.

Para atuar neste cenário em contato direto com os cursistas, o Núcleo de Comunicação e Educação capacitou o agente denominado “mediador”, que era responsável por colocar em prática as diretrizes do projeto, durante sua atuação nos Pólos. Nossa pesquisa teve como objetivo estudar, justamente, estas relações e os processos comunicacionais desenvolvidos com a participação do mediador.

Para tanto, decidimos mapear quem eram estas pessoas, quais as suas aspirações e quais os conceitos produzidos pelas mesmas sobre o projeto. O mapa projetado levava em conta que os mediadores passaram a representar uma figura paradigmática nos processos de trabalho do NCE, uma vez que a eles cabia propor aos cursistas a alteração das relações dos processos comunicacionais no ambiente escolar, transformando-se em porta vozes de uma prática inovadora proposta pela USP.

291 A grande maioria dos professores tem conhecimento sobre a teoria desenvolvida por Paulo Freire, devido ao currículo trabalhado nas Faculdades de Pedagogia, o conceito da educ comunicação tem como uma de suas bases à teoria freiriana.

Para a viabilização e aplicação desta prática foi necessário que o mediador tivesse além de domínio dos conteúdos, que deveriam ser socializados, uma dose adequada de segurança sobre o que tinham a propor, além de um perfeito jogo de cintura para conduzir seu trabalho à luz do princípio democrático. O fato lhe exigia o permanente esforço de manter sua estabilidade emocional junto aos adultos, uma vez que os professores, em sua grande maioria, eram mais velhos e mais experientes que a maioria dos mediadores, ou, mesmo junto aos adolescentes, parte deles incluídos no projeto, justamente, por conduta inadequada na escola, levando em conta a fama do projeto, no sentido de motivar os alunos ao estudo e à adesão à escola.

A grande parte dos mediadores que trabalhou no projeto Educom.rádio era composta por jovens entre 24 e 28 anos, recém formados ou cursando os últimos anos da graduação. Predominam os mediadores vinculados à área de humanas, mais especificamente, às áreas da comunicação social, ciências sociais e da educação²⁹². Existiu, também, a participação, mesmo que minoritária, de mediadores com formação nas áreas biológicas e em cursos técnicos, ligados às áreas do rádio. A participação de mediadores que vieram de outras áreas do saber não relacionadas diretamente à comunicação e à educação, foi muito interessante para o desenvolvimento do Educom, pois, agregou ao projeto uma pluralidade de idéias e ações, possíveis de serem observadas mediante os comentários feitos nos relatórios e durante as entrevistas.

Se o Educom.rádio propunha trabalhar com a interdisciplinaridade e com o tratamento de conteúdos em eixos transversais, a diversidade da formação de seus mediadores foi um ponto positivo neste sentido. E, mais, agregou potencialidade à equipe de profissionais, do que resultou, muitas vezes, uma prática mais aberta e arejada nos Pólos, longe das visões reducionistas que impregnam profissionais de uma mesma formação, área acadêmica ou experiência prática.

292 - O perfil dos mediadores foi elaborado a partir de uma amostragem de 29 especialistas, tendo sido construído a partir de respostas às entrevistas e aos questionários enviados via e-mail.

Muitos mediadores foram atraídos pelo Projeto pela novidade que ele trazia. Não sabiam ao certo o que iriam fazer, nem mesmo sabiam o que era educomunicação ou mediação. Mas, a maioria tinha uma grande curiosidade em dominar e aprender novos conceitos e técnicas, principalmente, no campo da comunicação.

Interessante notar que a comunicação desperta uma grande curiosidade e atração em pessoas de outras áreas, até porque todos se sentem um pouco “especialistas”, no sentido de que o mundo das mídias é vivenciado por todos, diariamente, sem exceção.

Acreditamos que os jovens são especialmente atraídos pela área e pelo que ela pode vir a proporcionar, principalmente, por causa do rápido desenvolvimento das tecnologias, especialmente a digital e seu barateamento, fatos que proporcionaram, a muitos, o acesso a equipamentos a preços competitivos, cenário inimaginável há 15 anos. A própria inserção da rádio na escola é prova disto, uma vez que, os baixos custos motivaram, até mesmo, a autoridade pública a adotá-lo em suas unidades educacionais. Atualmente, como comprovaram as modalidades de continuação do Educom na rede municipal, entre 2005 e 2007, as possibilidades de trabalho com a rádio digital são possíveis em computadores de baixo custo, que são vendidos com processadores de áudio, sendo necessária, apenas, a viabilização das caixas de som, para a difusão sonora no ambiente escolar.

É importante salientar que os mediadores, que foram escolhidos para fazer parte do projeto, passaram por uma capacitação composta pela formação teórica, que acontecia na USP, e pela formação prática, vivenciada nos Pólos, onde eram acompanhados pelos articuladores. Este processo de formação em serviço foi avaliado pelos próprios mediadores no decorrer da presente pesquisa, tendo a maioria demonstrado possuir uma idéia precisa sobre como a formação recebida lhe permitiu domínio sobre os conceitos que fundamentaram suas atuações nos Pólos, assim como, sobre as posturas que acabaram sendo incorporadas nos trabalhos desenvolvidos posteriormente, em outros serviços prestados à sociedade.

Como afirmamos, para atuar no projeto, este tipo distinto de agente teve que se preparar e apreender conceitos que, ainda, não dominavam. Da apreensão destes conceitos à sua prática e à avaliação dos resultados obtidos pela capacitação nos Pólos, houve um grande amadurecimento teórico e prático do mediador, que acabou sendo capacitado para atuar não somente no projeto Educom.Rádio, mas, em outros projetos ou ações que demandam uma compreensão mais complexa dos processos comunicacionais. Tanto que, muitos afirmam ter levado o aprendizado obtido no projeto para suas atuações profissionais atuais. Constatamos, assim, que o projeto Educom.rádio marcou a vida dos mediadores de uma maneira tão forte, que uma grande parte dos entrevistados afirmou que o projeto "transformou sua atuação profissional". Muitos trabalham, atualmente, na interface comunicação/educação. Alguns decidiram pela atuação no magistério, afirmando terem sido influenciados pelo projeto. Outros, ainda, atuam em ONGs, como gestores de projetos comunicacionais ou educativos.

O mediador se vê como um facilitador. Um profissional que abre os caminhos para a recepção ativa, para o diálogo, para a produção, dirimindo os conflitos e negociando as tomadas de decisão. Estas ações são fundamentadas pela educomunicação, baseada nos princípios da comunicação democrática e solidária.

Na verdade, para os mediadores, existe a clara percepção de que a comunicação permeia todas as relações, estando em todos os lugares. Identificam a importância da mídia na formação e na visão de mundo das pessoas e, principalmente, dos alunos. Reconhecem a possibilidade de que a educomunicação possa interferir neste mundo midiático, que ocorre na relação ensino/aprendizagem. Na percepção dos mediadores estão intrínsecos valores como: "democracia", "horizontalidade das relações", "valorização da comunicação dialógica", "valorização do saber do outro", entre outros. Segundo os mediadores ouvidos, a educomunicação "tornou-se uma filosofia de vida, uma maneira diferenciada de ver o mundo e, mais, de agir e interagir com a realidade".

2- Fundamentos educomunicativos do Projeto

Educom.rádio

O projeto Educom.rádio foi idealizado sob a perspectiva educomunicativa, que tem como princípio a teoria das mediações, que pressupõe um receptor ativo e crítico. A educomunicação, como a define o professor Ismar de Oliveira Soares, traz em seu bojo a importância da produção. Não seria suficiente, nesta perspectiva, entendermos os meios de comunicação, sermos capazes de realizar uma crítica ao seu funcionamento e dominância ou termos capacidade para denunciar seu poder de persuasão. Tudo isso valeria pouco se não formos capazes de nos transformar em produtores de conteúdos midiáticos.

Através da produção é possível chegarmos, mais facilmente, às abordagens anteriores e avançarmos no sentido de que, quem produz passa de um receptor, crítico e ativo, para um produtor consciente. É, justamente, nesta passagem que o conhecimento pode ser construído, de maneira prazerosa e interessante, como fez crer as leituras dos relatórios.

A prática educomunicativa, proposta pelo Projeto Educom.rádio, tinha como princípios a mediação sob bases dialógicas, democráticas e solidárias, no sentido de horizontalizar as relações comunicacionais e proporcionar a criação de ecossistemas comunicativos abertos. Sendo assim, a ação dos mediadores teve importância estratégica para a propositura desta nova abordagem, uma vez que motivava os cursistas a trabalhar com o rádio, produzindo seus próprios programas; trabalhar com a mídia escrita, produzindo peças para serem lidas em sala de aula; trabalhar com a linguagem fotográfica, fotografando e documentando, longe, porém, de uma abordagem meramente tecnicista e funcionalista. Um conjunto de procedimentos que possibilitam aos cursistas se aproximarem mais facilmente do mundo da cultura, através de uma abordagem renovada, constituída pela educomunicação.

É importante frisar que a produção é vista pelo projeto e por seus mediadores como um meio, e não como fim. Ou seja, o projeto Educom.rádio, assim como os mediadores que lhe davam sustentação na base

do curso, valorizavam o processo que se construía para que a produção acontecesse. Um processo voltado para a ação dialógica, o planejamento e a construção coletiva do conhecimento, frente ao que tanto os mediadores quanto os articuladores se colocavam, como eles mesmos afirmam, como simples facilitadores.

3- A educomunicação sob o olhar do mediador

A educomunicação é percebida e verbalizada pelos mediadores como uma ação prática, como um desenvolver de atividades, baseados em fundamentos como a comunicação dialógica, a formação de ecossistemas comunicativos, o uso das mídias e das tecnologias na educação e balizadas por uma postura teórica crítica sobre a diferença entre o que se fala e o que se faz.

Esta abordagem, mais prática do que teórica, foi diretamente influenciada tanto pela rica vivência experimentada nos Pólos, pelos mediadores, quanto pelo forte viés da produção nas capacitações, fato que não anula nem diminui o amadurecimento teórico possibilitado pela formação recebida na USP.

Constatamos, durante nossa pesquisa, que o conceito sobre educomunicação não foi "decorado" ou memorizado da maneira como é definido e abordado por seu criador, o professor Ismar de Oliveira Soares. O conceito é, sim, "construído" pelo mediador à medida que ele expõe suas opiniões sobre o assunto. Conseguimos, nesse sentido, apreender três tipos de definições feitas pelos mediadores sobre o conceito fundante do projeto Educom, todas manejando entre si de forma complementar. Acreditamos que as diferenças nas definições se deram devido à complexidade da definição do próprio conceito educamunicativo, e também, à complexidade conceitual que estruturou o projeto Educom.rádio, uma vez que os mediadores deveriam dominar uma gama de conhecimentos advindos dos campos da comunicação e da educação.

Como expusemos no Capítulo VII, para os mediadores a educomunicação é definida como:

- "aliança entre a comunicação e a educação", sendo que as mídias e as tecnologias não seriam apenas usadas como apoios, mas como novas possibilidades para o pensar, o dialogar e o produzir.
- "processo de construção do conhecimento", possibilitando um trabalho educativo diferente, que se daria de forma coletiva, com a participação de todos os atores envolvidos. Essa construção seria possível em qualquer ambiente e não apenas nas escolas.
- "campo emergente de intervenção social", em permanente diálogo ou em permanente relação com diferentes fatores sociais. Para a livre expressão dos atores envolvidos nos processos, este campo de intervenção precisa ser democrático e ter como princípio o diálogo social.

Todas as definições apontam para uma visão particular da educomunicação, todas se constituindo, de certa forma, partes da definição do professor Ismar de Oliveira Soares²⁹³. Na verdade, a complexidade conceitual trazida pelo projeto para os mediadores, interfere de certa forma, no conceito de educomunicação por eles formulado. Mas, absolutamente, todos têm idéias claras sobre o trabalho do NCE e sobre o projeto por ele criado.

Podemos afirmar que a totalidade dos relatórios traduz de alguma forma, o conceito, principalmente, na preocupação dos mediadores com as ações, seja em suas avaliações sobre o que havia ocorrido ou sobre o que deveria ocorrer, sendo que a palavra educomunicação aparece textualmente em 23,7% dos relatórios.

A definição de educomunicação de Soares²⁹⁴ frisa o objetivo de sua aplicação prática, que é criar ecossistemas comunicativos e ampliar a ação comunicativa entre os indivíduos. O autor evidencia desta

293 Exposto no cap. IV.

294 SOARES, Ismar de Oliveira. *"Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação"*. In *Revista Comunicação e Educação*. São Paulo, Salesiana, nº. 23, 2002, p.25.

maneira, a valorização do diálogo, da troca, do poder falar e se fazer ouvir, respeitando as diferentes visões de mundo e contemplando o universo interdiscursivo. As mediações articulam o cenário e as ações onde as práticas acontecem. As definições formuladas pelos grupos sobre educomunicação apontam para os objetivos da prática educ comunicativa, relacionando diretamente o conceito ao seu potencial de transformação do mundo. Os mediadores credibilizam a educomunicação como instrumento de alteração da realidade.

4. A mediação sob o olhar do mediador

O conceito da mediação, assim como o da educomunicação é verbalizado pelos mediadores como um conceito apreendido na prática cotidiana. Mais uma vez, o conceito é construído pelos mediadores em um processo de recordação do que era feito no projeto.

Os mediadores demonstraram ter uma memória conceitual a partir da prática que lhe dava sentido; a maioria percebe o conceito como ação; o pensar como ação e o define como ação. O ato de mediar, para os educ comunicadores em serviço no Educom, associava-se, em seus relatórios, intrinsecamente, aos princípios da democracia, da solidariedade e do respeito ao próximo. Mediar bem e atingir resultados positivos associava-se, também, ao ato de conhecer minimamente o grupo de trabalho, fazer um bom diagnóstico, conhecer as pessoas integrantes do processo educ comunicativo e considerá-las de maneira coletiva. As definições, apesar de diferentes, abordam aspectos complementares da palavra. Classificamos assim em três grupos os conceitos de mediação como expusemos no Capítulo VI. Assim, mediar é:

Grupo 1 – "Facilitar". O mediador seria um facilitador de processos comunicacionais. Ele não daria as respostas, nem impor as regras, mas estimularia o processo de construção de conhecimento.

Grupo 2 – "Dialogar". A mediação estaria próxima, desta forma, do ouvir, do incentivar o outro a falar e a se expressar.

Grupo 3 – "Construir visão de mundo". O mediador coloca-se no lugar do outro; percebe qual é o seu universo de influências; negocia com o outro para se chegar a um lugar comum; valoriza o conhecimento do outro, no processo de construção de conhecimento.

Em nossa busca conceitual quantitativa o conceito mediação é o que alcança maior incidência, aparecendo pelos menos uma vez em mais de 70% dos relatórios. Tomando o total dos 2.613 textos analisados, o conceito ocorre em 1.872 documentos, ou seja, em 71,6% dos relatórios.

Como conceito fundante da teoria educacional, a mediação foi intensivamente trabalhada pelo Núcleo de Comunicação e Educação para a aplicação do projeto e tornou-se um conceito usado cotidianamente pelos mediadores, que acabaram incorporando o mesmo, até para a sua autodenominação. Na verdade, no início do projeto, os mediadores eram denominados como "capacitadores", sendo que a sugestão para alteração do nome foi feita pelos mesmos jovens aprendizes de educadores.

Segundo o coordenador geral do projeto, Ismar de Oliveira Soares, o conceito de mediação apropriado pelo NCE na estruturação do projeto Educom.rádio, aproxima-se da definição de Martín Barbero, para quem as mediações são esse lugar de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: "o que se produz na televisão não corresponde, unicamente, a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver", afirma o filósofo espanhol.²⁹⁵

As respostas dadas pelos mediadores falam exatamente deste espaço, e sobre como é possível e desejável atuar entre emissão de conteúdos e sua recepção. No caso, no espaço existente entre o que era proposto pelos mediadores e o que poderia ser feito pelos professores, estudantes e membros da comunidade, existia a possibilidade da mediação.

295 - BARBERO, Jesús-Martín, in LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. *"Metodologia para o estudo de recepção de telenovelas no Brasil"*. in *Comunicação e Sociedade*, SBC, vol. 14, n. 1-2, 2000), p. 93-112.

Os mediadores, ao responderem perguntas durante as entrevistas, acabaram não conseguindo delimitar teoricamente o conceito da mediação, mas foram capazes de definir o caráter que esta tal de "mediação" deveria ter. Nas respostas, fica claro, também, como o conceito foi apropriado pela prática, tanto que passou do substantivo, “mediação” (usado para se fazer a pergunta), para o verbo “mediar” (usado quando se dava a resposta).

5. A complexidade conceitual do Educom.rádio

Como abordamos anteriormente, a aplicação do projeto Educom.rádio exigiu por parte dos mediadores o domínio de diferentes conceitos, que compunham a própria estruturação e aplicação do projeto. Nossa pesquisa buscou entender como estes conceitos eram vistos pelos mediadores, e como foram aplicados pelos mesmos no decorrer do das 6^a e 7^a fases do Educom.

5.1 - Planejamento

O tema do planejamento, um dos núcleos programático do projeto, desenvolvido no final do semestre, teve uma forte ascendência sobre os mediadores, principalmente nas últimas fases do Educom, uma vez que a expectativa era a de que o mesmo fosse apropriado pelos cursistas, para que o projeto educ comunicativo pudesse ser levado adiante e progredisse em cada unidade escolar. O tema contemplava considerações sobre a gestão participativa, além de outros conceitos como: a horizontalidade do processo comunicativo, o espírito democrático e dialógico, que deve predominar entre os membros da comunidade, incentivando-se, desta forma, a ação comunicativa e participativa. A palavra planejamento aparece em 66% do total de relatórios, evidenciando de forma quantitativa a importância dada ao tema pelos mediadores, que fizeram do planejamento a estratégia usada para a ação nos Pólos.

Na verdade, a educação, segundo Ismar de Oliveira Soares, tem uma visão específica de planejamento, entendido como um ato político e propõe o rompimento das práticas tradicionais de planejamento, o

que pressupõe um permanente cuidado epistemológico e uma busca contínua de coerência ideológica em sua implementação.

A relação entre planejamento e ação política foi apropriada pelos mediadores, que estabeleciam nexos de causa e efeito entre os dois conceitos. O planejamento passou, assim, a ser tratado pelos mediadores reconhecendo-se a natureza mediática do fenômeno comunicacional e reafirmando o caráter democrático da comunicação, através do incentivo a participação dos cursistas de maneira igualitária.

O conceito estava de tal modo entranhado no cotidiano dos mediadores, que os mesmos atribuíam os problemas detectados ao longo do curso, como sendo "falhas de planejamento", quer a responsabilidade caísse sobre os próprios mediadores, os articuladores, as autoridades da Secretaria da Educação, os cursistas ou, mesmo, o próprio NCE. Ou seja, existiam dois tipos de planejamento em curso, o planejamento como estratégia idealizada pela equipe do Educom.rádio e a abordagem do tema planejamento como conceito e prática a ser desenvolvida entre os cursistas nos Pólos, com auxílio dos mediadores.

Desta forma, o planejamento participativo foi trabalhado pelos mediadores em duas frentes. Como estratégia fundamental para que a educomunicação pudesse se estabelecer nas escolas, mesmo com o término das capacitações oferecidas pelo NCE. No caso, a escola deveria se apropriar de práticas educacionais, mediante um planejamento participativo que envolvesse professores, estudantes e funcionários, como estratégia para o desenvolvimento das capacitações.

Não foi objeto desta pesquisa, verificar se o objetivo proposto pela primeira frente foi atingido nas escolas, mas pudemos comprovar, mediante a leitura dos relatórios, que o planejamento participativo foi efetivamente colocado em prática nos Pólos e também nas reuniões de capacitação, sendo que o planejamento e a formação de ecossistemas comunicativos foram fundamentais para que a prática educacional pudesse se desenvolver nos Pólos.

5.2 - Ecossistema comunicativo

O conceito ecossistema comunicativo foi outro importante referencial. Permeou o projeto na visão dos mediadores, sendo que seu aparecimento nos relatórios foi de 9,3%. O diagnóstico sobre o tipo de ambiente comunicacional existente na escola era um exercício proposto pelo mediador aos cursistas, no sentido de mapear quais os traços que compunham este ecossistema. No discurso dos mediadores, as idéias de respeito mútuo, bem como de tolerância à pluralidade de pensamentos e de ações compunham a construção do ecossistema comunicativo de caráter educomunicativo no espaço escolar.

O trabalho dos mediadores foi desenvolvido para que os cursistas compreendessem o conceito e as razões pelas quais o projeto Educom propunha uma alteração no ecossistema comunicativo existente nas escolas, convertendo-o num ambiente aberto e democrático, que deveria pressupor a troca dialógica.

Neste sentido, a ação dos mediadores acompanhava as diretrizes do projeto, que tinha como um de seus principais objetivos ampliar as habilidades comunicativas da comunidade escolar. Para o supervisor do projeto, Ismar de Oliveira Soares, a necessidade da criação de verdadeiros ecossistemas comunicativos nos espaços educativos, é essencial para que se cuide da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas, bem como, do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação²⁹⁶.

Desta forma, os mediadores dedicavam especial atenção ao processo comunicativo estabelecido entre professores e alunos. Esta foi a razão pela qual o conceito ecossistema comunicativo foi trabalhado durante todos os encontros e fases, mesmo que indiretamente.

296 SOARES, Ismar de Oliveira. *"Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação"*. In *Revista Comunicação e Educação*. São Paulo, Salesiana, n°. 23, 2002, p.25.

5.3 - Protagonismo juvenil

Como o projeto Educom.rádio tinha no jovem um de seus públicos específicos, o conceito protagonismo juvenil fazia parte integrante da abordagem prática e teórica do projeto, tendo sido assimilada e trabalhada pela maioria dos mediadores.

Na 6ª fase, a palavra protagonismo aparece, pelo menos uma vez, em 10,8% dos relatórios e na 7ª fase, em 11,6% dos documentos. Fizemos, também, a busca complementar do conceito protagonismo, acrescentando a palavra juvenil, sendo que o resultado foi de 8,1%, na 6ª fase, e 7,9%, na 7ª fase, ou seja, na maioria das vezes que a palavra protagonismo é usada pelos mediadores ela vem acompanhada do adjetivo juvenil.

O conceito "protagonismo" foi introduzido no Educom com a intenção de evidenciar e valorizar a atuação de adolescentes e jovens, através de uma participação construtiva, envolvendo-os com as questões da própria adolescência e juventude, à luz da filosofia que propunha o "pensar global e o atuar local", em casa, na escola e na comunidade.

Os mediadores trabalharam a apreensão do tema protagonismo juvenil, mediante atividades que envolviam a linguagem, a participação e o trabalho em grupo. Quando o tema era compreendido, passava-se para o próximo passo, que era o de associá-lo a uma prática na escola ou na comunidade.

Os mediadores descreveram, em seus relatórios, com detalhes, a efetiva auto-valorização dos jovens e das crianças, assim como a clara percepção que passaram a ter de que eles eram realmente os atores principais do processo de comunicação nas escolas, invertendo a filosofia tradicional da educação iluminista, que atribuía ao professor ou às autoridades escolares a condição de principais agentes no processo de educação e de ensino.

Como já afirmamos, a apropriação conceitual do protagonismo, ao nosso ver, foi essencial para dar valor e estimar as ações desenvolvidas pelos jovens, atuando diretamente em sua auto-estima e na visão que eles faziam de si próprios.

6. Prática educomunicativa

Os mediadores desenvolveram em suas ações nos Pólos, uma prática educomunicativa que pudemos evidenciar mediante a leitura sistemática dos relatórios que traziam a descrição diária e detalhada das capacitações desenvolvidas. Os relatórios apontam para características que conotam a própria ação educomunicativa. Pudemos perceber, essencialmente, que os relatórios desenhavam uma maneira particular de ação e de reflexão, permitindo a esta pesquisa identificar tópicos recorrentes que preocupavam a ação dos mediadores.

A prática educomunicativa identificada em nossa pesquisa acontecia apoiada ou não pela infra-estrutura operacional. Era desenvolvida mediante a gestão do conhecimento e complementada por temas emergentes e por uma ação constante de vigilância por parte dos mediadores.

De maneira regular, os mediadores se preocupavam com o desenvolvimento da capacitação em si, ocorrida nos Pólos, que foi denominado por nós, como **gestão do conhecimento** e engloba três subgrupos temáticos: a **recepção**, o **diálogo** e a **produção**. Chamamos o fenômeno observado de "Gestão do Conhecimento" porque este grupo conceitual reflete, mais evidentemente, que o mediador se entende como um facilitador e mantém um gerenciamento integrado entre suas ações e de seu conhecimento, para que os objetivos desejados sejam alcançados.

A gestão do conhecimento é definida como um processo sistemático, articulado e intencional, apoiado na geração, codificação, disseminação e apropriação de conhecimentos, com o propósito de atingir a excelência organizacional. Tomamos emprestado o conceito criado e direcionado para as organizações para aplicá-lo ao processo desenvolvido pelos mediadores, que tinham como propósito atingir a excelência comunicacional. Durante a recepção, diálogo e produção apontados nos relatórios se dava, concomitantemente, a gestão do conhecimento por parte do mediador.

Na verdade, os mediadores valorizavam a recepção, descritas das mais diferentes formas, assim como o diálogo que se segue como ação e reflexão à recepção ativa, garantindo, desta forma, aos cursistas a

condição de falarem e serem ouvidos e de produzirem mensagens e conteúdos, mediante o uso de equipamentos midiáticos ou de outros materiais disponíveis.

É importante evidenciar que a produção radiofônica, subsequente, nesta particular gestão do conhecimento, à recepção e ao diálogo, se caracteriza como o momento em que os cursistas tomavam para si as atividades, produzindo mensagens e colocando-se - em condição de igualdade com os próprios mediadores - como emissores e produtores de conteúdos. Esta dinâmica pode ser observada com frequência nos relatórios.

Outros grupos conceituais, por nós evidenciados, dizem respeito aos denominados **temas transversais**, emergentes no mundo da educação, tais como a violência, a saúde, a pluralidade cultural, entre outros. Aos temas emergentes, os mediadores agregavam a **autocrítica** de sua própria ação, questionando e avaliando o seu próprio desempenho no projeto. Tais temas aparecem frequentemente nos relatórios como objeto de discussão.

Destacamos, também, a preocupação dos mediadores com a **infra-estrutura operacional**, ou seja, com as instalações, acesso às salas e materiais, considerando seu bom desempenho uma garantia para o bom desenvolvimento das capacitações.

Acreditamos que pudemos demonstrar quão significativas foram as ações empreendidas pela coletividade dos mediadores, no sentido de verificar a ocorrência das mais variadas abordagens, que nos apontam claramente para uma prática cotidiana recorrente. O que demonstra coerência entre o trabalho empreendido pelo NCE, através do Educom.rádio, no que se refere à aplicação de um projeto educ comunicativo e o que existiu durante o transcurso de todo o projeto na prática.

Concluimos que os conceitos e princípios valorizados pelos idealizadores do projeto foram aplicados cotidianamente, durante as capacitações, no sentido de serem compreendidos, apropriados e praticados. O que por si só já seria um grande passo, no sentido de que se vive, atualmente, uma dicotomia entre teoria e prática. Conceitos que parecem ter coerência ideológica e argumentativa, não resistem à aplicação prática.

Consideramos que a capacitação proporcionada pelo NCE aos mediadores, assim como, um contínuo acompanhamento e vigilância entre o que o projeto se propunha a fazer e entre o que era realizado por parte de seus integrantes, foram medidas essenciais para que o projeto encampasse de maneira firme e coesa toda a sua complexidade conceitual espelhada em sua prática cotidiana.

7. Conclusões

O projeto Educom.rádio levou para os Pólos de capacitação, onde participaram membros das comunidades educativas de 455 escolas da rede municipal da cidade de São Paulo, uma intervenção teórica e prática complexa de ser implementada, seja pela grandeza do projeto, levando-se em consideração o número de participantes, e de Pólos envolvidos, de mediadores, articuladores, especialistas que deveriam estar nos Pólos para que tudo acontecesse como o previsto, seja pela organização estrutural e pedagógica, indispensável para que o processo pudesse cumprir suas etapas.

Ao Núcleo de Comunicação e Educação foi solicitado um esforço hercúleo para que o projeto caminhasse na progressão de suas fases. O NCE teve que dar conta de sua missão enfrentando todas as implicações que esta ação demandava, considerando-se, entre outros problemas, a dependência com relação a outros órgãos e instâncias de poder aos quais o projeto estava submetido. Neste cenário instável, foi de extrema valia a participação capilarizada dos mediadores, atuando junto às bases do projeto, de uma forma coerente e solidária, tomando, cada um, o projeto como sendo seu, com persistência, do início ao final da fase, que envolvia quatro semestres de trabalho.

É importante que a lembrança desta aventura acadêmica e pedagógica permaneça viva nas mentes dos mediadores. Foi o que constatamos ao realizar a pesquisa dois anos após o encerramento do Educom, que ocorreu em 31 de dezembro de 2004. Nas entrevistas, os mediadores demonstravam que mantinham vivos, em suas memórias - e, no caso de alguns, em seus afetos -, os fatos, as histórias e as análises sobre o processo em que havia se engajado. Tal

disposição demonstrou a força do impacto do Educom, não apenas no campo profissional dos mediadores, mas em suas vidas e em suas concepções de mundo.

Na verdade, ninguém passou imune pelo projeto. Ele deixou grandes marcas e provocou mudanças nas percepções dos mediadores. Constatamos que as atividades não eram desenvolvidas, somente, com conhecimento técnico, mas principalmente, com muita emoção, entusiasmo e extrema responsabilidade, como, aliás, era a expectativa do criador do Educom.rádio, Prof. Ismar de Oliveira Soares.

Para o grupo de mediadores entrevistados a educomunicação se configurou como uma boa novidade capaz, de transformar individualmente o olhar do profissional e do cidadão. Esta percepção, colhida nos diálogos com estes agentes culturais, foi a mesma que obtivemos quando nos deparamos com os relatórios produzidos no final de cada fase. Por outro lado, percebemos imediatamente que esta forte tendência que os mediadores demonstraram em compactuar com os princípios e os conceitos educacionais, os levava, também, a ter uma visão crítica da aplicação do projeto em si, o que, mais uma vez, reafirma uma reflexão apurada sobre a prática desenvolvida, postura incentivada pelo projeto.

Os mediadores foram unânimes em apontar a coerência do projeto, mesmo quando os objetivos não eram alcançados como se imaginava ou se esperava. Os mesmos detectavam também os tipos de dificuldades que se opunham ao bom êxito do programa. Atribuía tais dificuldades, na maioria das vezes, quer a questões organizacionais e estruturais (como a escassez de tempo que gerava um grande dilema, entre cumprir o planejamento ou desenvolver todo o conteúdo previsto; a falta de espaços adequados; a falta de materiais; o não cumprimento de horários, entre tantos outros pontos) quer a problemas de relacionamento entre os próprios mediadores.

É certo que, o comprometimento, o senso de responsabilidade e os processos críticos e autocríticos dos mediadores geravam uma espécie de controle de qualidade para as ações do Educom.rádio. Estas críticas chegavam ao conhecimento do supervisor geral, da coordenação e da

equipe de formadores, sendo levadas para as reuniões de formação, feitas durante a semana, entre os mediadores, o articulador e o assistente de articulação, com o objetivo de avaliar e planejar as ações futuras.

Pudemos apreender que o mediador se via como um grande facilitador das ações que deveriam ocorrer nos Pólos e, como tal, levava às últimas conseqüências o papel de não interferir nos resultados dos processos que se produziam nas capacitações nos Pólos.

Os mediadores apresentaram - nas entrevistas com a pesquisadora e nos relatórios semanais por ela analisados - uma percepção de que o projeto transcorreu adequadamente e acabou de forma vitoriosa, uma vez que foi capaz de possibilitar algum tipo de mudança, mesmo que, tão somente nos pontos de vista e nas vidas das pessoas envolvidas.

No caso, reconheceram que, nem sempre, o êxito ficou visível em mudanças estruturais de comunicação nos espaços escolares, por razões alheias ao objetivo desta investigação. Na verdade, ter a rádio implantada na escola, sob bases educacionais, acabou sendo um objetivo difícil de ser alcançado, principalmente, nas escolas onde ocorreu atraso na chegada do equipamento de rádio, ou naquelas que, por decisões políticas de autoridades que não haviam entendido o significado do projeto, simplesmente, não o receberam, como ocorreu justamente com as escolas das fases 6ª e 7ª do Educom.

Na opinião dos mediadores, para que a gestão da rádio pudesse ser implantada, sob bases educacionais, teria sido necessário que o projeto tivesse algum tipo de continuidade nos anos posteriores ao encerramento das capacitações. Do contrário, as iniciativas ficariam restritas aos professores ou aos grupos de alunos que decidissem, por conta própria, dar continuidade ao processo em suas unidades.

Independentemente das dúvidas sobre o futuro do projeto e sua continuidade, os relatórios refletiam um grande ânimo dos mediadores sobre os resultados gerados na coletividade dos participantes e mesmo individualmente, seja pela manifestação pessoal dos cursistas, seja pelas

produções e projetos realizados nos Pólos, sendo que alguns foram levados para as escolas dos respectivos participantes.

Evidenciamos que os mediadores aplicam o conceito da gestão participativa, também, em suas análises, uma vez, que têm uma visão global do projeto, não se restringindo às análises das ações pelas quais eram responsáveis. Neste sentido, eles promovem uma análise abrangente, sendo que a gestão participativa, então, não se configurava apenas na aplicação das ações com os cursistas, mas no próprio envolvimento do mediador com o projeto.

Para nós, os relatórios, ainda que tomado por alguns mediadores como uma ação meramente burocrática e avaliado, por outros, como um procedimento desinteressante de ser feito, configurou-se, em contrapartida, como um precioso espaço de reflexão e autocrítica sobre o cotidiano do Educom, repleto de emoções e de ricas impressões, sem os quais esta pesquisa não poderia ter sido realizada.

Ao trabalharmos em nossa pesquisa, tanto durante a leitura dos relatórios como durante as entrevistas, nos deparamos com respostas e com informações que misturavam questões objetivas a questões puramente subjetivas, como sentimentos, emoções e percepções. Discernir estas questões se configurou como uma tarefa quase impossível. Com o transcorrer do nosso trabalho, percebemos que a atuação do mediador no projeto Educom.rádio era mediada por percepções, sentimentos e emoções que deram vida ao projeto e que trouxeram cores especiais à atividade desenvolvida na base do processo. O trabalho foi construído a partir de um profundo envolvimento emocional com o Educom e com a educomunicação. Neste caso, foi impossível desconsiderar as questões subjetivas que marcaram os depoimentos colhidos e os documentos analisados.

Acreditamos que o projeto Educom.rádio é uma prova de que é possível renovarmos a forma clássica e tradicional de trabalho operada na maioria das escolas. Porém, para que isso ocorra, é imprescindível a ação de um mediador que seja capaz de levar e empreender ações educacionais.

O Núcleo de Comunicação e Educação, ao capacitar centenas de profissionais, que atuaram como mediadores, interveio socialmente

preparando educadores para atuarem em distintos papéis, sendo que muitos, hoje, estão levando seus conhecimentos educacionais para outras frentes. Neste sentido, o trabalho feito para o Educom, ultrapassou as fronteiras do próprio projeto, e permanece vivo e atuante, na ação e na reflexão de centenas de profissionais que levam consigo os princípios educacionais.

Referências bibliográficas

- BACCEGA, Maria Ap. (org) *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo, Atlas, 2002.
- _____, (org) *Comunicação e Cultura: um novo profissional*. São Paulo, Ed. ECA, 2ª ed., 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1979.
- BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações*. Rio, Ed. URFJ, 1997.
- _____, “Comunicação e Mediações culturais”, in *Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo, vl.XXIII, n. 1, jan/jun. 2000.
- _____, “Heredando el futuro. Pensar la educacioón desde la comunicaci3n”. Bogotá, Nomadas. DIUC, 5, set. 1996 – fev. 1997, p.10-22.
- _____, “Metodologia para o estudo de recepção de telenovelas no Brasil”. in *Comunicação e Sociedade*, SBC, vol. 14, n. 1-2, 2000.
- BARROS FILHO, Clovis. *Ética na Comunicação*. São Paulo, Ed. Moderna, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- _____, *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- _____, *A profissão do sociólogo*. Petrópolis. São Paulo, Ed. Vozes, 1999.
- BRIQUET, Raul. *História da Educação – Evolução do Pensamento Educacional*. São Paulo, Ed. Renascença S. A., 1946.
- BUCKINGHAM, David. *Media Education*. Cambridge, Polity Press, 2003.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *A globalização imaginada*. São Paulo, Ed. Iluminuras, 2003.
- _____, *Consumidores e Cidadãos, conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Editora UERG, 1995.
- CHAGAS, Valnir. *Educação brasileira: o ensino de 1º e 2º graus*. São Paulo, Ed. Saraiva, 2ªed, 1981.
- CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação – A linguagem em movimento*. São Paulo, ed. Senac, 2000.
- _____, “Educação e mudanças: novos modos de conhecer”. In (Org.).
- CITELLI, Adilson. *Outras Linguagens na escola*. São Paulo, Editora Cortez, 2000.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo, Edusc, 2002.
- DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas, Papirus, 1995.
- DE LIMA, Vinício Artur. *Comunicação e Cultura: as idéias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2ª ed., 1981.
- DAVENPORT, T., PRUSAK, L. *Conhecimento empresarial*. Rio de Janeiro, Campus, 1999.
- DOWBOR, Ladislau e IANNI, Octavio (orgs.). *Desafios da comunicação*. Rio de Janeiro, Vozes, 2001.
- FOUCAULT, ____Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola. ed.10ª, 2004.

- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 13^a 1982.
- FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo, Ed. Edart. 1977.
- GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas – a teoria na prática*. São Paulo, Ed. Artmed, 1995.
- GRISPUN, Mirian P. S. (org). *Educação Tecnológica – Desafios e perspectivas*. São Paulo, Ed. Cortez. 2^a ed. 2001.
- GUTIERREZ, F, PRIETO CASTILHO, D. *A mediação pedagógica*. Campinas, Papirus, 1994.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, PP& A Editora, 6^aed. 1999.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola. 1999.
- HUERGO, Jorge A. *Cultura Escolar, Cultura Mediática/ Intersecciones*. Santa Fé de Bogotá, Universidad Pedagógica Nacional, 2000.
- _____, “Comunicación/Educación: Itinerarios transversales”. In *Comunicación – Educación coordinadas, abordajes y travessia*. La Plata, Universidad Central – Diuc.
- IANNI, Octávio. “Globalização: Novo paradigma das ciências sociais”. Estudos Avançados, São Paulo: USP/IEA, 1994.
- ILLERA, J. L. Rodríguez. *Educación y Comunicación*. Barcelona, Ed. Paidós, 1988.
- JESUS, Antônio Tavares de. *O pensamento e a prática escolar de Gramsci*. Campinas, Editores Associados, 1998.
- KAPLUN, Mario. “Processos educativos e canais de comunicação”, In *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, USP, jan./abril.,1999.
- _____, *Comunicação & Educação*. São Paulo, 1999.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru, EDUSC, 2001.
- KIENTZ, Albert. *Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973.
- KORTE, Gustavo. *Introdução à metodologia transdisciplinar*. São Paulo, NEST, 2000.
- LASSWELL, Harold. D. “A estrutura e a função da comunicação na sociedade”. In COHN, Gabriel. *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo, Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, 1971.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo, Editora 34, 2^a ed. 2000.
- LIMA, Venício Artur de. *Comunicação e cultura: As idéias de Paulo Freire*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2^a ed, 1981.
- LOPES, Maria Immacolata V. *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo, Loyola, 2001.
- MORAN, José Manuel. *Leituras dos Meios de Comunicação*. São Paulo, Pancast Editora, 1993.
- _____, et all. *Novas tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas, Papirus. 2000.
- MORIN, Edgard. *Introdução ao Pensamento Complexo*. São Paulo, Instituto Piaget, 2003.

MATTELART, Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo, Loyola, 4ª ed., 2001.

NORBERT, Elias. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

OROZCO, Guillermo Gomez. *Televisión, audiências e educación*. Argentina, Editorial Norma 2001.

_____, “La influencia de la TV em la educacioón de niños y jóvenes: oppiniones, mitos, hechos”.in *Reporter Ocasional*. PROIICOM n3. México, Universidad Iberoameiricana, 1993.

_____, “Professores e meios de comunicação: Desafios e Estereótipos”. In. *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, CCA/ECA/USP/ Moderna. Nº10.

_____, *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*. La Plata, Faculdade de Periodismo e Comunicación Social (Universidad Nacional de La Plata), 1997.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1998.

PALLOFF, Rena & PRATT, Keith. *Building Learning communities in Cyberspace*. San Francisco, Jossey-Bass Publishers, 1999.

PENTEADO, H.D. *Comunicação Escolar: uma metodologia de ensino*. São Paulo, Salesianas, 2002.

PILETTI, Nelson. *História da educação no Brasil*. São Paulo, Ed. Ática, 1990.

POSTMAN, Neil. *Disappearance of Childhood*. New York, Vitage Books, 1994.

ROMANELLI, Otaiza. *História da educação no Brasil*. Petrópolis, Editora Vozes, 8ª ed.

SACRISTAN, José Gimeno. “O significado e a função da educação na sociedade e na cultura globalizadas”. In Org. GARCIA, Regina Leite e MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. *Currículo na contemporaneidade – incertezas e desafios*. São Paulo, Ed. Cortez, 2003.

1986.

SIERRA, Francisco. *Introducción a la teoria de la comunicación educativa*. Sevilha, Ed. Mad, 2000.

SILVA, Marco (org.) *Educação online*. São Paulo, Edições Loyola, 2003.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da Informação ou da Comunicação?* São Paulo, Cidade Nova, 1996.

_____, “A nova LDB e a formação de profissionais para a inter-relação Comunicação/Educação”, In *Comunicação e Educação*. nº2. São Paulo, Ed. Moderna, 1995.

_____, “Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”, in *Revista Contato*, nº2. jan./mar., 1999.

Teoria y práctica de la comunicación: incidencia sobre los proyotos de educación para los medios en America Latina. Ceneca Unicef, Santiago - Chile, 1992.

_____, “Educação para os meios nos E.U.A.: 1970/2000” in *Revista Sem Fronteiras – estudos midiáticos*, São Paulo, nº1, dez.,2000.

_____, “Educomunicação: As perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social, o caso dos Estados Unidos”, in *Revista ECCOS*. São Paulo, Centro Universitário Uninove. V.2, nº2, dez.2000.

_____, “Educomunicação: Um Campo de Mediações”. In *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, USP, n.º.19, jan./mar.2000.

_____, “Gestão comunicativa e educação: Caminhos da educomunicação”. In *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, Editora Salesiana, n.º. 23, 2002.

_____, “Metodologia de educação para a comunicação e de gestão comunicativa no Brasil e na América Latina”, in BACCEGA Maria Ap.(org) *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo, Atlas, 2002.

_____, “A Era da informação: Tecnologias da comunicação criam novas relações culturais e desafiam antigos e modernos educadores” in *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro v. 22 jul/out de 1993.

SOUZA, Solange Jobim. *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, Papirus, 1994.

SOUZA, Paulo Natanael Pereira, SILVA, Eurides Brito. *Como atender e aplicar a nova LDB*. São Paulo: Pioneira. 1997.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação no Brasil*. São Paulo, Companhia Ed. Nacional, 2ª ed., 1956.

THIOLLENT, Michael. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo, Polis, 1980.

Pesquisa-ação nas organizações. São Paulo, Atlas, 1997.

VEER, René Van Der. *Vygotsky: uma síntese*. São Paulo, Unimarco/Loyola, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 3ª ed, 2005.

WARNIER, Jean Pierre. *A mundialização da Cultura*. São Paulo, Edusc, 2000.

WEBER, A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (org.) *Max Weber*. São Paulo, Ática, 1979.

WEBER, Max. *Sobre a teoria das ciências sociais*. Lisboa, Presença, 1974.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa, Presença, 1995.

Teses

BARBOSA, Nanci Rodrigues. Dissertação mestrado – Mediação e negociação de sentido em práticas de Educação a Distância voltadas à formação profissional. São Paulo, ECA/USP, 2000.

BARI, Valéria Ap. Dissertação mestrado – Por uma epistemologia do campo da Educomunicação: A inter-relação comunicação e Educação pesquisada nos textos geradores do “I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação. São Paulo, ECA/USP, 2002.

LAGO, Claudia. Tese de doutorado - O Romantismo Morreu? Viva o romantismo! Ethos romântico no jornalismo. São Paulo, ECA/USP, 2003.

MORAN, José Manuel. Tese de doutorado “Educar para comunicação: Análise das Experiências Latino-Americanas de Leitura Crítica da Comunicação”. São Paulo, ECA – 1987.

PASSARELLI, Brasilina. Tese de doutorado – Hipermissão na aprendizagem – construção de um protótipo interativo: A escravidão no Brasil. São Paulo, ECA/USP, 1993.

VIANA, Claudemir Edson. Dissertação mestrado -O processo educomunicacional: a mídia na escola. São Paulo, ECA/USP, 2000.

Outras fontes

site <<http://www.usp.br/educomradio>>

site <<http://www.usp.br/educom.tv>>

site <<http://www.usp.br/nce>>

site<<http://www.midiativa.org.br>>

Anexo I

1. Descrição do projeto Educom.Rádio

O projeto Educom.Rádio foi implantado pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes – ECA, da Universidade de São Paulo, nas escolas de ensino fundamental da rede pública municipal de São Paulo, entre o início do segundo semestre de 2001 até o final do semestre de 2004.

O projeto Educom.Rádio trabalhou com o conceito da Educomunicação, e teve como objetivo propiciar mediante capacitação de alunos, professores e membros da comunidade, um ambiente, ou ecossistema mais comunicativo, aberto e democrático, no sentido de diminuir atos violentos nas escolas, e de propiciar um melhor relacionamento entre a comunidade escolar. O rádio²⁹⁷ foi o meio escolhido como instrumento facilitador para incentivar a produção e a expressão dos participantes.

Outros objetivos do projeto:

Planejar a inserção do Educom.Rádio no Projeto Político Pedagógico das escolas participantes, visando à gestão participativa e a integração de educadores, estudantes e membros da comunidade;

Conhecer o conceito de Educomunicação;

Rever as práticas comunicativas no interior de cada escola;

Criar novas perspectivas de intervenção social;

Motivar entre os cursistas o desejo de continuidade do Projeto;

Trabalhar conjuntamente entre educadores, estudantes e membros da comunidade, valorizando o diálogo entre eles;

²⁹⁷ Na descrição do projeto iremos justificar a escolha do rádio pelo Educom.

O Projeto desenvolveu-se em 7 fases, de um semestre letivo cada. Cada Fase foi dividida em três módulos, cada um contendo 4 encontros, somando ao total 12 encontros presenciais de 8h cada que aconteciam em Pólos, que reuniam as escolas das imediações.

Cada escola poderia participar com 23 membros, sendo 10 professores, 10 alunos e 3 membros da comunidade. Em cada Pólo, trabalhava uma equipe do Projeto Educom, com um articulador, um assistente e mediadores, proporcional ao número de escolas participantes em cada Pólo, com algumas alterações feitas durante o processo.

Ao final do Projeto haviam sido capacitados 5.200 professores, 2.861 estudantes e 575 membros da comunidade. A equipe do Núcleo de Comunicação e Educação participou com 1.025 pessoas entre articuladores, assistentes, mediadores, secretários, palestrantes e membros do conselho gestor.²⁹⁸ Destas 457 desempenharam a função de mediadores, os agentes responsáveis pela implementação dos procedimentos previstos no organograma do Projeto Educom. Rádio, nos Pólos.

Foram disponibilizadas pelo Educom.Rádio 9.500 vagas para cursistas, durante os três anos e meio. Aconteceram 1008 encontros nos Pólos com a presença dos “mediadores”, ao final de cada encontro o “mediador” produzia um relatório com as suas impressões sobre o andamento das atividades com o objetivo de descrever e avaliar os procedimentos desenvolvidos.

2. Estruturação do Educom.rádio

O Educom.rádio foi pensado e planejado para atender a perspectivas de criar ecossistemas comunicativos nas escolas, para isto a própria formação do projeto necessitava seguir princípios educacionais, como o diálogo, o planejamento em equipe, a avaliação criteriosa e uma estrutura democrática. Sendo assim o Núcleo de Comunicação e Educação formou uma equipe de trabalho organizada da seguinte forma: Supervisão

298 Dados do Boletim Informático no NCE – out/nov/dez de 2004.p.30.4

Geral, que foi exercida pelo professor Ismar de Oliveira Soares, Coordenação Geral, e Conselho Gestor – formado pela Coordenação de Áudio-visual, Coordenação de Comunicação, Coordenação do Site, Formadores, Coordenação Técnica - secretaria e apoio operacional, articuladores das equipes por pólos, assistentes de direção por pólos e mediadores nos pólos.

Além desta equipe, somaram as equipes de palestrantes convidados, articuladas por temas específicos, somando-se em média um total de 850 colaboradores.

3. O papel dos atores no Projeto Educom.Rádio

Os integrantes do Educom.rádio tinham funções definidas que se articulavam para o andamento do projeto a contar:

3.1 O Articulador

O articulador era o responsável pelos trabalhos no Pólo, durante os 12 encontros. Entre outras funções o articulador fazia a abertura dos trabalhos nos Pólos, acompanhava as palestras, fazia a ligação entre uma palestra e outra. A partir da 5ª fase, o articulador passa a ser também o responsável pela formação da sua equipe de trabalho, organizando o planejamento e a avaliação com a equipe. Além de desempenhar um papel político de relacionamento entre os funcionários das escolas e a equipe.

3.2 O assistente

O assistente era o responsável pela organização de toda capacitação no pólo. Cuidava dos horários, alimentação, logística, providenciava os materiais necessários entre outras tarefas.

3.3 O Mediador

Permanecia com os grupos de estudantes e membros da comunidade e com os grupos de professores e membros da comunidade, ou seja, relacionava-se diretamente com os cursistas. O mediador acompanhava os

trabalhos, fazia propostas para o grupo de discussão, motivava a participação, o diálogo, às abordagens de temas sob diferentes perspectivas, encaminhava e orientava as produções. Atuava para dirimir conflitos e incentivava o grupo.

4.Trabalho desenvolvido nos Pólos

Nos Pólos o trabalho foi dividido pela manhã e tarde, durante a manhã eram dadas palestras temáticas para o grupo de professores, enquanto o grupo de estudantes discutia sobre o mesmo tema, de uma forma diferente, e faziam atividades com equipamentos.

Durante à tarde, todos participavam juntos de workshop para produzir sobre o que havia sido discutido na parte da manhã.

5. O Educom.rádio em fases

5.1 Primeira Fase

A primeira fase do Educom.rádio foi implantada no segundo semestre de 2001, em 5 Pólos que ofereceram capacitação para 26 escolas municipais. Nascia um relacionamento entre a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e o Núcleo de Comunicação e Educação da USP. A capacitação era estruturada em 12 encontros presenciais de 8 horas cada, divididos em 3 módulos, que aconteciam na maioria das vezes em uma das escolas chamada de Pólo que recebiam professores, alunos e membros da comunidade das outras escolas pertencentes aos NAEs.

1ªFase: 5 Pólos

Pólo Paulo Freire – agrupava 4 escolas

Pólo Mariazinha Fuzari – agrupava 7 escolas sendo 2 do NAE 3, e 2 do NAE 4 e 3 do NAE 12²⁹⁹.

Pólo Januz Korjacak – agrupava 4 escolas

299 A EMEF Amorim Lima participou das atividades oferecidas pelo Pólo, mas não foi inscrita formalmente no projeto.

Pólo Mário Kaplun – agrupava 6 escolas

Pólo Celestin Freinet – agrupava 6

Equipe de trabalho:

A formação dos capacitadores e monitores, que na 1ª Fase do Educom. Rádio, ainda não recebiam o nome de mediadores era coordenada por uma equipe pedagógica do Núcleo de Comunicação e Educação. Em cada Pólo a equipe era formada por 1 articulador, e cada escola tinha 1 monitor para adultos, 1 monitor para estudantes – e 1 capacitador.

Trabalho desenvolvido pela equipe de formação:

A equipe de formação e a equipe de articulação se encontravam para planejar e avaliar as atividades, no encontro de planejamento. Depois cada articulador encontrava-se com a sua equipe para repassar o que havia sido combinado, pormenorizar, adaptar o conteúdo a realidade de cada situação e planejar como colocar em prática a partir de uma idéia central, sendo que as orientações eram verbais.

Encontros

Aconteceram 9 encontros nos Pólos e 3 encontros nas Unidades Escolares.

5.2 Segunda fase

A 2ª fase do Educom.rádio iniciou-se no primeiro semestre de 2002, e representou um grande crescimento para a implantação do Projeto, de 5 pólos passou-se para 13 Pólos que ofereceram capacitação para 40 escolas municipais. Sendo que os 13 grupos foram divididos em Banda A e Banda B, alterando as capacitações no calendário letivo. Houve o aprofundamento temático e ampliação dos conceitos e práticas educacionais que foram relacionadas aos eixos temáticos dos currículos escolares. A capacitação permaneceu estruturada em 12 encontros presenciais de 8 horas cada, que aconteceram na maioria das vezes em uma das escolas Pólos que recebiam professores, alunos e membros da comunidade das outras escolas pertencentes aos NAEs.

2ª Fase: 13 Pólos

Pólo Paulo Freire	NAE 1
Pólo Domitila Chungara	NAE 2
Pólo Ari Barroso	NAE 3
Pólo Mariazinha Fusari	NAE 4
Pólo Landell de Moura	NAE 5
Pólo Janusz Korzack.....	NAE 6
Pólo Darcy Ribeiro.....	NAE 7
Pólo Mario Kaplún.....	NAE 8
Pólo Nise da Silveira	NAE 9
Pólo Celèstin Frenet	NAE 10
Pólo Roquette Pinto.....	NAE 11
Pólo Monteiro Lobato.....	NAE 12
Grupo Carlos Leôncio.....	NAE 13

Equipe de trabalho:

A formação dos capacitadores e monitores na 2ª Fase do Educom. Rádio foi dividida por formadores e articuladores que ficaram responsáveis pelos respectivos Pólos. Sendo assim o formador acompanhava a evolução dos trabalhos da equipe num mesmo Pólo, do início ao fim. O articulador também fazia parte da formação.

Trabalho desenvolvido pela equipe de formação:

A formação era feita com a presença dos monitores e capacitadores para a avaliação das capacitações passadas e o planejamento para as próximas.

Encontros

12 encontros feitos nos Pólos

5.3 Terceira fase

A 3ª Fase do Educom.rádio iniciou-se no segundo semestre de 2002, com os mesmos 13 Pólos o que significou a estabilização de um grande trabalho e esforço que havia sido feito na 2ª Fase. Esta Fase foi marcada pela dificuldade de relacionamento entre a equipe pedagógica, coordenação administrativa e equipe. 55 escolas participaram do projeto.

3ª Fase: 13 Pólos

Pólo Paulo Freire	NAE 1
Pólo Domitila Chungara	NAE 2
Pólo Ari Barroso	NAE 3
Pólo Mariazinha Fusari	NAE 4
Pólo Landell de Moura	NAE 5
Pólo Janusz Korzack.....	NAE 6
Pólo Darcy Ribeiro.....	NAE 7
Pólo Mario Kaplún.....	NAE 8
Pólo Nise da Silveira	NAE 9
Pólo Celèstin Frenet	NAE 10
Pólo Roquette Pinto.....	NAE 11
Pólo Monteiro Lobato.....	NAE 12
Grupo Carlos Leôncio	NAE 1

Equipe de trabalho:

A formação dos capacitadores e monitores na 3ª Fase do Educom. Rádio foi dividida por formadores e articuladores que ficaram responsáveis pelos respectivos Pólos. Sendo assim o formador acompanhava a evolução dos trabalhos da equipe num mesmo Pólo, do início ao fim. O articulador também fazia parte da formação.

Trabalho desenvolvido pela equipe de formação:

A formação era feita com a presença dos monitores e capacitadores para a avaliação das capacitações passadas e o planejamento para as próximas.

Encontros

12 encontros feitos nos Pólos

5.4 Quarta Fase

A 4ª Fase no primeiro semestre de 2003 foi marcada pelo aumento do número de cursistas que chegou a 1.300, divididos entre os 13 Pólos. Para poder atender esta demanda, 160 pessoas responsáveis pela implantação do projeto Educom.Rádio estiveram em permanente formação. No ano de 2003, foi dada ênfase ao planejamento com intuito de criar ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos nas escolas. A troca das pessoas que faziam parte da coordenação pedagógica do Projeto gerou mudanças estruturais nesta fase e nas seguintes.

Os articuladores assumiram o papel de formadores da equipe. Os articuladores passaram a ser os responsáveis pela avaliação dos trabalhos desenvolvidos no pólo e do planejamento juntamente com a equipe de mediadores.

As orientações e planejamento passaram a ser feitos por escrito, houve uma formalização dos procedimentos que deveriam ser observados. 65 escolas participaram desta fase.

4ª Fase: 13 Pólos

Pólo Paulo Freire NAE 1

Pólo Domitila Chungara NAE 2

Pólo Ari Barroso NAE 3

Pólo Mariazinha Fusari NAE 4

Pólo Landell de Moura NAE 5

Pólo Janusz Korzack..... NAE 6

Pólo Darcy Ribeiro.....	NAE 7
Pólo Mario Kaplún.....	NAE 8
Pólo Nise da Silveira.....	NAE 9
Pólo Celèstin Frenet	NAE 10
Pólo Roquette Pinto.....	NAE 11
Pólo Monteiro Lobato.....	NAE 12
Grupo Carlos Leôncio.....	NAE 13

Equipe de Trabalho

A formação das equipes responsáveis pela implantação do projeto nos Pólos foi modificada. Passando para um articulador e um assistente para cada Pólo e os mediadores, sendo um para cada unidade escolar.

Trabalho desenvolvido pela equipe de formação

Os articuladores assumiram o papel de formadores da equipe participante de seu respectivo Pólo, além dos responsáveis pelo trabalho desenvolvido nos Pólos. A equipe de trabalho aumentou para cerca de 160 pessoas.

Encontros

12 encontros feitos nos Pólos

5.5 Quinta Fase

A 5ª no segundo semestre de 2003 teve como característica a produção do material de apoio para a equipe equacionar o trabalho nos Pólos. Nesta fase as orientações chegavam antes da aplicação de cada módulo. Foram 78 escolas participantes, 6 para cada um dos 13 Pólos.

5ª Fase: 13 Pólos

Pólo Paulo Freire	NAE 1
Pólo Domitila Chungara	NAE 2

Pólo Ari Barroso	NAE 3
Pólo Mariazinha Fusari	NAE 4
Pólo Landell de Moura	NAE 5
Pólo Janusz Korzack	NAE 6
Pólo Darcy Ribeiro	NAE 7
Pólo Mario Kaplún	NAE 8
Pólo Nise da Silveira	NAE 9
Pólo Celèstin Frenet	NAE 10
Pólo Roquette Pinto	NAE 11
Pólo Monteiro Lobato	NAE 12
Grupo Carlos Leôncio	NAE 13

Equipe de trabalho

Permaneceu a mesma prática de trabalho da 4ª fase. Sendo cada Pólo sob responsabilidade do articulador, que contava com o apoio do assistente e dos mediadores.

Encontros

Encontros nos Pólos

5.6 Sexta Fase

A 6ª Fase, no primeiro semestre de 2004, o projeto Educom.Rádio cresceu ainda mais e passou de 13 Pólos, para 17 Pólos, atendendo um total de 131 escolas. Neste ano foi dada ênfase à consolidação das propostas do Educom, visando à integração, mediante a construção de uma rede de comunidades educacionais.

Para melhorar o desempenho dos mediadores houve uma jornada de capacitação intensiva, com o objetivo de propiciar elementos para

que as atividades pudessem ser adequadas aos distintos grupos de trabalho, durante as capacitações nos Pólos.

6ª Fase: 17 Pólos

Pólo 1: Paulo Freire	9 escolas
Pólo 2: Mario Lago	4 escolas
Pólo 3: Ari Barroso	10 escolas
Pólo 4: Mariazinha Fuzari	7 escolas
Pólo 5: Landell de Moura	9 escolas
Pólo 6: Janusz Korczak	9 escolas
Pólo 7: Darci Ribeiro	6 escolas
Pólo 8: Mário Kaplun	10 escolas
Pólo 9: Nise da Silveira	5 escolas
Pólo 10: Celèstin Freinet	7 escolas
Pólo 11: Roquette Pinto	9 escolas
Pólo 12: Monteiro Lobato	10 escolas
Pólo 13: Carlos Leôncio da Silva	9 escolas
Pólo 14: Gisela S. Ortriwano	7 escolas
Pólo 15: Anísio Teixeira	7 escolas
Pólo 16: Cásper Líbero	7 escolas
Pólo 17: Vicente Leporace	6 escolas

Equipe de Trabalho

A equipe continuou estruturada da mesma forma da 5ª fase, e passou a poder contar com a estrutura virtual como apoio. Cada Pólo tinha o seu e-group, o que foi produtivo tanto para os encontros de planejamento e avaliação como para a entrega dos relatórios e a troca de experiências. Os encontros presenciais puderam ser otimizados com a participação virtual.

Trabalho desenvolvido pela equipe de formação

Os pagamentos dos mediadores ficaram vinculados à entrega dos relatórios, sendo que na 6ª fase 1.683 relatórios entregues, entre os relatórios de mediadores e articuladores e assistentes.

Estrutura

Encontros nos Pólos

5.7 Sétima Fase

A 7ª fase aconteceu no segundo semestre de 2.004 e contou com 10 Pólos, que totalizaram 68 escolas.

7ª Fase: 10 Pólos

Pólo 1: Paulo Freire

Pólo 2: Mario Lago

Pólo 3: Mariazinha Fuzari

Pólo 4: Landell de Moura

Pólo 5: Janusz Korczak

Pólo 6: Nise da Silveira

Pólo 7: Gisela S. Ortriwano

Pólo 8: Mário Kaplun

Pólo 9: Celèstin Freinet

Pólo 10: Roquette Pinto

Equipe de Trabalho

A equipe continuou estruturada da mesma forma, contando com a estrutura virtual como apoio. Cada Pólo tinha o seu e-group, o que foi produtivo tanto para os encontros de planejamento e avaliação como para a entrega dos relatórios e a troca de experiências. Os encontros presenciais puderam ser otimizados com a participação virtual.

Trabalho desenvolvido pela equipe de formação

Os pagamentos dos mediadores continuaram vinculados à entrega dos relatórios, sendo que na 7ª fase 924 relatórios foram entregues.

Estrutura

Encontros nos Pólos

6. A escolha do Rádio

Segundo o supervisor geral do Educom. Rádio, o projeto não é apenas um curso de técnicas radiofônicas, o objetivo do projeto é repensar a relação escola/comunicação. Porém o rádio foi escolhido porque possui algumas características próprias como a instantaneidade, mobilidade, oralidade, sensorialidade, além de ser de baixo custo e fácil acesso.

O trabalho pode ser desenvolvido com a instalação de uma estação, com caixas de som fixas, pela escola e com pequenos gravadores. Dominar a montagem e operação do equipamento implica num maior entendimento da lógica de funcionamento dos sistemas de gravação, amplificação e transmissão de áudio.

Segundo pesquisas no Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes, da USP o rádio revelaria maior potencialidade para – partindo da oralidade que caracteriza nossa forma mais estreita de comunicação – levar educadores e educandos, num clima de prática dialógica de comunicação, a promoverem, juntos, uma leitura do mundo e construir, em suas escolas, um “ecossistema comunicativo”, aberto, democrático e participativo³⁰⁰.

O equipamento previsto pelo Projeto para estar em cada escola era composto de 5 gravadores de mão, 3 microfones, sendo 2 sem fios, 10 caixas de som receptoras, uma antena e um rack contendo uma mesa com 8 canais, tape duplo, gravador de CD e transmissor de rádio. Para o uso deste equipamento o NCE previu uma capacitação técnica.

300 SOARES, Ismar de Oliveria. “Agora, é planejar a educomunicação!”, in Agenda do educom.rádio nº2 do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP.

Para o Educom capacitar é também desmistificar o uso dos sistemas tecnológicos, fortalecer a auto-estima dos membros do grupo e a crença na capacidade de integrar ao seu cotidiano e às suas práticas comunicacionais a utilização de aparatos técnicos mais complexos.

Anexo II

Relatório de mediação

O relatório foi colado e copiado da forma com que foi escrito. Suprimimos o nome do mediador para preservar a fonte.

EQUIPE: Pólo 01/Paulo Freire

Data: 19/03/04

1. NOME DO MEDIADOR:

2. EMEF(s) atendida(s): Cassiano Ricardo, Brigadeiro Faria Lima, Almirante Ary Perreiras, Maria Vieira de C. Mesquita, Mal. Eurico Gaspar Dutra. 3. Nº de cursistas: [40] mulheres: [] homens: []

4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS SOB A LIDERANÇA OU A COORDENAÇÃO DO MEDIADOR.

No período da Manhã

Durante o café, nós mediadores distribuimos as etiquetas aos alunos e aos mediadores, assistente, articulador, professores e membros da comunidade. Após o término do café, organizamos os cursistas em um só grupo e iniciamos uma conversa sobre práticas educacionais em suas escolas. Cada escola falou resumidamente sobre projetos que consideravam ser atividades educacionais e então partimos para a palestra. O palestrante já iniciou sua palestra relacionando com os projetos dos cursistas e assim se sucedeu todo o tempo. Após o momento com o palestrante, dividimos o grupo em dois para a cpec 3 “integrando-se ao ambiente”. Realizamos a dinâmica (4 mediadores) e houve uma integração parcial dos alunos. Depois houve uma discussão entre os alunos para avaliar os pontos positivos e as dificuldades na comunicação através desta cpec. Após esta atividade dividimos os cursistas por escolas e iniciamos atividade de produção radiofônica. Eu realizei a produção com a escola Cassiano Ricardo junto da mediadora Suzete. Os alunos usaram

como tema o projeto desenvolvido nas escolas sobre educomunicação e transformaram em um programa jornalístico de rádio. Após a produção fomos para o almoço.

No período da Tarde

Após o almoço, dividimos os alunos em grupos desta vez misturados. Cada membro do grupo que possuía uma história contou aos demais. Com os “causos” contados selecionamos todos juntos um e ensaiamos um programa de rádio de um minuto. Ensaíamos o programa algumas vezes até chegar ao um minuto proposto. Todos os cursistas, professores e mediadores foram reunidos num só grupo e então houve a apresentação e gravação ao vivo de cada programa. Esta atividade também foi realizada por mim e pela Suzete. Após as gravações o articulador Jura realizou avaliações sobre os programas e então iniciamos as apresentações de cada escolas sobre seus projetos que consideravam ser educacionais, desta vez de uma forma mais detalhada e junto dos professores e membros da comunidade. Após esta atividade o Jura realizou avaliações sobre os projetos apresentados e fechou a atividade relacionando os projetos com os conceitos de educomunicação.

5. FACILIDADES/ DIFICULDADES DE COMUNICAÇÃO COM O GRUPO

O grupo se organizou rapidamente quando foram solicitados a sentar em círculo. Além disso, os cursistas se mostraram interessados nos projetos trazendo para o Educom, as tarefas solicitadas no encontro anterior e os projetos de comunicação de cada escola. A palestrante soube tirar proveito do material que os alunos trouxeram relacionando com o tema de sua palestra sobre práticas Educomunicativas. A Professora, entretanto, instigou a participação dos alunos um tanto exigente, o que os inibiu de uma certa maneira. Após algum tempo eles, entretanto, já estavam levando a palestra como um bate papo com trocas de informações. A primeira cepec mediada por mim, Suzete, Tiago e Silvia ficou um tanto prejudicada, pois a mensagem passada através de gestos pelo primeiro aluno, não ficou clara e assim os outros

cursistas não conseguiram complementar a ação do primeiro. Assim cada aluno inventava uma ação nova sem que houvesse integração com o ambiente. Acho que faltou uma intervenção por parte de nós mediadores para que houvesse um pouco mais de clareza para que o jogo pudesse suceder. As produções radiofônicas tanto da manhã como a da tarde foram muito bem feitas, onde os alunos se organizaram em função do tempo. Às vezes há uma empolgação para se fazer o programa e todos começam a falar ao mesmo tempo, não ouvindo uns aos outros. Nesta hora minha atitude foi de organizar os alunos para que todos colocassem suas idéias e participassem. Na hora de ouvir todos se reuniram em círculo para ouvir as apresentações e puderam sintetizar as atividades do dia junto das observações do Jura. Também se mostraram interessados em ouvir os projetos de cada escola mais de perto, junto dos educadores e membros da comunidade.

6. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE AS AÇÕES

Este segundo encontro foi interessante uma vez que começa a continuidade do projeto. Se no primeiro encontro tudo era novidade e as questões e dúvidas sobre o projeto brotaram nas cabeças dos cursistas membros da comunidade e educadores, este encontro foi um pouco mais prático dando início as atividades que irão acontecer ao longo do curso. Pude notar um grande interesse por parte de todos os alunos e dos membros da comunidade bem como os educadores. Foi bom também ver todos os cursistas novamente, trazendo seus projetos das escolas o que mostra que o educom está presente não só aos sábados como também durante a semana nas salas de aula. Esta continuidade do projeto é fundamental para que se alcance bons resultados. Pude também observar as primeiras impressões do processo de produção de rádio entre os alunos e entre os educadores, alunos e membros da comunidade. Tendo em vista quais são os problemas e os fatores positivos que apareceram pude ir colocando em práticas formas de mediações para se aproveitar melhor o potencial de cada grupo para se organizar, expor suas idéias discuti-las e colocá-las no papel para depois gravar. A experiência com a primeira cepec, e as experiências das outras cepecs realizadas até agora mostram que é preciso

clareza na sua explicação para os cursistas para a prática delas. Algumas vezes elas não são bem compreendidas e acabam por não propiciar uma comunicação entre os alunos o que não permite tirar conclusões nem das dificuldades quanto das facilidades. Acho que é necessário por parte dos mediadores antes de dar início as cepecs ter certeza que todos entenderam o que é para fazer. Então partindo daí tirar reflexões sobre a comunicação ao final da atividade.

As reflexões do articulador com relação ao que se apresentou dos projetos educacionais foram bem colocadas no sentido de amarrar com as atividades do educam. Assim organizar cursistas, alunos e membros da comunidade no final do dia para discutir questões é sempre proveitoso, pois relaciona todas as atividades entre si, sintetizando as ações e suas finalidades começando a construir o ecossistema comunicativo que será trabalhado ao longo do curso. Nesta, hora começam a surgir as dúvidas dos trabalhos realizados ao longo do dia, e neste espaço, pode-se realizar uma troca aonde cada um vai conhecendo as necessidades do outro frente ao projeto, podendo discuti-las em grupo. Esta atividade permite criar uma rede de comunicação que posteriormente vai ajudar nas tarefas do dia-a-dia da escola. A solicitação de uma tarefa para semana sempre ao final de cada encontro também ajuda na construção deste ecossistema, pois amarra as atividades aos sábados com as atividades das escolas e entre todas as escolas, o que propicia a reflexão sobre as práticas educacionais e dando condições para criar uma gestão participativa de todos os cursistas, professores e membros da comunidade na construção de um ecossistema comunicativo democrático.

Anexo III

Questionário I

1-Nome:

2- Data de nascimento:

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.Rádio?

4 – Qual a fase ou fases em que você participou do projeto?

5- Qual a atividade que desenvolve hoje?

6 – Depois de trabalhar no Educom.rádio, como mediador, qual o conceito que você tem sobre mediação?

7 – Depois de trabalhar no Educom.rádio, qual o conceito que você tem sobre educomunicação?

Questionário II

- 1-Nome:
- 2- Data de nascimento:
- 3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.Rádio?
- 4 - Qual a fase ou fases em que você participou do projeto?
- 5- Qual a atividade que desenvolve hoje?
- 6 – Depois de trabalhar no Educom.rádio, como mediador, qual o conceito que você tem sobre “mediação”?
- 7 – Depois de trabalhar no Educom.rádio, qual o conceito que você tem sobre “educomunicação”?
- 8- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?
- 9- Na sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?
- 10 – Na sua opinião, como os conceitos educacionais foram aplicados na prática do Educom.rádio?
- 11- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediador no projeto?
- 12 – Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?
- 13- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?
- 14 – Qual a relação que você teve com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Anexo IV

Questionário para entrevista presencial

Perguntas Fechadas

- 1- Nome:
- 2- Data de Nascimento:
- 3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?
- 4- Fase de participação no Projeto:
- 5 - Atividade desenvolvida hoje:

Perguntas Abertas

- 1-Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?
- 2-Como mediador, qual era o papel que você deveria desenvolver?
- 3-Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?
- 4-Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?
- 5-Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?
- 6-Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?
- 7 – Na sua opinião, como os conceitos educacionais foram aplicados na prática do Educom.rádio?
- 8- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediador no projeto?

- 9-Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?
- 10-Ser um mediador alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?
- 11-Você leva o “papel” de mediador para outros ambientes fora do mundo da escola?
- 12 - Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?
- 13-Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?
- 14- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?
- 15- Na sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?
- 16 - Qual a relação que você teve com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?
- 17- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?
- 18- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?
- 19 - Qual a sua opinião sobre os relatórios?

Anexo V

Mediadores divididos por fases, pólos e números de relatórios produzidos e analisados.

Anexo VI

Relação dos entrevistados, data de nascimento, formação e respectivas atuações.

O1.

Nome : Mário Ramon Villavalva Filho

Data de nascimento: 24.03.1962

Formação durante o trabalho de mediador : Formado em Comunicação Social – Rádio & TV

Fase de participação no projeto : 2^a, 3^a, 4^a, 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Professor de Rádio &TV na FIAM e Coordenador da disciplina há 2 anos.

O2.

Nome : Pedro Gardiani Ferrarini

Data de nascimento: 01.12.1983

Formação durante o trabalho de mediador : Estudante - Rádio & TV

Fase de participação no projeto : 5^a, 6^a, e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Design para vídeo na DM9.

O3.

Nome : José Manoel Rodrigues

Data de nascimento: 13.05.1965

Formação durante o trabalho de mediador : Jornalista. Formado pela Cásper em 87.

Fase de participação no projeto : 4^a, 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Núcleo de Comunicação e Educação da Ong - Associação Reciclázaro.

O4.

Nome: Juari Aparecido Soares de Carvalho

Data de nascimento: 28.08.1977

Formação durante o trabalho de mediador : Estudante - Psicologia.

Fase de participação no projeto : 2^a, 3^a, 4^a, 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Projeto de Educomunicação para o Colégio São Luís e membro da equipe de tutoria do núcleo Mídias em Educação. Projeto de Educação à distância com o MEC e a Sec. de Educação do Estado.

05.

Nome: Maria Célia Rehder

Data de nascimento: 26/10/80

Formação durante o trabalho de mediador : Estudante - Jornalismo

Fase de participação no projeto : 4^a, 5^a e 6^a.

Atividade desenvolvida hoje : Jornalista no Jornal da Tarde, trabalho ligado a educação.

06.

Nome: Márcia Gomes da Silva

Data de nascimento: 01.10.1976

Formação durante o trabalho de mediador : Formação durante o trabalho de mediador : Pedagoga.

Fase de participação no projeto : 4^a, 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Professora. Trabalhando com educação infantil.

07.

Nome: Micheli Karine Damasco Silva

Data de nascimento: 22.09.1981

Formação durante o trabalho de mediador : Estudante - Ciências Sociais.

Fase de participação no projeto : 2^a, 3^a, 4^a, 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Gestora local do programa de inclusão digital do Governo do Estado, ACESSA São Paulo.

08.

Nome: Sérgio José da Silva

Data de nascimento: 28.02.1966

Formação durante o trabalho de mediador : Locutor profissional.

Fase de participação no projeto : 4^a, 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Ong Novo Olhar, no Bixiga e Abrigo de menores em Pirituba. Ambos como educador de rádio.

09.

Nome: Vanessa Calipo Leandro

Data de nascimento: 21.12.1973

Formação durante o trabalho de mediador : Estudante - Rádio & TV.

Fase de participação no projeto : 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Produtora.

10.

Nome: Vanessa Teixeira Pipinnis

Data de nascimento: 22.01.1979

Formação durante o trabalho de mediador : Advogada - e estudante de Jornalismo.

Fase de participação no projeto : 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Jornalista no jornal Cidade de Bragança e na Oboré, empresa de comunicação popular. Ainda mantenho vínculos com o NCE, trabalho no Mídias em Educação, sou tutora.

11.

Nome: Elvis Vanderlei dos Santos

Data de nascimento: 19.09.1977

Formação durante o trabalho de mediador : Sociólogo e jornalista.

Fase de participação no projeto : 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Professor universitário da Universidade Paulista na área de Comunicação.

12.

Nome: Cynthia Rodrigues dos Santos

Data de nascimento: 17.09.1980

Formação durante o trabalho de mediador : Estudante de Comunicação com habilitação em Relações Públicas.

Fase de participação no projeto : 1^a, 2^a, 3^a, 4^a, 5^a e 6^a.

Atividade desenvolvida hoje : Tenho uma produtora, trabalho com projetos de formação de público para cinema, brasileiro e independente.

13.

Nome: Marcelo Vicentin

Data de nascimento: 02.08.1969

Formação durante o trabalho de mediador : Formação superior em Cinema.

Fase de participação no projeto : 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Sou professor na rede pública, de Língua Portuguesa.

14.

Nome: Luciana Sampaio de Medeiros Ferreira

Data de nascimento: 05.08.1976

Formação durante o trabalho de mediador : Estudante - Ciências Sociais.

Fase de participação no projeto : 2^a, 3^a, 4^a, 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Eu trabalho num projeto de educação.

15.

Nome: Fernanda Rienzi

Data de nascimento: 01.10.1980

Formação durante o trabalho de mediador : Estudante - Rádio & TV.

Fase de participação no projeto : 3^a, 4^a, e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Sou radialista porque eu me formei, mas estou trabalhando como restauradora digital numa produtora, faço restauração de filme.

16.

Nome: Sylvia Segamsredo Sanchez

Data de nascimento: 02.10.1979

Formação durante o trabalho de mediador : Publicitária.

Fase de participação no projeto : 3^a, 4^a, 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Sou fotógrafa e designer. Oficinas de Marketing no projeto Aprendiz.

17.

Nome: Edvan Pereira de Brito

Data de nascimento: 14.09.1978

Formação durante o trabalho de mediador : Estudante - Letras.

Fase de participação no projeto : 3^a, 4^a, 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Continuo sendo pesquisador do núcleo, do NCE, estou avaliando como tutor do curso Mídias em Educação, sou professor de Inglês.

18.

Nome: Rafael Alário Rodrigues dos Santos

Data de nascimento: 21.09.1982

Formação durante o trabalho de mediador : Estudante - Administração

Fase de participação no projeto : 1^a, 2^a, 3^a, 4^a, 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Continuo trabalhando no núcleo como mediador no Educom São Luiz. Trabalho com a Cyntia na Brazuca, toco e estudo. Estou prestando vestibular para Ciências Sociais.

19.

Nome: Silvania Maria Marcondes

Data de nascimento: 13.08.65

Formação durante o trabalho de mediador : Radialismo no Senac e cursos de teatro.

Fase de participação no projeto : 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Produtora de vídeo.

20.

Nome: Daniel Rossim Navio

Data de nascimento: 07.05.1984

Formação durante o trabalho de mediador : Estudante – Psicologia.

Fase de participação no projeto : 4^a, 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Trabalho com adolescentes e crianças, Educação através do esporte.

21.

Nome: Keila Kenya Prado

Data de nascimento: 13.12.1970

Formação durante o trabalho de mediador : Bacherel em Turismo

Fase de participação no projeto : 2^a, 3^a, 4^a, 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Supervisora de Pesquisa.

22.

Nome: Michel Stnik

Data de nascimento: 22.09.1980

Formação durante o trabalho de mediador : Comunicação Social - Rádio & TV

Fase de participação no projeto : 4^a, 5^a, 6^a, e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Assessor de comunicação e coordenador de Projeto que usa a interface comunicação/educação

23.

Nome: Rose Mara Pinheiro

Data de nascimento: 15.02.1968

Formação durante o trabalho de mediador : Jornalista com especialização e mestrado em comunicação social. Foi articuladora.

Fase de participação no projeto : 3^a, 4^a, 5^a, 6^a e 7^a.

Atividade desenvolvida hoje : Chefe de comunicação empresarial da Bayer S.A.

24.

Nome: Renata Karoiw

Data de nascimento: 29.12.58

Formação durante o trabalho de mediador : Formada em Ciências Sociais.

Fase de participação no projeto : 6ª Fase.

Atividade desenvolvida hoje : Trabalha com vendas.

25.

Nome: Francine Sayuri Segawa

Data de nascimento: 14.08.1980

Formação durante o trabalho de mediador : Comunicação Social – Rádio e TV

Fase de participação no projeto : 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e 7ª.

Atividade desenvolvida hoje : Produtora do Programa de Rádio Pesquisa Brasil - Rádio Eldorado AM, produção de TV.

26.

Nome: Walter Antonio Gonçalves de Figueiredo

Data de nascimento: 06.10.1969

Formação durante o trabalho de mediador : Comunicação Social.

Fase de participação no projeto : 2ª, 3ª, 4ª e 5ª.

Atividade desenvolvida hoje : Ator videomaker e mediação em grupos de educomunicação..

27.

Nome: Keila Baraçal

Data de nascimento: 26.08.1983

Formação durante o trabalho de mediador : Jornalista

Fase de participação no projeto : 5ª, 6ª e 7ª.

Atividade desenvolvida hoje : Repórter.

28.

Nome: Carolina Maia Cotrim

Data de nascimento: 05.01.78

Formação durante o trabalho de mediador : Geóloga

Fase de participação no projeto : 4ª, 5ª e 6ª.

Atividade desenvolvida hoje : É avaliadora de impactos ambientais na Secretaria do Meio Ambiente, dá aulas de dança e trabalha no grupo de Mídias.

29

Nome: Marai Fernanda A de Arruda Gonçalves

Data de nascimento: 02/09/72

Formação durante o trabalho de mediador : Comunicação Social - Jornalismo

Fase de participação no projeto : 6ª, e 7ª.

Atividade desenvolvida hoje : Atua na área da comunicação em projetos sócio ambientais de resgate à cidadania.

Universidade de São Paulo

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

“A prática da mediação em processos
educacionais:
O caso do Projeto Educom.rádio”

- Claudia Vicenza Funari -

Dissertação apresentada junto à Escola de Comunicações e
Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial
para obtenção do título de mestre em Ciência da
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Comunicação, área de concentração Comunicação e
Educação.

Orientador Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares

São Paulo – fevereiro de 2007

Volume II

Livro de Entrevistas

Abaixo seguem as entrevistas feitas com os mediadores. Lembramos, que apesar de seguirmos um questionário pré-determinado, tomamos a liberdade de acrescentarmos ou eliminarmos perguntas de acordo com cada entrevista.

Sumário

Entrevistas.....	1
Sumário	3
Entrevista 01.....	5
Mário Ramon Villalva Filho	5
Entrevista 02	13
Pedro Gardiani Ferrarini.....	13
Entrevista 03.	25
José Manoel Rodrigues	25
Entrevista 04.	36
Juari Aparecido Soares de Carvalho	36
Entrevista 05.	53
Márcia Gomes da Silva.....	53
Entrevista 6.	67
Maria Célia Rehder.....	67
Entrevista 7.....	73
Micheli Karine Damasco Silva	73
Entrevista 8.	81
Sérgio José da Silva	81
Entrevista 9.	96
Vanessa Calipo Leandro	96
Entrevista 10.....	107
Vanessa Teixeira Pipinis	107
Entrevista 11	126
Elvis Vanderlei dos Santos	126
Entrevista 12.....	134
Cyntia Rodrigues dos Santos.....	134
Entrevista 13.....	148
Marcelo Vicentin	148
Entrevista 14.....	159
Luciana Sampaio de Medeiros Ferreira.....	159
Entrevista 15.....	169
Fernanda Rienzi Nunes.....	169

Entrevista 16	181
Sylvia Segamsredo Sanchez	181
Entrevista	191
Edvan Pereira de Brito	191
Entrevista 18.....	202
Rafael Alário Rodrigues dos Santos.....	202
Entrevista 19.....	213
Silvania Maria Marcondes	213
Entrevista 20	220
Daniel Rossim Navio	220

Entrevista 01

1- Nome: Mário Ramon Villalva Filho

2- Data de Nascimento: No papel está 24.03.1962, mas, segundo minha mãe, eu nasci dia 09 de março e segundo meu pai, 24 de março, mas, eu acredito mais na minha mãe porque eu acho que quem estava lá no momento do meu nascimento era ela.

3- Formação: Comunicação Social – Rádio & TV.

Curso superior na área de Locução e artes visuais, lá no Paraguai – Rádio e TV.

Sou brasileiro, nascido em Corumbá, Mato Grosso do Sul, aos 2 anos fui para o Paraguai, onde fui criado.

Quando fui para a escola, aos 7, anos eu só falava Guarani e um pouco de português, que eu tinha aprendido na minha subconsciência. Aprendi a falar espanhol, mal, diga-se de passagem.

4- Fase de participação no Projeto Educom.Rádio. Quais fases você participou?

A partir da segunda fase até a sétima e última fase. Incluindo o centro-oeste, que foi a referência mais forte que tive com os índios.

5 - Atividade desenvolvida hoje?

Eu me considero professor, estou há dois anos na Coordenação da Habilitação de Rádio & TV, na FIAM. Quando você chegou, eu estava falando a respeito de reclamação - professor-aluno, aluno-professor, cuidando do conteúdo, montando a grade horária, tudo o que o coordenador faz e, também, dou aula de R&TV, mais Rádio do que TV, pois, minha área é a rádio.

6- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse, lá no começo, na fase dois?

Foi o seguinte: eu tinha feito o primeiro curso que o Ismar ministrou, chamado Curso de Especialização em Educação, Comunicação e Artes, uma coisa assim. O primeiro curso que ele ministrou, eu fui bolsista, trabalhava com ele naquela época, era secretário administrativo do curso, acho que depois virou Gestão da Comunicação, acho que 1988 – 1989, conclui em 1991 o Curso de Especialização de 300 horas.

Conheci o Ismar e depois fiz mestrado – jornalismo. Fui embora e soube que havia atividade de Rádio na UNICSUL, soube que o Ismar e a Patrícia estavam lá, entrei em contato e já no primeiro semestre de 2002 comecei a trabalhar com eles.

8 – Você foi mediador ou só articulador?

Eu acho que nem sei o que é ser mediador. Fui mediador, acredito que por um semestre, mas, pouco depois passei a assistente do articulador - ajudava a estruturar. Fiquei um ano, depois me tornei articulador.

9- Como mediador, qual era o papel que você deveria desenvolver lá na escola, no Pólo?

Nem me lembro muito bem. Lembro dessa última que mediei sozinho.

10 – E como articulador...

Eu tinha que fazer toda a parte estrutural. Acompanhar o evento de mediação dos mediadores e toda a parte estrutural de apoio aos mediadores e articuladores.

11- Durante as capacitações e até o final do curso foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Pensando...

Eu não vejo contradições. O que eu vejo como contradições são as reclamações feitas pelos alunos mediadores. Tínhamos um programa completo para desenvolver passo a passo. Fase um..., faz isso, fase dois..., faz aquilo, fase três..., sempre deixava uma parte um pouco mais livre para o mediador poder liberar sua criatividade, certo? E, havia mediadores que gostavam de mudar tudo, porque a princípio o próprio Educom permitia, por permitir a gestão participativa.

Se havia a gestão participativa, então, o grupo podia mudar todo o programa, o que acarretava essa contradição. Porque eu não posso deixar de fazer tal exercício e fazer outro? Só que na estrutura geral, o corpo todo, as 12 aulas tinham um segmento, um atrás do outro e uma justificava a outra que seguia,

como a gente faz na faculdade. Cada disciplina é um segmento de outro que complementa a que vem depois.

Às vezes o mediador queria mudar, porque achava mais interessante fazer um exercício, fazer outra coisa, porque acreditava ajudar mais os alunos. Veja, temos possibilidade de mudar, mas também não temos, porque a programação já vem meio que fechada e, às vezes, os mediadores reclamavam disso. O articulador tentava manter a programação que vinha pronta da coordenação geral e ao mesmo tempo meus revolucionários mediadores queriam mudar tudo, entendeu?

Queriam fazer outras coisas diferentes e eu falava: não gente..., vamos tentar fazer.

Eles questionavam, mas não é uma gestão participativa? Nós temos a liberdade de mudar o conteúdo, tudo?

Eu falava dentro da proposta gerada para mudar, às vezes, tinha que fazer esse jogo com eles para tentar segurar o conteúdo geral e adaptar o que eles queriam mudar. Porque a maioria não tinha experiência, atores em fase de exercícios ou mediadores de outros projetos parecidos, gente que tinha experiência em outro projeto. Não era um conflito, mas, um jogo de negociação, dentro do que eu recebia na capacitação semanal, da coordenação geral, para ser feito, enquanto eles queriam trocar algumas coisas. Acabava trocando alguns exercícios, mas, tentava sempre manter o todo, dentro da estrutura geral. Eu me sentia um pouco em conflito, algumas vezes, mas contradição não havia não.

12- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho, lá no Pólo?

Pensando...

Dificuldades? Não tinha. Não tinha dificuldades. Os alunos gostavam de estar lá. Quem estava lá, gostava de ficar lá. Os professores também, a maioria gostava de estar lá. Tem um ou outro que estava obrigado.

Talvez a dificuldade que houvesse era lidar com o sucesso, conforme seu crescimento. Começávamos com 20 alunos, depois vinte e cinco, um aluno chamava o outro. Daí eu falava: Calma gente..., parem de chamar os amigos..., e eles gostavam. A comida prevista não dava para todo mundo e isso gerava alguma dificuldade.

13-Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos lá no Pólo, referente aos alunos e aos professores?

Quando percebia isso?

A gente percebia no dia-a-dia. Quando próprio professor descia do pedestal e passava a conversar com os alunos no mesmo nível, olho no olho, tratando os alunos como amigos, é o que eu podia sentir.

Aquela estrela vai baixando, passa a se sentir mais amigo dos alunos, dos estudantes, se percebia um brilho nos olhos, e começava a fazer um trabalho mais caprichado, não faltavam, quase nunca faltavam.

Ele vinha conversar do jeito que são as coisas, comentários na hora do almoço, no intervalo. Percebia que havia um progresso, sim. Tinha a parte que era maior, a parte que era menor, sempre havia um ponto positivo, que dava alegria. Estávamos dando certo.

14- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Pensando... , quando a pessoa não está afim, ela não vai. Como não há lista de presença, não há como cobrar muito. Você passa uma lista de presença, mas não cobra muito, então, se ele ta afim ele vai. Alguns iam só para almoçar, mas, era raro.

Talvez tenha tido dias mais complicados, por um ou outro problema, isso eu deixei tudo nos relatórios, mas, no momento eu não me lembro.

Teve um dia, que virou polêmica, por exemplo, o palestrante não foi e eu fiquei sabendo na hora e inventei alguma coisa, uma brincadeira..., pra mim foi um sufoco, mas, acredito que os professores entenderam a situação, porque eu não vou ficar enrolando-os. Apliquei o exercício e disse que o palestrante não viria, sem muitos rodeios.

Uma coisa que, pra mim, foi difícil é que na hora tinha que tirar uma carta da manga e jogar, mas, outras vezes não tinha problemas.

15- E as palestras como você via no dia-a-dia, no sábado. Como elas funcionavam, quando funcionavam.

A grande maioria funcionava bem. Um dia ou outro, eu acredito, que o palestrante, talvez, não estivesse indo bem e foi meio cansativo para os

estudantes e os professores perceberam. Colocaram nos relatórios. Fazemos sempre um relatório final, uma avaliação.

O que achava estranho porque tinha professores, o palestrante que de repente numa fase fazia um show e todo mundo saiu chorando de emoção e no outro dia, na outra fase foi àquela coisa assim meio fria, acabou, todo mundo aplaudiu porque acabou, não porque, entendeu. Aí todo mundo foi embora, estava cansado.

Acho que depende muito do humor do palestrante. Tinha palestrante que não estava bem, não era isso que havia feito no semestre passado. Famoso é o professor Sergio Gomes. Ele sempre está nos dois atos, ou você ama, ou você odeia. Tem gente que amava, tem gente que odiava. Não tinha coluna do meio, ninguém ficava no meio, ele não é ignorado. Acabava até achando estranho isso. Tem gente que o amava, que legal, outros que chato, hein..., sempre havia os extremos com ele

16- Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Pensando...

Acredito que sim, obviamente, não havia de chegar a 100%. Sempre tem um ou outro professor que está lá, mas por obrigação de cumprir o horário, que serve para aumentar os pontinhos dele, lá no seu salário. Mas, acredito haver uma mudança na grande maioria.

Talvez, o rádio não fique definitivo ali, por problemas técnicos, mas, eu acredito ser uma coisa interessante para os professores, uma mudança no final, tanto é que um ou outro, professor ou professora, sempre falava das trajetórias, da experiência. A forma de ensinar é diferente.

Eu mesmo mudei muito depois das aulas. Tenho uma forma diferente de dar aula, até a minha forma de administrar um curso é diferente e acho que, para mim, foi fundamental. Eu sempre falo isso. O professor quando dá aula também aprende.

17- Ser um mediador, um articulador, alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Sim, alterou muito.

Profissionalmente alterou muito. Como professor eu procuro puxar muito, obviamente não dá. Eu já tentei fazer isso. Ensino normal, nas aulas de rádio que dou aqui, obviamente tem que direcionar. Não dá para ser 100% Educomunicação na sala de aula no primeiro e segundo semestre. Tem que ter uma lista de presença, uma nota e o poder continua em minhas mãos, através das notas e das presenças. Há pessoas que vêm só pela presença e acabam indo embora.

Realmente alterou sim, mas, eu tento adaptar a educomunicação que aprendi às minhas aulas. Agora, na parte administrativa, como coordenador de comunicação, alterou muito mais. Eu consigo fazer a ponte. Tento fazer essa mediação, aluno, professor. Hoje mesmo, eu tinha que conversar com você, mas, antes desci e conversei com os alunos, que estavam reclamando que a professora fechou a porta meia hora depois que as aulas tiveram início. A professora fechou mesmo e tem razão, fechou e ponto, mas tem professor que deixa aberta.

Ouvi a reclamação dos alunos, tentei acalmar, fui conversar com a professora também, fazer uma mediação entre os dois. Tento colocar no mesmo nível todo mundo. Sento à mesa com os professores, com os alunos, tomamos um café, batemos um papo, falamos das coisas da faculdade.

Acredito que na parte administrativa ajuda muito. Sempre tentar uma visualização na linha horizontal, todos iguais, com os mesmos direitos.

Pessoalmente, ajudou muito, muito mesmo. Depois te conto a história, (risos).

19– E qual o conceito você faz hoje sobre mediação.

Pensando...,

Conceito?

Eu defendo..., inclusive eu tenho vários textos aí. Comecei a ler o livro de um professor da Unicamp que trata somente de educação.

Para ele, o professor é um facilitador. É o que aprendi no Educom. Então, ele facilitando, como a teoria do Paulo Freire, não será o detentor do conhecimento geral.

Na minha sala, na coordenação, tento passar esse conceito para os alunos e professores, que o professor é um amigo que facilita o conhecimento, mesmo que ele conheça muito, evidentemente, deve conhecer alguma coisa a mais, mas, sempre tem que valorizar o conhecimento que o aluno trás da sua

experiência de vida, sua experiência do dia-a-dia e tudo o que é possível trazer e com isso o professor colabora na aquisição do conhecimento. Facilitar e mediar o conhecimento que aí está e o aluno, eu vejo assim. Mediar, é como um jogador de campo, ele pega da defesa e passa para o ataque fazer o gol, ele fica no meio facilitando a vida das pessoas.

20-Você leva o papel de mediador (você já me respondeu essa) para outros ambientes fora do mundo da escola?

Levo. Risos.

Acho que eu já respondi uma parte.

21- É quando você falou pessoalmente?

É pessoalmente, com a família também, porque minha esposa, também, trabalhou no Educom, ela conhece os conceitos, na verdade ela foi mediadora por muito tempo.

22 - Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

Inclusive dei uma palestra que fala sobre a educomunicação, aqui. Acho que o conceito é sempre o seguinte: a comunicação está em todos os lugares. Quando um adolescente ou criança fica por 3h numa sala de aula, ouvindo, por obrigação, o professor, ele fica 6h por mais tempo, porque ele gosta, na frente da TV, aí você faz a pergunta, quem educa mais?

Por isso eu acho importante, da educomunicação, o conceito de procurar sempre trazer a realidade para o jovem, para que ele mesmo perceba própria realidade. Ele mesmo precisa conhecer o mundo, com os instrumentos que damos a ele.

Não adianta falar que a mídia é isso, a TV é um instrumento do diabo ou instrumento de Deus. Dar instrumento pra ele que ele procurar, porque, para ele pode ser um instrumento do diabo como pode ser de deus, depende da visão dele. Cada um tem a sua história, a sua vida, ele que vai definir. Não vou dizer a ele que a mídia está manipulando os conceitos, não. Eu passo o instrumento para que ele possa descobrir.

Tenho isso bem definido em mim, não só no meu conhecimento acadêmico, como emocional também, por isso, coloquei no meu trabalho da Intercom... ,é uma coisa emotiva, é uma terapia pra mim.

Por exemplo, deixa contar a minha história rapidamente...

Numa análise de currículo, um cara uma vez me perguntou: Você não fala Guarani? Porque você não colocou? Respondi, não sei..., talvez porque quisesse apagar, então, comecei a valorizar um pouco, tanto é, que contei no meu trabalho que a minha experiência com os índios foi fantástica.

Lá no Mato Grosso do Sul, cheguei, falando português. Trabalhando em São Paulo/USP, cheguei com aquele nariz empinado... Sou da USP e comecei a falar de rádio, de comunicação, blá-blá-blá.

Quando ele começou falar e eu entendi tudo, parei, refleti e comecei a falar Guarani.

Pelo que sinto é o seguinte: o Espanhol é a língua culta, da mente, do conceito, da definição, da cultura, agora, o Guarani é a língua do sentimento, da emoção, do ódio, da paixão, tanto que, todo palavrão que conheço, é tudo em Guarani. Da paixão, também. Foi isso que eu coloquei no meu trabalho, então, ele me alerta que não pode ser assim, tem que ser de forma acadêmica.

Entrevista 02

1- Nome: Pedro Gardiani Ferrarini

2- Data de Nascimento: 01.12.1983

3- Formação: Graduado em Rádio & TV na Universidade Metodista de São Paulo, no ano de 2005

4- Então quando você participou do Educom...

Estava na faculdade

5- Quais as fases que você participou do projeto, você se lembra?

A quinta, sexta e a sétima fase.

6- Atividade desenvolvida hoje?

Trabalho aqui, numa Agência de Publicidade, na área de cinema, especificamente, na parte de “mouhain drair”, design para vídeo.

7- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse lá?

Trabalhar com Comunicação sempre foi muito interessante... Sempre gostei muito. Não sou aquela pessoa que escolhe e se decepciona, não... Eu me apaixonei. Hoje em dia eu sinto que estou trabalhando em uma área muito focada, trabalhando com vídeo. Só que, quando entrei para a faculdade, me apaixonei pela Comunicação.

Lembro que eu ia muito à casa do Ismar, porque estudei com um filho dele, no Colégio e a partir daí comecei a me interessar, porque o próprio filho dele vinha falar sobre o projeto, que a atuação era em Colégios da Prefeitura e aquilo começou a me causar interesse.

Engraçado, estou fazendo Rádio e Televisão, mas vou poder usar o meu estúdio de Comunicação? Toda essa relação com o pessoal que aprendemos a nos comunicar? O modo como lidamos com as pessoas pra renovar o que temos em vídeo, áudio e tecnologia pra ensinar?

Achei muito interessante aquela coisa do educar com a Comunicação e usar um aparato tecnológico para chamar a atenção daquela criança, para entreter toda aquela criança. O que me fez participar, acredito que foi o sentimento de que já podia utilizar algumas coisas que aprendi, na faculdade,

mas, essa vontade de ensinar que tenho..., (um dia, ainda, quero ainda dar aula, não sei do que, mas...).

O Educom me ensinou muito isso, me deu um gostinho de ensinar que era muito bom, eu me sentia muito importante assim, nos Colégios, na periferia, educando o quanto podia aquela criançada toda, foi muito difícil, mas valeu muito a pena.

8- Como mediador, qual era o papel que você deveria desenvolver lá na escola?

Era feita uma reunião, às quintas-feiras, de planejamento, e planejávamos os horários e as atividades, colocávamos no papel, seguindo uma apostila, já pré-estabelecida.

Os articuladores tinham uma função de observar toda aquela situação, se estava funcionando ou não. Era aquela pessoa que em situação de urgência, segurava as pontas e os medidores eram divididos em grupos ou em duplas pra facilitar a comunicação entre o grupo, que era bem grande. Os grupos das escolas, pólos eram bem grandes.

O que nós fazíamos... Aplicávamos as dinâmicas, ao mesmo tempo analisávamos, discretamente. Soltávamos uma situação na mão deles, ou mexíamos com algum equipamento ou fazíamos alguma reuniãozinha prévia para fazer a gravação de um programa.

Eles tinham que dar conta do recado e ficávamos ali, em segundo plano, analisando toda aquela situação, vendo como as crianças se comportavam, diagnosticando quem era aquela criança que pegava tudo para ela, quem era aquela que pouco falava isso tudo, era colocado em relatório para tentarmos nos articular e tentar modificar aquela situação.

Algumas escolas que eram muito problemáticas, na questão da comunicação, outras, eram muito ricas na comunicação professor-aluno, só que estavam situados em lugares ultra complicados. A escola que funcionava bem estava situada ao lado de um córrego, cujo odor não era bom e aquilo era tido como um absurdo para se dar aula e ensinar.

Aplicávamos dinâmicas acerca da qualidade do Meio Ambiente, que eram aqueles eixos temáticos, cada sábado havia um, Políticas Públicas, Meio Ambiente e pluralidade cultural, isso tudo era aplicado e aos poucos, no

Educom, direcionando a melhor opção de relação escola-comunidade, professor e aluno.

Muitas situações não foram agradáveis em relação ao aluno problemático, 100% violento e descontraindo, no sentido de falta de atenção. Mostrar um artista, o indivíduo se mostrou para o professor que deu aula para ele há três, quatro anos, uma pessoa totalmente diferente..., comentávamos esse outro lado da criatividade do aluno.

Era dar o valor. Valorizar a ação das crianças. A criança tocava violão e eu como músico a chamava para tocar comigo.

Eu canto e toco violão. Tocava em banda na noite, aquilo fazia brilhar os olhinhos delas. Nossa, que legal. Tocávamos e cantávamos sempre juntos.

Tinha escola que era muito clara a relação professor-aluno. Diagnosticávamos de cara e alguns problemas iam sendo pautados ao longo do projeto e sempre tentávamos focar as nossas atividades para aqueles problemas que eram percebidos.

Tinha escola com problema, por exemplo, essa próxima ao rio..., trabalhávamos muito em cima do Meio Ambiente. Como que era estruturado o Meio Ambiente, mesmo sabendo que não dava pra tirar a escola de lá, do lado do rio, entendeu?

9 – Diferença de professor e mediador

O professor vem, ele é responsável para aplicar uma matéria pra criança, teoricamente tem que estar naquele lugar, tem que ir para a escola e, ainda, não tem aquele sentimento de achar que é gostoso ir para a escola. Alguns têm, outros não, a maioria não.

O professor está lá para ensinar, então, eu não sei nem o que dizer de onde nasce o problema do professor chato, do professor que não tem um bom relacionamento com as crianças, não sabe de onde vem tudo isso. Cada um tem a sua personalidade, mas, já é meio pré-estabelecida essa coisa do professor ser, poucas vezes, educador.

Mediador me faz lembrar outra coisa, vem o sábado de manhã, como era o caso do Educom rádio, passo o dia inteiro com você fazendo dinâmica e conversando como fazemos agora.

Você não quer fazer? Tudo bem. Era um discurso, totalmente, diferente do professor, que muitas vezes não pode deixar o aluno sair da sala porque são as regras, são as normas e, no caso do Educom, nos fazíamos as nossas regras, as nossas normas. Dizíamos isso a eles.

Se você quiser ir ao banheiro, pode ir tranquilo. Acredito que essa forma é um pouco mais interessante de educar, quando mostrávamos um aparelho de rádio, que eles iam mexer que iam aprender a gravar, fazer a primeira gravação, aquilo tudo, a confiança entre mediador-aluno, diferente de professor e mediador, faz a diferença.

Não sei, acho que às vezes tinha um pouco mais. Um brilho no olho mais interessante era o que eu sentia.

10- Durante as capacitações e até o final do curso foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Acredito que sim. Não me lembro, especificamente, de algumas questões, para mim, quando se pensa num projeto no papel, você não consegue atingir, certamente, uns 70% ficam por fora. Penso que o Educom, desde quando começou até o sétimo semestre, sétima fase, foi hiper mutante, tornando-se mais consistente, ao longo do período. A sétima fase terminou com uma consistência um pouco maior. Percebi, em alguns grupos, que as pessoas estavam com muita vontade.

Nunca ninguém chegou e medisse precisamente qual era o dever do mediador. Eu procurava fazer as coisas do meu jeito, é claro que o articulador estava sempre lá falando, que talvez aquilo não desse certo. Eles deixavam até o mediador, muitas vezes, se dar mal; e eu achava ótimo. Mas, como tinham uma fórmula, existia o algo a seguir, que era hiper mutante, era orgânico, aquela apostila estava ali para te dar o chão, porque ir aos sábados de manhã, lidar com gente, criança, professores, oito horas de atividades seguidas, com logística de salas, grupos, se você não tivesse um chão, no caso a apostila, tudo era muito complicado.

Ainda não sei se saí um pouco desse prumo do que é ser mediador. Acho que sempre me dediquei bastante na hora da atuação, na hora de aplicar as atividades, de fazer brincadeiras.

A minha pessoa, o Pedro, tinha um feedback muito bom dos alunos. Nunca tive problema com nenhum deles nenhuma situação constrangedora.

Alguns Pólos sofreram bocados no que diz respeito à relação: mediador/aluno. Tem umas histórias assim e é até previsível, pode acontecer.

11- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho, no dia-a-dia?

A questão da logística. Sair da USP, às 7h da manhã, para ir até a escola Pólo, tive alguns contratempos, acho que na sétima fase, na quinta, na sexta não...

A prefeitura deixava algumas coisas pra fazer, às vezes chegávamos e não tinha o lanche, ficávamos preocupados, o articulador fica meio desorientado.

Eu tinha que correr atrás, não me recordo se a subprefeitura era a responsável e não liberava o lanche para aquele final de semana.

Atraso... Isso aconteceu muito. Atraso dos ônibus, das crianças para a escola Pólo. Isso aí você pode anotar e colocar, porque foi uma questão que, muitas vezes, atrapalhou, sim, o nosso planejamento do sábado, porque chegávamos lá com o planejamento e os trabalhos tinham início às 8h da manhã. O café da manhã deveria ocorrer das 8 às 8h30min, tranquilamente e não das 9h30min às 10h, isso acabava com o nosso planejamento.

Tudo tinha que ser reformulado, ali, na hora. As reuniões de mediadores e articuladores eram constantes. De uma em uma hora tínhamos que sentar e continuar com as atividades. Vamos ter que diminuir o número de grupos. Vamos fazer dois grupos gigantescos, isso tudo era muito... Éramos muito dinâmicos, rápidos, tinha que ser assim. Tínhamos 8 horas para aplicar, e era hora muita hora. As pessoas reclamavam bastante, essa é outra questão da sua pergunta, é uma resposta até, os alunos reclamavam de dias muito longos, os sábados eram longos, muito cansativos, querendo ou não, ficávamos cansados também, mas, eu acho que a aplicação é diferente.

Por mais que se aplicasse dinâmica, dançasse, ligasse música alta na hora do intervalo, botar todo mundo para jogar futebol na hora do almoço, não era cansativo.

Eles reclamavam e fazíamos a nossa avaliação do dia e falávamos de tudo isso. É complicado, mas, se formos pensar, até que tem lógica. Tinha criança de 7, 8 anos, que passavam o sábado inteiro tendo palestras, fazendo dinâmicas, elas viviam a dinâmica, só que, ainda, era difícil assimilar o porquê da dinâmica. Queriam comer toda hora, sair para ao banheiro, era complicado.

Eu não peguei escola com infra-estrutura muito ruim. Tem gente que pega muito o interno. Já não tinha a estrutura base, por fora, ainda faltava espaço físico ou não podia abrir a sala porque tinha uma televisão e a diretora tomando conta daquele projeto revolucionário que ali estava..., aplicando os conceitos para fazer os alunos serem revolucionários dentro da escola.

12 – Bairros que você trabalhou

O último foi o MBoi Mirim, o outro foi Jaguaré, foi muito bom e o outro..., não vou lembrar... Foi Monteiro Lobato.

Mariazinha dos Ares foi o meu primeiro grupo, o segundo foi o Monteiro Lobato – colégio Pólo e o terceiro foi Jânio “Crozsacs”, grupo, no colégio ...que eu não vou lembrar.

13 - Quando você detectava que o trabalho dava certo e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos lá no Pólo, referente aos alunos e aos professores?

Detectávamos assim... O conjunto fazia marcarmos o gol.

Todo o sábado tinha um palestrante que, muitas vezes, ajudava fazer o gol. Vamos começar pela parte da estrutura.

Quando a estrutura funcionava era fantástico, quer dizer não faltava nada, eles comiam e bebiam à vontade. Tínhamos, pela frente, 8h de trabalho, de atividades e isso era o mais importante.

Quando o palestrante era bom, que prendia a atenção...

Muitas vezes, começávamos a manhã com palestra e começar com uma manhã ruim... Não era bom.

Conseguimos mudar muita coisa, por exemplo, no Monteiro Lobato havia uma mediadora que dançava, era dançarina, ela preparava umas coisas maravilhosas, a Carol, muito querida.

Começamos, então, a fazer algumas coisas muito interessantes e que dava resultado. O pessoal ficava muito mais ativo durante o dia, sorriam muito

mais. Conseguiam cumprir as atividades sem falar que a atividade havia sido chata, embora nunca tivéssemos achado que aquela atividade iria ser chata, algumas pessoas interpretavam dessa forma.

Acho que funcionava quando tudo dava certo, sabe?

Por exemplo: a palestra de Meio Ambiente, quando era aplicada pelo Henrique, que era um cara hiper querido, conseguia entreter, conseguia ensinar muita coisa. Andávamos com outras atividades, e funcionava de maneira prazerosa.

O que a gente saia perdendo e não dava muito certo quando era cansativo.

13 - Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Aluno e Professor?

Todos os dias tínhamos um. Todo sábado era uma resposta diferente, de ambos. Acho que o tema abordado era muito interessante. Quando abordávamos o tema leitura crítica sobre os meios de comunicação era muito bom.

Exibíamos um trecho da Cidade de Deus, pra eles ou da Cidade dos Homens. Cortávamos um trecho de um programa humorístico e tentávamos traçar uma série..., para ver o que eles achavam daquilo, se aquilo era interessante.

Trecho de novela... Era bom, era muito interessante, porque os professores e alunos comentavam muito, tornavam-se bastante participativos. Os professores, muitas vezes, eles eram alunos, ali, naquela hora. Os professores davam uma resposta que ficávamos boquiabertos, não que fossem muito inteligentes, mas, por estarem super inseridos no meio, paralelo com os alunos.

Apareciam algumas respostas assim... Nossa! Essa novela é linda, eu adoro essa novela, queríamos um pouco mais dos professores e dos alunos.

Eu acredito que quando se tratava, por exemplo, de pegar uma câmera e falar vamos fazer os enquadramentos, depois de passar uma apostila, conversar com eles sobre os enquadramentos e questionar que enquadramento é esse? Um plano geral? O que queremos mostrar com plano geral? É professor e aluno participando juntos, porque uma câmera é interessante.

Uma câmera chama a atenção. O som também.

Tinha umas atividades muito interessantes, faziam dinâmicas, faziam as respostas dos alunos e dos professores virem com mais frequência. Podia acontecer, também, do aluno dar uma resposta fora do que costumava dar. Tinha, até, professor se espantava. O professor argumentava... Não esperava uma resposta tão interessante desse aluno. Por que?

Porque estávamos com todo o aparato ali, tão gostoso, tão dinâmico, tão diferente, que tinha aluno que se expunha muito mais, a resposta dele era mais interessante.

Quando as palestras eram impróprias era complicado, porque os professores achavam ruim. Quando o tema era impróprio com relação a... Estou tentando lembrar um tema que era mais complicado para as crianças.

Porque tinha saúde, Meio Ambiente, pluralidade cultural... Protagonista juvenil, tão simples, mas, era muito complicado você falar protagonista juvenil e vir alguma coisa na cabeça das crianças.

Ah. O professor não sabia o que era protagonismo, tudo bem. Se formos pensar estávamos ali, com um tema para ser aplicado, que eles não conheciam, então, praticamente, passaríamos o dia inteiro ensinando o que era... Pelo menos a palavra, a frase protagonismo juvenil e ensinar, aprofundar. É claro que tinha dinâmica, um se destaca mais.

É para que eles pudessem chegar onde queríamos que chegassem, entendeu?

Quando o tema era Meio Ambiente, era Meio Ambiente, só que..., aí já dava para a gente colocar, questionar. O que é o Meio Ambiente? Ah! O Meio Ambiente são as árvores, a floresta, a natureza, o rio, enfim.

Uma vez que se tem o conceito de Meio Ambiente claro na cabeça, como Meio Ambiente, aplicávamos o nosso Meio Ambiente, que é nossa escola, surgia, então, um outro problema..., a escola de lata. Nosso Meio Ambiente era uma latinha de sardinh, praticamente, ia tudo por água abaixo. Nosso Meio Ambiente é pichado, é mal cheiroso... Era o caos. Isso era o trâmite para eles perceberem.

O nosso recreio era a maior sujeira. Temos que melhorar isso aí. Agora, quando não entendiam o que era o Meio Ambiente ou protagonismo juvenil, tínhamos que ficar explicando, até chegar a um mínimo aproximado.

E tinha muito protagonista juvenil, protagonistas mesmos, pessoas que poderiam, por exemplo, ser comparadas às pessoas do rádio, não me lembro

de nomes. No Educom podíamos diagnosticar os alunos que trabalhariam aqui na DM9 de olhos fechados. Fantástico.

Aliás, hoje eu vou entregar um DVD que a ECA não mandou, ainda, para os alunos, é um vídeo que eu fiz, um documentário deles junto com o pessoal que trabalhou.

14 - Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Não tenho dúvida alguma de que foi marcante para as escolas onde estivemos, porque o projeto tinha conceitos bem consistentes, mas, quando aplicávamos era complicado, porque tinha jargões, por exemplo, ecossistemas comunicativos, gestão participativa..., é fantástico até, são conceitos muito bons, só que era complicado para aplicarmos.

Eu não sei se as crianças, os alunos e o colégio apreenderam com toda consistência necessária e se foram capazes de aplicar em trabalhos futuros, após o término do projeto, mas, acredito que conseguimos fazer um burburinho dentro do Colégio, no que diz respeito a melhoria de comunicação entre professor e aluno, isso era nítido, nítido, nítido.

Eu passei por três fases. Não fiz o trabalho como um todo. Mas asseguro que nessas três fases a relação professor, aluno melhorou em 80%.

Oitenta por cento, sendo..., 20% são os professores que têm dificuldade de se comunicar com o aluno, aí..., fica difícil.

São professores mais “caxias”, que nós mesmos tínhamos dificuldade em nos comunicar com eles e..., até conseguimos uma série de estatísticas.

Diminuir em 70% a violência nos Colégios.

Percebemos um menino, dentro do Colégio, que era “super malandro” e se dava bem com professores. A relação que ele criava com o grupo, era diferente, porque não éramos só amigos, quando necessário, dávamos uma “prensa”. Sentávamos com eles falávamos “olho no olho”, porque eu tinha quase a mesma idade deles que estavam no Supletivo, por exemplo. Conversávamos mesmo.

Perguntava o que poderíamos fazer para não brigassem mais. Falava a meu respeito, que, também, já havia brigado no colégio.

É engraçado, mesmo que eu inventasse uma situação, eu estava, ali, tentando deixar alguma coisa para aquela pessoa. Eu nunca conseguia falar a mesma altura que ele, os jargões, tudo..., mas éramos presentes, tínhamos “gingado”. O professor nuncaalaria um “palavrão”, eu, por exemplo, falava palavrão sim, porque não? Ponderadamente, é claro. E eu falava porque aquilo nos identificava..., e eu aprendi muito com as crianças.

Vejo o Educom como um turbilhão que passou pelos Colégios da Prefeitura. Sem dúvida alguma, porque o tanto de gente que saia da USP de manhã e o tanto de gente que ficava sozinho. Tínhamos meio que um esquadrão..., assim, da boa ação, sabe? Da Educomunicação. Eu sentia que fazia parte de um projeto muito grandioso.

15 - Ser um mediador alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Dentro do Pedro, eu acho que sim, pela experiência que adquiri trabalhando com a Comunicação, porque a tínhamos textos que eram teóricos, bem profundos, tipo do Ismar que são bem interessantes. E assim..., aprendemos o conceito da comunicação. Acho que isso me fez crescer.

Acho que foi bem focado na área de comunicação, não que isso tenha acrescentado muita coisa à Teoria da Comunicação geral, não. Não tive mesmo. Agora em relação aos conceitos dados de comunicação, a relação professor-aluno, quanto à pedagogia, também não.

Eu vivi aquilo, talvez, não consiga dar nomes a algumas situações que vivi, mas, eu sei que dentro de mim, o Educom foi fomentando a idéia de um dia querer dar aula. Eu tenho uma vontade de um dia parar e passar experiência, passar conhecimento, eu acho isso muito rico.

16 – E qual o conceito que você faz hoje sobre mediação.

Mediar... Bom, vamos às palavras chaves.

Mediar é dinâmica, é organicidade, não ser “fechado” só naquilo. Acho que mediar tem a questão de saber lidar com o imprevisto. Mediar é educar com dinâmica e se colocar no lugar do cursista, mesmo não conseguindo, porque muitas vezes era super complicado.

17 - Você leva o papel de mediador para outros ambientes fora do mundo da escola?

Nossa! Sem dúvida alguma. Vejo que o Educom..., sempre estudei em Colégio particular, nunca tive contato com colégio da Prefeitura e de repente quando eu me vi nessa situação, achei a “coisa” complicada mesmo. Vivenciamos aquilo tudo na própria pele, no Educom.rádio, no Educom Embu, também. Com Embu e Taboão era complicado.

Tinha um pessoal bem pobre. E aquilo mexeu comigo.

Eu estava com 18, 19 anos e aquilo junto à minha transformação própria de vida, foi acrescentando outras questões. Eu acho que hoje, aqui na DM9, e o modo como eu me comporto aqui dentro é um ponto forte, algo que eu trouxe do Educom, saber conversar, saber escutar, o trabalho que fizemos em grupo, lá eram nove mediadores.

Trabalhar com nove pessoas, com nove conceitos diferentes de vida, porque cada um vinha de uma área, cada um tinha uma forma de aplicar a dinâmica, cada um tinha um ponto forte e um ponto fraco. Isso tudo me fez aprender muito, com relação a trabalhar em grupo e, também, a trabalhar com uma pessoa e me aproximar muito de uma classe totalmente diferente da minha. Só me enriqueceu. O Educom foi muito rico na minha experiência de vida.

18 - Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual é o conceito que você passa sobre a educomunicação?

Pensando...

Bom, pra mim seria educar.

Educomunicação seria o dia-a-dia das crianças.

Você planta uma semente e deixa e dia-a-dia irá crescer junto com as crianças. Para mim, Educomunicação é educar com a comunicação, utilizando um aparato tecnológico, utilizando o que a temos em mãos, para ser apresentado através de dinâmicas. Isso seria Educomunicação. Eu acho o que eu vivi foi isso, foi deixar na escola a semente que melhorou a relação, o ecossistema, mesmo naquele colégio, tanto dentro da região dele, onde estava situado como a relação professor-aluno, isso foi me chamou muito a atenção, tanto que, repeti aqui várias vezes. Eu acho que o ecossistema melhorou sim. Entrávamos no colégio e o ambiente estava “pesado”. É aquela “coisa” da

Educomunicação, uma palavra até complicada de se destrinchar, fácil de destrinchar e difícil de entender. Ficou ali, no ar e limpou aquele ambiente. O colégio. Saíamos de lá e os professores comentavam que não sabiam como conseguíamos chegar ao local dando risada, todo sábado de manhã, aplicando dinâmicas.

É isso, muitos professores falavam, era muito gratificante. Foi muito bom. Acho que a Educomunicação foi isso.

Entrevista 03.

1- Nome: José Manoel Rodrigues

2- Data de Nascimento: 13.05.1965

3- Qual era a sua formação quando você começou trabalhar no Educom.rádio?

Jornalista, formado pela Cásper, em 87 e já havia trabalhado em jornais e revistas.

4- Fase de participação no Projeto:

Trabalhei, como mediador, no Educom, na quinta fase, se não me engano em 2004. No segundo semestre, com certeza, de julho a novembro de 2004. Na quinta fase, ou melhor, na sétima-fase, no Pólo dez, onde as atividades eram desenvolvidas no Céu Parque São Carlos, zona leste.

5 – E qual é a atividade que você desenvolve hoje?

Hoje, até por influência do Educom, fui trabalhar na criação de um núcleo de Comunicação e Educação de uma Ong, chamada Associação Reciclázaro. Uma ong que trabalha com população em situação de rua.

É um núcleo que veio implementar um programa de educação dentro da ong. A ong fazia um trabalho na área de reciclagem, na área ambiental, mas, em dez anos essa ong nunca havia entrado com um trabalho, na área educacional, então, fui para iniciar um programa de educação e também fazer trabalhos na área de comunicação, ou seja, produzir boletins, fazer assessoria de imprensa. Fui trabalhar tanto na área de comunicação, como na área de educação. Aí se juntou uma interface peculiar, que era a interface que interessava ou dentro da qual o Educom trabalhava que era comunicação e educação.

6 - Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

Eu entrei no projeto Educom de uma maneira bem diferente dos demais. Antes de ser mediador eu já trabalhava no NCE como jornalista, respondendo pela inserção de conteúdos no site do projeto Educom.rádio e respondendo pela produção de boletins. Inclusive o boletim, “O Educomunicador”, eu era uma das pessoas que escrevia e fazia as reportagens.

Eu já estava no NCE, conhecendo e vendo o projeto acontecer do lado de dentro e me deu vontade de participar do Educom, a partir de outra perspectiva, que era a perspectiva de campo, ou seja, estar dentro da escola como mediador, trabalhando com os professores, com os alunos, esse era o meu interesse. Foi esse interesse que despertou a vontade de conhecer, de ver o projeto acontecer dentro da escola e não só do ponto de vista de quem estava planejando o projeto.

7- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Contradição entre o planejamento das atividades e a prática?

Eu não senti. Eu senti dificuldades, mas não contradições. Senti dificuldades, muitas vezes, de você preparar alguma coisa pra aplicar na escola e que na hora de aplicar você tinha um retorno diferente do esperado. Isso acontecia, mas, eu não considero isso uma contradição. Considero isso uma dificuldade natural da fase em que você programa uma atividade e que na hora de concretizar, nem sempre, acontece como você esperava.

8- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

Nós trabalhávamos muito com dinâmicas que, quase sempre, correspondiam ao que pretendíamos.

Muitas vezes, quando você preparava uma atividade que seria repetida para diferentes escolas, nós tínhamos na sétima fase, quando eu trabalhei como mediador, (se não me engano) treze Pólos. Treze Pólos têm muita gente, a equipe de campo, de mediadores, incluindo os articuladores passava de 180 pessoas.

Por ter tanta gente e tantos Pólos, indo para diferentes regiões da cidade, indo para a zona leste, zona sul, zona norte, então, muitas vezes, o que você preparava para aplicar nas escolas esbarrava nas dificuldades daquele determinado público.

Acredito que a maior dificuldade foi você pensar num plano de ação, que fosse igual para todas as realidades. Essa é uma dificuldade, ou seja, você não vai

encontrar o mesmo contexto sócio-cultural e econômico em todas as escolas, embora elas sejam da rede pública.

Às vezes chegávamos a uma região, numa escola, por exemplo, num Pólo onde a escola fosse bem estruturada, com equipamentos, com salas de aula, com uma boa infra-estrutura para podermos aplicar o que foi planejado, mas, também, chegávamos a lugares onde havia resistência, por parte da direção da escola.

Encontramos diretores de escolas que são avessos ao projeto. Encontramos, também, escolas que têm uma concepção tradicional, que não toleram o construtivismo, não aceitam tão bem o método progressista, a visão progressista de Paulo Freire. Encontramos diferentes contextos, cabe, aí, ao mediador e ao articulador, em primeiro lugar, pensar nas alternativas.

O que o NCE propôs foi isso, mas, tínhamos que adaptar o que NCE propunha ao contexto encontrado. Surgia, aí, uma dificuldade natural, tínhamos que ser mais criativos. Acredito que essa fosse a maior dificuldade, adaptar a proposta do núcleo à proposta do projeto para dar condições àquela escola onde se estava trabalhando. Muitas vezes, íamos para uma escola onde o índice de violência muito alto. Eu me lembro de uma escola, a escola do Izael, onde um aluno desenvolveu maravilhosamente bem e se tornou um jovem educador, em Pirituba.

Era uma escola com altos índices de violência. Depredavam os carros dos professores, até havia uma razão, a diretora da escola não permitia que os ex-alunos voltassem à escola, nos finais de semana, para jogarem bola, para se relacionarem com os atuais alunos, provocando uma crise de relacionamento muito forte. O Educom teve que preparar as atividades, preparar todo o seu planejamento para tentar desfazer essa violência, pra enfrentar essa violência com uma proposta educadora. O resultado foi muito bom, surtiu efeito.

9 - Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Tem o exemplo que eu acabei de falar, embora não tenha sido mediador nessa escola e como trabalhávamos em rede, estávamos, sempre, nos relacionando com mediadores de outras escolas, outros Pólos e com os articuladores também. Tínhamos um grupo que, também, compartilhava as experiências.

Foi assim que tomei conhecimento deste caso. Foi muito bom, aquilo que planejamos mudou alguma coisa dentro da escola.

No caso dessa escola, que tinha depredação de carros dos professores e quebra de vidros, do patrimônio da escola, o Educom quando trabalhou com a rádio dentro da escola, só para explicar qual foi a ação e qual foi o resultado, conseguiu trazer esses ex-alunos para, ou melhor, a comunidade para, falar nessa rádio.

Havia uma rádio dentro da escola que aceitou a voz da comunidade. A violência acontecia porque a escola estava divorciada da comunidade. A escola não aceitava a voz da comunidade, a escola queria se fechar em torno de si mesma, o que aconteceu quando se colocou uma rádio ali dentro?

A comunidade passou a ser aceita, abriu-se uma porta para que a mesma pudesse falar e quando uma a porta é aberta para a comunidade usar a rádio, ou seja, ir lá dar entrevista, ir lá tocar rap, hip-hop, quando tudo isso foi aceito, se aceitou que viessem jogar futebol no sábado. A diretora da escola, por seu lado, também, foi cedendo. Esse fato foi muito concreto e, também, uma alegria muito grande que pudemos compartilhar.

10 - Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Acredito que em alguns casos, sim. O exemplo citado, dessa escola em Pirituba, é um exemplo concreto, com um resultado quase 100%, até mesmo porque uma diretora que era contra cedeu, quebrando um pouco a sua resistência.

Pessoas como a diretora, como alguns professores que eram contra, se eles estivessem aqui hoje, talvez, não conseguissem definir o conceito de Educomunicação, porém, saberiam com precisão, definir com precisão, na prática. Contar essa história da abertura da escola para a comunidade é uma prática educ comunicativa, por isso, que o projeto foi bem sucedido.

Mas, é preciso lembrar que nem sempre conseguimos introduzir, com sucesso, o conceito de Educomunicação em todos os lugares.

É evidente que há segmentos, inclusive professores que foram para o projeto, movidos por um sentimento utilitarista. Eles estavam de olho na pontuação,

no certificado da USP, em ascender na carreira, nada contra isso..., porém, é necessário que isso esteja acontecendo em paralelo com a vontade de investir na própria formação, isso nem sempre acontecia com os professores.

É evidente que nesses casos em que os professores só foram em busca da pontuação, acabaram perdendo o interesse e não vão desenvolver nada de educ comunicativo. Espero que seja minoria.

11 - Ser um mediador alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Alterou sim, um exemplo concreto, é que eu estava muito confortável, vivendo na zona de conforto, ou seja, já tenho a minha graduação como jornalista, trabalho em jornal, atualizo site, trabalho com inserção de conteúdo em site, não quero mais nada, mas, quando vim trabalhar no projeto Educom, antes mesmo de ser mediador, percebi, mexendo com a teoria da educomunicação, que ali tinha algo mais, que me chamava atenção e que o comunicador, sobretudo na área do terceiro setor, área para a qual fui trabalhar posteriormente, encontrava um campo muito promissor no sentido da realização profissional.

Senti que a educomunicação, realmente, poderia estar abrindo, para mim, um novo campo de trabalho e de alargamento das minhas experiências, no campo do conhecimento, das minhas experiências, das relações com as pessoas, nas relações interpessoais.

A educomunicação poderia estar alinhavando isso, sobretudo nessa área do terceiro setor. Foi ali que percebi.

Ser mediador alterou minha percepção em relação aos campos da comunicação e da educação, porque quando fui mediador aconteceram várias atividades dentro dos Pólos, que era a entrada de pessoas do terceiro setor. Tínhamos, por exemplo, simpósio de Educomunicação, que era o sábado inteiro de palestra, de workshop, onde recebíamos as pessoas do terceiro setor.

O NCE dava espaço para que as ongs participassem dos simpósios, cada Pólo tinha a sua própria programação de simpósio, para que as ongs pudessem contar experiências na área de comunicação e educação, dentro do terceiro setor, que viessem conversar com os estudantes e com os professores a

respeito do que estava acontecendo lá fora, nessa interface comunicação-educação.

Então, pude perceber que, realmente, havia algo novo acontecendo e que a organização não governamental era um meio, um novo agente, um novo interlocutor entre a sociedade e a escola, entre a sociedade e os governos, entre a sociedade e a própria mídia, que merecia uma atenção especial, proporcionando, desta maneira, uma troca.

12 - Você leva o “papel” de mediador para outros ambientes fora do mundo da escola?

Levo para a organização não governamental chamada Associação Reciclázaro, que é uma ong que trabalha com população em situação de rua, em projetos de geração de renda e que atua, há um ano e meio aproximadamente, em programas de educação e comunicação com a população em situação de rua.

13 - Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

Está muito vivo na minha cabeça o conceito do Professor Ismar, ele fala que é um campo de intervenção social, emergente que está em permanente diálogo, ou, em permanente relação com diferentes fatores sociais.

Tenho falado muito, aonde vou, uso muito o conceito dele.

Educomunicação, para mim, é uma vertente nova da experiência de diferentes campos profissionais e sociais, porque você tem também pessoas que não são graduados, graduandos, formados pela academia, mas, que, também, estão trabalhando com comunicação, com educação e nem sabem que aquilo poderia estar sendo chamado de Educom, educomunicação.

Falando mais popularmente, esse é o meu conceito: de que é um campo, uma vertente de experiências humanas que estão atuando na educação, na comunicação, em diferentes profissões, no movimento social com o objetivo de relacionar, de buscar, de preparar, de desenvolver a expressão, de ajudar novos atores sociais a desenvolver a sua própria expressão, a intervir socialmente, a intervir dentro da profissão, a se relacionar de uma maneira pró-ativa no meio em que vivem.

14 - Depois de você trabalhar no Educom.Rádio como mediador, qual o conceito que você faz sobre mediação?

Durante os seis meses que fui mediador, o momento em que houve o maior conflito no plano do aprendizado foi, justamente, quando os alunos que estavam fazendo o Educom, receberam a palestra sobre mediação, dada pelo Professor Mauro Wilton, foi conflituoso. Apresentar ou traduzir esse conceito para eles foi muito difícil, é um conceito, que academicamente, em minha opinião, está bem estruturado, está bem apresentável, porém, no momento de passar isso para a linguagem do jovem, no momento de explicar o que é mediação para um aluno de sétima série, de sexta série é meio complicado, porque, você tem que passar por um filtro, que leve a uma linguagem que ele entenda.

Eu entendo mediação como uma transição, uma passagem de conteúdos, porque o projeto, também, tinha que apresentar alguma parte mais teórica para eles. Falar de Paulo Freire, falar da técnica do rádio, falar das cinco etapas da produção, tudo isso passa por esse filtro, por essa ação de mediar e essa ação de mediar é a fase mais delicada desse processo, ou seja, atuar num espaço pedagógico e educativo e apresentar conteúdos numa linguagem acessível, a linguagem do dia-a-dia deles. Isso envolve um processo de mediação, que cabe ao mediador estabelecer. Como é que vai ser esse processo?

No plano da linguagem, no plano dos recursos? Você vai usar o que? Vai usar um livro, uma exposição, fotografias, o PowerPoint, uma atividade em grupo para que eles experimentem aquilo que você quis transmitir, este é o meu conceito de mediação, os processos utilizados para a comunicação.

15- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

Quando estávamos como mediador?

Líamos os textos do Professor Ismar, que inclusive ficavam disponíveis, muito acessíveis, através do site do projeto. Líamos, também, textos do Professor Mauro Wilton que era um dos consultores do projeto, palestrante do projeto. Nós líamos, também, alguns textos de Paulo Freire, da professora Cristina Costa, da professora Roseli Vígaro. Nosso grupo, o grupo que eu trabalhei

como mediador, também foi procurar, durante o período da formação, autores que não estavam ali nas nossas apostilas, mas que interessavam na Educomunicação. Como, por exemplo, “Bourdieu, Bakhtin”, foram alguns autores que procuramos.

16- Na sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto?

Citei um autor, anteriormente, que é o Paulo Freire, que dá uma base teórica interessante, que é da abertura da escola, da escola progressista e de uma educação libertadora. Paulo Freire tinha esse conceito de educação libertadora, de uma escola que fosse aberta para a comunidade e que incorporasse o saber do aluno, ou seja, o professor perceber que o aluno também sabe, dizer que não é uma tabula rasa, ele traz saber, ele traz conhecimentos que são importantes para a troca, que deveria estar se estabelecendo entre professor e aluno e com isso quebrar aquela hierarquia ou aquele diálogo vertical que, às vezes, fica entre professor e aluno.

Esse é um fundamento teórico importante. O projeto quis quebrar, sim, essa verticalidade da comunicação entre professor, aluno. O projeto propôs uma horizontalidade da comunicação.

Outro fundamento, outra linha teórica é a ser ressaltada é a dialogicidade. Podemos sentir isso em Paulo Freire e em outros autores como Bourdieu. No momento me recordo dessas duas, mas, têm outras linhas teóricas importantes.

17 – Na sua opinião, como os conceitos educacionais foram aplicados na prática?

Na medida em que se tem um respaldo tecnológico, isso era uma questão importante de se falar, quando se aborda Educomunicação, ou seja, antes do projeto Educom, antes de se falar mais em educomunicação, já se falava muito em uso das tecnologias na educação, porém, era sempre o uso da tecnologia para didática ou para apoiar uma atividade pedagógica ou para respaldar a fala do professor ou como reforço escolar.

O Educom veio dizer que as tecnologias são bem vindas, sim, mas, não nessa visão utilitarista do meio. Na medida em que se tem uma teoria, uma proposta..., que essa teoria promova uma escola relacional, uma escola que

dialogue e que, também, faça a comunidade do entorno dialogar, você ganha em prática, em concretude, quando se têm esses meios de comunicação aliados, há o favorecimento do diálogo.

Eles não são meios que fazem dialogar, eles são meios, o rádio e o computador estão a serviço desse diálogo. Eles ajudam a construir o espaço do diálogo, rompendo, desta forma, com aquela tendência tecnicista.

18 - Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediador?

A formação trouxe autores, que já foram citados, alguns importantes para o desenvolvimento do trabalho. Nós tínhamos encontros de formação semanais, em grupo, por Pólo. Cada Pólo tinha a sua reunião de formação semanal. E aquela troca permanente por e-mail.

Para mim foi satisfatório. Tínhamos um espaço para troca e para se preparar para as atividades de campo que era suficiente. Senti, sim, que as pessoas que estavam chegando de fora demoravam às vezes um pouquinho para entrar, plenamente, na essência do projeto, havendo, assim, um período maior para que elas pudessem se inteirar, melhor, acerca do projeto, da proposta.

19- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

O NCE teve dificuldades no que se refere à parte burocrática do projeto, ou seja, estabelecer uma ponte entre o que acontecia nas escolas e a Secretaria de Educação, por exemplo.

Tínhamos nas escolas uma lista de presença e era necessário ter um controle forte em cima disso, porque era, em última análise, uma lista de presença que definia, em boa medida, a certificação dos professores.

Não havia tanto rigor em relação ao aluno, mas o professor precisava ter pelo menos 75% de presença para poder ser mantido e receber o seu certificado. Isso é um exemplo, para você ter uma idéia, da dificuldade que havia de gerir isso.

Treze Pólos, muitas escolas. Em quatro anos foram 455 escolas, era muita gente. Gerir esse processo de receber essas listas, de fazer chegar até a Secretaria da Educação e depois garantir o atendimento das demandas.

Tínhamos muitos professores que ligavam para o NCE, solicitando o seu certificado.

20– O mediador que passava a lista de chamada?

A equipe era composta pelo articulador, pelo assistente do articulador e pelo mediador. O assistente é que tinha o controle, a lista ficava com o assistente. Ele levava e trazia - o mediador também ajudava.

Para terminar, a administração do núcleo, no que diz respeito à parte burocrática, foi sofrida. Tinha problemas, era um problema de política pública mesmo, atingia como se fosse uma cidade.

Do ponto de vista da gestão pedagógica, dos grupos que iam a campo, havia um trabalho muito bem desenvolvido, porque havia uma equipe dentro do núcleo para trabalhar com o articulador, para ter um feedback do que cada grupo estava fazendo. Havia um articulador trabalhando, diretamente, com cada mediador.

Havia toda uma supervisão, um apoio pedagógico, uma orientação, bem coordenada, para não faltar nada ao mediador.

21 – Os mediadores tinham um relacionamento com os funcionários da rede municipal, do núcleo, do Pólo?

Tinham, até porque, alguns funcionários vinham fazer o Educom. O Educom não era cursado, somente, por alunos e professores. Víamos funcionários da escola participando do projeto, isso era uma maneira interessante de conhecer, com mais intimidade, o funcionário e se relacionar com ele.

22- E a sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

O Ismar era uma pessoa muito presente. Não era uma supervisão, puramente, feita à distância, feita por uma pessoa que está longe do projeto, não..., era uma pessoa que se fazia presente.

Aos sábados, várias Kombis saíam daqui para Pólos e ele vinha para cá. Ele se interessava em conversar com o mediador. Ele poderia, muito bem, ter se restringido ao diálogo com o articulador, com o conselho gestor.

O conselho gestor avaliava tudo que era feito, que era planejado e discutia novas ações. Se houvesse uma supervisão meramente burocrática, ficaria lá no

seu diálogo com o conselho gestor, mas, ele não se restringia a isso. A supervisão do projeto Educom.rádio era uma supervisão que se preocupava em dialogar com o conselho gestor, com a equipe da Secretaria, que era quem cuidava do material que ia para as escolas. Ele se preocupava, até, em dialogar com a equipe da Secretaria, que eram aquelas pessoas que equipavam as mochilas.

Ele dialogava com a equipe da Secretaria, dialogava com o articulador, com as equipes que preparavam os mediadores, e dialogava com os mediadores. Participava das conversas, procurava saber de tudo, participava da jornada de imersão que se iniciava em cada semestre, perguntava o que estava dando certo, o que estava dando errado, não ficava só na concepção teórica do projeto.

Entrevista 04.

1- Nome: Juari Aparecido Soares de Carvalho

2- Data de Nascimento: 28.08.1977

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Eu estava no meio para o final do curso de Psicologia na graduação.

4- Fase de participação no Projeto?

Trabalhei da segunda até a sétima, 2002 até 2004.

5 – Qual é a atividade que você desenvolve hoje?

Ontem, inclusive, foi o encerramento de um projeto de Educomunicação, também, no Colégio São Luís. A preparação já começou em maio, aproximadamente. O projeto mesmo, com a turma do São Luís, começou em julho e foi até outubro.

O projeto acontecia uma vez por semana, e, além disso, agora, estou fazendo parte da equipe de tutoria do núcleo Mídias em Educação. Projeto de Educação à distância com o MEC, a Secretaria de Educação do Estado.

Atualmente, em termos de geração de renda, esses que estão me sustentando. E estou ocupado, também, com o mestrado, fazendo as disciplinas e organizando o projeto.

6 – Então você está trabalhando na área, de Comunicação.

Estou terminando o projeto do São Luís e a grana é curta, mas é o que eu consegui. Estou procurando trabalho, como não tem nada em vista de Educomunicação, estou tentando organizar um projeto, amadurecer essa idéia, conseguir me juntar a uma equipe.

Talvez, não consiga manter o trabalho em Educomunicação. Estou encaminhando curriculuns. Atuei em Psicologia do Trabalho. De cada 10 entrevistas, pode ser que uma se torne um novo trabalho.

6– Você foi mediador ou articulador também?

Eu pratiquei mediação, mas esse papel de mediador, no Educom.rádio não ocupei, porque tem uma história, como designar aquela função. Atuei como monitor, como capacitador, depois fui assistente da coordenação, depois na articulação.

O termo capacitadores passou para mediadores. Eu lembro que estava presente numa reunião geral, estava na assistência da coordenação. Na época, até estava numa situação meio ambivalente, porque tinha achado interessante a idéia de que somente eu não estava por dentro. Estava como assistente e discutindo as coisas da organização. Fiquei meio chateado, porque queria ter participado da discussão, pelo

jeito, foi bem calorosa. Eu estava tentando entender quais eram os motivos que levaram o pessoal a reivindicar a mudança de termo.

Formalmente, em nenhuma ocasião, recebi o nome de mediador, do ponto de vista das relações formais. A prática sempre foi à mediação. Acredito que nesse sentido, foi muito correta aquela reivindicação, aquela proposta que foi feita, e mais tarde acatada, aceita pelo grupo todo.

Tudo aconteceu meio rápido. Ah! Tem que mudar, só muda o nome, é bobagem, é ponto que faz diferença. E com o tempo, acho que isso, primeiro resolveu uma questão que era a separação entre capacitador e monitor.

Fazia algum sentido do ponto de vista organizativo, mas, não do ponto de vista do que se propunha a fazer, que era tentar relações mais horizontais, suprimir aquela separação. Dava a impressão que o monitor tinha, por incumbência, cuidar do operacional e o capacitador era o técnico, uma pessoa que tinha conhecimento técnico para fazer aquilo acontecer.

E na verdade, não era bem isso o que acontecia. Muitas e muitas vezes, talvez, em algumas ocasiões até acontecia o mesmo. O monitor tinha uma responsabilidade mais operacional. Ele podia ficar só nisso, se o capacitador não puxasse esse monitor para participar e não abrisse espaço, então, ficava assim..., cada um com a sua função. E a mediação mesmo, acabava não acontecendo. Funcionava nos papéis pré-estabelecidos.

Acabei trabalhando com o mediador e não com o capacitador, acho que isso fez a diferença.

Promover a autonomia e dar um lugar para que as pessoas pudessem se responsabilizar pelas suas ações, pelo que pensavam, não só pelo que faziam, então, não era só o capacitador que tinha que fazer, é evidente que tinha um reconhecimento, também, da remuneração.

7- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual foi seu interesse inicialmente?

Eu soube do projeto pelo Kaká. Não conhecia o pessoal daqui. Eu estava num momento de redefinir a minha participação no curso, na USP. Eu sempre pensava um pouco isso, na minha formação na USP, não só na Psicologia. Estava trabalhando em educação, tinha trabalhado em cursinhos, ajudei a organizar alguns projetos nuns cursinhos e estava um pouco saturado. Os cursos foram meio repetitivos para mim, todo ano falava em falta de vagas e ficava na dependência de pessoas para fazer cursinho para manter a minha estrutura.

Estava chateado com isso, passei a fazer as matérias ligadas à Educação, que eu tinha na Psicologia, fiz estágios e me senti um pouquinho amarrado, achava que a infraestrutura era um pouco precária para se realizar, um projeto do tipo de orientação sexual, que eu participei.

Para conseguir remuneração, pensei..., preciso conseguir alguma coisa fora, procurar. Não demorou muito tempo, trombei com um cartaz do Educom.rádio lá na Psicologia. Enviei um curriculum e fui chamado. Na seleção achei que não seria chamado para trabalhar, porque questionei algumas coisas da seleção. Senti que o pessoal estava sendo muito solista.

Sentia-me observado e, até, fiz um comentário sobre a avaliação, tem uma tensão e parece não ser tão simples assim. Refleti..., “não vou ser chamado de jeito nenhum”. Mas, estava numa fase que não queria me calar.

Trabalhei desde os 14 anos, no estágio, no comércio, achei que ficar calado não era mais pra mim, não me arrependi de ter falado, mas achei que ia ficar sem o trabalho. Não conhecia bem o projeto em si.

Ah! É um projeto de educação, comunicação, eu tinha trabalhado com informação no cursinho, de organizar informações. Eu estava pensando na vida universitária, no cursinho da Poli. Trabalhei com isso, ficar só levando taxa de inscrição, o pessoal já é pobre...

Já vinha controlado, recebendo informações com hotel, o pessoal não tem dinheiro nem para pagar passagem de ônibus, vai pagar taxa de inscrição? Precisa saber outras coisas, se tem bolsa. Como é a vida de estudantes pobres na faculdade. Eu trabalhava com isso, com informação.

Na época, até um coordenador de lá me fez uma afirmação que, talvez, tenha sido premonitória ou ele, um pouco mais experiente, me disse que acabaria trabalhando com comunicação. Comunicação que eu via era Jornalismo, depois eu pensei um pouco melhor em Relações Públicas, até pensei em fazer, mas, não era bem isso o que eu queria, era Psicologia mesmo. Psicologia ultrapassava as outras coisas, os outros interesses.

A educação estava meio que no lugar que eu gostava de trabalhar e queria gerar renda a partir disso também, não dava para ficar só na boa vida, só viver das palavras, precisava gerar renda e esse projeto veio bem a calhar, só que eu não conhecia. Fui conhecer nas formações, quando fui chamado pra trabalhar, fiquei surpreso.

Eu ficava pensando..., tem alguma coisa errada, alguma coisa estranha. Fiz umas formações na época do Fórum Social Mundial, tinha planejado ir, não posso perder o trabalho, mas também não posso perder o Fórum. Eu e outra colega fomos juntos.

Combinamos as datas, estou até me lembrando, acho que foi a Eliana, que continua trabalhando na Secretaria. Ela me ligou perguntando se eu era o Juari e me informou que estava falando do NCE e que eu estava convocado para trabalhar. Pensei que fosse ter um problema, porque o trabalho iria coincidir com data do Fórum Social, mas acabou dando certo.

O pessoal que estava trabalhando, conhecia, sabia do que se tratava. Outras pessoas, também tinham seus interesses. Foi a partir daí que eu passei a conhecer o Educom.rádio pra valer, antes, só possuía um folhetinho, a parte institucional. Não sei como é a cozinha do projeto.

8- Como mediador, qual era o papel que você deveria desenvolver?

Essa pergunta acaba sendo um pouco ampla, porque eu passei por várias fases. Eu acabei exercendo funções um pouco diferentes em cada etapa dessas. Eu estava no começo e era monitor, estava conhecendo o trabalho, as pessoas, o que elas faziam e tentando entender o que era essa bendita mediação.

Eu sentia e percebia que ali tinha alguma coisa do que eu estava procurando e, ainda, não tinha encontrado para sair daquela dicotomia, o formal e o informal, daí..., o papel de capacitador..., acho que eu fiquei bastante preocupado nessa época, com o saber mais técnico. Foi nesse processo que percebi o que seria uma mediação, que partia da própria relação com o meu colega, com o qual estava trabalhando, como é que eu me relacionava com ele, além da ocupação formal. Nessa época, começou a ficar clara a idéia de congruência, entre o que se fala e o que se faz e o que se pensa, ali, naqueles trabalhos podíamos criar as condições para que isso ocorresse. Comumente fala-se uma coisa, pensa-se outra e se faz outra. Era um pouco essa experiência que eu tinha vivido anteriormente, principalmente no setor privado.

Era algo que me dilacerava, eu morria, porque não me orgulhava do meu trabalho, não via coerência, então, pude perceber, ali, que era um trabalho muito bacana, no sentido de formação humana, formação profissional e formação no saber, também e ajudou, bastante, a repensar a própria Psicologia no que diz respeito às relações interpessoais.

9- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Essa pergunta é ambiciosa. Acho que têm duas linhas para responder. A resposta em termos pessoais. Acho que o miolinho do curso, até a quarta fase eu senti um pouco mais de coerência. Eu conseguia realizar aquilo o que eu me propunha a fazer, que tinha a ver com a idéia de mediação.

Eu acho que no começo eu estava meio que “surtando” e as três últimas fases foram, para mim, um pouco duras. Precisávamos nos preocupar muito mais com a sistematização do trabalho e acabei ocupando esse papel de articulação. Eu não sei se eu estava preparado ou não, tentei fazer da melhor forma possível.

A primeira experiência começou esquisita e terminou bem, acho que o grupo saiu bem. A segunda experiência foi dura, do começo ao final e eu, até hoje, não sei identificar se é uma questão que envolvia a articulação que eu estava tentando fazer ou se era uma questão da relação entre nós como pessoa ou se era maior, que tinha a ver com o estado da arte do projeto. Isso já me suscita a outra linha. O projeto, como uma prática, se o que se pretendia era mais ou menos coerente. Acompanhando um pouco essa minha resposta, eu acho que o projeto era mais coerente quando nos preocupávamos mais em ter coerência, a equipe era o laboratório do que fazíamos com os cursistas.

A equipe era o microcosmo de relacionamentos, de organização de um trabalho, de organização do fluxo de idéias, de comunicação até o ponto de suprimos dois nomes de ocupação. E isso partir da equipe, de quem faz o espaço. Acredito que o projeto, nessa época, conseguia deixar próximo o que era realizado e o que se propunha a fazer. Só que era muito mais difícil você esquematizar isso, naquele momento.

A partir do momento que havia maior sistematização, se garantia informações, dados, fluxos, só que os papéis eram mais marcados.

A experiência para as pessoas, não só pra mim, acho que foi muito mais dura, porque as reuniões eram dedicadas, tratadas ou como orientação ou como instrução. Acho que isso variou de equipe para equipe, na equipe que eu estava foi bastante dura.

Parecia muito mais instrução do que formação, mesmo tendo a ressalva, “aqui é só uma orientação” e acabávamos seguindo um pouco as orientações. No final é que a mudamos, no final as pessoas começaram a perceber o que era mediação, uma equipe, até conversando com outras equipes, um pouco a dureza, a cobrança de ter que ter um resultado. Embora, achasse que não era um discurso propriamente da

coordenação, homogêneo, mas tínhamos uma cobrança, de papel, de atitude. E essa equipe, em que eu trabalhava como mediador, que havia se formado na primeira fase, se dissolveu para a segunda fase.

Várias pessoas saíram no semestre seguinte e as que ficaram..., uma mudou de equipe e ficou um grupo muito reduzido. Essa segunda etapa de articulação foi muito dura. Eu cheguei a pensar em desistir, por conta de não estar encontrando espaço naquele momento. O que fazíamos, aqui, como pessoas não era coerente com o que falávamos para eles. Não era uma coisa mais fluída, como eu tinha vivido em outros momentos.

10- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do seu trabalho?

Acho que uma delas é que fui me formando na prática e na conversa com os meus pares aqui no projeto. Eu vinha de outra área, estava me formando em outra área, só que lá uma formação estritamente acadêmica e aqui uma formação, vamos chamar de extensão, a prática da intervenção social.

Com o tempo fui me dedicando a discutir os fundamentos, o que entediou muita gente. Tinha que fazer sentido o que eles estavam falando, porque, estavam falando aquilo.

Apaixonei-me pelo projeto, tinha que cuidar muito daquilo, não podia ser de qualquer jeito. Mesmo em momentos assim, a pragmática pressionava. Eu dava uma escapada para pensar, mas, foi falado de mediação e estamos fazendo isso.

Senti um pouco de dificuldade. Eu acho o conceito pelo conceito meio complicado, funciona mais para a academia, não muito para a extensão, mas eu não acho dispensável.

Uma dificuldade que foi além, que foi fora do trabalho, mas, em decorrência do trabalho, foi o “calote” que a Prefeitura deu. Eu, já não me sentia fora da Educomunicação, do Educom.rádio por ter gostado tanto e viver. Eu não trocaria as dificuldades que vivi no Educom.rádio por várias dificuldades, até menores, em fábricas. Levar aquele calote foi desastroso.

No começo eu fiquei muito aborrecido, como é que vamos funcionar dentro disso, de repente aquele afã da ocupação que tínhamos, algumas atribuições formais e não conseguíamos nos articular direito.

Então, chegou um momento, que foi no ano passado, cheguei à conclusão que tinha que fazer alguma coisa. Passei a pressionar a coordenação, me oferecendo para fazer alguma coisa, com o pessoal do NCE, porque eu precisava de dinheiro também, me

atrapalhou bastante, isso foi dureza. Eu consegui articular algumas pessoas com um objetivo comum, espeto de pau na casa de ferreiro mesmo.

Foi uma sensação que eu tive. Para não me sentir pior, ainda, diante disso, virei uma espécie de terrorista, no bom sentido. Descobri que a internet podia me ajudar a mandar informações. Entrei em contato com a Câmara Municipal, USP..., ficava ligando para fazer pressão. Nesse momento havia um grupo articulado e eu divergia um pouco da opinião deles. Eu achava que o foco estava errado.

11- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Quando as pessoas que não falavam pediam a palavra, um ato simbólico. Isso foi me impressionando ao longo do curso. O silêncio de algumas pessoas começava a se transformar em palavras, às vezes, palavras que pecavam na gramática, mas justamente por isso, por não ter essa apresentação socialmente prestigiada.

Se sentir a vontade de falar naquele grupo, eram momentos que, seja uma estudante ou um estudante que falava com o seu professor, ou falava com o grupo. A abordagem do professor, às vezes, era um pouco diferente, não era, propriamente, um sujeito que estava sendo silenciado, mas um sujeito que silencia. Eu tinha uma relação um pouco ambígua com os professores, alguns muito bacanas, mas outros...

Se ao menos eles levantassem a mão ou pedissem a palavra para fazer uma crítica, mas, publicamente, eu achava que eram momentos de vitória, saíamos da mesmice, da instrução.

Difícil era conseguir coordenar isso. Fazer essas palavras inesperadas, não dava para saber quando apareceriam, como é que elas eram incorporadas no que estávamos fazendo e o que faríamos dali por diante.

Mais adiante, quando o grupo se auto-organizava, por exemplo, era uma satisfação enorme. Professor, então, que sempre vivia reclamando que não tinha tempo. Quando um professor conseguia se organizar, então..., era praticamente uma declaração de amor, realmente, estava tendo um significado para eles.

Algumas figuras eram variáveis, eu acho. Pessoas que não eram professores, mas, que trabalhavam na escola, funcionários e os membros da comunidade. Eu acho que, pela minha experiência, eles foram saindo, do meio para o final, ficaram, basicamente, professores e alunos.

Os membros da comunidade que participavam, às vezes, eram pessoas mais “tarimbadas”, agentes comunitários ou lideranças comunitárias. Eles faziam um ótimo “meio de campo”, entre os alunos e professores, mostravam que havia um

saber fora da escola. Eles estreitavam bem as relações e isso era uma vitória pra mim. A escola fazer sentido no lugar onde ela existe, no espaço geográfico, humano, social, para as pessoas. Não ser somente um “aparelhão” do Estado.

12- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Depois fui percebendo, não inventamos a roda mesmo, a mediação lembrava muito aquele processo da “Maiutica”, às vezes, ficávamos, simplesmente, mostrando o que eles já sabiam, só que não conseguiam articular.

O nosso trabalho é um pouco de estar com eles nesse momento que a “coisa” estava quase funcionando, mas, por algum motivo, era obstruída, então nosso trabalho, eu sentia assim, de estar lá, naquela hora, quase degringolando, conseguir dar uma palavra, nomear aquilo e atravessar esse obstáculo junto com eles.

Daí é que eu acho que não tenhamos, propriamente, os capacitado. Em algum sentido sim, mas esse não me parecia o objetivo principal. Acho que formalmente é. É difícil explicar essa não objetividade epistemológica do projeto..., de não o que vocês fazem, mas, quais são os indicadores que estão sendo feitos.

É que essas pessoas continuariam sendo pessoas sem expressão, se não conseguíssemos trabalhar com elas a percepção da capacidade, ocultas da proximidade de se expressar, continuariam somente com o saber técnico de ligar, desligar rádio, colocar uma antena.

O que posso dizer que não seria muito difícil de uma formação técnica, de um curso técnico. Acho que nesse ponto pecaríamos, porque seria um técnico ruim. A nossa intervenção era voltada para as relações dessas pessoas e eu tendo a acreditar que não inventamos as relações entre as pessoas, levamos essas relações a elas.

Elas praticavam ou não, mas, tinham a potencialidade de praticar. O que fazíamos era estar lá, naquele instante e acreditar junto com elas que aquilo era possível. Pode parecer bastante subjetivo, mas, é justamente essa suposta desvalorização dessa subjetividade que fazia com que essas pessoas não pudessem tomar a palavra e é justamente pela subjetividade que conseguíamos quantificar.

Quanto tempo leva para as pessoas passarem a falar? Qual é o tempo da política pública? Então vamos quantificar o tempo que leva para as pessoas tomarem a palavra. O problema é que o tempo das pessoas não é o tempo da política pública. Fazíamos um esforço para que esse tempo das pessoas acontecesse ali, naquele tempo que dávamos políticas públicas para elas. Tínhamos a capacitação, mas, a capacitação não era o fim em si mesmo, era, justamente, para “turbinar” a potencialidade deles.

13 - Então assim, esse tipo de comportamento mais receptivo dessas pessoas seria quando elas tivessem mais abertas ao diálogo e mais propícia a se colocarem, a falarem...

É nesse sentido, que cabia à equipe criar um ambiente confiável e confortável para que isso acontecesse. Foi nesse momento que aproveitei muito da minha formação em Psicologia. Nessa época, eu estudava a continência, espaço de continência, se não houvesse espaços de continência, que delineiam o espaço que estamos dentro, fora.

Sem esses espaços de continência nós estaríamos, em termos da Psicologia, no delírio, na psicose, na psicopatologia. Em alguns sentidos, era com isso que se trabalhava, só que num quadro social. O silêncio não era sinal de saúde, não era o silêncio de movimento de transformação, era o silêncio de se apagar, de anulação. Vários elementos contando contra a possibilidade de uma expressão livre, de se surpreender com a vida...

Retorno. T: 55m20. Não é o tempo de ser livre. É ser livre no seu tempo. Têm-se essas tarefas, como é que conseguimos ser livres realizando essas tarefas. Acabamos por burocratizar a nossa liberdade também, quer dizer tem o momento de pensar, de fazer, de amar. Eu achava que, ali, conseguiríamos fazer alguma coisa.

Era difícil normatizar e sistematizar, porque havia o momento de explosão das pessoas. As pessoas brilhavam, se mostravam, havia uma paixão das pessoas em querer fazer. Eu achava que isso era lindo e seria mesmo lindo se essa paixão saísse dali, se fosse alguma coisa genuína para a pessoa.

14 – Em sua opinião, como os conceitos educacionais foram aplicados na prática no Educom.rádio?

Eu repito, um pouco, aquela idéia da congruência. Acho que a minha melhor formação foi tratar disso para organizar a equipe, usar os conceitos para organizar a equipe. Foi o momento que deu para perceber algumas limitações, onde é que o “calo” apertava mais e, nosso ecossistema, nossas próprias mediações, pensando nesses termos, a gestão participativa. Fazer a gestão participativa com necessidade de sistematizar tudo. E aí?

E eu me perguntava, porque não partia do pressuposto que era contraditório. Eu pensava..., será que eu estou sendo muito piegas? Acho que estou valorizando demais o diálogo e estou evitando o embate. Porque havia embate em função disso. Havia separações, saída de pessoas. Quando houve uma saída em massa, por parte da equipe, eu acho que era a parte da equipe que, também, brigava muito por essa idéia

da congruência. Eu fiquei chateado, e bravo com eles também, porque eu sentia que eles eram importantes para mim e estavam saindo.

Questionei-me, também, porque não saio daqui? Evidentemente, devem ter acontecido outras coisas que eu não soube. Eis a questão. A possibilidade real de comunicação de tudo, de transparência absoluta. Eu ouvi dos que saíram e estavam envolvidos nesse conflito, que ambos tinham argumentações e ambos estavam constrangidos pelo que aconteceu.

Ao menos isso, achei saudável, sentiram que houve uma perda. E eu fiquei até para ver isso, qual era o caminho que iriam tomar depois, até quando, com os nossos conceitos, conseguiríamos acalmá-los no nosso cotidiano de trabalhadores, de educomunicadores.

15 - Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediador no projeto?

Eu acho que a grande escola de mediação foi a formação de equipes. O que eu mais sentia falta no final.

16 - Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Absolutamente não, mas também não absolutamente. Eu acho que o resultado foi relativo, em termos institucionais.

Em algumas instituições, inclusive, soube de dois lugares, recentemente, em que funcionava, ainda, o projeto do Educomrádio e que até foi expandido. Soube, também, de uma escola que praticou, durante um período, e agora está abandonado. Esses parecem que conseguiram emplacar, mas a grande maioria não conseguiu emplacar o projeto de rádio, faltou equipamento, o equipamento foi entregue fora da época do curso, mas, acho que é um indicador preponderante de problema, para consolidar, quer dizer, não dá para ficar falando sempre para as pessoas fazerem programa de rádio sem ter equipamento de rádio.

Pode-se esperar que uma faça, supere todas as expectativas, junte um pessoal, faça uma “vaquinha”, conseguir patrocinador para comprar equipamento, mas não podemos esperar que 455 façam isso. É o caso das pessoas se autogerirem, mas a política pública não é auto-gestão. A política pública é garantir uma estrutura.

O curso foi a estrutura que melhor funcionou. Foi o fluxo de saber, mas, materialmente foi bem falho. Em termos de saber, acho que ficou bastante coisa e não ficou para a escola, ficou para as pessoas. Em prática escolar, acho que não.

O projeto, como um todo, não mudou a cara das escolas, como se pretendia, talvez, um objetivo muito onipotente, muito pretensioso. As pessoas ficaram com os saberes. A perda disso é muito provável, porque as pessoas não dispõem de espaço para desenvolverem esses saberes.

17- Ser um mediador alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Sim, eu acho que, por exemplo, essa idéia da “Maiutica”

Aprendi bem. Acho que é uma “coisa” que fez muita diferença. Como uma ancestral distante da mediação, mas com tudo a ver, nesse processo de mediação, porque eu estava lá, tentando fazer isso. Não era só o pensar e fazer. Era pensando e fazendo. Isso eu acho que fez mudar minha percepção, algo que eu tinha antes de começar o Educom.rádio que era uma crítica às críticas da escola.

Eu não sabia dominar isso. Eu não tinha recurso, não tinha instrumento. A mediação foi um instrumento que eu descobri e não para substituir a crítica, nem substituir a escola, mas, para se incorporar esse processo da prática escolar, da crítica da prática escolar, é, justamente, o que faz a mediação, que não seja a polarização..., ou estamos do lado da crítica, da verdade, ou do lado da prática, do como as coisas funcionam no dia a dia, da pragmática. Queria sair disso, mas, não tinha subsídios.

A idéia de mediação me forneceu um subsídio muito interessante, me deu um suporte e uma confiança que existe alguma coisa, além disso. Não é preciso declarar-se ou só a favor da prática, ou só a favor da crítica, mas, tentar fazer a interlocução das dimensões.

18- Você leva o “papel” de mediador para outros ambientes fora do mundo da escola?

Sim. É interessante ouvir um pouco a impressão que as outras pessoas têm a respeito de se fazer esse exercício. Esse trabalho do Educom.rádio.

A época que eu trabalhei no Educom.rádio coincidiu com uma percepção que algumas pessoas me emitiram, de nome e respeito, justamente eu, conseguia superar alguns conflitos. Ajudava superar alguns conflitos, eu acho que isso era um pouco graças a trabalhar isso no Educom.rádio e trabalhar isso em mim, também.

Como aceitar os conflitos. Acho que o lugar mais difícil, isso tem a ver com aquelas “coisas” biográficas, que levam a gente a trabalhar com determinadas coisas, que faz com que nos preocupemos com a família. É porque, talvez, seja o espaço mais evidente em que não há abertura. É um espaço que eu gostaria muito de aproveitar mais.

Acho que aproveito com uma ou outra pessoa. Tem uma passagem que foi muito marcante para mim, não me recordo bem, fiquei esperando meu pai, minha mãe, estava na cozinha e meu pai chegou e eu tinha que falar com ele alguma coisa, queria explicar alguma coisa para ele, meu pai nem deu a “mínima” para mim. Eu fico pensando hoje, como esse desejo de comunicação, de interlocução...

19 - Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?

Eu acho que é um ato de superação de conflitos. Um ato intencionalmente realizado para superar conflitos, conflitos de aprendizagens. É um problema definir como conceito, porque é bem fugidio. Nós mesmos não conseguimos, no trabalho de mediação. Até hoje, se juntarmos três pessoas que, trabalham aqui no NCE, elas irão dar três versões diferentes.

Para o conceito acadêmico isso é complicado. É um ato intencionado, porque tem certa restrição, certo princípio não é só o fazer e não é qualquer pessoa que faz a mediação nesse sentido. É o que está entre o conceito e a prática. É um conceito de construção. Tem uma tendência.

A minha impressão é essa construção mais constante, em termos de poder exercer mudança. Acho que não consigo definir isso não, mas se a idéia não é chegar a um conceito até para facilitar a multiplicação em questão de outras pessoas.

Nesse sentido, a mediação tem muito a ver com a experiência de vida das pessoas que estão praticando. O estilo de mediação. Eu acho que na educação isso tem ficado bem mais evidente, estão estudando esse estilo docente, também. Têm muitos estilos de concepção e de mediação.

Não é mais o transmissor do saber. Pensar mediação está sendo compensar o processo educativo. Acho que o momento social traz com ela as confusões que estamos tendo para definir ideologia, definir a organização das instituições, nós mesmos, identidade, cultura, sexualidade, etc.

Acho que a mediação não consegue se safar, a crise da modernidade, enfim..., mas eu tendo a acreditar que ela tem uma. Acho que ela acabe num determinado problema

de princípios, lidar com os direitos humanos, com diálogo, com organizações, não tão hierarquizadas.

Acho que a mediação, como ato, cai muito bem com algumas práticas sociais, não cai muito bem com a discriminação, a disputa do poder pelo poder. A mediação fica sendo um conceito considerado ingênuo. O paradigma é outro.

Dentro de um paradigma, cujo objetivo é o bem estar comum, a naturalidade, a mediação é um enorme instrumento, eficaz e que permite, por pressupor a pluralidade, a variação das suas possibilidades de exercer esse ato, justamente porque o que o caracteriza é a intencionalidade, não é só a técnica, com vistas à realização do ato.

20- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

Compreendo como um saber que tem um projeto de construir um lugar e não é um lugar à parte, dos que já existem. É um lugar para tratar, principalmente, a meu ver, do fator educativo da comunicação. Acho que a educomunicação é um projeto.

21- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

O professor Ismar, o Adilson Citelli, acho que a Marina Franco, os textos que fazem parte do caderno.

Lembro de uma época em que foram deixados textos lá no xérox, havia uma tentativa de difundir as leituras de textos, mas esse projeto não foi adiante.

Não sei, mas havia uns filmes... Instituto Paulo Freire, educação emancipadora.

22- Em sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

Do Educom.rádio, eu acho que era o sistema de comunicação, que merece toda a discussão, mas era um fundamento, mesmo sem saber direito tínhamos uma noção, trabalhávamos com noção.

Eu acho que a idéia de recepção ativa do Martin Barbeiro. Estou com dúvida se é o diálogo ou a ação comunicativa.

Às vezes, eu me pergunto se Paulo Freire pensa teorias, na verdade, pensa ações. É difícil colocá-lo como teórico.

E essa idéia do ecossistema que é uma idéia inacabada.

23- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Acho que tiravam leite de pedra e tiravam leite de pedra, no momento em que a formação tratava disso como parte da formação. Acho que ficava mais evidente o nosso papel em relação a isso. Depois, quando os papéis tiveram que ser mais formalizados e definidos, as pessoas passaram a responder por atribuições e eu creio que o pessoal da Secretaria, passou a ser mais bode expiatório dos problemas, porque tinha uma articulação de formação e uma articulação formal. E era um espaço que gera conflitos.

Particularmente, eu acho que foi um de distanciamento, cada vez maior, entre a equipe de atuação e administração. Cada um tinha um papel para exercer, não discutíamos esses papéis, então se alguma coisa estivesse errada, acusávamos o outro que não fez certo. Se não mandam os relatórios..., vocês não mandam os relatórios, vocês não têm responsabilidade. Não podemos pegar o dinheiro, porque vocês não avisam quando o dinheiro vai sair, etc.

Acho que havia uma divisão territorial maior, ao longo do projeto. Só conseguíamos nos juntar, eventualmente, no final e tinha que dar certo, como uma boa instituição organizada. No sentido mais tradicional.

24- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio, que era do professor Ismar?

Eu acho que no geral ela conseguiu mudar pouco, acho que ela foi uma daquelas que mudou menos. O professor Ismar estava, sempre, lá no projeto e ao mesmo tempo não estava e isso pra mim era bom, porque eu não me sentia vigiado. Eu me sentia com responsabilidade, se eu fizesse alguma besteira, ele estava lá.

E tinha, nessa parte acho que mudou um pouco, a interlocução com a equipe. A interlocução para pensar essa parte dos fundamentos teóricos e os procedimentos práticos, da ação. Acho que no final não estava acontecendo tanto. Eu nem achava ruim, era muito cansativo também.

Havia uma desvalorização das reuniões gerais. A equipe costumava fazer o que se faz numa boa e velha organização. O projeto precisava sair, as coisas precisavam acontecer. Acho que esse processo de comunicação, a participação em cada atividade, que não acontecia, mas, na hora de fazer as coisas precisava acontecer a articulação disso, aí..., acabava na cabeça da articulação do grupo, as coisas eram decididas no conjunto, sem a presença de todos, mas, como fazer? Se pensássemos, coletivamente, tomar um rumo num mesmo grupo e num pequeno grupo poderíamos tomar uma decisão coletiva que nos levaria a outro rumo. Essa era uma parte meio dura.

Acho que aconteceu..., ele não é responsável sozinho, mas, também é responsável como supervisor. Não sei por que centralizar tudo nele, a equipe como um todo não conseguia dar conta disso!

Como a pessoa acadêmica, mais acadêmica do que tudo. Acho que ele tinha um papel a ser feito, de certa forma ele era um grande mediador. Um grande mediador, em todos os sentidos.

Mediador é aquele que faz média. O professor sabia dosar muito bem, muito sensível em perceber conflitos inflamáveis. Havia intervenção por parte dele, não me lembro de intervenções totalitárias, lembro de intervenções contundentes, com coerência, com diálogo, mesmo que não fosse para atender as partes.

A prefeitura mandou que entregássemos os folhetos. E que isso não fosse mais uma faísca para explodir o trabalho. A melhor presença dele, ao longo desse processo, acho que foi evidenciar o fato de que a equipe, como um todo, não conseguia fazer isso, tão bem quanto ele sabia. Acho que tínhamos certa dependência dele, dificuldade de andar com as próprias pernas. Ao menos tínhamos um inspirador, eu admirava essa capacidade de interlocução que ele tinha. Ele conseguia fazer a média e a mediação.

Ele conseguia garantir a dignidade da equipe. Acho que como ele, poucas pessoas faziam. Ele, nesse papel de supervisor, fazia papel de valente, de servir como uma referência, de realmente tentar praticar e observávamos como ele fazia, mas, por outro lado, era uma função que não conseguiu diluir propriamente, talvez, agora, pensando, justamente, porque era o estilo dele e não conseguimos aprimorar os nossos estilos tão bem como ele tinha aprimorado o dele. Nos sentíamos inseguros em alguns momentos.

Era assim, não era certeza, era mediação humanizada. Não tem isso, mas tem aquilo. Como é que se chegou a isso. É a disposição para querer saber. Era uma supervisão, uma super audição e, nesse sentido, funcionava, era um fenômeno dentro do grupo, que não foi substituído. Poucas pessoas conseguiram fazer e ter a noção do todo, acho que essa panorâmica da totalidade, faz a diferença.

25 – Qual a relação que você teve com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Não era muito comum não. Acho que eu tive mais relacionamentos quando estava como assistente do grupo, eu fazia o “meio de campo”. Conversava com a secretária, o zelador, a questão dos lanches com as merendeiras e os merendeiros.

Não sei se eles tratavam a gente diferentemente ou não. Eu não tinha esse parâmetro, às vezes, eu achava que eles faziam porque a direção os mandava fazer.

E nessa época, tive uma experiência nefasta com uma professora. Ela era cursista, mas, não era só cursista, ela nunca se juntou ao grupo, porque na verdade ela trabalhava no projeto vídeo. Tinha a impressão de que ela jogava contra a gente, podia estar dando tudo errado, problemas de infra-estrutura e tudo o mais..., e ela não se manifestava jamais, pelo contrário, em alguns momentos, começou a acusar e a enfraquecer o trabalho e a equipe, atuar contra o projeto até, porque ela tinha um papel central, ou seja, ela fazia parte do departamento da prefeitura que tinha o convênio com o NCE . Foi terrível o trabalho, naquele semestre.

A articuladora naquela ocasião saiu destruída, como pessoa, se sentiu humilhada. Foi um contato deprimente, uma bela demonstração da inércia dos gestores, de cargos que são ocupados por pessoas despreparadas e descomprometidas.

De maneira geral, havia uma solicitude com a gente e ao longo do curso essa solicitude aumentou um pouco. Essas situações foram situações marcantes, porque quando a coisa não dava certo, não dava certo e arrebatava.

Não tinha comida, arrebatava um curso inteiro, porque aquilo ia sendo retomado sempre, mas no geral, havia essa solicitude e isso foi também uma aprendizagem dentro do Educom.rádio.

No começo eu achava, estranho, mas fui mudando de opinião em relação a reconhecer aquelas pessoas como necessárias. Se não falarmos, nem sempre lembramos e até para cobrar também. “Estamos aqui na escola, pessoal”..., essa senhora aqui é a Maria, trabalha a semana inteira aqui, ela vem para a escola aos sábados para trabalhar e colaborar conosco, mas, isso não significa que temos que jogar o lixo no chão, muito pelo contrário.

Esse relacionamento, também, facilitava, porque acabávamos criando uma relação de amizade, fraternidade e solidariedade. Eles também se sentiam importantes. O rapaz ou a moça que cuidava da chave da portaria, não são só uma função, são duas pessoas. Eu explicava o reconhecimento do ponto de vista social.

Talvez, um dia precisasse fazer o lanche mais cedo, porque tinha que voltar mais cedo para casa. Ah..., mas vocês têm que cumprir horário, então, eu tentava mediar esse processo para que não houvesse burocracia. Temos um compromisso formal sim, tínhamos as pessoas que respondiam por isso e tínhamos, pela idéia de mediação, certo grau de autonomia. Nesse ponto a relação funcionava bem. Tínhamos um

poder de decisão, de mobilização de recursos, ao invés de contribuir para que as pessoas esperneassem.

Enfim, ao invés de nos sentirmos cuidados, apoiados..., nos sentíamos traídos, violados. Literalmente, fazia o papel de espiã, para nos comprometer.

Entrevista 05.

1- Nome: Márcia Gomes da Silva

2- Data de Nascimento: 01.10.1973

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Eu já era Pedagoga, depois fiz pós-graduação em Psicopedagogia, na época fiz uma pós-graduação, que não cheguei a concluir. No final o curso não foi reconhecido e encerraram, era mestrado até. Eu fiz todos os créditos e ainda estou resolvendo, mas independente disso, valeu a pena fazer o curso, foi muito bom.

4- Quais as fases que você participou do Projeto Educom?

Acho que final da fase quatro, a cinco, a seis e a sete.

5- Todas como mediadora?

Todas.

6 – Qual é a atividade que você desenvolve hoje?

Sou Professora. Hoje estou trabalhando com educação infantil, muito bom. O resultado é muito visível e eu acho que é bem gratificante. Em três ou quatro meses de trabalho você tem outra criança

7- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse naquele momento?

Era experiência mesmo, porque eram adolescentes e eu queria ter essa experiência de trabalho com adolescentes. Eu achava, até então, muito difícil, eu achava que jamais conseguiria trabalhar com eles. Fiz como um desafio, para mim mesma, acreditando que estava contribuindo para o desenvolvimento daquelas pessoas.

Eu adorei a proposta.

8- Como você ficou sabendo?

Através de uma amiga que estava trabalhando no Educom, ela me disse que o projeto era minha cara, que iria adorar. E eu já fazia um trabalho como voluntária numa Ong, com alfabetização de adultos e só mudava o perfil dos

estudantes, mas sempre, com essa visão da sociedade, sempre para esse lado de protagonismo.

9- Como mediadora, qual era o papel que você deveria desenvolver lá com os cursistas?

Tínhamos que promover um ambiente, que fosse propício para a discussão, que levasse as pessoas a refletir sobre os temas propostos. Eram temas transversais, de acordo com os parâmetros e tínhamos que fazer as pessoas discutirem e refletirem sobre aqueles pontos.

Não chegávamos com nada pronto, mas, promovíamos a discussão. Tínhamos uma proposta, um objetivo. Explicávamos tudo, tudo tinha um nome. Era um caminho que fazíamos, uma reflexão até sobre os pontos que tínhamos como proposta.

10- Durante as capacitações e até o final do curso de cada fase, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediadora e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Um pouco. Questionávamos muito, tanto que nem chamávamos mediador. Chamava capacitador. Esse foi um problema que a nossa equipe que levantou: porque falar capacitador se não capacitamos ninguém a nada.

Em uma das capacitações, numa reunião, até estava o Ismar e tudo, um membro da nossa equipe levantou, foi lá na frente e falou: “Pra começar o assunto, o primeiro ponto é esse que não tem nada a ver chamar capacitador, porque a gente não capacita ninguém”.

E eu acredito que, não me lembro agora, mas, acho que ele até sugeriu mediador. Passaram algumas capacitações, logo na outra fase, o material veio todo como mediador. Questionávamos, também, a questão de algumas coisas virem prontas, como uma cartilha.

Discutíamos muito com o articulador a respeito, o primeiro articulador com que trabalhei foi a Gracia – que nos dava total liberdade.

Às vezes nem tínhamos como desenvolver aquilo, que estava ali proposto, então ela falava: “desde que não fuja do objetivo”..., isso era muito bom. Dependendo do articulador, não. Tínhamos que fazer tudo do jeito que estava ali, escrito na cartilha, lá do Educom.

Eu acho que houve um pouco de contradição, querer formar pessoas com cartilhas. Formar não, mas informar, porque não formamos ninguém.

11- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

Para falar a verdade eu não lembro. Não me lembro de dificuldades. Lembro de algumas dificuldades burocráticas. Coisas que não dependiam de nós, dependiam da organização do evento, por exemplo.

Às vezes, as coisas aconteciam muito em cima da hora, falávamos alguma coisa para os meninos e na hora já havia mudado, era de outro jeito, mas não que nós tivéssemos mudado, era difícil por questões burocráticas, de estrutura.

Não sei se você vai ter perguntas sobre professor, mas, achei muito difícil trabalhar com professor, porque eles são hiper, mega resistentes. Trabalhei com os cursistas, estudantes, a maioria das vezes eu trabalhei com estudantes e, de zero a 10, nove e meio para trabalhar com os estudantes. Trabalhar com os professores é bem mais difícil. As idéias super cristalizadas.

12– Porque tinha mediador que só ficava com os professores, né?

Combinávamos, dependendo da oficina. Vamos supor, numa oficina de vídeo tinha o ninguém mais indicado do que a pessoa que fazia Rádio & Tv.

12- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Acho que quando ouvíamos coisa a respeito das atitudes deles, por exemplo, chegou um momento que não nos preocupávamos com a questão de horário, terminado o almoço ninguém precisava ficar chamando, todos tinham a responsabilidade de retornar às salas e esperar, talvez, houvesse ocorrido uma conscientização, proporcionando uma boa mudança na postura e nos comentários que faziam acerca dos programas, também. Não da qualidade do programa, mas, do que se discutia no programa. Eles não criavam, faziam coisas com a cara deles e, não apenas, mudavam aquelas paródias, aquelas “coisas” que ouvem todo dia.

Também comentavam o que estavam realizando na escola, dávamos o maior apoio, incentivávamos. Eles já estão atuando lá. Eles conseguiam mudar.

Sempre comentavam a respeito das festas ocorridas na escola, se não gostavam..., mudavam de certa forma se apropriaram dela, tendo “voz” para questionar. Percebemos que aquele grupo estava se reunindo, se encontrando. Até ouvimos o seguinte comentário, de um professor:

“Vocês estão estragando os nossos melhores alunos”, isto porque, anteriormente alunos não falavam nada, não questionavam, o que chegasse estava bom, era assim e acabou, mas, percebemos que não era bem que queriam, então começaram a falar, a ter atitude.

Conversávamos muito a respeito de como falar e o que falar, que faz parte da Comunicação. Tenho certeza que mudou muita coisa.

13- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Em todas as fases que trabalhei, sim, por parte dos estudantes. Dos professores nem sempre, quase nunca. Dos professores acredito que devam ter reclamado. Estou expondo minha opinião, não é nada que eu possa comprovar, mas a impressão que eu tenho é que a melhor receptividade foi por parte dos estudantes.

Os estudantes amaram, todos. Os professores não foram tão receptivos, porque, às vezes tocávamos em pontos que eles não gostam de falar. Chegávamos em assuntos que falavam a respeito do trabalho deles, da postura deles enquanto educador.

Os alunos são o resultado da proposta deles e, é claro, a “coisa” não é tão linear assim. O professor se vê numa posição autoritária, acreditando que o seu trabalho é o melhor e que os alunos não queriam aprender. Sentíamos que os professores pensavam da seguinte forma: “Sou professor há 500 anos, quando Cabral chegou aqui eu já era professor e você que tem aí seus, 30 anos, 20 anos de vida está falando o quê?”

Tínhamos que versar muito isso de não menosprezar e não desprezar o trabalho e o que eles tinham construído até ali. Era necessário questionar mesmo, porque ali não tinha professor, não tinha aluno, tinha cidadãos, membros da sociedade, da comunidade local e que tinham que se perceber enquanto cidadãos, por isso, tínhamos que ficar ao lado dos estudantes, não éramos professor deles, isso fez toda a diferença. À hora do almoço

percebíamos que os professores não se misturavam aos alunos como nós. Sentiam-se onipotentes, enquanto nós nos misturávamos procurando contado, diálogo com os estudantes. Não formávamos um grupo de mediadores.

Sentávamos onde houvesse lugar e ficávamos conversando todos. Uma coisa natural.

Os professores costumavam chamar a atenção dos alunos na hora do almoço, discordávamos disso, achávamos que tinham que ter mais liberdade, se quisessem ir ao banheiro, poderiam levantar-se e ir, se não quisessem comer poderiam deixar a comida de lado, cada um é responsável pela sua vida, tanto que não tivemos problema algum com o portão. Não houve necessidade de trancá-lo para que os alunos não fugissem como pensavam os professores.

Pensávamos que se os alunos fugissem, talvez, fosse melhor largarmos tudo, porque o nosso trabalho não estava sendo bem feito, estávamos realizando um trabalho horrível. Se chegasse o dia em que os alunos saíssem para almoçar e não voltassem mais poderíamos desistir, pois, nossa proposta havia sido lixo.

Isso nunca aconteceu. O portão estava sempre aberto. Dávamos liberdade para que saíssem para comprar lanche, caso não gostassem da comida, mas, deixávamos bem claro que estavam sob nossa responsabilidade, se acontecesse alguma coisa... Certo dia, um aluno saiu para comprar lanche e não retornou mais, foram proibidos de sair. Talvez se tivéssemos dito não podem sair, tem que trancar o portão, é provável que pulassem o muro e fossem comprar cigarro, por exemplo. Jogávamos sempre a responsabilidade para eles.

Será que precisavam comprar alguma coisa lá fora? Por que eles precisam comprar lanche? Começamos por aí. Por que eles odeiam aquela comida? Por que eles odeiam aquela comida? Na verdade, você também odeia aquela comida e você sai para comprar pão, para comprar lanche, entendeu?

Pode ter certeza que quando há um motivo, não é só deles. Eles não são diferentes de ninguém. Eu também queria comprar um sanduíche quente se me dessem um fubá para comer. Eles não se ouvem, a questão é essa. Tanto que quando conversamos a respeito disso, acabou... Ficávamos preocupados porque trabalhávamos na periferia, onde há muita violência e se levassem um tiro, como ficaria aquela situação?

Observávamos que por uma atitude errônea deles, acabava o projeto, acabava tudo, tinham que ter responsabilidade. A opção é de cada um. Não quiseram sair mais. Nunca tivemos problemas com o portão aberto.

14 – Na sua opinião, como os conceitos educ comunicativos foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Foram essas discussões com eles. Que o mais importante que o programa em si era como o programa estava sendo feito. Dentro do planejamento, daquilo que você vai falar no programa, você tinha aquela coisa da gestão democrática, das pessoas começarem a te ouvir e não apenas aquele negócio.

Ah! Eu sabia que ia ficar ruim, olha lá. Eles quiseram fazer, olha lá, ficou ruim. Eu falei que ia ficar ruim. Então a gente jogava sempre pra eles, assim. Ok , você sabia que ia ficar ruim, tal, tal, tal. Mas meu, quando que você segurou a onda, mesmo, da sua idéia. Porque é muito fácil a gente falar assim e é assim que a gente fala todo dia, né?

Assim que a gente fala aí fora. Ah! Eu falei mesmo. Levantou, ó, problema teu. Eu falei que não ia dar certo. Mas assim, você tem tanta responsabilidade quanto quem falou que ia dar certo. Porque você não conseguiu mudar o ambiente. Você não conseguiu colocar tua idéia de maneira que todos compreendessem aquilo que você estava falando, será que você colocou da melhor maneira.

Porque ninguém te ouviu. Porque será que ninguém quis ouvir o que você tinha para falar. Será que você sabe se expressar. Então todas as vezes que a gente ouvia um programa a gente conversava não só sobre o programa, mas sobre como o programa tinha sido feito. E era ali que a gente colocava esses conceitos assim.

E a gente saía da sala também, quando eles estavam fazendo. Mas toda hora a gente voltava, aparecia por ali, ficava meio ouvindo. A gente anotava algumas coisas que aconteciam no decorrer daquilo que eles estavam fazendo e depois na hora da avaliação do grupo a gente colocava. Pô, mais eu vi você gritando. Será que essa é a maneira certa e tal. E falava abertamente.

C – Vocês sempre faziam essa avaliação?

Todas às vezes, infalivelmente, com o grupo. Que era a melhor coisa. E essa avaliação era o início da nossa reunião enquanto mediador no nosso próximo encontro.

o8- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediadora no projeto?

Olha, vou falar a verdade. O que eu aprendi foi com a Gracia e o marido dela, que eu não sei por que não lembro o nome dele agora. Gente ele vai querer me matar. (risos). Foi através das reuniões que a gente tinha com eles. Porque aquelas capacitações lá que tinha com todo mundo e não sei o quê, eu não me lembro de ter. Não era aquilo que me embasava não.

C – Você acha que isso foi mais produtivo

Sem dúvidas, 99 por cento mais. Porque ele colocava do mesmo jeito que a gente colocava para os meninos, entendeu?

E nas capacitações lá, do Professor Ismar, por exemplo, era muita aquela coisa assim, eles lá na frente e a gente lá. Era diferente. Talvez até a possibilidade de diálogo não fosse tão grande como quando era com a Gracia e com o marido dela.

Eles faziam de um jeito que não tinha como você. Nossa eles iam falando, iam perguntando e depois que eles falavam que aquilo era Educomunicação, entendeu? Então a gente. Nossa. Tudo que eu aprendi assim foi com eles e no dia-a-dia mesmo com a equipe. Eu lia bastante também. Mas entre aquilo que a gente lê e a prática, é bem né.

o9- Você acredita que após a finalização do curso, das fases, foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Eu acredito que para os estudantes sim, para os professores não. Porque, para os professores, muito pouco, vamos dizer assim. Mesmo porque eles não estavam ali porque gostariam de conhecer uma possibilidade de uma nova prática escolar, uma nova prática no profissional, no trabalho deles. Estavam ali porque iam ganhar seis pontos na carreira. Já começa por aí.

Então eles viam como mais um curso, como mais uma teoria que está na moda e que estão ouvindo falar. Mas assim a gente já quebrava muito isso porque os eram jovens, a nossa equipe era muito jovem, eram jovens recém formados da

faculdade. Mas, eu vou falar para você. Eu que já era formada há algum tempo. Aprendi muito com eles. Eles tinham acabado de sair da faculdade, nunca tinham sido professores, mas vou te falar. Davam um banho neles.

A gente sentava com 40, 50 moleques assim, que eram muito mais moleques do que meninas. Aqueles que tocam o terror na escola. Os caras vinham de óculos escuro, não sei o que na cabeça, vinham para aterrorizar. Meu, a gente entrava numa sintonia tão grande de diálogo que quem passava na porta falava meu que está acontecendo ali.

Então assim, acredito que pra eles, eu acredito que surtiu mais efeito, para os professores muito pouco. Não vou dizer nada, mas vou dizer muito pouco. Eles ainda se viam como donos da rádio.

Então vamos supor, houve uma nova prática na escola, eles vão utilizar a rádio como meio. Ok, então, vamos fazer um programa. O professor que marcava a dia do encontro, a hora, o local. Chegava lá ele que anotava as opiniões e aí ele melhorava a redação e falava o que os meninos tinham que falar.

Ou seja. Aí eles chegavam lá no outro sábado descendo a lenha. Ah! A gente se reuniu, mas ele acha que é o dono da rádio e não sei o que. E a gente deixava bem claro que não existe dono da rádio. Existe uma equipe, naquele momento, estava ali responsável pela programação, pelo que a rádio ia ser na escola, pela cara que a rádio ia ter e tudo o mais.

Mas ali não tinha professor Antonio, Maria ou José. Ali tinha pessoas, um grupo, equipe do Educom. Ninguém era professora, ninguém era gerente. Não existe isso assim. Então, você via que tinha um movimento de fazer uma prática diferente, vamos dizer. Mas aí é aquela coisa que eu sempre falo, e o como né, e o como? Que era mais importante até. A gente tinha medo também da rádio virar aquela coisa de, a rádio serve para passar recado da diretoria, entendeu?

Então, acredito que houve uma mudança, na prática escolar, tal, tal, tal? Pode até haver, mas muito pelos estudantes.

10- Ser uma mediadora alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Nossa, totalmente. Eu mudei muuuuuuuuito, risos. Vou dizer que eu mudei total, com certeza eu comecei a ver assim quanto era autoritária nas minhas

palavras, nas coisas que eu falava, como professora mesmo. O quanto eu induzia as respostas, as coisas que eu queria passar e não era algo que foi concluído pelo grupo, era algo que eu induzia a conclusão.

Eu comecei a ver o jeito que eu era, que eu fazia. E claro, com carinho, com amor, com todo o meu jeito e tal. Mas que através de palavras doces a gente também é autoritário. Autoritário não é um cara carrasco e tal, mas é pior ainda, é um cara que utiliza daquilo. Sei lá, daquela coisa que a gente não vê.

Eu mudei demais. Mudei muito assim. E quando a gente começava a discutir nas nossas reuniões e tal, nossa aí é que eu me dava conta.

Tanto que nas últimas fases assim eu estava muito melhor como mediadora, mas muito melhor. Tudo é da sintonia também que você tem com as outras pessoas e a gente ia traçando um caminho pra que eles chegassem junto, nós chegássemos juntos, vamos dizer. E isso é muito difícil para professor.

Professor ele dá duas chances. Ah! Pessoal o que vocês acham disso? Ah! Tal coisa, um responde. Isso, muito bem, essa coisa (risos). Sabe. Ele já, ponto, conclui. Professor, nossa, só de você falar que é professor já tem um pouco isso sim. E exercitar ouvir as pessoas, exercitar caminhar com as pessoas. Nossa, foi totalmente no Educom que eu aprendi.

11- Você leva o “papel” de mediadora para outros ambientes fora do mundo da escola?

Levo, todo dia, levo sim. Porque eu trabalho também numa Ong, Associação que é filiada a uma organização chamada FGI, internacional e tem como premissa paz, cultura e educação. Então eu faço um trabalho forte na educação com relação à alfabetização de adultos e é muito da transformação pessoal também, de cada pessoa. Independente de você ali ser um estudante, onde você foi um profissional, uma dona de casa, não importa. Importa é a sua transformação enquanto ser humano, transformação da vida.

12 - Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual é o conceito que você faz sobre a mediação?

Ah! Eu acho que seria como se fosse assim caminhar mesmo, de um determinado ponto, um trajeto, alguma coisa que a gente faz de um determinado ponto até o outro que a gente quer chegar e junto. Acho que o grande lance é esse, é junto.

Então da mesma forma que houve um crescimento, uma transformação das pessoas, sem dúvida houve a minha também.

13- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

Tanta coisa. Tudo que eu falei. Todo dia estamos fazendo e que é a nossa postura mesmo, até estar comunicando alguma coisa.

O mais ênfase é a responsabilidade que temos por aquilo pensamos, por aquilo que falamos, por aquilo que estamos comunicando e que na maioria das vezes nem nos damos conta do que estamos comunicando, enfim, e na maneira que estamos nos comunicando com o mundo, com as pessoas.

Não abrimos os olhos, os ouvidos, não nos damos conta mesmo. E quando falamos de Educomunicação, olhamos para nós próprios para, realmente, ver se o que estamos fazendo está de acordo com o que, realmente, pensamos.

Temos um falso comodismo de achar que é dessa forma porque é desse jeito, porque a diretora falou. Quando começamos a nos comunicar de uma maneira mais clara, mais aberta, mais consciente, começamos a olhar para nós mesmos, para o nosso papel no meio de tudo aquilo e passamos a nos questionar: Qual é o meu papel em meio a tudo isso?

14- O que você está querendo dizer é que é uma postura de consciência crítica, né?

Com certeza. De você, de você com o mundo. Não só de criticar o outro, o mundo e a sociedade.

Temos que ter uma visão crítica não só para com o outro, mas, para consigo mesmo, as duas coisas. É muito a coisa da ação.

15- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação no Educom.rádio?

Fuzari, não tenho certeza. Terezinha Fuzari ou Frussari que fez a parte de um caderno da Educomunicação. Não tem a ver com Educomunicação, mas, líamos muito Paulo Freire. Fazíamos leitura dos professores mesmo, de Educomunicação, da USP, da ECA. Líamos todos os textos deles.

Líamos a Dra. Dilma, que falava sobre preconceito, ela era da teoria da Educomunicação, era orientadora de uma pessoa que estava no meu grupo. A Dra. Dilma escreveu muita coisa sobre Educomunicação.

16- Na sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

Acho que protagonismo. A visão crítica entra como fundamento?

Acho que a visão crítica, não só da mídia, porque são consumidores e consumiam coisas que nunca haviam parado para pensar. E a ação, acho que já entra no protagonismo?

Não sei. Acho que a atuação, de você construir alguma coisa com base naquilo que acredita, com base no que pensa. Por que o que adiantava saírem de lá e ire para casa com tudo aquilo que aprenderam? Tinham que atuar, serem atuantes na sociedade, não só na escola e a atuação deles, na escola, iria repercutir na sociedade, no entorno deles ali. Isso foi uma das coisas que deixamos muito claro. Acho que foi a mais importante.

17. Qual a relação que você teve com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Olha, teve uma das fases que tínhamos umas mulheres, muito gente boa, que estava super a fim de trabalhar. Ah! Será que eu vou lembrar o nome delas. Eram duas que eram responsáveis da nossa ala. Elas eram responsáveis pela gente ali do projeto. Até a gente fez o primeiro Simpósio lá no Céu Cidade Dutra.

Nossa, elas deram a maior força, conseguiram várias coisas pra gente. Foram lá, se envolveram pra caramba, era Cecília e a ... lembro que elas andavam sempre juntas, Roseli, se não me engano. Nossa, elas deixavam o telefone delas pra gente e a gente colocava na lousa para os meninos. Falava assim. Se vocês precisarem e tal. Elas são da coordenadoria da educação, elas estão super a fim de participar com a gente no trabalho. Elas foram à sala, foram muito legal, dialogaram com os meninos. Foi a maior atuação que eu vi assim. Fora isso, nada. Inclusive acredito que elas estavam muito contra-vontade lá, as cozinheiras, pelo menos no início.

C – Trabalhar sábado o dia inteiro?

Pois é, mas o que significa aquilo. O que significa aquele trabalho que você está fazendo lá sábado o dia inteiro, o que você está fazendo ali. Você não está só colocando água no feijão, você está fazendo outras coisas também. E as pessoas não se dão conta disso, sabe? Não vê que o teu trabalho local tem uma repercussão global, ninguém vê.

Principalmente as pessoas que são mais subordinadas a direção da escola, não participativa assim, sabe? Não acham que eles fazem parte daquilo, acham que são subordinadas, comandadas. E às vezes é o que a direção da escola quer passar também. Não é à toa, que eles sentem dessa forma. Não existe efeito sem causa, né?

17- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Olha, quando eu entrei, honestamente, era uma confusão. Acho que não tinha. Não sei. Acho que não tinha pessoas suficientes para segurar a onda da demanda. Porque eu vou falar para você, era gente pra caramba. Todo mundo com as suas peculiaridades e eu acho que eram poucas pessoas para administrar. Eu acho. Então sei lá. Você mandava relatório, falavam que você não tinha mandado. Essas coisas assim. Então achei um pouco confuso. Mas, por falta de pessoas. Porque as pessoas que estavam trabalhavam pra caramba. Mas eu achei que não suportou. Talvez a estrutura não estivesse esperando a demanda que foi. Tivesse esperando algo grande, mas não tão grande, né?

18- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Eu acho que eles eram muito distantes, muito distantes da realidade. Tinham uma teoria muito boa, mas, deveriam estar mais próximos da gente e da realidade que o projeto propunha. Os palestrantes eram ótimos, como profissionais, teoricamente falando. Eram maravilhosos, porém, também, eram bem distantes da realidade dali.

Acredito que tinham que conhecer um pouquinho mais, vivenciar mais para estar mais perto das pessoas. Era como se eles chegassem ali, de para quedas, passassem a mensagem que queriam passar, entravam no carro e iam embora.

Não sei se atingiram a realidade dali. Sentíamos que eles não gostavam, nem os professores, ficavam saturados com as palestras.

19 – Mesmo os professores?

Mesmo os professores. Eram os primeiros.

20 – Todo sábado tinha uma palestra?

Todo sábado, infalivelmente, eu os achava meio estrela, porque tínhamos que ficar esperando a hora que eles chegassem. Acho que deveria ser ao contrário. Eles deveriam estar à disposição da programação e participar da programação, do evento, do dia, afinal de contas a prioridade eram os estudantes, até mais que os professores.

A prioridade eram eles. A proposta. Eu acho que eles deveriam estar mais abertos para outros programas, discutir os programas, porque tinham um embasamento melhor que todos nós. Deveriam, em minha opinião, estarem mais abertos para sentarem com os alunos. Ter mais tempo de conversar mesmo ali no “têti-a-têti” do que chegar lá e falar sobre a teoria em si. Que eu acho que ficou muito pouco para eles.

Acho que se você hoje, passados tantos anos, perguntar para um estudante, certamente, o que ele vai ter para lembrar é das coisas que nós vivemos juntos. E não do que uma palestrante falou, não desmerecendo o trabalho dela, de modo algum, muito pelo contrário, valorizando o trabalho de todos. Eles poderiam ter marcado mais a vida deles aliás, era um tempo pequeno, não era um curso que iriam ministrar, era um dia, um encontro. Acho que poderia ter marcado mais na vida deles, de todos ali.

21 – Você não é a primeira pessoa que fala isso, tem outros mediadores que tiveram essa mesma percepção.

Falando honestamente, valorizando o trabalho deles, não menosprezando, eu estava pré-disposta a ouvi-los, aproveitar ao Maximo, era maravilhoso. Eram experiências, incríveis. As pessoas que iam; eram de primeira categoria, porém, é o que acontece na escola, inclusive, isso é uma contradição porque estamos falando da gestão democrática, da gestão participativa, de todo mundo que se envolveu no processo.

Os palestrantes, em que processo se envolviam? Nunca os vi lá antes caíam de para quedas. Estávamos esperando há dias preparando, se falando por telefone, íamos à USP, levávamos idéias, tomávamos informações, questionávamos: Vamos fazer uma oficina? Vamos fazer tal “coisa”?

Chegávamos lá e ficávamos a mercê deles, esperando a hora que eles chegassem para podermos começar. Eles poderiam ter se envolvido mais, acho que seria muito mais eficiente, eficaz. O retorno seria maior se eles tivessem tido um maior envolvimento. Acho até a maneira como foi feita ser uma maneira muito contraditória. Embora o conteúdo levado tenha sido de primeira categoria.

Entrevista 6.

1- Nome: Maria Célia Rehder

2- Data de Nascimento: 26/10/80

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Estudante de jornalismo

4- Fase de participação no Projeto:

Humm, agora você me pegou... Se não me falha a memória, 4ª / 5ª e 6ª fase, só não participei da última, pois fui morar em Timor-Leste por conta do projeto 'Universidade em Timor-leste', onde por meio da música sensibilizamos o povo local para o aprendizado da língua portuguesa, ou seja, fiz uso da educomunicação para a realização deste trabalho. Acho que aqui vale um breve relato....

Enquanto eu atuava como mediadora no Educom.rádio, eu também trabalhava como produtora e repórter da TV Mackenzie - Canal Universitário de São Paulo (CNU). Um belo dia, um embaixador foi falar sobre Timor-Leste no programa que eu trabalhava como produtora "Seu Diploma, sua carreira", o qual era apresentado pelo professor Roberto Macedo. Quando o programa acabou, eu como boa produtora fui acompanhá-lo até o carro e disse a ele: eu sei a melhor forma de fazer o povo timorense se envolver com a língua portuguesa. Ele me olhou espantado e eu disse: é a educomunicação, o rádio. Ele me deu um cartão e eu cheguei a enviar um material sobre o educom para o seu conhecimento, mas ele nunca retornou. No entanto, fui informada que um projeto com tal objetivo já estava em andamento. E para a minha surpresa, era uma professora do Mackenzie, a Regina Helena Pires de Brito, que estava com as inscrições abertas para universitários atuarem como mediadores em Dili durante 4 meses. Esses mediadores usariam a música brasileira para realizar atividades com os jovens que cresceram sob a ocupação indonésia e agora tem de aprender o português, língua oficial local. Me inscrevi e para a minha surpresa, entre mais de 800 candidatos, fui uma dos 18 universitários escolhidos.

A experiência foi maravilhosa, jovens que por causa da opressão, da guerra, nem nos olhavam no rosto e tinha certa resistência em aprender o português, aos poucos, por meio da educomunicação - atividades em círculo, gestão participativa, voz igual para todos - em menos de 2 meses já dançavam e cantarolavam a música "Xodó", sendo que tal palavra passou a fazer parte do vocabulários dos jovens timorenses que participaram do projeto.

Acho que eu posso lhe dizer que eu participei sim da última fase do Educom.rádio, só que do outro lado do mundo...

5 - Atividade desenvolvida hoje: jornalista no Jornal da Tarde

Perguntas Abertas

1-Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

Na verdade, um professor meu da faculdade me falou do projeto, me interessei pela palavra Rádio no início, Só depois de fazer o processo seletivo é que eu entendi a proposta do projeto.

2-Como mediador, qual era o papel que você deveria desenvolver?

Eu tinha de criar um ecossistema comunicativo, ou seja, fazer com que os diretores, professores e demais professores das escolas dialogassem com os alunos, e conseguissem fazer um produto, seja ele um programa de rádio, um jornal mural, ou até mesmo uma boa conversa, que tivesse a participação de todos.

3-Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Não, nenhuma. As reuniões realizadas na USP para o planejamento do sábado eram fundamentais para a execução de um bom trabalho. A nossa articuladora Rose Pinheiro fazia com que o grupo não se perdesse em discussões banais e planejasse de fato o sábado, sempre de uma forma participativa.

4-Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

Fazer com que os professores, diretores, se envolvessem com o trabalho durante o dia inteiro. Imagine aquele profissional que ganha pouco, trabalha a semana inteira e só optou em fazer o curso para ganhar pontos de carreira. Tínhamos muitos participantes com este perfil, mas aos poucos eles foram entendendo o que era educomunicação. É neste contexto que o mediador tinha o papel fundamental de garantir a participação de todos de uma forma dinâmica, para que o sábado não ficasse cansativo. Humildade e disposição para ouvir o lado destes profissionais foram fatores fundamentais para a realização do projeto.

5-Quando você detectava que o trabalho dava "certo" e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Ah, quando a marca de todos estava impressa no produto final. Me lembro que tivemos de fazer um jornal mural, e houve uma discussão entre os professores de qual seria o mascote do grupo. Depois de muita conversa, todos concordaram em colocar o desenho sugerido pelo aluno : um boneco do Hip Hop, a professora falou que aquilo não representava o mundo dela, mas que o professor tem de estar aberto a interagir com a realidade dos alunos. Nem me lembro a escola, a fase, mas este momento ficou marcado na minha cabeça.

6-Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Não acho esta questão relevante.

10 - Na sua opinião, como os conceitos educacionais foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Gestão participativa e ecossistema comunicativo. Sem dúvida, como já citei anteriormente, sem estes dois fatores o projeto não teria acontecido.

11- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediador no projeto?

Foi ótima, o povo - alguns mediadores no geral - reclamavam de falta de material, blábláblá, teve até um dia que eu briguei muito com uma pessoa na volta de uma reunião de sábado porque esta mencionou que o dinheiro era gasto com os boletins , mas faltava material para o trabalho nas escolas. E eu respondi a ela: educomunicação não se faz com material, se a gente ficar se

prendendo a este tipo de detalhe, o projeto nunca vai acontecer, pois este envolve a rede pública, a USP, etc. Nossa, eu estava tão cansada e ouvir aquilo na volta me irritou profundamente.

12-Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Sim, mas a continuidade seria fundamental. Cito dos exemplos: Na Emef Carlos Pasquale o projeto continua até hoje (envio em anexo uma reportagem que realizei recentemente com eles). Já na Emef Garcia D'Ávila, que o diretor é uma pessoa maravilhosa e eu inclusive mediei este grupo (super envolvido, até o grêmio estudantil participou do projeto) o projeto não continuou porque eles não receberam o equipamento...O tempo passou, os multiplicadores mudaram de escola..Daí não há milagre que faça o projeto acontecer. Uma pena, aquela escola tinha um grande potencial para a continuidade (envio em anexo uma reportagem que realizei recentemente com eles)

13-Ser um mediador alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Muito, eu nem sabia da existência deste campo. Cursava jornalismo quando ingressei no projeto, e hoje, trabalho no Jornal da Tarde, e estou vendo do lado do jornal como esta possibilidade é possível. O JT me contratou para ser repórter da coluna "Pais & Mestres", que é publicada de quarta a domingo com o objetivo de debater a educação e inclusive publicar dicas de aulas voltadas aos educadores da rede pública de ensino. Esta idéia partiu do jornal, e foi neste contexto que eu fiz a ponte com o NCE-USP, que hoje publica aos domingos atividades de aula com base na educomunicação. Essa foi a maior prova que estes dois campos estão muito relacionados. Por meio das aulas da coluna "Pais & Mestres", os professores usam o jornal como grande ferramenta em sala de aula, sem falar que todas as atividades sempre têm relação com o campo da comunicação.

14-Você leva o "papel" de mediador para outros ambientes fora do mundo da escola?

Muito, em tudo !!! A educomunicação me preparou para atuar como profissional no mercado de trabalho, saber ouvir, mediar os processos têm sido fundamental para a minha realização profissional.

15 - Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?

Mediar é saber ouvir, saber dar a voz de forma democrática, mas sem deixar de se colocar nos momentos necessários.

16-Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

Aiii, acho que depois de tudo que escrevi posso pular esta questão. Já disse nas anteriores.

17- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

Paulo Freire, Jesus Martin Barbero e Mário Kaplun - Me desculpe se errei a grafia, mas são estes nomes que me vem à cabeça.

18- Na sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

Gestão participativa, ecossistema comunicativo e educomunicação como um todo.

19- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Boa, fizeram o possível, mas entendo a revolta das escolas que não receberam o equipamento, esse detalhe que pode não ser culpa do NCE-USP acaba interferindo na credibilidade do projeto, pois em vez de culpar a Prefeitura, muitos diretores de escola acabam atribuindo a culpa para a USP.

20- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Já citei acima.

21 - Qual a relação que você teve com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Olha, perdi totalmente o contato, mas outro dia estava em um congresso do Sinpeem e um professor me reconheceu e fez uma grande festa. Se o projeto tivesse uma continuidade com certeza os laços seriam maiores, mas infelizmente o sistema educacional brasileiro não é sólido e funciona por gestão pública.

Entrevista 7.

1- Nome: Micheli Karine Damasco Silva

2- Data de Nascimento: 22.09.1981

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou do Educom.rádio?

Estava cursando faculdade, fazendo Ciências Sociais.

4- Quais as fases que você participou do Educom?

Da segunda até a sétima fase.

5- Todas como mediadora?

No começo era monitor, depois mediador e na última fase eu estava como assistente de coordenação.

6- Por que o monitor e o mediador faziam a mesma coisa. Só mudou o nome, né?

É. Era monitor, capacitador, depois mediador.

7- O que você faz hoje?

Eu sou gestora local do programa de inclusão digital do Governo do Estado, Acessa São Paulo. Portal de acesso gratuito a internet. Eu faço a gestão de um grupo de pós, capacitação de monitores e tudo.

8 – Onde é que você trabalha?

Eu trabalho na Mooca. A coordenação do programa fica na Imprensa Oficial do Estado, lá na Mooca.

9- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

Eu acho que estava no terceiro ano de Ciências Sociais e sempre achei que o curso era um pouco teórico. Eu queria desenvolver um projeto que ultrapassasse pulasse os muros da universidade. Tinha duas amigas que faziam Educação Científica com o professor Ismar, na verdade sempre que conversávamos, elas falavam. Tem um projeto que vai acontecer e eu acho que tem tudo a ver com você. E eu me interessei. Só que quando começou o Educom, na primeira fase, eu estava grávida do Pedro e aí não deu. Na

segunda fase, eu acho que estava com quatro meses já, aí eu fui trabalhar no projeto.

10- Como mediadora, qual era o papel que você deveria desenvolver?

Trabalhava, principalmente, com os estudantes, trabalhava mais com os professores somente quando eles estavam com os estudantes.

O papel era de mediação mesmo, era de construir coletivamente alguns conceitos tínhamos, porque, na verdade, tínhamos um apelo de trabalho. Tínhamos que dar conta de algumas atividades. Procurávamos não nos prender tanto a essas atividades, que não era só o norte.

Tínhamos que ter muito feeling para sentir a turma, para adequar a nossa demanda a demanda deles também. No começo foi um pouco angustiante.

Chegava meio quadradinha, achando que tinha que dar conta de um conteúdo e nem sempre isso era possível. Depois fui tranquilizando meu coração e vendo que, é até um chavão mesmo, mas é verdade. Mais importante que o resultado é o processo. Acho que esse é um aprendizado bem importante dentro do Educom.

11- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Acho que no decorrer do processo do Educom eu sentia que algumas contradições iam se aprofundando. Chegávamos com o discurso de democracia e de construção coletiva das coisas e cada vez mais eu percebia que as atividades chegavam mais amarradas. No início tínhamos uma pauta e discutíamos, depois passamos a receber uma apostila com o semestre todo.

Isso, de certo modo, pra mim, soava como contraditório, por ter atividades tão estanques, num projeto que se propunha a ser construído na base mesmo, construído colaborativamente.

Por outro lado, acho que havia uma distinção, que o que acontecia mesmo era de acordo com o grupo. Quanto mais tivéssemos aquelas atividades, por mais que no começo eu me angustiasse com isso..., eu vou ter que dar conta de tudo isso. Eu me tranquilizei e pensei..., não, tenho que respeitar os processos de

aprendizagem, de construção deles, é claro, isso é o norte, mas, não é uma bíblia.

12- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

As mais diversas, porque cada escola era uma. Tínhamos escolas que possuíam uma infra-estrutura bem precária, tinha dificuldades com comida, às vezes, dificuldades com limpeza, ou então, às vezes, a escola era muito top de linha e os alunos que eram de escolas mais humildes, se sentiam incomodados, intimidados. Essas dificuldades eram muito variadas.

Também tivemos dificuldades de relacionamentos, exatamente porque eu trabalhava no NAE 2. O NAE 2 vai desde os limites do município lá no Raposo Tavares até o Itaim, por outro lado tem a Cohab, Raposo Tavares, Educandário, um grupo completamente diverso, isso, também, provocava algum choque na convivência deles.

13- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Eu acho que quando terminava e as pessoas se sentiam contempladas com aquilo que tinha acontecido. Mesmo que elas tivessem discordado de alguns momentos e concordado em outros, elas se sentiam representadas naquela atividade. O que aconteceu hoje, de fato, teve troca. Acho que isso é muito importante. Acho que quando isso acontecia, eu me sentia bem.

14- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Sim, tinha. Eu percebia que, é como uma estratégia, conforme você vai ficando mais experiente, nessa “coisa”. Até brincávamos e dizíamos que éramos mediatreta (risos). Íamos percebendo que primeira coisa a se fazer, é falar a linguagem dos deles, tem que ser próximo deles. Quando conseguíamos estabelecer essas pontes, por mais que eles não estivessem a fim, tudo bem. Viemos até aqui, mas, e aí? Você saiu da sua casa, chegou aqui às 8h da manhã não é possível que você não esteja a fim de fazer nada, sempre dava para contornar a situação ou então usávamos estratégias. Quando ficavam muito dispersos, no começo chamávamos de dinâmica, depois mudamos para Cepec,

enfim, isso me ajudava, meio que sensibilizar as pessoas a preparar o semestre para o trabalho que iríamos desenvolver.

15 – Em sua opinião, como os conceitos educomunicativos foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Eu acho que no próprio processo da nossa chegada, na forma como estabelecemos o relacionamento com eles e até mesmo no conteúdo das atividades. Quando a trabalhávamos diagnóstico, quando falávamos dos ecossistemas comunicacionais. Acho que todos esses conceitos, eles não só permeavam a nossa ação, como o conteúdo do curso. Gestão participativa. Acho que a gente conseguia não se perder no meio disso. Mantivemos o script que levamos. Isso foi bom.

16- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediador no projeto?

A capacitação que tivemos foi melhorando com o avanço do programa, do projeto. Cheguei completamente “crua”, tinham as reuniões de formação, mas, não teve uma preparação teórica. Isso, quando eu cheguei na segunda fase. Acho que instalamos isso e o pessoal da Intel viu e, cada vez mais, tivemos capacitações mais teóricas, reuniões de formação que discutissem texto, que não falassem somente da prática. Não que a prática não fosse importante, mas, embasar nossa intervenção. Acho que foi ótimo.

17- Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Eu acho que foi. Penso que todos os projetos que fazemos não têm uma adesão de 100%, nem intervenção plena. Acredito que em algumas escolas há, por exemplo, no Simpósio que estava acontecendo, encontrávamos com as pessoas das fases anteriores e percebíamos que estavam desenvolvendo os projetos deles e que em algumas escolas a rádio foi adiante, mas em outras não.

Acho que isso, também, tem a ver com o próprio modelo no qual o projeto foi estruturado. De não ter um follow-up, um acompanhamento.

É engraçado, encontrei uma professora que trabalhou numa escola do Educom, escola que eu trabalhei, Ela comentou que a rádio está funcionando lá, no Raposo Tavares, pelo menos até o ano passado, período que ela estava na escola.

18-Ser um mediador alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Totalmente, porque tive formação acadêmica, completamente, teórica, pouco dialógica. Aquela formação de gabinete mesmo.

Quando se chega no Educom, a proposta educ comunicativa é completamente diferente. Você começa a ouvir, tem diálogo, tem troca. Mudou meu conceito de educação, de comunicação, como também minha vida. Minha forma de me relacionar no trabalho, também.

Lembro que a Carol, a filha do Ismar, comentou que a educ comunicação é uma filosofia de vida. Eu acho que é. Eu tento, até hoje, aplicar nas minhas relações, nem sempre eu consigo, mas, faço muito esforço.

19- Você leva o “papel” de mediador para outros ambientes fora do mundo da escola?

Como já disse, sim, levo. É claro que na vida pessoal é um pouco mais difícil, mas, no trabalho tenho obtido sucesso com esse esforço de trabalhar de um jeito mais dialógico, de perceber o outro, de ouvir o outro. Acho que esse é um exercício muito importante que se faz no Educom.

20 - Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?

Mediação é tudo e a própria palavra já fala por si. Mas assim, acho que meu conceito de mediação é uma coisa que é diferente, você não tutora, não manda. É uma coisa que não exerce autoridade. Você está lá para mediar, para facilitar as ações, as relações. Como um agente facilitador. Falando mais da prática, não da teórica comunicativa.

13- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educ comunicação?

Esse também é amplo. Eu penso que educomunicação, ela é a leitura crítica dos meios, ela é uma forma diferente de você trabalhar um ambiente escolar. Acho que, na verdade, sempre ta repetindo os conceitos.

Acho que a educomunicação é uma forma de preparar as pessoas para viver num mundo mais dialógico, para que elas estabeleçam uma relação mais dialógicas. Entende? Acho que isso vale, como eu disse, não só para o ambiente escolar, mas para a vida das pessoas. É um outro jeito de encarar os relacionamentos humanos, de trabalhos escolares.

14- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

Ah! O Barbeiro, o Ismar, a Bacega, o Mauro Hilton, o Citelli, Orozco e Paulo Freire. Esse não pode ser esquecido.

15- Na sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

Acho que gestão participativa, construção coletiva de conhecimento e diálogo.

16. Qual a relação que você teve com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Eu acho que quando você se torna um educador você fica mais hábil, né? Então a relação foi boa. Por mais que tivesse dificuldade, acho que a gente estava preparado para mediar esses conflitos e essas dificuldades. Acho que os problemas que aconteceram, foram contornados exatamente porque a equipe é habilitada, capacitada para isso.

17. Qual a sua opinião sobre os relatórios que vocês produziam?

Acho que os relatórios tinham informações relevantes, que precisavam ser registradas. Não que seja um mal necessário. Mas uma coisa que é boa, é necessária, mas faz parte do processo. É que nem as planilhas de Excel, quando você tem que fazer um trabalho assim. Mas é claro, mais bacana é você atuar.

Mas acho também que o relatório era um momento importante de reflexão.

18- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Eu acho que a administração do projeto Educom.rádio foi se profissionalizando também, assim como, os projetos como um todo, mas eu não acho que de outro jeito fosse ruim. Era, no começo, uma ação entre amigos. O que era uma coisa boa, mas acho que tivemos dificuldades enormes, não necessariamente ligadas aequipe Educom.rádio. Coisa do pagamento, não dá para não tocar.

19 – Por quê? Vocês não receberam? Demorava?

Pois é, demorava muito. Isso era terrível. Não acho que isso fosse, necessariamente, culpa da equipe do Educom. Eles estavam no meio desse processo, então, às veze,s acaba respingando alguma coisa por causa dessas dificuldades, mesmo sabendo que a culpa não é deles, enfim, “coisas” de pagamentos da Prefeitura.

Acredito que todas as demandas levadas foram ouvidas, tivemos feedback. Percebíamos que havia mudança de uma fase para outra e essas mudanças eram pautadas na nossa prática, enfim, naquilo que colocávamos como sugestão. Acho que isso foi muito bacana, mesmo.

20- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Eu acho que o Ismar é uma pessoa muito bacana. Acho que ele faz esse papel de articulador, mediador, ele é muito hábil nisso. Era sempre bom ouvi-lo. Era muito próximo. O papel dele era super importante no elenco do projeto, a proximidade que ele tinha das pessoas envolvidas no projeto.

21- O que você achava das palestras no pólo?

Isso sim era uma coisa dúbia. Tínhamos palestrantes maravilhosos e palestrantes que falavam verdadeiros absurdos. Isso, também, foi uma questão que, na minha época, eu levantei. Qual é o critério? Sempre acontecia de um dos palestrantes questionar se os alunos, por exemplo, assistiam à novela das oito. “Você assiste..., que porcaria”.

Está se falando de leitura crítica dos meios, de se apropriar da mídia para a educação. Não demonizar a televisão. Isso é um absurdo. Isso é produzir um senso comum, sem o científico. Falar que a televisão nos deixa burros, foi um dos exemplos citados. Tinha gente que tomava isso como discurso, ficava

como contraditório com a nossa prática, com o nosso discurso. Aconteceram, também, palestras maravilhosas.

Foi um tempo longo, com muitas pessoas, não dá para generalizar essas palestras. Elas tinham uma diferenciação total, mesmo em eixos temático..., eram pessoas diferentes. Nem sempre era fácil.

Entrevista 8.

1- Nome: Sérgio José da Silva

2- Data de Nascimento: 28.02.1966

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Deixa lembrar agora. Na verdade, quando eu fui trabalhar no Educom rádio eu tinha o DRT, que é o registro em carteira como locutor. Tinha uma experiência mínima de rádio comunitária. Mas, eu lembro que não tinha trabalhado em nada ligado a rádio mais diretamente, com exceção dessa experiência em rádio comunitária.

4- Quais as fases que você participou no projeto?

Foram as quatro últimas. Porque as fases eram por semestre.

5 – E você trabalhou em todas essas fases como mediador?

Não. Somente, na quatro, na cinco e na seis. Na sétima como assistente de articulador.

6 – Me fala um pouco o que você fazia como assistente?

Era uma espécie de um secretário da articuladora. Eu era responsável pelas coisas materiais que tinham que ser levados da USP, do NCE para as escolas. Eu tinha que ficar acompanhando o trabalho de todos os mediadores, verificar se estava faltando algum material, orientando, acompanhando mais ou menos o trabalho deles para ver se tudo acontecia dentro do que havia sido combinado, do que havia sido feito nas reuniões de equipe. Tínhamos alguns combinados que a respeito dos assuntos trataríamos, diretamente, com os educandos.

Ficava o tempo todo junto com a articuladora também, acompanhando-a. Circulava o tempo todo, verificava o horário de lanche, verificava se alguma coisa estava atrasada para poder conciliar os horários.

7– Qual a atividade que você desenvolve hoje?

Hoje são várias. Todas ligadas à rádio. Uma delas é trabalhar numa Ong, Novo Olhar, que fica no Bixiga, lá eu sou educador de rádio. Eu trabalho com

crianças e adolescentes. Algumas crianças em situação de risco, que vêm através de abrigos. Faço esse trabalho às terças e quintas.

Trabalho, também, no abrigo de menores que fica aqui bairro onde moro, aqui em Pirituba, também como educador de rádio, onde dou aula para crianças e adolescentes, além disso, como voluntário. O ano passado eu trabalhava num projeto que era o um programa da Secretaria de Cultura. Lançamos um projeto aqui, em Pirituba, onde alguns alunos continuam comigo, eu continuo dando aulas, mas como voluntário, estamos tentando implantar uma rádio web, onde trabalharemos com vários assuntos, é uma rádio web voltada para locução mesmo, trabalharemos com textos poéticos, dramáticos, músicas, comentários.

8- Como mediador, qual era o papel que você deveria desenvolver?

Deveríamos propiciar discussões com os educandos, as quais os fizessem refletir sobre o que chamamos de leitura crítica dos meios. Tentar desenvolver um senso crítico perante a mídia em geral. Tínhamos como base isso, mas o grande foco, na verdade, pelo menos na época que nós discutíamos, era o combate a violência.

Podíamos tratar de várias formas, lidar com vários assuntos, mas, o grande objetivo, o objetivo central era esse. Trabalhávamos muito em cima de eixos temáticos. Bimestralmente, se não me engano, tinha um tema. O Educom propunha um tema e trabalhávamos com os educandos de várias formas.

Uma delas era fazer um programa de rádio, levávamos palestras, discutíamos. As palestras eram mais voltadas aos professores. Discutíamos os temas que eram tratados nas palestras com os professores, discutíamos de uma forma mais objetiva, mais direta, numa linguagem mais clara.

Trabalhávamos de varias maneiras, usávamos dinâmica de artes plásticas, às vezes, teatro, enfim, usava muito o rádio, a linguagem principal era radiofônica, às vezes usava o vídeo também, sempre com o foco nas discussões. Nunca exibir um vídeo, simplesmente por exibir. A proposta era exibir um vídeo e discuti-lo. O vídeo tinha a ver com aquilo que já havia sido discutido.

9- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria

desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Eu via muita incoerência, aliás, era uma das coisas que eu mais discutia ali dentro. Um fato que me decepcionou bastante, foi essa diferença entre o conhecimento, didático e o conhecimento prático mesmo, por exemplo, entre todos os mediadores, em todos os anos que eu trabalhei, eu era o único que não tinha nível universitário, como não tenho até hoje, e modéstia à parte, eu percebia que em muitos momentos, principalmente, nas questões práticas, eu deslanchava, às vezes, até melhor.

É claro, óbvio, que em muitos outros momentos eu tinha dificuldade, exatamente, por essa questão da falta de conhecimento mais didático, teórico. Eu via muito essa questão da dissociação, a teoria e a prática. Achava que as discussões, as reuniões de equipe, por exemplo, eram pouco objetivas, às vezes.

Discutiam autores, coisas que muitas vezes não usávamos na prática. Muitas vezes, ficava somente no campo da discussão, da teorização. Acho que poucos articuladores, pelos quais passei, tinham, realmente, o dom de conseguir falar do assunto de maneira prática, de maneira em que conseguíamos aproveitar aquele conhecimento de uma forma prática, normalmente ficava no campo das idéias e não conseguíamos absorver o assunto.

A forma que conseguíamos trazer tudo aquilo para o aluno, é quando nos apropriávamos de algumas dinâmicas. Era o momento que percebíamos que havia tido aproveitamento. Essa essência do conhecimento didático ficava mais pra gente mesmo. Acho que a prática acabava chegando por sua própria vivência, enquanto pessoa, mais do que enquanto profissional.

10- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

Uma delas é a própria questão do trabalhar em grupo, embora ache ótimo trabalhar em grupo, até hoje trabalho. Desde que eu saí do Educom, coincidente ou não eu venho trabalhando sempre em grupo, é muito prazeroso, gosto muito. Hoje em dia, faço questão de tentar trabalhar, no mínimo, numa dupla, é interessante, mas ao mesmo tempo é muito complicado e ao mesmo tempo é muito gratificante, é muito difícil você

decidir as coisas conjuntamente, não é tão prático assim, em alguns momentos, decisões que tinham questões pragmáticas, vamos sentar e discutir a relação..., aí ficava complicado.

Isso, às vezes, me irritava muito, era uma “coisa” que chateava..., uma “coisa” muito complicada, mas queira dizer que isso não conta, mas contava muito para os mediadores a questão da remuneração, sempre tinha problema de atraso, às vezes, pior até que isso, a falta de alguns materiais que usaríamos no sábado.

Isso era tão grave quanto o pagamento. O problema com o pagamento gerava complicações, porque alguns mediadores mais radicais não iam trabalhar, gerando complicações para o grupo todo. Criticávamos, mas, ao mesmo tempo entendíamos o lado da pessoa.

Era complicado, porque era um efeito dominó. A USP não recebia, dizia que não recebia da Prefeitura e a Prefeitura dizia que não havia feito o repasse, ainda, e assim ia...

Percebi que na última fase, onde eu estava como assistente de articulador foi bem difícil, porque notei o quanto o articulador abusava, literalmente, do poder e não delegava, mas, também trabalhei com articuladores maravilhosos. Pessoas fantásticas que delegavam completamente. Já trabalhei com todos os extremos, desde gente que delegava demais e eu achava que, às vezes, tinha que ser um pouco mais firme como também com pessoas que não delegavam nunca.

Nem na reunião de equipe conseguíamos nos colocar direito, se queixavam que não falávamos e quando o fazíamos ou tínhamos algum posicionamento, éramos “castrados”, isso era complicado, porque, dependendo, dessa relação, de como acontecia essa relação. O trabalho acontecia de uma maneira ou de outra. Isso era um pouco delicado.

11- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Quando eu percebia que conseguíamos, por exemplo, falando dos educandos, perceber que eles assimilaram o assunto, a proposta. Quando eles, realmente, “entravam” no que estava sendo proposto.

Enfim, percebi que conseguíamos, e eu me sentia satisfeito quando eles assimilavam proposta, quando todos participavam de uma discussão. Ficava satisfeito com a equipe de mediadores e articuladores quando dividíamos as tarefas. Notei que, em alguns momentos, ocorria certo estrelismo, certa competitividade entre alguns mediadores. Uma vaidade intelectual, de mostrar quem sabe mais.

Então essas coisas atrapalhavam muito. Intimidavam alguns mediadores que eram mais tímidos ou, às vezes, que não tinham um conhecimento, uma preparação universitária. Eu não me intimidava com isso, no começo talvez.

Outras pessoas que conheci se incomodaram muito com isso. Isso não era bom. Apesar disso, sinto que conseguíamos nos relacionar, que era muito produtivo quando atingíamos esse nível de integração, onde era possível lidar com as questões práticas, de uma maneira tranqüila, sem ruídos na comunicação e, principalmente, com os educandos, quando havia essa troca.

Alguns mediadores falavam mais do que os educandos e isso me incomodava profundamente, porque estávamos ali dar “voz” a eles, para instigá-los a trabalhar a partir dos pensamentos, das emoções, das sensações deles e não o contrário. Não estávamos ali para despejar o nosso conhecimento em cima deles, como se fossemos os melhores. Quando conseguimos esse meio termo, de falar menos e, simplesmente, instigar uma discussão e fazer com que eles levassem essa discussão à tona, eu saía muito satisfeito de lá.

12- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Isso variava muito de região para região, de escola para escola. Também já senti situações bem diferenciadas. Já vi situações extremamente maravilhosas, da equipe, do pessoal das escolas estarem super integrados, a ponto de fazerem festinhas de despedida, de dar presentinho.

Tanto nesse nível como em coisas mais significativas. Eu me lembro de uma adolescente, que gostava de escrever poemas, ela nem era tão interessada em rádio, mas, gostava muito, ela me ligou um ano e meio depois que eu saí do Educom, dizendo que tinha lançado um livro de poesia e me convidando pra ir ao lançamento.

Avisei que, talvez, não pudesse ir, mas, estaria torcendo por ela. Coisas desse tipo aconteciam. Pessoas que estavam florescendo de uma forma maravilhosa. Gente que saía de lá e ia trabalhar numa rádio comunitária, por exemplo. Gente que saía de lá, se dava certo ou não eu não sei, mas gente que saía de lá querendo ser locutor. Havia de tudo.

À vezes, até descobriam que tinham potencial para outras coisas de alguma forma aquilo vinha à tona e tentávamos devolver aquilo pra eles, através de elogios e incentivos. Percebíamos isso, também nos professores, o retorno era mais imediato.

Era muito dividido. Alguns amavam e outros, literalmente, odiavam, alguns desistiam no meio, porque achavam super cansativo. Alguns desistiam porque, tinha vários posicionamentos dos professores, alguns desistiam porque achavam que os professores, colegas deles, não estavam acompanhando, não tinham paciência de ficar e saíam.

Alguns estavam bem capacitados e não tinham paciência. Alguns comentavam que o trabalho era maravilhoso, mas, acabavam saindo porque não estavam agüentando mais.

Recordo-me de uma professora, lá da zona leste, que dizia que o pessoal era muito “burro”, que não agüentava mais. Ficava brava e tinha umas discussões horríveis. O contrário, também, ocorria, havia os que eram super críticos e não gostavam da forma como estávamos desenvolvendo e saíam com uma queixa muito clara, mas sempre tinha o retorno, o que eu achava muito interessante. Nunca era uma coisa do professor sumir.

13– Em sua opinião, como os conceitos educacionais foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Acho que funcionava muito através das dinâmicas, onde se apropriavam mais daquele conceito, daquela idéia. Isso facilitava muito o trabalho do mediador, embora, isso fosse uma polêmica também, muitos eram contra, em usar tanta dinâmica.

Eu acho que era bom, claro que bem dosado. Porque vi vários momentos de “enrolação”. “Ah! Vamos colocar uma dinâmica aqui, outra ali”. Tinha um pouco disso também, mas quando era bem encaixada, bem apropriada era perfeito. Acho que a dinâmica caía muito bem, de acordo com a forma que se

conduzia, a forma como você aplicava aquilo. Havia muito mediador que reclamava, mas, às vezes não sabia aplicar a dinâmica. A forma como era aplicada não instigava, não rendia uma discussão, não rendia nada, talvez, porque fosse resistente.

Ele já apresentava a dinâmica com certa resistência, como se a estivesse aplicando porque o articulador acreditava que fosse boa. Havia ares de má vontade e os alunos percebiam isso, e acabavam achando sem graça, porque eles já iam com essa energia negativa.

Acredito que as dinâmicas e filmes rendiam bem, com os educandos tínhamos que trabalhar de forma pragmática, objetiva para entendessem.

Eu lembro bem de um eixo temático que era subjetividade, que era um dos mais difíceis de captar, exatamente por essa questão abstrata. Conseguíamos nosso objetivo quando aplicávamos uma dinâmica, um filme, uma música. Alguns temas eram mais fáceis de trabalhar, por exemplo, lembro que eu trabalhei inúmeras vezes a pluralidade cultural.

Era um tema que eles se apropriavam com facilidade, dava pra desenvolver um bom trabalho. Eu lembro que até propus trabalharmos muito em cima de músicas. Tenho o CD até hoje, gravei segundos de cada estilo musical, completamente, variado, um samba, um rock, depois tocava forró e assim por diante e em cima disso, somente parávamos quando identificassem o ritmo, discutíamos amplamente acerca do que estava sendo abordado.

O que parecia uma coisa boba tornava-se uma coisa séria, nos apropriávamos das reações deles. Quando tocava um forró, alguns ouviam e falavam: “Ai! credo é musica de baiano”. Neste momento eu interferia e questionava: “E o que é baiano para você, o que tem na Bahia”? “Vamos discutir o que tem lá”? “Ah! Eu não gosto”. “Por quê?” “Porque só tem preto”. “Ah é, você não gosta de negro, porquê?”

A discussão corria solta, outro dizia que achava maravilhoso, a outra menina comentava que adorava negros e namorava um. O espaço estava totalmente aberto à discussão. Uma dinâmica bem aplicada, uma atividade bem aplicada pode render muito, temos que ir com o coração, com vontade, temos que acreditar naquilo.

Lembro que quando tinha a diversidade cultural eu falava que iria me apropriar do que gosto, eu sou apaixonado por música, então levava aquilo

para o campo musical, que é completamente diverso, o Brasil é riquíssimo, todo mundo gosta. A partir daí você amplia, vai para outros campos; discutíamos comportamento, costumes, moda, qualquer coisa, até sexualidade entrava no meio disso.

14- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediador no projeto?

Eu acho que foi maravilhosa, por exemplo, me deu uma bagagem que carrego até hoje e quando me vejo sem material para trabalhar, às vezes acabo recorrendo a alguns conceitos do Educom. Algumas coisas que eram ditas ali. Mudou muito a minha forma de pensar, até de ver o mundo, em todos os sentidos. A forma de me comunicar, tanto através do meu trabalho como de todas as formas. Eu acho que me deu uma base muito interessante.

Eles pegavam vários profissionais, professores que tinham linhas completamente diferentes de trabalho, de pensamento e tudo, isso enriquecia muito o conteúdo da gente. Claro, que muita gente não se preocupou em se apropriar disso, mas quem o fez ficou com um trabalho muito rico. Acho que não dava tempo de assimilar tudo, pois, tentavam passar muita coisa para o grupo.

Eu me via com muito e aquilo ia para a gaveta na maioria das vezes. Às vezes eram textos até curtos, de duas ou três páginas, mas que demandavam uma discussão e uma pesquisa mais aprofundada. Não era uma coisa que você podia assimilar de uma semana pra outra. Isso era meio complicado.

Tanto é, que eu lembro que depois de certa fase, dentro do Educom, eles diminuíram isso, até o ponto de cortar. As reuniões de equipe se tornaram extremamente pragmáticas, até certo ponto era bom que fosse por esse caminho, mas também foi complicado, porque esse conteúdo ficou faltando para os novos mediadores. Acho que enriquecia muito.

Se pudesse mudar alguma coisa, naquela época, talvez, sugerisse que fosse mais espaçada essa “coisa” e que esse conteúdo não fosse passado de uma forma tão volumosa, talvez, para ter mais tempo para assimilar e até colocar isso em prática.

15- Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Essa foi uma das preocupações que tinha quando saía de lá. Às vezes me sentia desesperançado, para falar a verdade, Em alguns momentos sentia que aquilo virava meio que entretenimento. Ficavam felizes, porque todos os sábados tinham uma atividade diferente: um filme para assistir, um programa de rádio para fazer e quando nos distanciávamos, percebíamos que cada um voltava para o seu “mundinho”, pouca ou quase nada mudava.

Muitas vezes, principalmente, os educandos e até mesmo os professores tinham uma direção escolar extremamente retrógrada, complicada. Soube de lugares que o material, equipamento pra ser montada a rádio, ficava na mão dos diretores da escola, a chave ficava com eles, exatamente o oposto da nossa proposta.

Queríamos que entre os educandos, poderia até ter um professor, mas, que surgisse líder que fosse responsável o bastante para ter aquilo, para assumir aquilo, para manter, tudo e até pensar na linha que a rádio vai seguir. Percebíamos que na prática isso não acontecia. Sempre que tinha alguém, um professor, ou o próprio diretor, ou a coordenadora pedagógica, que limitava aquilo.

À vezes, até permitiam que a rádio acontecesse, mas sob o domínio delas, isso era muito frustrante. Eu soube que, aqui na minha região mesmo, em Pirituba, poucos anos atrás, de uma escola que aconteceu exatamente isso, a escola Silvio Portugal, se não me engano. A rádio não aconteceu, porque a chave ficava na mão do diretor houve um desânimo geral, por parte dos educandos.

Eles até me questionaram, se não havia um meio de falar com o pessoal da USP, na tentativa de uma interferência. Infelizmente, a partir daquele momento era tudo por conta deles, poderíamos até tentar, mas não dependia mais de nós.

16- Ser um mediador alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Com certeza. Eu até já falei disso de outra forma. A minha maneira de ver o mundo, de me comunicar, a minha maneira de, principalmente, de ver televisão que discutíamos muito, porque é a mídia mais popular que existe. Embora, o rádio tenha um alcance até maior, o pobre não tem condição de comprar uma televisão, mas, compra um radinho de pilha, mas em compensação a TV acaba influenciando muito mais diretamente as pessoas.

Sempre tive uma visão muito crítica em relação à TV e qualquer outro meio de comunicação, mas mudou muito. Hoje em dia, ao mesmo tempo, eu sou muito mais flexível para muitas coisas, eu sou capaz até de ver um “besteirol”, entender um “besteiro”¹ na televisão, no teatro, em qualquer lugar.

Entender e conseguir captar algo que seja produtivo. Antes eu não era, era super radical, e hoje eu percebo que não. Lembro de uma professora da USP maravilhosa, Jurema Brasil. Ela falava dessas coisas. Falava que adorava assistir o Ratinho e o povo odiava quando ela falava isso e ela explicava o por que?. Ela dizia que era uma grande tribuna, o povo podia ir lá e falar, lugar onde se discutem direitos de uma maneira, clara, direta, do jeito deles. E criava uma polêmica, mas eu achava interessante, porque ela instigava.

Até hoje eu me aproprio de muita coisa do Educom, às vezes, eu me sinto mal porque me aproprio, até pouco, menos do que eu gostaria, do que poderia me apropriar.

17- Você leva o “papel” de mediador para outros ambientes fora do mundo da escola?

Eu acho que sim. Acho que na verdade eu sempre me vi fazendo um pouquinho esse papel, meio de mediador. Tem lá uma discussão e ouço o que você fala, a sua posição, a posição do outro e tento ver e tento acrescentar outras coisas. Em alguns momentos me distancio, acho que tem uma coisa minha, natural que facilitava esse trabalho.

. Através do trabalho do Educom rádio, acho que aprendi a lidar melhor com isso, aprendi a mediar melhor em todas as instâncias.

18- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?

Eu acho que conceituar mediação é difícil, mas mediar pra mim é uma “coisa” de você abrir o seu “leque”, o seu campo para vários pontos de vista. Tentar

ampliar o seu foco. Tentar entender vários pontos. Várias questões envolvidas. É difícil conceituar isso.

19- Qual o conceito que você faz sobre educomunicação?

Para mim, a educomunicação está ligada a várias coisas, essa questão da interligação entre o campo da educação e da comunicação. Como é que ambos os meios pode se apropriar um do outro. Como é que dentro do meio educacional você pode se apropriar do meio de comunicação, mas não se apropriar, simplesmente usando os meios. Usando senso crítico, usando uma proposta, um objetivo que vá além do entretenimento ou, mesmo, quando você gera um entretenimento, depois de algum tempo você consegue fazer uma discussão a partir do proposto.

Estar sempre num estado de observação em relação às coisas. E os meios de comunicação à mesma coisa. Percebemos o quanto é possível os meios de comunicação se apropriarem da educação. Eu acho que essa é a interligação. Percebi que a educomunicação não precisa estar nem na televisão, nem na escola, ela pode estar numa discussão, numa conversa, na forma de você ver as coisas, a forma de você educar hoje em dia, seu filho, seu neto, seu sobrinho, que seja: sua família ou mesmo um amigo. Educar entre aspas um amigo.

Você pode se apropriar, também, de algum meio de comunicação para fazer entender, para passar algum conceito de ética, por exemplo, às vezes temos que falar popularmente para podermos aprofundar mais os conceitos, para a pessoa entender qual é a linha da conversa, para depois ir mais profundo, talvez, até citar autores, mas, primeiro partir do senso comum.

Eu acho que o educador vai muito por esse caminho, partir do senso comum para depois aprofundar as questões e não o contrário, senão vira uma arrogância. Você vai para o senso intelectual, que é para poucos, extremamente burguês, para poucos, nem todos tem condição de assimilar os conhecimentos.

Ouvindo funk carioca, que é uma “baixaria”, aproveitamos a oportunidade para discutir a sexualidade que é, sim, assunto sério, discutir a questão do aborto e a gravidez na adolescência, por exemplo, também é um tema sério. Tem coisas que realmente são relevantes.

20- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

Isso é gravíssimo, porque eu não me lembro de quase nada.

21- Em sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

Eu gostava muito dos eixos temáticos, a minha identificação maior, dentro do projeto, era muito em cima dos eixos temáticos. O eixo temático com o qual mais me identificava era da pluralidade cultural e objetivo deles do combate à violência. Isso, ainda, está muito forte em mim.

É uma questão que me preocupa muitíssimo e, às vezes, sinto que estamos numa situação de caos social, que não sei onde é a saída. Meio complicado dizer isso. O tópico que mais me chama a atenção dentro desse caos social é a violência. Na Ong Novo Olhar, onde estou atualmente, até hoje um dos focos é a violência, que por coincidência é um dos objetivos do projeto. Lá no bairro do Bixiga é um ponto de tráfico. É muito complicado, tem membros do PCC. Tudo é muito complicado, tem muito cortiço, tem um caos social terrível. Nós trabalhamos durante o dia, mas, têm crianças que ficam até 22h na rua, imagina, brincando na rua e vendo coisas complicadas.

22- Qual a relação que você teve com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Nenhuma relação de lá continuou por mais tempo, ou seja, durou o tempo da fase, mas era sempre muito positiva. A receptividade deles sempre muito positiva. Era muito raro, às vezes acontecia de um ou outro funcionário, que estava meio de mau humor reclamar por ter que trabalhar aos sábados, tinha aquela mentalidade de funcionário público. A maior parte entendia a proposta. Comecei no último semestre e, coincidentemente, já estava trabalhando como assistente de articulador, aqui em Pirituba, no Céu Vila Atlântica, e são pessoas aqui da região, coordenadora pedagógica, diretor, os professores, até hoje as encontro. São pessoas do meu bairro, ficou mais fácil, é uma coisa que eu sempre quis, pois, facilitaria participar mais das coisas do bairro, não só pela questão da facilidade de transporte, mas, principalmente, por causa desse vínculo. Até para eu poder acompanhar também. Às vezes, durante a semana, ia até à escola, para ver o que estava acontecendo.

23- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Eu achava bem caótico. Sinceramente, eu achava bem complicado. Achava que tinha pessoas que não estavam envolvidas de verdade, principalmente, com pessoas do NCE, funcionários ali do NCE, muito complicado. Tinha problemas gravíssimos.

Eu não cheguei a discutir, mas já presenciei inúmeras pessoas, mediadores, discutirem feio. Foi muito complicado. Não quero nem citar nomes para não haver complicação alguma.

Eu não esperava isso, dentro da USP, as pessoas tinham que estar trabalhando ali. Não estão prestando serviço para a USP, trabalham dentro da USP, estão em contato com o projeto o tempo todo. Como não entendem essa proposta?

Eu não me conformava com o nível da discussão. Péssimo atendimento no sentido da orientação. Ficávamos sabendo das coisas, como se costuma dizer, pela “rádio pião”. Alguém falou. Quando os fatos chegavam ao seu ouvido, chegavam, totalmente, distorcidos.

Até brincávamos com a situação. Era um absurdo, um projeto de comunicação, e a comunicação é o que tem de pior (risos). Somos incapazes de dar um recado, deixar o recado e chegar lá, certinho.

24- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Eu acho que era bem interessante, a parte do Ismar. Acho que faltou, sei que deve ser difícil para ele, mas, acho que faltou um pouco de visão ou ser assessorado para isso, uma visão mais focada no trabalho dos mediadores, no potencial de cada mediador e fazer com que aqueles mediadores também pudessem participar mais do projeto, em nível, não de supervisão, mas ajudar, talvez, a supervisão.

Por exemplo, eu me lembro de ter participado de várias reuniões onde se encontravam a equipe inteira, quase 200 (duzentas) pessoas e em algumas reuniões eu cheguei até a falar, apresentar algumas propostas, cheguei até a me oferecer para fazer alguma coisa, me ofereci várias vezes, mas chegou um momento que me cansei.

Era um fator que me daria muito prazer, era uma proposta muito clara que eu tinha. Se voltasse para o Educom eu faria, hoje, eram algumas oficinas, pois, acredito que os alunos iriam gostar muito, nem que não fosse o semestre inteiro, duas ou três oficinas de locução. Eu me ofereci para isso, porque já era formado nessa área.

25 – Os alunos dos pólos?

Os Educandos. O meio de comunicação que se usa, o foco é o rádio. É muito incoerente que não se faça uma oficina de locução. E quando eu ensinava, eu era um perdido ali no meio. Perdido no sentido de que era um dos poucos que sabia de locução, um dos poucos que tinha formação como locutor. A maioria vinha de áreas, nenhum problema quanto a isso, mas, completamente diferentes: sociologia, psicologia, até brincávamos: “aqui é o lobby da psicologia”, “é o lobby do teatro”.

Na verdade não existia isso, mas quem era ligado, realmente, a área de comunicação, Rádio & TV, por exemplo, não se via inserido no projeto, eu não via nenhum convite para ser inserido para esse tipo de coisa. Ofereci-me para as pessoas, até para o próprio professor Ismar, é uma queixa mesmo, professor Ismar e outras pessoas que estavam na supervisão: “Me disponho a gastar mais dias de trabalho”.

Sabia que não ganharia nada com aquilo, mas, insistia. Seria o maior prazer fazer. E nada acontecia. Cansei e não falei mais. E eu era muito criticado por isso. Criticado pelo fato de defender isso.

Não é porque o meio de comunicação é o rádio, que precisa dessa forma. Não vamos conseguir formar, não vamos formar nenhum locutor em três oficinas. É óbvio que não, mas é o interesse deles. Já que vai se apropriar desse meio que se faça o melhor possível, se fosse vídeo eu falaria a mesma coisa.

O medo era que eu estivesse ensinando alguma coisa de locução, no sentido de uma locução de rádio comercial. Coloquei que aquela não era a questão, pois, do que me serviria ensiná-los uma locução típica de rádio comercial.

Falei na frente de todos, primeiro que odiava esse padrão de rádio comercial. Eu me identifico muito mais com uma rádio pirata, com uma rádio comunitária, ou, principalmente, uma rádio livre, universitária, ou uma rádio

web, que tem outro padrão. Eu não vou ensinar esse padrão, não é o meu perfil. Tem outro ponto, eles não aprenderiam tudo em três semanas.

A única preocupação deles era como ensinar a mexer no gravador de mão. Isso é uma bobagem, isso você aprende em uma hora. A briga, a minha grande queixa quando eu saí de lá era essa.

É o potencial que eu tenho para fazer, estou me dispondo a fazer. O professor Ismar questionou se eu aceitaria fazer. Respondi que estava à disposição. Ficamos de ter uma conversa e nunca mais se tocou no assunto. Fiquei mais chateado ainda, quando soube que amigos meus foram indicados para trabalhar dentro do NCE para fazer todo o trabalho de digitalização das fitas.

Fiquei chateado porque chamaram um profissional que não era da área, trabalhava com teatro, não tinha nada a ver com isso. Está certo que era um profissional e aprendeu a fazer aquilo. Isso não é nepotismo, nepotismo é outra coisa, eu não sou filho de ninguém. Uma coisa é você dar chance para uma pessoa que é capacitada para isso, outra coisa é você indicar um parente. É totalmente diferente, não estou pedindo um encaixe que seja absurdo, enfim, as minhas queixas passam mais por aí.

Entrevista 9.

1- Nome: Vanessa Calipo Leandro

2- Data de Nascimento: 21.12.1973

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Eu era estudante, estava fazendo a faculdade de Rádio & TV.

4- Quais as fases você participou no projeto?

Eu trabalhei um ano. Peguei a sétima e a sexta.

5 - Qual a atividade que você desenvolve hoje?

Sou produtora.

6 - Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

Na verdade eu já acompanhava o projeto através da minha mãe. Sempre achei muito interessante só que eu não tive a oportunidade de trabalhar porque eu tinha outros trabalhos paralelos e não dava para conciliar. Houve um momento que eu sai da empresa onde eu trabalhava e resolvi trabalhar lá.

Não foi tão interessante onde eu estava e resolvi ir pra lá. A principio tinha uma idéia, meu objetivo era poder estar ajudando as pessoas com os conhecimentos que eu tinha, por trabalhar na área de rádio e televisão, por sempre gostar de trabalhar com criança, principalmente. A idéia era poder ajudar as pessoas de alguma forma. Esse era o meu objetivo. Depois as coisas vão mudando e percebemos que as coisas não são tão simples assim. A princípio era isso.

7- Como mediadora, qual era o papel que você deveria desenvolver?

Meu trabalho era, principalmente, com as crianças, os adolescentes. Na verdade, o meu papel era tentar passar alguns conceitos, não só conceitos teóricos, mas de certa forma acaba sendo conceito de vida para eles. Pra que conseguissem desenvolver uma comunicação melhor entre os próprios jovens e tendo uma extensão em relação aos professores e, talvez, até na família.

8- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediadora e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Com certeza. Não é tão simples quanto se imagina. Tínhamos encontros, durante a semana, com a equipe, planejávamos como seria aquela capacitação. Tínhamos todo um projeto lindo. Mesmo tendo uma experiência, no sábado não acontecia conforme o planejado. Era um impacto muito grande na verdade.

Chegávamos com tudo planejado e, às vezes, as crianças não estavam a fim. Às vezes, tinha acontecido alguma coisa durante a semana com uma das crianças, que acabava afetando o grupo inteiro. A primeira turma que trabalhei era de uma escola muito grande, um Céu. Havia algumas umas atividades paralelas além do Educom. Era escola aberta nos fins de semana. Estávamos na sala e tinha outras crianças que não participavam do Educom e que estava na piscina, era muito difícil lidar com isso, porque como prender a atenção das crianças para fazer um trabalho que estava planejado, teoricamente era muito bom, se deparávamos com aquela escola e as crianças na piscina.

Era muito difícil. Muita concorrência. Era concorrência da internet, piscina, quadra, pista de skate e um monte de criança. Tinha às vezes atividade no teatro, porque havia uma infra-estrutura muito boa. Só que não usufruíamos nem um terço daquilo, porque não era objetivo do projeto deixar as crianças na piscina, se divertindo. Havia toda uma idéia por trás daquilo. Tínhamos que nos desdobrar para tentar segurá-las e atingir o nosso objetivo. Era bem complicado.

9 – Que Céu que era?

Era na zona sul. Não me lembro o nome. Era bem no extremo sul, depois de Interlagos. Comunidade bem carente mesmo.

10- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho, você já até falou um?

O maior desafio foi em relação ao Céu, não eram só jovens, tinha adultos. Mães que tinham cinco, seis filhos que voltaram a estudar. Eram várias

escolas e a turma de cada escola realizava as atividades entre eles, porque cada um tinha uma realidade.

A dificuldade que eu tinha, por exemplo, era lidar com aquelas mulheres de 50 anos, que tiveram uma vida que não foi fácil, educar, sustentar os filhos, trabalhavam a semana inteira e no sábado, ainda, tinham força de vontade para participar de uma atividade oferecida pela Prefeitura. Chegavam e começavam a falar dos problemas delas e não eram problemas simples, eram problemas pesados mesmo.

Coisas assim que você nunca vivenciou, você nem imagina que existam, é outra realidade. Então, como lidar com aquilo, como você reverter a situação.

Estavam lá, porque queriam melhorar sua comunidade, sua escola, porque sabiam que o filho, também, fazia parte da comunidade, o futuro dos filhos. Então com lidar com isso. Era uma complexão muito forte.

Pessoas fazendo a sétima série, oitava série, quinta série. Eu pensava..., “se estão aqui, se voltaram a estudar é porque querem um futuro melhor”. Então, eu, particularmente, tentava trabalhar por esse caminho.

Então, vamos visar um objetivo melhor e não ficar regredindo, falando que a vida é difícil, elas chegavam totalmente desiludidas, sem esperança, mas tentávamos contornar, a equipe era muito boa.

11- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Introduzíamos uma teoria, não na lousa, fazíamos um apanhado da idéia. Produzíamos uma dinâmica e em seguida fazíamos uma roda, normalmente era. Tentávamos fazer com que eles tirassem as próprias conclusões.

Na verdade não elogiávamos, deixávamos que eles observassem o que haviam feito e tentávamos fazer uma ligação com a realidade deles. Era nessa hora, nas conclusões que eles tiravam que observávamos se eles haviam conseguido absorver a idéia, sentia isso, principalmente, na conclusão da dinâmica.

Um sábado um menino comentou o que havia feito durante a semana, percebi que havia assimilado a proposta, pois, estava tudo relacionado com a atividade da semana anterior. Fiquei muito feliz. De alguma forma ele acabou levando para a escola, mas levou para a casa dele, para a mãe dele. O retorno era gratificante.

12- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Pelo que percebi, não sei se era na real, havia uma seleção da escola. Algumas selecionavam os alunos pelas melhores notas para participar do Educom, outras selecionavam pelos maus comportamentos. Os alunos que tinham mau comportamento na escola eram enviados para fazer o Educom. Havia crianças de todas as características participando.

Percebi que crianças que são mais “bagunceiras”, não iriam te dar o retorno esperado, porque elas não estão pela própria vontade. Porque se elas têm certo comportamento na escola, de rebeldia, de bagunçar, de responder para o professor é porque já têm um problema na sua comunidade, na sua casa. Não têm tanta educação, porque não têm um pai que oriente, um professor que tenha paciência.

Eles trazem tudo isso para o projeto. Essas crianças não rendiam. Não tinha um resultado. Realmente deu certo. Não tinha isso. Com esse grupo não tinha. O resultado a gente via mais com aquelas crianças que tiravam melhores notas, porque eram crianças mais dedicadas, crianças que iam para o projeto porque estavam interessadas.

Tínhamos a idéia da rádio. Na semana seguinte lançávamos o desafio de localizar um espaço para a implantação da rádio. Eles nos davam o retorno. Tínhamos tarefas para casa, percebíamos que aquele grupo selecionado pelas notas tinha interesse, que ia atrás para conversar com a coordenadora da escola, com a diretora, com alguns professores para ter uma melhoria na escola.

Percebíamos que os alunos selecionados pela rebeldia, até se interessavam, mas, não rendiam. Havia esse diferencial devido à seleção feita pelas escolas.

13- Quer dizer que os que chegavam mais rebeldes continuavam rebeldes?

Não sei se continuavam rebeldes. A diferença não era notória pela teoria do projeto, não era tão perceptivo. O resultado era de uma forma menos perceptível. Percebíamos que tinha uma melhoria, mas, não significativa e nem voltada para o objetivo do trabalho. Era uma melhoria, talvez, de um comportamento, de um olhar mais crítico.

Não sei se conseguiram mudar as suas vidas, não temos esse retorno, sinto muita falta. Talvez a rádio nem exista para aqueles alunos, que na época não estavam interessados. Há, também, aquele que teoricamente, aparentemente, não parecia estar tendo resultado e hoje tem um resultado muito melhor. Teve uma melhoria para a vida pessoal dele, não tanto para a vida social.

14 – Em sua opinião, como os conceitos educomunicativos foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Eu não acho que os conceitos foram aplicados. É muita teoria. E para colocar na prática é muito distante. Eu achei uma teoria linda, talvez se consiga pegar um pontinho, uma vírgula, para aplicar na realidade.

Têm-se três páginas de teoria, na hora de colocarmos isso na prática fica complicado, mas pra possamos aplicar uma frase da teoria, precisamos dessas três páginas, para conseguirmos aplicar o mínimo que for. Não compactuo da idéia de que a teoria aplicada desse tinha um resultado.

15- O que você acha que o Educom queria passar?

De uma forma geral? Acho que o Educom queria melhorar o relacionamento das pessoas, melhorar a comunicação entre a comunidade, entre o professor e o aluno, que era visivelmente muito difícil. Entendi que esse era o objetivo.

Melhorar o relacionamento das pessoas e a comunicação. Dentro disso tem-se toda uma teoria de políticas públicas, que você desenvolve, mas que na hora da prática, não funciona bem.

16- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediadora no projeto?

Foi muito importante. Eu lidei com pessoas que trabalhavam, tinham uma experiência profissional e que essa experiência profissional fora do projeto, acaba afetando. Tínhamos psicólogos, professores, pessoas que trabalhavam na área de comunicação, fisioterapeutas, havia de tudo. Cada um trazia um pouco da sua experiência e as minhas duas articuladoras foram muito boas em relação a isso. Souberam pegar o que cada mediador tinha de melhor e trabalhar isso na hora da capacitação dos mediadores.

Elas mostravam as teorias, diziam-nos que tínhamos que trabalhá-las, pois, éramos capazes. Por conhecer a equipe, por conhecer todos, acreditavam que

tínhamos capacidade e questionavam o que poderíamos fazer para juntar as duas coisas.

Era, praticamente, igual aos sábados. Porque havia uma troca na verdade, da mesma forma que as crianças conversavam e chegavam às suas próprias conclusões.

Lógico que elas estavam lá para dar todo o aparato necessário, mas elas deixavam que nós trouxéssemos a nossa experiência proporcionando uma troca entre os mediadores. Para mim foi muito enriquecedor.

17- Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração na prática em trabalhos futuros na escola?

Eu acredito, mas, acho que não é só isso. Por exemplo, um ano, assim que o projeto terminou, havia possibilidade de alguma modificação. Eu acho que teve, principalmente, por causa dos professores. Percebíamos que quando fazíamos um trabalho com os alunos e os professores, estes eram mais irredutíveis. Eu acabava ficando meio que do lado dos alunos, não de uma forma direta.

Tentamos mostrar para os professores, que são pessoas, eles não estão lidando com animais, são alunos. São crianças que têm seus problemas e seus conflitos também. Gostaria de ter tido um retorno em relação a isso.

Uma equipe do Educom poderia retornar à escola, para ver como está. Eu acho que só aquilo não é suficiente. Depois de seis meses, acabou, pode ser até que continuem, só que não terão um acompanhamento, a rádio vira uma rádio de música, que não é o objetivo do projeto. Acredito que os alunos rebeldes tenham feito melhor proveito, porque podem ter tido um acréscimo na vida pessoal.

18- Ser uma mediadora alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Bastante, principalmente porque trabalho nesta área. Eu trabalho em Rádio &TV, tenho uma visão..., infelizmente temos que pensar no dinheiro, temos que pensar na nossa área porque temos que nos sustentar, mas, em momento nenhum em me esqueci daquilo que aprendi e daquilo que posso fazer. Por

mais que se saiba que é um trabalho de formiguinha, temos que ter dedicação. Acredito que teve melhora.

A partir desse momento que você acredita que fez alguma diferença, nem que fosse para uma pessoa, daqueles 70 alunos, que já é válido. Eu tinha uma visão de uma comunidade carente, totalmente, distorcida daquela que eu vivenciei. Tudo que aprendi, fazendo uma faculdade, pode sim ajudar as pessoas.

É isso que é “legal” no Educom, porque o Educom tem a teoria de uma rádio e implanta essa rádio, mas, há todo um trabalho por trás disso. É com o objetivo de melhoria, melhorar a relação. Tem toda a teoria de uma rádio, ensina a criança a manusear o aparelho, a parte mais técnica, mas, com todo um trabalho comunitário.

Isso é bonito no Educom, apesar de não ser tão simples assim, mas, a idéia em geral, eu acho linda. Acredito sim e tenho essa vontade de seguir um trabalho nessa linha. O problema é que, infelizmente, não dá para a gente fazer só isso na vida, porque se fosse só isso seria muito gratificante. Mudou minha visão em relação às pessoas, em relação à realidade do Brasil. Dois mundos se encontram é uma troca muito grande. Eu sempre falava isso pra eles, eu sempre agradecia. Aprendi muito com eles. Acredito que aprenderam muito comigo, então era uma troca na verdade, por isso que é mediadora e não professora.

19- Você leva o “papel” de mediadora para outros ambientes fora do mundo da escola?

Levo. Levo e é complicado, às vezes isso até atrapalha. Levo até para um relacionamento na minha família. Percebia que tentava mediar os problemas da família, tentava mostrar alguns caminhos. No trabalho também, você trabalha em uma emissora onde tem muita fofoca, onde tem muita picuinha, então para você lidar com isso, para você tentar sair um pouco daquele ambiente, “tem que ter jogo de cintura”.

20 - Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre mediação?

Pra mim mediação, teoricamente, é aquela pessoa que media duas pessoas, digamos assim. Só que não é só isso. É uma pessoa que consegue ter uma visão do todo, pelo menos tenta. Não é sempre que você consegue ter uma

visão de tudo, tenta sair daquele momento que você está vivenciando, tenta ter um olhar dos dois lados, ver o lado do professor e o lado do aluno. Quais são os motivos do professor estar agindo daquela forma? E os motivos do aluno? Então vamos tentar mostrar que existe um caminho, que existe um meio termo, que, teoricamente, não existe só o professor certo e não só o aluno errado.

Tentar mostrar para eles o caminho que você devem seguir, tentar estimular para que tenham esse olhar de uma possível alternativa, de um caminho melhor para ambos, porque o objetivo dos dois, pelo menos teoricamente, do professor que o aluno aprenda e do aluno que o professor ensine, mas não é assim que acontece.

Essa teoria é linda, mas não é assim que acontece na realidade. Tentar mostrar que eles podem chegar a um objetivo comum sem se agredirem. Acho que esse é o papel do mediador, conciliar.

E isso, tentar ajudar a encontrar um objetivo comum.

21- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

Educomunicação pra mim, comunicação é muito mais amplo do que uma rádio, comunicação pra mim é a forma de você lidar com uma pessoa, é isso que ressaltar sempre, que é o relacionamento entre as pessoas. Tem várias formas de se comunicar.

Na educomunicação, penso, de que forma iremos transmitir para a educação, teoricamente, é de uma forma que se consegue ensinar.

Educar é você tentar chegar a uma conclusão, mostrando vários caminhos. Acho que é mais ou menos isso quando você fala que o mediador é um educador, Um educador tenta ensinar, ensina e não educa. Ele ensina maneiras de se chegar a conclusão.

22- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

Digamos que eu não era uma pessoa muito ligada a teorias, nunca fui. Lembro de pegar as apostilas que o Ismar escrevia e acompanhava muito pelas apostilas.

23- Em sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

Lembro de trabalhar muito o relacionamento das pessoas. Lembro que trabalhávamos a relação do professor com aluno.

Era a discussão dos alunos em relação a maneira de como implantar a rádio. Como seria esse trabalho? Como os alunos vão conseguir mostrar para os diretores o que eles querem? Como pode ser a receptividade do diretor em relação à idéia dos alunos? Como eles poderiam ter voz e serem ouvidos? Tem-se que encontrar um denominador comum.

24 – Qual a relação que você teve com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Tivemos um problema na segunda fase, porque fomos expulsos da escola. Na sétima fase íamos para uma escola lá no Tatuapé e, já estava tudo acertado lógico, ficamos dois sábados. A comunidade e a direção da escola resolveram que não queriam mais o Educom lá. É sério isso. Não tivemos relacionamento algum com os funcionários, fomos redirecionado para a sub prefeitura.

Ficamos ali, na sub prefeitura do Tatuapé. Desenvolvemos tudo lá. Os professores e alunos iam todos para lá. Não tinha sala, era outra estrutura, tínhamos uma micro cozinha, comíamos nas cadeiras, não tínhamos mesa.

Tínhamos uma funcionária, que fazia as nossas refeições. Lembro que pra lidar com ela era difícil, ela era irreduzível, porque estava trabalhando aos sábados. Ela foi obrigada porque nós fomos encaminhados para lá, pois, não tínhamos para onde ir. Houve todo um processo por parte da equipe. A nossa articuladora, os outros mediadores, tinha um mediador que era psicólogo, que tinha feito um trabalho nesse sentido, até dava umas “dicas” pra gente, como é que poderíamos lidar com aquela funcionária.

Ela era totalmente irreduzível, fazia a comida de qualquer jeito, brigava com as crianças. Era um clima bem pesado. Ela vendia salgados, então a gente comprava os salgados dela pra agradar. Sempre fazendo elogios, a comida podia estar horrível, mas sempre fazendo elogios, na tentativa de fazê-la melhorar o seu humor, para que ela visse o lado positivo daquilo tudo.

Houve todo um trabalho de equipe para tentar acalmá-la. Eu lembro que no final a estávamos nos abraçando, nos beijando, agradecendo.

25 – Por que o diretor não quis?

Porque ele sabia que ia ter algum tipo de mudança. E ele não queria mudança. É difícil a aceitar uma mudança. Uma professora daquela escola participou, até levava a filha dela. Uma vez ela comentou comigo, que haviam feito uma reunião, professores e alguns pais e votaram para a continuidade do Educom, mas fizeram uma opção negativa.

Então assim, acho que não foi só a diretora, tudo bem que a diretora pode ter induzido também, tem esse lance.

26- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Teve seus problemas como qualquer empresa, mas de maneira geral, achei muito organizado, a maioria das vezes havia um aparato deles, de acordo com a estrutura que tinham, acho que eles conseguiram ajudar bastante. Fomos atendidos todas as vezes que necessitamos.

A dificuldade que tive, algumas vezes, foi em relação a encontrar alguém, quando necessário e às vezes não conseguia falar com certa pessoa. Quando necessitávamos falar com qualquer pessoa do Educom, íamos até ao NCE, sempre tinha alguém para atender. Se não conseguia resolver na hora, tentava dar algumas soluções. De uma forma geral acho que eles foram bem.

27- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Eu não tive muito contato com o professor Ismar. Acho que o vi por duas vezes, mas não tive um contato direto, uma oportunidade.

Eu sei que as nossas articuladoras tinham contato com ele. Elas traziam o que ele passava. Acho que o aparato necessário ele oferecia, a orientação necessária, também. Quando surgiram os problemas e fomos transferidos para o Tatuapé, acredito que tenha sido uma ação dele.

28 – E você gostou de participar do projeto?

Amei, apesar de ter tido decepção, entrei com uma idéia e chegando lá vi que não era do jeito que eu esperava. Lamentei quando o projeto acabou, porque eu gostaria de saber como está aquela escola, como estão aqueles alunos. Eu sinto falta de um retorno.

E o que mais me entristece é a falha que o Educom tem, a falta de retorno. Acabamos ouvindo muitos boatos. Ouvi dizer que algumas escolas não receberam os equipamentos, não sei se é verdade. Por exemplo, você fica sabendo dessas coisas e pensa: “Não acredito, depois de tanto trabalho, aquela escola não recebeu o material necessário”!

Tínhamos uma expectativa que não foi concretizada. Falando francamente o nosso trabalho não foi válido.

De uma forma direta, o objetivo era o aparelho, sabemos que não é só isso. Se o aparelho não chegou eles não vão conseguir seguir em frente e realizar o trabalho.

Entrevista 10

1- Nome: Vanessa Teixeira Pipinis

2- Data de Nascimento: 22.01.1979

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Vou falar desde o começo. Na verdade eu fiz Direito, cursei, trabalhei, cheguei a fazer estágio, no quarto ano eu mudei, comecei a fazer jornalismo.

4- No quarto ano de direito?

No final do terceiro ano. Eu trabalhava no escritório, não estava feliz lá, queria mudar e percebi que não era Direito o que eu queria fazer. Eu não queria trabalhar daquela maneira, naquela estrutura, fui fazer jornalismo. Comecei a fazer jornalismo e fui levando os dois cursos ao mesmo tempo.

5- Onde você fez jornalismo?

Eu fiz jornalismo na Cásper Líbero e Direito no Mackenzie. Durante o quarto e quinto ano da faculdade eu levei junto. Então eu fazia o quarto e quinto ano de direito, primeiro e segundo de jornalismo. Quando eu comecei a fazer o Educom.

Na verdade eu fiz Direito e Jornalismo, mas, na verdade eu queria fazer Pedagogia. Na verdade eu queria trabalhar com educação, com outras coisas e dentro dessas duas formações eu procurei caminhos que me possibilitassem fazer isso. Quando eu estava no segundo ano de Jornalismo, no último ano de Direito, eu conheço um diretor de escola e ele falou que a escola dele ia participar do projeto, do Educom. E me convidou para participar. Fui alguns sábados e participava como cursista. Acho que fui uns dois ou três sábados e gostei. Comecei a querer entender um pouco melhor o que era aquilo. Dentro da faculdade de jornalismo eu procurava caminhos que me levassem para a educação. Eu procurava estudar, participar de alguma coisa nesse sentido, mas a Cásper não tinha muito essa área, ela é mais mercado. Grande imprensa e escrita mesmo. Não tinha nada diferente lá.

Estava, ainda, no terceiro ano, terminei Jornalismo, terminei Direito, estava no terceiro ano, o semestre passou, eu fiquei meio distante do Educom, por outros motivos e eu fiz o processo seletivo e entrei aqui.

Não me recordo a época, sei que participei da sexta e sétima fases. Eu era formada em Direito, no último ano de faculdade de Jornalismo e naquela época eu trabalhava na América On Line , AOL, eu era repórter lá.

Trabalhei no Educom, eu trabalhava também no Centro de Pesquisa, então minha relação com o Educom foi uma relação, lógico, de encontrar um caminho para poder trabalhar, realmente com educação, que era o que eu queria, mas acho que foi um caminho de pesquisa porque naquele momento eu trabalhava no Centro de Pesquisa e queria começar a estudar.

6– Você trabalhava no NCE?

Não, eu trabalhava no Centro de Pesquisas da Cásper Líbero. Trabalhava lá, trabalhava na AOL e queria estudar. Eu pensava, na época, em fazer mestrado e focar mais para a educação. Então foi um momento que me ajudou a escolher melhor o caminho, a definir melhor esse caminho. Tanto é que o meu projeto de pesquisa, de dissertação, nasceu no Educom. Nasceram na mediação, as idéias que eu tive, o que eu queria estudar, eu percebi na mediação.

7- Quais as fases você participou no projeto?

Sexta e sétima.

8- Qual a atividade que você desenvolve hoje?

Hoje eu trabalho como jornalista, trabalho num jornal que chama Cidade de Bragança, é um jornal de circulação semanal, que circula em Bragança Paulista. É um projeto que eu ajudei a criar, então eu trabalho lá mais por afinidade mesmo, ao projeto e às pessoas que trabalham lá, que são meus amigos.

Trabalho também como jornalista na Alvoré, que é uma empresa de comunicação popular e ainda mantenho vínculos com o NCE, eu trabalho, hoje, no Mídias em Educação, sou tutora.

9- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

Na verdade, como eu falei no começo. Quando eu conheci o Educom foi mesmo por curiosidade. Então eu fui à escola Dávila, eu conheço o diretor, que é um grande amigo meu e a escola dele participou. A escola dele, até hoje,

tem uma rádio funcionando, os alunos dele são bem atuantes, é um lugar bem legal. E fui, participei, acompanhava algumas palestras, acompanhei também alguns trabalhos dos estudantes e gostei da idéia.

Pensei..., a hora que eu tiver mais tempo, que eu tiver um pouco mais madura, que eu entender melhor isso, eu vou querer participar, vou querer ajudar de alguma maneira. Fiz a prova aqui e comecei a trabalhar na sexta e sétima fases. Eu gostei da idéia. Porque tinha aquela idéia de que fiz comunicação, mas, na verdade eu buscava caminhos que me possibilitassem trabalhar com a educação. E acho que naquele momento foi uma janela. Foi um caminho que operacionalizou isso, que me permitiu trabalhar dessa maneira.

10- Como mediadora, qual era o papel que você deveria desenvolver?

Tínhamos as reuniões semanais aqui, mas, de formação. Tínhamos um planejamento, o grupo, dos mediadores com as articuladoras. Íamos para a escola, acho que nas duas fases que eu trabalhei a gente trabalhou com escolas fixas, era difícil ter rodízio. Então cada um, cada mediador era responsável por uma escola.

Tínhamos uma série de atividades, e eu trabalhava mais com os alunos. Os encontros com os professores ficavam mais para o final do dia, depois do almoço. Porque de manhã os professores tinham palestras com outros professores, aqui da ECA. Os professores que iam falar de temas específicos, voltavam mais no fim do dia.

O trabalho de mediador era mais de facilitar o trabalho conjunto entre o professor e o aluno. Quando trabalhávamos mais com os alunos, eu também entendo que era um trabalho mais de facilitador.

Porque as turmas que eu tinha, acho que trabalhei com duas ou três escolas, eles tinham dificuldades enormes de ouvir um ao outro, de conversar, de brigar mesmo. Em certos momentos eu tive que apartar briga.

Acho que era isso o nosso trabalho. Era fazer com que esses jovens conseguissem se ouvir, se entender e a partir daí encontrar uma demanda comum, entre eles, e produzir um programa de rádio como estava nas orientações.

O mediador sempre teve um trabalho muito livre, muito autônomo, dentro de uma lógica, dentro de uma seqüência.

Tínhamos algumas tarefas para cumprir de acordo com o programa. Claro que cada Pólo podia mudar isso, cada Pólo podia reorganizar de acordo com as necessidades que verificasse naquele grupo, naquelas escolas.

Mas mesmo assim, tínhamos uma seqüência de coisas para cumprir. Tem que ser uma radionovela, tem que falar sobre linguagem. Cada mediador tinha muita liberdade para fazer do jeito que quisesse, mas, você tinha que cumprir, senão ao final do curso, você não conseguia chegar onde foi planejado.

11- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Contradição? Contradição eu acho que não. O que eu verifiquei nesses momentos e hoje pensando, até quando eu estava vindo para cá eu estava tentando lembrar algumas experiências para poder te contar. Mas o que eu verifico, é que em muitos momentos, não fizemos o trabalho de mediação que estava previsto ali nas atividades. Brincávamos muito que, às vezes, em alguns momentos, fazíamos o papel de assistente social, de psicólogos. Em muitos momentos, simplesmente, você não conseguia fazer uma produção radiofônica, como por exemplo, era a orientação do dia.

Porque você passava horas, horas e horas fazendo dinâmica, conversando, ouvindo esses jovens, ouvindo as histórias deles. Alguns temas eram, especialmente, polêmicos. Por exemplo, a questão do negro, a desigualdade social. Não sei se nesses momentos era uma “coisa” que eu puxava mais para que eles conversassem ou se foi uma demanda, que tive sorte de encontrar em duas turmas.

Mas, o que eu verificava é que nesses momentos eles precisavam falar, precisavam interagir de alguma maneira, fazer alguma dinâmica, alguma coisa assim. Então em alguns momentos eu não conseguia cumprir, meu papel era de facilitar um trabalho para que eles se comunicassem, fizessem um programa de rádio.

Mas às vezes eu acho que a comunicação que eu trabalhava lá, por questões sociais e questões mesmo de nível social, às vezes, as questões comunicacionais eram trabalhadas na forma de diálogo, de ouvir, de entendimento. Contradição eu não vejo, o que eu vejo é que em muitos momentos a gente não conseguia atender as orientações.

Porque as necessidades eram primeiras, anteriores àquilo. Para eles chegarem ao nível de conseguir se coordenar, sugerir, produzir um programa de rádio, uma série de etapas precisavam ser cumpridas. Então a gente precisava de mais tempo para cumprir essas etapas.

12- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

Dificuldades. Eu acho que havia dois tipos de dificuldades. Dificuldades estruturais, que é aquilo que você deve ter ouvido todo mundo falar, sala de aula, esse tipo de coisa, que é uma dificuldade grande que enfrentamos, mas isso dava para contornar.

Na última fase eu trabalhava num Céu, Campo Limpo, era muito interessante trabalhar lá. Porque eu ficava com aqueles jovens e eles me contavam que eram de uma escola muito pobre, que o banheiro não tinha porta, não tinha papel higiênico, não tinha bebedouro e eles chegaram num Céu, era um deslumbre ver aquilo.

Eles não queriam entrar na sala, Eles queriam ver a piscina, jogar vôlei. No começo eu ficava muito nervosa porque eles nunca chegavam no horário, eu ficava brava. Depois eu entendi.

Não tinha como eu concorrer com tudo aquilo. Para eles aquilo era um momento mágico na semana, ver aquelas coisas diferentes. Então tinha problema estrutural. Tinha problemas graves, de não ter rádio, de não ter gravador, ter um lugar que não facilita em nada uma gravação, você tinha que fazer mágicas para gravar.

Acho que esse pessoal que fez programas de rádio, fizeram milagre. Fizeram coisas muito boas em condições que ninguém acredita, eu acho que era uma dificuldade que todo mundo passou mas dava para contornar.

A maior dificuldade que tínhamos mesmo eram dificuldades pessoais, de relacionamento pessoal. Eu acho que tem a ver com questões sociais, com

questões políticas. Por exemplo, como que você pega uma turma que não queria estar ali, de professores especialmente. Isso é uma coisa muito séria, compromete o seu trabalho. Se eles não queriam estar ali, por quê? Porque, às vezes, o projeto não era uma demanda da escola, porque eles foram forçados a estar ali, porque, às vezes, eles queriam estar ali por ter pontos, aquele sistema de aprovação, enfim, compromete o seu trabalho. Se eles estão ali só para cumprir protocolo é difícil. Porque se você não tem apoio de professor é muito difícil. Eu considero que é mais difícil, tem gente que não.

Tem as outras dificuldades que eu vivi mais, de relacionamento de aluno. Eu percebi que na escola mandavam “os piores alunos”. Eram aqueles alunos que brigavam, que tinham dificuldade de relacionamento, que não queriam assistir aulas. Os alunos sempre foram tratados como bicho.

Chegar a um encontro, uma vez por semana, que você pensa..., “é o dia inteiro”, mas o dia inteiro é muito pouco para o jovem que foi tratado a vida inteira como bicho, é muito pouco. Colocar, às vezes, 10, 15 pessoas em cima de uma mesa e pedir que ouçam uns aos outros é muito difícil de você fazer.

Então hoje, com a distância de tempo, pensando no Educom, eu ouvi histórias maravilhosas de todos os mediadores. As pessoas que conseguiram fazer com que um ou outro olhasse, refletisse sobre essa maneira de agir no mundo, e esses jovens que foram adiante, tem uma rádio até hoje, viraram lideranças políticas, foi um trabalho mesmo de milagre, não no sentido mágico da coisa, mas um trabalho muito intenso, de esforço mesmo. Uma “coisa” que, lógico, deve ter alguma coisa naquela pessoa que possibilitasse. Mas acho que as dificuldades são essas. Estruturais e dificuldade de relacionamento social. Entre mediador, eu nunca tive nenhum problema entre mediador e Pólo.

Mas eu avalio dessa maneira, as dificuldades de relacionamento entre os alunos, problemas sociais graves entre os alunos e, às vezes, eles mesmos da escola não quererem estar ali. Na maioria vezes não era por má vontade, mas, porque não era uma demanda da escola, o professor não estava com vontade, não tinha uma liderança formada na escola para levar o projeto adiante, como é que você trabalha numa turma dessas. É muito difícil.

13- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Eu via isso no momento da avaliação. Quando eu entrei no Educom, nos primeiros encontros eu era um pouco “crua”. No começo, o que era bom, o que tinha dado certo se eu conseguisse cumprir todo o programa e se eles conseguissem fazer um programa de rádio, que na maioria das vezes, tínhamos uma gravação, quase todos os dias tínhamos uma gravação para fazer. Então se eles conseguissem gravar e ouvir o programa, eu saia feliz da vida, eu cumpri. Mas e depois, depois que você vai pegando o jeito da coisa, eu achava que a gravação era o de menos.

Então determinadas vezes eu nem gravava, abria mão da gravação para resolver alguma outra questão. Para mim o mais importante era resolver alguma questão pendente. Eu me lembro de um caso, por exemplo, tinha um menino na última fase, ele chamava Gilvan, e ele não falava. Não participava nada e todos riam muito dele. Era uma situação difícil de controlar. Vieram me contar a história dele, que ele não tinha pai, não tinha mãe, morava numa condição muito miserável, perto da escola e que ele trabalhava na escola, era uma maneira dele se sentir útil.

Então eu me propus, num determinado momento, naquele grupo, fazer com que ele se sentisse mais à vontade para falar, se posicionar e fazer com que o grupo o aceitasse. Isso demorou uns três sábados, tínhamos poucos encontros, então boa parte do meu tempo de mediação foi usada para isso. O dia que eu consegui fazer com que ele falasse, fazer com que ele assumisse algum papel em trabalho coletivo, eu percebi que eu tinha cumprido a minha função ali, naquele momento.

Acho que cumprir o nosso papel ali não era uma “coisa” pontual, mas, gradual, que podia se estender até a metade, ou podia se estender durante todos os encontros e, também, esse cumprir a sua função, cumprir os seus objetivos, também, estava ligado muito à demanda própria da escola. Você nunca sabia o que ia acontecer.

Podia pegar um grupo super bom, que ia muito rápido, que estava mais preocupado com técnica e querer produzir, como não. Você podia pegar um grupo que mal se conversava, que precisava desabafar, que precisava contar coisas.

14- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Eu acho que sim. Por exemplo, dos alunos, tinha momentos de resistência e aí era aquele trabalho de você conquistar, um trabalho a longo prazo, foi muito bom, eu tenho contato com muitos estudantes do Educom, até hoje, um trabalho de construir um vínculo, também vivi isso com um professor. Isso foi um momento muito rico, porque eu acho que o professor tem um papel muito importante nessa história.

Eu tive uma professora, a Joana Darc, ela era uma mulher maravilhosa, trabalhava no Céu, também. E toda vez que ela chegava, ela comentava que havia pensado no que eu havia dito na semana anterior, mostrava o que estava fazendo com seus alunos. Percebi que havia tido troca, ela sempre tinha uma coisa para trazer para a turma, para trazer para os outros colegas.

Eu vivi de alguma maneira isso com os professores, os educadores. Não era de uma maneira generalizada, tinha um comportamento muito político, muito fazendo “mídia”, sempre me trataram muito bem, mas que não era uma coisa receptiva no sentido da sua pergunta.

Com os estudantes, também vivi isso. Alguns tinham alguma resistência, no começo, por medo, por achar que estavam sendo avaliados.

Mas, depois iam estabelecendo uma relação de confiança. No final era muito duro se separar, porque no final a gente estava muito amigo, muito mais próximo. Acho que no final você já conseguia entender e aceitar um pouco melhor o jeito dessas pessoas viverem o mundo.

15- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre educomunicação?

Essa é uma pergunta muito difícil. Eu tenho pensado muito nessa palavra. Em educomunicação. Durante o curso, a mediação, liamos os textos, tínhamos os momentos de informação, mas eu confesso que, para mim, sempre foi um pouco difícil entender o que era educomunicação. Dentro da lógica do NCE, dentro desse conceito criado pelo NCE.

Depois que fiz o mestrado e fiz a disciplina do professor Ismar, voltei a refletir sobre a palavra, sobre esse novo conceito. E hoje, na faculdade de educação, eu olho essa palavra pelo olhar de quem está estudando na faculdade de

educação. Então para mim, educomunicação hoje, o conceito que eu tenho claro, é que isso nada mais é do que educar, do que educação. Acho que não é necessário você criar uma nova palavra, criar um novo corpo teórico.

A grande diferença, é que quando a gente fala em educação a gente pensa em escola, a gente sempre pensa nos processos formais de educação. Mas acho que se a gente ampliar a palavra educação e perceber que agora, neste momento, a gente está se educando. Você está me ensinando coisas, me passando valores, me passando experiências e eu também.

Se percebermos que há troca, que a gente se educa com todas as instâncias, com todos os meios, com todos os agentes que estão por aí. Na verdade, estamos fazendo educação. Então, acho que o que eu vivi ali, o que eu penso hoje, daqui um tempo eu posso reformar esse entendimento.

Hoje, acho que o que vivi ali, foi um processo de educação, simples, um pouco diferente do que eles estavam acostumados, porque eles nunca viviam processos educativos como meio de comunicação. Eles contavam que às vezes, o professor ilustrava uma aula com um filme. Os meios de comunicação, ali, eram usados de maneira muito experimental, para ilustrar alguma coisa. Era só um auxílio ao professor. O que a gente se propunha ali era uma coisa nova, revolucionária, inovadora. Mas o que eu vejo hoje, para mim, isso é um processo educativo.

16 – Em sua opinião, como os conceitos educomunicativos foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Eu acho que a gente trabalhava muito a questão da gestão. Mas, acho que num momento muito inicial da gestão. Às vezes reunia alunos, professores, quando tinha sorte vinha algum membro da comunidade.

Nos primeiros exercícios de diagnóstico, de entender como funcionava essa escola, quais os fluxos comunicacionais, fazíamos o diagrama, podíamos perceber algumas questões. Percebíamos alguns empecilhos, alguns entraves, percebíamos que aqueles fluxos de comunicação não eram democráticos, é muito complicado. Como você vai trabalhar gestão em oito encontros, às vezes, num momento que é um momento diferente, que está longe da rotina desses atores e num momento tão curto de tempo.

Como é que você faz isso? Acho que a gente dava início a esse processo, dava início a um processo de reflexão desse grupo para que cada uma dessas pessoas olhasse essa prática, refletisse sobre o seu papel naquele organograma que fazíamos. Mas daí, falar que a gente trabalhou gestão..., acho que é muito otimista, acho que não trabalhávamos gestão, trabalhávamos com um grau de gestão.

Primeiro grau da gestão..., coloquemos dessa forma, para não usar primitivo, porque primitivo pode parecer uma palavra muito pejorativa. Trabalhar um primeiro nível, no momento em que esses atores se vissem.

17- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediadora no projeto?

No primeiro momento eu caí meio de pára-quedas e boa parte dos mediadores caia de pára-quedas, por mais que tivessem um trabalho de formação, que era um momento muito rico. Eu tive sorte de trabalhar num grupo, que foi um grupo muito preocupado com formação, com troca, com reflexão sobre. Trazíamos nossas experiências, refletia sobre, procurava ler sobre. Mas, acho que é uma questão muito complicada falar da formação. Para entender o conceito de educomunicação como está escrito, como foi desenvolvido, não dá para estar saindo da faculdade.

Boa parte dos mediadores era universitária. Ou era universitário ou eram pessoas que tinham acabado de sair da universidade, que sempre estiveram envolvidas com projetos de comunicação, comunicação popular, educação, ou então, coisas como dança, arte, muito bacana, um ponto positivo. Sinal que você tinha uma sensibilidade para essa nova forma de ver a relação entre educação e comunicação. Mas, ler aquele conceito e entender aquele conceito é muito difícil.

É muito difícil uma pessoa que está saindo desse grau. Eu fui entender esse conceito no curso de mestrado, depois que eu já tinha terminado a graduação, já tinha passado pelo Educom, passei um momento fora e resolvi voltar. O que tínhamos de formação, que foi urgente, que eu aprendi mesmo ali no NCE, foi a questão da linguagem técnica.

Rádio! Eu sou jornalista, não tive formação em rádio. O que tivemos muito e foi muito bom, eu avalio hoje como muito bom, foram as oficinas e até mesmo

dentro do Núcleo tínhamos colegas mediadores que entendiam muito de linguagem radiofônica. Então eles sempre davam um jeito de ajudar os outros. Agora, dizer que tivemos uma boa formação teórica, que a refletimos muito sobre educomunicação, isso não. Talvez, não sei qual era o sentido, se era necessário ter. Talvez, a nossa necessidade ali fosse viver aquela experiência, conseguir fazer diagnóstico, conseguir entender algumas coisas, conseguir interpretar alguns sinais. Nossa necessidade, ali, na mediação não era ficar refletindo sobre o conceito. Acho que a formação que tivemos atendeu às nossas necessidades imediatas.

Não vou dizer que todos saíram dali “afiados” no que era educomunicação, que todos os mediadores saíram dali refletindo criticamente, entendendo aquele processo que a gente tinha vivido.

18- Você acredita que após a finalização do curso no Pólo foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Eu acho que é muito relativo e também acho que é difícil responder essa pergunta, porque quando terminava, estávamos nos despedindo, era aquela maravilha. Alguns professores achavam muito bom, que deveriam levar o projeto adiante. Será que eles iriam fazer aquilo adiante? Não sei, porque eu percebia que muitas pessoas que estavam ali, estabeleceram comigo um jogo. Vou explicar como era esse jogo.

Eles estavam ali por um objetivo claro, precisavam estar no curso, ou por uma questão de demanda da escola ou então porque o professor obrigava, ou porque eles tinham um objetivo claro de conseguir um certificado, uma participação burocrática ali naqueles encontros.

Então, eles estabeleciam comigo um jogo: “eu tenho que estar aqui, eu faço o que você quiser, eu te ajudo aqui, eu colaboro, eu participo”, mas, com ressalvas. Isso não quer dizer que eu vou me tornar uma liderança política, que eu vou levar isso numa escola, que eu vou mobilizar professores e comunidades. Então, era um jogo de agrada. Eu percebi que muitos professores, com os quais trabalhei, me agradavam o tempo todo. Eu percebi que eles não estavam ali com o propósito de levar aquilo para dentro da escola.

Acho que os poucos professores que eu tive, que eu percebi mesmo uma mudança de comportamento, faziam isso num nível mais micro, assim, dentro da sua sala de aula. Então, essa professora que eu citei, a Joana Darc, ela fez um trabalho de jornal mural com a primeira série e foi maravilhoso. Porque ela usou o processo de alfabetização para que aquelas crianças pesquisassem histórias do seu bairro, da sua comunidade, montassem ali figuras e começassem a escrever as primeiras letras num jornal mural.

Ela fez educomunicação ali. Esse projeto, ainda mais nas fases finais, ele acaba sendo só como educomunicação, esquece o ponto rádio. Muitas escolas não receberam rádio. Na última fase, que eu trabalhei a escola não recebeu rádio.

Então num determinado momento eu abri mão de trabalhar a linguagem radiofônica com eles. Porque era falar sobre o vazio. Fizemos um trabalho com jornal mural. E eu percebi que alguns educadores levaram isso para a sala e começaram a fazer.

Agora, falar que uma escola mudou..., é complicado, eu não tenho como dizer isso. Porque, primeiro, não voltamos lá para saber, eu não conheço história dessas escolas que trabalhei. O Educom buscou sempre as mesmas escolas. Se a escola mudou, eu não sei, acho arriscado dizer. O que eu consigo falar é que alguns professores mudaram a sua prática pedagógica, tiveram um novo olhar e levaram alguns elementos para a sala de aula.

Conseguiram fazer um planejamento, por exemplo, de trabalhar jornal, revista, programas de televisão que esses jovens assistiam. Fazer um planejamento e levar isso para a sua prática. Isso sim. Agora, falar que a escola mudou, não sei responder.

19- Ser uma mediadora alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Sim mudou muita coisa. Em relação à comunicação, o que eu achava, quando fui fazer jornalismo é que eu queria muito trabalhar em televisão, grande imprensa, porque eu achava que eu tinha um grande papel social a fazer e que eu queria falar para muitas pessoas.

Quando cheguei ao Educom, mudei a idéia da função dos meios de comunicação. Então, acho que hoje, o caminho não é grande imprensa. Eu mudei a relação que eu tinha com o jornalismo e com os meios de

comunicação de massa. Eu acho que hoje, o futuro não é grande imprensa, está fadado ao fracasso. Tanto em termos econômicos, como em termos de mercado para os profissionais de comunicação.

Eu acho que o futuro é a descentralização, é a comunicação na sua escola, na sua igreja, na sua rua, é você montar um jornal de bairro. É esse tipo de coisa que eu acredito. Até mesmo para ter mercado para toda essa gente trabalhar. Porque só depender de Globo, Estado, não vai ter trabalho para ninguém.

Acredito, também, que esse tipo de comunicação descentralizada, acho que os blogs, hoje, possibilitam isso, isso sim é o caminho da revolução, da democratização do conhecimento, da informação, esse acho que é o caminho. Então mudei minha relação com a comunicação e com a educação eu experimentei esse processo de sentimentos bem antagônicos. Por um lado, às vezes, eu sentia raiva, sentia tristeza por aquela estrutura e em outros momentos eu sentia uma extrema alegria com algumas coisas que eu encontrava. Então, num determinado momento eu não acreditava mais na escola. Eu via muitas coisas, ouvia muitas histórias, muitos professores desinteressados.

Às vezes a sala cheia, o professor ganhando pouco, uma condição e trabalho também sub-humana. Não acreditava esse não é o caminho. Hoje, vivendo tudo isso, percebo que a escola, ainda, é fundamental. Eu acredito que a escola é fundamental. O que eu acredito é que a gente tem que trabalhar para mudar a concepção de educação. Trabalhar a formação de professor, principalmente. Nesse primeiro momento, em que cheguei ali para trabalhar eu acreditava que o professor era muito “folgado”, “preguiçoso”. Na primeira fase foi assim, porque eu peguei algumas professoras que eram meio “casca grossa”.

Então, eu achava que elas eram “folgadas”, que eram todos despreparados, que não tinham comprometimento. Mas depois, quando eu conheci algumas pessoas, eu percebi que era exatamente o contrário, que a questão ali era formação. Então, às vezes, ele não fazia, não porque não queria, mas porque não sabia.

Ele não conhecia outra maneira de fazer. Então, na escola ele aprendeu aquela receitinha e nunca falaram para ele que tinha outro caminho. Acho que no final das contas o Educom serviu, pra mim, como laboratório de diagnóstico. Eu consegui me perceber como sujeito ativo na comunicação e na educação.

Consegui perceber que alguns elementos que indicavam que o caminho que a gente tem não era o que eu queria, não era o que eu acreditava.

E no final das contas me serviu como um elemento de esperança. Ir por aqui é um caminho possível, tem muita coisa para ser mudada, muita coisa que eu quero fazer para colaborar. E acho que o futuro é promissor, eu saí de lá com uma esperança renovada. Porque acho que consegui perceber melhor qual que era a situação. Eu tinha muita idéia, de “orelhada” antes de chegar. Aquela “coisa” de achar que é isso, que é aquilo. E quando eu estava ali, no meio daquelas pessoas, eu comecei a perceber coisas mais concretas.

20- Você leva o “papel” de mediadora para outros ambientes fora do mundo da escola?

Eu acho que sim. Na medida em que se é mediador tem aquela “coisa” de você enfrentar uma saia justa e você precisar sair dela de alguma maneira. Acho que é exatamente isso que a gente faz. Porque antes de entrar no Educom eu não tinha muito essa função.

Os trabalhos que eu fazia eram trabalhos muito solitários, que dependiam muito de mim. Quando eu cheguei para fazer a mediação eu me vi no meio de uma confusão e resolver aquela confusão dependia de mim. Tinha que fazer alguma coisa para resolver isso.

E acho que, hoje, eu levo isso para o resto da minha vida. Também, porque depois que eu passei pelo Educom eu comecei a atuar em ambientes que fossem mais semelhantes, trabalhar mais com educação, comunicação popular ou jornalismo comunitário. De certa maneira eu estou no meio desses conflitos. Acho que, nesse sentido, sim eu levo o papel da mediação comigo. Papel, mesmo, de resolver conflitos, de tentar gerir um grupo de pessoas. Nesse sentido sim.

21- Depois de trabalhar no Educom. Rádio, qual o conceito que você faz sobre mediação?

Que pergunta difícil. Eu acho que mediador, na verdade, ele é um facilitador. Essa foi uma palavra que quando eu entrei no Educom não entendi muito. Demorei um pouco para entender.

Até que uma colega falou, que achava que era facilitar, facilitar alguma demanda. Qual é a demanda? É a dificuldade de falar, é a dificuldade de

organizar um pensamento, a dificuldade é aceitar o colega, é entender, é fazer um diagnóstico da sua escola, da sua comunidade, entender onde é que está o entrave, é buscar alternativas. Isso que eu acho que é o conceito de mediação, é facilitar algum processo.

22- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

Bom, durante a capacitação líamos textos do professor Ismar. Lemos, também, no nosso grupo, especificamente, textos do Paulo Freire e Mauro Capul. Que eu me recordo era isso. Líamos, também, o material de formação, porque o material de formação era elaborado pelos próprios participantes do NCE, que é o Citelli, o próprio Ismar, as outras pessoas que colaboravam, Patrícia Horta, os próprios articuladores.

Líamos muito esse material, agora autores mesmo. Claro, o Citelli é um autor, mas a não líamos textos dele, líamos o material que ele produzia para o NCE. Começamos a ter uma dificuldade de entendimento no grupo, porque no nosso grupo não tinha educador, tinha só a articuladora que era da educação. O resto das pessoas eram todas da comunicação ou de outras áreas, dança, biologia, enfim.

Lemos alguma coisa de Paulo Freire, educação bancária esse tipo de coisa.

23- Em sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

O que era muito importante, que percebi ao longo do tempo, e era a capacidade que tínhamos de fazer um diagnóstico. Por exemplo, aquela turma passava por entraves, o trabalho não andava..., a coisa não ia bem, as pessoas não queriam participar, não queriam fazer. Quando o mediador tinha habilidade e perceber, o mais rápido possível, onde que estava o problema, acho que o trabalho fluía mais rápido.

Isso era uma coisa muito importante, vou chamar de elemento, elemento importante, que é a capacidade que um mediador tinha de fazer um diagnóstico.

Outro elemento muito importante, que vou chamar de vigilância. Ter uma extrema vigilância com o seu trabalho. Porque, às vezes, você estava numa condição de caos. Eu experimentei no Educom umas sensações de caos.

Ninguém queria fazer nada, uma enorme bagunça, gente brigando. Nesse momento é muito fácil você dar uma ordem, parece que está pronto aqui na garganta.

Todo mundo senta e todo mundo faz. Isso não tem nada a ver com educomunicação, porque estávamos ali para buscar um meio de fazer com que esse grupo identificasse uma demanda, identificasse uma vontade coletiva, que aquele grupo acreditasse na vontade de mudar alguma coisa.

Outra coisa muito importante que eu me vigiava era fazer com que a coisa fosse mais democrática possível. Pode ser um diálogo também, de você ouvir todas aquelas pessoas e não impor nada.

No começo eu achava que técnica era importante, mas no final das contas eu achei que não era nada importante. Era mais, mesmo, a capacidade de ouvir, que está muito ligado com o que você falou mesmo, que é o diálogo. Diálogo sempre democrático e aberto.

Uma coisa que eu vivi muito e que era muito “legal” foi um jeito de mostrar outro mundo para essas pessoas. O que isso quer dizer? Por exemplo, eu me lembro de uma atividade que fiz e que foi “super legal”. Estávamos trabalhando imagem, então eu recortei do jornal duas figuras, uma se referia ao Paraguai, a um assassinato que teve..., só figura, mais nada e outra dois nordestinos, que estavam anunciando uma seca. Levei para eles e perguntei: O que aquelas imagens queriam dizer? E eles começaram a pensar em cima das imagens. Quando eu contei pra eles o que cada uma daquelas imagens se referia, eles tiveram uma enorme surpresa. Porque eles criaram uma imagem, criaram uma história que não tinha nada a ver com aquelas imagens, criaram outro contexto para aquelas figuras.

Questionei se sabiam o que estava acontecendo no Paraguai, refletimos sobre isso e, também, a questão da seca, a questão da migração. E eles questionaram porque não aprendiam aquilo. Acho muito importante você levar outros elementos que não estão ligados ao universo da escola. Porque eles aprendiam muito em livro didático.

Eu acho que quando o mediador também tinha capacidade de fazer esses jovens olharem para a sua história, fazer com que eles percebessem que são sujeitos históricos, que aquela comunidade tem uma razão de ser daquele jeito.

Que não é porque eles estão assim, numa condição de pobreza extrema, que aquilo é uma vontade de Deus. Aquilo tinha uma razão histórica de ser. Que eles eram sujeito, que eles podiam mudar aquilo de alguma maneira, que havia possibilidade de ação, que havia possibilidade que eles fossem pra frente, com que eles buscassem caminho.

É mais difícil, para quem é pobre é mais difícil, tem que ser muito mais guerreiro. Mas, há caminhos. O duro é que eles não conhecem esses caminhos, a escola não mostra esses caminhos, a escola não possibilita novos olhares para eles perceberem a sua história.

24 – Eu acho que isso que você está falando é um pouco de protagonismo, né?

È. Protagonismo, essa é a palavra. É isso que eu queria dizer mesmo. De você facilitar para que aquele jovem perceba que o mundo que ele está não é uma vontade divina e as coisas não são assim porque são. As coisas estão sendo, elas podem ser mudadas, que ele tem um papel nisso. E eu acho que isso era possível de ser feito rapidamente, só levando elementos para que eles percebessem as coisas um pouquinho diferente do que estão acostumados a ver na escola.

25 – Qual a relação que você teve com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Os funcionários eram muito difíceis. Não tínhamos relação. O problema é que elas tinham que trabalhar no seu dia de descanso, aos sábados, isso era um grande empecilho. Estavam, ali, obrigadas, então, elas não queriam ficar muito próximas. As merendeiras, simplesmente, colocavam a comida e iam embora. Eu nunca vi nenhuma secretária, nada assim. Não tive contato com essas pessoas. As pessoas que eu trabalhei mais foram os professores e alunos, só.

26- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Bom, na minha experiência como mediadora, o que eu posso dizer é que, talvez a parte de material, de suporte, essas coisas, sempre foi feito. De gerir o

projeto, de fornecer material, de articular uma maneira de ter condições mínimas para trabalhar. Isso, também, foi feito.

Agora, em âmbito de administração, de caminho político, de escolhas, não sei avaliar. Porque eu nunca estive muito próxima dessa discussão, desse nível de decisão. Como o meu trabalho era sempre voltado mais à mediação, não me envolvia nestas questões.

Outra coisa, o contato que eu tinha com as pessoas do Educom era muito limitado. Eu via mais as pessoas do meu Pólo. Era muita gente. Às vezes, chegávamos, aqui no sábado, vinha um ou outro, que cumprimentava antes de ir embora. Era muito difícil ver as pessoas e manter contato com elas.

Às vezes, nos encontrávamos em reunião de formação. Mas era aquela reunião que com três mil pessoas, um monte de gente e muita coisa pra se falar. Portanto, não tinha um contato muito próximo.

27- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Isso, também, é uma coisa complicada de avaliar. Eu acho que o projeto foi tomando um rumo, foi tomando um corpo que ficou muito difícil uniformizar, ficou muito grande.

Quando ele nasceu eram poucas escolas, poucas pessoas, então, ficava mais fácil ter uma unidade, manter uma unidade entre esses mediadores e essas escolas. Era mais fácil você compartilhar problemas e buscar soluções conjuntas. Mas é lógico, se a gente pensar em todas as escolas da Secretaria Municipal é inviável manter uma unidade, não dá para fazer isso.

Na época, o que incomodava, era isso de os Pólos fazerem coisas muito diferentes.

Outro problema, que sempre comentávamos em nas nossas reuniões de formação e que eu avalio de uma maneira, não muito boa. Nos últimos módulos, ao planejamento foi incorporada uma série de linguagens, então, tínhamos que fazer jornal mural, rádio e audiovisual, vídeo. Era impossível, não dava para fazer tudo isso em oito encontros, era muita coisa. Ficávamos numa encruzilhada ou fazíamos tudo mal feito ou escolhíamos um e fazíamos bem feito.

Trabalhar a linguagem, trabalhar uma “coisa” de qualidade.

Programas de rádio maravilhosos, não é isso, o processo é o que importa. Mas também, é muito bom para o estudante fazer um programa bom. Ninguém quer ficar fazendo um programa cheio de ruídos, que eles não se ouvem. Eles não querem fazer sempre a mesma coisa.

Eles querem pesquisar trilha, pensar em fundos, fazer entrevista e isso não conseguíamos fazer. Não sei se é uma questão de supervisão, de coordenação, se esse é o problema. O que eu estou dizendo é que no final do curso o projeto tomou uma proporção muito grande, que no final do Educom a coisa ficou bem no núcleo, bem individualizada no grupo.

O grupo um está trabalhando aqui, o grupo dois está trabalhando desse jeito e o grupo três está trabalhando desse jeito. Por um lado, muito positivo, é muito bom você trabalhar com essa autonomia e você adequar o planejamento à necessidade da escola. Mas, por outro lado, enquanto projeto, enquanto unidade é uma coisa complicada de se pensar.

Eu não tenho uma avaliação fechada, não posso dizer se isso é bom, se é ruim, o que eu penso. O que eu avalio que não é positivo, que no final foram incorporadas uma série de linguagens para fazermos com os estudantes. Como eu disse no começo, chegavam com demandas primárias de comunicação, de comportamento.

Às vezes, você precisava de três, quatro sábados para falar com esses jovens.

Trabalhar três, quatro linguagens, é inviável, estava muito distante. Acho que a organização do planejamento estava muito distante da realidade da escola. Eu sei que tem gente que pegou escolas e grupos, que já estão “redondinhos”. E que eles queriam sempre mais e dava para você fazer coisas ótimas, mas tem gente que saiu de um lugar que a coisa era muito inicial. E aí como é que você faz para trabalhar tudo isso? Muito complicado, não dá.

Entrevista 11

1- Nome: Elvis Vanderlei dos Santos

2- Data de Nascimento: 19.09.1977

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Eu já era sociólogo e jornalista formado.

4- Quais as fases você participou no projeto?

Entrei em 2003 na parte do segundo semestre e depois 2004 inteiro, ao todo..., três fases. Quinta, sexta e sétima.

5 – Todas como mediador?

Uma como assistente, a sexta fase.

6 - Qual a atividade que você desenvolve hoje?

Sou professor universitário da Universidade Paulista na área de Comunicação.

7- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

Na realidade foi assim, quando eu estava vindo de Recife para São Paulo eu ouvi falar do Educom.rádio. Eu estava na USP, estava como aluno especial. Fiquei super interessado, porque tem tudo a ver comigo, a educomunicação. Fiz o primeiro teste e não consegui entrar. Tentei outra vez, consegui entrar. Nessa época já estava dando aula na Universidade.

8- Como mediador, qual era o papel que você deveria desenvolver nos Pólos?

Nosso trabalho era mais diretamente com as crianças, os adolescentes. Um trabalho conjunto de conscientização, de parceria, explicar o significado do que é fazer rádio nas escolas, o princípio da comunicação, a questão dos ecossistemas. É fazer entender, colocar nas cabeças daqueles meninos era fantástico isso. Porque não era eu que era o grande mediador, acho que a grande questão é essa, o mediador, em si, éramos todos.

A mediação não era formada não só por mim, mas pelo grupo. Isso que era interessante fazer, não é que tinha eu professor, mediador, mas não, desaparecia essa coisa do professor, mediador.

É que na realidade passar o que era mediação, ou seja mediar o intelecto dos meios, o trabalho dos alunos, o que é fantástico. E depois do outro lado tinha o trabalho dos professores também, que era no período da tarde. Percebíamos de fato o que a gente estávamos fazendo ali. Era mesmo essa ligação, essa interligação do professor, do aluno, do membro da comunidade e entre a gente também.

9- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Sim, algumas vezes sim. Porque uma coisa é você fazer a parte teórica, outra coisa é você estudar e você não ir a campo. Às vezes sentia algumas contradições, às vezes, nas capacitações se falava, por exemplo, ah porque nós temos que fazer de uma maneira que os professores tenham um intelecto próximo dos alunos e tal. Mas na realidade a gente sabe que não é assim.

A escola esta, aí, já há milhares de anos e você vê que existe de fato uma barreira entre aluno e professore os membros da comunidade. Então era sempre difícil, mas o que era legal é que mesmo desse ponto a percebíamos que a comissão que estava gerindo esse projeto do NCE eles tinham essa abertura de entender qual o significado que a gente entendia, mas não via tanto. Porque muitas vezes essa transformação era pouco a pouco.

Às vezes eles vinham com uma coisa e a nossa na prática não bem é assim. Muitas vezes chegávamos a campo percebíamos que era diferente, às vezes mudava, o ônibus chegava atrasado ou mesmo acontecia alguma coisa, ou às vezes estávamos trabalhando com os alunos e tínhamos uma outra idéia.

Acho que a grande coisa que o NCE proporcionou pra nós foi assim, existia uma abertura, essa abertura que a gente percebia que era fato mesmo. Muitas vezes não era entendido pelos articuladores, que eles queriam fazer igualzinho, igualzinho, mas depois as coisas começavam a clarear.

10- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

As principais..., acho que é com relação professor, aluno. Sempre difícil, porque você queira ou não queira, trabalhando com a escola, percebíamos que

há alguns anos atrás as pessoas tinham aquela formação que professor é professor, aluno é aluno, eu falo e você escuta e você não tem nada o que falar, só ficar escutando tudo que eu falo. E depois, também, como que algumas pessoas não estariam ali, estavam porque queriam, eram poucos que estavam ali porque queriam. Às vezes acontecia dos professores estarem ali para, meio que forçados, para ganhar os pontos, os pontos para mudar de escola. Então já chegava o professor chateado, indignado com a realidade.

11- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

No final, nas avaliações. A gente via que tinha esse feedback, via esse retorno. A grande questão é essa, como trabalhamos com vários Pólos, numa cidade como São Paulo, de repente você se vê numa escola da zona leste, uma da zona oeste, é complicado.

A capacitação é feita para todas as regiões de São Paulo. Então, pode ser que eles tenham como base uma região centro-oeste, por exemplo, só que você vai para a zona leste e vê que as coisas são diferentes.

Acho que a grande questão é essa, existia uma capacitação para todos os mediadores e articuladores, só que na hora H, em campo, víamos que era diferente. Era de escola para escola, você via que mudava. Uma escola que era mais integrada, uma escola que não tinha compromisso nenhum com a comunidade, outras que já tinham. Então era difícil aquilo.

Acho que o trunfo do Educom.rádio foi que aos fomos gerindo um grande projeto dentro desse contexto das escolinhas menores, aproximando uma da outra. E depois, acho que uma alusão que podemos colocar em evidência aqui, que seriam os Céus. Porque os Céus, que seriam ponto de referência, terminavam que, às vezes, tinham uma estrutura “bonitona” daquela e as outras escolas não conseguiam chegar próximo. E aí você vê a dificuldade de você gerir e passar para todo mundo.

É o que eu percebi, acho que o que melhorava era o confronto das escolas menores, entre elas. E depois a capacitação só ajudava, era de grande importância, quando você ia da capacitação para as reuniões menores de mediadores. Aí sim a coisa funcionava.

12- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Era receptivo sim, algumas vezes vinha aquela questão do cansaço, era sábado de manhã, 7h da manhã, os mediadores, às vezes, muito cansados também, depois de uma semana de trabalho e essa coisa. Acho, por exemplo, a gente percebia que existiam escolas que iam de vento em popa e outras não, quer dizer, até mesmo a integração professor, aluno, claro que tinha dificuldade, era visível. Mas elas eram contornadas pelos mediadores, articuladores, mas não era fácil. Porque a capacitação em si, num sábado, o dia todo, você perde muito tempo em ficar o dia inteiro lá. Às vezes tinha escola que não fazia um bom almoço, tinha essas coisas também, que eram complicadas. Às vezes não tinha um bom lanche, o aluno já ficava pra baixo.

Mas, por outro lado, eu percebia dos alunos uma reciprocidade muito grande, com a gente, os mediadores. Eles gostavam quando o pessoal do Educom chegava. Quantos relacionamentos foram criados, quantas coisas foram conquistadas, de criança que nunca tinha pegado um gravador para gravar. Quer dizer, existiam essas novidades, que era grande questão.

Sentíamos essa grandiosidade, ao mesmo tempo era difícil muitas vezes de confrontar, o que víamos na capacitação de um modo geral e depois na capacitação junto com eles. Às vezes, a questão da carência vinha muito em evidência, isso acontecia muito com as meninas. Percebíamos que existia uma carência de amizade, de conversar, porque a família era desestruturada.

13 – Em sua opinião, como os conceitos educomunicativos foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Acho que na prática, desde o início, desde o processo de você poder escutar o aluno, acho que já era um processo educomunicativo. Ou até mesmo deixar o aluno fazer seu próprio programa de rádio. Deixar o aluno utilizar dos meios necessários para que ele possa comunicar aquilo que ele quer. Isso aqui acho que foi uma das coisas principais durante o projeto. Essa novidade pra eles, isso que era legal.

Eu lembro que algumas vezes tentávamos fazer uma radionovela e eles tentavam fazer já a parte de ruídos. Percebíamos que faziam uma radionovela de fato. Quando trabalhamos com a mídia televisiva, televisão. Percebemos,

também, que transformava, porque era aquela coisa do poder da mídia, da televisão, que não é feita. Como é que a gente vê a notícia.

Então podíamos ver pelo outro lado, como ela é feita. A televisão pode ou não pode passar aquilo que ela quer, que é a história da ideologia. Eles ficavam extasiados.

O mais interessante é que poderíamos trabalhar isso, nas escolas, de uma maneira muito simples, sem fazer muitos argumentos, sem muita coisa, de maneira bem simples. Esse diferencial é que muda as pessoas nesse caráter educutivo. É desde o falar a própria idéia até o programa de rádio.

14- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediador no projeto?

Para trabalhar com Educomunicação não precisa ser formado pelo NCE, formado pela USP, não sei. Mas ser formado como pessoa. Acho que se eu não tivesse base suficiente acho que eu não teria. Porque a formação do NCE é muito simples, perante o que é o projeto, é muito simples. Então acho que o que te ajuda também é você como pessoa, como cidadão, como professor. Uma coisa que aconteceu muito interessante é assim:

Eu deixei de ser sociólogo, deixei de ser jornalista, para ser um novo formador. Um educador. Acho que isso é uma coisa legal que eu participei. Isso me fez crescer. Até porque se eu fosse trocar idéias com os professores era difícil.

Se eu fosse trocar idéias com os alunos era o mesmo que ser nada sendo tudo. Não é ser nada por ser nada, é ser nada sendo tudo. É deixar a criança dar a sua idéia e aí eu vejo o papel do educutivo e que a formação do NCE não foi suficiente.

15- Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Sim, com certeza. Eu percebo isso aqui porque eu voltei depois para algumas escolas. Que eu fiz meu trabalho de dissertação agora, do mestrado. Eu achei muito legal, eu percebi que existiam de fato grupos que estavam continuando os trabalhos nas escolas.

Isso pode ser de uma maneira bem simples como jornal mural ou, por exemplo, como as próprias rádios, aquele sistema de rádio que foi criado nas escolas. Agora claro, as escolas vão mudando, os alunos vão se formando. A questão da educomunicação, do educom.rádio foi ter como primazia, primeiro plano também, deixar pessoas que levem pra frente aquela realidade. Porque o aluno passou, mas, e o aluno que fica? Eu fui lá numa escola na zona leste e vi que a coisa caminha que tem alunos que nem existe lá e que voltaram para trabalhar na rádio.

16- Ser um mediador alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Com certeza. Porque víamos o lado do aluno que recebe a informação, a notícia. Isso me fez repensar muitas coisas como educador, como pessoa. Por isso que eu acho que isso é plausível falar porque é preciso se deixar levar pelo projeto da educomunicação da Educom.rádio. Eu me deixei levar, às vezes eu me sentia tão dentro do projeto que não dava vontade de sair. Eu estava cansado e parecia que não estava cansado.

17- Você leva o “papel” de mediador para outros ambientes fora do mundo da escola?

Sim, claro. É uma coisa que eu acho que o educom.rádio veio mesmo facilitar ou aumentar essa minha vontade de ser esse educador de fato, ser esse “cara” que pode inovar com esses meios. Acho que a minha própria profissão faz isso, eu posso dizer assim, a fase do Elvis antes e depois do Educom. Porque o Educom me fez ser um outro Elvis.

Elvis como profissional, em sala de aula na Universidade, não é que eu falo de educomunicação, às vezes até coloco a palavra educomunicação. Mas eu faço educomunicação de maneira que eles não estão nem percebendo.

18- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?

Mediação pra mim é você não ser o líder. É você poder mediar as idéias. Não ser o dono da idéia, o dono da verdade. Mas poder com aquela verdade, juntando a verdade de lá e juntando essas mediações. Acho que somos construtores desse novo mundo ciber, da era da internet.

Acho proporcionamos idéias e novidades que nos deixam interagir com o outro. Isso que é importante, você não está só. Não é mais o eu que está em evidência, mas sim o outro. É bom ter o outro porque aí aparece não só eu, aparece o outro, o outro, o outro. Acho que aqui é onde está o grande caráter agregador do mediador. Você consegue mediar as idéias, mas não sendo o dono das idéias.

19-Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

Mesmo antes eu tinha essa química da educomunicação, mas quando você vai para a prática vê que a realidade é bem diferente. É fantástico, o mundo da educomunicação está aí, acho que está faltando ainda divulgar bastante.

Só nessa região aqui, São Paulo, é que a gente fala sobre isso aqui, no nordeste não se ouve falar em educomunicação,.Então acho que precisa se falar mais de educomunicação, não falar, porque falar é pouco, mas acho que tem que mostrar aquilo que na prática deu certo. Porque temos vários projetos no Educom.rádio.

20 - Por que o Educom.rádio deu certo?

O Educom.rádio deu certo, é aquilo que até o próprio Ismar coloca, deu certo pelo caráter de conseguir agregar, conseguir levar uma novidade para as Escolas de Ensino Fundamental do Estado de São Paulo, isso é fato. Não deu certo porque se esperava uma coisa e não veio, por exemplo, aqui é a questão da burocracia da Prefeitura. Num modo geral deu certo. Não deu certo é meio complicado, acho que deu certo.

Acho que até na própria Universidade deveria, que é onde deveria dar mais o princípio da Educomunicação, mesmo da Universidade da graduação, ter temas, disciplinas que possam gerir educação, educomunicação. Nas escolas também, deveria se falar mais sobre educomunicação.

21– Pra resumir, o que é Educomunicação para você?

Educomunicação seria uma nova forma de se ver, de se trabalhar, de participar a comunicação e a educação. Mas não que seja uma coisa chata de se fazer, quando falamos de educação. Se colocar um programa

educativo, parece um “negócio” meio que pesado, mas na realidade não é. Podemos dizer que é um estágio agregador.

22- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

Eu não li muitos autores. Eu li do Ismar, alguns textos da Baccega, do próprio professor da rádio USP, esqueci o nome dele é o chefe lá da USP, depois o José Marques de Melo. Mas sabe de uma coisa, acho que eu não lia pouco. Apesar de que eu não lia muito, quando estava trabalhando no projeto.

23 – Qual a relação que você teve com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Eu tive belos relacionamentos, legais, que cresceram. Mas depois se corta, porque você vai embora. Nunca tive dificuldade não.

24- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Eu acho que às vezes se via muito pé no chão, por parte deles, algumas vezes não percebíamos isso. Temos que bater palmas para o Ismar por esse projeto. Mas, não foi o Ismar só, tem várias pessoas que deram bastante por esse projeto. Acho que a condução do projeto ficou muito na sala lá de baixo, os “caras” estavam ali.

Até mesmo porque eles não tinham noção, muita gente, muitos Pólos, mas, acho que eles começaram a perceber e rever alguns pontos fundamentais do projeto que era a própria definição da educação... Mas não foi fácil.

Eu trabalhei em três Pólos diferentes. Trabalhei como mediador, como assistente. É nesse momento que você vê de alguma maneira ou de outra, aquilo que você fez, aquilo que os educandos fizeram, porque tinha avaliação no final.

25- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Está de parabéns. É muito difícil trazer um projeto sem muitos recursos. Governo, parceria com o governo municipal, verba que vinha verba que faltava. Salário que não vinha. Salário dos mediadores que era pouco. Isso era o pior. Desestimulava as pessoas a fazer, a trabalhar. Eu nem tanto, como eu

tinha outro trabalho. Mas quem trabalhava só naquilo ali, ficava esperando aquele dinheiro por mês e queira ou não queira gera uma espera.

Só que eu acho que a grande questão, parabenizar a equipe do NCE. Algumas vezes, como se criava amarras com o governo municipal e da própria USP. Acho que as contas não eram muito bem. Às vezes, sentíamos transparência, às vezes não. Tanto que não sabemos até hoje se aquele salário que recebíamos fato era aquele salário mesmo ou a USP embolsava a metade do nosso salário.

A supervisão em alguns pontos se tornou um pouco falha. Porque às vezes era muita gente para gerir.

26 – O que você achou dos relatórios?

Os relatórios pra mim, não foram bons, porque aquelas perguntas que eram feitas no relatório, ela pressionava você a fazer daquele jeito, acho que deveria ter uma abertura maior. Você já pensou, oito mediadores escrever a mesma história para entregar para o NCE.

Quer dizer, a minha grande questão é, será que esses relatórios eles eram de fato lido, relido, alguma coisa do tipo ou só era para constar, ou só um grupo lia. Às vezes eu percebia, por exemplo, eu não via uma seriedade por parte dos mediadores quanto à questão dos relatórios.

Por ser esse negócio chato de fazer. Aí quer dizer, criava essa, era muito. Acho que deveria se pensar em outro instrumento de relatório, ou pensar um relatório pelo grupo na hora, no dia das reuniões.

27 – Tinha um cronograma para fazer o relatório?

Tinha as perguntas. A ideologia de cada um, só que no geral percebíamos que eram só “historinhas”. Não existia uma análise crítica em cima daquilo ali. Até as pessoas tinham medo, eu acho, de ser demitida.

Entrevista 12

1- Nome: Cyntia Rodrigues dos Santos

2- Data de Nascimento: 17.09.1980

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Eu estava na faculdade, fiz ECA, fazia Comunicação com habilitação em Relações Públicas. E eu tinha feito Magistério, eu tinha experiências de teatro que eu já fazia curso de dança, fiz ballet muito tempo. Juntou um pouco disso tudo, eu consegui não só estar no curso de Relações Públicas, eu estava em outros cursos e fazendo aula nos departamentos da própria ECA e da própria USP e sempre essa vocação para educação. Conheci a idéia da educomunicação, fui interna do professor Ismar na bolsa científica, então a gente trabalhava a minha pesquisa.

Era uma pesquisa que o núcleo já desenvolvia e eu entrei para contribuir. Era uma pesquisa que tinha como intuito como que você trabalha a comunicação com os veículos, com as mídias, pela educomunicação. Para pensar uma comunicação também que seja educ comunicativa nessa proposta do como se mostrar para fora, sendo aquilo que você é. Então a gente desenvolveu uma série de ferramentas de sistematização, como é que você trabalha a Assessoria de Imprensa, como é que a gente divulga o conceito de educomunicação. E aí nesse meio tempo surgiu esse projeto com a Prefeitura, do Educom.

4- Quais as fases você participou no projeto?

Eu participei desde o início até a penúltima fase. Eu saí na última porque não estava mais conseguindo dar conta. Todos os sábados acordando muito cedo, durante três anos, aí chegou uma hora que eu estava meio mal fisicamente.

5 – E você foi mediadora em qual fase?

Nessas todas eu fui sempre articulação. Só que como alguns momentos no processo a gente era mediador e o assistente, a figura do assistente que intermedia a relação do articulador com o mediador. Temos uma função de produção, que tinha. O assistente que tinha que produzir, se a sala estava ok, se estava tudo bem, de chegada, saída, então a estrutura para saber se estava certa. Tanto antes, quanto durante.

Só que tinha essa outra mediação, uma mediação entre o que estava acontecendo com as crianças, com os mediadores e com articulação. Para fazer com que as coisas saíssem casadas, porque a proposta era essa. Você planeja um tema X, para trabalhar com os alunos e às vezes mesmo com as reuniões de formação não dava conta.

Então tem essa figura estratégica nisso, no sentido de estar se observando e acabava tendo a sensação do todo. Porque tinha dias que eu acompanhava o tempo inteiro o professor, tinha dias que eu acompanhava o aluno. Falatava mediador, eu assumia. Tinha dias que, realmente, eu ia para a mediação direto, por conta da estrutura do Educom. Tinha dias que todo mundo era mediador, não tinha palestra.

6 - Qual a atividade que você desenvolve hoje?

Eu tenho uma produtora e trabalho com projetos de formação de público para cinema brasileiro e independente. Atuamos de duas maneiras, uma é através de lançamento de filmes. Então, dentro da estratégia de marketing, do lançamento a desenvolvemos ações para públicos específicos. Falamos que nosso trabalho é um trabalho customizado, muitas pessoas definem como marketing de guerrilha, mas é o foco total. Então eu pego filmes que trabalham na Universidade, basicamente, que é público frequentador desse tipo de filme e público relacionado. Agora estou lançando o Família Alcântara, que é um documentário sobre a família Alcântara que é a maior comunidade Quilombola de Minas. Eles têm grupo de teatro, coral, eles resgatam a tradição afro-descendente.

Mapeei uma série de entidades que trabalham com afro-descendência, com negros, enfim levantamos as entidades e associações, distribuo material, ingresso, divulgo em universidades e afins.

E a outra história é esse trabalho de formação do acesso, da democratização. Pegamos os filmes brasileiros que não são exibidos só em salas de cinema, mas escolas, universidades. Desse projeto surgiu um projeto latino americano chamado Cine Viagem Latino, estamos montando essa rede na América Latina. Ano passado estava acontecendo fases, estamos com apoio do Ministério da Cultura.

É bom explicar porque o Educom para esse processo foi super importante.

Primeiro porque a minha formação mesmo de educomunicação, entender e trabalhar cinema, como proposta política e também trabalhar cinema, por exemplo, dentro de uma escola. É diferente o trabalho que eu faço do núcleo de comunicação e educação, mas muito do que eu aprendi, eu carrego comigo. E o que eu aprendi as com pessoas que eu contatei. Essa abertura para a

América Latina, por exemplo, o ano passado eu estava no Uruguai e fiquei na casa do Kaplun.

Foi muito bom, porque ele conhecia o Ismar, foi interessante porque fomos criando redes. Fui mantendo essas redes, construindo, e essas pessoas estão vendo esse nosso projeto hoje. Estamos montando as redes no Uruguai, na Argentina e agora, semana que vem, iremos a Argentina de novo, representar o Brasil num encontro chamado Mercocidades, que é um encontro de cidades participantes do Mercosul. Mas ele tem poderio municipal, não é federal e depois iremos para o Chile.

7- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

Então, como eu falei, foi um envolvimento. Foi uma opção trabalhar com educação, porque até então, antes de eu começar a trabalhar no Núcleo como pesquisadora, eu tinha ido para o mercado e fui trabalhar na área de marketing institucional de uma empresa de sites. Apareceu esse projeto de cinema e não deu para conciliar as duas coisas. Pensei..., quero cinema.

Fui para o cinema e estava sentindo muita a falta de educação, porque como te falei, na formação eu sempre estive presente de alguma maneira, e quando criança eu ficava pensando como é que eu ia me distanciar da escola, como é que eu posso um dia não estar na escola. E desde criança sempre pensando nessa proposta, nunca tive problema com professor, de relação verticalizada, eu sempre tratava de igual, criava propostas novas, tinha uma relação legal.

Quando conheci uma amiga minha que trabalhava, era a Francini, no Núcleo, que era pesquisadora também, era bolsista. Ela me disse que havia surgido uma vaga. Fiz a entrevista e passei e comecei a trabalhar, dali eu fui para o Educom. O meu interesse era total, tinha tudo a ver com o que eu acreditava, com o que eu pensava.

8- Como mediadora, qual era o papel que você deveria desenvolver?

Como mediadora tínhamos as reuniões de formação que nas quais trabalhávamos os temas que seriam desenvolvidos. Então a partir desses temas e também das dinâmicas, e do COMO nos envolvíamos, porque fora o

que era o COMO, e o COMO teria que ser de acordo com a proposta educ comunicativa.

Desde o, era uma coisa que a gente discutia muito no nosso grupo e o nosso grupo era muito preocupado com embasamento teórico para entender a relação da teoria e da prática, entender como isso se dá. Desde vamos montar um círculo para podermos nos ver todos igualmente. Discutíamos muito isso.

Sou mediador, chego ali, sou mais velho, os alunos vão me chamar de professor, mas eu não quero ser chamado de professor.

Só que eu tenho que tomar muito cuidado para, também, não denegrir a imagem do professor da sala de aula e eu trabalhar a idéia do oposto, do inverso. No sentido de que, “olha gente eu sou legal, a gente tem uma outra relação, então eu não sou professor”. Porque você passa ser aporte negativo do professor. Tomávamos muito cuidado com isso.

A nossa postura como mediador era essa, de passar esses conteúdos, de motivar essas pessoas, de informar esses grupos, para que eles comessem a entender essas inter-relações, o processo de comunicação, a inserção do meio, do veículo, do rádio como uma proposta mesmo que desse a prática para gerar essa proposta de ação e interação entre as pessoas.

9- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Pessoalmente acho que não, até porque se detectássemos algum problema, tínhamos a nossa reunião para resolver. O que eu acho que foi muito legal nesse processo do Educom era esse “bate bola”. Porque você tinha ali, a ação no sábado, que se dava, você tinha encontro com o grupo.

Nos fortalecemos muito enquanto grupo, ísmo como uma unidade dentro da escola e era essa a idéia. Então como era muito bate bola e os grupos que eu participei eram bem legais nesse sentido, conseguíamos transcender tudo que era problemático, no sentido de não ser aquilo que era pra ser. Então não tive problema nesse sentido.

10- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

Problemas de poder local e hierárquico da escola, o que era muito sério. Às vezes a diretora tinha a chave da sala que estava o projetor. Você está precisando do projetor, dos slides. Se ela não aceita o Educom, não vai estar lá com a chave, alguém que é superlegal vai ter que dar um jeito de ligar, vai ter que ir na casa da diretora. Então tinha algumas coisas, uns obstáculos, pequenos e que atrapalhavam o processo, sem dúvida.

Outra coisa que a gente tinha dificuldade, que é muito sério, era a idéia da cozinha.

As cozinhas eram terceirizadas nas escolas. Tinha algumas escolas que o grupo, tinha interação na cozinha, podia usar, fazer lanche. Agora, a escola que a cozinha era terceirizada, era absurdo, porque eles fechavam a porta, não tinha horário certo. O palestrante ficava até mais tarde e precisava negociar um horário. Eles estão ali para fazer o trabalho deles e acabou então, parece meio máquina isso. E a cozinha é muito importante nesse contexto, o alimento, você está ali o dia inteiro, na hora do café, de comer é um horário de maior descontração, porque era cansativo. Primeiro sábado, segundos últimos, ninguém estava agüentando.

Claro que estimulávamos, mas, é natural porque você trabalhou o dia inteiro. E ficava mais forte nos finais de semestre, porque acumula função, não dá. O professor tem que terminar de escrever o ponto, o aluno tem trinta provas pra fazer, trabalho pra entregar, Natal então era pior ainda e que isso é comum em qualquer ser humano, não é uma condição específica de ser aluno, de ser professor, é de ser humano e viver numa sociedade.

Era muito complicado mesmo por causa da cozinha e você sentia a diferença, até na preparação do alimento. Mas, a relação do alimento, do alimentar, posso até fazer uma análise mais profunda, psicológica disso, mas, da mãe que alimenta. Eu ia numa escola na cidade Tiradentes que a merendeira era uma mulher que todo mundo adorava e você sentia que refletia na escola. Eu peguei uma escola, algum tempo atrás, que as mulheres eram todas muito loucas e elas mudavam os turnos, então não eram as mesmas, então você não criava vínculo com elas, não sabia quem ia estar, e cada dia era uma, de humor diferente.

E você tinha que se adaptar a esses humores todos e essa história da alimentação é muito séri, porque, aquelas carnes em lata..., vnhá tudo pronto,

terceirizado, eles compram e vem tudo enlatado mesmo. Acho que são detalhes, mas que são muito importantes para compor esse quadro que vamos pintando ao longo do processo.

Houve dificuldade, também, do apoio local. Se o diretor apóia, se o diretor é atuante você tem um Educom muito mais ativo na escola, então era muito importante ter pessoas chaves envolvidas no projeto. Só que se você não tinha pessoas chaves envolvidas, era muito mais difícil. Pessoas chaves que mandam na escola. Questão hierárquica.

11- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Na avaliação final. A avaliação era constante. Desde perceber se a pessoa está cansada, se ela quer ir embora, se ela quer ficar, mas, as crianças são muito transparentes nisso, então era fácil identificar, detectar se elas estavam legais porque elas ficam dispostas. Ficavam chateadas quando terminava o dia. E, também, quando pensamos no programa de rádio. Essa produção era um produto gerado de todo aquele processo. Não que aquela produção não fosse importante, várias vezes, vários alunos ficavam tristes por eles acharem que a produção não estava à altura do que eles tinham vivenciado, por condições técnicas.

É diferente você fazer um programa com gravadorzinho de mão e você fazer numa rádio com outra infra-estrutura. Começávamos a trabalhar com gravador de mão. Tinha um pouco de frustração em alguns momentos. Tudo aquilo que eles tinham vivenciado era tão mais rico do que aquele programa no final, tinha o inverso. Às vezes saiam programas tão legais, tão criativos e o conteúdo era tão legal, e havíamos passado o mesmo conteúdo para todo mundo. E todo mundo gostava tanto disso, que as pessoas saiam tão envaidecidas e felizes por terem feito um trabalho legal.

12- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Havia. Observávamos como o aluno trabalhava a questão da prática, por a mão na massa, fazer o programa da rádio, tinha muito professor que questionava muito isso com a gente, na sala, mas eles já estão fazendo e estamos aqui, o dia inteiro cansados.

Aquela história de inverter os papéis, de repente eles estavam sentados, ouvindo as palestras. Só que eles tinham uma ânsia muito grande para ir para a prática. E tinha algumas pessoas que ficavam, comunidade, pais, funcionários às vezes não acompanhavam, não estava a fim, não acompanhava mesmo porque tínhamos ótimos palestrantes...

O discurso era muito o de querer fazer, colocar em prática.

Havia professores que eram ótimos e professores complicadíssimos. Assim como tinha alunos que eram super, os mais inteligentes da turma, e tinha os “encapetados”, que ninguém queria ver. Aí você via a transformação deles também. Vários relatos, nossa, “o que vocês fizeram com esse aluno, ele era impossível”. E até a aprender a ler de outra maneira. A partir do programa do rádio ele resolve ler, entender mais. Então você teve melhorias.

13– Em sua opinião, como os conceitos educomunicativos foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Tentávamos ao máximo aplicar a proposta de fundamentação da educomunicação. Desde a horizontalização da comunicação, de trabalhar a pedagogia de Paulo Freire, que é básica, de tentar trazer esses elementos para o cotidiano. Ter essa troca. Todos estavam ali porque tinham um ideal comum.

Acho que no começo tinha mais isso porque era um pouco menor, depois ficou muito grande e eu não vou poder falar. Mas, na época as pessoas que estavam envolvidas eram pessoas que tinham coração, naquilo, porque era uma proposta nova. Todos acreditavam na proposta no sentido de educação, não educação convencional, porque a gente sabe que a educação convencional não está dando o resultado esperado. Então todo mundo que entrava assumia essa batalha para si. Guerreiros num campo de batalha para trazer um novo conceito.

E muitos dos que faziam, faziam porque eram aquilo. Chegou uma época que eu, a Francini e o Rafael, a gente escreveu um texto defendendo essa história de não trazer essas coisas mais teóricas. Porque no começo eram grupos muito grandes e era muita coisa para se discutir, chegava um momento que não dava tempo.

O nosso grupo refletia isso, tínhamos que fazer e não treinar. Claro que achava importante fazer, não era isso, eu sentia falta de falar para pensar o texto, para ler. A Patrícia até fez um trabalho legal que ela juntou textos...

E a gente discutia muito que faltava esse embasamento teórico, até para poder trabalhar os fundamentos educacionais. Não de uma maneira instintiva, mas de uma maneira racional, trazer para a consciência e trabalhar. Eu sei, porque eu vou montar uma rádio, eu sei de onde eu trago a realidade, eu carrego a realidade daquela pessoa, é entender esse processo.

Que fique claro que durante o processo foi evoluindo isso. A Patrícia montou umas pastas de textos que eram encaminhadas para cada um dos grupos, fazíamos as leituras, depois discutíamos.

Mas, o que eu estou falando é que, às vezes, esse processo ficava muito no instinto, principalmente, para os mediadores. Acho que faltava isso. E cada um tinha sua formação, porque eram grupos multidisciplinares, educação é isso também. Tínhamos um Biólogo, um Ecologista, um Arquiteto, tinha alguém da Engenharia e que maravilha isso. Agora, como é que você monta o quebra-cabeça.

14- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediadora ou assistente de articulação no projeto?

A tínhamos os textos dos professores. Então, por exemplo, se fossemos trabalhar com o meio ambiente, eu tinha um texto X, para eu poder saber o que ele ia falar, que tônica daria. E aí a formação, pra mim, foi muito mais esse processo de troca. Muitos professores do Educom já tinham sido meus professores, o fato de ter trabalhado no Núcleo, eu já tinha lido muitos textos educacionais, do professor Ismar, desde o que era comunicação, artigos etc. Eu já tinha certa bagagem que me propiciou um envolvimento diferenciado com o processo.

Questionávamos muito e era comum, as pessoas envolvidas nesse processo, também, porque éramos os maiores, a gente questionava muito. Procurávamos como que chegar num processo de formação de bem com a vida. Eu tive sorte porque eu tive grupos muito bons comigo. De pessoas, no sistema hierárquico, você tem o articulador, você tem o assistente que não é hierárquico, mas cuida da produção, você tem os mediadores, no sentido de

que a decisão final vai ser do articulador. Só que eu nunca vivenciei isso de fato. Só quando era necessário, porque alguém vai ter que decidir alguma coisa.

15- Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Isso é complicado, porque estamos falando dos grupos de novo. Eu acredito que para algumas pessoas isso ficou. Sei que individualmente a mudança aconteceu, para alguns professores e alguns alunos.

E os professores tiveram esse contato conosco e na época, na gestão que vivenciamos esse projeto, era uma gestão que se preocupava muito com todos os conceitos. Então, muitas vezes, o cursista via isso com a gente no sábado, mas estava estudando isso num outro curso. Então teve uma confluência de pensamento que vai de educação para a libertação.

16- Ser uma mediadora, ou assistente como você foi, alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Alterou, com certeza, claro, que o meu curso, por ser Publicidade é um pouco mais aberto, acho que educomunicação é um pouco também de equilíbrio nessa história toda. Não tem vilão, mas também não tem mocinha. É um pouco disso e entender que existem pessoas, que existe o processo. Então o Educom ajudou a confirmar e esclarecer um pouco mais do que eu entendia por essas relações, sejam elas individualizadas, sejam elas intercaladas.

17- Você leva o “papel” de mediadora para outros ambientes fora do mundo da escola?

Acho que isso é inevitável. E coisa do coração de novo. E é até complicado porque hoje eu tenho uma relação, eu tenho uma produtora, tem época que eu trabalho com quinze pessoas, vinte, que é a minha equipe. Às vezes me vejo sendo mediadora de equipe, não dá para ser mediador o tempo inteiro.

Mas, chega um momento que eu penso..., “tenho que parar de ser tão mediador a assim”, tentar entender todo mundo. Porque não dá, as coisas têm que sair do jeito que tem que sair. Tanto é que, o que eu fiz, contratamos uma

pessoa para coordenar. E é diferente quando você media um grupo, porque as pessoas estão interessadas ali, no conteúdo, não no dinheiro.

A hora que você coloca o fator dinheiro, eu tenho que coordenar as vinte pessoas e eu que vou pagar essas 20 pessoas. É tudo muito diferente, acontecem umas coisas que eu fico meio estranha, eu trago essa mediação, tento trabalhar melhor com ela, porque fiquei muito educacional no processo todo, até em relacionamento.

18- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?

Então, antes, durante, depois, essa idéia da mediação é uma idéia que eu gosto muito, sempre gostei e venho estudando e completando coisas. Porque a mediação ela se dá nesse convívio, da sociedade, do ser humano. Depende de como você utiliza a mediação. Acho que dá sim para ser uma ótima mediadora, com uma visão institucional, de mercado. Eu não consegui chegar nisso ainda.

Tem um monge que virá ao Brasil, eu não li aquele livro, mas eu sinto que aquele monge, líder é um mediador. Na verdade, a gente está caminhando para um momento, um processo da nossa sociedade, que eu acho que as pessoas, cai por terra essa idéia de você ter uma liderança que domina, não, você tem lideranças que são mediadoras. Você tem pessoas que estão sempre criando mediações, sejam com outras pessoas, seja com o que for. Estou lendo um texto, que a Psicologia traz muita coisa de mediação. Tanto que eu estou lendo para trabalhar melhor isso.

19- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

Uma coisa é a idealização, é o mundo das idéias e outra coisa é quando ela se dá aqui. E que, também é um processo. Então, claro que a gente tentou sim na maior parte do tempo trabalhar com conceitos. Só que aquilo que a gente sempre se perguntou anteriormente, como é que ficou na escola, não ficou na escola ficou no indivíduo.

Vai mudar? Vai, mudar sim, eu sei. Mas ele não vai ter uma mudança tão radical, tão rápida. Porque, talvez, estejamos todos ansiosos no sentido de propiciar mudança. E sabemos que no processo histórico a mudança não vem

em uma semana, em um ano, ela vem de gerações.. Tinha muita gente com boa vontade, mas também não foi suficiente.

Quando eu penso na educomunicação, vai esse campo de detecção entre a comunicação e a educação que trabalha com os meios de comunicação e com educação para propiciar uma série de outras relações dentre as pessoas. Então é o trabalho, é outro olhar para o meio de comunicação, dessa pessoa que está envolvida e que pode, assim é educação para a vida, é além da educação do espaço escolar. Uma educação que a gente vivencia diariamente. E que ela se dá pela interface comunicação e educação, seja em qualquer veículo.

20- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

Do próprio professor Ismar... Paulo Freire... Li muitas coisas de Meio Ambiente, Agenda 21... Trabalhamos, também afro-descendentes.. Milton Santos. Lemos alguma coisa, de geografia, de globali.

21- Em sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

Acho que, vou inverter. Percebo que é, justamente, você trabalhar com esse ler o meio de comunicação, que é trabalhar com a produção. Que é você entender a linguagem dos veículos de comunicação, que é além da leitura crítica. O professor Ismar fala muito bem sobre educomunicação, que os momentos que a gente passou depois da crítica dos meios, que você tem que fazer a crítica. Então acho que isso é super importante do processo da educomunicação.

Costumo falar também, o que é educomunicação, essa introspecção, que ela não se dá só na leitura crítica dos meios ela se dá também na produção.

A outra coisa que eu acho importante é essa base Paulo Freire, dessa educação que enxerga o indivíduo, que carrega para dentro e para o grupo a idéia dos vários mundos, do teu mundo, da tua realidade para construir a nossa realidade a partir de cada uma das realidades.

É acabar com a história que o professor não precisa saber tudo, que o aluno não precisa entender as relações dessa maneira verticalizada. Entender que as relações interpessoais elas podem se dar de outra maneira de paz. Pensar essa coisa da paz e essa paz de eu olhar para a pessoa e realmente ver que ela é diferente de mim e respeitar essa diferença e não achar que eu era melhor.

22 – Qual a relação que você teve com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Eu era super próxima porque eu que fazia as mediações. Tanto é que dentro dessa idéia de movimento a fechamos uma parceria com a Prefeitura por conta dessa minha aproximação com a Secretaria de Educação. Então minha relação era super próxima com os funcionários da Prefeitura.

23- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Foi o primeiro projeto grande. Era um momento de avaliação e reavaliação. A gente estava sempre se avaliando, até o pessoal do administrativo. E eu trabalhei também um semestre na Secretaria...

Eu acho que a Academia, a Universidade, a gente peca em algumas coisas. Acho que, às vezes, vale a pena você chamar alguém e trabalhar com motivo de disciplinaridade, se eu tenho um projeto vou chamar alguém da administração para tocar. A Patrícia tem um feeling inegável de enxergar as coisas. “Vamos produzir um evento, ou vou fazer uma matéria, vou chamar alguém de jornalismo”. O Educom está fazendo isso hoje, tem a Bel que é jornalismo, não sei como está a estrutura hoje. Se eu vou trabalhar com algum campo geo, vou chamar alguém de Geologia. Tentar trabalhar com pessoas especialistas em áreas específicas, não será preciso passar pelo processo de aprender, ele já chega e resolve. E aí você tem que passar pela problemática, por possibilidades de solução e escolher uma. Sabe tentativa e erro? Passamos por muitas tentativas e erros. Tudo o que pedimos de mudança, aconteceu. Às vezes mais demorado e as outras menos.

A educomunicação, talvez, seja um pouco de tentativa e erro. Eu não tenho dúvida que esses outros projetos estão vindo com outra carga de experiência.

24- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Eu acho que a supervisão geral, a Patrícia, o Ismar, o tempo que a Graça também era, eles se desdobraram ao máximo. Até que chegou um momento que, realmente, tiveram que dar uma distanciada, porque não dava para estar em tudo.

Foi uma supervisão que passou por estágios, da grande mãe que protege, que está em todos, até, talvez, uma fase de distanciamento.

Outros projetos aconteceram não era mais só o Educom.rádio, não era mais o único filho, tinha outros filhos. E aí outras pessoas assumiram essa supervisão. Eu sempre estive muito próxima da Patrícia e do Ismar, de poder ligar, eles tinham uma preocupação de saber o nome de cada uma das pessoas. Tínhamos reunião aos sábados, para todos. Sempre teve o dia de aproximação, que foi muito forte. Só que eu sempre estive muito mais próxima.

25- O que você achou dos relatórios, de fazer os relatórios?

Eram importantes no processo, sem dúvida. Era preocupante, porque tínhamos outras atividades e não podíamos acumulá-los. Eu procurava ao máximo ser fiel ao processo do relatório, tentava lembrar falas, tentar enriquecer os relatórios. Levar falas, tentar trazer um pouco de impressões minhas, apesar de ser assistente e trabalhar com conceitos mais pontuais.

Agora o que falta nos relatórios é justamente o que você está fazendo. É pegar tudo isso e entender o que é tudo isso. Porque até então ele estava sem sentido, tudo que a gente fazia, tudo bem que o articulador lia, porque a gente já ia um ponto à frente na reunião, mas a função dele não estava acontecendo, muitas vezes. Virava um processo de avaliação que estava guardado.

Entrevista 13

1- Nome: Marcelo Vicentin

2- Data de Nascimento: 02.08.1969

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Formação superior em Cinema.

4- Quais as fases você participou no projeto?

Sexta e começo da sétima.

5- E você foi mediador?

É, mediador.

6 - Qual a atividade que você desenvolve hoje?

Sou professor na rede pública, de Língua Portuguesa.

7- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

Na empresa que eu trabalhava uma das pessoas que trabalhava comigo trabalhou no Educom, por conhecimento, através de outra pessoa, ela me falava a respeito do projeto, conversávamos muito. Ela era formada em Filosofia e ficava me contando as experiências delas no Educom e foi me fascinando, porque batia muito com aquilo que eu via sobre a questão da educação. Na época eu já lecionava, dava aula à noite, como professor eventual, dava algumas aulas de vez em quando, tentando sempre procurar práticas novas, principalmente, em questão de comunicação para dar aula. Como eu venho da área de comunicação sempre tento levar essa área de Comunicação para dentro da sala de aula.

Quando abriu vaga para o Educom.tevê eles precisaram contratar muitas pessoa, trouxe minha ficha , o projeto acabou sendo cancelado, me chamaram para fazer o Educom.rádio.

8- Como mediador, qual era o papel que você deveria desenvolver?

A idéia do projeto, enquanto projeto, era levar a questão da Educomunicação para dentro da sala de aula. Mudar a configuração das relações professor, aluno e entidade enquanto escola em seu grupo, com os funcionários,

diretores e tudo o mais. Um processo de construção do saber e não de imposição do saber. A questão aí é o uso da mediação, mediar as contradições dos discursos entre os grupos ali presentes, a ação principal era essa.

9- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Muito, muito, a principal era, na minha visão enquanto mediador, você atua. Mas é uma atuação que você tem que atuar de uma forma invisível. E às vezes para poder conseguir algo que agradasse ao seu espírito, não tanto ao projeto, mas mais ao seu espírito, que isso que vai te fazer continuar no projeto, você tinha que intervir mais do que, talvez, quanto mediador. A palavra mediador deveria fazer com que você agisse e, às vezes, você acabava sendo, e a questão da imparcialidade do mediador, muito complicado isso. Você ser imparcial num grupo tão heterogêneo e as forças são muito díspares.

Um grupo de professores com um discurso muito arraigado, um grupo de alunos já formado, através desses discursos de exclusão dos professores. Isso é fato e para quem está dentro da escola é uma briga, mas, você tem que agir. E você age, será que essa é a função mediadora, agir. Essa é a grande questão. Às vezes é torná-lo personagem e você não ser personagem. É uma sombra, essa seria a forma correta de mediador.

10- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

A primeira é a questão dos conceitos levantados pelo projeto, educomunicação, ecossistema comunicativo, como dizia a minha professora, a Cilene, a Academia. Assim, para aquele que é acadêmico às vezes o termo seja até acessível, mas para quem não é, é complicado.

Se nós mesmos tínhamos dificuldades, isso é de uma forma geral entre todos, cada um fazia seu viés de leitura em cima dos termos, imagina para aqueles a quem você já levava um termo que você tinha deficiência, porque havia dúvidas na cabeça de todo mundo, na compreensão daquele tema e se misturava muitos outros temas, então, era difícil compreendê-lo de uma forma clara. Para aquele que está lá era mais complicado ainda, agora você

imagina um aluno de quinta-série com deficiências sociais e tudo o mais, a compreensão dos temas é um pouquinho complicado.

A segunda era a construção do discurso, como se dirigir às pessoas. Ao mesmo tempo em que você reúne uma sala, saberes diferentes, trabalhar com professores, a maioria deles, muitas dessas professoras eram senhoras já para aposentar de uma formação de duas, três gerações de produção educacional, muito enraizada no seu processo de construção do saber com alunos que sabem.

Então você tinha que fazer um discurso único, sem ser piegas, para poder atingir o aluno, sem ser exclusivista. Sem ser piegas, porque se você vai ser piegas o professor vai te cobrar na sua postura, você ter um discurso polido para agradar o professor e fazer que o aluno entenda. Então isso era uma construção difícil, essa questão do discurso era muito difícil. E eu sempre coloquei isso nos meus relatórios. Como falar tal coisa, qual palavra certa.

11- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Quando eles discutiam entre eles, quando gerava discussão, quando eles se auto cobravam, passavam a compreender que era necessário esse trabalho em conjunto, mesmo que houvesse uma certa, somente dos grupos que eu tive, cobrança muito mais efetiva de professores do que alunos, talvez, aí, por causa do discurso mais dos professores do que alunos, mas esses próprios professores cobrando a atuação dos alunos ali presentes. E ao final eles construindo o saber, esse todo entre eles. Quando eles geravam conflitos você podia ter certeza de um dia bom.

12- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Eu nunca tive problemas. O professor nunca consegue descer do altar dele. Mas, quando você vem para dar aula para ele e tudo o mais, e você não está, a discussão ali, não é dizer para ele o que é certo e o que é errado, mas, propor algo diferenciado ele te vê como um professor, então ele te coloca num patamar.

Por mais que você não queira, ou seja, ele transfere aquilo como ele se vê. E o aluno, como já está acostumado a se ver no altar, ao ver o outro no altar ele se

vê no altar também. Então eles acham que você tem todo o saber em você. E você resolve todos os problemas num passe de mágica, que você não tem dificuldade na construção daquilo que você está fazendo.

Dessa forma eles acabam sendo receptivos, como é um grupo muito pequeno eles não tem porque o embate, nunca entrei em embate com ninguém. Talvez um ponto ou outro, mas não um embate, sempre todo mundo muito receptivo em todos os locais que eu estive, isso eu não posso negar. Porque tem gente que pegou umas “barras” por aí.

13 – Em sua opinião, como os conceitos educacionais foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Pergunta difícil essa. Eu não sei dizer se esses conceitos educacionais foram aplicados na prática do Educom.rádio. Porque aí é a questão do quanto esses conceitos me moldaram em relação ao que eu já sentia de como deveria ser o processo.

O conceito educacional? Ali, você aplica se você se enxerga na figura do mediador. Por mais que você tente interferir na prática do ato da mediação que você procure agir, em relação a todos os cursistas, ali, no momento, por aquela prática, não se impondo, negando a figura do mestre, eu acho que é o principal conceito educacional, procurando fazer com que a idéia do ecossistema, onde cada grupo produz o seu conhecimento, não só produz como reproduz, tentar agrupá-los nessa figura do mediador, através da figura do mediador, é um processo educacional.

14- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediador no projeto?

A formação é muito boa porque eles te dão material e não entenda esse saber como algo fechado. Então você não tem regra da forma como aplicar. Mas, o grupo que eu trabalhava era um grupo extremamente arredo, não era como é até hoje, que a gente continua trabalhando a questão da Academia.

Então, entender o significado do conceito sempre foi dificuldade para todos. Mas entender a aplicabilidade e ao mesmo tempo fazer com que essa aplicação aconteça, isso foi muito fácil para o grupo. Então, na verdade, na figura da mediação da Cilene, ele soube entender isso e ela deixou o grupo trabalhar.

A hora que ela não impôs a esse grupo uma formação conceitual, mas, deixou que ele, nas suas diferenças, construísse essa aplicabilidade o grupo funcionou muito bem e isso facilitou o trabalho de todo mundo. Então, a gente aprendeu muito mais com as relações práticas, tentando retrabalhar o conceito de uma forma menos acadêmica, mais popular, isso facilitou.

Agora com a formação acadêmica, enquanto conceito e tudo o mais, sempre foi com dificuldade e é até hoje pra todos. Eu dei sorte, talvez se eu estivesse num grupo acadêmico eu não conseguisse produzir o que eu produzi. Não porque eu não trabalhei, mas você ouve as conversas entre as pessoas.

Esses grupos em que o articulador acadêmico não aceitava essas práticas dos mediadores você tinha muita, tinha um chato dentro do grupo. Que resolvia as suas coisas em cima da hora.

Já com a questão acadêmica pronta pra trabalhar tinha problemas, faltava a eles um “jogo de cintura” para resolver os seus problemas porque estavam presos na questão acadêmica. Já nós, a gente se virava lá, só que uma fuga, ficava fugindo um pouco dos temas.

15- Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Sim e não. Sim pela alegria dos que estavam. É assim, você via a alegria das pessoas ali presentes e alegria e ao mesmo tempo tristeza pelo encerramento daquele trabalho. Porque lá eles conseguiam fazer coisas que dentro das salas de aula eles não conseguiriam, ou seja, então eles passavam a acreditar no projeto, mas, não sabiam como reapplicá-lo em sala de aula ou dentro da unidade escolar.

Eu tive a oportunidade de passar por muitas escolas que fizeram o Educom, depois passar posteriormente fazendo um outro trabalho e ver o equipamento do Educom nas escolas e saber que as escolas tinham feito. Às vezes, conhecia professores que tinham feito o Educom e, tudo jogado ou trancado na diretoria, ou o máximo que o aluno tinha de acesso era escolher as músicas para tocar no intervalo, o que foge à idéia do projeto.

Algumas escolas você pode ter um, dois, três alunos, mas você vê que aquilo funciona. Você tem até, no vão da seqüência, uma continuidade, mas uma

chama que vai se apagando. Algumas escolas conseguiram claro, não é regra, mas a grande maioria do que eu vi era uma defasagem do projeto, mas, ao mesmo tempo, esse ano eu tive a oportunidade, na escola que eu trabalho tem uma professora que fez o Educom no grupo que eu fiz, mas, não comigo e até hoje ela se lembra da prática, tem saudade do curso, mas ela não consegue aplicar aquilo que ela aprendeu em sala de aula, isso ela não consegue, mas ela vê isso como um caminho. Ela vê como caminho, acha aceitável, acha prático, tem que ter, mas ela não consegue.

Talvez, seja um problema da falta de continuidade desse grupo. Até porque, talvez, a formação seja muito pouca. As pessoas querem, não a gente quer, as pessoas querem que você continue as acompanhando, parece que elas nunca estão prontas para nada e elas não querem resolver os problemas. Então você vem de fora, você resolve, você impõe, você aplica e eu sigo, protegido por você eu sigo o caminho, é isso que elas querem. Talvez falte um pouco de boa vontade a elas.

16- Ser um mediador alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Então, como eu disse lá no começo, essa visão que eu tinha da educação, eu tinha uma visão do que era, do que o projeto coloca como um educador. Não sinto essa alteração em mim, sinto que isso já estava dentro de mim. Na verdade, foi a oportunidade que eu tive para poder justificar isso, essas coisas que eu acreditava dentro do processo de criação.

17- Você leva o “papel” de mediador para outros ambientes fora do mundo da escola?

Sim, você se torna, quando você tem um conflito, você tenta fazer esse papel de mediador, ouvir todos os lados e tenta fazer com que através dessas conversas, dessas discussões, gerem um resultado. Não necessariamente vai dar certo, mas que você tenta, você tenta.

18- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?

Essa é a resposta que eu já dei lá atrás. Mediar é você saber criar o diálogo, não interferir nesse diálogo, ou seja, ser imparcial.

19- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

É um conceito bem acadêmico mesmo. Eu vejo a educomunicação como uma tomada dos processos comunicativos por aqueles que não têm acesso a eles. É tomar esse processo, conduzir esse processo, aprender a ler as entrelinhas nos discursos, compreender o discurso.

Hoje o aluno sofre, é complicado, o aluno está dentro da sala de aula, quem está dentro da sala de aula, é difícil. O aluno deixa de ser somente receptivo, ele obedece, parece “vaca”, parece um “currauzinho com quarenta vacas”, simplesmente obedece. Ele só não obedece, ele só reclama quando ele acha que ele tem mais exclusividade do que outros. Então as regras não podem cobrar dele.

Porque você pode ser rígido com o outro, comigo não. Então ele reclama porque eu tenho mais experiência que ele, os alunos são individualistas, o mundo está cada vez mais individualista, o Educom não é um processo de individualismo, é um processo que se constrói junto.

20- Você na sala de aula tenta fazer o contrário?

Tento. Mas, chega uma hora, ou que você volta atrás ou perde o rumo da história. É aquela questão confundir liberdade com libertinagem. O grupo é muito grande e esse número de alunos faz com que você tenha visões díspares do mundo. E é complicado você querer fazer que todos sigam um caminho igual para produzir algo lá na frente.

Você começa a ter aqueles que confundem isso com libertinagem, ou você fecha a mão ou você aceita a libertinagem, então é complicada essa questão dos conceitos, não serem autoritários, mas serem rígidos, para poder manter uma determinada linha.

21- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

Mauro Hilton, eu só lembrei dele porque eu passei naquela porta lá. Toda vez que eu vejo o nome do Mauro Hilton eu me lembro dele no Educom. E o professor Ismar.

22- Em sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

O conceito de educomunicação, o ecossistema comunicativo e não lembro de outro mais. Tem a questão das cinco etapas. As cinco etapas eu acho um conceito interessante.

Quando você vai construir um projeto, no caso o projeto era o programa de rádio, então você tinha cinco etapas pra realizar esse projeto. Eu não lembro corretamente nem a ordem, nem os nomes. Mas o primeiro seria como discutir o que você vai produzir, depois preparar o que você vai produzir, produzir, ver o resultado e avaliar. Discutir, planejar, produzir, assistir e avaliar.

Aí você avalia o todo e vê onde falhou. Então, mesmo para a construção de qualquer discurso, usar essa prática. Isso era importante, era muito legal isso. Mas sempre quebra em alguma parte. É o corpo mole de algumas pessoas, não aceitar a responsabilidade. Pode ser muito gostoso no começo e uma grande brincadeira, mas depois você assume responsabilidade em alguma parte do processo.

E você vai tirando o que, você não quer aquilo, só que fazer as coisas quando forem ao seu bel prazer. É a questão da hierarquia e autoridade, você ter essa obrigação de fazer algo em determinado momento, quer queira, quer não queira. É um princípio anarquista esse, ele não é democrático, é anarquista, dentro do processo de consumação do comunismo é anarquismo mesmo. Você é responsável por aquilo, vai e faz a sua parte.

23 – Qual a relação que você teve com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

O grupo que eu gerenciei, a gente conseguiu criar uma relação boa. Todos me tratavam muito bem dentro da escola e me apresentavam para os outros. Assim, você tem que tocar a sua vida. Não dá para você ficar lá o tempo todo. Você vai se distanciando um pouco, não trabalhava só no Educom, mas, em outros projetos e era interessante como você acreditava no Educom e passava a acreditar nos outros processos. Dentro do processo de construção de algo, você sempre oferecia oportunidade de integrar essas escolas, em que você tinha esse contato, dentro desses projetos que você agia.

24- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Quando eu entrei já sabia que demorava para receber. Dinheiro era bom, pagava muito bem, não posso negar, acho que pagava muito bem mesmo. Eu falo para as pessoas quanto eu ganhava, pelo tanto que eu trabalhava, e pelas situações que eu tinha que trabalhar, mas eu não sabia quando ia receber. Então pra mim não foi problema, eu sabia que não podia depender desse dinheiro. Não era o meu trabalho, o que me sustentava era outro trabalho, outras coisas que eu fazia e fora isso eu nunca tive nenhum problema.

Sempre tinha que entregar os relatórios eu entregava em dia, quando eles falavam que iam pagar, pagavam, coincidência eu só saí do projeto no semestre que eu recebi uma proposta de trabalho num outro projeto de uma pessoa que era do Educom e saiu, tinha saído do Educom para gerenciar esse projeto e que era a linha de pensamento do Educom.

Eu só saí porque o curso era de sábado e acabou indo para sexta-feira à noite. Se não eu nem teria saído. Então eu dei sorte de ter saído logo no primeiro mês do último projeto. Recebi sem problema nenhum, depois aconteceram aquelas coisas. Não tem nada a ver com o pessoal do Educom, mas aquilo foi um baque, as pessoas não esperavam aquilo. Sabiam que demoraria, mas, não esperavam que fossem ter um problema relacionado a isso.

Com a questão administrativa, nunca tive problema nenhum. O que eu precisava sempre teve. A gente sabe também, nunca fiz questão de trabalhar com muito, trabalhava com o que tinha não exagerava.

25- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Eu nunca tive muito contato. Dava para ver no dia-a-dia do Educom o mesmo clima de trabalho que eu tinha onde eu trabalhava. Eu trabalhava no Datafolha e era uma questão, você vê como aquilo se construiu como família e aqui dentro funcionava como uma grande família.

Então, às vezes, você via por essa questão de família e por uma questão emocional, você manter situações, se você pensar no mundo racional, não era o correto, é a mesma coisa de alarme preto, você começa, dentro da escola, ter

prejuízo porque a escola não tem dinheiro, porque se tivesse ela seria do mesmo jeito.

Então as relações eram tão profissionais, mas, em alguns momentos as pessoas não eram profissionais. Elas fazem o que querem, a hora que querem, do jeito que querem, constroem a sala de visitas dela dentro do trabalho. O que não é o correto, porque ela está ali só para trabalhar. Mas, nunca muito contato.

Eu vi pouco o Ismar. O dia que eu o conheci, foi que ele chamou o grupo para a reunião eu fiquei encantado com a figura dele. Ele tem um conhecimento e facilidade em lidar com o conhecimento que tem. A Patrícia sempre foi muito gentil, muito solícita, as pessoas aqui dentro eram sempre muito solícitas. É claro que você sempre ouve situações, mas, aí, são problemas de outros.

26 – Qual a sua opinião sobre os relatórios?

Tinha dia que eu não gostava de fazer relatório. É uma questão complicada, claro que é uma obrigatoriedade. Era obrigatório fazer aquilo porque era a forma como o projeto, pela imensidão dele, pela quantidade de pessoas, era uma forma para você manter o controle. Mas tem um momento que você se tornava repetitivo.

Assim, o que era perguntado, pela construção que estava ali, e aquilo era para tentar facilitar a sua vida, se tornava algo repetitivo, você não via a diferença naquilo. Aí tem, também, a questão da mesmice, você tinha que manter uma rotina igual, coisas que não tinha. Havia momentos em que você tinha o que expressar, você conseguia colocar para fora aquilo que você estava vendo, mas em outros momentos não conseguia. Tinha época que era chato.

Na minha posição, era sábado, na segunda-feira estava pronto. Era que nem preencher diário, se não fizesse isso, como é que você ia fazer. Nos primeiros, tinha uma preocupação muito racional de preencher, depois você vai se soltando e tudo o mais. Ninguém gosta de obrigação, ninguém gosta de escrever. Tirando os literatas que gostam, ninguém gosta.

As pessoas gostam de falar, fazer gestos, mas escrever, expor, talvez, seja até uma forma de você se expor e na escrita você se expõe. Parece que não mas você se expõe demais.

Somente no sentimento é que você constrói; você ser objetivo, se você não é.
Não sei ser objetivo, para dizer duas palavras eu uso dez. E não é uma questão inferior, tem pessoas que são extremamente objetivas.

Entrevista 14

1- Nome: Luciana Sampaio de Medeiros Ferreira

2- Data de Nascimento: 05.08.1976

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Eu estava no segundo ano de Ciências Sociais.

4- Quais as fases você participou no projeto?

Do meio da segunda até o fim da sétima.

5 - Qual a atividade que você desenvolve hoje?

Eu trabalho num projeto de educação.

6- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

Eu não sei, acho que foi uma empatia logo do começo, desde a primeira vez que eu ouvi falar, eu achava muito interessante. Primeiro, porque eu tinha uma formação em Ciências Sociais que é uma coisa que você não lida muito com gente. Você lida muito mais com textos, pelo menos na época da faculdade, depois você começa a ver pesquisas de verdade e até vai. Eu comecei a gostar muito dessa coisa de interagir mais com pessoas totalmente diferentes. De ser um trabalho multidisciplinar de verdade, porque tinha gente de tudo quanto era área, de entrar na escola, nessa época eu comecei a gostar de mexer com educação, entrar na escola de outro jeito que não fosse o jeito professor, ou aluno, acho que foi isso.

7- Como mediadora, qual era o papel que você deveria desenvolver?

E eu acho que eram pessoas que pensavam mais ou menos do mesmo. Tínhamos uma idéia e tínhamos que acontecer. Acho que essa era a primeira coisa. Nunca chegávamos lá com o espírito de fingir que aconteceu. Dava uma oficina de rádio, que seja cultura, qualquer assunto e não podíamos ficar no superficial. Acho que o tempo todo tentava sair do superficial.

Podia acontecer alguma coisa assim e aí você ficava numa coisa de tentar retomar, tentar puxar, ver aonde que essas coisas, quais eram as fronteiras entre um assunto e outro e tentar retomar porque essa era a idéia de você conseguir segurar um grupo. Mas eu acho que trabalhar de uma maneira sincera, de verdade, sem ficar lá fingindo que está fazendo o que o Educom se propunha. Que tinha uma proposta de você dar voz para as crianças, dar voz para o aluno, dar voz para os professores também, de uma maneira sincera. Conseguir fazer com que eles interagissem de uma maneira mais saudável. Sabemos que a escola não tem sido um ambiente muito saudável. E tinha muita história. Ouvia muita coisa e era muito complicado.

Então eu acho que o meu papel principal era esse. Era tentar fazer com que as pessoas ali se relacionassem e trabalhassem de uma maneira sincera, por mais que brigassem, eu não tinha medo disso. Acho que era isso.

8- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediadora e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Contradição eu acho que não se você pensa nos princípios da coisa. Pensando no princípio do que era, acho que não tinha contradição. Às vezes acontecia de ter uma atividade que era indicada pela coordenação, por quem ficava planejando o curso, e não fazíamos aquilo. Isso acontecia, ou porque achávamos que não dava para fazer naquela hora ou porque outras coisas estavam acontecendo ali. Então, pode ser. Mas, eu acho que nem era contradição, que fazia parte. Então acho que não tinha contradição não.

9- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

Dificuldades? Acho que tínhamos pouco apoio da coordenação, No sentido de ficarmos muito sozinhos no final, íamos para a escola e tínhamos que dar conta do recado. Então acho que isso era um pouco de dificuldade. Às vezes você queria fazer uma coisa mais interessante, você não tinha tempo, você não tinha recurso, às vezes, faltava equipamento, esse tipo de coisa. Às vezes a gente tinha que levar aparelho de som de casa. Uma dificuldade estrutural. Mas que também, no fim, fazia a gente ficar muito na escola.

Às vezes, quando chegávamos à escola, como o projeto não dava toda aquela retaguarda, a escola tinha que dar de algum jeito. Não tinha nada e aí chegava ao fim de semestre e tinha tudo. Tinha aparelho de som, tinha comida. Aparelho de som era sempre uma coisa que a gente acabava achando.

Outra dificuldade, um pouco a articulação. Acho que eu tive dificuldade de articulação. Uma vez, no último semestre, foi bem complicado o trabalho, da relação com a articuladora. O último semestre foi muito desgastante, mas eu acho que basicamente é isso.

Claro tinha o problema de transporte, você ia longe, eu, por exemplo, nunca recebi gasolina, também, porque eu não conseguia lembrar às 7h30 da manhã do sábado que eu tinha que abastecer o carro com tantos reais e pedir a nota. Essas coisas eram meio chatas. Mas não era nada de mais.

10- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Ver o rádio implantado na escola eu acho que foi uma coisa que aconteceu pouco. Mesmo porque não tinha equipamento durante muito tempo, era complicado, acho que talvez a gente precisasse ter ficado mais tempo pra conseguir ver o rádio na escola, funcionando de verdade. A gente lançou uma “sementinha” e eu não sei até que ponto essa sementinha desabrochou.

Eu acho que, principalmente, quando o grupo trabalhava junto, quando ver que de lidavam com as diferenças, quando o professor falava que aprendeu a respeitar aluno, isso é importante.

Quando o professor tomava uma postura um pouco mais humilde em relação aos alunos, e começar ouvir de verdade o que eles estavam colocando ali e no grupo dos alunos mesmo. Quando eles começavam a produzir de uma maneira mais independente e com uma qualidade melhor. E colocar as coisas de um jeito mais criativo. Eu acho que era por aí. Eu tive grupos que produziram muita coisa boa, que nem ficou no Educom, porque fazia teatro misturado com rádio.

Era umas coisas “loucas” que eles começaram a fazer e que a gente nem tinha como documentar. Umas coisas bem “legais”. Agora nas duas últimas fases foi muito mais complicado porque tinha muita gente, muitos participantes.

Fazíamos uns arranjos de trabalhar em dupla, mas, era mais complicado. Não sei exatamente porque. Acho que tinha muita gente.

No último semestre trabalhávamos com três escolas, éramos eu e a Clívia, lidávamos com quarenta crianças de uma vez. Achávamos importante trabalhar em grupo, em dupla. Juntávamos duas turmas, porque mesmo que separasse ia ser muita gente do mesmo jeito. Tínhamos um estagiário muito difícil, ele não era muito ativo. Não lembro bem qual era a história. E eu tinha uma turma que tinha um aluno meio especial, era meio complicado, os ânimos eram meios estourados. Mas eu acabava ficando na mesma turma, tinha o pessoal do Grêmio que era muito “agilizado” e tinha gente que ia lá mais para “paquerar” do que qualquer outra coisa. Mas o trabalho andava.

11- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

É engraçado falar isso, que parece que a gente está se eximindo da nossa responsabilidade. Mas, quando os alunos sentiam que eles tinham um espaço dentro da escola para realizar uma atividade, eles tinham um comportamento de querer fazer. Quando eles sentiam que não iam ter espaço para, tudo degradingolava.

Às vezes, só apareciam três do Grêmio, que ainda, tinham esperança. O espaço na escola era muito importante e isso não aconteceu nas últimas fases. Mas, na época que em que íamos à escola, que realizávamos o encontro, o trabalho tornava-se bastante promissor, fazia a diferença.

No Pólo, tinha um dia que íamos para a escola com quem trabalhávamos. Mesmo sendo complicado por termos que ir a um lugar tão distante, às vezes, sozinha, o resultado era fantástico, pois, éramos bem recebidos pelos professores.

12 – Eram dois mediadores por escola, né?

Acho que era um mediador e um estagiário nessa época. Eu não lembro exatamente. Quando a escola era bem estruturada o trabalho era outro, muito melhor. Às vezes, se tornava impossível trabalhar, porque a escola era “barulhenta”, as salas têm uma acústica horrível. Trabalhar comunicação num lugar onde as pessoas não se ouvem é muito difícil.

13 – Em sua opinião, como os conceitos educomunicativos foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Algumas vezes, a conversa não era muito produtiva, o trabalho ficava amarrado, sendo que educomunicação é uma junção de várias teorias. Primeiro, que já são duas áreas de conhecimento, educação e comunicação. O ecossistema educomunicativo, tudo aquilo funcionava, dava certo, mas dava para você ir por outros caminhos também. Eu acho difícil fechar demais o que é um conceito educomunicativo. O trabalho era desenvolvido, trabalhávamos: ecossistema, comunicação, para isso acontecer realizávamos oficinas. Dá para você aplicar todos os conceitos de uma maneira falsa e dizer que foi tudo lindo, mas não era esse o nosso intuito. Dizer que é muito democrático, e não ser. Dizer que as crianças desenvolveram as atividades e na verdade não fizeram nada, elas fizeram o que você queria que elas fizessem. Acho que pendíamos um pouco para outras áreas. Não ficava tão preso na teoria educomunicativa.

14- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediador no projeto?

Eu acho que era interessante. No começo tinha mais qualidade do que no final. No início quem coordenava essa parte de educação era a Gracia e ela é uma pessoa que trabalhava com educomunicação na prática há muito tempo. Ela não era só teoria. Depois, entraram outras pessoas que eram mais burocráticas.

15- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

Eu me lembro de ter lido o livro do Ismar. Lembro de ter lido o livrinho de educomunicação, que tinha vários autores, é um caderno. Eu li muito Paulo Freire nessa época. Acho que Paulo Freire, no fim, foi mais importante, quando ele pensa numa comunicação dialógica, numa educação dialógica.

16- Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Eu acho que era possível sim. No final das fases eu acho que entendíamos melhor a proposta, mas não sei se eles utilizavam o que foi aprendido, talvez, não soubessem aplicar ou não tivessem paciência. Eles achavam que dava muito trabalho, dar voz ao aluno.

No fim muito professor achou que educomunicação era dar palestra, talvez porque assistissem muitas. Todo sábado tinha palestra. Às vezes, até duas, uma de manhã e outra à tarde. Às vezes tinha palestra de manhã e depois à tarde eles faziam oficina com os mediadores. Essa coisa da palestra ficava muito forte. Seria bom se tivessem uma atitude um pouco mais prática.

17- Ser uma mediadora alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Totalmente. Sobre comunicação eu nunca tinha pensado muito. Claro, você tem uma visão de área, televisão deixa as pessoas burras. Os meios de comunicação são comprados, quando começamos a lidar com comunicação de outra forma, por pessoas comuns, que não são jornalistas, dá para perceber que comunicação não é só uma profissão ou meios de comunicação, que na verdade ela está em tudo. Todo mundo deveria pensar muito mais em comunicação, para tudo, e na educação, principalmente.

E na educação, claro, eu não era educadora, mas, passei a ter afeição pela área. Trabalhar com educomunicação, talvez, tenha me dado instrumentos para conseguir perceber que a educação pode ir muito, além disso. E eu espero que tenha dado esses instrumentos todos os participantes do curso.

18- Você leva o “papel” de mediador para outros ambientes fora do mundo da escola?

Eu tento. Eu acho que eu valorizo muito mais uma conversa do que uma briga, por exemplo. Eu acredito que dá para resolver as coisas conversando. Eu acho que dá para você utilizar, também, na vida pessoal, principalmente no trabalho. Por exemplo, uma coisa que eu valorizo são formas de avaliação coletiva. Tentar conversar, resolver as coisas coletivamente. É, claro, que isso você consegue colocar para funcionar se você tiver o papel de coordenadora. Eu tento trabalhar com isso.

19- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?

Mediar é conseguir fazer com que as pessoas falem o que elas estão pensando, estão sentindo e o que elas estão querendo. De uma maneira saudável, que isso não seja imposto ou que a pessoa não se sinta pressionada para falar. Mediar é conseguir jogar com as expectativas e com as ansiedades de uma maneira que aquilo funcione para melhor, para fazer a “coisa” andar. Tem muita gente que acha que mediador é aquele que consegue abafar os ânimos, consegue colocar os tais “panos quentes”, acalmar. Não sei...

20- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

Eu acho que educomunicação é conseguir aliar atividades educativas, formadoras, com aspectos da comunicação. Tanto que é comunicação, você transmite e alguém recebe há a interação, mas, também, usar as tecnologias de um jeito formativo, educativo, de uma maneira crítica. É conseguir mostrar para as pessoas que a tecnologia está a serviço delas. Que elas não precisam ser só receptoras da tecnologia e do que a tecnologia trás. Que elas também podem pegar uma câmera e filmar alguma coisa interessante e passar alguma coisa interessante nisso. Que elas, também, podem fazer um programa de rádio e ouvir a própria voz no rádio. Perceber que interagir não é só ligar lá no disque sei lá o que da televisão..., ou entrar no site do programa. Você pode fazer com as suas próprias mãos alguma coisa produtiva, dentro do ambiente escolar, dentro do trabalho, no bairro. É interagir em qualquer lugar.

21- Em sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

Não sei. Eu acho que é um pouco a educação dialógica, você colocar o diálogo na educação. Não só na educação, mas, nos trabalhos coletivos. Coisas que você precisa fazer com outras pessoas. Pensar num trabalho mais dialógico. Você conseguir usar as tecnologias para produtos dali, daquele lugar, de pessoas comuns. Você ampliar a voz daqueles que não são ouvidos normalmente.

27– Qual a relação que você teve com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Foi bom, embora nos víssemos pouco. Acho que ficavam meio resabiados por sermos da USP, então, nos tratavam bem. Mas, por trás dessa marquinha “USP”, achavam que éramos invasores da escola, que estávamos lá para fazer as crianças falarem, se soltarem, dizerem o que pensam e depois iríamos embora deixando o “pepino” nas mãos deles. Tinha um pouco disso. Percebi isso em avaliações.

Senti que, algumas vezes, eles gostariam que o curso se estendesse um pouco mais, porque gostariam que encaminhássemos o que estávamos propondo. Não trabalhávamos com a escola inteira, apenas com um grupo de professores e um grupo de alunos. Existia uma dificuldade daqueles professores em levarem a proposta para a escola e serem ouvidos.

Havia e muito a “picuinha” do professor ser ou não concursado. Às vezes o professor que não era concursado chegava com a maior boa vontade em colaborar com a escola, em fazer um bom trabalho, mas nas reuniões do HPTC ele não era ouvido, porque ele também era um intruso na escola. Tinha escola que abriam as salas dos professores, tinha cafezinho. Tinha alguns grupos que eram muito receptivos. Tinha, também, merendeira..., que era aquela pessoa que põe ordem na escola, ela sempre vinha com as regras. “Na minha cozinha vocês não entram, ou, mas vocês vão comer a mesma comida que eles?” Sempre, havia um local em que o pessoal era mais cordial, oferecia cafezinho em copo de vidro, almoço em prato de vidro, mas, nunca fizemos muita questão disso.

28- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Não sei. Acho que faziam o que podiam. Tinha umas coisas super complicadas. Aquela sala era infernal, eu tinha síncope cada vez que eu ia lá, porque, às vezes, você precisava de alguma coisa e era complicado. Não tinha computador, faltava material, talvez, fosse a administração. Ficava muito fechado, “quadrado”. Não tinha muita conversa.

Se o salário saísse estava ótimo, se não azar era seu. Sei lá. Acontecia, também, de estarmos em reunião discutindo a parte pedagógica do projeto, quando aparecia alguém do administrativo para esfriar os ânimos.

29- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Eu acho que eles não sabem a metade da missa. Eles não tinham nenhuma consciência do que acontecia. Do que acontecia dentro das escolas, do que acontecia dentro das equipes. Acho que eles eram bem arbitrários nas decisões que tomavam em relação, principalmente, a arranjo de equipe. De pegar uma equipe que está funcionando e dividir no meio e falar que é porque essas pessoas são muito boas e elas precisam ampliar os seus horizontes e ajudar os outros.

Desarticulavam um trabalho que estava sendo construído. Porque no fundo uma fase sempre tinha a ver com a fase anterior. As coisas foram melhorando, foram crescendo, os equipamentos foram chegando, as escolas foram ficando mais longe. Você nunca sabia com quem você ia trabalhar, as equipes eram decididas ali na hora.

30 – Mas durante uma fase vocês ficavam com uma mesma equipe ou mudava também?

Não, no meio da fase não mudava equipe, era muito difícil. Só se fosse uma equipe que tivesse dando muito problema. Com a gente nunca aconteceu. O que mudava era de uma fase para outra. Porque não tinha estrutura. Não tinha transporte, não tinha várias coisas.

Quando conseguíamos ficar numa equipe onde as pessoas conseguiam arranjar um jeito de carona, onde elas conseguiam trabalhar na casa de alguém, que era interessante, onde todo mundo, mais ou menos, morava perto da onde trabalharia. Eu trabalhei muito na zona sul, não tinha condições de ir para a USP para pegar a Van da USP, às 5h da manhã e chegar na zona sul às 8h da manhã. Tinha que acordar às 4h para trabalhar o dia inteiro numa “barulheira”, até as 17h. Era muito cansativo. Às vezes conseguíamos nos organizar para podermos ir trabalhar e eles resolviam separar a equipe.

Acho que foi uma besteira muito grande, porque se eles tivessem mantido essas equipes, por exemplo, poderíamos ir escolas, nas quais, a equipe já havia

trabalhado e dar continuidade ao trabalho, que não estava previsto no projeto, mas que poderia ser realizado. Existia vontade por parte de todos.

Na mesma região, mesmo grupo, com as mesmas pessoas, poderíamos trabalhar com uma criança, com a qual já havíamos trabalhado na fase anterior, e que fosse bom mediador e levar para a escola porque o que eles mais querem na vida é ter o que fazer no sábado.

E aí começava a dar um monte de problema. Porque você tinha que todo semestre rearticular tudo de novo.

31- E qual sua opinião sobre os relatórios?

Era chato de fazer, mas tinha que ser feito. Eu aprendi fazer relatório no Educom, no fundo foi o que sobrou. É o produto, o produto mais importante que tem. É mais importante do que aqueles planejamentos que os professores faziam de qualquer maneira e entregavam. Mais importante do que se a rádio está funcionando na escola.

Porque ali talvez esteja uma boa parte do que aconteceu de verdade. Eu passava muito tempo fazendo relatório. Não conseguia escrever pouco. Não sei se meus relatórios eram bons. Eu nunca mais reli pra ver se dá para entender. Acho que isso é o princípio básico da educação. Você tem uma ação, você avalia essa ação, você escreve sobre essa ação. Porque é o que vai fazer a “coisa” crescer. Se você tem uma ação solta, que não é refletida, essa ação morre, é como acontece nas ongs, realiza-se um trabalho e ele, por vezes, não é avaliado.

32 – Você disse que trabalha numa ong, qual?

No Cenpec. Uma Ong bem antiga já. Foi fundada pela Maria Alice Setúbal, que é a dona do Itaú.

E é engraçado porque muita coisa do Educom, no Cenpec, pelo menos no projeto que eu trabalho tem isso. Tem essa importância de avaliar, de escrever, de sistematizar as coisas, para as ações não serem simplesmente pontuais, para você conseguir refletir.

Entrevista 15

1- Nome: Fernanda Rienzi Nunes

2- Data de Nascimento: 01.10.1980

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Eu estava cursando Rádio & TV, no segundo ano. Não tinha me formado, ainda, minha primeira faculdade.

4- Quais as fases você participou no projeto?

Terceira fase, quarta fase e sétima fase.

5 - Qual a atividade que você desenvolve hoje?

Sou radialista porque por formação, mas, estou trabalhando como restauradora digital. Trabalho numa produtora. Faço restauração de filme. A primeira etapa se restaura película, que não somos nós que fazemos. É a restauração física. Depois se faz a restauração digital, eu trabalho na Teleimage.

Tem um projeto, o primeiro projeto foi toda a obra demográfica do Joaquim Pedro de Andrade, o diretor que fez Macunaíma, tem um curta dele que é Couro de Gato, que é famoso também, faz parte de cinco curtas que formam um longa, que é Cinco Vezes Favela e Macunaíma, acho que são os mais famosos. Depois fazemos uma telecinagem na película, que é jogar a película para o computador e aí trabalhamos em cima. É isso, restaurar.

6- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

Meu primeiro interesse nem tinha muito a ver com educação. Eu não pensava muito em trabalhar com educação, eu queria mais entender a parte técnica de rádio. Eu estava fazendo Rádio & TV e queria me envolver com essa parte. Então eu fiquei mais interessada nisso. Eu queria saber tudo de rádio, só que a parte técnica, mas nem foi isso que aconteceu, mas a primeira idéia foi essa.

7- Como mediadora, qual era o papel que você deveria desenvolver?

Estávamos a maior parte do tempo com os alunos, algumas vezes, juntávamos aluno com professor, normalmente dentro de uma sala de aula, aplicávamos as atividades que estavam nas apostilas.

A apostila tinha que ser seguida, tinha “coisas” que não dava para você mudar, outras davam, mas, resolvíamos isso na reunião. Sempre tinha uma reunião antes do sábado, cada grupo tinha durante a semana, de segunda a sexta. Fazíamos a reunião e chegávamos a um consenso e depois aplicávamos todas as atividades. A princípio era isso, organizar os grupos, ajudar a fazer os programas de rádio, explicar os conceitos de vinheta, alguma coisa assim e ficar com eles, fazendo o processo, acontecer.

8- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Foi, quando eu entrei, eu não sabia nada de nada, como lidar com crianças, com pré-adolescentes. E tinha muito mais novinho e nem era essa a minha intenção, lidar com gente, eu queria fazer outras coisas. Achava que não precisava ficar o tempo todo com eles, fiquei desesperada, porque não tinha tido experiência, não tinha tido um treinamento. Acredito que comprometi algumas coisas. Aprendia com quem estava lá. Às vezes, quem estava lá, estava há seis meses só.

Então eu não tinha experiência nenhuma e às vezes você imagina que vai dar certo alguma coisa, que está na apostila, mas chega lá e não dá certo. Porque a escola era de um jeito, tinha diferença. Zona sul, tinha um jeito de ser uma “coisa” meio cultural, zona leste, zona oeste e norte conversávamos com pessoas de outros lugares, dependendo do bairro era de um jeito, tinha escola que era muito mais carente que outras e tínhamos que lidar com isso. Foi aí, que na verdade, fui aprendendo com a experiência, quando eu cheguei fiquei meio perdida.

9- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

Pra mim foi essa. Foi no começo quando eu não sabia como lidar com os alunos. Eles, às vezes, chamavam de professora e não queríamos isso porque

tínhamos que ter uma relação diferente. Estávamos lá para quebrar algumas normas que tinha entre professor e aluno que não eram “legais”, uma coisa muito vertical. Às vezes, não tinha troca de aprendizado porque o professor não achava que ia aprender algo com o aluno. Ele estava lá para dar aula, para ensinar e pronto, acabou.

Não queríamos entrar nessa coisa de ser professor também mesmo, porque não éramos. Eu estava fazendo a minha primeira faculdade. Não podia chegar lá como se fosse uma pessoa formada. E eu levava muito a sério, acho que fiquei tão apavorada porque levava a sério a educação, de como que você educa alguém. Por isso que eu ficava meio neurótica no começo.

Primeiro, que eu não achava ruim educação, mas, achava que não era pra mim, não “fazia a minha cabeça”, logo que eu entrei. Segundo, que, justamente, por não ter experiência. Porque não era uma coisa que eu tinha vontade aprender, então, eu estava na parte de rádio mesmo.

Depois gostei muito disso, mas, foi por levar bastante a sério, eu ficava com medo de fazer alguma coisa errada. Porque percebia que, ao longo do tempo, eles passavam a se espelhar na gente. As meninas queriam parecer conosco e os meninos queriam parecer com os mediadores. Primeiro era monitor depois ficou mediador. Ficava um “endeusamento”, não era muito exagerado, e eu ficava com medo de errar.

10- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Às vezes sentíamos isso no meio do dia e dava para sair satisfeito. Ou, normalmente, quando acabavam as atividades, a partir daí conseguíamos ouvir os programas que eles faziam e era possível observar o resultado final. Que era quase sempre um programa de rádio, como não tinha chegado, ainda, todo o equipamento, isso foi ruim, por parte do Educom, nunca chegava equipamento, mas o problema era da Prefeitura não liberava verba e quando liberava..., era uma confusão, que eu nem lembro direito.

Eu sei que demorava muito para chegar, às vezes demorava mais de seis meses, que era o tempo de curso, para chegar os aparelhos de rádio, aparelho total que era como se fosse uma rádio mesmo, comunitária. Era na verdade,

porque tinha até um sinal, alcançava acho que um bairro, tinha o alcance de um bairro pequeno.

E eu que ficava querendo essa parte técnica e nunca via nada, ficava só no radinho de pilha, no gravadorzinho de pilha. Mas tudo bem, por um lado era ruim porque eu não ia conseguir aprender, para mim, foi frustrante no começo, porque eu não consegui aprender nada do que queria, a respeito de rádio e, ao mesmo tempo, era pior pra eles, porque eles não conseguiam aprender junto com a gente. Passávamos tudo para o gravadorzinho de mão, só que quando chegávamos lá, eram outros aparelhos. Tinha gravador de CD, fita K7, cd, também podia ligar o rádio para captar alguma coisa, gravar todos os programas, tinha vários recursos. Mas os alunos tiravam de letra, é a geração. Os professores não sabiam muito bem. Eles sabiam melhor que os professores. E tinha um monte de gente que já fazia os seus cds, em casa e gravava.

11 – Então quer dizer assim, na verdade era durante as produções que o trabalho dava certo...

Na verdade não era assim. Tínhamos o resultado final, mas, o Educom sempre observava que tínhamos que prestar atenção no processo, ao invés de ir direto ao produto final. Falo no fim, porque no fim ouvíamos a produção audiovisual deles. Como eu falei antes, às vezes, até no meio do dia já estávamos satisfeitos com o trabalho. Porque víamos que o processo estava sendo bem feito. As coisas davam certo.

Eu lembro que tinha um Colégio e eu, sempre chegava atrasada, porque a perua atrasava, e foi engraçado, porque eles enviaram um fax a Secretaria e onde estavam as assinaturas dos alunos, um abaixo assinado, com aquelas letras gordinhas de criança, solicitando que chegássemos no horário certo, porque perdiam tempo no Educom. Eles vieram muito felizes nos mostrar, achamos o máximo.

Demos umas idéias para eles no dia anterior, que eles estavam reclamando do atraso, mas, não tínhamos nada a ver com o transporte deles, o educom não tinha nada a ver. Quem fazia o transporte deles para a escola Pólo, era a própria escola. Eram quatro escolas e a Pólo, então o projeto trabalhava com cinco escolas durante seis meses e o número de escolas aumentava.

Suponhamos que fossem cinco escolas, se uma dessas chegasse atrasada à escola Pólo, a escola Pólo era uma escola maior, que conseguia comportar todos os alunos. Pedimos que fizessem uma reivindicação, pois, o atraso atrapalhava o bom andamento do projeto. Foi bom, porque percebemos que eles estavam conseguindo ter voz ativa, conseguindo se organizar.

12- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Tinha dia que eles estavam a fim de jogar bola, ouvir música, dançar e não queriam desenvolver as atividades do projeto. Não tinha jeito, eles ficavam lá, porque não iam mesmo. Não levávamos ninguém contra vontade. Conversávamos, tentando convencê-los. Ficávamos observando para que ninguém saísse da escola.

Outras vezes estavam super solícitos, estavam a fim de fazer tudo, participavam dos debates, cada grupo fazia sua reunião. Antes de desenvolver a idéia. O tema era livre, às vezes não.

13 – Em sua opinião, como que os conceitos educomunicativos foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Acho que nem todos foram aplicados. Na prática que é importante, porque tinha teoria de segunda à sexta. Então o que a tínhamos que fazer era uma coisa mais prática. Conversávamos muito, porque antes de levarmos as atividades para os alunos, tínhamos que saber o que era aquilo, por vezes, realizávamos as dinâmicas antes de serem aplicadas, até mesmo, para que não houvesse erro e poder perceber o objetivo da mesma.

Era muito assim, na prática e na conversa. Entendia o que era para ser feito, concordava ou se não entrávamos num consenso e jogava para eles, dávamos muita liberdade. Eu estou falando pelo meu grupo. Meu grupo das três fases. Tinha grupo que não era assim, não tinha tanta liberdade. Não durou o tempo todo que estive lá, mas no começo, fazíamos a reunião com dois grupos antes de ir, no sábado. No meu grupo e no grupo da Ana Maria, que era de outro Pólo. Conversávamos sobre as diferenças dos alunos, dos professores, às vezes, da localidade. Depois de um tempo, a reunião ficava somente no nosso grupo, somente entre as nossas escolas. Era bom quando ficava só a nossa escola porque tínhamos mais tempo para conversar, mas ao mesmo tempo era

ruim porque não tinha troca. Você perdia um pouco as histórias que eles tinham para contar. São duas coisas que tinham os prós e os contras.

14- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediadora no projeto?

Achei a formação meio fraca para falar a verdade. Eu não me sentia segura para fazer as atividades. Quando tinha que ficar sozinha com a sala, sentia medo, preocupação, ansiosa e insegura, mas superei isso, quando atingia certo grau de intimidade com os alunos o trabalho fica mais tranquilo, eles eram carinhosos, conversavam muito. Você consegue conversar e fazer entender, fazer respeitar. Como não éramos professor, então mantínhamos no meio termo. Era meio estranho porque mandávamos, eles não estavam acostumados a isso, ou tem professor ou não tem. Eles nos respeitavam mesmo sabendo que não daríamos notas, não seríamos autoritários, não haveria repetência. Outros não davam a mínima para o projeto, pois, sabiam que não haveria repetência. Tive sorte, porque eu ouvi histórias de arrepiar. Eu tinha uns 19 anos, mais ou menos, quando comecei a participar do projeto, havia gente com 40 anos fazendo a mesma função que eu, ou mediador ou outra função. Acho que pessoas tinham mais prática. No começo, no primeiro ano, eu trabalhei com Gracia, ela era professora de português aposentada e trabalhou a vida inteira como professora, às vezes ficava pensando, como poderia fazer a mesma coisa que ela faz. Eu nunca fui professora, só sempre aluna. Isso me preocupava, ficava com medo.

Eles tinham uma formação teórica que dava para segurar. Formação teórica tudo bem, dava para ter uma noção, mas, não tinha formação prática. Não sei como seria uma formação prática, não sei se teria jeito de ter. Fraca, na verdade acho que não foi fraca, fizeram o que eles podiam fazer, não foi assim tão fraca. Pensando bem como você iria transmitir experiência para alguém Experiência você adquire. A teoria era boa porque recebíamos apostila, material, livro. Se quisesse ler tudo aquilo, tinha que ter idéia do que era educomunicação. Chegávamos lá sabendo o que era educomunicação.

15- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

Li alguns textos, mas, não vou lembrar quais. O que eu mais e foi nesse momento que fiquei encantada com a educação, foi Paulo Freire. Líamos outros textos, mas, não lembro. Tive mais tempo para ler no primeiro ano, no último eu estava fazendo TCC na faculdade, então eu lia menos.

Fazia os relatórios, mas, não lia como na primeira fase. O que eu mais gostei, foi incrível, foi ler Paulo Freire porque eu tinha uma noção completamente diferente das coisas de educação, da escola, do professor, foi o que mais me marcou. E eu li alguma coisa do Ismar, também, tinha textos dele nas apostilas.

16- Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Acho que sim, dependia muito dos alunos e dos professores também, porque tinha professores que barravam os alunos, não deixavam que fizessem as atividades que propúnhamos. No sábado tudo bem, mas durante a semana era meio difícil conseguirem desenvolverem as coisas que estávamos tentando para que isso fosse levado para escola e para comunidade. Sábado, normalmente, tem aquele projeto escola aberta. No sábado as pessoas podiam chegar e participar do programa de rádio, essa era a idéia.

Alguns professores que tinham a mentalidade de que o Educom era para ser feito no sábado, que era uma recreação. O que não ia se aplicar na grade escolar, não cabia, não tinha nada a ver. Outros eram ótimos, excelentes, abraçaram o projeto e gostariam que continuasse. Achávamos que podiam colocar isso numa aula durante a semana, entre uma outra aula, fazer alguma atividade que tivesse educomunicação e tivesse o rádio.

Rádio foi o meu que achamos para levar a comunicação, mas, poderia ter sido teatro, poderia ter sido imagem ao invés de som, audiovisual, fotografia, era um caminho para se chegar à educomunicação. Acreditávamos que o ideal seria as pessoas usassem no dia-a-dia..

17 – Meio que dependeria da vontade de cada professor, né?

Dependeria de eles liberarem o espaço, porque tinha que mudar a grade também, não era uma coisa fácil mudar grade escolar. Esse curso, o Educom, tinha todo um aparato da Secretaria de Comunicação, da Educação, e era um

curso que foi viabilizado, teve verba da Secretaria. Nesse caso acho que daria para mudar a grade. Nunca tirar uma aula de matemática, ou qualquer outra matéria, para por rádio, mas, acrescentar.

Alguns alunos conseguiam fazer as atividades durante o final de semana e eles se tornaram multiplicadores, que era um dos objetivos. E ficavam dando “aulinha” de educomunicação para as classes menores, quinta série dava aula para quarta série, que dava aula para terceira série.

18- Ser uma mediadora alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Alterou, completamente. Porque eu comecei a gostar muito de educação, comecei achar muito importante você ter algum trabalho que envolvesse comunicação. Não estou fazendo isso agora, mas eu até gostaria de voltar, mas, alterou sim, a comunicação também, porque, às vezes, se tem idéia que a comunicação existe, simplesmente, para comunicar e aí eu fui vendo que não, dá para você mudar o mundo se você quiser, é lógico que isso é meio utópico, mas, dá para você mudar muita coisa. Realmente, dá para fazer algumas coisas mudarem.

19- Você leva o “papel” de mediadora para outros ambientes fora do mundo da escola?

Não porque eu parei de fazer o Educom e voltei para o meu trabalho, que é restaurador, até tento fazer alguma coisa, porque existe um abuso de poder, de autoridade, aí eu fico muito brava, falo para as pessoas, mas, não adianta, não acontece nada. É muito mais fácil falar com uma menina de três, mas não dá, não consegui, porque estou presa nesse emprego, não fiz outra coisa, agora que vou começar uma nova faculdade, de Artes Plásticas, na Faculdade de Belas Artes. Vou começar em fevereiro. Vou fazer porque gosto de arte e quero mudar de área, não estou muito satisfeita, estou muito tempo no mesmo emprego, dei uma estagnada. Quero mudar muitas coisas e acho que é um bom começo.

20- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?

Na verdade, é o meu único conceito, porque foi onde aprendi o que era mediação. Eu acho que mediação é a própria palavra, mediar alguma coisa. Você servir de fio condutor para alguma coisa, do ponto A para o ponto B. Era, mais ou menos, a posição em que eu me colocava. Por exemplo, aconteceu algumas vezes, do aluno questionar como deveria ser seu grito, agudo ou grave, para fazer a vinheta de um filme de terror, eu nunca dava a resposta, devolvia a resposta com um novo questionamento, para que eles pudessem pensar e ter autonomia. Porque eles estavam perguntando muitas coisas. Mediar é você dar mão assim, e ir fazendo um cordão. Não é uma coisa que é exata.

21- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

É mais ou menos o que a palavra diz unir comunicação com educação, mas de um jeito muito coerente. De uma maneira horizontal de falar coisas. Procurar não ter hierarquia, muito difícil, na verdade, acho que é impossível, mas pelo menos você tentar tirar essa hierarquia, porque, às vezes, uma hierarquia não quer dizer nada, às vezes a pessoa é líder do grupo por um motivo que nem justificaria.

Então quebrar um pouco isso, quebrar algum dogma, que, às vezes, é até meio incoerente, meio inútil, repensar coisas e sempre questionar. Era o que queríamos que os alunos tivessem: senso crítico. Alguns tinham, era incrível, uns eram mais. Eram muito espertos e outros tinham que ter um “empurrãozinho”, de ser mais crítico, de ter mais autonomia e não fazer as coisas por fazer. De pensar um pouco, antes de fazer qualquer lição de casa.

22- Em sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

Acho que eu não lembro mais.

A troca de tudo, de formação, de conhecimento, principalmente.

É conciliar, conversar, não ser autoritário.

E a outra coisa era com os professores, os professores que, em minha opinião, não eram “legais”, que, às vezes, desrespeitavam os alunos. Eu não gostava nem um pouco do jeito deles darem aula, era com esse reinado desses

professores. Tentar fazer com que os alunos dessem a volta por cima nesse tipo de ensino.

23– Você teve algum tipo de relacionamento com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Funcionários da escola? Tinha, a maioria das vezes eles eram ótimos, as cozinheiras eram super legais, a coordenadora da escola, também. Nas fases que eu atuei, normalmente eram legais sim. Certa uma vez defrontamos com uma meio “chatinha”, não nos deixava fazer muita coisa, barrava, bloqueava algumas coisas, os alunos não tinham muita liberdade com ela. Mas a maioria foi mais tranqüila.

24- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Acho que bem no início as coisas, ainda estavam se estruturando. Às vezes, dava a impressão que uma ou outra coisa era meio desorganizada, talvez, porque fosse o começo do projeto. Começava com poucas escolas e terminava com várias escolas. Isso era um pouco complicado, porque você tinha que sempre aprender a lidar cada vez com mais gente. Isso também influenciava um pouco na administração, porque tinha que sempre estar mudando alguma coisa. O pessoal da administração tinha que estar atento a isso.

E acho que no começo era uma coisa meio nebulosa e foi se ajeitando, acho que por causa do projeto, foi a primeira vez que existiu esse projeto, então, todo mundo foi aprendendo junto. Não era uma coisa que iria dar certo, logo de cara. Ninguém sabia como ia ser, era uma experiência.

25- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Eu acho que pelo fato de terem muitas palestras e juntar muita gente, ficava muito cansativo, mesmo porque cada um tinha uma função dentro do grupo. Às vezes, tinha capacitação em alguns sábados que não tinha o Educom, às vezes acabava o projeto e eles voltavam lá na escola para ensinar a fazer, a verdade é que se o material chegasse cedo, na hora, desenvolveríamos o trabalho todo em seis meses. Isso era uma falha no projeto, mas, a parte boa é que conseguíamos fazer tudo aquilo com um gravadorzinho de mão. Era

conseguir entender que não precisava ter todo um aparato sofisticado, tecnológico, caro, não era necessário para que os conceitos fossem transmitidos. Por outro lado, eles perdiam muito com isso, perdiam na parte de tecnologia, de qualidade sonora, porque o gravador tinha ruídos.

O professor Ismar era sempre muito solícito, sempre presente.

26- Qual sua opinião sobre os relatórios?

A primeira vez eu me lembro que levei um relatório com 15 linhas. Fiquei preocupada, pois, não tinha certeza do que escrever. Eu não sabia e sofri para escrever quinze linhas. Não tinha a menor idéia do que era o relatório, nem entreguei. Tinha o relatório como a garantia que você receberia o dinheiro, era a garantia de ter trabalhado. Então sem relatório, sem dinheiro, porque como é que a Secretaria ia saber que estávamos lá.

Tinha chamada, lista de presença, mas no relatório é que você assegurava tudo o que havia acontecido naquele dia. Percebi que os relatórios poderiam ser maiores porque, muitas coisas aconteciam no mesmo dia. Percebi, ainda, que chegava tão empolgada que escrevia ali mesmo, para não deixar escapar nada. Relatava com detalhes, como havia sido participação dos pais, dos membros da comunidade. Aos poucos fui percebendo que bom escrever, porque avaliávamos o que tinha sido bom ou não, o que poderia ser mudado. Então era bom fazer o relatório, porque, obrigatoriamente, você raciocinava sobre as suas ações, avaliava as falhas e atitudes. Às vezes, pensava que poderia fazer melhor ou que fiquei perdida naquele dia porque não tive ajuda, não tive assessoria para algumas coisas. Eu colocava tudo nos relatórios e eu me censurava menos. Era um momento de avaliação, análise e desabafo.

27. O que você achava das palestras?

Eu não assistia muito. Eu queria assistir algumas, eu tinha vontade e assistir. Algumas palestras eram de nível elevado, acho que os palestrantes esqueciam que estavam falando para membros de uma comunidade mais carente e não somente para professores e técnicos. O nível era alto demais, isso acontecia com certa frequência. Primeiro, porque as pessoas acham que quando se trata de USP tudo é o supra sumo, acham que você é um gênio.

Eu não era da USP, às vezes, me sentia esnobada pelos membros da USP. Alguns professores tinham uma “coisa” de achar que a USP era o máximo e eles se decepçionavam às vezes.

Porque, às vezes, vinha um palestrante que era chato, que não conseguia envolver as pessoas, ou, então, era muito inteligente e não conseguia envolver ninguém levar o conhecimento dele. Às vezes, decepçionava, outras vezes era o máximo. Uma palestra incrível, maravilhosa, e todo mundo falava super bem. Os professores eram bem críticos quanto a isso. Eles comentavam quando gostavam ou não.

O palestrante deveria que ter feeling para perceber que não atingiria a comunidade, perceber que é uma região carente, que não tinha muito estudo.

Entrevista 16

1- Nome: Sylvia Segamsredo Sanchez

2- Data de Nascimento: 02.10.1979

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Ou estava prestes a me formar, faltando um semestre, ou eu tinha acabado de me formar. Formação em Publicidade, só que eu fiz meu trabalho sobre Educomunicação. Foi por isso que eu conheci o Ismar, pesquisas no Educom, gostei da proposta e falei com o Ismar que eu queria trabalhar. Então acabei entrando por osmose.

4- Qual a atividade que você desenvolve hoje?

Sou fotógrafa e designer. Oficinas de Marketing no projeto Aprendiz.

5- Quais as fases você participou no projeto?

Acho que foi da terceira até a última.

6 – Todas como mediadora?

A primeira não, nem lembro o nome, uma função que foi extinta depois, não era assistente de articulador, ficava com os professores. Depois fiquei como mediadora sempre

7- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

Então, eu conheci a educomunicação em função do meu TCC, eu queria falar sobre Psicologia Yunguiana e fotografia. Conversei com o Ismar que tinha me dado aula de Psicologia da Comunicação e ele falou da educomunicação, para eu pesquisar, me apresentou pro projeto. Eu fui fazer pesquisa de campo com crianças que tinham participado do Educom, já, e fui gostando da proposta.

Por mais que eu já gostasse de fotografia, que a minha linguagem favorita não era o rádio, eu achei que a proposta da educomunicação era um jeito muito legal de trabalhar, usar os meios de comunicação, de usar as ferramentas para alguma outra coisa. Já estava desiludida da Publicidade. Acabei querendo ficar por causa disso, por achar que era uma proposta bacana na prática.

8- Como mediadora, qual era o papel que você deveria desenvolver lá nos Pólos?

Em linhas bem gerais, facilitar para que os conceitos de educomunicação fossem colocados em prática pela molecada, mas, utilizando o universo deles, o histórico deles enfim, meio que mediando um diálogo, também. E através dessa mediação, de um diálogo dentro do ambiente escolar, fazer com que irem incorporassem os princípios da educomunicação. Acho que era principalmente isso, meio que, através da prática, levá-los a buscar esse diálogo, buscar entender aquele ecossistema comunicacional, pensar de uma outra forma. Nem sempre acontecia, mas a função era essa.

9- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediadora e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Acho que sim, porque, primeiro que era um encontro por semana e aí você chegava e encontrava pessoas que vinham de uma semana inteira com um monte de problemas acontecendo, conflitos acontecendo, e conflitos a serem solucionados. E de repente as crianças não estavam ali naquele dia não, eram novas possibilidades de usar comunicação ou novas possibilidades de dialogar com o outro, elas queriam desabafar, queriam brincar, queriam um monte de outras coisas, não dava tempo justamente de canalizar aquele movimento que estava acontecendo para o que seria a função de mediadora mesmo.

Acho que o principal problema era de tempo mesmo. Porque, nas fases iniciais isso se fazia sentir menos, tinha menos atividades, então, dava tempo para mediar de fato. Só que começamos a ter umas reclamações do próprio pessoal, falando que ficava muita coisa para fazer, então ficava pouco produtivo, dava sempre a impressão que não tinha feito nada. Foram passando as fases, foram enfiando um monte de atividades para fazer, chegou uma hora que percebi que não estava havendo diálogo. Às vezes, tinha criança plantando bananeira, professor puxando os cabelos, pelo amor de deus! Não tinha tempo para sentar e dar esse tempo para amadurecer o diálogo, amadurecer uma relação diferente mesmo, tudo estava muito enlouquecido.

10- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

O tempo. Uma coisa que acontecia é que nem todo mundo ia para o Educom sabendo do que se tratava com clareza. Tinham que ter feito uma divulgação antes de começar o processo de buscar essas pessoas. Com os membros da comunidade trabalhamos muito pouco e quando tinha era sempre bom, no geral eram poucos, era um público que tinha que ter muito mais, eu acho, fortalecido dentro o projeto. Porque sempre traziam coisas muito bacanas, mas, eu peguei muito pouco para trabalhar.

Eles eram os que mais sabiam. Os que mais estavam por dentro de qual era a proposta, do projeto, enfim. Agora, os professores não sabiam da proposta, ou não tinha tempo de nada. Então até cair “a ficha” demorava algumas semanas, enfim, era o tempo que se precisava também.

11- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Eu acho que quando acontecia de se propiciar um diálogo mesmo, entre as pessoas, preparar para se ouvir e criar coisas juntas, de fazer coisas juntas. Porque, às vezes, as pessoas se ouviam e não saiam do lugar, é um processo, faz parte, missão cumprida, era bem isso. E, às vezes, era até engraçado, porque a proposta era a gente terminar o dia fazendo o programa de rádio ou alguma outra coisa, nem sempre o programa dava tempo de ser feito, mas, às vezes, o processo era tão rico, de ser uma relação mesmo de professor com aluno, da gente, mediador ficar meio de fora e perceber que aquilo já estava começando a acontecer de uma forma mais autônoma.

12- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Era participativo, quando eu sentia a pessoa presente, porque acontecia, muitas vezes, estar a molecada lá, ter algum, você via que estavam falando, por exemplo, então você tinha uma sensação de participação, mas, que não era, estavam em outro lugar. Estavam falando porque eram falantes. Tinha uns que, às vezes, eram até mais quietos, você percebia que estavam em alfa, dormindo. Mas, tinha dias que participavam mais. A pessoa estava ali no

cantinho dela, de repente ouvia alguma coisa, vinha e começava a participar do processo, ainda, que da maneira dela.

No começo do dia era quando a coisa meio que enganava, porque tinha dias que a gente chegava recebia todo mundo junto, falando. Parecia que haviam engrenado, as relações estavam ficando melhores. Aí começavam as atividades. Tinha até uma sensação, na entrada, de que seria um dia que renderia, as pessoas pareciam abertas, só que eles tinham uma tendência de confundir euforia com ficar aberta a participar.

Achávamos que, quando vinham pessoas eufóricas, falando, se descontraindo, professores falam, os alunos falam sobre as escolas, bom acho que está bacana. E a hora que você ia fazer as atividades com eles falando, via que era o contrário, de repente estavam mascarando um monte de coisa e as pessoas se dispersavam, no final do dia a gente ia conseguir que eles contassem e falassem de repente sobre isso. Então já era um dia ganho por causa disso, então a gente conseguia. Mas era uma falsa ilusão de receptividade ou sei lá, outros sinais mostrando que eles estavam precisando de outras coisas naquele dia.

13 – Em sua opinião, como os conceitos educomunicativos foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Vou te dizer que não me lembro dos conceitos educomunicativos, mas, enfim, eu acho que uma coisa que ficou, muito, no começo e acabou se perdendo um pouco, no final, mas, que era o conceito, que para mim, foi o que mais encantou, era esse momento na relação do mediador com os participantes, de não ter essa questão da imposição. Isso eu acho que era muito bacana, respeitar o ritmo deles, respeitar os assuntos de interesse. O que eu achava que era importante disso, tanto para os professores quanto para os alunos, era recebiam a gente como se fossemos “os bam, bam, bans”, porque éramos da USP.

De repente saíamos deste pedestal e nos colocávamos na roda com eles e promovíamos uma quebra naquelas relações de comunicação, naquelas relações de poder. Eles respeitavam, mas, ao mesmo tempo eles iam percebendo, aos poucos, que dava para ganhar o respeito dos outros de outra maneira, isso era uma coisa que eu achava muito bacana, que eu acho que

depois acabou se perdendo porque não dava tempo. E acabávamos tendo que fazer mais pressão no final, para sair a coisa, para dar tempo de fazer, por mais que não impuséssemos nada, era diferente, era uma outra relação.

Acho que muitos participantes achavam que eles pensavam pouco sobre as relações de comunicação entre eles, era uma coisa que faltava criar mais momentos para trazer para a consciência mesmo. Vivenciávamos coisas diferentes, mas, “a ficha” não caia. Eu lembro de uma vez, fazendo um planejamento com eles, que era no final do curso, antes de terminar e uma professora, eu estava com a mesma escola sempre fazendo o planejamento, e tinha uma professora que todos adoravam, porque ela era aquela “mãezona”, que enfiava os alunos debaixo da saia e estava tudo lindo, desde que eles fizessem o que ela queria, por isso, eles a adoravam, porque era cômodo, porque ela era divertida, uma pessoa engraçada. E no seu entendimento, ela era super educ comunicativa, porque ela queria trabalhar com as mídias, porque isso era muito forte, o trabalho com as mídias. Ela fazia Educação Artística e, era categórica em afirmar que podia trabalhar com mídia, mas, ao longo do tempo, percebemos que ela não tinha nada a ver com o processo educ comunicativo. Até que um dia, fazendo planejamento, eu não me lembro qual foi a conversa que estávamos tendo na hora, aí uma senhora falou: “agora eu entendi”. Então percebi que ela havia assimilado de fato. Caímos numa conversa, justamente, sobre essas questões das relações de comunicação, que eu acho que faltava, quando tinha..., era uma palestra, não era o diálogo mesmo. Quando teve esse diálogo as coisas fluíram muito melhor. Claro que ela estava aberta para isso também, outras pessoas demoraram muito mais tempo, outras que nunca assimilaram, mas, se isso tivesse acontecido mais com os professores, teria sido bom.

Outro ponto é sobre o ecossistema comunicativo, que faltava discutir. Por mais que tivéssemos uma vivência prática, uma mudança de lugares, faltou, e o outro ponto era do uso das mídias eu acho que acontecia, acho que ninguém, nunca, saiu, acho que poucas pessoas saíram do Educom para participar e que tinham trabalhado com isso. Elas saíam com a sensação de que não estavam fazendo rádio.

Por mais que insistíssemos que o conceito de rádio, era outra coisa, ainda, ficaram com a sensação de que o trabalho com as mídias era muito rarefeito.

Pensando bem, acho que faltava entender, também, que aquilo era uma ferramenta para muitas outras coisas. Aquilo parecia que era um fim em si mesmo. Acredito que ficou uma lacuna nesse conceito.

14- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediadora no projeto, formação dada pelo NCE?

Como eu peguei as fases iniciais, a principal formação que eu tive foi ver na prática, quem estava desde o começo acho que os formadores, eles estavam mais próximos, no começo. Vê-los agindo e opinando sobre o que acontecia, pra mim, foi o melhor aprendizado. Valeu mais que qualquer formação que veio depois, que veio com palestras,

As palestras ficavam muito no conceitual, quando eles tentavam trazer para a prática não encaixava direito, não chegavam nunca a lugar nenhum. Então a vivência foi a melhor formação, sem dúvida. Eu só fui entender mesmo sobre a essência da educomunicação, quando eu comecei a trabalhar na verdade. Quando eu ficava com os professores no começo, era uma função mais de anotar as palestras, de ficar olhando o que estava acontecendo, então era meio que uma assistente geral, sem a função de assistente de coordenador.

Isso foi muito rico, ver a coisa acontecendo, ver de outro jeito e tiveram alguns seminários que trataram mais da parte de Filosofia, que fazia quem queria, que eram uns debates com mídia. Isso foi muito rico, também, foi muito legal, melhor do que as formações oficiais. Era um mergulho maior e propiciava uma outra relação de troca entre as pessoas, de você pensar em cima.

15- Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Não. Das escolas que eu trabalhei, não sei como ficou depois, a sensação que eu tinha é que tinha andado muito pouco.

16 – As suas escolas receberam equipamento?

Nunca, nenhuma vez, nenhum equipamento. E algumas que entraram com a gente, comentavam que quando recebiam, ficavam trancados, a diretora não deixava mexer ou, então, a professora controlava para poder usar, ou então usava pra fazer exercícios específicos, que o haviam sido propostos pelo

professor. Por isso que eu acho que não, muito pouco. Alguns planejamentos que eu vi acontecer, me fizeram achar que até poderia engatilhar, mas, depois eu não sei o que virou. Analisando uns dois ou três planejamentos pude perceber que foi bom, legal. Acho que o pessoal entendeu...

17- Ser uma mediadora alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Não sei se ficou clara a pergunta, mas eu acho que sim. É mais ou menos o que eu tinha falado, ver a teoria foi uma coisa e ver as pessoas na prática foi outra e por em prática uma terceira. Então mudou com certeza.

Eu digo que mudou porque fui trabalhar numa Ong, até em paralelo com o Educom, e eu não conseguia mais distanciar uma coisa da outra. Pensar na educação, eu pensava na comunicação e até vice versa e aí eu via todas as educadoras da ong agindo de uma outra forma que não dava certo, não funcionava e discutindo nas reuniões, metodologias, foi, então, que percebi de fato que eu estava usando de uma forma diferente, em função do que eu já tinha visto no Educom.

18 – Que Ong que era?

Imagem Mágica, que trabalha com fotografia.

19- Você leva o “papel” de mediadora para outros ambientes fora do mundo da escola?

Acho que sim, interiorizou muito fácil. Às vezes, estou em reunião de trabalho e quando me dou conta estou mediando as coisas. Então levo, não tem jeito.

20- Quais os autores que você lembra ter lido, durante as capacitações para o Educom.rádio?

O Ismar. Eu li o Cancline, mas eu sei que não foi na formação do Educom, foi na mesma época, que ele falava do papel social da arte essas coisas, me interessou. Eu confundo muito com a faculdade, o Martin Barbeiro não me lembro se foi no Educom ou na faculdade. Li coisa da Gracia, do Donizete, da Maristela, que coordenou esse seminário de Filosofia. Orozco.

21- Em sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

Acho que o uso das Mídias, a questão de pensar o ecossistema educ comunicativo e as relações horizontais de diálogo. Lembro que tinha uns quatro.

22- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?

Eu conheci o conceito de mediação no Educom, então na verdade não teve uma transformação. Para mim o conceito de mediação, não é um facilitador, acho que é mais do que isso na verdade, é uma forma de você lidar com um grupo, usando de uma maneira diferente do seu lugar como comunicador. Uma pessoa que se comunica para poder mudar alguma coisa ou para poder, depende do contexto, pra fazer um grupo andar, independente de para que lado seja.

23-Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

Definir, isse é o carma. Eu não consigo definir em poucas palavras, eu sempre tento trazer a experiência da prática. Eu acho que é um novo campo do saber. É uma forma nova de se pensar a interação da comunicação com a educação. Extrapola tanto os conhecimentos e as práticas educativas, quanto às práticas comunicativas. Enfim, acho que é um campo que tem sempre em vista essa atuação prática, uma reflexão e uma ação, sempre se contrapondo e gerando um novo produto. Acho meio difícil ter comunicação sem prática, na verdade era meio isso, ela sempre quer intervenção. Sempre estar intervindo em alguma realidade, em algum contexto.

24 – Você teve algum tipo de relação com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Muito pouco. Teve uma vez que foi muito fácil a participação de uma pessoa do NAI, ela estava fazendo o Educom com a gente, era um inferno, porque na cabeça dela, ela achava que ela era uma educ comunicadora de plantão e era a criatura mais autoritária, impossível. Você se educ comunicava quando ela queria, estava tudo bem, eu até falava o que ela queria ouvir. Foi péssimo. As pessoas ficavam meio tensas, os professores sabiam que eu era assim, queriam falar, mas não se envolviam.

Criava-se um ambiente com uma discussão política, mas, não uma discussão política no sentido bom de política, de inter-relação, de relação de poder, política partidária, enfim, as pessoas reivindicando coisas, ela se justificando, querendo defender a prefeitura. Os alunos olhavam, corriam para o pátio jogar futebol. Era importante esse trabalho?“Era, mas não sei se era o quorum ideal pra isso, ou da forma que acabava acontecendo. Foi à vez de maior convívio. Com as merendeiras eu convivia muito pouco, porque eu não comia na escola. Tenho alergia a cebola e alho, então tinha que levar marmita, pão de queijo, então eu não acompanhava muito o horário da refeição.

25- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Bagunçado. Essa é a maior sensação. Acho que tinham muito boa vontade e faltava senso prático, faltava determinação. Refletia no próprio campo, nas próprias escolas, as idas e vindas. Acho que nem sempre acontecia dentro da horizontalidade do diálogo. Tinha aquelas pessoas que, aparentemente, eram acessíveis, mas na verdade, elas não eram tanto. Que ouviam, estavam super abertas para conversar, mas faltava uma resposta. Era formal demais, para a proposta do projeto.

26- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Distante, pelo menos é o que parecia, pode ser que não fosse. A sensação que dava é que era uma supervisão muito teórica, sem essa noção real do que era a prática. Tudo tem sua saída. Dentro da proposta do projeto eu acho que era muito distante.

27- E o que você acha dos relatórios?

Eu acho que eles eram ótimos, era muito chato de fazer, mas era ótimo pra refletir. Era uma ferramenta e eu acho que foi ficando meio burocrático com o passar do tempo. Acho que era um ganho sempre, pensar sobre eles. Eu sentia falta de ler os relatórios de outras pessoas. Não sei se os relatórios eram enviados diretamente, ou se não lia porque não dava tempo. Eu não lembro porque eu não lia, eu sei que eu sentia falta de ler outros relatórios. Foi uma

coisa que eu interiorizei de tal forma, por achar importante fazer que eu levei pra o “Imaginário”. Fazia relatórios imensos.

Entrevista

1- Nome: Edvan Pereira de Brito

2- Data de Nascimento: 14.09.1978

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Eu estava no segundo ano do curso de letras.

4- Quais as fases você participou no projeto?

Da terceira até a última, a sétima fase.

5 - Qual a atividade que você desenvolve hoje?

Hoje eu continuo sendo pesquisador do núcleo, do NCE, avalio, como tutor do curso, Mídias em Educação, sou professor de Inglês.

6- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

Na verdade, é uma história meio inusitada. Uma amiga minha trabalhava lá, Andréia Lisboa, e ela comentou sobre projeto. Vamos nas escolas e trabalhamos com rádio. Não deu grandes detalhes e eu me lembro que na época eu estava à procura de emprego e foi algo que me interessou. Fui conversar, era a Gracia que fazia as entrevistas. Eu conversei com ela, foi numa quinta e acho que no sábado já estava na escola. Foi bem rápido. Eu quase sem entender nada do que estava fazendo lá.

7 – Nas cinco fases você foi mediador?

Na primeira, ainda, existia a função de monitor, até a terceira eu fui monitor. Eu era uma espécie de olheiro. Ficava nos Estados e depois tinha que fazer relatórios sobre o andamento das atividades. A partir da quarta, todo mundo que era monitor virou mediador. A partir de então eu fui mediador.

8- Como mediador, qual era o papel que você deveria desenvolver?

Basicamente mediar a relação das pessoas que iam fazer o curso. O rádio estava lá como um motivo para estarmos na escola, mas na verdade, queria trabalhar as relações entre elas. Usando essa desculpa de que tinha de fazer o programa, que tinha que discutir o conceito e essas coisas.

Era um momento que as pessoas precisavam conversar para decidir as coisas e a partir dessas conversas chegávamos, digamos, ao objetivo principal que era essa mediação das relações. A partir daí trabalhava teoria da educomunicação, mais na prática do que na teoria, porque na teoria tivemos conceitos bem vagos, na cabeça das pessoas. Quando vivenciávamos o conceito, aí retomávamos. Percebíamos, então, acabávamos de fazer é educomunicação.

9- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Acho que não. Porque na capacitação éramos bem “arisco”. Ninguém nunca dava um contexto ideal, informando o que, realmente, encontraríamos pela frente. Em termos de contradição eu diria que não encontrei nenhuma não. Partíamos, sempre, do pressuposto de que a metodologia que levávamos para a escola era passível de mudanças, ou seja, ela tinha que se adaptar ao contexto, a situação que encontrávamos na escola. Então, em algumas situações você tinha que balancear um pouco o que você ia fazer lá, o discurso tinha que ser amenizado, para quem você estava falando, era ajustado à situação que encontrávamos lá.

10- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

Burocráticas, o que mais dificultava. Muitas das coisas que tínhamos que desenvolver nos Pólos passava pela decisão das coordenadorias. Era meio que um trabalho de formiguinha, todo dia ligando para checar se estava tudo pronto e até meia hora antes eu ligava para saber se estava tudo pronto e chegava lá não estava nada pronto. E a gente tinha que trabalhar com isso.

Algumas escolas, por elas não estarem participando, digamos, com boa vontade, aí meio que elas jogavam a responsabilidade para a coordenadoria, já que tinham que fazer a coisa, então, a coordenadoria teria que arranjar meios para fazer aquilo acontecer. Quando acontecia esse tipo de problema, que a escola estava cedendo espaço, mas, ela não estava interessada, tínhamos que fazer um trabalho de convencimento da coordenadoria, para que tudo desse certo e convencer a direção da escola a proporcionar melhores condições. Isso,

às vezes, dificultava porque de certa forma a gente via o resultado nas atividades. Por exemplo, o atraso de um vídeo, resultava no atraso de todas as atividades, que resultava na não aceitação por parte das pessoas. Elas não gostavam. Quem estava no curso, principalmente, professor, achava que era uma falta de respeito. Às vezes era uma responsabilidade jogada pra gente, mas conseguíamos explicar, fazíamos um trabalho de preparação. Esse foi um dos pontos mais difíceis. Acho que nas últimas duas fases eu não fui mediador, fui assistente de articulação. Te falei tudo isso, porque eu era a pessoa que fazia esses contatos.

11- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” que você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Quando sentia, não sei. Tem, até, uma história bacana, eu ficava na zona norte, não lembro agora a escola, mas eram uns alunos que vinham de uma escola de lata e, no geral, eles se destacavam por aparentar ter uma situação de vida bem precária. E era o que as pessoas contavam, moravam numa favela e estudavam nessa escola de lata e esses meninos e meninas chegaram muito tímidos, muito amedrontados, porque não sabiam o que esperava por eles.

Chegaram no primeiro dia, com uma série de problemas que tínhamos que contornar. Eles fizeram o primeiro programa e todos ficaram embaixo da mesa ao ouvir o primeiro programa deles. Levamos isso para a discussão na formação. Esse foi o primeiro baque com esse grupo, de repente no último dia eles faziam os melhores programas e já esperavam todo mundo aplaudir, de cabeça erguida. De certa forma, devolver a auto-estima deles foi o maior prêmio.

Eram os resultados que eles mostravam no decorrer do curso. Analisávamos, observávamos determinados grupos, as pessoas mau se falavam, de repente elas conseguiam se entender e fazer coisas muito boas. Como nos revezávamos nos grupos, cada um tinha um jeito de olhar, então, traziam para o nosso grupo de formação. Percebíamos que diferenças ou mudanças iam acontecendo. Era assim que a gente detectava se estava atingindo o objetivo ou não.

12- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Isso é um pouco relativo. Porque havia muitas situações de porquê o cursista estava no curso. Alguns deles eram escolhidos a dedo pela escola, outros se inscreviam. Estavam, ali, por uma série de motivos. Muitos deles eram “os piores alunos”, sendo assim, vamos ver se o curso dá jeito, mais ou menos isso. Nunca sabíamos porque as pessoas estavam, tentávamos acertar, mas, não sabia quais motivações levavam aquelas pessoas a estarem lá.

Quando chegavam, em geral, eles achavam que iam sair do curso sendo radialistas, locutores, era a primeira coisa que tínhamos que tirar da cabeça deles, porque não tinha nada a ver. Poderiam fazer isso, se quisessem, depois, mas não era o objetivo principal do curso. Alguns deles, mesmo sabendo dessa impossibilidade de virar um “super star” no rádio, ainda, achavam o projeto legal. Víamos, principalmente, na parte de conhecer os instrumentos do rádio, que possibilidade ele trás e essas coisas era o que mais motivava os adolescentes e as crianças. Dos professores, era o conteúdo que levávamos, mas, também, reclamavam muito de não ter um contato mais direto com o rádio, com o manuseio, com as gravações, porque eles sempre eram requisitados para assessorar a garotada nas discussões, que era uma coisa mais teórica e eles reclamavam muito, porque ficavam somente com essa parte.

Às vezes, tentava balancear, porque tinha que ter a formação dos eixos transversais e para trabalhar com eles, essa parte ficava mais fácil, porque eles acabavam sendo multiplicadores. Era meio que uma estratégia do projeto fazer com que um grupo dependesse de certa forma um do outro.

13 – Em sua opinião, como os conceitos educomunicativos foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Acredito que foram, mas, pelo menos, com os grupos com os quais trabalhei, gente colocamos os conceitos, falávamos neles, mas sempre reportando ou tentando reportar a as vivências que tínhamos. Muitas vezes, as pessoas nem sabiam que a estávamos, por exemplo, praticando educomunicação, não sei de eles se davam conta.

Aí de repente estávamos lá, sentávamos em roda, começávamos a discutir e sempre tentando fazer com que as pessoas se ouvissem, dessem espaço para o outro e essa coisa de, prestar atenção em quem está do seu lado. Isso era o

básico, mas com relação aos conceitos que, tínhamos que inserir, essas coisas geralmente não discutíamos a fundo ou se discutíamos, tentávamos mostrar isso na prática.

Era mais importante que eles vivenciassem do que saíssem de lá com o texto de cor. Eu, por exemplo, entendi educomunicação primeiro na prática, para depois entender na teoria. Muito do que eu consegui captar do conceito eu tentei aplicar na prática, ou até fazia antes sem saber.

14- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediador no projeto?

A formação de certa forma atendeu às expectativas. Houve algumas falhas, tinham questões que apareciam nos Pólos que, às vezes, a equipe não estava preparada para lidar. Trabalhando com adolescentes, era muito recorrente problemas com relação à questão de gíria, sexualidade, cada um, na sua área, tinha tido uma discussão sobre isso, mas não éramos especialistas. Houve falhas nesse sentido, porque eram muito variadas as situações que encontrávamos nos Pólos. Às vezes, a formação contemplava, às vezes não.

Mas que eu me lembre, sempre que a gente chegava à formação, na capacitação, essas nossas angústias eram recebidas, eram acolhidas. Saíamos com a sensação de que alguém estava se preocupando com o que a gente. Senti que eu não estava sozinho. Levávamos nossa maneira de ver, o que dava certo consolo pra gente, depois, sentávamos para tentar projetar os próximos encontros, pensando naqueles problemas e tentando encontrar formas de não repeti-las.

A capacitação praticamente atendeu às expectativas. O problema é que nunca tínhamos tempo de ir à capacitação onde estava. Fui uma vez, toda fase tinha, marcava alguns dias, mas, sempre tinha compromisso no dia.

A capacitação foi se reformulando com o passar do tempo, até a própria formação. Quando eu entrei não continuou sendo da mesma forma, ela foi se modificando.

15- Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Eu acredito que sim. A menos que todo mundo estivesse lá atuando. Professores e alunos falavam que a relação deles, o modo como eles viam a escola tinha mudado. Pensávamos que, ao menos, com as pessoas, com as quais o indivíduo que estava no posto se relacionava, mudava sua objetividade, que se dá em relação com o outro. Se você vivencia algo que te faz refletir, te faz mudar, então, essa forma diferente de ver as coisas interfere no outro, porque ele, também, se espelha em você. Eu partia desse princípio. Conversávamos, aí, sobre as dificuldades de continuação até do próprio projeto e da continuidade das práticas do projeto. Então não sei, em minha opinião, por exemplo, depois que eu conheci e vivenciei a educomunicação, não consigo dar aula voltada para o jeito tradicional. Eu fui fazer estágio no prédio de licenciatura e me chocava muito, porque eu achava que não, podíamos sentar em roda e ter umas conversas e os alunos poderiam falar de como eles estavam aprendendo o conteúdo das aulas. Os professores se preocupam tanto em só falar e ficar pedindo, silêncio que, não sei se essa forma é a melhor, se não é, talvez, seja menos problemática. “Eu sou o todo poderoso que fico lá na frente, e esquecer que está lhe dando com pessoa”.

16- Ser um mediador alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Eu acredito que sim. Meu posicionamento, com relação aos meios de comunicação, eu tenho críticas, mas, tento observar as críticas de modo que elas não me privem, me afastem do convívio com as mídias. Eu não gosto de tudo que vejo na tevê, mas, como eu não gosto de tudo que vejo na tevê, penso formas de tentar transformar essa coisa ruim que vejo em algo que seja produtivo para quem vai assistir.

Por exemplo, os alunos que, possivelmente, eu terei nas escolas públicas é o que eles vão assistir. Então como é que eu vou lidar com isso. Se eu tenho um posicionamento de dizer que não assisto. Como é que eu vou pelo menos perceber a realidade que eles estão inseridos e como é que eles vêem o mundo. De certa, forma a tevê vende uma imagem para as pessoas de um mundo que elas, às vezes, aceitam, às vezes não. Tem o grau de crítica de quem recebe. Mas, sem conhecer o que eles conhecem fica difícil fazer um trabalho que se produza críticas, que leve as pessoas a julgarem o que é bom e o que é ruim.

Eu sempre observo quando alguém fala que não ouve funk, não ouve axé. Digo que também não ouço, não compro cd de funk, não compro cd de axé, mas se você vai à escola é todo o cotidiano dos jovens, é tudo o que eles fazem. Como será a sua postura enquanto professor. É não deixar que essas coisas entrem na escola? É fechar os olhos para a realidade, porque eles saem da porta da escola e vão ouvir.

Até podemos, a partir do que eles ouvem, tentar fazer com que eles reflitam sobre o que estão ouvindo, vendo e comparar as possibilidades. Se você já barrava qualquer forma de entender, de compreender, porque esse aluno, só tem gosto para isso ou para aquilo, aí o fio que poderia ligar você a ele já vai ser cortado.

17- Você leva o “papel” de mediador para outros ambientes fora do mundo da escola?

Levo, levo para as minhas aulas da faculdade, nas aulas que eu dou. No convívio com as pessoas. Eu sou alguém depois do Educom, sou alguém que passou a ver as coisas diferentes. Não posso dizer que sou o mesmo de antes do curso. Tanta coisa mudou. Há quase seis anos eu cheguei ao banco da faculdade com medo, não sabendo nem onde eram as coisas e vendo aquele monte de gente nova, com aquela ânsia de aprender.

Hoje, estou aqui, terminou o curso, mas ainda, estou com a sensação que não aprendi o que eu esperava. E assim, eu sou um eu diferente. Acho que não dá para desvincular, seja você no seu discurso, seja nas suas práticas, ou você, nas suas práticas, você contraria, ainda assim você reflete. Não acredito que seja assim, mas, eu fiz assim.

Isso tudo faz você repensar o que você vai fazer no seu dia. Eu acho que continua sim. Ao menos, na minha forma de dar aulas, eu não consigo, por exemplo, ficar 50 minutos falando sozinho ou fazendo de conta que os alunos estão entendendo tudo, ou ficar instigando eles a falarem comigo. Acho que é troca. Não tem como ser unilateral.

18- Depois de trabalhar no Educom. Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?

Mediação? Mediação é um processo de, ao mesmo tempo eu aprendi uma coisa muito interessante, que é..., ao mesmo tempo em que você se encontra

num grupo para mediar relações dos participantes, para que eles te autorizem a fazer qualquer tipo de intervenção, você tem que ganhar a confiança deles. Então, você tem que fazer parte do grupo, de certa forma. Mas, ao mesmo tempo, você tem que fazer dois tipos de raciocínio, um raciocínio de quem está lá, sendo integrante e um raciocínio de quem está fora, observando o grupo em funcionamento. Isso foi muito importante nas minhas atuações, porque, às vezes, eu ficava muito triste com as histórias que eu ouvia lá na escola.

Nesses momentos que eu ficava triste, às vezes, eu não era racional, porque eu era mais emocional do que racional. Para eu racionalizar aquilo tudo e tentar transformar aquilo, ou tentar modificar minha forma de atuar com eles e fazer com que eles percebessem que outras possibilidades existem, eu precisava sair um pouco fora. Talvez até comigo mesmo. Tinha que refletir, que respostas posso dar? Talvez, para mim, às vezes, não era nem pra eles.

Mas, eu precisava de um momento para mim. O momento era na hora de refletir isso no relatório, às vezes, era vindo de lá pra cá. Eu vinha pensando nas coisas que eu via e ouvia. Às vezes, demorava uma semana, demorava anos, vai construindo. Se você me perguntar se eu consigo ver exatamente onde eu mudei, eu não saberia responder, porque as mudanças eram em várias direções. Você só percebe que você mudou quando você reage de forma diferente a um problema. Mas, isso é um processo construtivo, as dúvidas vão se formando. Mediar, fazer a mediação é ser alguém para proporcionar o diálogo entre os participantes. Para fazer isso você precisa entender como o grupo funciona e as relações de poder no grupo. Pra você saber exatamente porque um determinado indivíduo X, nunca fala nada e um outro Y, fica o tempo todo falando e chamando a atenção para si, aí você tem que mediar isso.

Tem gente que não entende que se uma pessoa ficar falando direto, todo o momento, o outro que é mais tímido nunca vai ter coragem de fazer. Se ninguém perguntar para ele ou disser para ele falar, então, o mediador tem que ficar observando. E, por exemplo, o mediador numa roda nunca senta no mesmo lugar, ou tenta não sentar no mesmo lugar, porque precisa observar todo mundo.

19- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

Deixa-me pegar meu caderninho... A educomunicação, para mim, é uma nova possibilidade de atuação na educação. E essa atuação privilegia o uso da comunicação como uma forma de interação. Aí, a comunicação vai pressupor troca de informações e vai pressupor o respeito à individualidade de cada pessoa que estiver presente. É que no conceito é muito presente a idéia do rádio, mas, não é só o rádio, tem várias, a mídia em geral. As várias linguagens que a mídia apresenta podem ser possibilidades de apresentação de conteúdo na educação.

A educomunicação se configura como novo jeito porque ela privilegia não só o conhecimento que o professor veio buscar na academia, mas, tenta dar importância, também, ao conhecimento que a sociedade vai construindo no contato com as mídias no dia a dia, então esses saberes vão se mesclando. É a coisa da troca. Juntas as pessoas vão descobrir novas formas de lidar com esse conhecimento, sempre pensando no melhor para todo mundo.

20 - Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

Primeiro sempre tinha alguma coisa do professor Ismar. Tinha o professor Mauro Hilton, professor Adilson, Martin Barbeiro...

21 - Na sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

Gestão participativa, que aí vai envolver o conceito de ecossistema comunicativo. Tolerância, no sentido bem amplo, e Respeito.

22 – Você teve algum tipo de relação com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Tive. Principalmente, quando eu era assistente de articulação eu entrava em contato com a pessoa que era representante das escolas, representante da coordenadoria de educação daquela região que íamos trabalhar. Então era basicamente isso, fazia esse contato para conseguir equipamentos, espaço, os recursos que necessitávamos para desenvolver o trabalho. Eu fazia esse trabalho de ir lá, listar a demanda, passar para eles, checar o que eles

conseguiram e não, colocar para o grupo. Explicava com o que poderíamos trabalhar.

Em termos de relacionamento eu considero que era bom. Às vezes, você não sabia se a pessoa queria parecer legal com você na hora que você estava falando com ela. Porque, às vezes, você ajeitava tudo e tava tudo certo, mas, chegava lá e não estava nada certo. Eu me lembro que, acho que na última fase, passamos a protocolar tudo, todos os pedidos, tudo que precisávamos, com muita antecedência.. Formalizava os pedidos, porque, por mais que ela fosse amável, por mais que ela tivesse preocupada com o andamento do trabalho, não teríamos como afirmar que o pedido havia sido feito com antecedência. Elas meio que se “armavam” contra a gente.

23- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Acho que a administração fazia a gente se sentir à vontade. Desde a coordenação geral até os funcionários do próprio núcleo eram bem preocupados se a gente estava fazendo um bom trabalho. Se tivéssemos qualquer tipo de problema sempre entravam em contato, se você precisasse estavam sempre a postos, caso alguma coisa acontecesse. Sempre me senti muito bem acolhido.

24- E sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Também. Numa instância um pouco diferente, o modo de lidar. De certa forma, ali, nas reuniões estava sempre presente. Sempre tinham respostas para os temas que trazíamos. Acredito que eles tentaram fazer o melhor que puderam, visando o bom desenvolvimento do nosso trabalho.

25- Qual sua opinião sobre os relatórios?

Eu gostava de fazer os relatórios. Houve um momento que eles ficaram muito burocráticos. Eu, já, não gostava mais porque era como se eu tivesse que fazer só para cumprir um protocolo, tinha que mandar. Quando começou a ser só isso ou a representação do relatório passou a ser essa aí, perdi vontade de fazer.

Geralmente, a hora do relatório era o momento que eu reservava para refletir sobre o que eu fazia. Eu tenho todos os relatórios que escrevi, desde o

primeiro dia que eu fui. Tenho tudo gravadinho no computador. Às vezes, fazendo meus trabalhos de faculdade, por curiosidade eu pegava um para ver o que tinha acontecido naquele dia, aí, eu me lembrava da situação. Lembro de uma coisa assim: Não soube como lidar com uma situação X, então pensei...,” se fosse hoje eu saberia”.

O relatório é o registro de uma fase, marca um tempo. É como se fosse uma fotografia, você foi lá, fotografou a situação naquele dia, aí, você teve tempo de pensar sobre a fotografia, fez uma análise e guardou. E isso, de certa forma, passando para quem está em outras instâncias de articulação, coordenação geral, essas pessoas vão ter acesso a sua percepção do Pólo. Como eles não podem ter acesso, se eles estiverem lidando com 100 escolas é muito difícil eles saberem de cada cursista.

A partir do depoimento que cada mediador fazia, era possível ter uma opinião mais ou menos confiável, porque você compactava tudo para caber no modelo do relatório. Pelo menos um apanhado geral dava para fazer. E eu gostava muito. Tem que articular esse relatório com algum conceito, algum autor, ou texto que estávamos estudando. Só que na prática não é a mesma coisa, o que e fazia a gente refletir. Era bom, eu gostava dessa interação. Trocávamos bastante. Chegávamos à reunião de formação e muito do que tinha sido dito, batia com a previsão que você fazia no relatório.

Eu procurava fazer logo, às vezes, fazia no sábado à noite e às vezes não, quando chegava ia direto dormir. E na época, nos primeiros anos, nas primeiras fases eu trabalhava durante a semana inteira. Eu comecei a trabalhar no Educom e acho que fazia outro trabalho. Depois do Educom eu consegui trabalhar oito horas por dia e sábado também, oito horas por dia, então, ficava muito cansado. Para que no domingo eu tivesse disposição para fazer alguma coisa da faculdade, ou fazer o relatório, eu tinha que dormir no sábado. Lembro-me, que uma vez eu cheguei às 18h e dormi até o outro dia, simplesmente, não agüentei.

Entrevista 18

1- Nome: Rafael Alário Rodrigues dos Santos

2- Data de Nascimento: 21.09.1982

3- Qual era a sua formação quando você iniciou o seu trabalho no Educom.rádio?

Eu tinha acabado de sair da faculdade, eu fiz um ano de administração, estava com 18 anos quando eu entrei, e eu já tocava guitarra há quatro anos.

4- Quais as fases você participou no projeto?

Da primeira até a última.

5 – Sempre como mediador?

Não. Eu entrei como monitor, nas duas primeiras fases, que até então, existia tal função. Na terceira fui três vezes assistente de articulação, depois virei mediador. E, aí, nesse processo entre as duas primeiras e a última eu era mediador técnico. Na sétima eu só fui técnico. Na sexta eu fui mediador.

6 – O que fazia o mediador técnico?

Tínhamos nosso trabalho normal aos sábados, que era fazer a formação de linguagens e o equipamento, como não chegava durante esse processo, tinha uma equipe específica para fazer a formação técnica do equipamento. Então por exemplo, a escola, na primeira fase, recebia depois de um ano o equipamento. Depois de um ano agendávamos uma oficina técnica e os técnicos iam para fazer essa formação. Eu fiz isso em todas as fases, no começo tentávamos colocar essa oficina técnica durante a formação da capacitação, mas, como não tinha equipamento ficava complicado fazer sempre. Usávamos o equipamento do núcleo mesmo. Depois, conforme, os equipamentos iam chegando fomos fazendo a formação.

7 - Qual a atividade que você desenvolve hoje?

Eu continuo trabalhando no núcleo como mediador no Educom São Luiz. Trabalho com a Cyntia, na Brazuca, toco e estudo. Estou prestando vestibular para Ciências Sociais.

8- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

A minha irmã, Cyntia, trabalhava aqui no núcleo, entrei na administração, fiz o Colegial técnico de processamento de dados e dei seqüência na graduação. Quando eu vi a graduação, percebi que não tinha nada a ver com o que eu queria fazer, resolvi parar. Saí da universidade, a Cyntia estava trabalhando aqui no núcleo, comentou que estava tendo o curso de rádio, que tinha tudo a ver comigo, porque eu já tocava, tinha um conhecimento muito mais técnico, fiz a entrevista e entrei. Não tinha essa perspectiva e essa amplitude que existe hoje aqui dentro, mas, inicialmente, encarávamos como um trabalho no Educom, uma tentativa de ver outras coisas.

9 - Na primeira e segunda fase vocês eram chamados de monitor, mas era a mesma função que mediador, né?

Mais ou menos. Não, uma equipe trabalhava lá, então era um mediador e dois monitores, o monitor ajudaria o mediador. Como mediador o que aconteceu, adotou só a mediação, então era o mediador só. Como mediador, havia somente um por sala, não tinha mais uma equipe trabalhando. A Eliane seria a articuladora, a Cyntia a assistente e eu aquela pessoa para dar suporte, tanto para a assistente quanto para o articulador. Que seria o processo das pessoas que não tinham trabalhado com mediação, de estar aprendendo, olhando, como se fazia uma mediação.

10- Como mediador, falando da sexta fase, qual era o papel que você deveria desenvolver no Pólo?

Na realidade, trabalhávamos na perspectiva deles se reconhecerem e esse trabalho seria feito através do meio rádio. A grande tentativa que eram duas, do grupo em geral, fazer com que eles se reconhecessem como atores da escola e, principalmente, fazer com que eles conseguissem criar um diálogo, pudessem dialogar. Então, a grande tentativa era fazer com que eles dialogassem, produzissem rádio e a partir daí tirassem reconhecimento como parte integrante da escola.

11- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Tem um problema, eu acho que de questão estrutural da escola. Eu posso falar por causa do contraponto que tive da formação técnica e da formação aos sábados. Acho muito bom, porque criamos um espaço propício, aos sábados, para o trabalho. Porém, aquilo nem chegava perto do que seria uma escola dia a dia. Por um lado é bom, por outro é ruim. A própria forma de como os alunos foram escolhidos, como fizeram o sorteio, como que foi a seleção dos alunos para trabalhar, foi aleatoriamente. Acabou dependendo da escola, a escola pegava, às vezes, os mais levados, o que acaba gerando certo problema na hora de você aplicar, porque nem sempre eram os que queriam estar participando, ao mesmo tempo, conseguimos desenvolver um processo, com o qual conseguíamos fazer com que todos entrassem até o final do curso. Muitas vezes, até um amigo meu brincava, virávamos bedel.

12- E qual é a diferença, você disse que tem uma diferença clara do sábado no Pólo e da escola?

É que a dinâmica da escola é uma dinâmica bem diferenciada da forma como a trabalhávamos. Por exemplo, na sexta fase trabalhava numa sala com dez alunos, numa escola literalmente silenciosa, já, dentro do espaço escolar, você trabalha numa sala com 40 alunos, numa escola enlouquecida, porque falta professor, tem aluno correndo na sala. Era o que alguns professores falavam, “muito bom quando se tem 10 alunos e quando tem 40?” Além dos 40 e quando você tem os outros 50 do lado de fora, passando na porta e chamando o pessoal aqui de dentro. Então, acaba criando, acho importante criar esse espaço propício, porém, na hora do professor utilizar na prática, fica dificultoso, os alunos, também, têm dificuldade.

Alguns mediadores, algumas pessoas que acabaram trabalhando no núcleo, acabaram tendo esse trabalho em escola no dia a dia.

Então, acaba prejudicando, um pouco, na hora de visualizar o trabalho lá dentro, de planejar o trabalho. Por exemplo, falamos de sentar em roda, que é super importante, mas numa sala de 40, que não cabe mais ninguém, é meio difícil você conseguir fazer isso. Então, você tem que buscar novas saídas, mas, aí acaba meio que limitando, até por não ter tido acesso ou de conhecer a escola, o público. Você não identifica o cenário.

13- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

Uma resistência alta por parte dos professores, os professores foram bem resistentes. Alguns, não generalizando. Os alunos não resistiam, mas, acho que eles tinham uma expectativa de mexer e criar uma rádio. Acho que, outra vez, em relação à oficina técnica, o que eu percebia era que a grande estrela não era o mediador, era o equipamento. Ficavam encantados em mexer com a mesa de som.

Cria-se um interesse natural em fazer um programa. Como estão super encantados e querem fazer um programa, você consegue fazer uma mediação. Já com o gravador de mão você limita muito, tanto na hora de produzir, como, principalmente, na hora de veicular. Então, o que acontece, eu senti muita falta de veicular os programas, então eles não podiam em momento algum se reconhecer. Em certo momento, fazíamos o programa, eles ouviam e, no máximo, aquele grupo que estava ali ouvia, mas, acabava ali a intervenção. Não tinha mais um trabalho dentro da escola. Acho que esse trabalho seria completado se os equipamentos estivessem lá e durante o curso, se eles pudessem mostrar para as outras pessoas da própria comunidade escolar, para que as pessoas ouvissem e fizessem parte desse grupo. Não tinha troca. Era uma coisa pontual, ia, fazia e voltava, ia, fazia e voltava. Nunca teve essa continuação durante a semana.

14- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

O momento que era mais valioso na mediação era quando fazíamos avaliação do grupo. Quando eles conseguiram identificar o que houve, quais foram os problemas, quais foram as soluções tomadas. Há toda uma maturidade, você vai percebendo a pessoa crescendo durante o processo.

Você percebe uma grande diferença do começo e no final. Outros se voltaram para o trabalho, não só do núcleo, como, também pela Brazuca, que é passar cinema. Fui à escola, na primeira escola que eu fiz formação, que é Flavio Augusto Rosa, onde uma aluna e a mãe participavam do Educom. A mãe comentou que estava no terceiro colegial, que o Educom fez diferença na vida

dela, conseguiu mostrar coisas que até então ela não conhecia, ela gostou muito de fazer rádio. Ela vê muito a questão do profissional.

Mas, além disso, ela melhorou várias questões, tanto na forma de falar, como na forma de se comportar diante das pessoas. A pessoa vai tendo um crescimento, não só na expectativa profissional, como no interesse por outros assuntos, como na forma de discutir, na forma de se colocar, de se comportar diante dos grupos.

15- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Nos primeiros dias estavam muito curiosos para saber o que ia acontecer. Eles estavam bem abertos para você fazer o primeiro trabalho. Os dois primeiros dias eram chaves para desenvolver todo o trabalho, se os dois primeiros dias não fossem legais, o resto também não era. Por exemplo, teve um caso bem engraçado, eu cheguei na sala e todo mundo entrou, estava eu e outro mediador, juntamos as salas e íamos fazer os trabalhos juntos, o trabalho do dia. Quando eles entraram, todo mundo sentou e ficou bagunçado, entraram e sentaram. Queria informá-los de que sentaríamos em roda, mas, acho que me expressei mal, ao dizer que não sentariam daquela maneira, todos juntaram as pernas e ficaram eretos na cadeira.

Reformulei o pensamento e pedi que sentassem em círculo. Começaram a se descontraírem, fizemos algumas dinâmicas, fizemos trabalho com a vinheta. A partir daí o trabalho fluiu facilmente. Eles vêm numa perspectiva muito grande e abertos para o trabalho.

16 – Em sua opinião, como os conceitos educacionais foram aplicados na prática do Educom.rádio?

A diferença na questão dos professores e dos alunos. Os professores eles tem já prática do discurso, então, o núcleo tentou trabalhar na questão da discussão da educação, como área de intervenção junto aos professores e os alunos trabalharem na prática, o que seria educação, praticarem a educação. Os professores teriam que praticar e os alunos entrarem para a discussão.

Acredito que conseguimos fazer o trabalho da prática educativa e da discussão da educação. Não é sempre que acontece, até porque, têm

questões que são mudanças de postura diante da vida. Não dá para você escolher quando quer ser democrático, quando quer ser autoritário, é uma mudança de concepção.

Então, você tem esse problema e algumas mudanças que a educomunicação propõe como falar para um professor que o que ele fez a vida inteira está errado. Pode ser que a melhor educação não seja aquela que você manda, aquela que você, simplesmente, vai para dentro da sala e fica falando horas e horas. e aí?

Você tem que tomar cuidado. Não dá para você condenar porque é uma educação, a qual as pessoas foram formadas, somos formados para tal atitude, porém, você tem que tentar negociar e ver até onde vai essa negociação. Com educomunicação conseguimos estabelecer, em termos. Conseguimos fazer com que os professores e os alunos sentassem juntos, criassem um diálogo. Conseguimos, também, que dialogassem entre eles e com os membros da comunidade escolar.

Mas, eu não sei até quando isso durou. Até onde existia um espaço propício, que nós conseguimos conquistar. E até onde esse espaço foi conquistado dentro do espaço escolar, que é outra dinâmica, outra relação, criamos um espaço onde funcionários e professores estudavam na mesma mesa.

Mas durante as aulas, durante a semana será que a escola conseguiu criar? Às vezes, acho que a gente fez muito mais uma prática, apenas com os cursistas do que uma introdução à educomunicação. Provavelmente, os cursistas tiveram acesso, conseguiram entender e alguns praticam, mas, eles não conseguiram introduzir a educomunicação no espaço escolar, como prática da escola.

17- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediador no projeto?

Algo que eu achei muito importante foi esse trabalho de monitor. Porque, na realidade eu não conhecia nada, não tinha acabado o colégio, dei seis meses só de aula musical, mas também, é um aluno só e bem específico, eu não tinha experiência nenhuma, para identificar problemas. Quando fui monitor, comecei a perceber as ações, como ministrar uma oficina, como separar tempo. Passei a elaborar algumas técnicas e pensar melhor meu trabalho.

Há seis anos trabalho no núcleo, tenho uma formação do núcleo. Trabalhei no Educom rádio, no Educom tevê, Educom Centro Oeste, Educom Mídias, trabalhei em vários tipos. Para mim a formação do NCE não dá nem para separar, não dá para olhar isoladamente. A minha formação, hoje, é uma formação que é dada pelo núcleo, mas, não necessariamente, pelos espaços de formação do Educom rádio. Acho que ali foi um início. Mas, a formação em educomunicação acaba não se limitando àquele espaço, então é difícil identificar.

18- Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Não. Na realidade, não é a forma que eu vejo na volta. Eu volto para os colégios, às vezes, em outros trabalhos que faço, não vejo que ficou uma prática, até porque os professores têm uma mobilidade entre as escolas. O que acontece: se forma cinco professores numa escola, no Itaim Paulista, que são aqueles mesmos cinco professores que vão sair no ano que vem. A direção é alvo importante de se entrar numa formação consistente, porque a direção não vai.

É super importante a participação em massa dos alunos, porque os alunos dificilmente saem se deslocam dos colégios, obviamente, que tem uma mobilidade, mas, pequena. Com os alunos a gente conseguiria ter uma formação forte e a direção, e os professores, obviamente, mas, os professores são pessoas que acabam, principalmente, quando é colégio de periferia, Itaim Paulista, esses colégios, o professor somente passa por ali. Há professores diferentes a cada ano. Porque é um colégio muito longe, extremamente periférico.

Sem contar a própria estrutura que é estabelecida pela escola, não tem espaços, você não tem uma organização para a prática educacional, você tem uma organização que é de 20 horas aula, 40 alunos numa sala de aula, uma sala pequena e acabou. Então você não cria um espaço propício para a intervenção pela educação. E nos colégios que eu voltei, poucos são os que continuam com o rádio.

19- Ser um mediador alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Com certeza, sem a menor dúvida, entrei com 18 anos. Ampliou bastante. Na realidade várias discussões, que existem sobre comunicação, eu não tinha idéia e acho que o NCE foi uma abertura para mim e acabei buscando outros grupos, outras pessoas, outras palestras, outras questões para me identificar com a comunicação. Então a minha formação em comunicação é totalmente feita pelo NCE.

20- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?

A mediação é quando a gente consegue, através de um processo, gerar um conhecimento em conjunto. Opondo contra a perspectiva de alguns processos de educação, é muito mais a interação estabelecida entre o mediador ou professor com o seu grupo. Esse processo de interação vai gerar o conhecimento, você vai mediar algo. Na realidade o conhecimento não está nem em você nem no outro, você vai gerar um processo para que a pessoa consiga ter esse conhecimento. Então a mediação vai entrar como processo se você conseguir mediar o aluno e o conhecimento.

21- E você leva o “papel” de mediador para outros ambientes fora do mundo da escola?

Esse processo de mediação não é algo específico, acho. Algo assim, “agora eu sou mediador, agora não sou mediador, agora sou democrático, agora não sou”. É questão de postura de vida.

Então, não tem como você ser algo dentro de uma sala de aula, quer dizer, ter até tem, o problema é que você vai se mostrar incoerente para os seus alunos e se mostrando incoerente eles vão subir. Essas são as questões. Por exemplo, professor que na sala de aula é super democrático, fala, fala..., e na prática não corresponde. Ele perde, aí, conseqüentemente não consegue mediar.

Não tem como você acreditar numa educação democrática, se você é extremamente autoritário com os seus alunos.

22- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

O conceito de educomunicação não é fechado. O que é bom, ao mesmo tempo é complicado. É bom porque dá um dinamismo na área, é complicado porque ao utilizar a entrevista você vai ver que cada um acha alguma coisa sobre educomunicação. Porque a educomunicação pode acabar virando tudo, também. Definir educomunicação é algo quase que impossível. Acho que poderíamos falar em parâmetros da área. Quais seriam esses parâmetros, a educomunicação vai tentar trabalhar em cima do diálogo.

E, aí sim, o ecossistema comunicativo que o Ismar tanto fala. Colocar os diversos atores em contato e através desse diálogo a gente consegue fazer melhorias para o espaço. E que esse diálogo pode ser mediado por um meio de comunicação. E começamos, então, a fazer a prática envolvendo os alunos. A melhor fala do professor Ismar é define o que é a educomunicação, é a mistura da comunicação com a educação, que seria a educação a senhora e a comunicação a mocinha. Acho que é a melhor definição para educomunicação.

23- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação para o Educom.rádio?

Faz tempo. Acabou não existindo o que eu li para o educom.rádio, em termos gerais. Mas, por exemplo, daqui do núcleo eu li o Ismar, li o Citelli, o Mauro Hilton, a Baciega, a Cristina Costa, a professora Maria. Li Paulo Freire, dei uma passada mas não grandes questões.

24- Na sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do Educom.rádio?

O diálogo, eu colocaria como o mais importante. O ecossistema, linguagem.

25 – Você teve algum tipo de relacionamento com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Na realidade sempre foi muito bom, maravilhoso. Até porque procurávamos no grupo tentávamos entender a questão do ecossistema, fazer com que as merendeiras participassem do grupo, as outras pessoas também, da secretaria. Queríamos que fizessem parte do grupo e soubessem o que estava acontecendo ali. O grupo que eu participava sempre foi muito bom, com todos do colégio, desde o guarda, até todos os cursistas.

26- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Eu acho que tiveram algumas mudanças administrativas, obviamente que tem um problema. Como tenho amizade com as pessoas, acabo identificando o problema e sabendo qual o motivo do problema, que acaba não sendo, apenas, do núcleo, mas, um problema de outros fatores. Um dos problemas é a questão do pagamento. O pagamento não tem nada a ver com o núcleo, porque ele só repassa o dinheiro, então isso parte da prefeitura.

Esse atraso no pagamento era uma coisa que incomodava muito os grupos. Em termos gerais, nas reuniões gerais era o que mais se perguntava e tudo acabava girando em torno do pagamento. Conseqüentemente, não tem pagamento, também não consegue ter uma infra-estrutura que desse conta do trabalho. Trabalhávamos muito no improviso. No finalzinho estava mais organizado. Nos primeiros processos houve muita improvisação. Até por falta de recurso, eu sentia falta de algumas discussões mais conceituais. O projeto chegou a ficar de um tamanho gigantesco. Acho que eram mais de duzentas pessoas na quarta, quinta fases. Com isso os grupos ficavam muito separados. Não houve interação entre os grupos e quando reuniam os grupos acabavam caindo nessa discussão administrativa. Os momentos que seriam para trabalhar a questão conceitual com todos os grupos, que tinha a presença do Ismar, não tinham oportunidade de trabalhar, porque a pergunta era quando iríamos receber. Acho que esse foi um problema que acabou atrapalhando outras questões.

27- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Um dos problemas nessa questão, o momento que tínhamos acesso ao professor Ismar, seria um momento de ampliação, de ele poder falar um pouco de tudo que estudou. E falar um pouco das questões conceituais do processo. Mas, como a questão administrativa era tão forte, esses momentos acabavam sendo administrativos, cancelando o papel totalmente do Ismar no projeto. Em termos gerais, não tínhamos acesso ao Ismar, obviamente, enquanto pessoa você tem acesso, pode chegar, falar com o professor, porém, enquanto espaço do núcleo não tinha esse espaço criado.

28- Qual sua opinião sobre os relatórios?

O relatório é uma questão complicada porque eu sempre tive algumas críticas à questão dos relatórios. Eu entendo o relatório como um momento de você escrever tudo o que aconteceu, analisando, e a partir daí gerar um diálogo. Muitas vezes, você não tinha esse retorno. Então acabou ficando uma coisa burocrática, você tinha que escrever um relatório pra entregar e ponto. Acabou ali, morreu. Você escreveu as suas impressões e finalizou na entrega do relatório, o que acabava, às vezes, na reunião de formação tendo que repetir o relatório.

Acaba perdendo a utilidade. Eu acho importante, mostrar o outro ponto, acho, extremamente importante, até mesmo, por causa das pesquisas que estão sendo feitas, e não só dos relatórios, mas como algumas questões que já conversei com a Patrícia e com a Graça, que é fazer a interação dos relatórios com os programas. Por exemplo, você consegue ver o relatório, ver o programa e se possível, ainda, ver algumas fotos, algumas imagens, para você ter uma noção e poder fazer uma pesquisa realmente. Você sabe que o programa foi muito bem elaborado, muito bem feito, mas qual é o programa, onde que ele está e até você conseguir encontrá-lo tem certa dificuldade, apesar, de terem feito um trabalho legal de dividir os programas, mas são milhares de programas. Para você ter acesso a um programa desses ou você tem o banco de dados ou você vai ter que passar horas e horas procurando um programa. É, aí, que eu acho o papel do relatório importante como o núcleo de pesquisas. Fornece muito material e é um material riquíssimo para começar a fazer pesquisa. Porém, ele ainda não está organizado, então acabou virando dentro do processo uma questão burocrática. Na época não foi trabalhado, utilizado. E posteriormente também, eu não sei se está organizado de uma forma de fácil acesso para todos ou pra quem está fazendo pesquisas. O relatório é algo que tem que permanecer, eu estou fazendo o relatório do São Luiz, que eu vou ter semana que vem, e estamos tentando fazer dentro dessa expectativa, oferecer o mínimo, como foi o processo São Luiz para que eventuais pesquisas possam ajudar em alguma coisa.

Entrevista 19

Nome: Silvania Maria Marcondes

2- Data de Nascimento: 13/08/65

3- Qual era a sua formação quando você trabalhou no Educom.rádio?

Curso técnico em radialismo no Senac e cursos de teatro.

4- Quais as fases você participou no projeto?

Fui mediadora nas 6ª e 7ª Fases do Projeto.

5 - Qual a atividade que você desenvolve hoje?

Sou produtora de vídeo.

6- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

... Fui nesse Sindicato dos Jornalistas, encontrei um jornal de divulgação do Educom e lá tinha uma pessoa que fazia parte do Educom. Entrei em contato com o NCE, descobri, através da pessoa que faz Relações Públicas, no caso a jornalista, descobri o telefone de lá, entrei em contato com o Valdemir. Ele me disse que estava em formação, fazendo uma nova formação de mediadores para o próximo projeto, que ia ser um projeto que ia abranger muitas escolas. Que eles iam duplicar o número de pessoas que trabalhavam e que precisava ter experiência com crianças. Como eu faço teatro, também, como tinha trabalhado bastante com criança, ele me encaixou no projeto. Eu peguei um, como se fosse um treinamento, fui em dois últimos encontros da quinta fase e no outro eu já entrei.

7- E quando você viu qual foi sua curiosidade, porque você resolveu ligar?

E não sabia nada sobre o projeto, mas, o que me chamou a atenção foi esse projeto da Prefeitura de instalar rádio nas escolas. Porque eu tinha acabado de fazer SENAC. Poderia ser uma opção.

8- Como mediadora, qual era o papel que você deveria desenvolver?

Bom, de antemão a gente tinha que fazer uma reunião porque não era sozinha, tinha vários mediadores, tinha que fazer uma reunião e decidir o que faríamos e tinha as instruções que tínhamos que seguir. Mas, basicamente tínhamos que conduzir as atividades práticas do dia. Se eles iam assistir a um filme, se a gente ia conduzir um debate, prepará-los para as palestras, sempre tinha um palestrante, preparar, mas, sempre de uma forma bastante leve para que eles entendessem. Muitas vezes, diziam que não estavam entendendo o que falávamos, tínhamos que tomar muito cuidado com o uso dos termos. Dávamos oficina, vivência, fazíamos reuniões com eles para produzirem programa de rádio, mas, sempre colocávamos uma atividade prática, corporal, um aquecimento, sobre o assunto do dia, porque cada dia tinha uma palestra. Basicamente era isso e a gente se dividia, cada mediador ficava com um grupo, uma escola. Porque eram oito escolas ou nove escolas. Então era legal, porque você pegava desde o começo e ia até o final, acompanhando aquela turma, vendo o desenvolvimento de cada um, como é que eles se comportavam, se colocava mais, se participava mais, se tinha integração deles com os professores.

9- Durante as capacitações e até o final do curso, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediadora e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Acho que não, não percebi nenhuma contradição. Acho que o maior problema, eu não sei se você vai colocar isso mais pra frente, mas, é que esse projeto é um projeto que as pessoas se envolvem muito, tanto a gente quanto às pessoas que participam. É duro usar esse termo, mas virava um gueto dentro da escola porque essa coisa de multiplicar é difícil para eles, porque eles encontram muitas barreiras, da própria gestão da escola. Tem que enfrentar o Grêmio é, geralmente, como se fosse uma força, eu acho que essa vivência é tão importante para eles, porque a partir dali eles começam a encontrar as dificuldades que eles vão ter na vida. Quanto a ouvir um não da diretora, a ouvir um não da música que ele quer colocar, do termo, do “palavrão” que ele quer colocar. Então, isso eu acho importante. Mas, essa contradição existe, é muito difícil você colocar. Se a escola tem essa abertura para ter o projeto,

então é fácil. Agora, tem umas que era muito difícil. A professora fechava a escola, fechava o equipamento, não deixava andar. Ficávamos muito irados. A contradição não era do projeto, mas da própria vivência que eles iam ter.

10- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho de mediador?

Dificuldades assim, no dia a dia, ali na escola..., Acho que a única dificuldade que a tínhamos era de tentar fazer os mais retraídos participarem.

11- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Do resultado das produções. Quando eu via que tinha resultado.

12- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

Eu não vou enfatizar muito nas crianças, que é o que a gente mais tomava conta. Tinha essa integração dos professores com os alunos, mas acabou ficando mais com os adolescentes. Quando eles competiam entre si para ver quem ia ser o locutor, ou pra quem ia ficar com o gravador.

Nós reunimos todos os adolescentes e comunicamos que faríamos um programa de rádio. Tinham nove locutores, nove redatores, mais não sei quantos, eram muitas pessoas, 40. Ficamos loucos, porque um queria falar, outro queria saber o que estava falando. Dividimos. Cada um montou um programa, e foi muito engraçado. Mas, acho que a maior, briga deles era isso, era saber quem ia falar, quem ia entrevistar. Você tinha que dar uma posição para eles, porque os assuntos abordados no Educom, não era pesado, mas, era um assunto que eles não tinham noção. Falar de filosofia, ou falar de práticas, eles estavam muito verdes ainda para esse tipo de preparação. Por isso, eu deixava mais leve. Subjetividade..., acho que foi a melhor, “não sei nem o que é plural, o que é singular e vou saber o que é subjetividade”. Isso eu achava discrepante do projeto com a realidade.

“O que você está querendo dizer? Mediação, o que é mediar?”

13 – Em sua opinião, como os conceitos educomunicativos foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Não sei, era um sábado que eu passava o dia todo com eles e depois eles iam embora para a escola deles, praticar tudo que eles apreenderam. O mais importante, que aconteceu, foi o projeto que a escola tinha que desenvolver. Dentro desse projeto eles aplicavam os conceitos educacionais, em como se deve relacionar, o ecossistema comunicativo. Essas palavras que são muito pesadas para eles, mas, se você trocar em miúdos, eles conseguiam entender como é que deve ser a relação. Porque numa relação de trabalhar com mídia você tem que ter essa democracia, o outro, o seu, então aquilo a gente entra num consenso. O mais importante de tudo é o ecossistema comunicativo. Respeitar a hora de falar, saber o que falar, é uma educação mesmo. Eu acho isso bastante importante.

14- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediadora no projeto, dada lá pelo NCE?

Eu acho foi péssima, poderia ter sido um pouquinho melhor. Acho que Comunicação é um assunto bastante abrangente, envolve muitas questões e, às vezes, fica meio superficial.

Deveria ter exigido mais, na verdade. Se um palestrante vai falar sobre determinado assunto, a articuladora tem a capacidade de envolver as pessoas. Acho que deveria ter uma formação mais aprimorada, deveria ser mais caprichada. Eu sou da área de comunicação, estudei, estudo até hoje. Quem não era dessa área, não sabia, às vezes, por exemplo, conduzir um programa de rádio, era difícil. Não que era necessário, mas acontecia.

15- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre mediação?

Mediação é você instaurar esse campo dialógico. Você resgatar o que ele tem para dizer, não importa se estiver um pouco fora daquilo que você perguntou, mas, você ir questionando e eles dando esse feedback. Relação dialógica..., acho que é a mais interessante. Se posicionar sobre determinada questão. Iam se soltando, falando, um dava risada do outro, mas, sabiam que o respeito deveria ser mútuo.

16- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educação?

Educomunicação é o projeto de intervenção. Por exemplo, eu não vou instaurar educomunicação no Colégio Santa Cruz, a educação é diferente. Mas, vou a periferia, em escolas da rede pública onde é mais carente. Então, toda vez que você entra com educomunicação, rolava uma intervenção, como um processo cirúrgico, porque é bem complicado.

Educomunicação é um detalhe, é uma junção. Usar a comunicação a serviço da educação. Acho que juntando esse termo, mais esse que eu falei da relação dialógica que se desenvolve, acho que com isso você consegue muito rendimento, muito resultado.

17- Quais os autores que você lembra ter lido, durante a capacitação no Educom.rádio?

O Adilson Citelli. Não me lembro demais nenhum.

18- Quais os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

Comunicação dialógica, ecossistema comunicativo e acho que protagonismo, também. Conhecíamos a pessoa no começo do ano, passava seis meses e descobriamos no final do curso que as pessoas iam lá, pegavam o microfone, falavam, venciam a timidez. É importante o espaço que você dá para eles. Que é o espaço que eles não têm na escola, de poder se manifestar, dar opinião, criar um programa, ficam muito satisfeitos. Essa era a melhor coisa que tinha. Que eles não têm na escola, na família, na sociedade, por isso, que eu falo que o projeto de educomunicação é uma intervenção cirúrgica.

Fiz o Educom rádio nas escolas da Prefeitura e fiz o Educom no Projeto. São pessoas carentes no projeto a condição que eles têm é outra. Tem aula de arte, aula de música, é outro comportamento, eles têm outro repertório cultural é completamente diferente.

19- Você acredita que após a finalização do curso lá no Pólo foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Acho que sim. Acredito porque tem um fator bastante importante, você tinha, na verdade, quando você desenvolvia o projeto dentro da escola, tinha que ter um aliado. Se você não tivesse o professor como aliado era uma batalha que os

adolescentes iam ter que travar e muito forte. Porque, se eles não tivessem a condução do professor, ele poderia se machucar muito, ou então abandonar. Então eu acho que o professor era o cara que a gente tinha que conquistar para dar a continuidade do projeto.

20- Ser uma mediadora alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e da educação?

Eu acho que mais no campo da educação, não da comunicação. Acho que a interferência aconteceu mais nesse ponto. Você esbarra muito nessa questão da educação, que é dar um jeito temático, para se trabalhar. Mas, da comunicação, no dia a dia, acho que a comunicação é só um meio para você conseguir o que a educação quer.

21- Você leva o “papel” de mediadora para outros ambientes?

Levo, levo em todos os ambientes. E essa é uma coisa que marca. Você se torna uma mediadora e você fica sempre ali... Você fica sempre mediando, em casa, na família, no trabalho. Sempre quer ouvir a opinião das pessoas, de todo mundo, não quer a opinião só de uma pessoa.

22 – Você teve algum tipo de relacionamento com os funcionários da rede municipal de ensino durante a capacitação nos Pólos do Educom.rádio?

Tive. Foi bom, nós tivemos sorte de ter escolas muito bem intencionadas, a diretora, a parte da cozinha, a parte da Secretaria, enfim, eles até queriam que ficassemos. Na verdade, eles querem que a gente fique para sempre na escola. Porque fazer projeto significa trabalho. Nunca houve mau humor. Eles tinham festa de final de ano, festa junina, sempre tinha atividade.

23- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio?

Diziam que “a coisa” funcionava daquele jeito e não adiantava você querer mudar., Era um projeto de pesquisa, então o objetivo é pesquisa. Agora o que envolve isso, de desdobramento, de pagamento, de relatório, na verdade eu não queria fazer uma crítica assim, meio contundente, eu gostaria que tivessem pessoas disponíveis para atender a demanda interna. Porque a

Patrícia, o professor Ismar e acho que uma assistente, uma funcionária que vem e trabalha.

24- E a sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Eu acho que eles são muito exigentes. A exigência que se faz é que sejam cumpridas todas as etapas, se está acontecendo mesmo o ecossistema comunicativo, se tem participação, está tendo envolvimento, ele cobra muito na verdade.

25- E a sua opinião sobre os relatórios que vocês faziam?

Eu achava muito chato fazer relatório. Acho que não deveria ter relatório, acho que deveria ter uma pessoa durante o processo acompanhando e relatando o que é que estava acontecendo. Porque, uma coisa é você vivenciar, estar ali envolvida, fazendo, trabalhando, outra coisa é sair daquilo e ficar relatando. E nem sempre você relata tudo o que aconteceu, perde muito. Se você tivesse uma acompanhante, ou uma pessoa que estivesse, ali, na função de fazer o relatório, acho que seria muito mais positivo. Eu sempre defendi isso. Eu acho que não é nem é chato fazer, é que eu perdia muita coisa. Muita coisa eu deixei de colocar porque passou. É um olhar diferente de quem faz e de quem está observando, né?

Entrevista 20

1- Nome: Daniel Rossim Navio

2- Data de Nascimento: 07.05.1984

3- Qual era a sua formação quando você começou a trabalhar no Educom.rádio?

Estudante de Psicologia, estava começando o segundo ano, 2003.

4- Quais as fases você participou no projeto?

Passei quatro fases lá. Quarta, quinta, sexta e sétima.

5- Todas como mediador?

Não. A última ou a penúltima, trabalhei como assistente de articulação, na sétima com certeza, agora na sexta não lembro, eu fiz uma transição, fiz um meio a meio, porque um assistente ia viajar.

Na quarta eu entrei direto como mediador, já comecei um pouco perdido. Caí de balão e já comecei direto trabalhando.

6 - Qual a atividade que você desenvolve hoje?

Concluí o curso agora, estou terminando estágio também. Trabalho com adolescentes e crianças, adolescentes, com esporte. Educação através do esporte. Trabalho com educação, com crianças, adolescentes, mas é através do esporte, não é através do rádio ou qualquer outro meio. Mas é um trabalho que lembra bastante.

7 - É em ong?

É. É uma associação, tipo uma ong, aqui dentro mesmo, da USP, do CEPEUSP.

8- Porque você optou por trabalhar no projeto Educom.Rádio, qual era seu interesse?

Tive influência do meu irmão que trabalhava lá. Ele tinha começado na terceira fase, ou na quarta, e ele me falou que ia abrir vaga para mais gente que estavam precisando, teria seleção na ECA, fui lá e fiz a seleção e fui chamado.

Eu queria fazer alguma coisa. Ele me falou como era o trabalho, mas, bem por cima, me interessei, ele estava começando também, não sabia muita coisa do

trabalho, mas ele estava gostando, me incentivou a ir e acabou dando certo, eu fiquei lá as quatro fases.

9- Como mediador, qual era o papel que você deveria desenvolver?

Eu tinha que levar a cabo as atividades com os grupos. Ora com os professores, funcionários, ora com as crianças ou ora com todos juntos. Direto em contato com eles, durante o tempo todo levando as atividades, explicando, acompanhando todas as atividades.

10- Durante as capacitações e até o final do curso, no Pólo, foi possível detectar alguma contradição entre o trabalho que você deveria desenvolver como mediador e o trabalho que você realmente desenvolveu?

Contradição? O trabalho que eu deveria desenvolver era esse..., fazer essa mediação do trabalho, fazia esse link entre eles, entre o que era objetivo e o trabalho. Acho que tinha dificuldade, mas contradição não. Acho que era muito mais dificuldades, que poderiam entrar numa devida atuação do próprio mediador que não sabia direito o que fazer. Acho que não existia a princípio uma contradição.

11- Quais foram as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do trabalho?

Era você entender o que significava a mediação, que é um conceito muito grande, não é tão simples assim, não é um senso comum, existe um conceito sobre isso. Então você entrava, no meu caso, eu entrei sem saber, estava no segundo ano de faculdade, começando o terceiro semestre de faculdade, muito jovem, não sabia, eu não sabia da área da comunicação, a educomunicação, não conhecia.

Então, a dificuldade de ter esse embasamento e poder colocar isso em prática, fui muito às cegas no começo, eu ia seguindo quem estava do meu lado, seguindo os mediadores que já estavam lá faz tempo, seguindo meu articulador. Comecei a pegar um pouquinho mais de consistência com o passar do tempo com as reuniões de formação, o Donizete, na época. Depois na segunda parte era entre o grupo que a gente fazia a reunião.

Primeira parte fazia uma reunião com o Donizete com três Pólos e depois cada Pólo, mais pra frente um pouquinho, na sexta fase modificou, o Pólo fazia uma reunião sozinho. Com essa reunião de formação, que acontecia ao longo das atividades, ao longo do semestre, tomava um pouco mais de consistência. Tinha dificuldade de entender um pouco o trabalho, entender o que é educomunicação, que surgiu como uma área, o que era mediação. Tinha dificuldades de saber o que fazer.

Na prática, eu acho que lidar com o povo, não tinha tanta dificuldade não. Era mais de tentar visualizar o que eu estava fazendo e qual era o meu objetivo ali. De conectar a prática a uma teoria. Eu sempre me dei muito bem com os professores, com as crianças, com os adolescentes. A prática em si não era tão complicada.

12- Quando você detectava que o trabalho dava “certo” e quando você julgava que a capacitação havia cumprido seus objetivos?

Na hora em que eles estavam fazendo o programa de rádio, era a hora que eles estavam produzindo, você via a dinâmica, como que eles se conversavam, como dividiam as tarefas, como era a hierarquia daquele grupo, como ele se colocava frente o rádio, o gravador de mão. Era na hora de fazer o programa de rádio que surgia mesmo. Porque na hora das conversas as pessoas ficam meio no âmbito da linguagem, da fala, pela linguagem dos professores.

Principalmente, na hora que os professores iam fazer junto com os alunos. Observar uma dinâmica, para ver como está lidando com a situação. É na hora que fazia o programa de rádio que você via se estava alguma coisa estava acontecendo ali. Alguma coisa tinha mudado do começo para o final do semestre

13- Havia um tipo de comportamento mais receptivo e propício à capacitação, que comportamento seria este, como descrevê-lo?

O carinho que eles nos recebiam no Pólo. É mais um comportamento na hora do lanche, do almoço. Aquele comportamento que é fora da atividade, quando ele vinha conversar com você. Queriam falar alguma coisa, ou na hora que ficava brincando, uma hora meio livre brincando com as meninas, conversando com eles. Nessa hora você via a receptividade deles. A hora que o professor vinha te contar alguma coisa, bater um papo na hora o almoço.

Acho que era nesses momentos, fora da atividade, que você via se o vínculo estava sendo bem feito, ou não, se eles estavam receptivos para aquela atividade. O comportamento era esse de vir conversar, de vir te procurar, de vir querer bater um papo, de falar alguma coisa.

14 – Em sua opinião, como os conceitos educomunicativos foram aplicados na prática do Educom.rádio?

Parte teórica, que são conversas sobre temas, e o relacional. De novo vou falar da dinâmica de fazer o programa de rádio. O rádio era um instrumento muito legal para isso, você colocar um gravador na mão e antes de gravar você dividir os termos, quem vai falar, o que vai falar, quem vai pesquisar o que, cada um montar seu texto, fazer uma radionovela, decidir qual ia ser o tipo do programa, no relacional.

Por isso, que era muito importante saber o que estava fazendo, do mediador, do assistente, do articulador. Saber o que ele está fazendo, porque na hora que ele entrar em contato com eles, na hora que eles estão fazendo, ali que você tem que colocar, não teoricamente, mas colocar em prática os conceitos, de você falar alguma coisa, perceber alguma coisa e falar e jogar para o grupo, tentar organizar a dinâmica, tentar organizar um pouquinho, mediador é isso, vai organizando. Mas, acho que aconteceram coisas assim, na hora de fazer o programa, era ali que o mediador entrava, falava com eles, observava a dinâmica, falava alguma coisa, ajudava e ali ficava sabendo que há uma outra forma de fazer. Uma gestão participativa o que é? É muito longe, muito abstrato. Acho que ali quando fazia e mostrava como poderia ser uma gestão participativa, daí sim aconteciam as coisas, se eles aprendiam, o que eles vivenciavam. E, aí, decidiam se eles queriam ou não aquilo, ou se preferiam o que era antes.

15- Qual sua opinião sobre a formação que você teve para trabalhar como mediador no projeto?

Quando eu entrei me perguntaram se queria trabalhar como mediador ou se queria ser estagiário por um semestre e começar no outro semestre. Optei por trabalhar. Cheguei lá sem saber nada, ia na “cola” dos outros. Eu ia seguindo o que os outros faziam. Fui aprendendo assim, então minha formação no início foi precária, mas, os encontros eu gostava.

Eu divido em duas partes esses encontros, encontros que eram feitos com o Donizete e com a Graça, eu achava muito legal, eles tinham uns toques, um jeito de fazer muito diferente, eles criavam polêmica, não apaziguavam o negócio, então eles faziam coisas, às vezes, nas nossas formações, que o pessoal ficava muito irado com eles, e não concordavam.

Eles criavam polêmicas, criavam discussão, isso que era legal, isso é formação pra mim. Então eu gostava muito disso, eu aprendi muito lá. Depois teve a segunda parte que era entre nós mesmos, nós mesmos fazíamos a nossa própria formação, o articulador que era responsável pela nossa formação e aí era mais cansativo.

Tinha que ao mesmo tempo planejar o dia seguinte e fazer a formação. Ficava uma mistura entre planejar e fazer a formação. Lógico que o planejamento tinha mais força, porque era o que você ia fazer e formação só em segundo plano, acho que perdeu um pouco. Na primeira parte, quando era com o Donizete, eles passavam mais ou menos, o que tínhamos que fazer. A informação era essa, que vinha pronta. Mas na hora da formação era bem legal, eu gostava, aprendi bastante. Mas, a formação não se dava só na sexta não, a formação se dava no sábado também, na hora que estava fazendo.

Então aprendia coisas na sexta, aprendia coisas também no sábado. Depois ficava pensando nas coisas que tinham acontecido, conversava com as pessoas.

Era uma coisa feita nas entrelinhas eu, particularmente, gosto disso. No começo foi bem precário, mas eu fui conseguindo fazer, ter uma formação legal. Principalmente, essa primeira parte foi a que eu mais achei interessante. A gente se unia não só entre nós, a gente se unia com mais outros dois Pólos, ou seja, dava-se uma troca de experiências. Mas isso causava conseqüências: falava pouco do próprio Pólo. Não dava para cada um ficar falando do seu, senão levaríamos o dia inteiro, tínhamos que abrir mão de falar algumas coisas, pra poder interagir com os outros, era uma escolha que se fazia e que era interessante.

16- Você acredita que após a finalização do curso foi possível passar a essência da educomunicação e uma possibilidade de alteração da prática em trabalhos futuros na escola?

Talvez, muito mais a essência da comunicação do que as práticas a serem feitas depois. Eu acho que faltou muito da continuação. É o que se fala até hoje, faltou muito da continuação, faltou muito de ter uma equipe que fosse continuar as atividades nas escolas. Os aparelhos demoravam a chegar, depois tinha que implantar. Quando os aparelhos chegavam as pessoas que tinham feito o curso já tinham saído. Não tinha ninguém para fazer o acompanhamento com as pessoas novas. Então teve muita deficiência nisso. Mas, para aqueles que fizeram acho que ficou a essência, ficou não sei se a essência, mas ficou alguma coisa, ficou um conhecimento sobre aquilo, uma nova experiência sobre o novo tipo de se trabalhar em equipe. Ficou a experiência de se trabalhar com rádio, também, que muitos não tinham, conhecer o aparelho de rádio, conhecer um gravador de mão, conhecer os tipos de programas. Mas, muito mais isso do que a continuação, a continuação teve vários problemas.

17- Ser um mediador alterou sua percepção em relação aos campos da comunicação e educação?

Sim, alterou. Não é à toa que eu continuo trabalhando com isso. Tenho certeza que veio daí, alterou minha idéia de educação, de como trabalhar a educação, principalmente, com os órgãos. Sair da sala de aula, educação fora da sala de aula, educação fora da lousa, educação de se trabalhar em equipe, acho que se não fosse o Educom eu não teria tentado uma formação tão profunda como eu tenho feito hoje. Hoje eu levo a sério isso. Trabalhar com essa educação que se faz em grupo, quando você esta fazendo uma atividade com um mesmo objetivo.

18- Você leva o “papel” de mediador para outros ambientes fora do mundo da escola?

Acho que não o papel de mediador, eu levo partes que vivenciei como mediador. O papel de mediador que eu fiz no Educom e ponto final. Se eu for fazer um outro trabalho depois, eu vou ter que inventar outra forma de fazer uma mediação. Mas coisas que eu aprendi, que eu vivenciei no Educom eu levo para outros âmbitos, essas coisas relacionais dá para levar para qualquer lugar, quando se está com pessoas. Mas, a totalidade de mediador do Educom, ponto final, ficou lá. Eu aprendi coisas, mas aquele mediador é daquele tempo,

não é mais agora, ele mudou. Eu mudei, eu quero fazer outras coisas, quero incorporar outras coisas também. Então eu não levo o papel, levo algumas partes, algumas experiências daquilo pra outros âmbitos.

20- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a mediação?

Essa é difícil. Mediação não se faz sozinho. Faz entre alguma coisa, entre pessoas, nesse caso. E você vai trabalhar com a relação, você vai ser uma terceira relação entre uma relação que já existe. Você vai entrar naquela relação criando uma coisa nova, levando uma coisa nova ou reinventando aquilo que já existe. Na escola existiam milhões de relações, uma teia de relações, uma cadeia de relações.

Entrávamos; criávamos um contexto, que era o contexto da rádio e tentávamos levar formas de se trabalhar. Como mediador entrávamos no meio dessas relações, relação professor/aluno, no caso, ou entre alunos e tentávamos mostrar outras formas de fazer uma relação, num novo contexto que era o rádio. Você entra numa relação e modificá-la de alguma forma, fazendo parte dela ao mesmo tempo.

21- Depois de trabalhar no Educom.Rádio, qual o conceito que você faz sobre a educomunicação?

É uma área que abraçou duas. A comunicação e a educação. A comunicação que, antigamente, a base dela era a transmissão de informações, uma visão arcaica da comunicação, e a educação visão arcaica como sendo essa transmissão só que dentro da escola, com regras rígidas. Você passar para aquele aluno, aquela pessoa sem luz, passar uma informação que falta a ela e não fazer com que ela crie uma informação; vai colocar nela o que falta a ela, então é uma visão velha também, acabada da educação.

A educomunicação vem para tentar pintar, sem abrir mão do conhecimento, mas, não colocar o Educom como principal, mas, sim, onde as pessoas possam criar, usar dos conhecimentos que têm nesse mundo e criar alguma coisa a partir da tecnologia da comunicação, e desenvolver com isso um modo de viver que seria a educação.

É aprender coisas, então, ela usa da tecnologia, usa de meios da comunicação para fazer uma educação e a educação ao mesmo tempo auxilia a criar novas tecnologias na.

22- Em sua opinião, quais seriam os 3 fundamentos teóricos mais importantes do projeto Educom.rádio?

Gestão participativa. Como trabalhar com um grupo numa gestão participativa, acho que esse era um dos principais.

Acho que, você poder modificar o contexto que está inserido, você é responsável por aquilo que está acontecendo na sua escola. Então, você tem que se colocar de alguma forma. Tem que buscar estratégias, ser ativo no seu contexto escolar.

23 – Protagonismo

Isso, exatamente, protagonismo. Não lembrava mais dessa palavra, você me deu uma memória agora, usava tanto essa palavra e nem lembrava mais dela. Faz dois anos que não leio sobre isso, mas, a idéia é essa.

E outra coisa, sem você formar uma rede entre a comunidade escolar, que engloba professores, burocratas, políticos, alunos, pais e tudo. Se não fizer uma rede que englobe o máximo possível dessas pessoas não consegue muita coisa. A idéia era essa, por isso que tinha lá funcionários, professores, pais quando quisessem e os alunos. Porque se fechar só com um âmbito você bate de cara na parede, porque os alunos não aceitam e não vão ajudar. Ou bate na parede porque a política educacional não permite, não tem verba para tal coisa. Então se você não tiver uma mediação dessas relações.

24 – Aí você está falando do ecossistema comunicativo, porque aí você envolve todo mundo né?

É tem que saber onde você está inserido, tem que saber quais as pessoas você está lidando, com quem você pode falar, se você deve falar também. Senão o projeto não vai pra frente.

25 – Você teve algum tipo de relacionamento com os funcionários da rede municipal de ensino nos Pólos do Educom.rádio?

Pouco, eu tive muito mais com os adolescentes. Pela minha característica mesmo, acho que o meu prazer era estar com eles. Talvez, eu tenha procurado

pouco os funcionários e os professores. Poucos iam; um ou dois por escola, iam bem menos do que os adolescentes, eles que faziam o barulho mesmo. Alguns professores, também, faziam barulho. Mas, eu tive pouco contato com eles.

26- Qual sua opinião sobre a Administração do projeto Educom.rádio, do NCE?

Um pouco confuso, às vezes. Material às vezes vinha errado, faltavam as coisas, era difícil falar com alguém. Às vezes, sempre muito ocupados, é muita correria, era muita coisa para se fazer ao mesmo tempo. Então você chegava, às vezes, de madrugada, de sábado, era 5h da manhã e, ainda tinha coisa para fazer.

Você tinha que organizar as coisas às 5h da manhã, num sábado ou na sexta, fim de tarde, depois da reunião, cansado. Era um pouco confuso. O programa de rádio não tinha sido digitalizado, ainda. Fitas que vinham e você não sabia se já tinham ido ou não tinham ido já pra digitalização, não sabia se podia apagar se não podia apagar. Era um pouco confuso. Mas nada que saísse desastroso, atrapalhava um pouco só, mas não muito.

27- Qual sua opinião sobre a Supervisão Geral do projeto Educom.rádio?

Ismar? Ausente, bastante ausente na minha vida. Só aparecia nos eventos grandes e via e-mail, via jornal, via comunicados que vinham escritos. Ausente nas reuniões de formação. O Ismar não é totalmente culpado, porque tocar um projeto desse tamanho e aceitar bancar um projeto desse tamanho, frente à Prefeitura não é fácil. De fato foi bastante ausente nesses dois anos que eu fiquei lá. Conversei muito pouco com ele.

28- Qual sua opinião sobre os relatórios?

Às vezes era chato. Relatório nunca é legal. Tem que estar muito envolvido, tinha momentos que estava envolvido, e quando você está envolvido você quer fazer, você quer escrever alguma coisa ali. Mas, o problema do relatório é quando você sabe que ninguém vai ler. Estou sabendo que alguém está lendo agora, dois anos depois. Quem fez a sexta fase dois anos depois. Eu tinha uma

montanha russa, momentos que eu estava muito a fim de fazer, momentos que eu não tinha paciência nenhuma para fazer.

Porque está cansado, com coisas pessoais não é só por isso, mas, também pelo fato de não saber do que vai ser feito deles. Muitos relatórios por semana, eram 13 Pólos, cada um com uma porção de mediadores, quem leria? Então, não tem utilidade. Talvez tivesse utilidade para você mesmo. Na hora que você escrevia aquilo era bom, mas você sabia que não ia passar disso.

Pedir essas coisas, dessa forma é complicado, sendo obrigatório. Se não entregássemos, não receberíamos o certificado. Certificado eu não tenho até hoje, onde estão os certificados? Eu não consigo comprovar para ninguém que eu trabalhei lá durante, dois anos.

29 – Ah! Ninguém recebeu os certificados?

Algumas pessoas receberam, eu nunca recebi. Pessoas, antes da quarta fase receberam. Falaram que até o final deste ano eu receberia, estamos em dezembro e até agora nada. O dinheiro a gente recebeu, demorou um ano e pouco para recebermos as últimas parcelas, Recebemos sem juros nenhum, recebemos o valor da época, veio sem correção nenhuma. Os certificados estão aí, é com a turma do dinheiro, porque o dinheiro do certificado tem que vir da Prefeitura, não sei como é o esquema deles. Não tenho como comprovar oficialmente que eu trabalhei. Estou comentando a respeito do certificado, porque se falava que sem entregar o relatório não dava para finalizar, não dava para ter o certificado, era só o que se falava dos relatórios. Só agora que eu estou vendo alguém fazendo alguma coisa. Era o que a gente esperava também. Alguém que um dia vai ler e fazer um trabalho sobre isso.

Falávamos isso na época, comentávamos, alguém vai querer fazer um trabalho sobre isso, tem milhões de coisas. Dá pra fazer um bom trabalho. Dá pra fazer vários trabalhos.